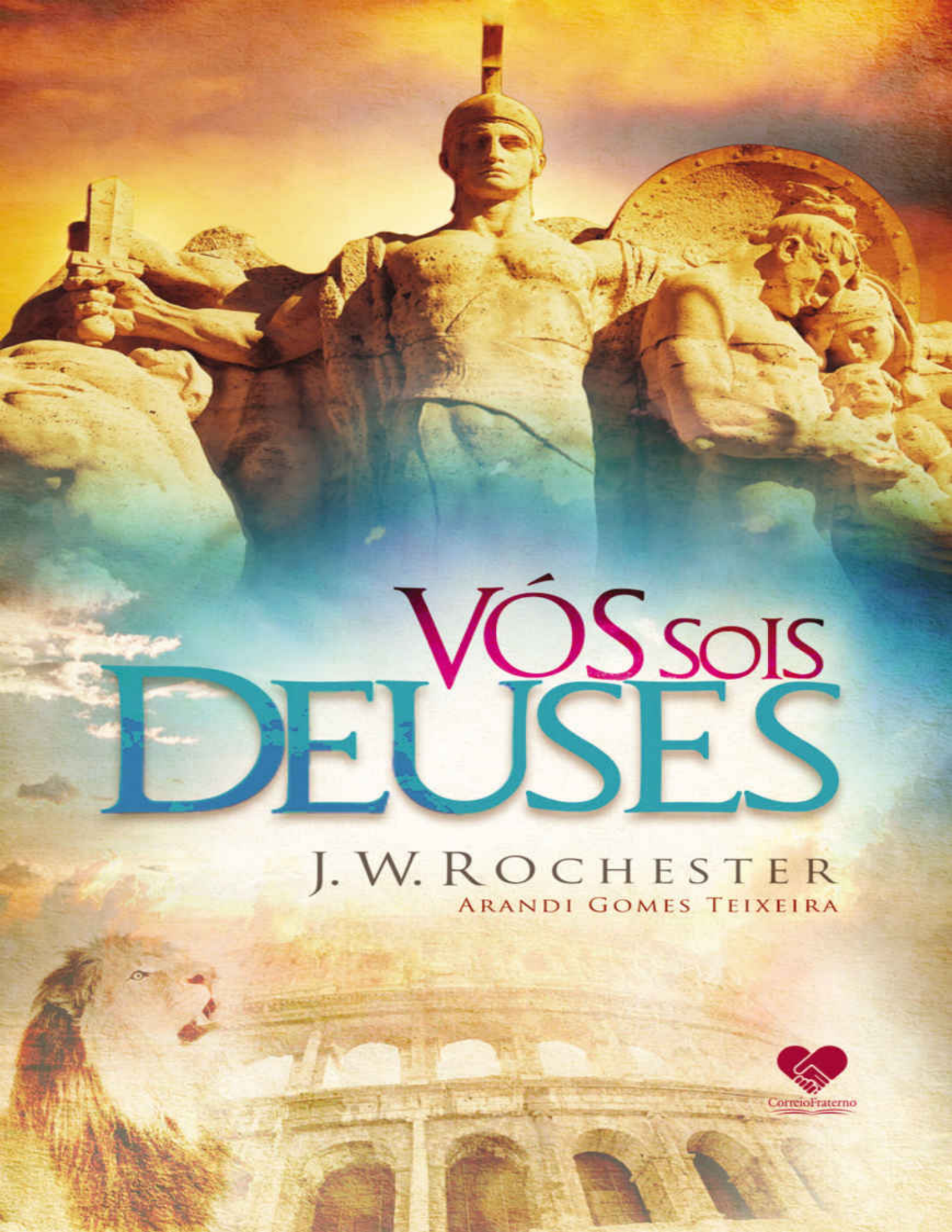


VÓS SOIS DEUSES

J. W. ROCHESTER

ARANDI GOMES TEIXEIRA

CorreioFraterno

Sumário

1. Sumário
2. Os doutores da lei
3. Ben Mordekai e Paulus
4. Em primeira instância
5. Os talentos
6. Providência divina
7. A doença de Galba
8. A visita
9. Máscaras
10. Os filhos de Paulus
11. Na quinta de Demétrio
12. Os dois lados da moeda
13. A verdade
14. Oportunidade
15. Em Roma
16. O julgo
17. Herança
18. O adeus de Nassif
19. Acordos...
20. Compromissos...
21. Voltando à fonte
22. Encruzilhada
23. Entendimento
24. Sacrifícios...
25. A morte do guerreiro
26. Na arena...
27. Adoração Póstuma
28. Epílogo

Landmarks

1. Capa

VÓS SOIS DEUSES

J. W. ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA

Coreio Fraterno

© 2011 Arandi Gomes Teixeira

Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br

Vinculada ao Lar da Criança Emmanuel (www.laremmanuel.org.br)

1ª edição – 1ª reimpressão – Novembro de 2011

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
somente será permitida com a autorização por escrito da editora.
(Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

Coordenação editorial
Cristian Fernandes

Revisão
Izabel Vitusso

Capa e projeto gráfico de miolo
André Stenico

Catalogação elaborada na editora
Rochester, J. W. (espírito)
Vós sois deuses / J. W. Rochester (espírito); psicografia de Arandi Gomes Teixeira. – 1ª ed. – São Bernardo do Campo, SP : Correio Fraterno, 2011.

ISBN 978-85-5455-017-2
1. Romance espírita. 2. Psicografia. 3. Espiritismo. 4. Literatura brasileira. 5. Roma. I. Teixeira, Arandi Gomes. II. Título.
CDD 133.93

CADA SER TRAZ consigo a fagulha sagrada do Criador e erige, dentro de si, o santuário de sua presença ou a muralha sombria da negação; mas, só a luz e o bem são eternos e, um dia, todos os redutos do mal cairão, para que Deus resplandeça no espírito de seus filhos. Não é para ensinar outra coisa que está escrito na lei – *Vós sois deuses!* Porventura, não sabes que a herança de um pai se divide entre os filhos em partes iguais? As criaturas transviadas são as que não souberam entrar na posse de seu quinhão divino, permutando-o pela satisfação de seus caprichos no desregramento ou no abuso, na egolatria ou no crime, pagando alto preço pelas suas decisões voluntárias. Examinada a situação por esse prisma, temos de reconhecer no mundo uma vasta escola de regeneração, onde todas as criaturas se reabilitam da traição aos seus próprios deveres. A Terra, portanto, pode ser tida como um grande hospital, onde o pecado é a doença de todos; o Evangelho, no entanto, traz ao homem enfermo o remédio eficaz, para que todas as estradas se transformem em suave caminho de redenção.

JESUS, no capítulo “Pecado e punição” do livro *Boa nova*, de Francisco Cândido Xavier, pelo espírito Humberto de Campos.

Sumário

Os doutores da lei
Ben Mordekai e Paulus
Em primeira instância
Os talentos
Providência divina
A doença de Galba
A visita
Máscaras
Os filhos de Paulus
Na quinta de Demétrio
Os dois lados da moeda
A verdade
Oportunidade
Em Roma
O julgo
Herança
O adeus de Nassif
Acordos...
Compromissos...
Voltando à fonte
Encruzilhada
Entendimento
Sacrifícios...
A morte do guerreiro
Na arena...
Adoração Póstuma
Epílogo

Os doutores da lei

ELES ESTIVERAM REUNIDOS horas infindáveis, na tentativa de resolver inúmeros problemas que atingem diretamente a todos e a cada qual. Revoltados e instigados pelo ódio de castas, levantaram-se e saíram, após diversos acordos entre si.

Doutores da lei que são e consoantes às mesmas ideias, decidiram tomar providências urgentes.

Um Am-Haretz, em troca de alguns denários, viera comunicar-lhes gravíssimas ocorrências no Vale do Jordão, próximas às suas propriedades.

Eis como se deu a citada reunião:

“Ben Mordekai, o líder, colérico, vocifera:

– Até ali a corja maldita chega! Fruto dos tempos que correm! E por que nos espantamos?

Já não se fazem como antes exemplificações ‘tão’ convincentes! Há que se tomar atitudes que correspondam à necessidade de fazê-los entender o quanto se arriscam nos desafiando!

Malditos! Agiremos de maneira a deixar instalada a certeza da inutilidade das suas ações desvairadas! Aquilo que fizermos, e que será, muito bem feito, há de servir de escarmento a outros que, porventura, se atrevam a pensar em seguir os exemplos de chacais como estes! Estamos, porém, de pés e mãos atados, pois nos curvamos, ainda, ao poder estrangeiro!

Entre dentes, cheio de ódio, ele cicia:

– Mesmo cevando uma grande revolta!...

Cala-se, respira fundo, e volta a falar:

– Coisas como estas acontecem todos os dias, desafiando os dons da tolerância que nos caracterizam como nobres representantes do nosso povo! Imaginem! Jovens, mal saídos dos seus rituais de aceitação e sagração, arvorando-se em defensores de minorias, trapeiros, velhos, doentes; que a sociedade, muito sabiamente, despreza e condena ao esquecimento e à morte!

Caminhando nervoso e abaixando o tom de voz, ele comenta, riso escarninho, quase em solilóquio:

– A morte!.. Misericórdia divina para os desgraçados que nada esperam do mundo!

Voltando à postura anterior, diante da assembleia, ele prossegue:

– Os fatos recentes exigem uma energia redobrada, junto a uma política cada vez mais séria, na preservação das leis e das tradições, judaicas, compiladas na Torah!

A personalidade, exaltada e falante, apanha o livro sagrado que está ao seu alcance e, enquanto tamborila sobre ela com os dedos, exclama, enfático:

– Nós somos o baluarte dos princípios aqui exarados e devemos vigiar, defender e preservar, todos eles, nos seus mínimos contornos e profundidades! Oh, o que seria do povo judeu e das suas tradições se não fôssemos nós?!... O quê?... Podem dizer-me?

Olhos coruscantes, observando a todos, ele passeia pela sala. Enquanto caminha, respirando forte e ruidoso, levanta a cabeça e olha para o alto, indignado. Diante do silêncio que se fez ao seu redor, responde à própria pergunta em alto e bom som:

– Não, não podem, porque a indignação acorrenta-lhes as línguas e acicata-lhes os corações! Muitos de nós, encanecidos pelo tempo, sacrificando-se no dia a dia, numa abnegação sem limites pelas leis, nos envergonhamos daquilo que nos é atirado ao rosto sem respeito e sem piedade!...

Teatral, abrindo os braços, ele conclui arrasado:

– Enfim, que fazer, não é? É a parte ingrata que nos cabe!...

Mãos para trás, ele caminha a esmo, enquanto reflete sobre tudo que neste momento o incomoda sobremaneira.

Estanca diante de todos e frontalmente indaga impositivo:

– Pergunto-lhes, enfim, sabendo de antemão a resposta: Devemos ou não dar um basta a todos estes descalabros?

A reação não se faz esperar: levantando-se, agitados, uns após outros, como uma grande onda, todos ditam palavras de ordem, em meio a um enorme tumulto, mãos ameaçadoras de punhos fechados, vozes roufenhas de ódio, atropelando-se, em exprobrações misturadas a pedidos de auxílio aos céus, num comportamento insano, contraditório, porém, habitual.

Admirando o bom resultado da sua preleção, o líder estuda as reações de cada qual, enquanto sorri levemente.

Após as imprecações mais disparatadas, a um olhar mais significativo do líder, eles retornam aos seus assentos e dispõem-se a ouvi-lo:

– Podemos, sem dúvida alguma, imaginar as consequências de tudo!...

– Sim, podemos!... – eles repetem em uníssono.

O líder abana as mãos, em gestos largos acima da cabeça, e conclui:

– Agiremos da maneira mais eficaz e à revelia de quantos ousarem nos impedir!... Faremos exatamente aquilo que devemos fazer em nome de Deus, requisitando, a princípio, auxílio legal, mas... depois...

Entendidos, eles se levantam e conversam na aprovação das ideias ali exaradas. Seus rostos congestionados e os seus gestos radicais expõem a violência dos seus sentimentos.

O líder, ancião, vestido e paramentado com todos os ademanes da sua posição hierárquica, passa as mãos pelos bastos cabelos brancos, descendo-as pelas barbas longas e tão brancas quanto os cabelos, puxando-as, desesperado, como a querer sofrer, para sentir-se vivo ou consciente de que, de fato, está desperto e não

sonhando... Andando de cá para lá, bufando, rubicundo, ele faz gestos cada vez mais fortes e amplos, balbuciando blasfêmias.

Os seus pares, possessos, reiniciam as andanças tumultuadas pela sala.

Um menino que entra correndo, afogueado, toma-lhes a atenção. Tira de dentro da túnica um papel, amarelo e amassado, e estende-lhes, informando:

– O senhor corregedor enviou-lhes, aqui está!

Enquanto, pressurosos, aqueles homens tomam conhecimento da mensagem, o menino sai e alcança um poço na frente da Coletoria. Com um balde, tira um pouco do precioso líquido e bebe-o, sofregamente. Limpa a boca com as costas das mãos e senta-se para se refazer.

Vendo outros meninos brincando com bolinhas de vidro, se prontifica a participar do jogo, mas se vê na impossibilidade de fazê-lo, porque um homem sai apressado da Coletoria com a resposta da missiva.

Fazendo um muxoxo, o pequeno mensageiro demonstra vontade de permanecer ali, em meio às outras crianças, mas dizendo-lhe palavras ofensivas, o outro tenta acertá-lo na cabeça com um tapa. Ele, porém, muito ágil, escapa, retira-lhe da mão a mensagem e dispara rumo ao seu destino. Suas vestes são amplas, volumosas e encardidas. Seus pés descalços o levam em poucos minutos a desaparecer nas ruas.

Mais alguns quartos de hora, os homens deixam a Coletoria, juntos e apressados.”

*

VAMOS, AGORA, MEUS caros leitores, conhecer outras pessoas que estão envolvidas nestes recados e nestas agitações:

Vencendo distância e subindo degraus que dão acesso a uma residência pobre, nos deparamos com alguns homens taciturnos e envolvidos em profundas reflexões.

O suor banha-lhes as testas e brilha em gotículas que caem sobre

as suas vestes coloridas. Calçados em sandálias rústicas, os seus pés denunciam longas caminhadas na areia sob o sol escaldante.

Uma senhora, muito simpática e educada, entra na sala trazendo refrescos; o que é amplamente aprovado.

Após terem ingerido as saborosas bebidas, alguns tiram os turbantes, refrescando-se.

Em silêncio, assim como chegou, ela se vai. Deve deixá-los à vontade, não interferir.

Como os anteriores personagens, estes homens passam a discutir:

– Galba, apesar da sua posição, o que tem feito a nosso favor? De que lhe adianta, afinal, fazer parte da soldadesca?

– Ora, Omar, que faço eu senão nos defender o tempo todo? Ai de vocês, se eu não fizesse parte da 'soldadesca', como diz! Dobre a sua língua imunda, ao falar daquilo que não entende!

– Desculpe-me, Galba! – o outro pede, algo arrependido – Mas há de convir que estamos em brasas! Cada um de nós, a qualquer momento, pode ser preso, expatriado, lapidado, encarcerado, sei lá o quê! Nada de bom se anuncia, apesar do poder que você representa!

– Poder que, nem de leve, esbarra no dos nossos adversários! – exclama um velhinho desdentado, sentado a um canto da sala.

– Ele tem razão, sabemos disto! Se assim não fosse, não estaríamos tão assustados! – comentam todos, agitados.

– E o que somos nós, afinal, homens ou uma ninhada de ratos?!...

Explode, impaciente, um belíssimo rapaz, quase adolescente, de olhos negros e de brilho intenso, vestido luxuosamente.

De pé, em posição desafiadora, ele continua:

– Afinal, onde está a coragem tão apregoada por todos? Onde o ideal que nos caracteriza? E os nossos propósitos de revolução? A determinação de amparar o povo sofrido e massacrado pelos poderosos? O compromisso de lutar contra os maus, estejam onde estiverem?... Antes de sermos apanhados, já fomos derrotados

pelos nossos medos? Onde a fé que norteia os nossos caminhos e as nossas decisões? Ora, a mim, vocês parecem um bando de donzelas!... – ele cospe de lado em sinal de desprezo.

Diante desta atitude, temerária, os companheiros levam as mãos às armas que carregam nas cintas e dentro das roupas, fuzilando-o com olhares iracundos.

– Ben Azir, ordeno-lhe que pare com estas acusações e impropérios! Não permitiremos tal desrespeito! Somos mais velhos que você e já vivemos o suficiente para saber que a imprudência que o caracteriza, neste momento, pode acabar numa esquina mal iluminada, na prisão, sob contundentes pedras ou, até mesmo, aqui, diante de todos nós, jovem imprudente!

Isto diz aquele que aparenta ser o dono da casa. Homem atarracado, de braços peludos, barba hirsuta, olhos negros e perspicazes, impondo-se, providencial e enérgico.

– Cuidado, Ben Azir! Você está pisando em terreno muito, muito, perigoso! Talvez fique, brevemente, sem essa sua língua afiada! Se eu lhe narrasse as minhas ‘proezas’, veria que donzelas não são capazes de fazer o que eu faço! Você é um tolo, quando pensa que é mais corajoso do que qualquer um de nós! Olhe aqui, veja onde podem terminar os seus poucos anos!

Ameaça um outro, muito bronzeado, pele ressequida, olhos cruéis, a exibir e a rolar entre os dedos ágeis a sua adaga, fazendo-a brilhar a vista de todos como forma de intimidação.

Ignorando-lhe a empáfia, Ben Azir se volta para o chefe da casa e para os demais, declarando:

– Está bem, desculpem-me os exageros e as ofensas! Sei que sou muito jovem, mas o sangue ferve nas minhas veias! Todos sabem de quantos atos de bravura eu sou capaz, pois já lhes dei provas irrecusáveis! Luto pela nossa causa e jamais me recusei às ações mais arriscadas! Ao vê-los relutarem, ofendendo-se mutuamente, enfraquecendo-nos, sinto-me revoltado! Este o motivo do meu desabafo, nada mais!

Em seguida, respirando fundo e visivelmente contrariado, senta-se

de chofre.

– Melhor assim, meu amigo! Seja mais prudente e viverá para ver os seus ideais realizados! – diz o mesmo velhinho de antes, conciliador.

– De fato, estamos muito nervosos, mas não é com brigas entre nós que vamos sair desta situação! Muito pelo contrário, isto favorecerá o inimigo! – completa Galba.

– É verdade!

Todos concordam, à exceção de um deles; aquele que exibiu a adaga. No seu olhar, ameaças contra Ben Azir...

Jadhu tem maus bofes, não desculpa ofensas. Sua vida é atribulada e misteriosa. O grupo aceita-o por causa das alimárias que aluga a preços acessíveis, quando da necessidade das viagens, que o grupo faz para os intercâmbios com outros adeptos da causa.

Em desertos distantes ou em oásis exuberantes, eles fazem as suas conexões, seja junto a nômades, a chefes religiosos, a personalidades de destaque ou políticos influentes. Precisam de alianças.

Ben Mordekai e Paulus

EM SUA RICA e confortável casa, Ben Mordekai se delicia com os pratos que lhe são oferecidos pela criada; mulher bronca e irritada, sempre a resmungar e a distribuir desaforos.

Quando sua mãe deixou o mundo, para adentrar o reino de Deus, ela tomou a incumbência de criá-lo. Ben Mordekai era, então, muito pequeno. Hoje ele protege e tolera, estoicamente, esta mulher. Talvez não o fizesse a qualquer outra, mesmo que lhe devesse, como deve, a enorme gratidão da maternidade emprestada e bem assumida, mas também a admira e lhe quer bem, apesar do seu gênio irascível.

Na extensão do salão de refeições, um jardim exuberante de plantas belíssimas. Algumas foram trazidas de regiões distantes. Flores exóticas e perfumadas enfeitam-no, fazendo dele um curioso ornamento para esta casa que, por si só, é muito interessante, na sua decoração *sui generis*.

A mulher de Ben Mordekai ama o mundo, naquilo que este oferece de bom, de belo, de confortável e luxuoso.

Uma maravilhosa vinha, na continuidade da extensa propriedade, farta e generosa, faz a alegria dos seus proprietários.

Ali, muitas vezes, Ben Mordekai medita, inclinado sobre a Torah, extraindo-lhe preciosas ilações que quase nunca encontram opositores, tal a sua perfeição.

A referida vinha lhe faz muito bem à alma e ao coração.

Arrendou-a, há alguns anos, do seu infeliz proprietário que caíra na

imprudência (oh, quanta insanidade!...) de dever impostos!

Algum tempo depois foi anexada, legalmente, às suas terras, coroando-lhe, assim, os redobrados esforços que fizera para a realização do seu intenso desejo de possuí-la. Para Ben Mordekai, o sucesso de tal empreendimento passou a ser uma questão de honra.

O antigo proprietário desesperou-se com a grande perda, naturalmente... Ben Mordekai compreendeu e lamentou-o, deveras! A imprudência e a irresponsabilidade, somadas a uma comprovada desonestidade, levaram o infeliz à grande derrocada.

Alguns dias depois do fato consumado, muito generoso, como é de seu feitio, Ben Mordekai colocou nas mãos daqueles que conduziram os trâmites da lei, uma soma considerável. Afinal, eles fizeram por merecer!

Paulus, o infeliz que perdeu a riquíssima propriedade, inconformado, levara algumas bastonadas para deixar as coisas como estavam. Afinal, o que ele poderia fazer?! A lei é dura, mas deve ser cumprida! Ele ignorava isto? Em que mundo, afinal, vive este homem?!

Na ocasião, infeliz e revoltado, Paulus embriagou-se, doidamente, e saiu pelas ruas gritando toda a sua revolta, incomodando aos cidadãos que àquelas horas descansavam nas suas casas!... Ora, quanta ousadia! Precisava ser punido e foi!...

*

VEJAMOS, NÓS MESMOS, caros leitores, como as coisas se deram:

Pela madrugada, angustiado, curtindo a bebedeira, Paulus foi surpreendido por soldados romanos que se divertiram à sua custa, girando-o de cá para lá, como ‘cabra-cega’, deixando-o mais tonto do que já estava pelos vapores do álcool. Em meio a deboches e gargalhadas, tosaram-lhe a venerável barba, assim como os seus cabelos, deixando-o ridículo, diante das suas mais caras tradições, como representante viril da sua raça.

Arrebataram-lhe a túnica, por sinal riquíssima obra de artesanato, e

as sandálias de couro forte e brilhante, deixando-o em tangas, sozinho, envergonhado e indefeso.

Enfim, cansados das suas ‘brincadeiras’, os soldados se foram, enquanto Paulus, caído ao chão, chorou convulsivamente toda a sua desgraça. Os seus dentes se chocavam, uns contra os outros, não apenas de frio, mas de ódio, de muito ódio!

Quando chegou à casa dos familiares de sua mulher, onde estavam abrigados, de favor, foi execrado, duramente. Chamaram-no de tolo, inútil, trapo velho, vergonha da família, e muitas outras coisas, nada bonitas de se ouvir.

Profundamente humilhado, adormeceu ao relento, nos fundos da casa e junto aos animais; tremendo de frio e profundamente decepcionado com a vida e com os homens... Sua aparência era a de um espantalho; ridículo, abatido na sua dignidade e nos seus brios... Por que sofria tanto?!... Seu comportamento sempre fora ilibado!

Fazendo um retrocesso, em meio às lágrimas, ele recorda a colheita daquele ano: farta, muito farta!... Após vendê-la, guardou o dinheiro no lugar de sempre, trancando-o muito bem. Mas, inexplicavelmente, ele sumiu!

Fazendo uma cuidadosa sindicância, descobriu o ladrão. Este, sob o seu teto, comparecia, há algum tempo, como amigo. Denunciou-o. Prenderam-no. Prometeram-lhe devolver sua pequena fortuna.

Aflito, ficou à espera, mas os meses foram se passando e nada...

Recentemente, descobrira (que sórdido é o mundo!...) que o ladrão, amigo de um dos seus filhos, é sobrinho do poderoso Ben Mordekai!...

Como enfrentar tal personalidade? Seria uma temeridade, porém aquilo que estava em jogo era a sua própria sobrevivência e de sua família. Assim, resolveu lutar por seus direitos.

Na acareação, o ladrão declarou que Paulus lhe pagara uma antiga dívida de jogo e depois, desonesto, o acusou de roubo para reaver o dinheiro. Como Paulus poderia ter dívidas de jogo, se

jamais, jogou em sua vida?

Grande parte daquele dinheiro seria para o pagamento dos impostos; escorchantes, diga-se de passagem; mas o que fazer? Deveria pagá-los, sob pena de perder tudo o que tinha. Não são poucos aqueles que passam por tal desgraça. Paulus já vira estas coisas acontecerem com pessoas muito ricas, que chegaram, em poucos meses, à mais extrema miséria...

Compareceu à Coletoria e ali explicou a sua situação. Pagaria, oportunamente, o montante daquele mês. Felizmente, as suas contas sempre pagas em dia, lhe serviriam de crédito, numa justa moratória. Todavia, como entender o que veio depois?!...

Ali mesmo, diante dos cobradores de impostos, Paulus ouviu, quase perdendo o juízo, que os seus impostos estavam atrasados há anos!!!...

Diante dos seus olhos, desmesuradamente abertos, foram-lhe expostas, em folhas oficialmente assinadas e reconhecidas, contas e mais contas, acrescidas de juros sobre juros!...

Confuso, diante de acusações tão absurdas, imaginou-se num estranho pesadelo. Tremeu sobre as pernas e vacilou, diante da inusitada situação. Às suas tentativas de defender-se, com a verdade nua e crua, foi rechaçado violentamente e aconselhado pelos esbirros que ali montam guarda a retirar-se para o seu próprio bem.

Desesperado, andou de cá para lá, dias e dias, sem resultado algum, na tentativa de resolver as dolorosas, sombrias e inexplicáveis, pendências. Finalmente, foi aconselhado, com bonomia, a arrendar a sua propriedade, tão querida, no exuberante Vale do Jordão, a Ben Mordekai. Futuramente, disseram, resgataria tudo.

Prometeram-lhe rever com muito cuidado a sua situação.

Paulus esclareceu, muito racionalmente, que aquele que lhe criara tais problemas era parente da personalidade citada. Em resposta, expuseram-lhe as raras qualidades de Ben Mordekai que, em nada, garantiram, parecia-se com o sobrinho. Ele protegeria a sua

herdade e, assim, com o tempo, retornaria às suas mãos.

Paulus lamentou não ter se deparado, antes, com tão amável funcionário! As coisas teriam sido mais fáceis! Quem sabe, já teria resolvido tudo, da melhor forma possível?

Agradecendo, retornou para casa, no aguardo das futuras providências legais.

Mas o tempo passava e durante o arrendamento, inexplicavelmente impedido, sob ameaças, de aproximar-se de sua amada vinha, acrescentavam-se dívidas e mais dívidas...

Sua família, além de não auxiliá-lo, desprezava-o, deixando-o à margem das suas vidas.

Incansável, cada vez que tentava defender-se, retornava para casa mais confuso que antes. Aquele bom funcionário, procurado insistentemente por ele, estaria viajando por tempo indeterminado; a serviço, disseram... O mais estranho de tudo: os papéis apresentados das dívidas que se acumulavam, assustadoramente, eram legais; reconhecidamente, legais (?!).

Após algum tempo, começou a ouvir ameaças, veladas algumas, outras mais contundentes... Disseram-lhe que ele estava a roubar o tempo, precioso, das autoridades que ali estavam para defender o povo (!).

Considerado insano, nas suas patentes defesas e queixas, ele foi sendo deixado de lado. Já nem era mais recebido: passava horas e horas nas salas da Corregedoria, de cá para lá, dirigindo-se a este ou àquele, na esperança de ser ouvido. Humildemente, pedia que o atendessem, mas diziam-lhe que ‘as autoridades, competentes’ proibiam que qualquer outro se ocupasse da sua causa.

Um dia, exasperado, ofendeu as referidas autoridades e levou dolorosas bastonadas nas costas, já curvadas pelos anos de muito esforço no trabalho árduo das plantações.

Naquele dia, Paulus chorou como uma criança, num desconsolo solitário. Não chorava apenas de dor física, mas também de vergonha, de humilhação!... Agora, vexames e constrangimentos o

têm acompanhado por onde quer que vá...

Mais algum tempo se passou e meses depois, convocado, cheio de esperança, compareceu, presto.

Expectante se posicionou, humilde. A esperança a bater às portas do seu sofrido coração. Aguardou-lhes o pronunciamento e este não se fez esperar:

Foi informado de que o atual arrendatário, Ben Mordekai, pagara as suas vultosas dívidas, tornando-se assim, diante da justiça, o proprietário, atual e legal, de sua riquíssima propriedade. Em choque, prestes a sofrer um mal súbito, tal a dor da sua revolta, Paulus usou todos os argumentos, possíveis e imagináveis, inutilmente.

Um homem amarelado, de olhos baços e mãos ressequidas, avisou:

– Se deseja, ao menos, salvar a sua desprezível carcaça, esqueça tudo isso e nunca mais apareça aqui, entendeu?... Em terra alheia, não se tem direitos!...

Um outro, com um sorriso de mofa nos lábios descarnados esclareceu, enquanto se ocupava de muitos papéis, separando-os por especificidade:

– Você sabe como são estas coisas, não é? Às vezes, numa esquina qualquer, um infeliz nos tira a vida e além de perdermos tudo que temos, entregamos nossa alma ao demônio. Hirra!

Piscando um olho, encenando uma cumplicidade longe de existir, ele indicou com um gesto, sutil, o seu companheiro de trabalho que aconselhara Paulus a preservar a vida, enquanto acrescentava:

– Ouça a voz da razão! Melhor deixar tudo como está, acredite! Com calma e com o tempo, você conseguirá tudo de novo, mas jamais esqueça a grande lição que a vida lhe concedeu: trabalhe muito, como fazemos, todos nós, e daqui para frente, não sonegue impostos! É colocar a corda no pescoço! Hoje, você sabe disso! Vá embora e nunca mais volte aqui, é o melhor que pode fazer por si mesmo! – em seguida, voltou-se para outros interesses,

esquecendo-o ali, extático, como um morto-vivo...

Hebetado, Paulus ouvira tudo. A sua sorte estava sacramentada, legalmente! Dali em diante, ele nada possuía! O que fazer?!... Deus! Como esquecer aquele dia?!... Impossível!... Enquanto viver, Paulus vai senti-lo, como ferro em brasa, na própria alma! Em poucos meses, transformou-se num miserável, sem meios de sobrevivência! Trabalhara a vida inteira e nada tinha de seu!

Atropelando-se nos próprios passos, ele regressou para casa; lágrimas a escorrer, cabeça latejando, coração descompassado.

Sua mulher, desvairada, culpando-o, chamou-o de inútil e incompetente. Indo às raias do inverossímil, jogou-lhe na cara que quase se casara com outro partido, mais inteligente e mais rico.

Alguém pode sofrer mais?... Paulus duvida.

Desde que chegou à Jerusalém, vindo da Turquia, trabalhou de sol a sol, sem descanso e sem reclamação, para alcançar o patamar que sua mulher almejava e, porque não dizer, ele também. Através do seu trabalho, adquiriu bens e dinheiro para o conforto de todos e para segurança na sua velhice...

Ali, porém, sempre fora visto como um inimigo, como um invasor. A inveja constantemente o acompanhou, passo a passo, olhares iracundos o seguiam por onde ia... Deveria ter voltado à sua terra. Sim, deveria...

Hoje, pobre e desprotegido, sofre as agruras do inferno!

Os seus o desprezam, culpando-o pela miséria, todavia, se eles soubessem que não tivera defesas! Que caíra num covil de serpentes venenosas! E ainda fez muito, salvando-se (ora, para eles isto não é importante)!

Na decorrência dos dias, o seu cálice de amarguras parecia nunca se esgotar: uma gota amarga, mais uma, e outra mais, que por si só, anuncia a seguinte... ‘Oh, Deus de misericórdia! Quando terei paz? Quando entenderei o porquê de tantas desventuras?...’

Paulus, assim como Job, chorou o pranto dos derrotados.

Numa patente solidão, sentia-se o último dos homens na face da

Terra.

Enquanto isso, Ben Mordekai vive à larga, feliz, realizado!

Este homem, rico e poderoso, anexou aos seus bens, que já são inumeráveis, a propriedade rica e produtiva de Paulus.

Nela, Ben Mordekai se beneficia do clima ameno e da paz que o reconforta. Afinal, a sua atuação religiosa, social e política é muito importante para o seu povo.

Os seus pares, num constante desafio, exigem-lhe um conhecimento, cada vez maior das leis. Os seus inimigos, declarados ou não, o forçam a se proteger, diuturnamente, a si mesmo e aos seus, e neste mister investe altas somas.

Acima de tudo, há que preservar a religião! Sim, por esta, Ben Mordekai dará a própria vida, sem pestanejar! O quanto tem sofrido, pelos princípios exarados na lei!... E, assim será, até o seu último sopro de vida.

Ao seu redor, correligionários dispostos e obedientes. A maior parte do seu tempo vive entre as escrituras, somando-as aos diversos problemas que o exaurem, sobremaneira. Da sua autoridade e boa disposição, quantas coisas dependem!

Agora mesmo, enquanto analisa minuciosamente alguns textos das leis mosaicas, pensa nas revoltas que é preciso sufocar quase todos os dias, num tempo precioso que poderia ser plenamente da exegese. Felizmente, sempre conseguem resolver tudo a contento. Com o apoio de Roma, dominam qualquer rebelião e castigam os culpados.

“Ah, corja maldita, o seu fim está próximo! Apanharemos a todos e a cada qual deste cesto de víboras! Muito difícil, senão impossível, combater-nos! Se não entenderam, ainda, porque as coisas são como são, mais cedo ou mais tarde, o farão!... Somos os guardiães do bem e da verdade!” – entre estes e outros pensamentos semelhantes, Ben Mordekai apronta as suas teses para debatê-las junto aos seus pares, que por sua vez também levarão as suas. Mas, melhores que as de Ben Mordekai não existem! Ele se orgulha disso e sua família também. O sucesso da sua vida depende das

letras.

Fazendo-se doutor da lei, ele foi galgando degraus, intensa e corajosamente, deixando muitos outros para trás.

Sua infância fora desvalida, nem gosta de lembrar: pés no chão, roupas sujas, estômago vazio, nariz escorrendo... Arre!... Tempos difíceis! Poucos conhecem-lhe o passado de miséria. Sua terra natal fica um pouco distante e os parentes que não o interessam, absolutamente, por não terem a mesma condição social, já foram esquecidos. “Cada qual faça por si mesmo, como eu fiz! Lutei e cheguei onde queria. Que me importam os preguiçosos e os acomodados? Ora, caminhos existem e são muitos! Há que se descobrir qual deles ou quantos deles estão à nossa disposição; depois, fazendo uso da inteligência e da coragem, chegar até onde almejamos!”.

Até onde irá Ben Mordekai? Às estrelas do firmamento? Sem dúvida não aceitará menos! O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, lhe permitirá... tudo!

Ele acomoda-se melhor no seu luxuoso assento, debaixo de uma vigorosa parreira, carregadinha, e ali examina a lei, com cuidado e dedicação, notáveis!... Certamente, brilhará na exposição das conclusões, alcançadas, mesmo que estas sejam questionadas e discutidas, acaloradamente, por tantos outros que, na mesma disposição de espírito e com a mesma dedicação, chegaram a deduções completamente opostas.

Isto, afinal, não é o mais importante! O que pesa é o esforço, individual, no trabalho que lhes diz respeito, na oportunidade de exibirem os seus conhecimentos em meio a palavras rebuscadas, na patente revelação das suas culturas, justificando, assim, o tempo e os gastos decorrentes das suas sagradas atribuições.

Indispensável a coragem de afrontar os outros e impor-lhes os seus pontos de vista, determinando quais os princípios da lei que serão levados ao povo! Sim, terá valido muito a pena: o esforço, o tempo despendido e quaisquer outros encargos, que estas reuniões e as suas permanências nelas exigem.

Cumprido o dever, de regresso aos seus lares, eles são aclamados e venerados por onde passam. Então, se sentem plenamente recompensados pelos sacrifícios que empreendem em favor do povo e da religião.

Passadas firmes e largas, cabeças altaneiras, o luxo das vestimentas, postura altiva... Tudo isso os identifica:

– Vejam! São eles os grandes defensores das leis do Eterno! – os passantes comentam, demonstrando admiração e respeito, algo intimidados.

Os ouvidos de Ben Mordekai estão sempre atentos a comentários e elogios como estes. Há glória maior? Não, Ben Mordekai não conhece e nem almeja! ...

Esgotados todos os recursos possíveis e imagináveis, Paulus descobriu-se, irremediavelmente, vencido e arruinado.

Nunca mais será o mesmo. No coração, uma grande mágoa. Na mente, uma desilusão sem medidas. E junto a isso, uma vontade obsessiva de vingar-se.

Atualmente, caminha pela vida tal qual uma folha seca que o vento forte carrega... Rumina, sozinho e abandonado, os seus tormentos... Nenhuma palavra de apoio, de incentivo, de consolo, de bálsamo, para sua grande dor...

Planejou diversas maneiras de vingar-se para retribuir à altura o que lhe fizeram. Dormia em meio às lágrimas, olhos inchados, corpo doendo... Andava a esmo, como embriagado da alma...

Seus passos, em muitas ocasiões, o levaram à Coletoria. Em outras, chegava, automaticamente, à Corregedoria... Nas proximidades de ambas, revia aqueles que atenderam e encaminharam ‘satisfatoriamente’ o seu caso, como devem fazer com tantos outros...

Ansiou, inúmeras vezes, por uma oportunidade para lançar-lhes ao rosto o grande mal que lhe fizeram, mas se o fizesse, poderia complicar ainda mais a sua vida. Isto, entendera muito bem. Agora sabe, sem enganos, como funciona esta máquina.

Mas o tempo foi passando e os seus sentimentos, antes exacerbados, foram esmaecendo como num quadro cujas tintas desbotam as cores mais vibrantes, deixando apenas um arremedo da antiga pintura...

Aos poucos, Paulus foi recuperando a ansiada paz. Apesar dos sofrimentos e das enormes carências, o ódio, enfim, saiu do seu coração. Suspirou aliviado quando se sentiu capaz de perdoar àqueles que o prejudicaram. Sua boa índole o impedira de atos extremos.

Agora, sem saber o que fazer ou que rumo dar à sua vida, confia na Providência Divina.

Frequentemente humilhado pela família e desprezado por não lhes fornecer mais aquilo ao qual estavam habituados, decide sair de casa. Mas... Para onde?...

A resposta não se faz esperar, quando em seus pensamentos surge, de inopino, a figura amorosa de sua nora Milcah, viúva de seu filho Enoch. Decide visitá-la. Há muito afastada da família, Milcah ignora-lhe a derrocada financeira e os tormentos.

Alguns dias depois, ao atender a porta de sua humilde residência, ela se depara com o sogro. Emocionada, recebe-o, efusiva, mal acreditando na bênção daquele momento. Sentam-se ambos, após as emocionadas saudações e falam de tudo um pouco.

Milcah indaga-lhe por todos e ele lhe explica, enfim, a situação na qual se debate e o comportamento deplorável da família.

Ouvindo-lhe a dolorosa narrativa, ela lamenta, sincera.

Seu querido sogro a faz lembrar Jó, nas desgraças que o alcançaram...

Recorda que se apartara da família, porque seu marido se desentendera com o pai, para nunca mais procurá-lo, impedindo-a de fazê-lo.

– Meu querido pai, após a morte de seu filho, permaneci sozinha e distante, porque temia os maus bofes da minha sogra, desculpe-me. Ela sempre me culpou pelos desentendimentos da família.

– Ambos sabemos, cara filha, o quanto você se esforçou para nos harmonizar, mas eu e Enoch nunca nos entendemos. De todos os meus filhos, ele sempre foi o mais difícil e o mais ingrato. Naquele dia de triste memória, quando ele tentou agredir-me com sua jovem força, ignorando-me a paternidade, desrespeitando-me a barba, esquecido dos seus deveres filiais, decidi enfrentá-lo, definitivamente. Ele, então, afastou-se, numa zanga injustificada, culpando-me por todas as suas frustrações. Naquela ocasião, profundamente magoada, você censurou-o, mas de nada adiantou, lembra?

– Como esquecer, se trago ainda na retina as dolorosa imagens de tudo?

– Eu e ele vivíamos sempre às turras! O quanto lamento, Milcah... Esta dor acompanhou-me sempre e ainda hoje me magoa muito.

– Eu sei, eu sei... O senhor sempre foi um pai amoroso... Esforçou-se toda a vida para dar-lhes tudo que desejavam. O quanto tem se sacrificado pela família!

– Agora, filha, imagine, ingratos, eles me viraram as costas! Pode haver dor maior? – Paulus não se contém e chora baixinho, desviando o rosto, envergonhado.

Milcah o abraça pelos ombros e concorda:

– Não, pai querido e amorável, não. Todavia, esqueça, sim? Tudo isso vai passar, de uma forma ou de outra...

– Sim, um dia esta ferida cicatrizará como todas as outras que a vida me fez.

Respirando fundo e sorrindo para animar Paulus, Milcah conclui:

– Apesar de tudo, esta dolorosa circunstância nos reaproximou!

– É verdade... Recordo, sempre, sua beleza peregrina e a sua bondade, natas, quando do noivado com meu filho. Este, rebelde e ingrato, não a merecia. Aquilo que eu temia aconteceu, ele a fez muito infeliz. Não valorizou a bênção de recebê-la como sua mulher.

– Enquanto Enoch viveu, tivemos muitos problemas por causa do seu gênio irascível. Destratava-me, constantemente. Hoje, porém,

sinto pena dele porque, de fato, ele foi mais infeliz que todos nós!

Mas vamos esquecer as coisas tristes, sim? Fique o tempo que quiser! Tudo farei, a fim de que se sinta bem! Esta casa é tanto sua quanto minha! Fique à vontade e que Deus abençoe o momento em que o senhor, meu pai, adentrou os portais deste lar!

– Que assim seja! Já estou me sentindo em casa, grato! Esta é uma nova situação, diante de tudo o que tenho vivido. Que a Paz do Senhor habite esta casa e a cubra de bênçãos, minha filha!

Abraçada a ele, Milcah demanda os demais cômodos da humilde residência, na intenção de bem instalá-lo.

Ofertando-lhe o teto e o alimento, frutos do seu esforçado trabalho artesanal de tapetes, somados a um grande carinho e respeito, Milcah viu, em breve tempo, o querido sogro renovar-se e olhar a vida com coragem, novamente confiando num futuro melhor, apesar da extrema penúria.

Assim passaram-se muitos meses, numa convivência fraterna e laboriosa. Os seus parecem tê-lo esquecido, como se ele nunca tivesse existido e feito parte das suas vidas.

Paulus, revigorado e bem disposto, passou a auxiliar a nora na tecelagem de tapetes; trabalho que conhece, muito bem.

Então, das suas mãos laboriosas e da sua mente criativa, surgiram belíssimas obras de arte, fazendo acorrer, até eles, os comerciantes mais poderosos do lugar. Habituado ao trabalho, desde os verdes anos, com tino e jeito para o comércio, em poucos anos, Paulus surpreendeu-se novamente rico.

Junto a ele, a vida de sua querida nora modificou-se, radicalmente, para melhor. Ele, um dia atirado à rua da amargura, voltou a ser feliz. Não é raro ouvi-lo cantar enquanto trabalha. Paulus possui uma voz privilegiada.

Sua família, degenerada e ingrata, que ficara à distância, sabendo por alguns parentes próximos que Paulus voltara a ter uma vida confortável, tentaram algumas investidas interesseiras mas, ele, ainda magoado e temendo perder a paz recuperada com tanto

esforço, decidiu permanecer distante. Perdoou-os a todos, mas teme-lhes a aproximação. Conhece-os muito bem. Eles são interesseiros, acomodados, desrespeitosos, insensíveis e ingratos.

De sua mulher, sequer tem saudade. Gosta mesmo de estar bem longe dela. ‘Eles assim decidiram...’ – concluiu.

Sua vida continua prometendo muito. Graças ao auxílio de Milcah, aos próprios esforços e ao talento para ganhar dinheiro honesto, ele caminha para uma posição financeira cada vez melhor.

Agradece a Deus e prossegue no seu novo caminho, noutra cidade e numa nova vida.

Em primeira instância

HARMONIZADOS NOS MESMOS pensamentos e intenções, Ben Mordekai e os seus pares vão buscar apoio no poder legal, sob o qual vivem, irremediavelmente, submetidos. Em alguns quartos de hora, eles se defrontam com aqueles que decidem a vida de todos, em nome de Roma. Ali, por motivos óbvios, a arrogância que os caracteriza é deixada de lado. Após os normais procedimentos burocráticos e depois de horas intermináveis, eles são recebidos pelo questor.

Contrariado, ao reconhecê-los, este se dirige a eles com ironia:

– Ora, ora, vocês novamente! Desta vez, o que querem? – na sua pergunta, a exposição patente da sua impaciência.

Com voz melíflua e postura aparentemente servil, Ben Mordekai se adianta:

– Desculpe-nos, senhor questor, mas estamos a braços com uma situação extremamente difícil, e que diz respeito a todos nós.

Desinteressado, o questor aguarda. No seu olhar a censura e o descrédito.

Apesar da desconsideração nada sutil, Ben Mordekai disfarça o ódio que sente por este representante de César, por qualquer outro da mesma origem ou com as mesmas atribuições.

Esfrega as mãos, muito nervoso, e esclarece:

– Senhor, viver dentro da lei faz parte dos nossos hábitos mais comezinhos. Por isso estamos aqui, mais uma vez. Precisamos de apoio legal para a solução de uma pendência de vital importância!

– Pois fale e seja breve! Como pode ver, temos muitas outras questões para serem analisadas e resolvidas; todas elas ‘de vital importância’, fazendo uso das suas palavras!

– Sim, sim, faremos isso, descanse! Conhecemos as suas atribuições, tão importantes para todos! Nós o admiramos muito, creia!

Enquanto Ben Mordekai se esmera nos seus rapapés, o questor respira ruidoso e olha para os lados, demonstrando muita impaciência. Faz uma observação, rápida, sobre outro caso que ali perto requisita a sua atenção e autoridade, e volta a fitá-lo, de maneira muito significativa.

Desconcertado, Ben Mordekai reinicia:

– Bem, o caso é o seguinte: Dentro das nossas atribuições, religiosas e políticas...

– Estas últimas são prerrogativas de Roma, representadas nas suas mais ilustres autoridades! – interrompe o questor, em voz alta, feição dura, olhar ameaçador.

– Por certo, por certo, imagine! Somos cientes disso, e nos submetemos de boamente às leis romanas! Exatamente por isso é que estamos aqui, diante da sua inquestionável autoridade!

Agitando-se, ao seu redor, os outros acorrem a confirmar-lhe as declarações:

– Sim, sim, naturalmente! Autoridade, inquestionável! Sem um laivo de dúvida! Por isso estamos aqui!

Profundamente aborrecido com o espetáculo, as sutilezas e a hipocrisia, o questor ordena:

– Então, aviem-se, que já me molestam com as suas presenças e as suas intenções, até agora, ignoradas! Não tenho tempo a perder e, como podem constatar, o dia se faz curto para tantas causas, umas mais graves que outras!

– Sim, senhor! Como eu dizia – Ben Mordekai volta a falar – nas nossas atribuições de ‘grande envergadura’, cada um de nós faz a sua parte. Assim, colaboramos com o bom andamento da nossa

sagrada e veneranda terra, junto aos senhores que aqui vivem.

– Que aqui governam, deveria dizer!

– Certamente, certamente! O senhor questor nos auxilia até mesmo com as palavras!

Ben Mordekai engole o seu orgulho e inclina a cabeça, num assentimento servil, enquanto corre o olhar entre os seus pares, medindo o efeito das suas 'prudentes' palavras. Aprovação recebida, respira fundo.

Enquanto isso, olhar iracundo, o questor reforça, enfático:

– Nunca esqueça quem, de fato, governa aqui, para o próprio bem da sua 'sagrada e veneranda' terra! Submetida a César, ela assim permanecerá, a despeito dos senhores ou de quem quer que seja!

Remexendo-se, desconfortável, dentro das próprias roupas, Ben Mordekai responde, cada vez mais servil:

– Pois estou, exatamente, a declarar que colaboramos, diuturna e esforçadamente, com a lei que nos rege! Hoje, aqui estamos tentando defender não apenas a nós mesmos, mas também à referida lei e ao referido poder!

– Contra quem ou contra o quê é o que me falta saber, ainda! Seja mais conciso e poupe o nosso tempo! – o questor quase grita, exasperado.

Ben Mordekai morde os lábios finos e prossegue, controlando-se, admiravelmente:

– Serei, serei! Assoberbados nos nossos labores, como nobres representantes da nossa raça; responsáveis diretos da nossa cultura mais sagrada, muitas vezes, não conseguimos observar, ou melhor, cuidar de tudo ao mesmo tempo. Por essa razão, nossas casas, sejam elas as religiosas ou as particulares, acabam sendo alvo de atentados, como costuma ser nestes dias que correm!

– E qual a origem desses atentados? Quem é o suposto agressor?

– Quem mais, senão grupos revolucionários que não aprovando os impostos cobrados por Roma, e sendo orientados por nós a pagá-los como um dever sagrado, vingam-se, atacando-nos por todos os

flancos?!...

– Os senhores possuem provas ou denúncias comprobatórias?

– De certa forma sim! Vivemos muito bem informados! Estes referidos grupos se reúnem regularmente e traçam planos para nos perder, visando as nossas sagradas atribuições e os nossos patrimônios, adquiridos com o suor do nosso rosto!

Irreverente, o questor sequer disfarça o riso que o acomete.

“Quadro triste! Homens profundamente arrogantes e desonestos, quase sempre, a vestirem a pele de cordeiro! Agindo como crianças, diante de um pai autoritário e exigente, amedrontados como donzelas! Desconsertados e desconcertantes!...” – pensa o questor, enquanto se diverte, abertamente, à custa deles. Ato contínuo, num olhar significativo que os fulmina, ordena:

– Digam nomes, ofereçam provas ou parem com estas querelas! Não temos tempo a perder com os assuntos privativos da sua raça!

Trocando olhares com os seus pares, Ben Mordekai dá um passo à frente, e declara quase sussurrando:

– Nobre questor, nós temos algo de concreto a oferecer, mas requisito para tal uma audiência particular... O assunto é grave, confidencial mesmo...

Por via das dúvidas, o questor decide atendê-lo. Fazendo-lhe um sinal, convida-o a segui-lo. Juntos, saem da sala e internam-se no prédio.

Após alguns minutos, eles retornam silenciosos e trocando olhares de cumplicidade.

Retomando o seu lugar, o questor ordena:

– Aguardem as nossas investigações! Se a informação procede, dentro de pouco tempo resolveremos esta pendenga! Se o que dizem for verdade, esta questão ofende mais diretamente a Roma que a vocês!

Esfregando as mãos, sorriso aberto, Ben Mordekai se adianta:

– Sim, aguardaremos! É de nosso interesse que estes fatos sejam

apurados e bem resolvidos. Descanse, nada faremos sem consultá-lo!

– Sábia decisão! Passem bem! – com um aceno de mão, nada amigável, ele os dispensa.

Uma vez na rua, o grupo prossegue falando baixo, cada qual fazendo suposições sobre aquilo que o questor fará e como. Algumas vezes param, aqui e ali, trocando ideias; por vezes, exaltados.

– Estes estúpidos verão com quem estão lidando!

– Sim, sim! Eles verão! Que tolos, imaginem, desafiar-nos! Ignoram, por acaso, de que lado está a lei?!... Pagarão muito caro as suas ousadias!...

Todos concordam, em meio a gestos agressivos. Entre altercações e concordâncias, enfim, eles chegam ao templo. Ali, à espera, outros homens nas mesmas intenções, estão impacientes.

Mais opiniões, sugerindo isto ou aquilo; aprovações e desaprovações; gestos expressivos e por vezes exagerados; eles adentram a noite, na exacerbada defesa daquilo que consideram justo, diante dos seus direitos, como representantes juramentados pelo povo.

Alguns dias depois, uma notícia atinge o grupo de revoltosos, tal qual uma punhalada no peito de cada um: o líder, Galba, fora denunciado, detido, e encarcerado! Atônitos, eles perdem a ação...

Sem Galba, difícil prosseguir nas iniciativas revolucionárias. O perigo aumenta e todos estão arrolados na mesma situação de risco.

Ben Azir, apaixonado pela causa, precisou de muitos conselhos para não vir a ser mais uma vítima do poder romano. Contendo-se, ele sofre a impossibilidade de socorrer Galba como gostaria. Muito lhe custa agir passivamente.

O primeiro a desaparecer das reuniões foi aquele que o desafia e persegue sistematicamente – o sinistro Jadhu.

Outros, amedrontados e inseguros, deixaram de comparecer a

elas, que mudam constantemente de lugar, por medida de segurança.

Na prisão, Galba amarga a incerteza do futuro e a saudade dos seus. Em meio a torturas físicas e morais, ele nega a existência da revolta e não revela os nomes dos seus companheiros.

Teria perecido na prisão, se o senador de Roma, Olímpius Rúfus, não tivesse chegado àquela cidade, para certos procedimentos que dizem respeito às suas incumbências:

– Salve, senador! Bons olhos o vejam!

– Salve, Taurus! Como vai?

– Eu, muito bem, mas não posso dizer o mesmo do seu velho e querido amigo, Alicius Galba! Ele meteu-se numa encrenca da grossa, daquela que Roma não perdoa, senador, traição!

– O quê?!... Como foi isso?

Taurus narra-lhe tudo, com os detalhes que conhece.

Ouvindo-o, o senador torna-se sorumbático. Dá alguns passos, vai e vem, reflexivo, cabeça baixa, expressão muito triste. Após alguns instantes, indaga onde Galba está encarcerado.

Taurus prontamente responde:

– Felizmente, sei onde ele se encontra e vou lhe dizer. Conheço a afeição que liga as suas famílias e, o quanto o considera!

Informado do endereço, o senador agradece e quer saber:

– Grato, Taurus! Diga-me, acredita-o culpado?

– Sinceramente, não sei o que pensar... Nós dois sabemos o quanto ele é impetuoso, apesar da idade madura. Conhecemos os seus atos de bravura e o seu amor à verdade. Nosso amigo lutará, sempre, em nome das suas verdades; ainda que o mundo inteiro o desafie ou ele tenha de morrer!

– Admiro-lhe o caráter impoluto e a inquestionável coragem. Roma muito lhe deve! Somos velhos amigos. Quase me casei com uma das suas irmãs, recorda Taurus?

– Naturalmente! A belíssima Cibele que por imposição dos pais

casou-se com Lúcius Graco, ao qual deviam até o pescoço!

– Assim, eu vi o meu amor perder para a ambição e a venalidade de pais, que pareciam os carrascos da própria filha! Naquele tempo, minha situação financeira ainda não era estável e eu sequer poderia pagar as referidas dívidas!... Oh, deuses! Tentei de todos os modos salvar Cibele de tão triste sorte, e preservar o nosso amor! Tudo inútil... Aquela realidade, brutal, foi inexorável!...

Sabe, meu amigo, nunca mais amei de novo e com tal intensidade! Amores tenho tido, mas jamais esqueci a minha bela e idolatrada Cibele! Quando morrer, eu a levarei em minh'alma... Bem, deixemos o passado de lado e cuidemos do presente. Cada minuto que passa, pode ser decisivo na vida de Galba.

– Em questões de amor, eu também carrego grandes frustrações, caríssimo senador.

– Fico a pensar, Taurus: Quem não as tem? Existirão tais privilegiados? Não devíamos amar tanto, não é meu amigo?

– Certamente! E, um dia, como defesa, nos tornamos cínicos!

– Sempre fugi disso, Taurus! A dignidade, acima de tudo! Muito principalmente, com relação aos nossos sentimentos e emoções.

– Para almas nobres como a sua, digno senador!

– Escolha de qualquer um, Taurus, privilégio de ninguém! Bem, vou ver o que posso fazer por meu amigo. Ambos conhecemos os horrores desta prisão. Pobre Galba!... Imagino o quanto a nobre Berenice deve estar sofrendo!...

Agradecendo e abraçando Taurus, Olímpius Rúfus embarca na sua luxuosa liteira e parte, incontinenti. Chegando à prisão, se faz anunciar e expede ordens que não admitem réplicas de quem quer que seja, a não ser do próprio César, e este, jamais, questionará o seu mais admirável senador.

Em poucas horas, Galba revê a luz do sol, emocionado e muito grato ao querido amigo.

Acompanhando-o até a sua casa, Rúfus revê e abraça Berenice, mulher de Galba.

Despedindo-se, aconselha:

– Nobre amigo, não sei até onde você pode estar implicado nos fatos que me foram narrados. Não questionarei os seus motivos, por bem conhecê-lo. Somos mais que amigos, somos irmãos. Todavia, cuidado! Roma é poderosa e esmaga os seus inimigos, sem piedade! Você sabe disso. Num campo juncado de cadáveres, um dia nos conhecemos e lado a lado nos defendemos do inimigo comum. Algumas vezes, o inimigo é ostensivo; em outras, ele pode estar camuflado ou disfarçado de amigo, de companheiro de ideal... Cuidado com a sua segurança e a segurança dos seus.

Sei do grande amor que une você e Berenice. Não lhe falte, meu amigo. O coração bom e amante desta mulher não sobreviverá sem você! Cuide-se de abraçar causas que não são suas e que não fazem parte da sua realidade. Talvez estejam apenas 'usando' você.

– Agradeço-lhe ter-me livrado da prisão! Os deuses o trouxeram, sem dúvida. Grato pelos conselhos, porém sei o que estou fazendo. Não me julgue inconsequente, por favor. O juízo que possa fazer a meu respeito é muito importante para mim.

Haja o que houver, acredite: sou fiel aos deuses e aos meus ideais de vida. Dentro deste ou de qualquer outro contexto que, porventura, possa parecer distante da 'minha realidade', eu me posiciono e me posicionarei dignamente diante daquilo que me diz respeito como um todo. A vida, muitas vezes, nos envolve em situações das quais não podemos fugir sem tisnar o nosso caráter e a nossa honra.

– Concordo e admiro-o cada vez mais. Acima de tudo, Galba, nossa amizade será preservada. Boa sorte!

– Desejo-lhe o mesmo, de todo o coração, caríssimo amigo!

– Dentro de algum tempo, regressarei a Roma. Enquanto estiver aqui virei vê-los, muitas outras vezes, para privar da boa companhia de vocês.

– Ficaremos muito felizes! Berenice lhe quer muito bem!

– E eu a ela. Bem, até a vista, caro amigo. Desejo-lhe saúde, a

proteção dos deuses e a ansiada paz!

– Os mesmos bons augúrios para você, digno senador de Roma!

Os dois homens despedem-se, segurando firmemente os antebraços, numa saudação forte e sincera. Depois se abraçam, amáveis.

Alguns dias se passam. Galba ainda está muito abatido, física e moralmente. Precisará de tempo para recompor-se e recuperar a saúde prejudicada pelos dias de prisão e de torturas.

Felizmente, Rúfus aparecera, mudando os tristes prognósticos que pesavam sobre a sua cabeça. Sabe, todavia, que não pode contar sempre com este grande amigo. Ele vive longe, suas funções são exercidas no senado, próximo a César e à frente dos fatos mais urgentes e determinantes das vidas de todos que estão submetidos à poderosa Águia Romana.

Galba sofreu muito na prisão. Seu corpo cansado já revela as consequências de uma existência de muito esforço e de muitas lutas.

Compreende que, no grupo, muitos dependam da sua atuação e coragem mas, no momento, sente-se incapaz de prosseguir no mesmo diapasão, física e moralmente. Precisa refletir sobre tantas coisas... A presente situação lhe exige muita prudência... Fragilizado, o seu coração fala mais alto.

Mergulhando em antigas recordações, olhos cerrados, revê a si mesmo, envergando o fardamento romano... Orgulhoso, altivo, sandálias de couro forte e resistente que sobem pelas pernas, protegendo-as; sua espada, companheira e defensora; o elmo, brilhante e enfeitado de plumas vermelhas; os detalhes dourados da roupa guerreira... Tudo o glorificava! Olhar no infinito, marchava para a luta. Na acústica de sua alma saudosa, ainda ouve o toque das trombetas, a cadência da marcha... Parece-lhe divisar as flâmulas, os estandartes... Entre os símbolos da pátria, gloriosa, a Águia Romana tremulando, ao vento, e acima de todas as cabeças!...

As legiões, divididas por especificidade e em disciplinada

formação, impressionavam pela beleza. Os guerreiros romanos partiam em busca de vitórias!... Os augúrios eram-lhe sempre favoráveis! A ideia de derrota jamais lhes passava pelas cabeças.

Galba lutou inúmeras vezes, lado a lado, com muitos outros companheiros da mesma sorte. Recorda quantos caíram, doando as suas vidas a Roma...

Mas, quanta infelicidade!... Alguns destes velhos camaradas são os mesmos que nestes dias viraram-lhe as costas, cuspiram de lado e execraram-no, sem respeito e sem piedade!... Não lhe ouviram, sequer, as explicações!... Diante deles, sentiu-se o último dos homens!

E o que poderia esperar? Exatamente o que recebeu. Estes são os normais procedimentos. As medidas das leis e das exemplificações de Roma servem para todos, especialmente para os seus guerreiros. As ordens chegam de cima e são rigorosamente executadas. Ai daquele que fugir às regras! Dera muita sorte na atuação providencial e poderosa de Rúfus. Sem ele, jamais estaria em casa, junto à sua amada Berenice. Agora, mais do que nunca, será vigiado. Aqueles que o libertaram a contragosto o terão de volta na primeira oportunidade. Isto quis lhe dizer seu amigo, o insigne senador.

Pensa em Berenice, o quanto ela deve ter sofrido, ignorando-lhe o paradeiro e a sorte...

Quando a conheceu, estava no auge da carreira militar. Tomado de amores, casou-se, antes de partir para uma das campanhas nas Gálias. Desta vez, temia perder a vida e deixá-la. Desastradamente, fora ferido com gravidade. De regresso, passou longos meses no leito, até que se recuperou e retomou as suas funções. Daquela experiência, carrega hoje uma grande cicatriz no rosto, rente à orelha esquerda. Se Roma considera cicatrizes como medalhas, Galba deplora, deprimido, ter a face marcada.

Berenice, carinhosa e apaixonada, lhe diz que isto não implica feiura; que mesmo que ele quisesse, jamais seria menos bonito. Bondade dela, naturalmente!

Enfim, diante de tantos acontecimentos e de tantos desafios, Galba duvida que dali para frente tenha os mesmos recursos e a mesma liberdade de ação... Como confessar isto aos companheiros de ideal?!... Soube que alguns debandaram, amedrontados. Não é de se espantar; Roma castiga cruelmente aos seus inimigos e os exibe como forma de intimidação.

Entre estes e outros pensamentos, Galba adormece.

Berenice chega e acaricia-o, amorosa. Sente-se realizada como mulher e como ser humano. Sua vida conjugal é feita de muito amor, admiração, consideração e respeito.

Jamais esquecerá a primeira vez que viu Galba num desfile militar, comemorativo. Ele estava belíssimo no seu uniforme; imponente, mesmo! Enamorou-se dele, súbita e definitivamente.

Decidiu fazer-se notar... Acompanhou a fileira da sua formação, agitou-se e sorriu-lhe, olhos brilhando, cheios de promessas...

Surpreso, ele retribuiu-lhe o sorriso e quase perdeu o passo da marcha. Ela achou graça e riu alto e ele corou, constrangido.

Momento inesquecível!...

Ao final dos festejos, ele a procurou com os olhos, ansioso. Seria ela apenas uma bela aparição?... Não! Ela ali estava, próxima, em carne e osso. À espera que ele fizesse exatamente o que fez, Berenice sorriu-lhe, encorajando-o. Em pouco tempo, casaram-se.

Para abrilhantar-lhes a existência, um filho, bonito e saudável; hoje homem feito, em Roma, a serviço da pátria.

Enternecida, ela lhe faz afagos, enquanto o admira na atual fragilidade, decorrente da recente prisão.

Aflita, ela acendera chamas votivas e fizera petições aos Manes, diante do altar doméstico. Seu amado, desta vez, corria um perigo maior. Enfim, a resposta dos deuses, com a chegada do grande amigo, senador, Olímpius Rúfus.

Não saberia viver sem Galba. São entranhadamente unidos. Mesmo distantes, um sente a presença do outro.

Cobre-o, amorosa, como faria uma mãezinha ao seu filhinho. Beija-

o suavemente na boca e sai, pé ante pé, respeitando-lhe o sono. Antes de sair, pensa, sorrindo:

"O meu guerreiro descansa! Outras batalhas virão e ele sairá vitorioso! Os deuses hão de protegê-lo, sempre!..."

Este amor é a maior glória na vida de Galba.

*

ENQUANTO ISSO, o grupo dissidente se reúne para avaliar a situação.

Ben Azir é o primeiro a chegar. Obstinado e inquieto, ele aguarda pelos outros. Junto ao dono da casa, confessa os seus receios:

– Companheiro Hamad, sinto-me deveras preocupado com o futuro do nosso amigo Galba. Sabemos que Roma não perdoa traições! Quando ela solta a sua presa ou recua, o faz apenas para investir depois, de maneira certeira e fatal.

– Concordo, Ben Azir, todavia, aguardemos. Galba nos dirá algo dentro de pouco tempo.

– Não acredito nessa premissa, meu amigo. Combalido, em período de refazimento, ele avalia, agora, os prós e os contras de tudo que tem feito, na concessão do respaldo que nos tem concedido. A partir do momento da descoberta da sua sedição, ele se transformou em inimigo de Roma, num reles traidor. Diuturnamente, Galba será vigiado e pressionado, até que seja novamente preso para finar-se em meio a torturas. Estamos correndo um perigo maior que antes. Mesmo sem intenção, ele nos comprometeu.

– Louvo-lhe a clareza de raciocínio e a justeza das ponderações, Ben Azir. Você tem uma inteligência brilhante e é um hábil articulador. Quanto a Galba, nada podemos fazer. Quando defendemos os nossos ideais, desafiamos os poderes e àqueles que os representam. Nenhum de nós ignora os riscos que corre.

– Assim é. Por isso mesmo, Galba se transformou num perigoso chamariz!

– Concordo... Estamos a braços com uma situação extrema-mente

delicada...

– Mormente para ele... Pobre amigo!...

– Pobre Galba!...

Nesse ínterim, os outros começam a chegar. Algo temerosos, cada qual exibindo expressões de abatimento, pelos longos dias de medo.

Ben Azir, de soslaio, observa-os com desprezo. Abomina a covardia.

Cumprimentando-se, uns aos outros, eles se dispõem a unir forças na busca de soluções para o impasse que estão vivendo.

Fazendo terríveis prognósticos, Jadhu cansa e atormenta a quantos possam ouvi-lo, impondo-se arbitrariamente na exposição das suas ideias exacerbadas.

O medo que desperta na sua natural agressividade lhe concede alguns partidários. Assim, ele se julga mais do que é.

Ben Azir, espontâneo e verdadeiro, não o teme. Várias vezes enfrenta-o com ilações sensatas aprovadas pela maioria.

Colérico, Jadhu ameaça-o, vezes sem conta. (E Ben Azir, meus caros leitores, tão jovem, mal começou a viver!...).

A ordem dos assuntos se sucede. Falam sobre os últimos acontecimentos, sobre Galba e a sua impossibilidade em prosseguir nas mesmas propostas de antes.

*

Enquanto isso, na bela residência de Galba e Berenice, esta retorna de mansinho ao quarto. Espia para dentro e surpreende o marido sentado no leito, cabeça baixa, interiorizado.

Sentindo-lhe a presença, ele levanta o rosto e lhe diz:

– Entre, querida!

Berenice entra, abraça-o e indaga:

– Por que a tristeza, meu Galba?

Tomando-lhe as mãos entre as suas, ele respira fundo e esclarece:

– Analiso a desoladora experiência que quase me tirou a vida... Depois disto, como acertar o passo?!... Contando-me em suas fileiras, Roma me exige fidelidade. Eu, porém, defendo os seus inimigos! Os olhos da Águia Poderosa estão sobre mim! O que me aguarda?!... É tão óbvio! Afinal, Berenice, de que lado estou? Se persistir nos mesmos ideais e nos mesmos comportamentos, serei eliminado em pouco tempo. Caso desista destes mesmos ideais, junto ao grupo de revoltosos, serei duplamente traidor!... Conflito insuperável!... E você, como se sente diante de tudo? Acaso me condena, mesmo em pensamento?

Nos olhos de Galba, o receio daquilo que vai ouvir.

Fitando-o com um amor imenso, incondicional, ela responde, beijando-lhe as mãos fortes:

– Jamais, meu querido, jamais!...

Um doce sorriso nos lábios, olhos rasos d'água; na alma um azorrague sangrando-a. Tem a exata noção do perigo que o marido corre. De uma forma ou de outra, faça ele o que fizer, ele será punido, por estes ou por aqueles. Quando?!...

Enternecida, acrescenta:

– Você nunca será um traidor, ainda que o mundo inteiro pense assim! Seu caráter foi forjado no bem e na justiça, meu amor! Frente às decisões, você assume sempre o dever maior diante dos deuses! E que eles o protejam, meu amado! A vida me deu você, para a minha felicidade!

Profundamente tocado, ele a atrai para si. Não se contendo, Galba chora, tal qual uma criança, desabafando, num pranto por vezes convulso, por vezes manso e doloroso...

Berenice o acaricia, beija-lhe as lágrimas quentes e copiosas, e aguarda-lhe o reequilíbrio. Aconchegando-o de encontro ao seio, sussurra-lhe palavras doces e encorajadoras.

Após longos minutos de patente desespero, ele levanta a cabeça e com delicadeza se desprende dos seus braços.

Levanta-se, anda pelo quarto a admirar cada ângulo, enquanto

toca este ou aquele móvel, este ou aquele objeto. Diante da ampla janela, olha para fora, respirando fundo... Sente-se perdido, como um menino que fugiu de casa e deseja, desesperadamente, poder voltar...

Berenice entende os seus conflitos. São almas gêmeas: o que toca um, toca o outro, em igual emoção e intensidade.

Lentamente, Galba regressa ao ponto de partida, senta-se diante dela e desabafa:

– Meu amor, não sei o que fazer... Nestes momentos de dor e de insegurança, quanta coisa me vem à memória! Como num turbilhão, as experiências da minha vida retornam, numa clareza espantosa!...

Fitando através da janela o céu coalhado de nuvens, ele se levanta e em gestos largos, desafiador, inicia um monólogo:

– Oh, Roma! Gloriosa Roma dos Césares, dos bravos soldados, das vitórias, de belezas e de riquezas, imensuráveis!... Sempre fui um fiel e incondicional admirador do seu poder que não conhece limites!... Ao seu lado, partícipe de tudo, sentia-me um vitorioso! Oh, Roma, quantas batalhas vencidas! Você era a minha vida!

Mas, um dia, vencidos os arroubos da mocidade e a embriaguez dos sentidos, passei a vê-la tal qual é: tirana, arbitrária e cruel!

Refletindo, sem o véu da vaidade e do orgulho, o seu poder, Roma, passou a esmagar o meu coração! Enxerguei, enfim, oh, deuses do Empíreo, este povo que nos recebeu por imposição e nos tolera, sendo espoliado, execrado e humilhado, nas suas mais sagradas aspirações!...

A partir deste novo ângulo de visão, desprezei a mim mesmo, surpreendendo-me em casa alheia, dando ordens injustas e completamente absurdas!... Aquilo que antes me deslumbrava, passou a causar-me asco, diante de um poder estruturado no medo e imposto pela selvageria de tantos quantos lhe obedecem, cegamente, como eu fiz! As ações dos meus companheiros foram se tornando insuportáveis para mim, nos seus constantes desmandos, até que, enfim, cheguei aos meus limites!...

Galba demonstra numa expressão de horror a sua indignação.

Em silêncio, ele anda pelo quarto, absorto.

Aproxima-se de Berenice. Suavemente apoia sua mão sobre o ombro dela e indaga:

– Um dia pior que os outros, oh, deuses!... Recorda, Berenice?... Sabe a que me refiro?...

Acariciando a mão do marido, ela responde cordata:

– Sim, sei exatamente a que se refere: à querela perigosa que gerou situações trágicas, envolvendo as terras do nosso mais querido amigo... Nem gosto de recordar!...

– Sim... Ali, a minha mudança... O meu despertamento...

Galba volta a andar, inquieto. As recordações se precipitam, em catadupas. Com o peito arfando, as têmporas pulsando e muita tristeza, ele prossegue:

– Naquele dia, meu companheiro Lucrécio e eu fomos encarregados de atuar numa causa a favor de Roma, contra um rico judeu. Antes da empreitada, eu não sabia de quem se tratava.

– Recordo muito bem! Pois ele era, desgraçadamente, nosso melhor amigo! O mesmo que um dia salvou a vida do nosso filho, quando ladrões o atacaram, roubaram, tiraram-lhe as roupas e passaram a bater-lhe, impiedosos!...

– Foi exatamente assim! Adriano, ainda adolescente, viera passar alguns dias conosco, lembra?

– Sim!

– Elegante e ricamente vestido, ele saíra na companhia de alguns amigos, demorando-se, sobremaneira, nas ruas.

– Recomendamos que ele retornasse cedo! Mas, acaso algum dia nosso filho ouviu os nossos conselhos? Ah, filho imprudente! – comenta Berenice.

– Pois bem, na sua teimosia, de regresso, sozinho, foi surpreendido por aqueles que, rapaces, caíram-lhe em cima, violentos.

Nosso amigo, Hannah, passando por ali, corajoso e determinado, investiu contra os facínoras e arrebatou-lhes o nosso Adriano, deixando-os perplexos com a sua ousadia. Sozinho e incapaz de enfrentar três homens robustos e jovens, temeu perecer junto ao nosso filho que caído ao chão, sangrava muito, quando três outros judeus, seus conhecidos, por sorte apareceram, defendendo-os.

Os referidos ladrões correram com todas as forças das suas pernas, esquecendo até mesmo, as suas armas que ficaram espalhadas pelo chão.

– Fico a imaginar, Galba, se estes bons homens não estivessem nas proximidades, o que seria do nosso querido filho e de Hannah?...

– Nós sabemos o que seria, Berenice! Mas, prosseguindo nas minhas lembranças; o 'inimigo' de Roma, naquele dia, era exatamente este caríssimo amigo, a quem nós devíamos tanto!

Ao chegar à propriedade em questão, me surpreendi com a sua presença. Aquele seu endereço nós não conhecíamos!

Imagine a cena: surpresos, nos abraçamos, diante de Lucrécio, que me dirigiu um olhar de censura. Profundamente constrangido, requisitei a Hannah os documentos legais da sua propriedade, pois Roma havia decidido fazer obras naqueles sítios.

Confuso e visivelmente amedrontado, Hannah me informou que iria buscá-los, incontinenti.

Instantes depois, tropeçando nas próprias pernas, tal o seu estado de perturbação, trouxe-nos os documentos, exibindo-os,honesto, leal...

Sentindo-lhe a insegurança, prometi representá-lo, defendendo-lhe a causa. Mais tranquilo, ele sorriu, grato e esperançoso.

Lucrécio, ao ver-nos conversar e diante do nosso patente entendimento, fitou-me e indagou, contrariado:

– Vocês... são... amigos?!... Ora, ora, que surpresa! Mistura-se, então, a esta ralé, a esta raça abjeta, Galba?!... E como ousa prometer aquilo que não é da sua competência? Enlouqueceu, por

acaso? O calor derreteu os seus miseráveis miolos?

Ainda que ofendido, percebi a inutilidade de me defender e tentei contemporizar:

– Por favor, Lucrécio, lembre-se que somos companheiros de lutas! Este homem que se encontra diante de nós e que espera justiça é um credor da minha gratidão, pois lhe devo a vida do meu filho!

Afastando-se e rejeitando, abertamente, a minha proximidade, Lucrécio inquiriu-me, mal contendo a sua ira:

– E desde quando estamos tratando de assuntos particulares? Situe-se, homem, desperte! Deve estar em febres ou sendo vítima de algum sortilégio! Lembre-se, você! Roma não compactua com inimigos e muito menos com aqueles que estão submetidos ao seu poder!

Apontando, desrespeitoso, para Hannah, exclamou, cuspindo no chão:

– Desprezamos este povo, traiçoeiro e venal, lembra?... De que lado, afinal, você está?!... A esta altura, difícil saber!

Profundamente envergonhado, diante da palidez de indignação de Hannah, insisti amigável:

– Por favor, Lucrécio, em nome da nossa amizade, escute...

Enfurecido como um touro bravio, Lucrécio gritou a plenos pulmões:

– Escutar o que?!... Cale-se! Tomarei a frente desta empresa e cumprirei o meu dever! Você perdeu o juízo!

Ah, Berenice, Hannah, pálido de morte, e prevendo que tudo lhe seria tirado, fruto de tantos anos de luta, na aquisição daquilo que mais amava, avançou contra Lucrécio e agrediu-o!...

Oh, deuses! Meu companheiro, cego de ódio, investiu contra ele e deu-lhe um soco, atirando-o longe. Hannah desabou, lábios sangrando. Na queda, feriu-se ainda mais, de encontro às pedras do calçamento... Gemendo, tentou soerguer-se, sem contudo lograr êxito. Ver aquela face, venerável, agredida!... Aquele nobre amigo, apenas defendera aquilo que lhe pertencia, de fato e de direito!

Perdi toda a condição de discernimento e avancei, por minha vez, contra Lucrécio, dando-lhe um poderoso soco no rosto.

Surpreendido, aos tropeções, desequilibrando-se, por pouco ele não fez companhia ao nosso caro amigo, mas empertigando-se, rápido, ele sacou a espada e encostou-a, violento, na minha garganta. Eu sentia o aço frio da lâmina quase a cortar-me o pescoço.

Lucrécio bufava. Parecíamos dois inimigos num campo de batalha, e não dois companheiros...

Seus olhos, injetados de sangue, demonstravam a sua vontade em matar-me, ali mesmo. Todavia, controlou-se. Chamou os guardas que há alguma distância vigiavam e entregou-me, como um preso comum!... Quanta vergonha!...

Ao recordar aqueles trágicos momentos, Galba sente-se fraquejar. Sua vida, antes tão segura e promissora, se modificara a partir de então...

Berenice toca-lhe as costas largas e fortes, acaricia-as, e lhe pede:

– Meu querido, por que se atormenta desta forma? Pare com estas recordações!

Voltando-se e abraçando-a, ele declara:

– Não, minha querida, quero prosseguir, preciso... Aqueles fatos vieram consolidar os meus novos conceitos de vida... Eu já tomava consciência, aos poucos, deste contexto torpe, cruel e profundamente arbitrário...

O bravo soldado senta-se na borda do leito confortável, recosta-se levemente nas almofadas e prossegue, quase em solilóquio:

– Naquele momento, crucial e vergonhoso, impotente, diante da força que conheço sobejamente, marchei entre os soldados na direção do nosso quartel para, ali, ser duramente inquirido e admoestado, até mesmo com castigos corporais, infligidos pelo meu arqui-inimigo, Prócoro... Estar sob o seu jugo é sofrer as penas do Amenti!

– Prócoro é um verdugo, não é um soldado! Ele o inveja, Galba,

declaradamente! Não perderia a chance de humilhá-lo e depreciá-lo, diante dos seus superiores!

– Senti-me o último dos mortais... Execrado entre os meus iguais e incapaz de socorrer ao nosso caro Hannah!... Afastado deste, fiquei sem notícias.

Saindo da prisão, retornei àquele lugar para me informar. Ali, como era de esperar, já estava sacramentada a posse, de Roma, sobre tudo o que antes pertencera a Hannah... Dele, sequer sabiam o nome.

Procurando-o, soube que estava na casa de sua filha.

– A bela e adorável Marta!...

– Sim. Fomos ambos para lá, lembra, Berenice?

– Naturalmente, meu querido! Sempre fomos tão amigos!

– Esta sagrada amizade despertou em mim solidariedade com as causas justas deste povo sofrido, agredido e duramente submetido!

Ali chegando, oh, deuses, encontramos Hannah quase moribundo...

O pobre ainda narrou, entre espasmos de dor, tudo o que sofrera nas mãos de Lucrécio... Por causa das pancadas que recebera em várias partes do corpo, sobretudo na sua nobre cabeça, veio a falecer nos meus braços, poucos dias depois...

E eu, enquanto curava as próprias feridas, mormente as da alma, lhe pedi perdão, molhando com as minhas lágrimas as suas mãos laboriosas e dignas de muito respeito... Declarei a minha satisfação por tê-lo defendido com o risco da própria vida.

Hannah, com um leve sorriso nos lábios, muito lúcido, escolhendo as palavras para não me magoar, declarou:

“Você, meu amigo, representa também este poder que esmaga, que fere e rouba dos judeus, as suas mais sagradas aquisições, como faz a todos os povos, aos quais vence e submete, com mão de ferro! Neste instante, no qual vislumbro o outro mundo, onde somos todos iguais perante Deus, peço-lhe perdão, se o ofendo com estas acusações, mas o que me exime de culpa é o fato,

insofismável, de que lhe digo, tão somente, a verdade!

Um dia, caríssimo e digno amigo, tudo isto mudará! Outros povos, mais poderosos e mais cruéis, dominarão os vencedores que, por sua vez, serão os vencidos! Tem sido sempre assim! Assim é o mundo! Pobre daqueles que se iludem com glórias tão ilusórias quanto passageiras! Mas descanse; a nossa afeição já superou todas as barreiras! Que o meu Deus abençoe você e à sua querida família, sempre!... Fique em paz e seja feliz, apesar de tudo..."

– Ah, minha Berenice! Um homem ouvir isso do seu mais querido amigo! Do credor do seu coração!... Jamais esquecerei, momento tão trágico e solene como aquele!... Sua filha, inconsolável, nunca me acusou verbalmente, mas os seus olhos!...

Olhar perdido, Galba se abstrai. Após alguns instantes, nos quais ele se refaz da emoção, reinicia:

– Hoje, Berenice, encontro-me num grande desvio... O que fazer? Como prosseguir?!... Serei esmagado, impiedosamente, caso eu me atreva a manter o mesmo comportamento de antes. Agora, eles já sabem... Há de convir, eu sou reincidente!

– Meu Galba, vamos para Roma, viver perto do nosso filho, e privar igualmente da amizade, incondicional, de Rúfus!

– Não sei, meu amor, preciso pensar...

– Compreendo... Mas, por agora, basta, sim? Acalme-se e tente repousar! Nenhuma decisão deve ser tomada entre conflitos como estes, certo?

– Certo! Amo você Berenice, cada vez mais!... Sinto tanta saudade do nosso filho... Pensei que morreria sem vê-lo... Que nunca mais o abraçaria...

– Também sinto saudades! Agora, descanse, vamos... Depois deste desabafo, certamente se sentirá mais fortalecido e mais inspirado. Quando despertar, as suas ideias hão de se aclarar, confie.

Ele atende aos rogos da mulher e solta o corpo no leito, suspirando profundamente.

O universo de Galba e Berenice está convulsionado, em patente transformação.

Enquanto ele descansa e se recupera, seu filho, Adriano, em Roma, comodamente reclinado, divaga. Olhar de brilho intenso, ele revela no rosto jovem e bem formado um orgulho desmedido.

Com uma luxuosa capa sobre os ombros, presa por riquíssimo broche, no qual se distingue as insígnias do poder de Roma, ele pensa nos pais (Há muito não os vê, mas isso não lhe importa. Aos poucos se desliga deles). Almeja elevar-se ao poder, inquestionável, de Roma. Para isso, fará qualquer coisa.

Há muito conhece o traquejo das diversões, das querelas e das intrigas. Não se afina com os exercícios militares, mas aprecia um bom divertimento (alguns destes fariam corar aos seus pais, pessoas simples e moralizadas). Vive bem informado quanto ao que acontece nas esquinas, nas tabernas e nos bordéis...

Casos amorosos, ele os tem, em profusão. Seu porte airoso, sua elegância e a inteligência brilhante tem-lhe granjeado a admiração e a submissão de belas mulheres. Todavia, não entrega o seu coração a nenhuma. Divertir-se é auspicioso, mas consorciar-se exige renúncias, responsabilidades. A não ser numa aliança de interesse...

Muitas vezes, pelas noites adentro, embriagado e envolvido por belas e fáceis mulheres, imagina como se sentiria o seu pai se pudesse vê-lo. Certamente lhe passaria um belo sermão, falando em dignidade, honra, responsabilidade!... Hirra! Que bom estar distante!...

Já aprendeu a soltar-se, a impor-se. Que importam os meios? Roma pode tudo e aqueles que gravitam ao seu redor são parte, inconteste, deste poder. O brilho da Águia Dourada repousa sobre a sua cabeça, fazendo-o prever um futuro de glória e de prosperidade. Sua sorte tem sido pródiga! Ave, César! Ave, Roma!...

Assim vive o filho de Galba e Berenice.

Sua carreira sempre esteve em primeiro lugar. Por isso, seguindo os hábitos e os costumes romanos, Adriano saiu muito cedo de

casa, para viver sob a proteção daqueles que representam a nata do patriciado romano.

Saudosos, Berenice e Galba vão visitá-lo, mas nem sempre conseguem vê-lo. Ele manda lhes dizer que está muito ocupado naquele momento. Promete visitá-los, oportunamente, todavia, não o faz. No amor que lhe devotam, desculpam-no sempre, supondo-lhe severas e inadiáveis obrigações.

Na última vez que, vencendo as barreiras, Galba viu o filho, espantou-se com o seu notável crescimento físico. Seu filho já era um homem feito! Não mais aquele menino que um dia partiu deixando tanta saudade!... Notou, porém, para sua tristeza, a maneira artificial, quase protocolar, com a qual ele o atendeu. Sentiu-se um estranho... Seu coração saudoso queria mais... Desejou abraçá-lo depois de tanto tempo, mas conteve-se, diante da sua patente frieza. Apesar de tudo, conseguiu justificar-lhe o comportamento. Compreendeu-lhe os brios de homem, temeroso de ser mal interpretado por seus pares.

Galba regressou, sem conseguir aproximar-se, de fato, daquele que sempre foi, e é a razão maior da sua vida. Frustrado, alberga uma grande mágoa no coração, a qual naturalmente escondeu de Berenice. Disse-lhe apenas que o vira e que ele estava muito bem.

Para tranquilizá-la mentiu, dizendo que o filho lhe enviava muitos abraços e que lhe confessara sua enorme saudade... Berenice acreditou e sorriu, feliz, tocada até as últimas fibras do seu coração materno. Não o vê há dois longos anos.

Adriano é agregado na casa do poderoso patrício romano, Demétrio.

Ele aprecia a convivência com pessoas ricas e poderosas, às quais se faz servil, na intenção dos próprios interesses.

O senador Olímpius Rúfus, que o conhece desde menino, já o admoestou várias vezes, recordando-lhe as qualidades e a honra que exornam o caráter de seu pai; assim como a grande doçura e dignidade que caracterizam sua mãe, Berenice.

Quando esteve com estes, Rúfus disse-lhes, de modo geral, que o

filho estava bem de saúde e progredindo na academia de Crotona (em verdade, Rúfus não conseguiu dizer-lhes que Adriano fora expulso da referida academia por insubordinação). Como aumentar-lhes, ainda mais, a carga de sofrimentos?

O senador já viu isto acontecer muitas vezes; rapazes desmiolados, como Adriano, a desbaratar tudo que possuem, inclusive os recursos enviados, esforçadamente, pelos pais; para terminarem como meros soldados, transformados em escudos de guerra, finando as suas existências, precocemente, mergulhados em grandes desencantos...

Adriano está no mau caminho... As suas companhias são as piores possíveis; suas atitudes, dúbias e comprometedoras...

Galba, como pai, espera que Adriano seja digno das suas mais caras expectativas, quanto ao seu futuro.

Berenice, mãe dedicada, apesar de conhecer os defeitos do filho, acredita que ele se modificará, com o passar do tempo.

Adriano sempre fora difícil de conduzir. Galba, quase sempre em campanhas, pouco convivia com ele para avaliar-lhe o caráter. Demonstrando, desde cedo, um orgulho, desmedido, Adriano sequer disfarçou a satisfação que sentiu ao deixar a casa paterna.

Berenice sofreu muito com esta atitude do filho, todavia, nunca comentou com o marido. Este, por sua vez, pensando em poupá-la, escondeu, também, a sua mágoa. Desgraçadamente, ele analisa o comportamento do filho pelo mesmo prisma.

Enfim, ambos se protegem, mutuamente. Acima de tudo, amam este filho, verdadeiramente. E Adriano sabe, como ninguém, aproveitar-se das suas generosidades.

Várias vezes, em consideração a estes queridos amigos, Rúfus tem tirado Adriano de situações muito incômodas.

Ele agradece, constrangido, sob a censura do nobre senador, mas pouco tempo depois faz as mesmas loucuras, agindo e interagindo, de forma alucinada e irresponsável. Perdulário, gasta o dinheiro que os pais lhe enviam e se envolve em falcatruas para conseguir mais.

Já possui vários credores e inimigos, neste mundo de trocas infelizes.

Vez por outra, envia notícias (mentirosas, claro) aos pais. Sua vera intenção, porém, é camuflar mais um pedido de recursos para ‘os seus estudos e as suas necessidades básicas’...

Frequenta lugares escusos e ali faz os seus tristes conchavos.

Envolvido com a súcia destes ambientes, ele se degrada, sem pensar que mais dia menos dia seus sonhos se transformarão em cruéis pesadelos. Todavia, Adriano não se importa com nada. Só o presente lhe interessa, nada mais!...

Infeliz juventude desperdiçada!

Os talentos

BEN MORDEKAI APROVEITA, regaladamente, tudo aquilo que a ‘sorte’ lhe concede. Diuturnamente, segue triunfante, junto aos seus pares, na exegese das leis que determinam os destinos do seu povo.

Neste sentido, movimenta à sua volta pessoas, recursos, estratégias, departamentos, tempo, disposição e, muito, boa vontade e dedicação. Esta forma de viver enche-lhe de orgulho.

Aqueles que o conhecem, douram-lhe o ego, enquanto participam das mesmas prerrogativas ou se alimentam das migalhas que caem da sua mesa.

Quando Ben Mordekai optou por este destino (sim, o seu destino!) ‘sacrificial’, sabia muito bem aquilo que deveria fazer e como (!).

Unido a muitos outros, tão ‘abnegados’ quanto, preserva o sistema civil e religioso (nunca, porém, acima do poder político-romano que os mantém submetidos).

E, quanto às vítimas das ações deste sistema, que Ben Mordekai tão bem representa?

De um deles atualmente temos notícias, felizmente alvissareiras:

Paulus reabilitou-se, íntima e financeiramente, com muito suor, inteligência e os próprios talentos.

Hoje, numa belíssima e confortável residência, esforçado nos seus ideais de vida, e possuindo um apurado senso estético, vive melhor que ontem e concede à sua nora, Milcah, as mesmas regalias.

Regressando à Turquia, levou-a consigo e ali se reinstalou para viver em paz e em abundância.

Os parentes ficaram em Jerusalém, mordendo-se de inveja.

Assim é a vida: escreve histórias todos os dias, e a do nosso caro personagem ainda está longe de terminar...

Providência divina

GALBA, FISICAMENTE MELHOR, à exceção dos conflitos íntimos, não retornou às reuniões. Sua presença seria a derrocada final para o ideal que os caracteriza. Algumas notícias chegam, de parte a parte, informando-os.

Na fé em Deus e no ardor patriótico de cada qual, o esforço pela vitória do ideal, numa guerra surda e por vezes impossível...

Mudando constantemente de endereço, eles prosseguem.

Ben Azir convive, exaustivamente, com as ameaças de Jadhu, que não são bazófias. O perfil deste homem, amplamente conhecido, não deixa dúvidas quanto à sua crueldade.

De olhar percuciente, negro como as asas do corvo e muito expressivo, Ben Azir o vigia, cauteloso.

Neste momento, Jadhu esgravata as unhas sujas, com a ponta de um pequeno punhal, que brilha sob a luz que penetra pela janela, enquanto sorrateiro e ameaçador observa Ben Azir.

Muito atento, ouve-lhe as palavras para usá-las depois em mais uma querela que pode terminar em morte, a de Ben Azir, naturalmente.

Este homem, de espírito selvagem, não perde ocasião de desafiar a patente coragem do rapaz que, por vezes, é temerária.

Uma sorte misteriosa, porém, ou a providência divina, cuida da segurança de Ben Azir, livrando-o de muitas armadilhas. Numa postura tranquila de quem sabe de si, ele prossegue destemido, malogrando as criminosas intenções daqueles que o perseguem ou

caluniam.

É muito querido e admirado por suas, bonomia e justiça, espontâneas e por seu desprendimento das coisas materiais. Estas, por força das circunstâncias, não lhe faltam. Ben Azir pertence a uma família muito rica e proeminente de Cafarnaum. Ele luta pela causa em si.

As conversações, ideias e intenções, enfim, do grupo, são expostas e organizadas para o enfrentamento do inimigo comum, representado nas pessoas arbitrárias e déspotas do poder vigente, seja civil, político ou religioso. Na troca de ideias e nos diversos planejamentos, participam todos, mas para a concretização do ideal, o grupo depende sempre dos mais determinados e corajosos.

Grande parte auxilia sem intermediar ações mais agressivas, ou os atos que decidirão o sucesso ou o fracasso das empreitadas, e que exigem por vezes o sacrifício da própria vida.

Cada qual exibe suas potencialidades, nisto ou naquilo, mas os verdadeiros heróis são poucos. Estes abrem o peito e se lançam à luta. Em todos os tempos tem sido assim. De alguns grupos, organizados, saem os heróis de todos, ganhando com sua coragem a vitória para a bandeira pela qual lutam.

Agora, sem o poderoso auxílio de Galba, eles se organizam sozinhos, exercitando outras formas de ataque e defesa; sem a sua presença e atuação. Em verdade, as diversas estratégias vêm sendo montadas, timidamente, sem muita confiança ou segurança. O grupo levará algum tempo antes de caminhar com as próprias pernas.

Galba, como soldado experiente, conhece os segredos das lutas; além disso, tinha acesso livre à ‘soldadesca’, como alguns denominam àqueles que vestem uniformes, portam armas e obedecem cegamente às ordens do poder vigente.

Agitados, eles expõem as próprias ideias, que são aplaudidas ou rejeitadas em altos brados e muitos gestos.

Ben Azir rejeita aquelas que considera improváveis. Gosta de ser expedito e direto, atingindo rápido e fatalmente o alvo desejado,

garantindo a vitória.

(Parece-nos, caros leitores, o retrato de um grande guerreiro!... Talvez, seja exatamente isso!... Ah, a esteira do tempo!... O quanto fala de nós!...)

Em sua casa, onde é muito querido, Ben Azir tem a incumbência de gerir, junto ao pai, os bens incalculáveis da família.

Seu pai, homem corajoso e idealista, conhece suas ações libertárias, estimulando-as e concorrendo com recursos. Também ele, um dia, no verdor dos anos, lutou, saindo-se vitorioso em algumas causas populares. Daquele tempo, uma grande cicatriz no pescoço o faz recordar um quase enforcamento.

No instante decisivo, seus companheiros chegaram, libertando-o e dizimando os inimigos. Sua identidade fora preservada, permitindo-lhe a continuidade da luta. Com a saúde abalada, esteve muito tempo no leito. Ben Azir ainda não havia nascido.

Jairo recorda este tempo com certa nostalgia e carrega ainda o fogo da intrepidez nas veias. Seu filho nasceu sob o mesmo signo de justiça.

Neste exato momento, após uma longa e exaustiva viagem, aproximando-se de sua residência, Ben Azir afasta-se da caravana e imprime mais velocidade à sua montaria. Já consegue divisar o exuberante jardim decorado com belíssimas colunatas, encimadas por estátuas gregas. Mais alguns metros e chega. Apeia, entrega o animal a um criado, e dirige-se à entrada principal da casa.

As palmeiras balançam, ao impulso das brisas que chegam do mar.

Ben Azir vence rapidamente a distância e adentra os largos portais. Num amplo salão, depara-se com sua mãe, muito ocupada.

Ouvindo-lhe os passos, Deborah se volta, abre-lhe os braços e aperta-o ao encontro do coração. Sabe das atividades patrióticas do filho e teme perdê-lo, de uma hora para outra. Cada regresso seu, venha ele de onde vier, é como se o próprio Criador atravessasse os umbrais da casa. Apesar dos seus justos receios, ela jamais o

desviará do caminho escolhido. Naquilo que pode ser e fazer, vive os mesmos ideais.

– Ben Azir, filho amado, que Deus o cubra de bênçãos! – ela exclama, beijando-o em ambas as faces, muito emocionada.

– E ilumine sempre a mais bela estrela desta casa! – ele responde, retribuindo-lhe o carinho. Em seguida, toma-lhe as mãos e beija-as, mantendo-as entre as suas, enquanto lhe indaga:

– A quantas vão os preparativos? Vejo-a acalorada e enrubescida de tanta agitação, minha mãe!

– Tem razão, meu filho! Espero que a sua festa de noivado, corresponda aos seus anseios.

– Meus anseios são mais simples, minha mãe. Desejo apenas oficializar o meu compromisso com a mais bela pérola de Jerusalém. Amo a fascinante Agar e mal posso esperar para realizar esse amor! Todavia, mãe querida, sou avesso à ostentação e ao ruído das festas. A aglomeração de convidados e a necessidade de bem atendê-los nos tiram a privacidade.

– Eu sei, filho, eu sei... Mas precisamos demonstrar a nossa felicidade com esse enlace. E não tenha escrúpulos quanto ao dinheiro que será gasto, porque não esquecemos aqueles que precisam de amparo e auxílio. Já fizemos também a doação sagrada e periódica ao templo!

Diante dessa última declaração, Ben Azir comenta:

– Tenho reservas, minha mãe, quanto a essas doações... Longe de mim, duvidar do Poder de Deus ou ser-Lhe mesquinho! Mas sabemos que estas doações tomam, por vezes, caminhos escusos, servindo ao enriquecimento de alguns sacerdotes ambiciosos e venais... Contra isso, lutamos todos os dias, a senhora sabe.

– Cuidado, filho! Não se insurja tão abertamente contra eles...

– Aqueles que estão arrolados como maus e injustos, estejam onde estiverem, serão alvo dos nossos ataques, na preservação da vera justiça! – Ben Azir responde, num tom mais baixo.

– Meu filho, rogo a Deus que lhe proteja! Que Sua pródiga mão o

acoberte sempre em qualquer lugar ou circunstância...

Encerrando o assunto, Ben Azir pede:

– Chega de preocupações! Alegre-se, estamos juntos! Vou banhar-me e descerei em seguida para a nossa refeição. Estou faminto!

– E quando vai ver sua noiva?

– O mais rápido possível! Morro de saudades!

– Enquanto você viajava, algumas vezes ela nos visitou, na esperança de revê-lo.

– Em verdade, nós nos atrasamos, pois levamos suprimentos para uma tribo muito distante, que comprou também uma boa sortida em produtos de couro.

Enquanto fala, Ben Azir atira um sonoro beijo para a mãe e alcança os degraus de mármore rosa, que levam ao andar de cima.

Ali, banheiros luxuosos e aposentos riquíssimos.

Nos seus, móveis de todos os feitios, alguns até bizarros.

Sobre uma grande mesa: mapas, livros, papéis, penas e tintas.

Num reconfortante banho, ele canta. Em seguida, ainda enrolado numa toalha grande e macia, atira-se ao leito e de olhos pregados no teto, pensa:

“Senhora dos meus sonhos! Ardo de desejos na recordação da sua belíssima figura!... Brevemente nos uniremos, e que Deus nos permita a almejada felicidade!...”

Levanta-se num salto e veste-se com apuro. Dentro de algumas horas irá visitar sua noiva, a bela Agar. Desce, saltando degraus e se depara com o pai que chega.

Este se precipita para ele, em efusivas saudações:

– Seja bem-vindo, Ben Azir!

– Que Deus o proteja e abençoe, meu pai! Meus olhos se iluminam com a sua presença!

Eles se abraçam e se beijam. Ainda abraçados, conversam a respeito dos negócios feitos e da disposição dos caravaneiros, que

estão sendo atendidos nas suas necessidades, no amplo pátio da residência.

Deixando-o, seu pai se dirige aos seus aposentos, para as devidas abluções. Em seguida, desce e procura o filho.

Vai encontrá-lo no canil, a alimentar, alegre e brincalhão, três enormes cães de raças diferentes e exóticas. Convida-o a irem juntos ao salão de refeições, onde um lauto almoço os aguarda.

O pai senta-se à cabeceira de longa mesa, decorada com arranjos de flores perfumadas e coloridas. A boa aparência dos alimentos desperta e aumenta o apetite.

Jairo faz o agradecimento a Deus, seguido, respeitosamente, por todos.

Ato contínuo, os criados começam a servi-los.

A conversação é descontraída e alegre.

No coração de Deborah, os receios, não infundados, de que esta alegria termine de forma trágica, caso aconteça algo a Ben Azir...

Numa emoção, incontrolável, as lágrimas brilham nos seus belos olhos.

Atento, Ben Azir se levanta e abraça-a pelos ombros; beija-lhe o rosto e lhe pede, baixinho:

– Mãe querida, não estrague a sua refeição. Aproveite estes momentos que Deus nos concede.

– Filho, o que será de nós se perdermos você?... Oh, meu Deus, nem quero pensar!...

– Então, não pense...

– Às vezes não consigo, temo o futuro...

Respirando fundo, compreensivo, ele toma-lhe as mãos e lhe diz, numa inflexão de ternura incomparável:

– Minha mãe, o nascer e o morrer pertencem, tão somente, a Deus... Perder a vida por um ideal vale mais do que viver. Morrer de doença ou de velhice, num leito, ou morrer no verdor dos anos, lutando por causas justas? Que diferença faz? Seremos

aquinhoados com a ventura dos eleitos, de uma forma ou de outra, caso tenhamos vivido bem. Entregue a minha vida, as nossas vidas, nas mãos de Deus que nos ama acima de quaisquer circunstâncias! O sopro da vida está nas Suas mãos e não nas mãos dos nossos inimigos...

Perdoe-me! Eu jamais lhe seria causa de sofrimentos, se pudesse... Não se entristeça, agora, quando a vida nos prenuncia grandes venturas! Brevemente me casarei e, quem sabe, ainda lhe darei netos? Alegre-se!

Ao redor da mesa, todos silenciaram respeitosos.

Jairo, o pai, brinca para desanuviar:

– O que cochicham, ignorando a nossa curiosidade? Meu filho, volte ao seu lugar e vamos comer, sim? Para isso estamos aqui! Os alimentos esfriam e perdem o sabor; venha, venha!

– Sim, meu pai! Mamãe está emocionada com a proximidade do meu casamento!

Abraçando a mãe, ele retorna ao seu lugar.

– Sou uma tola, Jairo, perdoe-me! – ela pede, aproveitando a desculpa do filho, mas enxugando as lágrimas que caem sobre sua bela túnica.

Ben Azir, porém, perdeu o apetite devorador que o caracteriza. Ele próprio teme perder tudo que possui e, principalmente, a oportunidade de ser feliz ao lado da mulher amada. Sabe o que está em jogo e aquilo que representa para os seus pais...

Todavia, para Ben Azir, viver é ‘ser’, fazer escolhas e assumi-las. Jamais será conduzido, por quem quer que seja; nem mesmo por amor... Bem pesadas seriam tais algemas... Sua alma é livre! Assim é e assim será!

Aquela refeição decorreu, enfim, sem muita alegria.

Pai e filho compreendem os escrúpulos de Deborah.

Principalmente agora que o filho vai se casar, ela se debate entre a razão e o coração... O quanto gostaria de modificar esse contexto, sem prejudicar os ideais do filho; sentir-se mais segura...

Ben Azir é sua razão maior de viver; junto a Jairo. Deus lhes concedeu este filho como um rico presente, que veio colorir, ainda mais, as suas vidas...

Terminando, todos buscam os seus afazeres e interesses mais urgentes.

Jairo vai se inteirar das circunstâncias da viagem. A partir dali, a tarefa lhe pertence. Ben Azir já fez a sua parte. Com entusiasmo, ele esquece parte das preocupações, dedicando-se a este mister. Em meio aos seus empregados e supervisores, as horas passam e ele vislumbra os reflexos, avermelhados, destas terras ardentes como o seu povo, dourando tudo e anunciando que mais um dia está terminando...

Ben Azir passou o restante do dia ao lado de Agar, momentaneamente esquecido de tudo. Assim é este moço; inteiro e presente naquilo que faz, onde quer que esteja. Equilibrado e lúcido, ele se integra, dando tudo de si para conseguir plenos resultados, quando isto depende da sua atuação. Nesse momento, nos braços da amada, nada mais existe, a não ser a incomparável ventura de amar e ser amado.

Afogueado pela paixão, ele a acarinha, beija e enlaça de encontro ao seu corpo, sentindo dificuldade em separar-se dela.

Sua casa está sendo construída com a anuência e a competente supervisão dela, que é voltada para a riqueza e para o luxo. No dia, em que Agar se deparou com os olhos da cor da noite de Ben Azir, ela teve a certeza de que encontrara o seu grande amor.

Na flor da idade, muito ansiosa, ela aguarda a realização do enlace. O tempo de espera tem se tornado angustiante, por causa das atividades perigosas do noivo.

Antes de pedi-la em casamento, ele lhe contou tudo, deixando-a dividida entre a admiração e o receio de perdê-lo (e, à esperança do confortável futuro que ele representa). Agar sabe que Ben Azir jamais abrirá mão dos seus ideais.

Ouve muitas vezes na sinagoga ameaçarem àqueles que lhes desafiam o poder. Estas causas têm fabricado muitos mártires. Seu

noivo pode vir a ser mais um.

A cada despedida, ela pensa: “Será que o verei de novo?”

Sua família ignora as atividades do rapaz. Ela prometeu guardar segredo. Por isso, quando a mãe a surpreende aflita, fica sem entender.

Almara ama demais esta filha que perdeu o pai ainda muito pequena, não tendo dele recordação alguma. Fará qualquer coisa para vê-la feliz... Nunca superou a tristeza da viuvez e essa filha é a sua única compensação de vida.

Nos aposentos de Agar existem alguns retratos do pai. Algumas vezes, a mãe a surpreende a conversar com ele.

Assim, os dias se passam, na expectativa da grande festa de casamento de Ben Azir.

A doença de Galba

HOJE, GALBA ACORDOU em febres, peito arfando, palidez mortal. Quase impossibilitado de falar, ele clama por Berenice. Em poucos minutos é socorrido por ela, com os habituais medicamentos e sua amorosa solicitude. Faz algum tempo, Galba demonstra uma fraqueza extrema, junto a outros sintomas muito preocupantes.

Berenice sofre, concluindo que estes males o levarão a finar-se em pouco tempo. Pressente-lhe uma doença subjetiva.

A alma ultrajada de Galba reage, somatizando os padecimentos físicos. Com muito esforço, ele pede que informem o filho. Teme morrer sem vê-lo. Ao falar em Adriano, se emociona e chora.

Berenice abraça-o e o pranto dos dois se confundem.

Em Roma, recebendo a carta materna, Adriano torna-se sorumbático. Contrariado com os deveres filiais que o chamam, faz corpo mole e demora-se a atendê-los.

No momento, está envolvido com falcatruas; daquelas que lhe exigem a presença constante, a fim de 'bem' conduzi-las para defender-se de represálias. Mais uma vez, se metera em situações perigosas. Nesse momento, ele reflete sobre os últimos acontecimentos familiares:

"Enfim, aproxima-se a chance de apropriar-me de tudo o que me pertence. Meu pai controla tudo, avaramente... Poderia encontrá-lo morto... Isto nos pouparia as constantes e habituais dissensões... Somos, naturalmente, desafinados!... Como único herdeiro, tomo as rédeas da casa! Ah, que esta previsão me enche de gozo! Sempre abominei a disciplina e meu pai é o retrato da ordem e do direito.

Arre, estas virtudes jamais encontraram eco no meu coração!...

Nossa casa, confortável, possui um considerável acervo de obras de arte, objetos de valor e móveis primorosos... Sua bela construção arquitetônica e em ótima localização representa, por sua vez, um grande patrimônio...”

Ensimesmado, corpo largado no confortável triclínio, ele ainda não se deu conta da presença de belíssima mulher.

Sibila é um generoso presente dos deuses e Adriano está sempre atento a presentes; principalmente quando estão ao alcance das suas mãos, ávidas.

Prata da casa (poderíamos dizer, ouro...), esta linda menina é o mimo de todos, particularmente do dono da casa, o patrício romano, Demétrio.

Bonita e boa, ela está sempre disposta a trabalhar ou a sacrificar o seu tempo e as suas energias em prol daqueles que precisam da sua atuação prestimosa e amável. A ela e à sua privilegiada inteligência, muito tem sido concedido; para gáudio do seu coração sedento de conhecimento, de beleza e de harmonia.

Adriano, imoral e insensível, freia os seus instintos quanto a ela, porque teme perder a hospedagem e as regalias decorrentes da generosidade dos seus anfitriões. Todavia, esta dourada sílfide mexe demais com o seu sangue já viciado nas excitações dos prazeres enervantes.

Ela, por sua vez, teme Adriano. Adivinha-lhe o comportamento censurável e alcança as suas más intenções quanto à sua pessoa. Todavia, concede-lhe a sua amizade. Sem entender-se, simpatiza com ele, apesar de tudo. Vê nele uma alma solitária e sem rumo. Tem, em verdade, muita piedade dele. Suporta-lhe, diuturnamente, as investidas, defendendo-se como pode.

Esconde isso de Demétrio para não magoá-lo. Ele ficaria muito decepcionado com este agregado; filho dos seus queridos amigos, Galba e Berenice, pessoas altamente conceituadas no mundo romano e, muito principalmente, pelo nobre senador, Olímpius Rúfus.

Adriano vive em constante perigo e sentindo na pele a perseguição daqueles que fazem parte do seu mundo vulgar e desonesto. Os inimigos o perseguem até a exaustão, tirando-lhe até o último tostão e ferindo-o algumas vezes. Ele sabe que qualquer esquina pode lhe servir de túmulo... O que mais teme, porém, é ser descoberto pelos donos da casa, na qual se beneficia e abusa das suas generosidades.

Junto a eles, montou uma farsa que convence e os mantêm tranquilos.

Já se passaram várias semanas desde o primeiro aviso de sua mãe. O que aguarda, de fato, é a notícia do desenlace do pai. Odeia sentimentalismos. Para ele, o pai está se despedindo em boa hora.

Sem constrangimento algum, aceita-se como a ovelha negra da família. Gostaria de ter nascido na casa de Demétrio e de ser um dos seus herdeiros!... Usufrui, sem problemas de consciência, dos benefícios que a casa lhe oferece.

Assim, concentrado, em meio às suas ambições desmedidas, subitamente arrepia-se: “Em sua tela mental, num barulho ensurdecedor, uma horda sinistra disputa, feroz, despojos de guerra... Coisa estranha, um dos homens, ao passar no tropel do seu cavalo, vira o rosto em sua direção e... Adriano se reconhece!...

As cenas se sucedem: O fogo devora as casas... O povo foge tresloucado, sem direção... Mães, com seus filhos ao colo, tropeçando nos próprios pés, olhos esgazeados, enquanto gritos inaudíveis de pavor, morrem-lhes nas gargantas...

Belas mulheres são violentadas e mortas, ali mesmo, numa incrível confusão. Outras são arrastadas pelos cabelos e atiradas sobre os cavalos daqueles que, embrutecidos e selvagens, destroem tudo o que podem alcançar... Os velhos são trucidados. As crianças e os mais jovens são atados, uns aos outros, postos em fila e arrastados para o destino de escravos...”

Letárgico, Adriano assistiu a tudo. Finalmente, sacode a cabeça e tudo se esvai... O que vira, afinal? Nos seus pesadelos, muitas vezes se depara com cenas semelhantes. Passa noites insone e

inquieto, como se algo ameaçador o espiasse através dos seus próprios pensamentos, ou por trás de invisível cortina...

Recai no mesmo estado de antes, algo sonolento, e ouve a voz enérgica do pai, admoestando-o:

“Adriano! O homem vale por aquilo que representa no mundo, no qual vive e age! Para cá viemos, por mercê dos deuses, para o progresso intelectual e moral! Ouça a voz que grita dentro de você, conclamando-o à dignidade e à honra!...

Nossos comportamentos antigos ainda influenciam o nosso dia a dia.

De uma forma ou de outra, quando não conseguimos, tomamos aquilo que desejamos na exacerbação dos nossos instintos primevos; fortemente enraizados em nosso orgulho, ambição e vaidade.

Muitas vezes, nossas almas são lavadas nas águas lustrais da dor e do desespero, quando não ouvimos a voz da razão e do bom senso!

Ainda hoje temos a gloriosa oportunidade de lutar no bom combate da nossa guerra íntima, intransferível!... Desperte, filho muito amado, enquanto é tempo!...”

Sacudindo de novo a bela cabeça, e voltando à realidade, Adriano pensa: “Ora, Adriano, será que enfim as palavras paternas alcançam esta alma tão rebelde e ambiciosa? Arre, quanta tolice! Jamais farei ou serei aquilo que não for do meu agrado!”

Mas... Do fundo de sua alma sedenta de luz, ele questiona:

“Meus pais me concedem tanto... Amam-me de forma incondicional... São tão bons, pobrezinhos... Vivem na esperança de que eu me harmonize com os seus ideais... Tenho-lhes muita pena...”

Revoltado, se defende:

“Afinal, o que tenho?! Devo estar em febres! Por que ressoam, dentro do meu cérebro, as palavras de meu pai e a lembrança, adorável, de minha mãe?!... Será que as sementes lançadas, um

dia, não foram inúteis? Mas, qual! A vida foi feita para ser bem vivida! Aos tolos, as ideias de reformas, defesas do bem, patriotismos, benemerências! Arre!... Vivamos de acordo com as nossas tendências e a nossa vontade, pois não sabemos quando tudo terminará! O destino nos puxa o tapete quando menos esperamos! Ah, os prazeres da vida! O quanto nos deleitam!”

De súbito, sobressalta-se e retorna ao chão que pisa, quando uma voz doce e melodiosa alcança-o. É Sibila:

– O senhor está bem? Há horas está aí a meditar! Já passei por aqui várias vezes, em razão das minhas incumbências e vejo-o na mesma posição e alheamento. O que se passa? Quer dividir comigo? Meus ouvidos estão à sua disposição!

– Não é deles que preciso, Sibila. Quero você, inteira!

– Não me diga tais coisas, peço-lhe!

– Está bem, não direi... por agora; depois, veremos...

Adriano torna-se novamente introspectivo.

Ela insiste:

– Deseja desabafar?

Fitando-a, fascinado, ele concorda:

– Sim, você sempre me acalma.

– Pois fale, estou ouvindo.

– Bem, Sibila, meus pais me chamam à casa.

– Ora, e isto não é bom?

– Não, não é. Principalmente agora.

Sibila torna-se pensativa e indaga respeitosa:

– Como consegue ficar tanto tempo longe deles? Já tive ocasião de conhecê-los, são maravilhosos!

– Concordo. Quem não presta sou eu!

– Ora, não diga isso! Aprendi a lhe querer bem, como a um irmão.

– Este, o seu maior erro, minha bela. Não quero ser seu irmão, quero ser seu amante!

– Nunca os tive e nem pretendo tê-los. Por isso, desista!

– Jamais desistirei! E se eu a obrigasse?

Sibila para o que faz, fixa nele os seus olhos azuis e indaga:

– Suportaria o meu desprezo depois de termos sido amigos?

– Não, eu não suportaria. Você, menina, tem um estranho poder! Apesar da aparência frágil, é forte e dominadora. Não fosse como é, eu já a teria submetido, como acontece a tantas outras.

– Lamento-as...

– Por me amarem?!

– E estamos falando de amor?

Carrancudo, Adriano comenta:

– Por que e para que você é tão instruída e sábia, Sibila? Afinal, é uma serva como qualquer outra!

– Engana-se! Ninguém é igual ou comum, apesar das imposições do mundo e dos diversos métodos para nivelar esta ou aquela categoria de gente. Cada ser é um mundo, especial e único!

– Você é incrível! Como consegue manter-me atento a tudo que diz, sem entediar-me ou fazer-me perder os freios da minha curta paciência, quando me contraria e, de certa maneira, desrespeita a minha posição?!

Sorrindo, matreira, ela responde:

– Ora, afinal, não somos amigos?

– Eu os tenho em profusão, e a nenhum deles concedo tanto!

– Acredita mesmo no que diz?

– Em ter amigos ou conceder-lhes prerrogativas?

– A primeira assertiva, naturalmente!

– Muito bem, menina! Você é uma deusa caída do Olimpo! Por que os deuses não impediram que aqui chegando, você se tornasse apenas uma serva sem valor?

– Devo, eu, mais uma vez, corrigir-lhe as afirmações? Por que não as repensa antes de expô-las de forma tão desastrada?

– Arre, como você é estouvada! Pior que isso, é imprudente! Enfim me diga: O que eu disse que a incomodou tanto? Não ouviu o elogio?

Ignorando-lhe a última indagação, Sibila, olhos cobradores, vincos na testa, responde com outra pergunta:

– Se não tenho valor, por que me premia com sua atenção? E quem conhece as veras razões do destino? Terá sido pela vontade dos deuses que nasci na condição de serva?

Adriano constata que, como sempre, encontra-se em desvantagem, além de ter sido grosseiro e injusto. Tenta consertar:

– Perdoe-me por dizer 'sem valor'. Eu me referia ao valor pecuniário.

– Errou de novo! Neste terrível e deplorável contexto, eu tenho muito valor, sabe disso!

– Sim, tem razão, Sibila. Sua notável sabedoria e erudição me lembram os grandes filósofos da sua raça, que se tornaram escravos de Roma.

– Mas, acima de tudo, têm instruído o povo e os Césares, na demonstração incontestável de que o legítimo poder está na mente do homem e não na dominação, temporal, sustentada por armas e legiões de soldados. Há que refletir a respeito de liberdade ou escravidão, impostas pelas circunstâncias e estribadas nas leis vigentes, quase sempre injustas! Precisamos fazer bom uso da razão, numa compreensão mais elevada, analisando, sem prejuízos de seita ou de classes, a vera justiça!

– Parabéns! Os seus amos a premiaram com uma educação invulgar!

– E eu fiz bom proveito da oportunidade, caro Adriano.

– Apesar da ousadia que merecia um corretivo, gosto quando fala assim comigo.

– Grata, pela deferência, 'meu senhor'!

Sibila diz isso, inclinando-se, aparentemente servil. Logo após, desata numa sonora gargalhada que mais parece um gorjeio de

pássaro.

Adriano deve saber que ela jamais se lhe submeterá, em qualquer campo, apesar das aparências e das circunstâncias nas quais vive.

– Você é surpreendente e maravilhosa, Sibila! Vencer sua resistência será minha maior vitória!

– E acaso já teve alguma?

(Até agora, Adriano tem conseguido se furtar às batalhas. Além da sua má vontade, fatos estranhos o livram, na hora exata, por isso ou por aquilo. Ele respira aliviado, afinal, não possui a têmpera do pai e nem pretende expor a vida, por nada, nem por ninguém.)

– Ora, como é impiedosa comigo!

– Vamos dizer que 'acertamos' as contas, certo?

Sem responder, Adriano se envolve na sua paixão que atinge medidas de difícil controle, a admirá-la, fascinado.

Elegante, vestida numa túnica grega, que lhe cai muito bem, ela se vai. Suas formas, irrepreensíveis, se fazem notar nas dobras do belo tecido branco e sedoso. Na cintura um adereço dourado completa-lhe o traje, cingindo-a. Os cabelos, brilhantes, de um louro fulvo, estão trançados e presos por minúsculas flores brancas, frescas e perfumadas; colhidas no jardim. Os minúsculos pés calçam sandálias macias, amarradas nos tornozelos por fios trançados. Do seu corpo evolam perfumes agrestes.

Muito tempo depois de sua saída, Adriano ainda está envolvido, sonhador e completamente apaixonado. Não há como negar: está, há muito, escravo de um sentimento poderoso, mas jamais a elevará à sua condição de patrício romano. Afinal, ela é apenas uma cria da casa, uma serva de luxo, nada mais. Essas conclusões vêm acompanhadas de um profundo suspiro de ansiedade; na carência de um amor verdadeiro, e diante da constatação que seu sangue borbulha de desejo por tão bela e sábia mulher.

Outra pessoa se aproxima. É seu anfitrião que, deparando-se com ele, saúda-o, indagando-lhe:

– Salve, Adriano! O que o faz tão macambúzio?

– Salve, nobre Demétrio! Estou a pensar na vida!

– E porventura ela não é boa?

– Sim! Principalmente aqui!

– Prefere estar aqui, que em sua casa, Adriano?

Percebendo a estranheza de Demétrio, ele conserta:

– Diante da solicitude, com a qual me premiam, sinto-me tão bem aqui quanto em minha própria casa!

– Agradeço-lhe em nome de todos! E então, o que tem?

– Penso em meu pai e em minha querida mãe.

– Então, vá vê-los!

– No momento, compromissos urgentes me impedem. Todavia, envio-lhes mensagens, dizendo-lhes do meu amor e da minha saudade.

– Assim deve ser! Vá vê-los logo possa, e leve as nossas recomendações!

– Farei isso. Obrigado!

– E quanto ao mais?

– Tudo bem! Sou-lhes imensamente grato por tudo, e rogo aos deuses que me permitam, um dia, pagar-lhes com lucros essas benesses incomparáveis.

– Ora, não se agaste por tão pouco! É um imenso prazer tê-lo conosco! Para nós, você é a presença amiga do nosso caríssimo Galba. Eu e seu pai somos antigos soldados que batalharam, lado a lado. Isto nos uniu como irmãos de sangue. Sempre fomos amigos! Estendemos esta sagrada afeição a você, meu filho. Vê-lo bem e os seus pais felizes, eis o que desejamos. Use esta estada para organizar-se; fique à vontade e sinta-se em casa!

– Agradeço-lhe, mais uma vez e sempre!

– Construa a sua vida, meu filho! Se tivermos contribuído para isso, estaremos sacramentando, cada vez mais, a amizade que une as nossas famílias.

– A honra é sempre nossa, nobre benfeitor. Posso indagar-lhe algo que me mantém curioso?

– Fique à vontade. Se eu puder responder...

– É a respeito de Sibila. Qual a sua origem?

Demétrio estremece ligeiramente e torna-se triste.

– Caso seja assunto privado, ignore a minha pergunta, peço-lhe.

– Não, descanse! Apenas voltei no tempo e revi algumas coisas... Sibila é filha de uma saudosa amiga, Cynara. Comprei-a no mercado de escravos. Ela estava grávida de Sibila, mas eu não sabia.

Adriano não consegue esconder seu espanto:

– O senhor disse saudosa ‘amiga’!

– Sim, porque foi numa querida amiga que ela se tornou, uma vez entre nós!

– ?!...

– Eu explico, Adriano. Ela revelou tal dedicação e bondade que nos surpreendeu a todos. Nesse tempo, meu filho, Hatérius, tinha dois anos de idade e apegou-se, fortemente, a ela. Cynara retribuía-lhe o carinho com veras d’alma. Dir-se-ia duas almas separadas por circunstâncias da vida que teriam se reencontrado para gáudio dos seus corações. E veja, o nosso amor por Hatérius jamais deixou lacunas que precisassem ser preenchidas por outros afetos. Não havia nele, enfim, carências de espécie alguma que justificassem tal afinidade.

– Estranho...

– De fato. A vida possui mistérios às vezes insondáveis!

Demétrio alheou-se, olhar distante, permanecendo absorto. Suspirando, volta a falar:

– Por força do destino, talvez, ou confirmando que estas almas se conheciam, ela salvou nosso filho da morte por três vezes: uma de afogar-se, outra de ingerir um veneno letal, ao qual ele tivera acesso por invigilância de um dos nossos intendentes e, por último, do

ataque violento de um louco possesso.

– Inacreditável!

– Também pensamos assim. Afinal, Hatérius era bem cuidado e vigiado, e não era esta a atribuição de Cynara. Todavia, nestes momentos, quase fatais, era ela quem estava por perto, como se adivinhasse, sempre, quando ele corria perigo.

– Quem tentou matar Hatérius e por quê?

– Um louco, já disse. Ele pretendia vingar-se no meu filho. Tornou-se criado na nossa casa para isso.

– Quais as razões desse tresloucado?

– Ele revelou que meu pai havia prejudicado o seu pai e toda a sua família, quando ele era menino. Confessou ter cevado o ódio no coração, enquanto crescia e aguardava a oportunidade para vingar-se.

– Enfim, ele disse como isso aconteceu?

– Sim. Segundo ele, meu pai os deixou na miséria. Um fato mais doloroso, porém, o fez decidir-se pela urgência da vingança: seu único filho, ainda pequeno, morreu por falta de recursos. Considerando que meu pai era o culpado da sua infelicidade, decidiu destruir a vida de meu filho para vingar-se do avô. Assim, eu sofreria a mesma dor.

– Oh, nobre Demétrio! Conferiu-lhe, depois, as assertivas tão disparatadas?

– Sim! Pesquisando a respeito, descobri que, de fato, seu pai havia sido empregado na nossa casa.

– Era justa, então, a queixa e a revolta do filho?

– Não, felizmente! Sendo ele uma pessoa desequilibrada, viu na dispensa do seu trabalho a razão para todas as suas desgraças.

– Qual a razão dessa dispensa?

– Roubo! Apiedado, em vez de prendê-lo, meu pai mandou-o embora.

– Como, chegaram a tais conclusões?

– Revendo velhos arquivos de contas e anotações, a respeito da organização e administração da nossa casa, ao tempo da minha infância. Ali se encontrava o nome do seu pai, mas para alívio nosso e desgraça dele, o comportamento do seu genitor não era como ele julgava; muito pelo contrário. Por isso, ele fora posto na rua.

– Ele se julgava injustiçado apenas porque o pai havia sido despedido?

– Não. A soma que fora levada por seu pai, o meu conseguiu resgatar. Pois bem! O ladrão infame criou o filho na ilusão de que meu pai o havia injustiçado nos pagamentos dos serviços e, com isso, prejudicado a sua família. Assim, incentivou-o a vingar-se.

– De que maneira sua serva salvou Hatérius?

– Para nossa felicidade, ela estava sempre no lugar certo e na hora certa. Ela suspeitou dos modos do criado e pressentiu-lhe a intenção criminosa. Quando, enlouquecido e violento, ele sacou um punhal e avançou para Hatérius, ela se interpôs entre os dois e recebeu, em pleno peito, o golpe.

– Digna e corajosa mulher!

– Assim era nossa querida Cynara! Sibila, para nós, é a sua amorosa herança!

– Ela perdeu a vida neste ato de bravura?

– Não, graças aos deuses! Esteve entre a vida e a morte, por meses a fio. O golpe fora quase fatal. Tratada pelos melhores médicos de Roma, ela restabeleceu-se, para nossa alegria. Desde então, já não era apenas uma serva, mas uma querida amiga.

– Belo gesto! Digno desta família que admiro e na qual posso haurir os mais belos exemplos de bondade e justiça!

– Agradeço-lhe os elogios, caro Adriano.

– Diga-me, o que foi feito de Cynara? Se Sibila foi criada por vocês, onde ela está?

– Bem, Adriano, podemos deixar de lado estes detalhes? Por hoje já falamos demais a respeito!

– Naturalmente! Só mais uma coisa, permita-me! Se a afeição de Hatérius por Sibila se transformasse em amor, o que faria?

Demétrio empalideceu. Adriano notou-lhe o susto e a reação...

Controlando-se, Demétrio pigarreia, encena um ar de descontração que está longe de existir, e responde:

– Eu seria o primeiro a lamentar...

– Poderia esclarecer-me, nobre Demétrio? Se bem eu já saiba a resposta, porque vem ao encontro daquilo em que acredito...

– Em que acredita, Adriano?

Para Adriano, surpreendentemente, a indagação soou como uma ironia, mas descartando essa possibilidade, ele responde taxativo:

– Acredito que os níveis sociais são determinados pelo nascimento e que não podemos transgredir certas leis!

– Assim é, Adriano!

Demétrio confirma-lhe a declaração. Felizmente, o rapaz não deve ter entendido a sua vacilação. A esse respeito, Demétrio traz o coração em suspenso. Suas noites são inquietas e atormentadas. Todavia, é preciso deixar esse assunto enterrado e muito bem enterrado, como um bicho morto... – ele conclui, dando a conversa por encerrada.

Algo cansado e profundamente tocado, despede-se, antes que Adriano o coloque em situação ainda mais perigosa.

*

Enquanto isso, Galba se fina, aos poucos, como uma chama sem combustível.

Berenice, abatida e triste, dobrou-se como um arbusto sob a fúria de um vendaval.

Desistiram de chamar o filho.

– Meu Galba, nosso filho deve estar muito ocupado em Roma; senão já nos teria atendido, não acha?

– Sim, minha querida Berenice. Lamento tanto não lhe falar, enquanto ainda tenho as ideias lúcidas... Infelizmente, dentro de

pouco tempo, meu caminho se tornará obscuro, com a ausência da razão...

Pobre filho! Eu, talvez, tenha sido severo demais! Sempre nos desentendemos! Apesar de tudo, ter-lhe-ei sido um bom pai?

– Dos melhores! Eu sou testemunha disso, diante dos deuses!

– O quanto eu gostaria de revê-lo, antes de partir...

– Não diga isso, meu grande guerreiro!

– O seu guerreiro, enfim, vai descansar, Berenice. Deploro o que está vivendo ao meu lado. Gostaria de dar-lhe apenas alegrias, mas em vez disso...

– A vida não é feita apenas de alegrias, nós sabemos. Quando esquecemos, a dor se encarrega de nos lembrar.

– Amo tanto você e ao nosso filho que me apavoro, diante da iminência de deixá-los para adentrar um mundo completamente desconhecido!... Serei julgado pelos deuses!... Como podemos, Berenice, acertar sempre, se a vida nos empurra de todos os lados? Os deuses nos julgam, mas eles mesmos são tão estranhos... Quantas vezes minh'alma os questiona... A divindade fecha os olhos à nossa pequenez e exige-nos perfeição? Ah, Berenice, nem esta tranquilidade eu terei... Sofro ao deixá-los e sofro na incerteza daquilo que encontrarei do outro lado...

– Meu amado, não se atormente, peço-lhe! Nossas orações, aos Manes, certamente o protegerão, confie. Eu ficarei, caso sobreviva, a rogar por sua alma.

– Berenice, eu tenho um último pedido a fazer!

– Sim? E qual é?

– Que você procure ser feliz! Espero que, neste tempo, o nosso querido Adriano, mais amadurecido, seja o seu esteio!

– Ele será, sem dúvida. Agora descanse, por favor...

Galba fecha os olhos e cai em profundo letargo, enquanto Berenice vela, lágrimas a rolar. Chorar é o que tem feito ultimamente. Nunca imaginou sofrer tanto.

Algum tempo se passa e Galba estremece levemente. Observando-o, ela ouve uma voz que parece soar dentro do seu próprio cérebro:

“Ele morreu no madeiro infamante, todavia, Ele era o Cordeiro de Deus!...”

Surpresa com a frase que conhece apesar de não ser cristã, ela nota que o marido chora lágrimas copiosas. Toca-o, de leve. Ele desperta, olha ao redor, e declara:

– Que estranho, Berenice! Assim que dormi, vi um homem vestido numa túnica refulgente a me dizer: “Ele morreu no madeiro infamante, todavia, Ele era o Cordeiro de Deus!...”

Ato contínuo, vi um homem ensanguentado, preso numa cruz, a exalar o seu último suspiro. Este me olhou com compaixão e, sem mover os lábios feridos, falou comigo: “Seja paciente e confie Naquele que nos ama a todos!...”

O que você acha? Os judeus falam de um profeta que morreu na cruz, em nome do seu Deus único! Sabemos que ladrões e criminosos são crucificados para exemplificação...

– Por isso, as palavras: ‘madeiro, infamante’. Este, por certo, era um justo!

– Tem razão. Este povo tem tido muitos profetas.

– Galba, não tive a mesma visão que você, mas ouvi a mesma frase! Isso enche meu coração de novas esperanças. Nós estamos protegidos! Quem quer que seja, nos sustenta, nestes momentos cruciais. Os deuses encontraram, enfim, uma forma de nos socorrer.

– Esta experiência me faz pensar, Berenice. Estou aqui, junto a você, amorosa e boa, no meu leito confortável, na minha casa, e aquele homem me pareceu tão sozinho... Agradeço aos céus o conforto no qual aguardo a minha hora extrema.

Como um bom guerreiro, devo compreender a minha nova e fatal condição, entregando-me àqueles que têm a incumbência de me conduzir ao mundo das sombras...

– Prefiro pensar que tudo isso passará, meu querido. Não posso

imaginar a vida sem você.

Dirigindo-lhe um olhar de gratidão, Galba fecha os olhos.

Ela arranja-lhe os lençóis e sai de mansinho. A fraqueza física nele é visível.

Seus companheiros de luta souberam da sua estranha doença, que parece querer levá-lo de vez, mas ninguém se atreve a visitá-lo. Rogam a Deus por ele, que se sacrificou pela causa.

Ben Azir, enquanto aguarda o momento oportuno e seguro para vê-lo, envia-lhe mensagem escrita, com palavras de coragem e amizade.

Galba, muito grato, respondeu-lhe no mesmo teor, enviando-lhe abraços e votos de vitória.

Passando por Jerusalém, o senador Olímpius Rúfus vai visitar Galba, constatando a gravidade da sua situação. Uma vez ali, indaga por Adriano. Estranhou não vê-lo ao lado dos pais.

Ouve-lhes as habituais desculpas paternais e amorosas. Cala-se e finge aceitá-las, para não entristecê-los. Dispensa-lhes toda solicitude possível. Põe-se à disposição, promete visitá-los novamente, e decide ir à procura de Adriano.

Para isso, chegando a Roma, vai à casa de Demétrio:

– Salve, Demétrio!

– Salve, nobre senador! Quanta honra para a minha casa!

– A honra é sempre minha, querido amigo! Como vai?

– Eu estou bem e os nossos também! Como está, Hatérius?

– Muito bem e a cada novo dia, mais vitorioso, em tudo que faz. É um digno filho desta nobre família romana!

– Isto me engrandece, caro senador!

– Visitei nosso companheiro, Galba, e lhe trago uma mensagem dele. Aqui está.

– Agradeço-lhe! Como ele está?

– Não muito bem! Por isso vim. Adriano se encontra em casa?

– Sim! Deseja falar-lhe?

– Peço-lhe permissão para isso.

– Sua vontade será sempre uma ordem, a qual obedecemos para gáudio dos nossos corações!

– Agradeço-lhe, mais uma vez e sempre! Honra-me sua inalterável amizade!

– Ficará um pouco mais conosco?

– Sim! Não perderia esta feliz oportunidade!

Com uma inclinação de cabeça, respeitoso, após indicar um confortável assento ao senador, Demétrio interna-se na casa e manda chamar Adriano.

Avisado da inesperada visita, Adriano se sobressalta. Todavia, atende ao chamado, num terrível desconforto. Para ele, Olímpius é um censor e, mais que isso, um juiz! Sua palidez denuncia um grande nervosismo. Há muito vem escapando deste homem, como da própria consciência. Respira fundo e tenta disfarçar. Em poucos instantes, encontra-se diante do senador.

Empertigado, mão fechada sobre o peito, inclina-se, reverente e cerimonioso:

– Salve, nobre senador Olímpius Rúfus!

– Salve, Adriano! – retribuindo-lhe os cumprimentos de praxe; vincos na testa, o senador não disfarça a sua contrariedade.

– Aqui estou à sua disposição! – complementa Adriano, muito desconcertado.

– Sente-se que desejo falar-lhe!

– Sim, senhor!

– Estive em Jerusalém e, uma vez ali, como sempre faço, visitei os seus pais!

Silencioso, Adriano sente o sangue gelar-lhe nas veias.

Diante da sua reação, o senador prossegue, frisando fortemente as palavras:

– Muitíssimo incomodado fiquei quando tomei conhecimento daquilo que eles estão vivendo e, muito mais, por não encontrá-lo ao lado deles!

Num átimo de segundo, Adriano pensa:

“Até onde ele estará informado?” Sua situação é assaz, delicada. Todavia, é um hábil jogador, irresponsável e venal. Assim, ousa:

– Está acontecendo algo que eu ignoro? Oh, espero que não! Estou a braços com tantos problemas! Por isso não fui vê-los!

Enquanto fala, observa as reações do senador.

Este, impassível, faz o mesmo com ele. Pode devassar-lhe a alma, sem esforço... Conhece, de longa data, os seus defeitos de caráter.

– Seu pai me disse que lhe escreveu, informando que está muito doente. Concluo que a referida missiva não tenha chegado às suas mãos...

– De fato, nada recebi! Estou indignado! Há que se punir a patente incompetência daqueles que nos servem! Que tempos estes! Quanta irresponsabilidade!...

Teatral, exaltado, Adriano levanta-se e prossegue:

– Se eu soubesse, já teria ido vê-los!

Mal-impressionado, certo que Adriano mente, o senador desabafa, sincero:

– Tenho pena deles, Adriano! Você nunca cresceu! Continua sendo um menino e, infelizmente, sem caráter e sem sentimentos!

O senador cuida para não ser ouvido, por mais ninguém. Por isso, fala baixo.

Adriano volta a sentar-se e muda de cor, várias vezes. Passa do vermelho sanguíneo ao branco total. Não tem saída; terá de ouvi-lo... Cala-se e engole seco, chumbado ao assento.

Sem intervalo, o senador prossegue:

– Constatei, *in loco*, que há muito você não vai visitá-los. Se o fizesse, estaria sabendo da doença do seu pai!

Adriano volta à carga:

– E eu, aqui, desinformado! Preciso vê-lo!...

O senador sorri, sarcástico, desconcertando-o.

Tendo se levantado de chofre, Adriano senta-se de novo, frente ao olhar de águia do senador.

Fazendo um grande esforço para não perder o equilíbrio, diante de tanta desfaçatez, Olímpius lhe diz:

– Vá vê-los, o mais rápido que puder! E não diga que estive aqui! Deve fazê-los pensar que você age de moto próprio, entendeu? Prezo demais aos seus pais!

– Sim, senhor, farei isso; prometo!

– Mesmo não acreditando mais nas suas promessas, e tendo inúmeras razões para isso, espero que vá; não apenas vê-los, mas dar-lhes a cobertura filial que lhes deve. Caso não o faça, ver-se-á comigo, garanto-lhe!

– Sim, senhor!...

Dando a entrevista por terminada, e profundamente decepcionado com o filho de Galba, Olímpius ordena:

– Chame o seu anfitrião e diga-lhe que já conversamos!

– Sim, senhor...

Adriano sai muito constrangido. Suas feições revelam um grande desequilíbrio.

Ao vê-lo, Demétrio indaga:

– O que se passa, meu filho? Você não me parece bem!

– Oh, meu amigo e grande benfeitor! Meu pai está gravemente doente! – as lágrimas brilham nos seus olhos (?).

Demétrio põe-lhe a mão no ombro e responde:

– Deve ir visitá-lo, sem demora!

– Sim! É o que farei!

Solidário, Demétrio acrescenta:

– Eu também preciso visitar o meu amigo! Então, iremos juntos!

– Agradeço-lhe por tudo! Que os deuses o abençoe!

– Tenha coragem! Seu pai é forte e logo se restabelecerá!

– Sim! Esse pensamento me sustentará! – ele responde, desejando que Demétrio esteja enganado. Interna-se na casa e dirige-se aos seus aposentos.

Ali, possesso, bate com o punho fechado sobre um console e pragueja. Odeia ser impelido a fazer aquilo que não deseja e, muito mais, abomina receber ordens de quem quer que seja. Por isso, fora expulso da academia de Crotona, por sua insubordinação.

Naquela ocasião, o senador, apiedado dos amigos, Galba e Berenice, conseguiu esconder-lhes esse triste fato. Pretendia (desistindo depois) recambiá-lo à referida academia.

Enquanto arruma a bagagem, Adriano sorri satisfeito, ao pensar que Demétrio também irá. Com ele, será mais confortável viajar e mais econômico. Durante o percurso, se comportará de acordo com a imagem que criou para viver na casa do nobre patrício.

Egoísta e insensível, conclui que nunca preocupa os pais; exceção feita quando lhes requisita mais recursos. A vida fora de casa é muito cara!... Ah, que os deuses lancem sempre um véu sobre os olhos compassivos dos seus pais, e sua vida continuará a ser um mar de rosas!... Nestes pensamentos, ele se apresta para a viagem. Afinal, será uma ótima oportunidade para fugir, por algum tempo, dos perigos que rondam sua vida em Roma...

Sentirá saudades de Sibila!... Preocupa-se com a distância, afinal, conhece de longa data os sentimentos de Hatérius para com ela.

Hatérius não desconhece a verdadeira vida de Adriano, mas espera que os seus pais descubram, por si mesmos, e de maneira convincente. Ele delega ao tempo essa tarefa ingrata, assim como as suas consequências. Seu pai protege e defende, sempre, esse agregado, em nome da sua grande amizade a Galba.

Hatérius permanece pouquíssimo tempo em casa. Sua vida de tribuno exige-lhe muito. Mas não economiza olhares ameaçadores e de declarada censura, na direção de Adriano.

Assim vive Adriano; amado pelos pais, finamente educado, mas

sem amor no coração, oportunista, e ingrato.

Observando Sibila, Adriano jamais lhe surpreendeu qualquer interesse por Hatérius; a não ser amizade e um grande respeito.

Nisso repousa a sua certeza: Hatérius ama Sibila, mas não é correspondido.

E, para ele, este sentimento deve ser um tormento. Apesar da boa educação de Sibila e das suas virtudes, ela é de nível social inferior.

A nobre família romana de Demétrio não tem o hábito de transgredir leis. Isso tranquiliza Adriano. Se ele deseja Sibila, acredita que a terá, no momento certo, de uma forma ou de outra.

Voltando à realidade, reflete que brevemente estará em casa!... Como será? O que vai encontrar? Sequer imagina...

Uma certeza leva consigo: irá deparar-se, como sempre, com a tolerância habitual dos seus pais. Eles o amam, abnegadamente! Isso lhe faz muito bem!...

A visita

ENQUANTO SE PREPARA para o casamento, Ben Azir prossegue lutando por seus ideais.

Sua família, na doce expectativa dos esponsais, se desdobra numa dedicação, notável. Os cuidados e a delicadeza, em cada detalhe, revelam almas harmonizadas no vero amor.

No seu grupo revolucionário, Ben Azir continua sendo o mais expansivo, o mais intimorato; seja na exposição das próprias ideias, seja nas ações. Decidiu rever o velho companheiro de lutas e, encapuzado, nas sombras da noite, foi visitar Galba.

Previamente avisado por um servo de Ben Azir, Galba se recosta nos travesseiros e aguarda. Está ansioso para rever o rapaz pelo qual nutre muita amizade e admiração.

Ben Azir chega e é conduzido por Berenice aos aposentos do amigo.

Mal impressionado com sua deterioração física, disfarça e indaga-lhe, respeitoso:

– Como está o nosso admirável companheiro de lutas?

Galba abre um sorriso e responde:

– Salve, amigo Ben Azir! Bons olhos o vejam! Que alegria para este coração sofrido fitar-lhe o belo e nobre semblante! Mas diga-me, o que faz aqui? Enlouqueceu, meu jovem? Não vê que pode ter sido seguido?

– Acalme-se! Tomei todas as precauções possíveis! Vim saber de você e de sua saúde, trazendo, igualmente, as saudações de todos

os outros e os seus abraços, com os votos de um breve restabelecimento!

Galba desenha na face um pálido sorriso, enquanto lhe responde, sincero:

– Desejando-lhes boa sorte nos diversos empreendimentos, e sabendo que nunca mais estarei com vocês, na justa e louvável intenção que caracteriza o nosso ideal, agradeço-lhes, mas nem todos os bons augúrios do mundo poderão modificar a minha situação. Definho aos poucos, Ben Azir... A morte se aproxima a passos largos e, paulatinamente, se faz minha inconjurável companheira...

– Enquanto houver vida, haverá esperança, Galba. Não fale assim, seja forte e não se deixe abater.

– É inútil lutar contra a fatalidade.

– Concordo. O meu povo também pensa assim.

– Ah, como a vida nos ensina, meu jovem amigo!... A duras penas, aprendi a respeitar e a admirar a sua raça, naquilo que ela possui de melhor. Você é um ótimo exemplo! Ultimamente recordo, mais que no passado, o meu saudoso amigo, Hannah...

– Já nos contou esta notável experiência.

– Aqueles acontecimentos, tristes e inesquecíveis, iluminaram-me a alma, abrindo-lhe as comportas da compreensão e da solidariedade para com todas as raças do mundo. Hoje sei que devemos avaliar as pessoas por aquilo que são e não por sua origem racial.

– De fato! E quando lutamos em prol da justiça, o fazemos contra gregos ou troianos, o caro amigo sabe.

– Ben Azir, você é um rapaz admirável! Um escolhido dos deuses e por eles protegido. Seus dotes de inteligência e coração são inquestionáveis!

– Agradeço-lhe os elogios! Sei que são sinceros. Devo muito aos meus pais. Deles recebi os melhores exemplos e o estímulo para lutar por meus ideais. A educação que me caracteriza é banhada

em muito amor e respeito.

Galba pensa em Adriano e mede a distância moral que separa esses dois jovens... Deplora, mais uma vez, estar partindo tão cedo, quando seu filho precisa ainda de orientação... Seu cansaço é visível. Fecha os olhos e respira com dificuldade.

Respeitando-lhe os limites físicos, Ben Azir decide ir-se:

– Caríssimo amigo e bravo soldado, descanse! Contradizendo o seu pessimismo, espero que muito em breve esteja de pé e recomeçando as suas atividades!

Sorrindo, grato, Galba lhe responde:

– O otimismo é uma das suas qualidades, Ben Azir! Conserve-se assim. Desculpe-me o desânimo, peço-lhe... Sinto que brevemente darei contas, aos deuses, dos meus atos terrenos...

– Se assim for, que eles lhe sejam favoráveis! Acredito que não lhe faltará, sequer, a famosa e almejada coroa de louros! Certamente, ao vê-lo no portal do Olimpo, eles exclamarão:

“Ave, Galba! Aqueles que o admiram e protegem o saúdam!...”

Mas, a despeito de tudo o que diz, desejo-lhe saúde e muito tempo conosco, ainda. Os deuses podem esperar!

Galba sorri encantado com tanta bonomia e otimismo, sinceros.

– O coração deste guerreiro abatido lhe agradece, nobre amigo.

– Momentaneamente abatido, Galba!

– Não, Ben Azir, minha última batalha chega ao fim; ela é solitária e intransferível... É minha, somente minha...

– E nesta também sairá vitorioso, haja o que houver, bravo soldado de Roma! Assim como você aprendeu a admirar o meu povo, eu aprendi também a julgar as pessoas pelo caráter e não pela origem. Consequentemente, aqui estou eu, a elogiar, entusiástica e sinceramente, um romano. Povo que nos submete e humilha, diuturnamente. A bem da verdade, como costuma ser em qualquer parte do mundo, nem todos agem assim... Como você, entendo e aceito todas as raças naquilo que elas possuem de melhor!

– Assim é, meu jovem e valoroso amigo. Diga a todos que agradeço as saudações e os votos de saúde, retribuindo-os na mesma medida!

– Direi, meu amigo e companheiro de lutas em prol do bem e da justiça!

– Até outro dia, Ben Azir! Aqui... Ou no mundo das sombras!...

Ben Azir desiste de contrariar-lhe as tristes perspectivas.

Galba fecha os olhos, interiorizando-se. De súbito, geme e aperta o peito, aflito. Berenice chega com o remédio. Ele ingere o medicamento e alguns minutos depois parece melhorar. Respira fundo e se acomoda melhor no leito.

Inclinando-se, Ben Azir o abraça, respeitoso. A emoção domina-os... Fitando-o, demoradamente, sob o olhar emocionado de Berenice, Ben Azir se solta do abraço e afasta-se.

À frente do amigo, junta os calcanhares, levanta a mão direita em forma de saudação e, com a esquerda, punho fechado, pressiona o coração, fazendo hercúleo esforço para conter as lágrimas, enquanto exclama:

– Ave, Galba, centurius! Ave, bravo soldado! Que os seus deuses o protejam e iluminem!...

Tão emocionado, quanto, e imitando-lhe os gestos, conquanto acamado, Galba lhe retribui à altura a elegância e a amizade:

– Ave, bravo soldado do Deus único! Que os céus o premiem com muitas vitórias!...

Galba fecha os olhos, profundamente emocionado. Grossas lágrimas escorrem, livremente, por seu rosto extremamente abatido.

E, nos belos olhos do seu jovem amigo, a mesma química se instala...

Despedindo-se de Berenice que o acompanha até a saída, Ben Azir puxa o capuz sobre a cabeça e parte do rosto, e envolve-se num amplo manto negro. Sai, olhando ao redor, mão sobre o cabo da adaga, preparado para um eventual confronto.

Alguns metros adiante, sob uma marquise numa reentrância das ruínas de uma casa desabitada, ele pega o seu cavalo que ali ficara escondido. Monta-o, ágil, e imprime-lhe grande velocidade. Cavalgando cada vez mais rápido, desaparece nas sombras da noite sem lua e sem estrelas.

Alguns quilômetros mais, atira o capuz para as costas e, mais tranquilo, completa o percurso. Já trilha caminhos que são de sua propriedade. Sua família possui muitas terras.

Respirando fundo, sentindo o ar balsâmico da noite penetrar-lhe os pulmões, exclama:

– Voltar para casa, sempre! Bênção divina!... – arrepia-se... Até quando a sorte o acompanhará, livrando-o dos perigos?!...

Sacode a bela cabeça para desanuviar, mas torna-se sorumbático. Pensa na jornada do caro amigo que agora se despede da vida.

Galba encontra-se desiludido e infeliz, apesar de tudo que já viveu.

Somente Berenice e os veros amigos concedem-lhe algum conforto.

Aqueles que ombrearam com ele em lutas sangrentas, de vida e de morte, nos campos de batalha, hoje o execram (exceção feita a alguns), em nome da mesma Roma que defenderam juntos.

Enfim, Ben Azir chega e adentra os portões de sua luxuosa residência.

Deborah, que lhe vem ao encontro, percebe-lhe os vincos na testa. Abraçando-o, indaga-lhe o motivo.

Ciente de que não deve aumentar-lhe a carga de insegurança, responde, sem faltar com a verdade, afinal:

– Nosso amigo Galba, mamãe, definha a olhos vistos.

– Lamento...

– Berenice é o retrato da dor!... Nos seus olhos, o pavor da iminente separação. Eu e Galba conversamos, como nos velhos tempos!...

– Como nos ‘velhos tempos’?... Ora, Ben Azir, você ainda não

completou vinte anos!

– Todavia, sinto-me bem mais velho. Parece-me, às vezes, mãe querida, carregar o mundo nas costas...

– Tal qual o famoso Atlas?

– Sim... Mas, deixando de lado a mitologia grega, vamos ao que nos toca mais de perto e diga-me, o que temos para comer? Estou faminto!

– Teremos à mesa aquilo que mais apreciamos. Nossa cozinheira é muito versátil!

– Assim ela agrada a gregos e troianos, não é?

– É verdade! E retornamos à mitologia! Ela retrata as nossas paixões, vícios, desregramentos, tragédias e o grande potencial para crescer, material e espiritualmente!

– Louvado seja Deus! Minha mãe é uma sábia mulher!

– Agradeço o elogio, filho! Mas, voltemos ao chão que pisamos, sim?

– Naturalmente! Diante da fome que sinto, nesse momento, prefiro um bom assado a quaisquer alegorias!

Ouvem passos, Ben Azir se volta e exclama, ao ver o pai que chega:

– Saúde e paz, meu pai!

– Para você também, Ben Azir, meu filho! – responde Jairo, precipitando-se para abraçá-lo e beijá-lo.

– Que o Senhor Nosso Deus nos abençoe sempre! – Deborah arremata.

– Que assim seja! – respondem pai e filho.

Abraçados, eles seguem para o salão de refeições, onde pratos fumegantes estão sendo colocados sobre a mesa. Pode-se sentir, de longe, o aroma dos alimentos, que denunciam os seus irresistíveis, sabores. A refeição decorre num agradável e afetuoso alarido.

Esta família, reunida e feliz, sabe que nem sempre será assim. A

vida ensina, todos os dias, que aqueles que se amam se separam, mais cedo ou mais tarde, por isso ou por aquilo.

*

Todos nós, meus caros leitores, deveríamos pensar seriamente nisto. Assim, seríamos melhores, uns para com os outros. Mormente, nos tempos que correm...

*

Fartos e felizes, cada qual segue rumo aos seus interesses, antes do sono dominá-los e exigir-lhes as horas de descanso e de refazimento.

Deborah, no momento, recebe a visita de sua grande amiga, Soraia.

Ainda no salão de refeições, enquanto Deborah orienta os criados, elas conversam.

Ouvindo-lhe as diversas avaliações, disto ou daquilo, Soraia comenta:

– Deborah, apesar da alegria saudável que caracteriza a sua família, vejo-a muito aflita! Os cuidados com o filho exaurem sua alma sensível e amorosa!

– Assim é, Soraia. E poderia ser diferente? Você nos conhece e sabe o quanto nos amamos... Até quando estaremos juntos? Quando a vida nos arrebatará o filho amado?!... E eu sobreviverei a isso, amiga?!...

– Fico imaginando se vocês, pais amorosos, não poderiam impedir o filho de aventurar-se dessa forma. Seu coração é um caos de medo, de insegurança e de perda antecipada!

– Nossa liberdade individual é sagrada, Soraia. Ben Azir, assim como seu pai, possui uma personalidade marcante. Ele sabe o que quer.

– Mas, ele poderia deixar para outros, mais rudes ou mais solitários, essas tarefas inglórias e cruentas!...

– Cruentas elas são, às vezes... Inglórias, jamais, porque terão

valido pelo esforço e intenções, nobres. Apesar dos sofrimentos advindos, os seus objetivos são sagrados. Se não existissem homens que lutassem por seus direitos, estaríamos ainda na barbárie. Há que se analisar o progresso já alcançado e, neste, a coragem e o sacrifício de muitos mártires...

– É o que deseja para o seu filho?

– Certamente não! Sofro como qualquer outra mãe ao ver um filho em constante perigo. Mas como impedi-lo de ser fiel aos seus princípios?

– E os mandamentos de Deus? Alguns comportamentos, ditos patrióticos, os contradizem!

– Estamos, Soraia, a caminho da perfeição e exercitando um comportamento cada vez melhor diante da liberdade que o Criador nos concede! Nesse nosso mundo, tão difícil, muitas vezes precisamos fazer aquilo que devemos, e não aquilo que gostaríamos.

Analiso o comportamento de meu filho, da mesma maneira que antes o fiz, com referência ao meu marido, nas mesmas circunstâncias.

– Entendo... Diga-me, se puder; como é possível um filho tão amoroso e doce, como o seu, envolver-se em lutas, por vezes tão sangrentas?

– Ele não se ‘envolve’, minha amiga! Ele defende a própria vida e a vida dos seus companheiros, como bravo homem que é, combatendo pela justiça, na certeza daquilo que faz, e do compromisso que assumiu diante dos seus ideais!

– E somente assim a justiça será implantada?!...

– Lamento, do fundo do meu coração, dizer-lhe que, infelizmente, ainda é assim. Você sabe, como digna mulher do nosso povo, sofrido e sufocado, que não lutamos apenas contra os romanos que nos submetem orgulhosos e rapaces, mas contra os poderosos da nossa própria raça, quando desonestos, ambiciosos e prepotentes. Estes, além de sugar, diuturnamente, o nosso sangue, são

cúmplices dos nossos inimigos. Os poderes civil, político e religioso que, afinal, se resumem numa via única; abrigam em seu seio (com algumas abençoadas exceções) autoridades arbitrárias e corruptas.

– Apesar de tudo, você deveria convencer seu filho a mudar a direção do seu destino!

– E quem conseguiria?... A bem da verdade, eu jamais o faria. Acredito naquilo que ele faz e admiro-lhe a intrepidez. Se eu pudesse, estaria com ele, ombro a ombro!

– ?!...

– Se surpreende?

– Em verdade, não. Conheço bem a sua coragem e determinação, mas, minha amiga, estamos falando de vida e de morte. Seu filho pode sucumbir, a qualquer momento!

– Não preciso que me diga isto! Já sofro o bastante com essa terrível expectativa... A incerteza, Soraia, faz parte da vida e, às vezes, determina rumos inesperados, por mais prudentes que possamos ser...

– Duvido dessa assertiva. Procuro pautar minha vida num contexto mais ameno, mais possível, mais seguro...

– Dentro do seu modo de pensar, aquilo que diz procede. Mas, quando o ‘seu destino’ chegar, você será impotente para conjurá-lo.

– Ainda assim, penso que muitos destinos são construídos, dia a dia... Este parece ser o caso de seu filho...

– Deus o guiará e protegerá, haja o que houver!

Deborah silencia, coração apertado.

Soraia, incansável, persiste:

– Deborah, como esperar a proteção divina, se para defender-se e aos seus companheiros algumas vezes ele precisa matar?

– Ele é apenas um soldado em guerra, a se defender. O próprio instinto de sobrevivência fala mais alto. Seria insano se ele não se defendesse, até as últimas consequências. Estou ciente de que meu filho procura, de todas as formas, evitar atitudes extremas. Cruel,

ele jamais será.

Penalizada, diante da amiga que corajosa e paciente se defende, Soraia declara, sincera:

– Lamento os seus tormentos, Deborah. Perdoe-me! Minha intenção é boa, acredite. Ouvindo-a, compreendo melhor aquilo que vive...

– Agradeço-lhe! De certa forma, este desabafo me fez bem. Como sabe, raramente falo nesses assuntos. Precisamos nos proteger.

– Triste sina, Deborah!

– Depende do ângulo de visão, minha amiga! Recordo o nosso profeta e grande legislador, Moisés, que nos trouxe as leis de Deus e disciplinou, dura e sofridamente, o nosso povo, quando da sua missão. Numa situação limite, ao descer do monte Sinai e deparando-se com o povo invigilante que adorava o Bezerro de Ouro, num momento de fúria, ele traiu as leis, das quais era o sublime intérprete, penalizando, cruelmente milhares de idólatras... A luta, enfim, faz parte do caráter do nosso povo que defende a própria raça e as suas mais caras tradições, entregando a própria vida quando necessário. Nós duas, nestes momentos de extrema confiança e amizade, sob o olhar de Deus, sinceras e espontâneas, analisamos racionalmente as coisas desta vida.

– Tem razão... O que me leva a falar sobre esses assuntos é a confiança mútua. Temo por você e pelos seus...

– Imagine o meu coração de mãe! Enquanto meu filho planeja ser feliz com a mulher amada, ele traz sobre a cabeça, presa por um frágil fio, a espada de Dâmocles...

– Espero que os seus sonhos se realizem!... Diante de tudo, concluo que nessa vida incerta e frágil, todos enfrentamos, por vontade própria ou não, grandes riscos! A qualquer momento, podemos perecer e muitas vezes de maneira muito estúpida! Nossa fragilidade humana precisa de mais prudência e menos orgulho!

Levantando a cabeça, Deborah conclui, corajosa:

– Enfim, meu filho segue o seu caminho fiel aos seus ideais, e eu

espero que Deus abençoe os seus acertos e perdoe os seus erros, assim como deve ter sido com o grande Moisés, diante de sua histórica incoerência!

Sorrindo, divertida, Soraia comenta:

– Se os nossos sacerdotes ouvissem o que diz, minha amiga, você estaria em maus lençóis!... Muito exaltados, eles gritariam:

“Anátema!...”

– O poder deles, muitas vezes duvidoso, e nós sabemos disso, não me tira a capacidade de raciocínio. Tenho a mente clara e o coração sensível, quanto à Verdade. Apesar das nossas múltiplas deficiências, é Deus quem conduz o nosso povo!

– Ainda assim, fomos escravos algumas vezes.

– Para nosso aprendizado. As dores ensinam!...

– Ele sabe o que é melhor para os seus filhos mas, muitas vezes, nós falamos em Deus sem entendê-Lo!

– E assim, vamos penando ao longo das gerações! Hoje, subjugados, sob o poder nefasto de Roma que nos sufoca, despoja de tudo, e investe, furiosa, contra as nossas mais sagradas tradições!

– Realmente! O nosso sangue ferve nas veias! Deus nos prova de todas as maneiras!

– Nós nos defendemos, mas... Nos embates, sob a violência guerreira dos soldados romanos, muitos judeus têm perecido. Aqueles que sobrevivem a tais enfrentamentos, quase sempre mutilados, são os maiores troféus de Roma, a servirem de exemplo a outros tão afoitos quanto. Mas, ainda assim, alguns, como nós, se atrevem a desafiá-los! O que me sustenta, amiga, é que acima de tudo e de todos, Deus está! Esta vida perigosa me exige coragem e muito desprendimento!

– Admiro-lhe a coragem e a fé, afinal sou racional, mas não insensível. Faz parte da minha natureza acomodar as coisas de forma mais tranquila e mais segura.

– Mas nem sempre consegue, certo?

– Sim, todavia, é assim que sei viver, sem grandes ações e aguardando dias melhores.

– Somos amigas há tanto, não é, Soraia?

– Verdade, somos irmãs!

– Bem, vamos dormir? Se depender de nós, jamais esgotaremos todos os assuntos que nos interessam. Meu marido já deve estar impaciente com a minha demora! Durma bem!

– Desejo-lhe o mesmo! Sonhe com a justiça instalada em nossa terra!

– A esse respeito, Soraia, eu não quero sonhos, quero realidade!

Ben Azir, exausto, há muito está dormindo. Ele também questiona, diuturnamente, os próprios atos. Os exemplos de seu pai pesaram bastante em sua formação de caráter. Cresceu admirando a sua patente coragem e o seu amor à justiça. Entrega-se, inteiro, aos seus ideais, lutando bravamente por concretizá-los e na defesa daqueles que dependem da sua atuação.

Mas o seu coração bom e a sua sensibilidade sofrem, não há como negar. Tem noção de quanto preocupa aos seus pais.

Estes o premiam com as alegrias de um lar equilibrado e amoroso, e com incentivos materiais, sem cobranças de espécie alguma.

Através do amor ao seu povo, aos seus pais e à belíssima Agar, ele ama também à Humanidade.

Brevemente, se unirá à mulher amada, sob as bênçãos de Deus e de sua família. Se tiver filhos, espera que eles herdem os valores, inquestionáveis, de sua família, mas deseja muito mais que, quando chegarem já possam viver em segurança e em paz...

Em meio a sonhos e pesadelos (nestes aparece, repetidamente, Jadhu), ele repousa para o dia seguinte que lhe cobrará, quem sabe, trabalhos de Hércules?... Mais uma vez, a mitologia grega se faz presente, com o que Ben Azir tem muita afinidade.

Num dos seus despertamentos, relembra a entrevista com Galba, bom e valoroso romano...

Máscaras

ADRIANO E DEMÉTRIO chegam ao lar de Galba e Berenice e... surpresa!... Nunca Adriano fora tão amoroso e solícito com os pais!

Abraçando-os ao encontro do coração, entre copiosas lágrimas, pediu-lhes perdão por ter-se demorado... Garantiu-lhes que razões imperiosas o retiveram em Roma, quando almejava, saudoso e preocupado, revê-los...

Silencioso, Demétrio observou tudo.

O casal amigo, aparentemente surpreso, recebeu as expansões de carinho de Adriano como um régio presente dos deuses.

Rever Demétrio alegrou em muito o coração combalido de Galba e confortou, também, o de Berenice. A presença desse amigo sempre foi motivo de muita alegria.

Numa agradável tertúlia, sem cansar o doente, as primeiras horas se sucederam.

Conformado com a própria situação, Galba dirige-se ao filho:

– Adriano, devemos pensar num futuro sem a minha presença.

– Essa ideia me assusta, meu pai!

-Todavia, precisamos falar nisso e... sem muita demora...

– Está bem, se quer assim... Declare as suas disposições e providenciarei tudo em tempo hábil!

Galba sente um doloroso aperto no coração. Adriano, na sua cobiça, aceita com facilidade a sua morte iminente...

Respira fundo e prossegue:

– Deixe-me, antes, lhe falar da minha alegria ao revê-lo, meu filho! Precisei ficar doente para que viesse? Quantas vezes viajamos a Roma para visitá-lo, sem contudo lograr êxito!

Adriano se ressente da censura direta do pai e se desculpa:

– Ora, meu pai, compreenda! Eu vivo muito ocupado! Quase não disponho de tempo para os meus problemas particulares! A vida em Roma é intensa!

– Ninguém melhor que eu para saber disso, filho! Todavia, muitas vezes regressamos de lá entristecidos, disfarçando a grande frustração e a saudade que nos atormentava!

Adriano torna-se violáceo. Mal consegue conter-se diante das censuras paternas. Galba sabe o quanto ele abomina reprimendas. Por isso, decide modificar o teor da conversa:

– Deuses, como você amadureceu! Nada que recorde aquele menino imberbe! Nem sombra daquele Adriano vacilante e acomodado! Fico muito feliz ao vê-lo transformado, e sua mãe, nem é preciso dizer, não é?

– Ora, meu pai, assim me desconcerta! Sabe que sou o resultado dos cuidados e da dedicação de ambos.

– Agradeço aos deuses e rogo-lhes que continuem protegendo você! Como sabe, lutei em muitas guerras, mas hoje aguardo a morte no leito... Atualmente, enfrento um inimigo diferente. Este se esconde dentro dos meus pulmões, mina o meu corpo e, implacável, me destrói aos poucos... Contra ele, de nada valem a estratégia marcial ou as armas que conhecemos... Dependo de medicamentos que se tornam cada vez menos eficazes. Sombras tenebrosas me envolvem e me convidam para uma viagem desconhecida...

– Tudo isso lhe exige, mais que nunca, senhor meu pai, a coragem que o caracteriza. A despeito do seu pessimismo, acredito que ainda viverá muito.

– Não se iluda, Adriano. A cada novo dia me sinto morrer, numa despedida que parece não ter fim...

– Não prossiga, peço-lhe... O que vejo e ouço extrapola a minha

capacidade de suportar. Imaginar-me sem a sua presença e proteção e, sobretudo, sem o seu amor!... Não, não posso...

– Está bem, nada mais direi... Agora, por favor, filho, peça os meus remédios... Sinto-me sufocar... Depois, melhorando, porque é assim que funciona, desejo falar a sós com Demétrio...

Demétrio, ao lado e em silêncio, anui com um movimento de cabeça.

– Mamãe já se dirige para cá com os seus remédios! Ouço-lhe os passos apressados...

– Doce e amada Berenice! Quanto esta mulher tem sofrido! É o nosso anjo bom... Queiram os deuses ela suporte a nossa separação... Ela é muito sensível, apegada ao nosso amor e à nossa convivência...

– Ela será forte, meu pai, mas não se agite demais e nem se antecipe aos fatos, sim?

Berenice assoma à porta. Numa bandeja de prata, os referidos medicamentos:

– Meu querido, aqui estão os seus remédios. Adriano, vá descansar um pouco. Eu ficarei com seu pai.

– Obrigado, minha mãe, mas ele deseja conversar, a sós, com nosso amigo Demétrio, assim que estiver melhor.

– Está bem.

Adriano sai, entediado com as conversas e as exigências paternas. Preferia ter encontrado o pai morto e, quiçá, enterrado. Seria mais oportuno. Todavia, a vida lhe cobra acertos, paciência...

Vai ao jardim se refazer da morbidez que cerca seu pai.

Lamenta-o, sem emoções, como faria a qualquer outra pessoa. Jamais lhe teve amor. Admira-lhe a ingenuidade e a confiança filial. Sacode a bela cabeça, não quer preocupações.

Respira a haustos e olha ao redor. Beneficia-se de tudo que o cerca em termos de beleza e estética. Seus pais são grandes admiradores da arquitetura grega e das belezas naturais, cercando-

se de tudo que fala aos olhos e ao coração.

Sentado num banco de mármore, enquanto ouve o marulhar agradável de belíssima cascata artificial, recorda de quantas e quantas vezes fora admoestado; em algumas, castigado, fisicamente, pelo pai, que tentava corrigir-lhe os defeitos de caráter...

Crispando as mãos, punhos fechados, recorda as ocasiões que precisou submeter-se à sua inflexível vontade.

Mas, a despeito da própria insensibilidade, não pode negar nem desdenhar o imenso amor e a perene abnegação dos seus pais. Sempre teve tudo! Para ele, o melhor!

Todavia, nada lhe bastava, nada o satisfazia; queria mais, sempre mais. A ambição, o orgulho e o egoísmo imperam em sua alma.

Nestes momentos de reflexão, deveria ser-lhes imensamente grato, mas o coração de Adriano ainda não conhece a gratidão.

Sofre pela ânsia da herança. Quer investir na vida de prazeres, à qual já está acostumado.

Por que e para que encontrou o pai ainda vivo?... Pior que tudo; falando e decidindo a sua vida, como sempre fez!.. Qualquer providência, póstuma, será custosa e estafante...

A vontade da mãe não conta... Berenice nunca recebeu solidariedade do filho; sequer foi, algum dia, ouvida por ele.

(O nascimento de Adriano fora um feliz acontecimento.

Berenice e Galba, pessoas saudáveis e abertas a uma prole numerosa, jamais entenderam o porquê de Adriano ter se mantido como único filho. Enfim, foi a vontade dos deuses, concluíram.)

Adriano pretende viver sempre em Roma. É a sua vida, o seu mundo. Pretende conquistar Sibila, também. Não consegue esquecê-la, um instante sequer... Analisa racionalmente os próprios sentimentos e intenções:

“Ela é inteligente, mas é mulher! Sensível e sonhadora; será fácil de enganar!...”

Libertando, por alguns instantes, o coração, mergulha em devaneios:

“Existirá um amor poderoso e verdadeiro? Afinal ele é decantado por deuses, sábios, filósofos, poetas, trovadores, musas e oráculos!...

E se esse sentimento existe e nos apanha de surpresa?!... Como ficamos?!.. Não, não, deve ser uma quimera! Eu não gostaria de ser assim apanhado e submetido... Todavia... Sendo sincero comigo mesmo; se alguma mulher tivesse esse poder sobre mim, seria, sem dúvida, a fascinante Sibila!...”

Para Adriano, dentre todas, nenhuma se compara à bela cria da casa de Demétrio. Quando ali chegou, adolescente, era pequenina.

Os anos se passaram e a menina-flor desabrochou, revelando uma beleza deslumbrante. As estátuas de Fídias jamais serão mais belas e mais perfeitas!...

Sacudindo a bela cabeça, ele conclui aborrecido:

– O que sou, afinal, uma donzela? Por que e para que estes devaneios tolos? Ora, ora, as ‘doçuras do lar’ estão me contagiando! Preciso sair daqui... Estar em casa me desequilibra! Anseio por regressar... Oh, belíssima Roma! Somente aí eu sou feliz!...

Mas, a despeito da sua racionalidade, a imagem de Sibila se sobrepõe a qualquer outra. Anseia revê-la. Seu sangue ferve por ela. Não suporta mais a carga de desejos que esta paixão lhe impõe.

Precisará de muita esperteza para ganhar esta mulher, tão bela quanto inteligente... “Ela jamais será de Hatérius!... Ele, como um felino, deseja-a e arma o bote!”

Ele e Adriano, rivais, defrontam-se muitas vezes, medindo-se, num silêncio perigoso.

Adriano deseja Sibila mas, nem de leve, pensa em comprometer-se com ela. Ela será apenas mais uma, que não resistirá à sua beleza e virilidade, irresistíveis...

Assim, os dias se passam, ou melhor, arrastam-se para Adriano, que sente falta de emoções fortes, e para seu pai que, apesar das constantes crises, continua vivo e lúcido.

Berenice, frente aos Manes domésticos, roga pela vida do marido e pede proteção para Adriano. Mulher inteligente e mãe amorosa, conhece bem a alma do filho. Sofre, mas nunca conseguiu modificá-lo. Todavia, surpreende-o mais amigo, mais amoroso... Quem sabe a sorte adversa do pai tenha amolecido o seu coração?

Nestes pensares, ela faz promessas votivas e ora, fervorosa, diante de ídolos em miniatura, círios acesos e incensos odorantes.

Seu semblante abatido e olheiras escuras falam das suas horas de susto, de esforço e dedicação ao marido. Sua beleza, porém, é inalterável. Berenice jamais perderá os traços perfeitos com os quais nasceu. Seu olhar é pleno de amor. Ela é um oásis, exuberante, que refaz a qualquer um que se lhe aproxime.

Adriano herdou-lhe a beleza física, por isso encanta e seduz. Mas, infelizmente, não lhe herdou as virtudes.

Diante do altar, reverente, ela ouve a voz de Demétrio que se aproxima e lhe fala, suave e delicadamente, convocando-a:

– Nobre Berenice, venha, por favor...

– O que houve, Demétrio? – ela indaga, já se dirigindo aos aposentos do marido.

– Ele está em desespero, seus pulmões não reagem e ele mal consegue articular algumas palavras.

Galba se revolve nos lençóis e balbucia, com extrema dificuldade:

– Be...re...nice... estou pior... O médico...

– Sim, ele se encontra aqui perto, meu amado. Acalme-se, sim?

– Sim... Perdoe-me...

– Não diga isso, os deuses irão auxiliá-lo mais uma vez, confie!

– Eu confio...

Demétrio já chamara o criado de Galba para ir buscar o médico e avisara Adriano. Informa isto a Berenice, mantendo-a ao lado do

marido.

Alguns minutos depois, chegam o médico e Adriano.

Galba sente-se sufocar. O suor lhe cai em bicas rosto abaixo.

Examinando-o, o médico aumenta as doses dos remédios habituais, acrescentando outros sedativos.

Acalmando-se, rosto ainda congestionado pelo esforço que faz para respirar, em alguns minutos que pareceram séculos, ele adormece num ressonar ruidoso.

Mais uma vez o coração de Berenice se enche de esperança.

Demétrio, que o ouvira em segredo, traz agora um novo vinco na testa.

Prevendo a morte do amigo, pensa, reverente:

“Os deuses devem estar impacientes para recepcioná-lo!”

Ao lado dele, deseja-lhe sorte no mundo de sombras, para o qual todos irão, mais cedo ou mais tarde. Esta, uma fatalidade, para a qual não existem alternativas.

Disfarçando, Adriano vibra com a iminente separação.

Sequer medita a respeito do instante solene e único que jamais se repetirá; a presença, sagrada e insubstituível de seu pai se esfumará no misterioso mundo do além...

Após algumas horas, nas quais todos falaram baixo e velaram pelo seu descanso, Galba desperta um pouco melhor.

Adriano lhe diz que providenciará, urgentemente, os documentos necessários à atual situação.

Cuidadoso, e em poucas palavras, Galba informa-o que entregou tal responsabilidade a Demétrio.

Surpreso, quase em choque, olhar inquiridor, Adriano ouviu a declaração que considera traiçoeira.

Próximo, Demétrio observa-lhe a revolta, mas silencia. Entende-lhe a estranheza, afinal, ele não contava com providências que não fossem da sua lavra, como único herdeiro.

Berenice ouviu e compreendeu sem necessidade de explicações.

Insensível, ambicioso e muito ingrato, envolvido nos seus planos e intenções, Adriano subestimou a inteligência e a lucidez do pai na sua habitual providência junto à família.

Incapaz de expressar-se, tal a sua revolta e estupefação, ele se afasta para pensar mais livremente...

*

OBSERVANDO-LHE AS REAÇÕES, caros leitores, fico a pensar:

“Que deuses o conduzem? Os bons, os maus, os trágicos, os tolerantes, os sinceros, os indiferentes, os levianos, os soberbos, os amorosos, ou os traidores?!... De qualquer forma, todos eles o observam e julgam; mormente agora, diante dos últimos acontecimentos...”

Mas, eis que subitamente estremeço aos arpejos de uma harpa invisível, que me alcança os recônditos mais profundos d’alma, anunciando uma presença conhecida e muito especial!...

A princípio, é apenas uma sombra difusa, mas aos poucos se esboça vaporosa e colorida, em reflexos de arco-íris, envolvida numa aura luminosa. Os sons que acompanham os seus passos são, por vezes harmônicos, por vezes desarmônicos, como uma orquestra itinerante, invisível e inaudível para o vulgo.

Presença forte e determinante para aqueles aos quais visita...

Todos a recebem, mais cedo ou mais tarde, porque nos arquivos da verdadeira vida, ela anota as nossas ações, julgando-as de acordo com os parâmetros das leis divinas, que se cumprem automaticamente.

– Shalom, cara amiga, Nêmesis! – exclamo respeitoso e reverente.

Inclinando-se, ela me saúda, identificando-me. Conhece e reconhece a tarefa, sublime e ininterrupta, das minhas obras que levam aos corações: alertas e auxílio, enquanto emocionam e surpreendem (como agora!).

Ativa, inconjurável, bem informada, ela se aproxima de Adriano.

Junto a ele, tal qual uma brisa leve, acaricia-lhe a cabeça, desmanchando os caracóis negros e reluzentes de sua belíssima cabeleira, enquanto seu sorriso torna-se muito, muito enigmático...

Após alguns instantes, suavemente, ela se afasta, depois de envolvê-lo nos seus eflúvios.

Enquanto se distancia, declara, demonstrando compaixão:

“Ah, Adriano, o quanto terá de sofrer para aprender a amar!...”

E, da mesma forma que chegou, nos seus passos alcatifados no tapete do destino, solene representante que deste é, ela desaparece, deixando-me muito emocionado...

*

Arrepiando-se, como se um frio glacial lhe invadisse as fibras mais íntimas, Adriano se volta e procura por algo ou por alguém... Que estranhos movimentos captou ao seu redor se está sozinho? Ouviu um bater de asas sobre a própria cabeça; como se uma ave de grande porte (e, de mau agouro?!) houvesse chegado e saído sem ser vista... Inusitados pressentimentos alcançam-no...

Parece-lhe que os habituais pesadelos se farão presentes à luz do dia... Sente-se ameaçado. Mas, de onde lhe vem o perigo? Está seguro ali... Ao menos, por enquanto...

Decide ver o pai. Aproxima-se dele, desabafando as suas últimas impressões:

– Arre!... Que os deuses me protejam!

Seu pai indaga:

– O que disse, filho?

– Pedi aos deuses que me protejam!...

– No que fez muito bem, pois precisará muito deles!

– E o senhor, meu pai, muito mais! – ele responde com ironia. Sente-se traído e inseguro. Sua revolta é patente e declarada.

Sem retrucar, Galba fecha os olhos e finge dormir.

Todos se afastam, a exceção de Berenice que se posta ao seu lado, silenciosa.

Galba sente-se perdido, fragilizado... Muitas dúvidas o assaltam em circunstâncias tão graves e determinantes. Brevemente, deixará o mundo... Acreditou sempre que os deuses o protegiam ou castigavam. Hoje não tem mais essa certeza que norteou toda a sua vida. À beira de um fatal precipício, teme. E como não temer? As horas se arrastam anunciando-lhe o fim...

Como analisar a sua existência e o mundo que ora está deixando?

Quando os seus viverão essas mesmas experiências? Encontrar-se-ão, depois, ou estará privado das suas afeições pela eternidade?

Onde, a força e a esperança que precisa? Onde, a felicidade da expectativa da glória celeste? Os seus Manes o estarão aguardando?... À beira do túmulo, não deveria sentir-se um bem-aventurado, que vai ao encontro das recompensas prometidas, tendo enfrentado a vida com coragem, determinação, e feito em primeira instância a inquestionável vontade dos deuses?...

Galba se sente como uma criança nos braços da mãe, que dali será arrancada, sem defesas...

Pudesse continuar vivendo... As dificuldades, dores, sofrimentos e lutas seriam melhores que esta incerteza... Sob os seus pés, uma sepulcral goela; negra, profunda, aterrorizante... Sente-se sozinho, apavorado... Não quer dividir esse horror com Berenice. Como tirar-lhe a paz, ao deixá-la sozinha?

Interiorizado, o grande guerreiro reflete:

“Até quando Roma viverá em guerras, a perseguir glória e poder? E até quando se fecharão os olhos, frente às suas arbitrariedades?!...

Meu filho querido, insubordinado, jamais será um guerreiro... Não possui têmpera para tal. Melhor assim... Ele vive em Roma, mas não vive como os legítimos romanos...

Por onde andarão aqueles que nos precederam nos campos de batalha e nos serviram de exemplo? Que desesperos terão vivido até essa batalha, íntima, fatal e definitiva? No descerrar da cortina da vida, para onde foram? Continuaram existindo ou se diluíram no

mundo invisível?!... Como saber?...

Viver como Roma ordena! Fazer, acima de tudo, a vontade dos seus imperadores! Eles se dizem deuses... De fato, exibem os mesmos vícios! Alçaram-se, inexplicavelmente, ao poder quase sempre através de atos criminosos...

Oh, Roma! O teu poder esmaga, cega, destrói, rouba, invade, pisa, sem piedade! Teu rastro é de dor e de destruição! Todavia, as glórias, advindas de tanto despautério, é comemorada nas ruas, nos palácios, nas casas, nas tabernas e nos mercados! Onde existe um romano orgulhoso, a glória se instala e se impõe!

Os teus imperadores e o teu povo se embriagam de prazer, após terem se embriagado de sangue!... Quanto sangue, ainda será preciso, a fim de que possas prosseguir, no mesmo diapasão, certa de que esta situação será eterna?!...

Deploro hoje que nesses rastros de fogo e de destruição eu tenha sido daqueles que contribuíram para essa glória fatídica!...

Todavia, como ser diferente?!... Para isso somos criados e nossos filhos seguem os nossos passos, vaidosos e esperançosos, de alcançarem as mesmas prerrogativas!

Desde que o mundo é mundo, vivemos mergulhados em guerras!... É sempre o matar ou morrer! Saquear ao invés de ser saqueado, exterminar antes de ser exterminado!...

Em meio a esses ideais e filosofias, eu também me sentia glorioso; executando na Terra a vontade, inquestionável, dos deuses do Olimpo e daqueles que renteiam conosco, no exercício tirano das suas atribuições junto a Roma:

– Ave, César!... Ave, Roma! Aqueles que partem para os campos de batalha vos saúdam e reverenciam, entregando-lhes suas vidas, sem temor!...”

Galba exala um doloroso suspiro.

Berenice inclina-se e beija-o, docemente. Adivinha-lhe os pensamentos e os graves questionamentos existenciais. Deita a cabeça no seu peito. Ouve seu coração. Este bate, por vezes muito

lento, por vezes sem ritmo certo. Numa entonação amorosa, exclama baixinho:

– Te amo, Galba. Os deuses estão com você, estão conosco. Tranquilize este coração que tem sabido amar e viver bem... Busque a ansiada e merecida paz, meu amor...

Galba abre os olhos e acaricia-lhe a cabeça dourada.

Volta e fechar os olhos e mergulha, novamente, em profundas reflexões:

“Os Césares do passado também estiveram à beira deste abismo e jamais voltaram para ratificar as palavras de ordem que fluíam, tão convincentes, dos seus lábios... As glórias e o poder de que eram investidos desapareceram também no mundo das sombras...

E que histórias tenebrosas, ligadas às suas doenças e desequilíbrios mentais!... Quantos deixaram esta vida assassinados ou se suicidaram!...

O sinistro Caronte, silencioso e embuçado, nos aguarda para navegarmos no Estige e esquecermos tudo, mergulhando no desconhecido, na preparação daquilo que virá, mas... o ‘quê’ virá?!... Como será? Para onde iremos, todos?... Para o Paraíso? Para o Hades? E... afinal, onde ficam, em verdade, esses ‘logradouros’?... Nos Campos Elíseos ou nos sítios de tormentos inenarráveis?...

Afinal, quem mereceria isto ou aquilo? Quais os quesitos nesses julgamentos e, sobretudo, quem teria autoridade para decidir?

Oh, deuses! Como traduzir tantas informações, como crenças indiscutíveis, transmitidas de geração em geração, sem que nunca nos tenham sido oferecidos os desejáveis pontos de referência para as suas comprovações?!...”

Crispando as mãos, punhos cerrados, Galba enfrenta a sua maior batalha... Pobre e valoroso soldado!... As armas habituais de nada valeriam, sequer o defenderiam... Seriam inúteis, neste caminho que conduz à morte e à eternidade...

Numa interiorização, sem precedentes, ele prossegue:

“A minha sorte, qualquer que seja, será irrevogável?!...”

(Recorda as palavras oportunas do jovem e destemido Ben Azir:

“Querido amigo, eu pedirei ao Deus único que o receba em seu seio.”)

Seu querido amigo, Hannah, também morreu glorificando este mesmo Deus. Frente às suas habituais atitudes, reflexo do seu Deus, ele impressionava pelo caráter e bondade, irreprocháveis!... Nunca conheci, em Roma, outra individualidade tão forte e consciente da sua filiação divina.

Na convivência com o grupo de revoltosos, tive a oportunidade de ouvi-los, muitas vezes, nos seus códigos de fé. Admirando-os, nunca me interessei, porém, por seus princípios religiosos. Sentia-me seguro ou acomodado, talvez, na minha realidade politeísta...

Moisés, grande e memorável legislador, hebreu, transmitiu-lhes os Dez Mandamentos do Deus único, através de fenômenos, considerados divinos. Semelhantes às histórias dos nossos deuses do Olimpo...

E eu, nestes conflitos, por que e para que duvidar agora dos meus credos, daqueles que suguei no seio materno?!...

O Deus único deve ser invencível, afinal, governa sozinho!...

Estarei, nos meus últimos instantes, sendo um apóstata? Será este um fator de condenação a mais? Ah, quanta perplexidade e solidão, diante do insondável!...”

Berenice não saiu de perto dele. Teme que ele morra na sua ausência.

Atenta e inspirada, ela toma a mão do marido e lhe fala:

– Meu Galba, me aguarde! Onde quer que vá, eu irei também. Nada, ninguém, nos separará... Peço-lhe apenas algum tempo para orientar nosso filho... – diante de uma situação limite como essa, Berenice chora... Seu cansaço e dor são visíveis.

Galba aperta-lhe a mão, compreensivo.

Enxugando as lágrimas, ela prossegue:

– Sinto que ele se modificará. Creio nisso como creio na justiça dos deuses... Ele terá o seu tempo de amadurecer e entender, enfim, a vida. Bem educado por nós, hoje na casa de Demétrio, ele prossegue aprendendo e se preparando para o futuro.

Galba ouve, enternecido.

Noutro cômodo da casa, Demétrio e Adriano iniciam um diálogo que não pode ser evitado:

– Nobre Demétrio, o que se passa entre o senhor e meu pai, à beira do seu leito de morte?

– Por que me pergunta?

– Porque algo muito importante fugiu-me ao controle. Parece-me que estranhas mãos arrebatam-me o leme da embarcação da minha vida!

– A bem da verdade, nem tão estranhas assim, não é mesmo? Elas estão habituadas a cuidar daquilo que você chama de sua vida.

Surpreso, Adriano capta algo diferente na voz severa de Demétrio.

Cuidadoso, conserta:

– Tem razão. Não sou ingrato e nem tenho a intenção de ofendê-lo, mas preciso esclarecer o que está acontecendo à minha revelia. Meu pai parece esconder algo de mim nestes momentos tão graves. Mais do que nunca, pai e filho deveriam entender-se, não acha?

– Certamente! Mas sabemos que isto nunca aconteceu. Agora mesmo, apesar da gravidade da situação, a distância entre os dois é gritante e indiscutível. Seu pai se preocupa, porque conhece a sua incapacidade de conduzir o próprio destino.

Adriano estremece diante do inusitado comportamento de Demétrio.

– Ora! Surpreendentemente, sou alvo das suas críticas!

– Sim, deve estar surpreso. Saiba que nunca ignorei a sua desarmonia familiar. Meu amigo, Galba, apesar das extremadas indulgências com relação ao seu comportamento, conhece bem o filho que tem.

– Não consigo entendê-lo. Sendo seu agregado há tanto tempo, por que somente agora me vem com censuras?

– Porque o momento exige. Estamos diante da situação trágica e irremediável de seu pai.

– O que lhe concede, diga-me, uma autoridade tão impactante?

– A vontade inquestionável de Galba.

– Deixando-me à margem da minha própria vida?

– Não, assegurando-lhe os próprios direitos.

– Por quê?

– Já lhe disse, por sua notável incapacidade de organização. Ao menos, por enquanto.

– Foi o que ele lhe disse?!

– Exatamente.

– Eu era capaz e maduro para viver longe do lar e tocar a minha vida! Não sou mais? O que mudou?

– Diante desse momento crucial, seu pai deixa de lado, por um pouco, o coração, e faz uso da razão luminosa que sempre o caracterizou, para planejar o seu futuro e o futuro de sua mãe.

– Agindo contra mim? Acumpliciando-se com o senhor?

– Adriano! Controle-se e me respeite!

Adriano sabe que Demétrio lhe merece muito e modifica o teor do seu discurso:

– Desculpe-me, todavia há de convir que me sinto o último dos homens na minha própria casa!

– Sua imaturidade exagera aquilo que, de fato, sucede. Raciocine mais friamente e verá que não é para tanto. Seu pai está cuidando, principalmente, dos seus interesses.

– Que estranho modo de fazê-lo! Como seu único herdeiro, eu deveria, a partir de agora, cuidar de mim mesmo e de minha mãe. O nobre Demétrio sabe que é assim que funcionam os nossos regimes domésticos!

– Sim, eu sei! Mas isso é possível quando aquele que parte para o além sabe que os seus herdeiros poderão seguir em frente, sem se alterarem ou perderem a herança recebida para outros mais ladinos e desonestos.

Exasperado, Adriano exclama:

– Julgam-me um parvo!

Tolerante, Demétrio lhe pede:

– Desarme-se Adriano, pois me conhece o suficiente para entender-me as palavras e as intenções, sem reservas!

– Exatamente por conhecê-lo muito bem é que não posso aceitar suas atitudes! É arbitrário tomar nas mãos as ordens e as leis da casa de outrem!

– Concordo, porém, não é o que estou fazendo. Atendo unicamente ao pedido de um velho companheiro. Ambos temos cicatrizes no corpo e na alma, Adriano. A estreita convivência, os perigos, o fragor das grandes batalhas, e as derrotas, nos legaram profundos ensinamentos e uma união mais forte que laços de sangue.

Quando a morte nos ameaça de perto, os pensamentos se modificam, e aqueles que lutam, lado a lado, tornam-se irmãos de verdade, cúmplices na vida. Esta, a sagrada aliança que nada, nem ninguém pode romper. Infelizmente sei que ainda desconhece isso...

– Censura-me, também, por isso? Bem sabe que tenho tido grandes fracassos nas minhas intenções em participar das batalhas!

– Sim, eu sei. Não o estou condenando, como imagina.

Ignorando-lhe a última frase, Adriano comenta:

– Estamos nos perdendo daquilo que no momento me interessa. Como devo entender a sua intervenção na minha vida e na minha casa?

– Como fidelidade a um querido amigo, já lhe disse. Sei que ele faria o mesmo por mim.

– Todavia, é ele que parte e não o senhor!

– Não posso mudar isso, mas o meu dia chegará também, assim como para todos nós. Salvos de tantos perigos, vivemos para morrer em nossa cama, em meio aos nossos. Não sei ainda como será o meu desenlace, mas gostaria de morrer, assim, Adriano.

Ignorando-lhe as confidências, Adriano se queixa:

– Lamentável termos viajado juntos! Eu poderia ter evitado isso! Não estaria, agora, a sofrer-lhe a invasão, arbitrária, nos meus assuntos e nos assuntos referentes à minha família!

Num leve sorriso, Demétrio informa:

– Não conte com isso. Seu pai me convocou!

– Com efeito! Há muito tramam nas minhas costas!

– Está sendo injusto, Adriano. Isto não é verdade!

– Como explicar, então, o momento que estou vivendo?

– Digamos que você colhe os frutos do seu comportamento em Roma.

Adriano empalidece, mortalmente. Então é vigiado! Seu pai sabe de tudo! Como e por que Demétrio nunca lhe disse?

Demétrio respeita-lhe a surpresa e a introspecção. Afasta-se e caminha pela sala. Seu coração sofre com esta situação; somente por um bom amigo passaria por isso. No lugar de Adriano, não seria menos cobrador.

Adriano o alcança e em palavras tímidas indaga-lhe, espantado, quase num sussurro:

– O senhor tinha conhecimento de tudo?

– Sim, não me julgue um tolo! Sempre estive informado das suas loucuras!

Adriano treme sobre as próprias pernas, quase não consegue manter-se em pé. Demétrio o toma pelo braço e o conduz ao assento. Acomoda-se, ao seu lado, e aguarda que ele se refaça da surpresa.

Passando as mãos sobre a face descorada, Adriano indaga numa voz rouca quase inaudível:

– Sendo assim, por que me aceita em sua casa e me trata com tanta consideração?!...

– Pela grande amizade ao seu pai. Tenho consciência de que saindo de lá, pior você se tornaria. Afundaria de vez, no mundo enganador que escolheu para viver e do qual está se tornando vítima.

Cada vez mais surpreso e envergonhado, Adriano pergunta:

– Desde quando sabe?...

– Não tenho pleno conhecimento das suas ações, ou seja, não conheço os pormenores, Adriano. Eu não o sigo, ou algo assim. O que sei, os amigos me contam; aqueles que o surpreendem nas noitadas ou conhecem suas deploráveis companhias.

Adriano passa da vermelhidão ao palor total. Um súbito mal-estar o acomete. Então, Demétrio soube, desde sempre, das suas inúmeras mentiras?!... E Sibila também sabe?!... Por isso o censura, de forma jocosa?... Hatérius não deixa dúvidas quanto a sua aversão... E todos os outros?!... Julgava-se seguro com a imagem que criou para si, junto aos seus anfitriões... Neste momento tudo cai por terra... Que grande catástrofe!... – profundamente perturbado, indaga em choque:

– Ainda assim me mantém em sua casa?!... Por quê? Por quê?!...

– Eu já lhe disse, por seu pai! Acredito também na possibilidade de transformação do ser humano. Você mudará, Adriano, de uma forma ou de outra, porque carrega na alma sementes bem plantadas, semeadas por um incomparável amor filial. Um dia, elas brotarão cobrando-lhe acertos, talvez em meio a sofrimentos inesperados... Assim é a vida! Já fui jovem e fiz algumas loucuras. Uma delas até hoje é um espinho cravado no meu coração... Você ainda ignora o quanto as nossas ações impensadas nos perseguem, em forma de inconjuráveis pesadelos...

Demétrio torna-se introspectivo.

Adriano está arrasado. Seu rosto é uma fornalha viva, queimando-lhe a pele. Pode sentir o quanto tem sido censurado, sem saber...

Embaraçado, decide interromper a conversa, antes que Demétrio o convença a permanecer em sua casa, e à frente de tudo. Isso não está nos seus planos. Pretende regressar a Roma.

Muda de estratégia e fala a mesma língua do seu interlocutor:

– Caríssimo benfeitor, sinto-me deveras envergonhado... Não sei o que dizer.

– Sua reação me impressiona bem, caro rapaz, e confirma as minhas esperanças.

– Isto significa que, apesar de tudo, permitirá que eu volte para sua casa?

– Vamos dizer que não me oponho, mas a sua vida se modificará. Sua mãe precisará, mais que nunca, de você.

– Encontrarei um jeito de conciliar tudo.

– Tem planos?

– Sim. Permanecer em Roma e me instruir na política de sua dourada sociedade.

– Você anseia pelo poder, Adriano!

– Não posso negar.

– Eu, seu pai e muitos outros, lutamos por justiça e não apenas pelas glórias advindas. Íamos às guerras cantando, confiantes, porque sentíamos os deuses nos impulsionando e protegendo; como se seus braços fôssemos, naquelas empreitadas bélicas. Entregávamos as nossas vidas, de peito aberto, pela pátria, pela família e pelo engrandecimento de Roma.

– Eu almejo muito mais!

– Me parece deveras ambicioso, Adriano. E para tal, o seu comportamento deveria ser mais sensato e objetivo!

– Entendo-lhe a admoestação, aceito-a e prometo pensar a respeito.

– Está bem, filho! Mas não preocupemos demais o seu pai, diante de tudo o que ele está vivendo, sim? Amenize os seus sentimentos para com ele, nestes momentos de despedida...

– O senhor tem razão! Quanto ao mais, entendi que estão apenas me protegendo!... Desastrado que tenho sido, enganando a mim mesmo! Obrigado por suas inalteráveis amizade e solicitude, nobre Demétrio!

Surpreendentemente, neste momento e nestas falas, Adriano está sendo sincero. Não é tão cego para não ver que será o maior beneficiado pelas diversas providências legais do pai e de Demétrio.

Demétrio se afasta visivelmente preocupado. Teme que Adriano desbarate todas as oportunidades que a vida lhe conceder, tirando a paz de Berenice.

Sozinho, já recuperado do susto e mais confiante, Adriano planeja o futuro.

Se os prazeres da carne e o brilho do mundo nos seus apelos e glórias – enganadores e fugidios, como a própria vida dos mortais – são os maiores objetivos de Adriano, com Hatérius não é muito diferente. Este apenas mantém uma disciplina de fachada, tornando mais discreta e segura sua vida social e política.

Surpreendentemente, ele e Adriano se assemelham, tais quais dois irmãos de sangue.

Longe de casa, Hatérius veste a pele de cordeiro ou se mostra como o lobo que é, de acordo com os seus interesses.

O que o distingue: a coragem e o esforço, para alcançar tudo que almeja, despertando a admiração de muitos. Rico, ele doura a própria vida com aquilo que tem de melhor. O poder chega como resultado do seu trabalho. A riqueza é sua companheira, antiga e muito conveniente. Sem problemas de consciência, ele vive como um homem do seu tempo. Sua autoridade, quase sempre, é indiscutível.

Assim como Adriano, envolve-se e faz conchavos com pessoas corruptas, que lhe trazem vantagens ou lucros.

No exercício ostensivo da sua função, impiedoso, submete o povo.

Nos jogos olímpicos, superando os próprios limites, quase sempre sai vencedor. Não convive bem com o fracasso, que considera uma

grande vergonha. Enfim, como um ‘digno’ representante de Roma e fiel cumpridor das leis de César, Hatérius considera-se um justo.

Os seus dias correm sob os reflexos dourados da Águia Romana, na chamada vida normal.

(É assim, entre os poderosos: eles mantêm a ferro e fogo o sistema vigente numa cumplicidade e complacência notáveis, defendendo com unhas e dentes, cada qual o seu quinhão.)

Em casa, com os familiares, Hatérius cria entre eles e a sua pessoa uma distância muito cômoda, protegendo-se e livrando-se de qualquer tipo de censura (Não tem o hábito de ouvir a quem quer que seja.) ou de requisições que viriam a pesar-lhe na bolsa ou mesmo tomar-lhe o precioso tempo.

Apesar de sentir orgulho do filho, Demétrio sofre. Diante dele, Hatérius demonstra uma grande insensibilidade e falta de afeto. Em casuais confrontações, esse filho reage com violência e desrespeito, monstruosos. Assim é Hatérius, o digno filho do patrício romano, Demétrio.

Hatérius é apaixonado por Sibila, mas não teria, caso fosse correspondido, a coragem de assumir essa afeição. Há entre eles uma grande distância social. Ele jamais desafia as leis de Roma. Aprendeu isso desde os primeiros vagidos, no próprio lar.

Sua posição, privilegiada, o impede de pensar nos próprios sentimentos; todavia, aguarda uma oportunidade mais favorável para ser feliz.

Sibila o respeita e lhe quer bem, como a um verdadeiro irmão, não deixando dúvidas quanto a isso.

Decepcionado, Hatérius tem esperanças de que, um dia, ela reconheça seus atributos e se submeta aos seus encantos. Seja como for, pretende tê-la para si. Encontrará uma forma de conseguir o que deseja, sem abrir mão de tudo o que já conquistou.

Ao redor dele e em perene adoração, mulheres belíssimas, até mesmo de condições invejáveis e importantes no meio em que vivem, assim como também muitas outras que conhecem os

segredos de alcova, como ninguém. Na viciação dos sentidos, os homens buscam-nas, cada vez mais, e elas, pasto da brutalidade, sofrem, sem o verdadeiro amor, e fenecem como um vegetal sem água, em pouco tempo. Essas infelizes são execradas por quase todos, e principalmente por aqueles que, fazendo uso das suas atividades, agem com hipocrisia e desrespeito, escondidos atrás das fachadas de nobres cidadãos, condenando-lhes o 'nefando comércio do corpo' e ignorando-lhes as pungentes necessidades de amparo e orientação para uma vida saudável. Ainda que desprezadas, elas fazem parte da rotina de muitas famílias, por privarem das vidas de seus chefes que nas ruas fingem não conhecê-las, chegando às raias da crueldade e ousadia, agredindo-as, física ou moralmente.

Este, um triste conluio que, em todos os tempos, explorou e explora os sentimentos baixos e desequilibrados da criatura humana.

Mas Hatérius sabe que nenhuma das mulheres que conhece chega aos pés de Sibila: seja por sua beleza, seja por seus dotes de inteligência, seja por suas virtudes.

Furioso, ele observa Adriano, adivinhando-lhe as torpes intenções. Matá-lo-á sem piedade, caso ele invista neste sentimento, ao qual não tem direito, pois que também os sente, desde a infância. Em verdade, o companheirismo que sempre dedicou à Sibila já era paixão.

Sem outra solução para o momento, Hatérius deixa o tempo passar.

Seu coração, porém, fica cada vez mais preso e mais dependente.

Demétrio, assim como Adriano, nota-lhe a devoção à Sibila, e ambos se preocupam (por motivos bem diferentes!).

Enfim, todos calam e se vigiam mutuamente incomodados.

Sibila, tranquila, segue seu destino sem grandes preocupações, quanto a se casar e constituir família. Além de achar cedo demais, vive uma experiência inusitada. Reencontrou, casualmente, no mercado que frequenta, sua querida mãe, desaparecida há muitos

anos.

Adquirindo determinados mantimentos, encomendados por Minerva, notou o brilho no olhar de uma mulher que a observava, vivamente interessada. Constrangida, afastou-se, mas esta seguiu-a, discretamente, até a sua casa, distanciando-se depois.

Outras vezes, as mesmas cenas se repetiram, sem que ela pudesse evitar. Julgou por bem nada comentar em casa. Aquela mulher que, afinal, em nada a prejudicava, poderia ser presa ou surrada, caso soubessem da sua perseguição.

Ao sair para o mercado ou para outro interesse na rua, lá estava ela; algumas vezes diante da casa a aguardar que ela saísse ou simplesmente aparecesse em alguma janela ou varanda, sempre disfarçando o rosto, meio encoberto pelo manto.

Durante algum tempo isso se deu, até que ela abordou-a, educadamente:

– Você é Sibila, agregada na casa do nobre Demétrio?

– Sim, eu sou! E a senhora quem é? – indagou, coração aos saltos... Reconheceu-lhe a voz... Impossível não reconhecer...

A mulher descobriu o rosto e deixou-se ver. Nos seus olhos as lágrimas brilhavam, seus lábios tremiam...

Sibila levou a mão à boca, para não gritar. Apesar dos anos, reconheceu-a, de pronto:

– Minha mãe!... Deuses! Quantas saudades senti! Que falta a senhora me faz! – num impulso, irresistível, elas se abraçaram chorando, emocionadas.

A partir deste dia, a vida de Sibila tomou novos rumos. Passaram a marcar encontros, sem que ninguém soubesse.

Ouvindo-lhe as explicações do seu desaparecimento e de como vive, Sibila chorou, sensível aos seus sofrimentos...

Após anos de martírio, pela impossibilidade de assumir a própria vida, naquilo que não deseja confessar ainda à querida filha, e sofrendo a perseguição violenta de Minerva que aos poucos foi se tornando insuportável , teve de fugir, amargando a saudade da filha

amada e de Hatérius, a quem sempre dedicara um grande afeto.

– O que movia a senhora Minerva, minha mãe? Ciúmes? Se bem que... Esta senhora é muito má, por natureza. A todos persegue e agride impiedosa...

– Inclusive a você, não é, Sibila?

Balançando a cabeça, ela confirma, percebendo o quanto isso magoa sua mãe...

Acariciando-lhe a dourada cabeça e lamentando profundamente a constatação da maldade de Minerva contra ela, Cynara inicia, em detalhes, a narrativa da sua desdita:

– Numa noite de tempestade, na qual raios e trovões espantavam os corações, me vi acicatada por dores muito fortes no estômago. Sentia-me morrer... Roguei ajuda, inutilmente.

Estorcia-me em dores no meu aposento de serva humilde, no qual você dormia, placidamente, como um anjo, quando Hatérius, que contava apenas doze anos, mas já era muito esperto, apareceu para aconselhar-me:

– Se tem amor à vida, Cynara, fuja o mais rápido que puder! Aproveite a noite e se vá sem deixar rastros!

Sem mais, ele me olhou, apiedado, tocou os meus cabelos, olhos brilhantes, virou-se e saiu, como uma sombra, esgueirando-se pelo corredor.

Entendi prontamente o aviso: Minerva tentara matar-me! Profunda conhecedora de venenos, sutis, que matam sem deixar vestígios, ministrou-me algum deles, usando para isso algum estratagema...

É amplamente comentado, em surdina, que ela se desfaz facilmente daqueles que a incomodam. O pavor que a sua presença causa é patente. Cruel, sem limites, ela maltrata duramente a todos aqueles que lhe estão ao redor, mereçam ou não; isto não lhe importa. Ceva a sua maldade em quantos possa, sem remorsos e impunemente. Ninguém a enfrenta, jamais. Nem mesmo os filhos, ou o marido.

Em meio às dores que me curvavam até o chão, juntei alguns

pertences, roupas e algum alimento, decidida a sair dali o quanto antes, enquanto ainda podia me movimentar. Ela, por certo, viria comprovar a minha morte.

Antes de sair, beijei você, despedindo-me. Não poderia expor você a uma fuga alucinada e sem rumo. Demétrio cuidaria de você e a protegeria, como sempre fez.

Sorrateira, saí e me envolvi nas sombras da noite, distanciando-me dali, enlouquecida de dor física e moral, deixando você, talvez, para sempre. Olhei em volta, sem saber que direção tomar... Tropeçando nas próprias pernas, em ziguezague, prossegui... De vez em quando parava para descansar e, em seguida, retomava o esforço que se fazia cada vez mais difícil. Para onde me dirigia? Como saber?!...

Aos poucos, me arrastava, pois sabia que disso dependeria a minha sobrevivência. Internei-me nos arredores de Roma, em meio a dores cruciantes e vômitos persistentes.

Segurava cuidadosa e já com dificuldade, os meus parcos pertences. Fui perdendo a noção de tudo. Minha vista escureceu e senti a dor do corpo de encontro às pedras do calçamento. Devo ter desmaiado.

Quando despertei, algumas pessoas, muito simpáticas, cuidavam de mim, em meio a orações e palavras de conforto.

Estive prostrada, entre febres e delírios, por muitos dias, nos quais fui tão bem cuidada quanto uma criança pequenina por sua mãe amorosa. Nos raros momentos de lucidez, eu divisava rostos amigos e muito agradáveis. Nos seus olhos, eu vislumbrava uma serenidade e uma luz jamais vistas.

Preocupada por trazer-lhes problemas e gastos, ouvi de suas bocas (que só exaravam bondade) que poderia ficar ali o tempo desejasse. Era a resposta dos deuses para mim.

Ouvindo-me as exclamações de louvores aos deuses, eles me explicaram que, independentemente da crença que eu professasse, continuaria sendo bem acolhida e respeitada. Não entendi...

Numa ocasião mais propícia, eles me explicaram que seguiam, devotada e abnegadamente, ao Carpinteiro de Nazaré, que fora crucificado pelos representantes de Roma e por seu próprio povo! Aqueles que defendiam, com unhas e dentes, o poder temporal, temendo que Jesus de Nazaré quisesse roubar-lhes as prerrogativas políticas e religiosas o perseguiram e mataram com requintes de crueldade.

Prontamente, recordei Coralina, amiga de Minerva, que se tornou cristã e fora desprezada por todos os seus parentes e amigos, desaparecendo depois, sem deixar vestígios... Em verdade, nunca entendi fé tão estoica, que fazia seres humanos morrerem cantando, gratos aos céus!... Sabíamos destas coisas, mas nunca nos interessamos por elas.

Pois bem, eles me instruíram nessa nova fé e narraram-me os feitos maravilhosos do homem admirável, que foi Jesus.

Respeitosa, eu ouvia as suas explicações e narrativas emocionadas. Posso dizer que muitas vezes chorei de emoção, ao tomar conhecimento de atitudes tão corajosas e plenas de amor.

Se existem deuses, aquele Jesus era um deles, sem dúvida!...

Fui me habituando aos seus jeitos de ser, admirando-lhes a constante bonomia e a inquestionável dedicação a todos, indistintamente.

Não raras vezes, eles traziam consigo pessoas abandonadas e sem esperanças de sobreviverem; como eu me encontrava, naquele dia de triste lembrança... Curada e profundamente grata, me surpreendi harmonizada com eles e com os seus hábitos saudáveis e caridosos.

Num comportamento admirável: eles socorrem, secam lágrimas, curam em nome de Jesus Cristo, matam a fome dividindo o pouco pão que possuem, vestem aqueles que nada têm, tirando de si mesmos as possibilidades maiores de abrigar-se do frio e das intempéries; abrigam sob o mesmo teto tantas pessoas, que é surpreendente a disciplina mantida, apesar da algaravia, das dores e dos lamentos que ali aportam...

Passei, então, filha querida, a ser um deles, com alegria sempre renovada e um orgulho imenso de ali ser apenas mais uma pessoa, sem escravidão, sem diferenças, independentemente de qualquer circunstância. Aprendi com eles que somos todos iguais perante o Deus único que nos ama a todos, incondicionalmente.

A essa altura da narrativa, Sibila indagou, olhos arregalados, coração descompassado:

– A senhora, minha mãe, tornou-se cristã?!... Por todos os deuses! A senhora se converteu?!...

– Sim, minha filha! Para grande alegria do meu coração, que agradece a Deus a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências como essas!

Sibila, pálida, diante de afirmação tão grave, compreendeu-lhe, apesar de tudo, o drama particular e a enorme gratidão.

A partir deste dia, memorável para as duas, quando Sibila sai, encontra-se com a mãe. Conversam, trocam informações, uma da vida da outra.

Minerva jamais suspeitou que Sibila houvesse reencontrado a mãe. Afinal, julga que ela esteja morta. “Aqueles sintomas jamais enganam.” Assim, pensando, ela agradece aos deuses por ter-se livrado de Cynara.

Ela ignora, também, que numa convivência mais estreita, porque Sibila tem ido ao lugar onde a mãe vive e que não é muito distante, Sibila frui da companhia e do amor materno. Nesta convivência, como seria de esperar, diante da acuidade intelectual e da bondade nata de Sibila, após algum tempo, ela surpreendeu-se também – cristã!

Quando indagam a respeito das suas constantes saídas, ela se justifica dizendo que gosta de apreciar a cidade naquilo que ela possui de melhor, ou que sai em busca de livros, ou para fazer compras...

Esconde de Demétrio a sua nova condição de fé. Ele jamais aceitaria ou entenderia sua nova proposta de vida.

Com jeito e prudência, Sibila comparece às reuniões cristãs. Para isso tem a cumplicidade de uma serva da casa de Minerva. Raramente comparece aos encontros noturnos. Seria arriscar-se demais.

Assim, ela vive as duas vidas, sem que suspeitem.

Pretende contar a Demétrio o reencontro com a mãe e o seu desejo de ir viver em sua companhia.

“Estranho... Minha mãe sempre escapa a uma resposta mais ampla, quanto ao meu pai...” – pensa.

*

A DESPEITO DE achar que nunca mais veria Galba, o coração de Ben Azir inclina-se a vê-lo mais uma vez. Assim, parte para lá da mesma maneira que fez antes. Recebido com a mesma fidalguia de sempre, cumprimenta Berenice e lhe diz do desejo de rever o amigo. Introduzido nos aposentos de Galba, saúda-o, sorriso aberto:

– Salve, nobre amigo! Como vai?

– Salve, meu jovem companheiro de lutas! Como da outra vez, ainda adoecido e à espera da viagem definitiva.

– Decidi revê-lo e aqui estou! Sou também o mensageiro de votos de saúde e de paz dos companheiros de ideal!

– Agradeço-lhes! Não imagina o quanto sua presença alegra este coração que atualmente se debate entre um mundo que julga conhecer, e o outro que se insinua entre sombras e mistérios...

– Lamento...

– Enfim, deve ser assim com a maioria...

Ben Azir silencia entristecido. Pode notar o enorme esforço que Galba faz para falar.

Respirando fundo, com alguma intenção, Galba inicia:

– Ben Azir, aproveitando essa oportunidade, eu gostaria de lhe fazer uma confidência...

– Sim? Fique à vontade, ouvi-lo-ei com prazer! Por sua expressão, imagino a importância daquilo que virá.

– Sim, é muito importante e diz respeito às minhas crenças. Sou um homem à beira do túmulo... Minha alma se debate, se atormenta...

Observando-lhe a insegurança, Ben Azir estimula-o:

– Pois fale, nobre amigo! Aquilo que me disser ficará entre nós.

– Agradeço-lhe! Então me ouça:

Mergulhado em conflitos existenciais, profundamente interiorizado, eu vi a imagem, impressionante, de um dos profetas da sua raça.

Enquanto Galba se refaz, Ben Azir se entusiasma:

– Ora, está espicaçando a minha curiosidade!

– O que vi me impressionou muito e, mais ainda, aquilo que ouvi. E imagine, Berenice também ouviu!

– Que interessante! Conte-me, por favor!

Galba, aos poucos narra aquilo que viu e ouviu, na hora cruciante dos seus conflitos.

De ouvidos atentos e expressivo olhar, Ben Azir ouviu sem interrompê-lo, para depois concluir:

– Nobre amigo, penso que o Deus único está lhe dando o desejado suporte para adentrar os portais da eternidade! Portais estes que todos nós, um dia, atravessaremos, sem privilégios!

Respirando fundo, Galba prossegue:

– Numa autoanálise sincera, surpreendo-me um grande devedor...

– Conclusão lógica daqueles que, com sinceridade e sem subterfúgios, reconhecem a sua pequenez diante do Poder Maior!

– Nesses questionamentos, Ben Azir, lamento sobremaneira a constatação das imperfeições e fraquezas gritantes dos meus deuses! Então, o que esperar de divindades que não são melhores que eu?!... Eles descem, muito baixo (apesar de se dizerem divinos e habitarem o Olimpo) e praticam atos abomináveis! Lutam entre si, na disputa do poder ou mesmo na disputa de ninharias terrenas...

Como pode concluir, me debato tal qual uma criança que perdeu a sua mãe e desconhece o caminho de casa... Somente a alguém

como você eu confiaria estas conclusões que me desesperam, diante do abismo, inexorável, que se abre aos meus pés! A quem entregar o meu espírito? Melhor dizendo, quais poderes me arrebatarão, quando eu deixar esta carcaça que se consumirá, aos poucos, como se jamais houvesse existido? Para onde irei? O que farão de mim?...

– Para mim, não politeísta, os seus deuses representam as virtudes e os vícios humanos, apesar de se dizerem divinos. A mitologia greco-romana é rica destes exemplos. Adoro o Deus único. Já nasci nesta fé; mais de acordo com a nossa razão e principalmente com aquilo que esperamos do poder divino.

– E quanto ao crucificado de que lhe falei?

– Sei que foi corajoso, sem medidas, e amoroso como jamais se viu! Fez todo bem que pôde, foi perseguido e crucificado pela política sórdida de Roma e daqueles que se dizem representantes de Deus na Terra! Em nome do Nosso Deus, nós seguimos, fielmente, as leis de Moisés. O amigo sabe!

– Sim, eu sei, Ben Azir. Todavia, o seu Moisés foi cruel também. Algo parecido com os nossos deuses. Há de convir!...

Compreensivo, Ben Azir esclarece:

– Sua missão foi trazer-nos as Tábuas da Lei e os códigos de justiça, que seguimos até hoje! Vejamos, porém, algumas diferenças que, se não lhe justificam certas ações extremas, explica-as em parte:

Enquanto Moisés falava em nome de Deus, Roma fala em nome de si mesma e dos seus Césares cruéis, que se impõem por si mesmos, implantando, selvagens, os próprios códigos, que geralmente nada possuem de justos. Ninguém pode negar que a personalidade do grande legislador foi excessivamente impositiva. Mas, há de convir, também, que ele desejava a implantação das leis divinas, da qual era portador e intérprete.

Ele buscava, com afinco e coragem, as melhores maneiras de conduzir e disciplinar um povo que, tendo sido tantas vezes escravo, havia degenerado. Esquecido dos valores da sua raça,

desorientado, esse povo se tornou politeísta, idólatra e criminoso; entregando até os próprios filhos para os sacrifícios nefandos ao deus Baal.

Moisés teve que dobrar com coragem e muito sofrimento varas secas, inflexíveis, que se quebravam, mas não se curvavam ao cumprimento das leis e dos códigos, criados para estabelecer e manter, paulatinamente, uma vida saudável e transformar caracteres, na esperança de uma renovação natural das gerações. Aquelas que viriam, melhores, teriam novos princípios e ideais civis, políticos, e religiosos.

Este líder, admirável, após ter cumprido a sua missão, num esforço constante e sofrido durante décadas, morreu sozinho, exaurido, triste e melancólico, no Monte Nebo, divisando ao longe a Terra Prometida, que fora para ele a única meta de sua existência.

Concluímos, meu caro Galba, que, apesar dos sucessos e insucessos de uma vida, um fim semelhante ao dele faz parte do final da nossa jornada nesse mundo... Por mais poderosos que possamos ser, a morte chega, mais cedo ou mais tarde. É apenas uma questão de tempo! Ela nos surpreende quase sempre muito inquietos e, principalmente, com a cabeça cheia de planos...

– Sou um exemplo vivo disso, Ben Azir...

– Concordo, mas não me refiro apenas a você, mas a toda a Humanidade!

– Eu sei... Entendo a generalidade daquilo que expõe.

– Falo de mim, de você, de todos e neste momento especificamente de Moisés que não fugiu à regra. Para o Criador não existem privilégios de espécie alguma. Moisés visou, em todos os seus atos, o futuro, que seria, segundo ele, melhor.

Eu, caríssimo amigo, admiro muito a jornada terrena deste grande líder. Ele criou leis muito avançadas para o seu tempo.

– Sábio jovem!... – Galba elogia e fecha os olhos, extremamente cansado.

Ben Azir fica-lhe ao lado, em silêncio, respeitoso. Quer privar de

sua presença enquanto pode. Do seu bom coração sobe, aos céus, uma oração ao seu Deus, por este bom e querido amigo.

Berenice chega e ministra os remédios ao marido. Sorri para Ben Azir com afeto. Gosta muito dele e admira-lhe a coragem, além de ser-lhe grata pela amizade que devota a Galba. Ben Azir é presença boa, reconfortante. Berenice sabe.

Galba adormece e ela convida Ben Azir para conhecer o amigo que, no momento, está hospedado ali.

Demétrio simpatiza, de pronto, com Ben Azir.

Adriano, porém, abomina-lhe a presença, instintivamente.

Saudando-o, educado, Ben Azir observou-lhe a pronta aversão. Ignora-o e passa a conversar, animado, com Demétrio. Este, após alguns minutos, descobre-se seu amigo. Apesar da distância e das diferenças, eles trocam ideias a respeito de tudo, homens inteligentes e instruídos que são.

Deixando-os, Adriano se faz ao largo, numa demonstração declarada do seu desagrado com a presença de Ben Azir.

Indo até o pai, encontrou sua mãe à sua cabeceira, zelosa.

Observando-lhe o extremo abatimento, apieda-se e abraça-a pelos ombros. Ela, grata e feliz, acarinha-lhe a mão.

Nesse momento, o abraço de Adriano foi sincero. Seu coração não é de todo mau. Existe nele grandes possibilidades de mudanças para melhor. Nisso Demétrio aposta. Afinal, Adriano recebeu muito amor de seus pais, assim como as incansáveis tentativas de forjar o seu caráter.

Em meio a uma agradável conversação, Demétrio convida Ben Azir a visitá-lo em Roma. Recorda que, brevemente, dará uma festa em sua Quinta, nos arredores de Roma, e convida-o a participar.

Pretendendo declinar do convite (por motivos óbvios), Ben Azir muda rapidamente de opinião, ao ouvi-lo falar de Sibila...

Demétrio lhe diz que ela é sua agregada e que numa dedicação, admirável, está organizando a festa. Ao falar nela, Demétrio não esconde o seu entusiasmo, louvando-lhe a sabedoria e a beleza,

ímpares.

Sem entender-se, Ben Azir decide aceitar o convite. Sua intuição lhe diz que deve ir. Pressente algo...

Quando Galba desperta e melhora, ele se despede.

Numa forte emoção, eles se declaram amigos para sempre. Incapazes de falar muito, pois lágrimas teimosas caem dos seus olhos e falam da tristeza de uma iminente separação inevitável e definitiva, eles se abraçam. Carregando na alma uma saudade antecipada, Ben Azir despede-se de Berenice e, colocando-se à sua disposição, se vai.

Depois da sua saída, Galba elogia-o, sincero e grato à sua inalterável amizade. Demétrio concorda com o que ouviu, mas Adriano ensombra as feições, silencioso. Se depender dele, Ben Azir ficará longe, bem longe!...

Ben Azir regressa para casa com os mesmos cuidados de antes, encapuzado e vigilante. Simpatizou, muito, com Demétrio. Este fora muito amável, mas Adriano odiou-lhe a presença...

Levará aos companheiros de lutas as notícias do amigo que, aos poucos, se despede de tudo e de todos...

Esporeando o cavalo, ele galopa célere. Tem pressa de chegar. Precisa refletir, procurar entender-se... Os dedos, longos e afilados, do destino, parecem tocar-lhe o coração, despertando-lhe estranhas sensações... “O que virá?!...” – indaga-se, ansioso.

Enfim, Ben Azir chega e segue, como sempre, os rituais domésticos, desta vez muito distraído. Pensa em Agar, no casamento que se aproxima, nos seus ideais patrióticos, nos pais...

Afinal, quando busca o repouso, recorda que no dia seguinte terá muito a fazer. Entrega-se a Deus e adormece, placidamente.

Sua mãe, atenta, notou-lhe alguma estranheza, mas não o interpelou.

Despertando muito cedo, Ben Azir conclui que não fora apenas rever o querido amigo, Galba... Seu instinto o levara até lá... Por quê?...

Talvez, indo à festa na Quinta de Demétrio, encontre os pontos de referência que precisa para decifrar esse enigma.

Ao beijá-lo, pela manhã, Deborah observa-lhe as feições e conclui que nada de grave pode estar acontecendo, porque o filho está muito bem.

Enquanto isso, na casa de Galba, Berenice é o retrato da dor.

Seu marido, o grande amor da sua vida, não despertou naquela manhã. Rígido e insensibilizado, ele não lhe atendeu ao chamado amoroso. O seu Galba partira para o mundo das sombras...

A casa ainda dorme...

Ela que permanecera ao seu lado, adormecera, sem querer, dominada pelo extremo cansaço, e sonhou que ambos eram, ainda, muito jovens e comentavam, divertidos, o seu esforço para chamar a atenção dele, na primeira vez em que se viram.

Falaram de Adriano, preocupados com o seu futuro. Ela lhe dissera que acredita no amor generoso e responsável, que lhe concederam; que ele ainda os surpreenderia, sendo digno dos seus esforços.

Abraçaram-se muito, despedindo-se, assim como Galba fazia ao partir para as batalhas. Beijaram-se, apaixonados, e ele se foi, acenando-lhe com a mão, luxuosamente vestido no seu uniforme de guerreiro romano. Recorda como ele a olhava em adoração, como lhe fizera carinhos... Ainda consegue senti-los...

Diante de sua máscara de morte, essas recordações lhe dão forças e consolo... Deita a cabeça em seu peito e chora, silenciosa, discreta, suave... Sim, eles se despediram durante o sono. Esta, uma forma maravilhosa de saber que apesar de tudo, continuam unidos, acima da vida e da morte... Permanece, assim, abraçada a ele, por um tempo incalculável, até que ouve a chegada de Adriano.

Ele lhe pergunta, em suspense, como está o pai.

Berenice se levanta, apruma-se, olha para o filho como alguém que chegasse de muito longe e lhe responde:

– Ele se foi, filho!... Despedimos-nos durante o sonho... Seu pai se foi... O meu Galba se foi... Os deuses o levaram, para sempre... Ele

partiu vestido no seu uniforme de soldado romano...

Sem saber o que dizer, espantado e surpreendido pela situação, Adriano declara sincero e comovido:

– Ele era, de fato, um grande guerreiro, nada mais justo!

– Ele foi, também, um grande chefe de família!

– Sim, tem razão.

– Estamos, a partir desse instante, sem a sua presença abençoada e sem a sua proteção.

– Teremos de nos bastar, minha mãe.

– Eu sei, mas conto com você para isso.

Adriano silencia. Este não é o momento mais apropriado para contrariá-la. Não pretende ser chefe de família. Ama a vida e tudo o que ela lhe oferece de bom e de prazeroso. Respira profundamente. Enfim, está livre da autoridade de seu pai. Sua mãe, dócil, será muito fácil de conduzir. Apesar da interferência legal de Demétrio, fará tão somente aquilo que desejar, sem entraves de espécie alguma.

Berenice observa-lhe as expressões faciais e torna-se muito pensativa. Conhece demais o filho para saber o que lhe vai na alma, ainda tão imatura. Apesar da grande dor, ordena:

– Filho, por favor, avise a todos, quanto ao passamento de seu pai, principalmente ao nobre Demétrio! Ele saberá como conduzir aquilo que nos aguarda, com respeito aos funerais.

Fechando o semblante, Adriano não se contém:

– A senhora, minha mãe, pretende, como quis meu pai, entregar as nossas vidas nas mãos de estranhos? Estou escandalizado, devo dizer-lhe! A incumbência de gerir essa família, daqui para a frente, me pertence!

Paciente, Berenice responde:

– Meu filho, não estou lhe tirando a condição de herdeiro legal de seu pai, mas, abatidos pela dor da perda, nós dois não conseguiremos ser racionais e práticos. Quanto às disposições *post-*

mortem de Galba, veremos depois. Garanto-lhe que estarei a postos para que elas sejam cumpridas fielmente. Sempre estivemos de acordo e agora não será diferente. Sei que ele pretende sempre o seu bem e o bem da nossa casa. Acalme-se e não lhe tire a tranquilidade merecida nestes momentos tão graves quanto sagrados, peço-lhe!

Adriano sente nas palavras severas, mas amorosas, de sua mãe, que ela conhece e aprova as decisões de seu pai quanto ao seu futuro.

Decide deixar o assunto para depois e vai avisar Demétrio.

Este desperta, assustado e triste, com a partida do querido amigo de tantos anos. Dispõe-se a providenciar o funeral. Antes, vai ver o amigo em seu leito de morte.

Ali está Berenice: sofrida, em prantos silenciosos...

Põe-lhe a mão no ombro, confortando-a, sem nada dizer. Não conseguiria, mesmo que tentasse; as palavras morrem-lhe na garganta. Sua dor também é muito grande. Enfim, o pranto o surpreende e ele solta as comportas da alma, fazendo coro com Berenice. Senta-se e deixa as lágrimas correrem, sem pejo algum.

Roga pelo bom amigo que, nesta hora, enfrenta o tribunal da própria consciência, e um tribunal maior, junto aos deuses. Onde estará, nesse momento? – questiona.

Recorda os ensinamentos recebidos, desde sempre, quanto ao poder dos deuses e dos seus julgamentos, mas, nesse momento, duvida de tantas coisas... Após alguns minutos, controla-se, enxuga as lágrimas, e se dispõe a auxiliar Berenice. Para isso, levanta-se, sai do quarto, e segue pelos corredores, na intenção de iniciar os procedimentos que o momento exige.

Berenice permanece ao lado de Galba, a pensar... Rememora tudo que viveram... Quantos fatos esquecidos agora se fazem presentes...

Deitada sobre o peito amado, ela lhe fala, baixinho:

– Me aguarde, sim? Não suportarei viver sem você... Preciso

apenas algum tempo para conduzir nosso filho na sua nova vida...

Vou rogar, confiante, todos os dias, aos deuses, que eles nos reúnam, brevemente, meu Galba... Amo você! Tanto, tanto, que meu peito quase explode... Não, não se preocupe! Serei digna da sua coragem e da sua força... Estarei harmonizada com aquilo que, no momento, você precisa: de paz, de bons pensamentos, de gratidão, de carinho... Vá em paz, meu grande guerreiro, e vença esta batalha, a maior e a última da sua existência! Os deuses estarão com você e o meu amor também!...

Regressando para falar-lhe, Demétrio se depara com a cena comovente. Quase sussurrando, chama-a, delicado. Precisa da sua aprovação em alguns procedimentos legais.

Ela se levanta, cobre Galba, com muito carinho, como se ele apenas dormisse, e sai junto ao amigo. Retornará, em seguida, para velar o corpo do seu grande amor que se despede da vida, dela, e de tudo o que viveram... Depois desse dia, nunca mais verá seu semblante amado... Com dificuldade, segue Demétrio, em silêncio; lágrimas a rolar pelo rosto bonito e abatido.

Adriano não pretende ficar ao lado do pai. Abomina situações tristes, mormente essa que ora vivem... Vai ao jardim e ali respira a haustos.

Ensimesmado, planeja o seu futuro: glorioso e pleno de venturas, naturalmente. A partir de agora, torna-se mais independente.

*

Enquanto trabalha, Ben Azir recorda um estranho sonho com Galba:

“Refeito, ele o abraçava, enquanto lhe comunicava que estava partindo para uma batalha. Seu uniforme brilhava tanto quanto os seus olhos, mas... ele chorava!... Abraçaram-se, comovidos, e despediram-se.” Conclui que seu amigo partiu para sempre... Triste, roga a Deus por ele. Admirou sempre sua coragem, sua força interior e o seu apurado senso de justiça.

Enviará um servo até a casa dele para saber como ele está.

Caso os seus pressentimentos sejam confirmados, levará a notícia aos companheiros de luta. Lamenta as grandes decepções que Galba sofreu, apressando-lhe, provavelmente, a partida definitiva.

Na intenção de fazer o que pretende, chama seu criado de confiança e lhe ordena que vá à casa de Galba.

Em seguida retoma o trabalho. Seu pai conta com sua boa disposição no esforço de cada dia. Fita o céu azul e pede, mais uma vez, pelo bom e querido amigo. Às vésperas do seu casamento, pensa em Agar e no quanto ainda falta para providenciar, com relação aos esponsais que, segundo seus pais, deverá ser inesquecível.

Enquanto distribui ordens atinentes à próxima caravana, decide organizar-se para atender ao convite de Demétrio. A possibilidade de comparecer àquele evento, em Roma, subitamente, superou qualquer outro interesse.

Em casa, Deborah observa-lhe um notável alheamento das coisas mais próximas e racionais. Ben Azir parece um filósofo, interiorizado, distante da realidade... Beijando-o, respeita-lhe a introspecção. Há muito por fazer e o tempo se faz exíguo.

A ampulheta do tempo, implacável, a despeito de tudo e de todos, deixa escorrer sua areia fina...

Os filhos de Paulus

NA ADMIRÁVEL VIDA de Paulus, hoje de volta à sua terra, junto a Milcah, tudo corre às mil maravilhas. Toda produção de tapetes é vendida, enquanto inúmeras encomendas chegam apressadas.

Homem honrado e bom, ele agradece aos céus a sua redenção, diante das desgraças vivenciadas e superadas.

Josafá, seu compatriota e amigo, conheceu Milcah e apaixonou-se. Agora, os dois vivem arrulhando como dois pombinhos e brevemente se casarão.

Milcah, enquanto foi mulher de seu filho, Enoch, era a melhor das noras que alguém podia ter.

Após o casamento, ela irá residir na casa de Josafá, num belíssimo bairro residencial, rico e ajardinado. Desta vez, Deus há de premiá-la com belos e adoráveis filhos. Assim, Paulus se sentirá mais feliz e mais acompanhado, nessa nova família que se forma à sua volta.

Josafá é proprietário de muitas lojas de tapetes. Nestas, os tapetes de Paulus e Milcah são as joias mais preciosas. Ele os chama de tapetes mágicos.

Hoje, Paulus despertou com o coração opresso. Por mais que trabalhe ou se distraia, os pensamentos que o acompanham são os piores possíveis. À tardinha, após um dia inteiro de atividades intensas, resolve caminhar para espairecer.

Sem destino, percorre as ruas do seu bairro, não muito distante daquele, no qual viveu antes de ir morar em Jerusalém.

Trilhando caminhos muito conhecidos, afasta-se demais. A razão o

aconselha a regressar, todavia prossegue.

O inconsciente parece conduzi-lo e surpreende-se nas ruas do antigo bairro, onde morou tantos anos...

Olha à volta, saudoso e melancólico. Atravessa as ruas centrais e se interna nas adjacentes; algumas muito pobres, outras nem tanto. Decide, então, rever a ‘sua casa’ e caminha mais...

Após algum tempo, defronta-se com a fachada de sua antiga residência e espanta-se... Seu antigo lar parece uma ruína!... Por quê? Ao vendê-la por um ótimo preço, o dono ficara assaz satisfeito com a compra que fizera!...

Parado, diante do imóvel, percebe que as suas portas estão abertas e parecem convidá-lo a entrar... Já começa a escurecer, está longe de casa e sozinho... A prudência aconselha-o a voltar, mas entra devagar, coração aos saltos...

Todo um passado retorna em forma de sons e imagens:

O antigo jardim, do qual desapareceram a exuberante vegetação e as flores... A varanda da frente, na qual tomavam refrescos no escaldante verão... Mais um pouco, e chega ao salão de recepções, onde visitas amigas e frequentes alegravam-se com muita música e danças... Ainda consegue ouvir as vozes cantando, os tambores batendo, e os sons dos diversos instrumentos musicais repercutindo na casa toda. O burburinho das conversas... Os coloridos das roupas, luxuosas e ataviadas...

Atravessa o enorme salão de refeições e recorda, comovido: a família reunida, as orações, o tagarelar das crianças, a boa comida no prato...

Na acústica da alma, os risos cristalinos dos filhos pequenos...

Parece-lhe que tudo está ali, preservado pelo tempo, num cenário inesquecível.

Saudoso e enlevado, ele se emociona cada vez mais, quando, subitamente, ouve sons de passos abafados, como se alguém estivesse fugindo e escondendo-se...

“Será algum morador?!... Não, a casa está vazia!...” – pensa.

Apura os ouvidos, e conclui que suas memórias o traem.

Passa por um extenso corredor, repleto de cômodos, e recorda os filhos, ali, dormindo em paz...

Revê a si mesmo e à sua mulher, nos bons tempos, de amor e de compreensão... Como e por que ela mudara tanto?

Chega a uma enorme cozinha. Nesta, os saborosos alimentos eram preparados pelas servas, dedicadas e alegres.

Quantas recordações!...

Após anos de felicidade, sua mulher demonstrou o desejo de ir morar em Jerusalém, próxima aos seus parentes que ali viviam muito bem. Neste tempo, os seus filhos já eram adolescentes.

Meses de tormentos se passaram, por causa de sua teimosia. Paulus capitulou diante da sua vontade, e viajaram, sem intenção de voltar.

Chegando em Jerusalém, os parentes os receberam com festa. Tudo lhes parecia sorrir.

Empregando grande parte de tudo que possuía, Paulus adquiriu uma rica vinha no Vale do Jordão, pérola preciosa, que passou a ser a menina dos seus olhos... Esforçado, trabalhou nela, dia e noite, até aumentar-lhe a produção, e aprimorar a qualidade das uvas.

Essa vinha foi se tornando, aos poucos, famosa na região e nas redondezas. Até os poderosos doutores da lei, os fariseus e os publicanos iam vê-la, e saíam de lá deslumbrados!

Enquanto recorda a sua rica e saudosa vinha, sai para uma grande área nos fundos, antes verdejante e bem tratada.

Melancólico e saudoso, aproxima-se de um velho tanque... Neste, em tempos idos, armazenava o líquido precioso que mantém a vida...

Suspira, debruça-se na sua borda e espia para dentro e vê que está sujo, cheio de pedras, de pó e de folhas mortas...

Intrigado, ouve um ruído de folhas secas pisadas, e supõe que algum animal esteja ali a esconder-se.

De súbito, recorda os passos abafados que ouvira dentro da casa...

Inclina-se mais para abarcar todos os espaços e distingue, num cantinho, um homem que se encolhe, como pode, para não ser visto...

Suas roupas estão esfarrapadas, sua barba é um emaranhado só... Incomodado, ele resmunga, enroscando-se, em si mesmo, tal qual um réptil...

Apesar do temor que o invade, Paulus decide abordá-lo e indaga:

– Quem é você e o que faz aqui?

Enquanto aguarda uma resposta, reflete muito sabiamente que o outro poderia fazer-lhe a mesma pergunta.

Aquele homem estava dentro da casa, antes... Fora ele, então, que saíra correndo... Arrepia-se, ao imaginar-se sob a lâmina fria de alguma adaga assassina... Está sendo muito imprudente...

Superando os medos, porém, insiste:

– Por que se esconde? Aí deve estar muito frio! Alguma serpente pode surpreendê-lo e acabar com a sua vida! Que temeridade, ficar aí nessa sujeira e nessa umidade!...

Obstinado, o homem se encolhe mais, esconde o rosto nos joelhos dobrados e permanece calado.

Paulus prossegue falando e incitando-o a sair dali.

Pode aquilatar o perigo que corre, todavia, algo muito mais forte que o medo o retém...

Concluindo que não conseguirá livrar-se da sua incômoda presença, o estranho lhe responde, numa voz rouca e ameaçadora, na qual Paulus identifica a iminência de um pranto:

– Saia daqui e deixe-me em paz!...

Paulus estremece sob o impacto daquela voz e seu coração se constringe numa dor inesperada e insuportável.

Em choque, busca dentro da alma a força de que precisa...

Acaso vive um terrível pesadelo? Se não, o que faz ali, neste

estado deplorável, o seu filho caçula, Nassif?!...

Incapaz de expressar-se, coração descompassado, observa-o.

Diante do seu silêncio, o homem levanta a cabeça para ver se ele se foi.

Frente àquele rosto, maltratado e escondido na barba, Paulus agora tem certeza; esse trapo de gente é seu filho!

Deparando-se com o olhar de Paulus, o miserável cai num pranto sentido. Todo seu corpo convulsiona. Esforçando-se para falar, entre soluços e lágrimas, ele grita, num som cavernoso, que ecoa no vazio do tanque e, muito mais, na alma de Paulus:

– Vá-se embora, pai desnaturado! O que quer? O que veio fazer? Essas ruínas são tudo o que me resta!... Saia daqui e esqueça que me viu! Odeio o senhor! Sinto vontade de matá-lo, por todo mal que nos fez!

Paulus, que a esta altura chora sem controle, pede, conciliador:

– Por favor, meu filho, saia daí... Venha a mim...

– Para que?!... Nada, absolutamente nada, temos a dizer um ao outro! O senhor, para mim, tornou-se um estranho, assim como para a ‘minha’ família... Que lhe importa a minha sorte? Que lhe importa a nossa sorte? Fez-se ao largo e nos esqueceu, agora me chama de filho? Caso não me encontrasse aqui hoje me procuraria? Quando tentou isso, pode me dizer? Deixe-me aqui em paz e vá-se embora! Esquecerei que nos vimos, para o bem de nós dois!

– Por favor, Nassif! Acalme-se e venha até aqui! Desejo vê-lo mais de perto... Abraçá-lo!... O desespero e a dor falam por você, meu filho...

Numa gargalhada sinistra, Nassif retruca, debochado e cruel:

– Serei mesmo seu filho, ou minha mãe terá prevaricado? Não serei eu um bastardo? Como saber, não é?

– Não diga isso, peço-lhe! Palavras como estas você jamais ouviu da minha boca. Não envenene mais ainda as nossas vidas... Como está sua mãe? Como estão todos?

– Se quisesse saber, teria nos procurado!

Enquanto fala, cada vez mais revoltado, o rapaz decide e começa a subir, saindo do fundo do velho tanque. Ao saltar no chão, já do lado de fora, afasta-se, agressivo, da proximidade de Paulus, e coloca entre os dois uma razoável distância.

Paulus, rosto congestionado pelo pranto, trêmulo, indaga num fio de voz:

– Para que eu os procuraria, Nassif? Para ser mais uma vez rechaçado por vocês?

Irônico, Nassif responde:

– Nada que diga, ou faça, justificará aquilo que fez!

– E o que fiz, meu filho?

– Esqueceu-nos, a todos!

– Sua mãe determinou assim, e vocês anuíram, diante das atitudes insensatas dela!

Num fino sorriso de deboche, Nassif informa:

– Vive distante, há tanto tempo, que nem sabe que é viúvo!

– Sua mãe morreu?!... Quando?

– Sim! Ela morreu, tragicamente, há alguns anos!

– Como isto aconteceu?

– Ela se distraiu e foi apanhada por um cavalo em disparada. Viveu alguns minutos mais para despedir-se de todos nós e partir deplorando a própria existência, que terminava de maneira tão cruel.

– Lamento!... E o que houve depois?

– Nos perdemos no mundo! Cada qual para o seu lado, já que nunca fomos unidos. Agindo, cada um à sua maneira, continuamos a viver do jeito que podíamos e, como pode ver, eu não me dei muito bem...

Paulus sente-se o pior homem do mundo. Este filho, que nesse momento é apenas um rebotalho da vida, atira-o de encontro ao passado, que se faz presente da pior forma possível. Sim, alguma

razão ele tem. Não devia tê-los esquecido como fez... Sua obrigação era, ao menos, saber deles. Todavia, a vida foi passando. Distante, assumiu completamente sua nova realidade, esquecendo o passado, para defender-se... As mágoas haviam dilacerado demais o seu coração, e as feridas custaram a cicatrizar. Olha para o filho... Suas pernas estão trêmulas... Suas têmporas latejam. Sente uma dor forte no peito; pressiona-o, com ambas as mãos, mas tudo escurece ao seu redor e ele desaba.

Quando desperta, está num dos quartos da velha casa, deitado sobre alguns farrapos que lhe passaram despercebidos na primeira inspeção. A um canto, que não vislumbrara antes, alguns pratos com restos de comida e uma caneca fazem companhia a um cobertor encardido e muito velho.

“Eis o que ele possui... Pobre filho!...” – muito triste, fecha os olhos e se interioriza.

Nassif debruça-se sobre ele, aflito, fitando-o entre perplexo e apiedado.

“Nassif... meu filho!... Nesse homem derrotado pela vida nada que se assemelhe àquele belo jovem, irresponsável e indolente, que deixei aos cuidados de sua mãe... Onde, aquela beleza notável que seduzia as mulheres? Onde, sua elegância refinada, sua vaidade e arrogância?... Por onde andarão os seus irmãos e minha querida filha, Ruth?!...”

Como a adivinhar-lhe as indagações, Nassif declara:

– Ruth casou-se e partiu para Esmirna. Isaac e David, eu vi algumas vezes, até que nos separamos. Isaac é comerciante. Ele compra e vende gado caprino. David, carpinteiro, hoje fabrica belos móveis. Aquele que lhe é homônimo, sumiu da nossa vista. Dele, nada sabemos.

Refazendo-se, em parte, Paulus comenta pesaroso:

– Se os seus irmãos, à exceção de Paulus, de quem nada sabem, de uma forma ou de outra conseguem sobreviver com dignidade, por que você tomou rumos tão diferentes?

Nassif empalidece. Ali, diante dele, por mais que desejasse ignorar, está o seu pai, seu provedor por tanto tempo, e nesse momento, também o seu juiz...

Desconfortável, responde sincero:

– Eu persegui os prazeres do mundo nos braços de muitas mulheres. Minha figura, privilegiada, sempre me facilitou o acesso aos corações femininos. Apaixonadas e ciumentas, elas me proviam daquilo que eu precisava e muito mais!

– Todavia, filho, o que vejo...

– Sim, eu sei e posso explicar: ousado e confiante, estendi as minhas conquistas até nos palácios e entre as mulheres mais proeminentes de Jerusalém. Numa dessas conquistas, preciosas e úteis, para continuar vivendo no luxo e na inércia, eu me envolvi com a mulher de um riquíssimo mercador, mourisco. Acabei sendo gravemente ferido por ele, que nos surpreendeu no leito. Julgando-me morto, ele saiu dali, possesso, arrastando a sua mulher. Esta, enlouquecida de pavor, esperneava e gritava... Deles, nunca mais tive notícia.

Salvo por um amigo de farras, passei anos doente e incapaz de cuidar de mim mesmo. Devo muito à minha doce Raquel, mulher querida, que me manteve e cuidou de mim, até que eu me sustentasse nas próprias pernas, novamente.

– Pelo que posso ajuizar, não ficou com ela, também...

– Tem razão. Ciente que eu não assumiria com ela maiores compromissos, escorraçou-me.

Desiludido, incapaz de trabalhar, porque a isso nunca fui acostumado, me atirei, cada vez mais, nos desregramentos do mundo.

Envergonhado, Nassif faz uma pausa. Chegara ao ponto culminante de sua desgraça... Todavia, não pode mais voltar atrás... Seu pai está aguardando, silencioso e triste.

Inspira e expira ruidoso e declara:

– Hoje, carrego uma doença implacável, muito conhecida de todos

aqueles que vivem como eu.

Paulus ouve-lhe a declaração, entre a lucidez e a vontade de estar dormindo e sonhando, para poder, enfim, despertar...

Controla-se e após o primeiro impacto demonstra a intenção de continuar a ouvi-lo, para inteirar-se de tudo o que lhe diz respeito, seja o que for.

Muito constrangido, Nassif prossegue:

– Para sobreviver, aqui e ali, faço alguns favores em troca de parcas moedas ou... ou... Nassif gagueja... Peço... esmolas...

Paulus não suporta mais. O pranto explode e as lágrimas correm livremente. Após o primeiro momento de desabafo, senta-se, apruma-se, e enxuga os olhos. Olha para o filho, como se nunca o tivesse visto antes. Diante do seu silêncio, pede:

– Por favor, meu filho, vá até o fim.

Hesitante, Nassif conclui a sua triste narrativa:

– Assim, vou me arrastando. Culpando a tudo e a todos pela minha desgraça, cevo no coração muito ódio, principalmente pelo senhor, meu pai!

– Oh, Nassif, lamento tanto! Aqui e agora, você é a presença cobradora dos meus erros como pai.

Olham-se, estremecidos... Em verdade, o que mais desejam é atirar-se, um nos braços do outro; o que fazem, enfim, ambos, chorando...

Lágrimas a rolar no rosto de pele seca e grosseira, Nassif pergunta aquilo que acima de tudo o atormenta:

– Onde esteve e por que jamais nos procurou?

Diante de tal indagação, Paulus sente-se ínfimo e se dá conta do quanto errou:

– Depois de tudo, desprezado e atormentado, não apenas por vocês, mas por nossos parentes mais chegados, fui visitar Milcah e ali permaneci. Dela, recebi respeito e auxílio, na vida que eu julgava terminada. Voltei a trabalhar com afinco, e aos poucos, recuperei

tudo e muito mais obtive, com o esforço do trabalho, no suor de cada dia.

Sendo sincero, eu soube do interesse de vocês, pela minha nova situação mas, ofendido e profundamente magoado, permaneci distante. Principalmente de sua mãe, eu guardava as mágoas mais pungentes!

Quando mais precisei de apoio, ela jogou vocês contra mim. E vocês, meus filhos, aos quais eu tinha dado tudo, esqueceram o meu esforço para alcançar e manter o patamar financeiro, ao qual estávamos acostumados, e revelaram, sem rebuços, que não era a mim que amavam, e sim ao meu dinheiro!

Nesse momento, crucial e ao mesmo tempo venturoso, eu lhe peço perdão! Espero ter a chance de pedi-lo, também, aos seus irmãos.

Vocês eram imaturos e precisavam de orientação adequada. Ao deixá-los, eu não tinha outra alternativa, mas errei, gravemente, ao tentar esquecê-los... Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente. Como pude ser tão insensível? Custa-me acreditar que estou diante de um espelho e que a minha imagem não é bonita!

Nassif ouviu tudo e faz uma autoavaliação... Sabe que é culpado da situação miserável na qual se encontra. Seu pai toma para si toda a culpa, mas ele não é o único responsável...

Sente-se muito, muito cansado... Recorda de quando escorraçaram o pai... Ele sempre fora bom e tudo lhes dera, sem pedir nada em troca. Quando ele se foi, aceitaram, insensíveis, a sua ausência. Interesseiros, porém, quando souberam que ele havia enriquecido de novo, movimentaram-se à sua procura, mas Paulus regressara para a Turquia. Isso, eles ignoravam.

Arrependido, Nassif chora baixinho.

Emocionado, Paulus abraça-o e beija-o várias vezes.

Assim abraçados, eles permanecem, até que Paulus volta a falar:

– Precisamos procurar os seus irmãos! E fique descansado quanto ao seu futuro. Se for do seu agrado, filho querido, venha comigo, agora!

– Sim! Nunca mais vou deixá-lo, meu pai!

Lado a lado e conversando, eles saem.

Paulus olha, mais uma vez, o ‘seu antigo lar’ e leva o filho para casa.

Surpresa, Milcah vibra com o feliz acontecimento e acolhe amável o cunhado.

Uma nova vida se esboça para Nassif, ao lado de seu pai.

Na quinta de Demétrio

NUMA INCOMPREENSÍVEL ANSIEDADE, Ben Azir aguarda impaciente a grande festa na Quinta de Demétrio.

Os preparativos para o seu casamento seguem num ritmo frenético. Há um grande esforço de todos, principalmente de sua mãe e de Almara, mãe de Agar.

Estranhos sentimentos o alcançam, quando pensa que o seu casamento, aguardado com impaciência por todos, irá modificar, desde o cerne, a sua vida. Frente a essa realidade insofismável, ele vacila...

Observando-o, muito intuitiva, Deborah conclui:

“Com a aproximação dos esponsais, ele deve estar se sentindo inseguro... Afinal, sua vida se modificará, radicalmente...”

Mas, diante do grande investimento, financeiro e moral, ela espera que tudo dê certo. Afinal, Ben Azir ama muito a sua noiva...

Ben Azir, contudo, quando se defronta com a organização da festa nupcial, não se sente confortável...

Ultimamente, as reuniões do grupo de revoltosos tem-lhe exigido demais.

Jadhu, quase sempre colérico, não perde ocasião de ameaçá-lo.

Sem menosprezar os riscos que corre, Ben Azir segue intimorato, fazendo e dizendo aquilo que pretende, e concretizando vitorioso, suas intenções e promessas.

Têm tido algumas baixas. Quase todos receiam que os reais objetivos não se cumpram, apesar de tantos sacrifícios. Mas, a cada

novo membro que, acovardado, se desliga, ou diante de outros que se ferem ou perecem, muitos outros, revoltados, injustiçados e decididos a lutarem por justiça, se inscrevem nessas fileiras de soldados sem bandeiras e sem direitos, a não ser o de serem perseguidos e caçados.

Ben Azir tem sido muito requisitado. Pronto para a luta, ele se faz presente e atuante, nos mais diversos níveis de enfrentamentos. Nessas ocasiões, ele usa as roupas de tal forma que nunca foi reconhecido. Seu turbante se estende numa prolongação de tecido pregueado e lhe cobre o rosto, velando-o.

Em algumas noites, perde o sono e deplora esse jeito de viver, mas ao nascer do sol, reafirma a intenção de defender os direitos e as tradições do seu povo.

Deborah e Jairo, conquanto partilhem dos mesmos ideais, sofrem e rogam a Deus defesa e proteção para o filho que se envolve, cada vez mais, em confrontos decisivos. Almejam, do fundo dos seus corações, que um dia ele possa viver uma vida normal, como um dos mais nobres homens, que é, da sua raça.

Enfim, os convites para o casamento estão chegando aos lugares mais distantes, onde moram parentes, amigos e conhecidos.

Certo dia, Ben Azir recebe uma missiva de Demétrio, confirmando o seu convite para o grande evento. Entusiasmado, prepara-se para comparecer.

Lembra a desabrida hostilidade de Adriano... Sabe que não apenas este abominará a sua presença. Muitos outros não veem com bons olhos a amizade entre povos tão diferentes e, notadamente, inimigos. Ainda assim, espera com ansiedade a data do evento.

Já encomendou um rico e elegante traje, de acordo com a sua posição social e com o patamar elevado do patrício romano, Demétrio.

Enfim, no dia aprazado, ele comparece junto àqueles que o acompanham por etiqueta e a seu serviço.

Uma vez ali, alegra-se. Até onde a vista alcança, as imagens

surpreendem... Terá aportado no Olimpo? Esteta, por natureza, a alma de Ben Azir se extasia e sonha.

Após alguns instantes de caminhada, depara-se com Demétrio. Este se adianta, braços abertos e sorriso largo:

– Salve, nobre amigo! Folgo ao ver que aceitou o meu convite! Comemoramos hoje o aniversário de minha mulher, Minerva. Esteja à vontade e seja feliz, ao menos hoje, quando, longe dos nossos naturais compromissos, podemos alegrar a alma e o corpo, neste congraçamento!

– Salve, nobre Demétrio! Harmonizo-me com sua alegria e agradeço-lhe a boa recepção!

Observando, muito bem impressionado, a notável elegância de Ben Azir, Demétrio leva-o para apresentá-lo aos demais convidados. Estes se surpreendem com o seu porte, sua beleza natural e fidalguia, mas, principalmente, com a sua presença...

Ciente daquilo que pensam, Ben Azir se esforça para demonstrar naturalidade e isenção de ânimo.

Clamando por seus serviçais, entrega os presentes que trouxe a Demétrio. Agradecendo, Demétrio passa-os aos seus servos e convida-o a conhecer sua mulher.

Esta, luxuosamente trajada e exageradamente ataviada, confortavelmente sentada sobre um estrado alto, cercada de servas, frutas e bebidas; displicente e protocolar, faz a parte que lhe toca:

– Grata por ter comparecido e pelos presentes!

Frente a frente, analisa-o, meticulosamente, entre surpresa e admirada.

– Que os deuses a abençoem, fazendo-a feliz, senhora!

Bem impressionada com a sua voz melodiosa, os seus gestos viris e a sua impecável elegância, ela conclui que ali está uma personalidade forte, daquelas que não passam despercebidas, onde quer que estejam.

“Enfim – pensa, entediada – ele acrescentará brilho à nossa festa... Todavia, seria melhor que não tivesse vindo!...”

Analisando-a, também, Ben Azir sente que estaria mais seguro, frente a uma serpente traiçoeira e venenosa... Saudando-a, mais uma vez, respeitoso, ele se distancia.

Na observação de tudo, caminha a esmo, sendo, por sua vez, observado por Demétrio, muito satisfeito com a sua presença.

Passando por alamedas decoradas na intenção da representação dos famosos Campos Elíseos, ele se interna nos bosques, em meio à vegetação exuberante. Ao seu redor, flores exóticas exalam agradáveis perfumes. Respira a haustos, e o ar entra, balsâmico, pulmões adentro. Sedento de vida e de beleza, aproveita.

As moças, nas suas belas e elegantes túnicas, brincam ao sabor dos ventos, espalhando as suas alegrias, numa adorável alacridade.

Os rapazes, por sua vez, esmeram-se nas narrativas, verdadeiras ou não, dos seus feitos, numa natural algaravia.

Ben Azir recorda que nunca fora assim. Nasceu com tendências mais sérias, voltado sempre para assuntos mais profundos. Junto aos adultos, tornava-se um deles; em meio às crianças, sentia-se deslocado. Participava de jogos e brincadeiras, naturalmente, mas rapidamente mudava o rumo dos pensamentos.

Sem ser triste, jamais se entregou às loucuras que, de modo geral, caracterizam a juventude. Se não possui ‘feitos’ para narrar, em contrapartida, nunca passou pelos apuros que a imprudência engendra para os jovens...

Observando aquela alegria esfuziante, conclui que nunca a teria, não assim, tão solta, tão irresponsável.

Ben Azir sente-se muito mais velho que todos aqueles jovens. Contudo, eles devem ter a sua idade, pouco mais, pouco menos... Geralmente, harmoniza-se com os mais velhos, e com os ‘muito, mais, velhos’. Gosta da experiência e da sabedoria que o tempo concede.

Enquanto Ben Azir passeia, os seus acompanhantes recebem um tratamento adequado às suas atribuições.

Mesmo aqueles que se sentem incomodados com a presença do

rapaz não se atrevem a contrariar o anfitrião.

A natureza premiou o dia com um sol brilhante e um céu de cores irisadas.

Algo cansado, conclui que precisaria caminhar muitos dias para conhecer toda extensão da exuberante propriedade. Regressa, então, ao ponto de partida, misturando-se ao burburinho alegre da pequena multidão que aumenta a cada instante.

Envolvido e sonhador, não percebeu que uma linda jovem o observa, desde a sua chegada. Quase escondida, num bucólico espaço, entre frondosas árvores, junto a um grupo de moças que tagarelam divertidas e saboreiam guloseimas, ela, sem perdê-lo de vista, registrou-lhe o afastamento e o retorno...

Ali está Sibila. Estranhamente silenciosa e atraída por aquele belo homem vestido num traje de branco refulgente, e que se sobressai, inegavelmente, da pequena multidão...

Viu quando Demétrio o recepcionou num visível contentamento.

Onde o vira, antes? Busca na memória algum lugar, em algum tempo, mas não consegue recordar... Nele, tudo encanta: o andar altivo, os gestos nobres, os modos refinados mas sem afetação, a elegância... Não consegue desviar os olhos, enquanto finge divertir-se com os ditos, jocosos, das suas amigas.

Em dado momento, Ben Azir sente-se ‘vigiado’. Atraído para uma direção específica, volta-se e se depara com o seu olhar. Fazendo-se entender, inclina-se, elegante e sedutor. O fato o delicia; sentir-se sob tão belo quanto desejável olhar. No seu sorriso, a carga de fascínio que carrega e do qual é ciente.

Intimidada com a reação dele, ela cora e sorri levemente, enquanto abaixa os olhos, como a pedir desculpas, por seu comportamento ousado e invasivo.

Ele prossegue o seu caminho, quando vê Demétrio que chega acompanhado de alguns amigos. Entre estes, Adriano que o reconhece de pronto.

Contrariado, Adriano lhe dirige um olhar; misto de surpresa, ironia

e desprezo.

Sem abordá-los, Ben Azir aguarda.

Muito alegre e descontraído, Demétrio dirige-se a ele:

– Meu caro e jovem amigo, quero apresentar-lhe alguns convivas!

Apresentando-os e chegando a Adriano, ele comenta:

– Adriano você já conhece! Ele vive conosco, há muitos anos.

Adriano inclina-se, educado, mas silencioso. Seu olhar fala, sem reservas, da rejeição patente à sua pessoa.

Sereno, Ben Azir dirige-lhe a palavra:

– Como vai?

– Estou muito bem! – Adriano lhe responde, ignorando-lhe a mão estendida e, rapidamente se vai, fingindo apressar-se para recepcionar algum conhecido.

Demétrio convida Ben Azir a segui-lo, pois pretende apresentá-lo a alguém.

Atendendo-o, Ben Azir o vê aproximar-se da bela moça que o observara à distância. Abraçando-a, Demétrio lhe dá um beijo na testa.

Ela, intimidada com a presença de Ben Azir, sente uma alegria diferente e inesperada... Não é apenas a sua rara beleza, que a atrai... Tem conhecido homens que rivalizam em beleza com Apolo, mas nunca se sentiu tão tocada, nem tão interessada...

– Minha cara Sibila, quero apresentar-lhe meu novo amigo, Ben Azir!

A voz de Demétrio explode, aos seus ouvidos, trazendo-a de volta à realidade.

Com delicadeza e um sorriso iluminado, ela exclama:

– Sinto um enorme prazer ao conhecê-lo, senhor! Espero que esteja à vontade e aproveitando o máximo deste evento!

– Evento este – diz Demétrio, sem disfarçar o orgulho que sente – que teve o planejamento e a execução de Sibila, esta filha querida

da minha casa! Ela cresceu entre nós, como um raro presente dos deuses. Foi primorosamente educada e hoje nos premia com seus dotes de inteligência e sua inalterável bondade!

– Assim me confunde, com tantos elogios, por favor... – ela diz, corando até a raiz dos cabelos.

Agradavelmente surpreso, Ben Azir se dirige a ela:

– Meu prazer, ao conhecê-la, é indescritível, nobre Sibila! Demétrio, em verdade, já havia falado a respeito de sua doce e brilhante, pessoa. Confirmando, *in loco*, esses elogios, parabenizo-a, e aproveito para agradecer– lhes o convite e a oportunidade para estar aqui! Aceite-me, caso seja do seu agrado, a partir de agora, no rol dos seus amigos, como o mais humilde deles! Louvo sua beleza incomparável e sua inteligência privilegiada!

Ele se inclina, num cumprimento respeitoso, e ela sorri, feliz e divertida, enquanto reclama:

– Desta forma, será difícil conversarmos, caro senhor, Ben Azir! Não sou tanto quanto creia! São apenas exageros de um coração paternal! Tudo que sou, devo a Demétrio e à sua generosidade!

– Ora, minha filha, você é fruto de si mesma, no esforço renovado de cada dia! – Demétrio complementa, amável e sincero.

Sorrindo para Demétrio, agradecida, ela aguarda, ansiosa, os próximos atos de Ben Azir.

Igualmente ansioso, ele sugere:

– Nobre Sibila, poderia me dar o imenso prazer de me acompanhar e decifrar para mim as diversas alegorias instaladas ao longo das aleias? Eu adoraria poder contar com uma companhia tão competente quanto desejável!

Feliz, com a provável chance de conhecê-lo, melhor, Sibila lhe responde:

– Como queira! Caminhemos, então, na apreciação da beleza aqui oferecida. Entendo, porém, que está apenas sendo gentil comigo! Concluo, e não devo estar errada, que o senhor já deve ter apreciado as alegorias de que fala e feito sua análise, que deve ser

das mais competentes!

Mergulhando seus olhos nos dela, Ben Azir desafia:

– Por que pensa assim?

– Porque eu o observei, desde que chegou. Sua curiosidade fala da sua inteligência!

Usando de igual sinceridade, ele exclama, elevando as mãos ao alto, entusiasmado:

– Oh, felicidade sem preço! Estar sob tão bela quanto competente observação, sabe à ambrosia dos deuses! Que os seus deuses e o meu Deus abençoem e defendam esta afeição que se inicia aqui, de forma tão interessante e vivaz, entre a beleza e o saber, a arte e a cultura!

– Sim! Que aqueles que nos protegem, sejam os deuses gregos ou o seu Deus, nos abençoem e nos defendam!

Ben Azir encanta-se, a cada novo pensamento que sai de tão bela cabeça, a cada nova expressão do seu belíssimo e perfeito rosto, a cada nova palavra que sai de uma boca tão linda e desejável...

Sem poder evitar, sente-se traindo a bela Agar... Nesse momento, a noiva lhe parece muito distante...

Interiorizado, distraído, ele ouve Sibila indagar, curiosa:

– Mudou de ideia?... Não se preocupe comigo e aja como melhor lhe parecer!

Quase num salto, ele se defende:

– De modo algum! Perdoe-me a abstração, por favor! Eu jamais perderia a oportunidade de estar ao lado de alguém tão bela e inteligente!

– Se impressiona tanto assim com a beleza?

– Não posso negar, a beleza me fascina, principalmente quando bem acompanhada!

– Bem acompanhada?...

– Sim, da beleza da alma!

– Ah... Amaria alguém que possuísse apenas a beleza física?

– Sim, em primeira instância. Apenas os sentidos estariam agindo em mim, mas sem dúvida seria algo passageiro, sem chances de futuro.

– Amaria uma mulher feia?

– Tenho certeza que sim, se eu estivesse fascinado por ela! Quando amamos de fato, o feio se torna belo, e os limites entre a beleza e a feiura tornam-se muito relativos.

– Encontro-me deveras bem impressionada! É admirável ouvir um homem falar assim, e posso aquilatar a sua sinceridade!

– Saiba que não vivencio apenas o lado feliz e bonito da vida. Aprendi, muito cedo, a separar o falso do verdadeiro, a verdade da mentira.

– Sua figura emana dignidade, sabedoria, e larga experiência de vida.

– ?!...

Rindo, divertida, ela explica:

– Sou muito observadora!

Ela silencia e Ben Azir percebe-lhe alguma intenção. Sorri, incentivando-a a falar. Entendida, ela indaga:

– Por que enfatiza o fato de não viver apenas o lado bom e bonito da vida?

– Porque assumo, diuturnamente, grandes e graves responsabilidades!

– Então... Ocupado, como é, aceitar o convite de Demétrio e ter comparecido foi uma deferência?

– Sim! Normalmente, não compareço a festas. Poderia, sem prejuízo para ninguém, ter declinado. Contudo, aceitei e aguardei esse dia com ansiedade!

– Algo de especial? – Sibila indaga, olhos curiosos e uma preocupação com algo que não consegue definir...

– Nada que eu pudesse racionalizar. Chamemos de intuição,

certo?

– Certo!... Eu gostaria de ouvir mais a respeito das suas graves responsabilidades. Confesso que fiquei muito intrigada!

Ben Azir percebe que, com ela, precisa ser mais cuidadoso.

Educado, responde:

– Peço-lhe vênia para não falar a respeito. Talvez, noutra ocasião...

De olhar percuciente, ela fita Ben Azir, silenciosa. O seu novo amigo tem segredos...

Enfim, concorda:

– Vênia concedida! Falemos sobre beleza, pode ser?

– Naturalmente! Se bem que jamais esgotaremos esse assunto.

– Concordo. Caso pretendêssemos analisar todas elas, nunca chegaríamos a uma conclusão satisfatória, mas podemos falar de algumas.

Sorrindo, encantado, Ben Azir aguarda-lhe as ilações.

Séria, ela inicia o tema:

– Analisemos a beleza diabólica: nesta, a perfeição física salta aos olhos, mas sua presença instala uma sensação de desconforto; os seus olhos traduzem, um não sei quê de maléfico... Temos, na história de todos os tempos, exemplos, gritantes.

– Muito bem! Outras belezas, boas ou más, foram recursos oportunos para os seus donos, ao submeterem personalidades poderosas e influentes, modificando intencionalmente os contextos políticos, civis ou religiosos, desta ou daquela época, provando sem disfarces que a beleza carrega um grande potencial, capaz de influenciar o mundo para o bem ou o para o mal. Somos criaturas muito influenciáveis, ainda, porque, imperfeitos e falíveis.

– Certamente! O que importa, em verdade, é que a criatura humana, bonita ou feia, seja notada por suas virtudes e não por sua aparência!

– Conheço pessoas consideradas feias que são muito apreciadas e queridas!

– Triste a constatação de que a beleza é perseguida e desejada, obsessivamente, por quase todos! Aqueles que se enganam com a casca do fruto, muitas vezes acabam envenenados! Deploro o homem que vive, sofre e morre alucinado pela beleza de uma mulher, sem refletir sequer que esta, quase sempre, só lhe trouxe dor e aflição...

– Por outro lado, o jugo da beleza que encanta e atrai, poderosamente, é muito pesado para carregar, mormente para uma mulher.

– Quanto à arte, nós admiramos a beleza retratada em todas as suas nuances. Eu, particularmente, admiro as belíssimas e perfeitas esculturas dos grandes toreutas.

– De uma forma ou de outra, a beleza nunca passa despercebida!

– As artes, de modo geral, nos encantam e iluminam, quando veem de um artista talentoso e são bem direcionadas!

– Sim, elas permitem que um espírito, arguto e perfeccionista, se delicie e se instrua, no exercício do seu potencial, intelectual e espiritual, natos ou não, mas sempre desenvolvidos e ampliados, na observação inteligente e no esforço de cada dia!

Ambos silenciam...

Nem se deram conta que Demétrio, ao observar-lhes o interesse mútuo, discreto, há muito se distanciara.

Isso, contudo, não é o que mais importa, mas, os olhos penetrantes e ciumentos de Adriano, que não se atreve a abordá-los para interferir, pois teme as tiradas inteligentes e muito desconcertantes que Sibila usa, quando contrariada. Ela sabe defender-se, como ninguém.

Detesta Ben Azir, desde que o viu, pela primeira vez. Agora, Sibila lhe concede uma atenção inusitada, para alguém que conheceu há poucas horas...

A Demétrio nada passa despercebido: nem a afinidade que reina entre os dois jovens, nem os ciúmes de Adriano.

Aguarda impaciente a chegada do filho que esteve em campanha,

distante de Roma. Ele se demora, mas virá a este evento, no qual figuras proeminentes de Roma comparecem.

Demétrio recepciona e atende os amigos e os convidados, com uma elegância e delicadeza notáveis.

Intimamente, confirma a afeição que sentiu por Ben Azir, na casa do saudoso amigo, Galba. O rapaz, de fato, corresponde àquilo que aparenta. Mas, ao ver Sibila tão encantada, teme, e por muitas razões. Para tranquilizar-se, conclui que está se precipitando.

À distância, Minerva, igualmente, observa-os, curiosa e aparentemente contrariada. Tudo que diz respeito a essa agregada, importante e destacada, por causa de Demétrio, a incomoda demais, porém, nada pode contra a filha da sua odiada rival, que um dia destruiu, sem remorsos, a felicidade de sua casa (conclusão, particular...). Sibila, para Demétrio, é sagrada, intocável.

Minerva é ciente da patente adoração do marido pela moça, à qual se pode acrescentar, para seu desespero, a afeição exagerada de Hatérius. Este lhe conhece os escrúpulos quanto à Sibila, mas ignora-os, deliberadamente.

A festa prossegue cada vez mais intensa.

Como sempre, Sibila encanta a todos, aumentando em muito o rancor de Minerva: Apresentou-se nas danças e já fez parte do teatro, conquistando aplausos entusiásticos. Toca, agora, a lira, e canta como se estivesse no próprio Olimpo. Um silêncio, quase sagrado se faz para ouvi-la. Concentrada e enlevada, ela passa de uma música a outra, exercitando esta forma de arte como poucos.

Ben Azir admira-a, em êxtase. Embevecido, ouve e envolve-se, com tão belas melodias e, muito mais, com a artista.

Ela encerra sua apresentação, enquanto vivas explodem.

Seguindo o programa, poesias são declamadas por seus autores ou por intérpretes contratados.

Jogos são levados a efeito, nas competições entusiásticas daqueles que se esforçam para vencer e receber a almejada coroa de louros.

A hora mais esperada e mais importante do evento é a homenagem à Minerva e que encerrará a primeira parte das comemorações. Os convidados se dirigirão a ela, reverentes e alegres, para os bons augúrios, em nome dos deuses e da amizade.

Enquanto se deliciava com a bela voz de Sibila, Ben Azir recorda as suas palavras, ao falar nos deuses e referir-se a Deus, de maneira espontânea e natural. Terá, essa bela mulher outro credo que não aquele no qual foi criada?!...

A Ben Azir, ela se assemelha a um anjo de rara beleza. Sua presença é tão completa e tão querida, que isso lhe confere certo poder...

Decide prosseguir no aproveitamento de tudo que ali se oferece. O ar puro, que vem dos bosques, inebria. Precisa interiorizar-se, entender-se; avaliar aquilo que no momento o surpreende, requisitando cautela e compreensão elevada...

Observador, conclui que os romanos sabem gozar a vida e tudo o que ela oferece, sem economias e sem reservas.

Livre, enfim, das suas atividades e daqueles que tentam monopolizá-la, Sibila volta à observação daquele que lhe parece tão conhecido e tão atraente... Distraída, não percebeu que Hatérius, à distância, cuidadoso e ciumento, toma conta dos seus passos. Ele que já chegara, a tempo de ouvi-la cantar, pretendia aproximar-se, quando lhe notou alguma intenção e aguardou.

Determinada, procura por Ben Azir. Encontrado-o, aproxima-se e reata a conversa interrompida.

Hatérius empalidece, estremecendo numa revolta incontida. Aquele homem que nunca viu, mas que prontamente o desagrada, parece interessar-se por Sibila, sendo por sua vez, premiado com a sua atenção e os seus sorrisos!

Conhece bem essa irmã de criação que se transformou, aos poucos, na mulher mais desejada da sua existência. Assim como Adriano, ele também já percebeu o risco que corre, com a presença do indesejável convidado...

Investido no seu inquestionável poder, Hatérius é cercado por aqueles que desejam cumprimentá-lo, fazer-se notar, aproveitar a ocasião para conseguir algum favor, simplesmente ser visto a conversar com ele, ou, apenas, incensá-lo. Personalidade tão poderosa, sempre arrasta, atrás de si, uma multidão de interesseiros e interessados. Difícil livrar-se disto, onde quer que esteja. Muitas vezes, ele usa de grosseria, diante do comportamento inconveniente de algumas pessoas.

Cumprimentou o pai e beijou a mãe, num comportamento de pura etiqueta. Saudando-a pelo seu aniversário, deu-lhe uma joia tão preciosa que a fez arregalar os olhos e dar gritinhos de espanto:

– Minha mãe, além desse mimo, eu lhe trouxe, também, uma luxuosa liteira da última moda, verdadeira obra de arte, saída das mãos habilidosas de um famoso artesão grego.

– Oh, meu filho querido! Vamos vê-la, não vou adiar um instante sequer esta satisfação!

– Sim, faça isso, vá com Nestório! Ele sabe onde ela está. Estou a ver o amigo senador Vitório, e tenho um assunto urgente com ele; desculpe-me e alegre-se com o seu presente!

Sem aguardar resposta, Hatérius se vai, em verdade vigiar Sibila.

Clamando pelas servas, Minerva sai à procura do rico veículo.

Hatérius aproxima-se do pai e indaga, cenho carregado:

– Meu pai, quem é aquele ‘judeu’ (Hatérius enunciou a raça de Ben Azir, articulando, furioso, a palavra, entre os dentes) vestido de branco, ostentoso e arrogante, que caminha ‘livremente’ pela nossa propriedade?

– Ah, sim! É um bom amigo que conheci na casa de Alicius Galba, quando estive em Jerusalém. É um rapaz nobre, inteligente e de caráter! Galba o tinha na conta de um grande e querido amigo. Conhecendo-o, enfim, pude confirmar todos os elogios que meu saudoso amigo lhe dispensava.

– Logo vi! Amigo de Galba!... Se bem me recordo, os ‘novos amigos’ do pai de Adriano não eram o que se pode chamar de

nobres, pois não? Inimigos de Roma é o que eles são; nós sabemos, e os causadores da sua desgraça!

– Hatérius, como pode rotular as pessoas, assim? Você coloca todas, na mesma rede, mesmo que sejam de tamanhos diferentes! Minha amizade com Galba era tão sagrada que eu lhe digo que se não fosse ele, eu não teria sobrevivido para ser seu pai!

Frente a frente com o pai, Hatérius parece surdo. Não lhe importam, absolutamente, os seus argumentos.

Voltando à carga, repreende, duramente, a Demétrio:

– Surpreende-me, a sua notável incompetência e desleixo, em comandar a nossa casa, na minha ausência!

– Na 'sua ausência', Hatérius? Ordeno que me respeite, ao menos hoje, no aniversário de sua mãe! Não me tire o prazer de tê-lo conosco! Ninguém precisa saber dos nossos desentendimentos! Se estou em 'minha casa e, em minha propriedade', justo se faz que eu convide àqueles que me agradam, mesmo que isso possa contrariar você! Não sou, um dos seus subordinados, Hatérius, lembre-se disto! Colérico e exaltado, Demétrio acabou chamando a atenção daqueles que lhes estão próximos. Lamenta, mas não conseguiu controlar-se.

Hatérius não se dá por vencido e ameaça:

– Aviso-o que estarei a vigiar o seu 'ilustre convidado'! Caso haja necessidade, eu usarei a minha inquestionável autoridade legal! Esta, o senhor, meu pai, não pode ignorar! Não percebe que nos agride a todos quando nos impõe presenças exóticas como essa, estranha à nossa vida eà nossa realidade?

Profundamente humilhado, Demétrio se furta a apresentar os dois, seria um desastre.

Hatérius tem o dom de fazê-lo sofrer; sempre foi assim.

Os pares do filho, vestidos a caráter e luxuosamente, caminham por entre os convivas, com olhos de águia, numa fiscalização que incomoda e intimida. São os olhos de César.

Agora, Ben Azir tem sobre si dois olhares perigosos: o de Adriano

e o de Hatérius.

Demétrio conclui que, de fato, fora imprudente desafiando as normas endurecidas de Hatérius, tão duras quanto o seu coração.

Este filho parece ter nascido sob o signo da crueldade. Ele segue, idolatra e incensa, o poder que representa. Executa leis e ordens por mais impiedosas que sejam. Demétrio imagina que ele agiria da mesma forma com a própria família, desde que tivesse de escolher entre esta e a sua submissão, incondicional, a César.

Demétrio perdeu a natural espontaneidade.

Assim Ben Azir vem encontrá-lo. Educadamente, indaga:

– O que se passa, nobre Demétrio? Se me permite a indagação, naturalmente.

– Nada demais, caro Ben Azir; aborreci-me com meu filho mais velho que acaba de chegar.

– Compreendo... Coisas de família, não é? Todos temos esses contratempos.

– Sim, tem razão. Mas diga-me o que está achando da festa?

– Tudo que vejo me encanta! Há tanta beleza, harmonia e luminosidade! Folgo em ter vindo e mais uma vez agradeço-lhe o amável convite, que deve ter contrariado a muitos... Minha presença incomoda, eu sei! Todavia, devo dizer-lhe que me sinto muito bem aqui.

– Agradeço-lhe a compreensão, meu caro rapaz!

– Tranquilize-se! Eu sabia que seria assim, mas não tenho o hábito de me intimidar diante de conceitos pré-estabelecidos. Faz parte da minha natureza desafiá-los!

– Meu amigo Galba sabia escolher as suas amizades. Orgulho-me de fazer parte dessa plêiade. Fomos soldados de Roma, lutamos ombro a ombro, numa admiração e respeito, mútuos, incondicionais. Desde a mocidade trilhamos os mesmos caminhos. Os riscos que corremos juntos nos uniram demais. Lamento muito a sua morte...

– Participo deste sentimento de perda e de saudade.

Sem poder conter-se, Demétrio indaga-lhe:

– O que achou da minha protegida? Vi que conversaram bastante. Sibila escolhe muito bem àqueles a quem dá a sua atenção. É sábia por natureza.

– Gostei muito dela e nos fizemos amigos.

– Peço-lhe que seja extremamente cuidadoso. Temos aqui alguns homens muito ciosos da amizade dela e que podem lhe criar embaraços. Salta aos olhos de qualquer um a atenção especial que ela lhe concedeu.

Tal declaração, vinda de Demétrio, sensibilizou o coração de Ben Azir, mas ao mesmo tempo causou-lhe certo constrangimento. O que pensaria Agar se o visse tão empolgado por Sibila? Decidiu-se pela sinceridade:

– Fique tranquilo, nobre Demétrio. Sou noivo e o meu casamento se aproxima. Minha noiva chama-se Agar e é tão bela quanto a sua protegida – ele não quis pronunciar-lhe o nome, para aparentar indiferença; indiferença que está longe de sentir.

– Menos mal, meu amigo. Case-se e seja muito feliz! – rematou Demétrio, porém, sem muita certeza daquilo que ouviu e daquilo que disse.

Ao divisar a figura fascinante de Sibila, Ben Azir duvida, muito, das próprias declarações... Até essa data, Agar dominava seu jovem e ardente coração...

Demétrio captou-lhe a insegurança diante de Sibila e os olhares sedutores da filha adotiva dirigidos a ele.

Talvez ali esteja a solução para os seus problemas, com relação a Adriano. Demétrio nem pode imaginar, Sibila envolvida com alguém tão irresponsável e de futuro tão incerto. Menos ainda com Hatérius, que não consegue disfarçar a sua paixão por ela (esse, o maior tormento da sua vida...). Interiorizado, suspira...

Observando-lhe as emoções, Ben Azir conclui que Sibila deve ser muito mais que uma simples agregada em sua casa.

Silenciosos, caminham, lado a lado, cada qual imerso nos próprios

pensamentos.

Hatérius abomina a sagacidade de Sibila, que o mantém à distância, sem ofendê-lo ou sequer magoá-lo. Tratando-o com familiaridade (afinal, cresceram juntos), ela se protege.

Adriano, completamente descontrolado, já se desentendeu com várias pessoas, exibindo a sua agressividade; agressividade, esta, que ele geralmente disfarça.

Deixando a mãe em casa, com amigos e parentes mais próximos, fora à festividade exatamente por causa de Sibila.

A festa em si não lhe interessa, absolutamente. Seus nervos, acostumados a emoções fortes, desdenham as alegrias sãs da família.

Ao vê-la interessada por Ben Azir, alegra-se por ter vindo.

Sente-se tomado de fúria, quando alguns dos convidados, com intenção ou por ignorância, fazem perguntas a respeito dos últimos meses de vida de Galba e daquilo que ele viveu, por causa de algumas denúncias... Outros fingem não vê-lo, desprezando-o, abertamente.

De Hatérius já ouviu censuras, muito desrespeitosas, quanto ao comportamento de seu pai. Não reagiu, porém... Não pode arriscar-se... Pretende manter os privilégios que Demétrio lhe concede.

Hatérius, por sua vez, mesmo condenando o comportamento de Galba, e apesar do que disse a Adriano, o exime de culpa. Sabe que este veste a roupa e a alma de sua casa.

Do fundo de sua alma imperfeita, Adriano deplora o pai que a vida lhe concedeu.

Ao saber que ele pretendia comparecer à festa, Berenice indagou-lhe, olhos marejados de pranto:

– Pretende afastar-se de casa, como sempre? Tem intenções de continuar a viver em Roma, apesar da morte de seu pai?

– Por enquanto, vou apenas ao grande evento patrocinado por Demétrio. Ali, encontrarei pessoas que me interessam. Preciso também pensar no meu futuro!

– Sinto-me insegura, Adriano! Agora conto apenas com você. A vontade de seu pai, sem dúvida, é que permaneça aqui, ao meu lado, e dirigindo a nossa casa.

– Ora, minha mãe, e quanto à minha carreira? – indagou-lhe, agastado.

Berenice, exasperada, não se conteve:

– De qual carreira você está falando, Adriano?!... Daquela que sempre menosprezou? O que fez todos esses anos com os recursos que lhe enviamos? O que tem feito na vida, meu filho? Jamais teve consideração com nosso esforço para sustentá-lo e conceder-lhe oportunidades, financeiras e morais, a fim de que você investisse, de fato, nessa carreira de que fala, mas da qual vive tão distanciado!... Não subestime a minha e a inteligência de seu pai, Adriano, que mal esfriou no túmulo e você, ingrato, já o esqueceu!

Calando-se, enfim, trêmula, Berenice deixa as lágrimas correrem livremente.

Em choque, surpreso com o discurso inusitado de sua mãe, Adriano perde a condição de defender-se. Envergonhado, recorda as admoestações sensatas de Sibila...

Ao vê-lo em silêncio, desarmado e incapaz de desmenti-la, Berenice quer saber (Agora, irá até o fim. Não o fizera antes em consideração à doença do marido.):

– O que me diz, filho?

Acuado e ressentido, Adriano responde, agressivo:

– O que eu poderia lhe dizer? Que tenho sido desastrado e por isso não me realizei, ainda? Que não tenho tido sorte? Que, infelizmente, não nasci na casa do patrício, Demétrio? Que vocês me impuseram conceitos que não encontraram, jamais, eco no meu coração?

É a hora da verdade, nua e crua. Berenice agradece aos deuses, Galba não estar ali; ouvindo, como ela, os despautérios do filho.

Insensível, Adriano continua quase a falar sozinho, tal o seu delírio:

– Quero ser poderoso, em Roma! Ali, viver uma vida dourada! Ser

‘um deles’ e não apenas alguém que se tornou agregado na casa de um poderoso patrício, aproveitando as migalhas que caem da sua mesa! E, apesar da sua revolta e da sua reprovação, vou continuar tentando!

Arrasada, Berenice comenta:

– Meu filho, comprovo desgraçadamente que você sempre nos renegou!...

Sem vacilar, apesar da fragilidade notável de Berenice, Adriano revida:

– Esperou meu pai morrer para ferir-me, como faz agora? Se sempre pensou assim, por que nunca teve a coragem de condenar-me?

– Por amor a você e respeito aos sentimentos de seu pai! Contudo, meu filho, é preciso alertá-lo enquanto é tempo! Você caminha numa cegueira voluntária para um tenebroso abismo!

– Engano seu! É tarde demais! Esse é o caminho que escolhi e nem você, nem outro qualquer, vai me impedir de chegar ao meu destino! Abomino esses vaticínios, saídos de um cérebro derrotista como o seu! Com efeito! Nunca pensei que minha mãe fosse minha inimiga!

– Como pode dizer isso, Adriano? Não vê que tento protegê-lo de si mesmo?

– Nada que diga ou faça mudará o meu jeito de pensar, desista!

Adriano eleva cada vez mais a voz, e toma ares autoritários, frente à fragilidade materna. Fita a mãe, de cima para baixo, numa atitude de desprezo e conclui, enfático:

– Depois que eu regressar da festividade, à qual não posso me furtar, pensarei nos processos legais que me permitam, enfim, cuidar da minha vida, sem a sua autoridade e sem as seus objeções, que nunca me impressionaram e que nunca segui, a senhora sabe!

Berenice, sem querer, dera ao filho ingrato, a chance de se posicionar de vez...

– Apesar daquilo que diz, Adriano, lembre-se que nós sempre relevamos por amor, a sua grande ingratidão!

– Ora, ora, mais recriminações? Quem precisa de inimigos quando os possui em sua própria casa?

– Oh, deuses! O que fez do nosso amor, Adriano?!... – ela indaga num fio de voz.

Pálida, mal se sustenta nas pernas. Parece-lhe que a qualquer momento perderá os sentidos... Passa a mão na testa banhada de suor e abaixa a cabeça... Esgotada, interioriza-se e recorda as dores de Galba, a sua doença incurável, as noites insones, a certeza da iminente separação...

Agora, revê Adriano pequenino, belo e buliçoso, a correr pela casa... Seus cuidados, o amor do pai tentando harmonizá-lo com os seus princípios e a rebeldia sistemática de Adriano... Sua ida para a casa de Demétrio aos doze anos, quando já demonstrava, sem disfarces, a alegria de livrar-se de casa e da disciplina familiar...

Parece-lhe que o tempo não passou...

Hoje... Onde, o filho querido? Onde, as esperanças de Galba e as suas? Quem é esse que lhe fala com tal desrespeito e ingratidão?!...

Berenice procura o leito, recosta-se nele, e silencia. Fecha os olhos e ignora tudo mais...

Adriano, por breves instantes, sente-se tocado. Nunca vira a mãe assim... Fita seu semblante sofrido... Sabe o quanto ela lhe merece e o quanto deve ao pai... Aquilo que é e aquilo que decidiu ser, é de sua inteira responsabilidade... Imagina, como ela se sentiria, se soubesse das suas loucuras!... Tocado por tanto amor, pede:

– Por favor, acalme-se! Depois conversaremos!

Respirando mal, Berenice lhe responde, complacente:

– Confio nos deuses! Você deve estar descontrolado! Não posso acreditar que você seja assim, mas o filho querido que eu amo!

– Não se iluda comigo, minha mãe! – ele responde sincero. – Não posso e nunca pude corresponder aos seus anseios, que são a extensão da vontade do meu falecido pai. Quero me despedir, sem

inimizade. Mas não espere demais para não se magoar, inutilmente!

– Por mais que um filho magoe a sua mãe, ela o amará, sempre!

Adriano se cala. Sente-se muito mal. Precisa ir, livrar-se de vez desse diálogo perigoso.

A mãe, todavia, recobrando ânimo, insiste:

– Adriano, caso volte a viver em Roma, pretende esquecer-me?

– Veremos como acomodar tudo da melhor forma! Quando eu voltar, decidiremos. Em seu pensamento, porém, ele arremata: “Eu decidirei!...”

Beijando-lhe a testa, ele se dirige para a saída.

Antes de sair, volta e enfatiza:

– Preciso pedir-lhe algo, muito importante!

– Sim? Diga, meu filho! O que deseja?

– Que não tome atitude alguma na minha ausência! Não negocie ou prometa qualquer coisa que diga respeito aos nossos negócios e bens!

– Não esqueça que Demétrio recebeu ordens explícitas de seu pai, quanto a isso!

– Não esqueci, mas, acima da vontade ou dos propósitos de meu falecido pai, ou de Demétrio, pretendo resgatar, legalmente, a minha autoridade, e resolver tudo como eu quiser!

Nossa rica propriedade, com tudo que ela representa e contém, me ajudará, enfim, a modificar a minha história! Preciso exibir poder financeiro. Isto é um fator indispensável para a minha carreira e para o meu futuro! Como amigo e agregado de Demétrio, eu tenho acesso fácil e garantido, à sua pessoa. Saberei, obstinadamente, lutar por aquilo que me pertence, de fato e de direito!

Berenice emudece. Lamenta a cegueira e a imaturidade do filho. Ele encontrará barreiras, legais, diante daquilo que Galba elaborou e sacramentou, antes de partir. Galba sabia, desde sempre, a direção que o filho daria a tudo que ele amealhou. Caso Adriano possa, a despojará de tudo e irá viver em Roma; distante, e livre da

sua presença.

Pálida de morte, sente o coração bater desordenadamente. Uma dor aguda, no peito, se instala. Disfarça, para não ser mal-interpretada pelo filho que demonstra, sem disfarces, sua inimizade e seu desinteresse. Com alguma dificuldade, roga-lhe água. Sua garganta está seca.

Adriano requisita os cuidados da criada mais próxima, e antes de sair, ratifica:

– Estamos acertados, então! Quando eu voltar, cuidarei de tudo! Enfim, poderei viver como sempre desejei!...

Com a alma em frangalhos, Berenice sabe que a partir de agora, não tem mais espaço na vida de Adriano... Sua esperança é a fidelidade de Demétrio, no cumprimento das últimas vontades de Galba.

Os passos do filho, pelos corredores, ecoaram fortemente dentro de sua alma amorosa e desencantada...

Sem olhar para trás, Adriano seguiu para a festividade, na qual se encontra, agora, espionando Sibila.

Após se reconfortar com a água e respirar melhor, Berenice levanta-se com passos trôpegos, e procura o altar doméstico. Ali, fervorosa e em lágrimas, pede aos Manes por seu filho que revela uma notável, desorientação... Ele anseia por poder e glória, mas nada sabe sobre isso, a não ser aquilo que pode ver...

Conhece a competência de Demétrio e a sua patente honestidade, e espera que seu filho encontre, neste, uma barreira providencial para suas intenções malévolas.

Pensa no caro amigo, senador Rúfus... Este jamais lhe faltará. Hoje compreende porque ele fora sempre evasivo quanto às perguntas de Galba sobre os estudos de Adriano nas escolas, nas quais ele gastava rios de dinheiro. Não podendo elogiá-lo, também não o condenava, respeitando-lhes o amor filial...

“Bom e querido amigo!... Que os deuses o guarde e o faça feliz!”

Suplicante aos poderes divinos, pensa em Adriano:

“Oh, filho de minh’alma! Somente o sofrimento ensina, de fato, àqueles que são como você... O que semeia à sua volta? Cardos e espinhos que o ferirão ao longo da sua vida!”

Nas suas melhores lembranças: o nascimento do filho, seus primeiros passos, suas primeiras palavras... Como era belo, como era admirado, por todos! Quantas esperanças lhes trouxera! Era um régio presente dos deuses!... “Oh, deuses, protegei-o, dele mesmo!...” – roga, mais uma vez...

Mais fortalecida, após as orações, ela se dirige ao leito, na tentativa de deitar-se, mas tudo rodou à sua volta e ela perdeu os sentidos.

Não mais se levantou da cama. O seu mal não é apenas do corpo, mas da alma...

(Naquele dia e nos próximos, Berenice sequer ouvirá falar do filho, que certamente estará cuidando dos próprios interesses, em Roma.)

*

Na Quinta, muito incomodado com a patente disposição de Hatérius em se impor, e constrangido com a sua sistemática perseguição a Ben Azir, Demétrio decide agir, presto, para preservar a segurança e a vida do seu novo amigo.

Aproximado-se de Sibila, aconselha:

– Filha, na direção de Ben Azir, ronda um perigo que tem muitas cabeças e muitos olhos; preciso da sua ajuda para protegê-lo. Nós sabemos o porquê dessas intenções agressivas.

Entendida, Sibila desculpa-se:

– Sendo seu convidado, julguei por bem fazer-lhe as honras da casa...

– E elas jamais foram tão levadas a sério, não é verdade?

Ela cora levemente. Ainda bem que Demétrio, sempre vigilante, veio alertá-la.

– Perdoe-me... O que quer que eu faça?

– Ocupe-se, o máximo que puder, e afaste-se do rapaz. Hatérius

está muito exaltado. O seu humor está péssimo, desde que aqui chegou, por alguma razão que desconheço. Sua real intenção é provocar Ben Azir e destruí-lo. Eu jamais me perdoaria se a meu convite esse rapaz fosse prejudicado, num fio de cabelo sequer. Os pares de Hatérius vigiam Ben Azir, harmonizando-se com as intenções de meu filho. Surpreende-me, devo dizer, o estoicismo deste rapaz. Fingindo ignorá-los, mas mantendo-se discretamente em guarda, ele age como se nada estivesse acontecendo. Aqueles que com ele vieram estão temerosos, pois conhecem a força de Hatérius, principalmente, em sua própria casa!

Sibila recorda a frase de Ben Azir, quanto a viver não apenas o lado bom da vida, e comenta:

– Talvez esteja acostumado a perigos, quem sabe? Enfim, sua coragem é notável, desde a aceitação do seu convite, até o seu comparecimento e reação quanto às provocações de Hatérius ou de qualquer outro. Farei como diz, descanse e aproveite a festa, sim?

– Obrigado! – Demétrio afasta-se.

À alguma distância, Minerva observou-os, atentamente. Pressente que a conversa dos dois tem a ver com o humor de Hatérius, pois este revela, sem disfarces, a sua revolta com a presença daquele belo e elegante rapaz, o judeu rico e amigo de Demétrio.

Envolvendo-se mais, com os convidados e as diversas atrações, Sibila se afasta de Ben Azir.

Hatérius acercou-se dele e lançou no ar alguns epítetos ofensivos, relativos aos judeus. Os seus pares riram, estrondosamente.

Nesse momento, Ben Azir levou a mão à adaga, afiada, que carrega no cinto, enquanto Hatérius acariciou o cabo da bela espada que complementa o seu rico traje. Os seus olhares já se cruzaram várias vezes ao longo da intimidação que ele faz em cima de Ben Azir.

Hatérius analisa a sua prudência ao desviar-se do perigo, contudo, experimentado e prático em todas as formas de ataque e defesa, admira-lhe a autoconfiança e o destemor, notáveis, apesar do seu esforço hercúleo para controlar-se.

Recorda, prontamente, que ele é amigo de Galba, partidário do grupo de revoltosos... Muito intuitivo, percebe que, finalmente, encontrou a ponta do fio da meada... Sorrindo, satisfeito, Hatérius conclui que, afinal, seu pai lhe fizera um grande favor!

Voltando os pensamentos para Sibila, lamenta a sua insubmissão e a sua falta de interesse. Ela o trata, fraternal e amigavelmente, por querer-lhe bem, de verdade, e por gratidão.

Ben Azir e Sibila, por sua vez, numa troca inteligente de olhares, falam daquilo que estão vivendo. Tais desafios os une mais ainda.

Ben Azir lamenta a impossibilidade de prosseguir conhecendo-a como queria. Antes de partir, encontrará algum modo de despedir-se.

Ao falar a Demétrio sobre o seu próximo casamento, o fizera, sem dúvida, para defender-se... De que ou de quem?!... Certamente, de si mesmo...

Por sua vez, Adriano os vigia a todos, interessado no curso dos acontecimentos, na esperança de que aquilo que venha a se suceder possa favorecê-lo.

Demétrio julga por bem informar Sibila a respeito do compromisso de Ben Azir:

– Apesar de tudo que lhe disse, filha, quero agradecer-lhe a admirável atenção dispensada ao meu convidado. Conheci Ben Azir na casa de Alicius Galba. Conversamos muito, descobrindo pontos em comum que nos uniu, nesta recente amizade. Galba louvava-lhe a coragem e o caráter, inegáveis, e tinha razão; aqui pude observar-lhe a serenidade com que enfrenta o perigo e os desafios.

– O que sabe dele, de fato? – ela indaga, enfim, dando a Demétrio a chance que deseja.

– Sei que ele pertence a uma família tradicional e muito rica, de Cafarnaum. Sua família é muito respeitada e querida, em toda a cidade e em lugares bem distantes, pois, são comerciantes de especiarias e de couro. Ben Azir, apesar de jovem, é o braço direito de seu pai e muito apegado à família. Esta, por sua vez, lhe devota

muito amor e admiração. Ele me comunicou que brevemente se casará e que sua noiva é muito bela.

Demétrio observa a palidez, instantânea, de Sibila. Atingira, em cheio, o alvo. Lamenta, mas precisa fazê-lo.

Superando os primeiros instantes de surpresa, ela responde:

– Sinto que está me avisando e me protegendo, mas não é necessário, garanto-lhe. Nos fizemos amigos e nada mais, descanse.

– Como sempre, entendeu-me muito bem. Agradeço-lhe a compreensão. Como pode ver, vocês estão sendo habilmente observados por muitos, aos quais esta nova ‘amizade’ incomoda.

– Ninguém tem o direito de cercear-me os passos e as intenções!

– Quando fala de direitos, esquece que nem todos seguem as regras da boa convivência, Sibila.

– Sei que fala de Hatérius...

– Mais uma vez, você entendeu.

– Entendi, mas não me submeto! Sempre que recuo, é para avançar, depois!

– Está declarando guerra aos seus opositores?

– Podemos dizer que sim. Por que não?

– Minha querida, você deu o privilégio da sua atenção a este rapaz que, se tem os seu valores, não faz parte do seu mundo, além de ter despertado a ira de muitos, contra os quais ele nada pode. E, mais, sendo muito realista: que motivos ele poderia ter para aceitar-lhes os desafios?...

Corada, até a raiz dos cabelos, Sibila entende e silencia. Olha à distância, muito decepcionada.

Demétrio deplora ser causador de sua tristeza, todavia, tem o hábito de protegê-la de tudo e de todos, acima de qualquer outro interesse. Infelizmente, sabe que não conseguirá fazê-lo, sempre.

Sibila gostaria de estar só e muito longe dali. Queria, em verdade, que este dia nunca tivesse acontecido. Sente-se agredida nos seus

mais lídimos direitos. Mas o que mais a entristece e contraria é saber que o seu ‘‘novo amigo’, com o qual se harmonizara tão bem, é comprometido... Provavelmente, nunca mais o verá.

Demétrio abraça-a, pelos ombros, e lhe diz, afável:

– Tranquilize-se e aproveite o seu admirável trabalho. Estarei a postos, nos defendendo daqueles que podem nos ferir. Faz parte das nossas vidas, vigiar gregos e troianos...

– Algumas vezes, pai querido (ela lhe fala assim, na intimidade, e o coração de Demétrio se derrete como um favo de mel), nós queremos apenas viver! Todavia, descanse seu coração; serei mais cuidadosa, prometo.

– Hoje, você esqueceu ‘as regras’...

– Regras, às quais nem sempre me submeto, principalmente quando elas me impedem de ser eu mesma...

– Admite, então, que se interessou pelo nosso caríssimo convidado?

– Sim... – ela responde, sincera e corajosamente.

– Então, filha, rogo-lhe muita, muita cautela!...

Em silêncio, ela abaixa a cabeça.

Demétrio se vai, triste e com o coração cheio de maus presságios...

As horas passaram, sem que Sibila e Ben Azir pudessem se reaproximar.

À noite, constatando que os vapores do álcool já faziam aqueles que têm o hábito desregrado de beber amolecerem os sentidos, Sibila aproxima-se de Ben Azir e lhe fala:

– Desculpe as contrariedades advindas, as quais não conseguimos, nem eu, nem Demétrio, evitar.

– Tivesse eu de enfrentar tudo de novo, apenas para vê-la, não vacilaria um instante sequer!

Duvidando daquilo que ouve, e concluindo que apesar dos seus dotes de caráter, Ben Azir, belo e disputado, deve ter o hábito da

conquista fácil, ela não se contém e comenta, severa:

– Não deveria falar-me assim!

Ben Azir entendeu. Demétrio já fizera a sua parte.

– Por que não? Senti por você uma súbita e maravilhosa simpatia! Nos afinamos nos mesmos pensamentos e nos mesmos gostos! O que nos impede de sermos amigos? Repito que enfrentaria tudo de novo!

– Agradeço-lhe a boa intenção, mas duvido que consiga concretizá-la.

– Quem sabe, não é? A vida é surpreendente, às vezes!

– Folgo que pense assim. Esta amizade que surge me agrada muito. Sou-lhe grata pelo comparecimento; sua presença abrilhantou este evento.

Ao rapaz, parece que ela o está despedindo, educada e indiferente, seguindo apenas os habituais protocolos. Lamenta, mas nada mais pode fazer ou esperar, além daquilo que já conseguiu. Ainda assim, confessa:

– Saiba que tudo farei para revê-la, e prosseguir no mesmo diapasão. Sou grato aos seus deuses, e ao meu Deus, por ter me concedido a oportunidade, ímpar, de conhecê-la. Presente como este é muito raro!

– Cuidado! – ela aduz, ousada – Os deuses são gregos, e os seus presentes, por vezes, são muito traiçoeiros!

– Aceito o conselho, e lhe digo que os presentes do Meu Deus só nos trazem venturas, ainda que entre dores e dificuldades!

Sibila entendeu o recado. Sente-se melhor, mais querida... O futuro será sempre uma incógnita...

Sorrindo-lhe, luminosa, estrelas a brilhar nos olhos da cor do céu, ela concorda:

– Está bem! Aguardemos aquilo que os céus nos têm reservado! Espero que esta bela amizade que começou hoje seja perpetuada *ad aeternum*!

Ben Azir adorou o que ouviu...

Demétrio, temeroso e vigilante, chega e requisita-lhe a atenção.

Ben Azir aproveita para despedir-se e agradecer a hospitalidade.

Ele e Demétrio se abraçam.

Curvando-se, reverente, completamente submetido aos encantos de Sibila, Ben Azir lhe diz, olhos nos olhos:

– Até outra vez, nobre Sibila!

– Até outra vez, nobre Ben Azir!

Arrastando-a, providencialmente, Demétrio a impede de acompanhá-lo até a saída da Quinta. Seria temerário...

Reunindo aqueles que vieram com ele, Ben Azir regressa.

Enquanto o faz, mergulha em profundas reflexões...

Os dois lados da moeda

INCENSANDO O PODER que representa, no palavrório rebuscado e falso que usa para enganar e convencer; Ben Mordekai exerce, mais uma vez, a sua função. Esta, porém, pode ser a última, na sua longa vida de sacerdote, porque dentro de poucas horas, haverá uma reunião do Conselho de Anciãos para decidir, oficialmente, o seu destino.

Desgraçadamente, surgiram boatos de sua participação em roubos e corrupções e, como um rastilho de pólvora, as notícias se espalharam.

Personalidade religiosa e influente, da seita dos fariseus, Ben Mordekai surpreendeu-se, súbita e inesperadamente, numa rede de intrigas, tão grande e inconjurável, que lhe será difícil, senão impossível, sair ileso.

Investigado, sem respeito ou piedade, as suspeitas foram comprovadas.

Agora, a desdita de enfrentar o julgamento daqueles que vigiam, como harpias, os atos dos seus subordinados.

Mas, de onde lhe viera, tanto infortúnio?!... De sua própria casa saíra a vergonhosa sedição! Vejamos, como tudo se deu:

Seu sobrinho, Jessé (o ‘amigo’ da casa de Paulus) acusou-o de roubo, desonestidade e corrupção, e confessou a própria cumplicidade (Oh, descuido e cegueira! Abrigar, sob o mesmo teto, um cúmplice!).

Mas, o que motivara esse ingrato a agir assim?

A sua revolta, ao surpreender-se rejeitado, quando quis se casar com sua bela prima, Jezabel, a filha mais amada de seu tio, o ilustre fariseu Ben Mordekai.

Moça lindíssima! Olhos negros como a noite; pele alva como o leite; lábios doces como um favo de mel; corpo sensual e envolvente, como de uma serpente quando hipnotiza a sua presa antes de devorá-la...

Enlouquecido de amores e plenamente correspondido, ele pedira a sua mão em casamento, sendo rechaçado por Ben Mordekai.

Este, chamou-o de inútil, ladrão e vagabundo, enquanto cuspia de lado; expondo, sem rebuços, o seu desprezo por um casamento que definiu como abominável.

Ato contínuo, Ben Mordekai mandou seus servos surrarem Jessé e atirá-lo aos cães. Em altos brados declarou que assim fazia para que ele desistisse da mais fina flor da sua casa; a luz dos seus olhos e esperança, indiscutível, de um casamento vantajoso.

Ben Mordekai não divide e nem subtrai, apenas soma e multiplica, avaro e ambicioso.

Soltando fogo pelas narinas e ameaçando vingar-se, escorraçado pelo tio, Jessé se foi, ferido e arrastando-se, tal a dificuldade em caminhar, depois das pancadas e das mordidas dos cães.

Sangue gotejando pelo nariz, praguejando e rogando aos céus todas as formas de desgraças para o tio, ele desapareceu nas ruas, enquanto a bela Jezabel chorava, convulsivamente, sem nada poder fazer.

Vigias nas entradas o impediram de voltar ou tentar rever a moça.

O infeliz rapaz perambulou alguns dias, sem rumo, pela cidade. A quantos encontrava, falava de Ben Mordekai, atirando ao vento a sua vida pública e privada.

Socorrendo-se com alguns conhecidos e melhorado, enfim, das suas dores físicas, Jessé dirigiu-se às autoridades máximas de Jerusalém, e denunciou, ponto por ponto, os crimes do tio, oferecendo provas. Cego de ódio, revoltado, além da desilusão do

amor que deixava para trás, Jessé sequer pensou que estaria pondo um ponto final nas suas esperanças de vida, de reconquistar a sua amada, ou de prosseguir o seu caminho, porque ali mesmo ele ficou, preso e arrependido da sua audácia em enfrentar poderes largamente conhecidos e temidos, sem a desejável inocência para tentar livrar-se da mesma condenação que imputara ao tio.

Sua insana vingança alcançara, primeiro e irremediavelmente, a ele próprio, e depois à sua bela e amada Jezabel...

Explodindo, por toda Jerusalém o escândalo, os doutores da lei reuniram-se, investigaram a vida de Ben Mordekai e conseguiram provar as suas culpas.

Agora seguirão os procedimentos legais. Não terão clemência. Ben Mordekai será condenado e penalizado, exemplarmente.

Em patente desespero, Ben Mordekai reuniu a família, buscando amparo, compreensão e apoio.

Esta, em polvorosa, ouviu-lhe as explicações, mas não ignora o desfecho de tudo. Revoltadíssima, acusa-o, duramente.

Sua mulher, admiradora inconteste dos brilhos que o mundo oferece, maldisse o dia no qual se casara com ele.

Seus filhos, habituados à riqueza e ao conforto; preguiçosos, vaidosos e ingratos; fizeram coro com ela e execraram-no, impiedosos, sem compreensão, sem respeito e sem amor.

*

ORA, ORA, MEUS caríssimos leitores! A Nêmesis caminha, poderosa e atenta, ‘medindo e pesando’, esses ou aqueles, no cumprimento da sagrada e precisa, justiça divina!

Assim, a desgraça que se abateu sobre a cabeça de Ben Mordekai e de sua família não foi diferente daquela que se abateu sobre a vida de Paulus e de sua família, assim como sobre tantos outros que foram perseguidos e espoliados por ele, ao longo da sua ‘sagrada e inquestionável’ função sacerdotal...

*

Ben Mordekai sabe (oh, desgraça!) que muitos daqueles que irão

julgá-lo e que possuem atribuições iguais às suas agem também como ele. Todavia, não pode acusá-los. Isso serviria, apenas, para determinar-lhe o sumiço ou a morte.

Pensou em apelar àqueles que de fato são o esteio da sua religião, e pedir-lhes outra chance que saberia dignificar. Rogar-lhes misericórdia, em nome de um vero arrependimento, mesmo que tardio. Mas, estes, jamais dariam ouvidos às suas fracas argumentações; presos às leis que seguem, defendem e sacramentam, tão radicalmente quanto os romanos.

Finalizando a sua provável última pregação, que nem de longe teve o brilho habitual, Ben Mordekai foi duramente acusado, inquirido e julgado, em meio às lágrimas...

Depois de horas cruciais, trêmulo e apavorado, chumbado no assento, diante dos seus juízes, imaginando-se num terrível pesadelo, ele foi condenado a anexar todos os seus bens, do mais ínfimo ao mais valioso, aos da sua congregação (esta, uma forma, disseram, de se redimir, devolvendo, com lucros, aquilo que havia adquirido com desonestidade), além da execração, pública e privada, afastando-o total e definitivamente da vida sacerdotal, ali ou alhures, e para sempre.

Em prantos, Ben Mordekai ajoelhou-se diante deles e apelou, humilhado e esperançoso, rogando-lhes, ao menos a oportunidade de redimir-se e demonstrar-lhes um novo homem e um novo sacerdote a partir de então.

De feições endurecidas, aqueles que o julgaram e condenaram lhe deram como resposta o glacial silêncio da indiferença e do desprezo.

Mesmo aqueles que se diziam seus amigos, que eram comensais da sua casa e partícipes da sua vida religiosa e privada, assumiram a mesma indiferença, virando-lhe as costas, enojados, e saíram precipitados, antes que Ben Mordekai apelasse financeiramente para eles...

Arrasado, cabeça baixa, fitando os próprios pés, Ben Mordekai sente-se o pior dos homens sobre a face da Terra... Amargurado,

repensa, um por um, todos os seus atos... Olha ao redor e sofre os azorragues de uma saudade antecipada.

Ali está a sua verdadeira vida! Tudo o mais, era simples moldura! Como puderam fazer isso com ele? Sem poder evitar, vem-lhe à mente muitas outras providências, como esta das quais participara, na acusação, julgamento e penalização, de tantos outros...

Ben Mordekai sempre fora um dos mais veementes e impiedosos acusadores: Companheiros de trabalho religioso? Amigos da sua vida particular? Credores da sua inexistente gratidão, ou da sua família?!... Tudo deixava de existir, de ser importante! Ele era como um dia de tempestade que varre tudo que encontra pela frente, limpando, purificando, exorcizando!

Pernas trôpegas, levanta-se e caminha ao redor. Toma a Torah nas mãos e a beija, várias vezes, e desta vez, sincera e devotadamente. Toca cada objeto ou instrumento ritualístico, acarinhando-os algo hebetado... Seu pranto aumenta e ele solta, de vez, as comportas de sua alma arrasada... Está completamente sozinho. Ninguém para assistir o seu desespero ou para consolá-lo...

Enfraquecido pela dor, senta-se, novamente, e recorda que precisa ir para casa... Ali, também será julgado e não receberá tratamento diferente, desse, que acaba de sofrer...

Levanta-se e se dirige para a saída, passos lentos, incertos...

Precisa reformular sua vida; agora em moldes diferentes...

Rosto congestionado, olhos inchados de chorar, trêmulo, faz o seu habitual percurso. Desta vez, não mais altivo e arrogante. Observa os olhares daqueles que passam: alguns de piedade (raríssimos), outros de ódio e, a maioria, de desprezo.

Gestos de ameaças também fizeram parte da sua última jornada, por aqueles caminhos que tanto preza e que o glorificava...

Alguns cuspiram de lado, desrespeitosos, iracundos.

As notícias correram como o vento do deserto, por toda a Jerusalém.

Ele chega, enfim, à sua casa, sem nada de seu: material ou

espiritual.

Terá de mudar-se para um lugar mais humilde, ou pedirá abrigo na casa de parentes, ou de amigos mais chegados.

Pretende recuperar-se, financeiramente. Só não sabe como, pois, perdeu o seu ‘pote de ouro’, de vez e para sempre...

Na inútil tentativa de explicar-se à família, e ao pedir-lhes ajuda, foi duramente rechaçado.

Sua bela e inconsolável filha exprobrou-lhe os erros, em prantos, defendendo seu querido Jessé, o escolhido do seu coração:

– Por que tinha de ser tão radical, meu pai? Não vê que me fez infeliz? Como poderei viver, sem a presença de Jessé? Como seguir meu caminho, se o meu sol se apagou, escurecendo a minha vida?

Responda-me: Onde e como ele está? Estará vivo, ou já partiu para o mundo dos mortos?!... O senhor, meu pai, é o único causador da minha desgraça!... Abomino ser sua filha!...

A filha querida, alegria do seu coração, lhe fala assim... Também ela o desrespeita e acusa!...

Entre estas e outras acusações, de igual teor, Ben Mordekai julga-se num inferno, em vida. Jamais sofrera tanto; nem mesmo nos seus anos de miséria, antes de tornar-se um doutor da lei...

Seguindo os trâmites normais, em poucas semanas a sua congregação apossou-se de grande parte dos seus bens.

O maior quinhão, porém, enriqueceu mais os cofres de Roma.

Pobre como Job, Ben Mordekai, antes tão próspero e feliz, amarga na miséria a falta de tudo que lhe é caro ao coração; que o fortalecia na fé e na sua competente exegese das Sagradas Escrituras.

Alquebrado e infeliz, desprezado por quase todos, conclui que só lhe resta aguardar o momento final e bem-aventurado, da libertação de sua alma, que, enfim, muito terá de explicar-se...

Espera que Deus tenha misericórdia diante do seu arrependimento e das dores pelas quais vem passando.

Alguns dias depois, ele cai de cama, adoentado, e em poucos

meses se despede do mundo dos vivos, deixando a família numa situação bem diferente daquela na qual sempre vivera...

Seu sobrinho, Jessé, que incomodava a muitos, num dia que lhe pareceu bem-aventurado, foi finalmente libertado para desaparecer misteriosamente sem deixar rastros...

A bela Jezabel, inconsolável, continua amargando a felicidade perdida...

A família de Ben Mordekai, enfim, como tantas outras, seguirá o curso da sua existência, mergulhada nas dificuldades decorrentes de um aprendizado, por vezes doloroso, como costuma ser com a maioria, sem chances especiais e sem vantagens...

Distante, Paulus recorda sua querida vinha, como algo que fez parte da sua história... Sente saudades ...

“Como estarão aqueles que me tomaram tudo, menos a minha capacidade de lutar?...” – reflete, meditativo.

Hoje, com Nassif, o filho reencontrado, prossegue o seu fanal de cada dia, dignificando, como sempre, a própria vida e as daqueles que o cercam.

Milcah, casada e muito feliz, mora com o marido. Todavia, não esquece de dedicar a Paulus o carinho de filha, visitando-o, frequentemente, e acompanhando-lhe os passos.

Paulus ampara e auxilia Nassif na sua enfermidade. Num dia ele melhora noutro piora.

Vive a dolorosa expectativa de perdê-lo, desta vez para a inimiga de todos, pois quando ela se faz presente, nada, absolutamente nada, pode conjurá-la, no poder de que é investida pela própria divindade, que renova, incessantemente, as oportunidades de vida das suas criaturas.

Nassif, hoje consciente dos seus erros, é a companhia amorosa de Paulus. Sentindo a aproximação do desenlace, ele roga ao pai que apresse a busca de seus irmãos. Quer revê-los antes de partir.

Estes sentimentos e intenções vêm ao encontro da vontade de Paulus que se dispõe a atendê-lo, enquanto se dá, igualmente, a

chance preciosa de redimir-se, diante do seu recente passado.

Organizando-se, partem para Jerusalém. A princípio, irão até David, de quem Nassif possui pontos de referência.

Após alguns dias de viagem, vencendo as distâncias e as normais dificuldades, eles chegam à pequena oficina de David.

Este, boquiaberto, mal acredita nos próprios olhos:

– Meu pai! Nassif!...

Ato contínuo, abraça-os, um de cada lado, e olha-os, longamente, emocionado até as últimas fibras do seu coração. O impacto do reencontro é muito grande.

– Há quanto tempo, meu filho! Quantas coisas aconteceram desde então!

– Sim, muitas! E dentre elas aquelas que me acusam de tê-lo magoado muito!

Enxugando as lágrimas, Paulus responde compreensivo:

– Não se atormente com isso, filho. Afinal, também carrego muitas culpas neste particular! Meu reencontro com Nassif abriu-me os olhos! Precisamos, enfim, de mútuo perdão, em nome Daquele que nos conhece em profundidade e enxerga dentro dos nossos corações. Comprovamos que, apesar da distância e das dificuldades, amamos, ainda e sempre, aqueles que são parte da nossa existência!

Abraçando o pai, David concorda. Observando o irmão, quer saber:

– Por onde andou, Nassif? E por que este ar doentio?

– Minha aparência física reflete o meu estado. Estou doente. Quando me conscientizei disso, julgando-me o último dos mortais, passei a morar na nossa velha casa e ali, decidi esperar o meu fim. A doença fatal que carrego é o resultado infeliz dos meus atos irresponsáveis.

– Então, você estava na Turquia?!...

– Sim, fui com um comerciante para trabalhar. Este, depois de

explorar-me as forças e ter-me pago um salário irrisório, desapareceu sem deixar rastros. Sem dinheiro, como regressar? Praguejei, chorei, e desejei morrer...

Um dia, coração amargurado, quis rever a nossa antiga casa. Seguindo alguns pontos de referência, cheguei lá para decepcionar-me, mais uma vez; nem de longe lembrava a beleza de outrora... Era uma deplorável ruína...

Sem outra alternativa, fiquei ali, onde vivemos os melhores anos das nossas vidas. Cada vez mais doente, infeliz e numa patente degradação, passei a viver da generosidade dos passantes ou fazia pequenos serviços, aqui e ali.

Paulus sofre as agruras de ouvir, mais uma vez, a infeliz narrativa de Nassif...

Fitando o irmão com muita ternura e piedade, David comenta:

– Jamais deveríamos ter saído da Turquia, jamais!... Lamentável, Nassif, vê-lo assim tão debilitado, tão perdido... Você, o mais forte e o mais belo de todos! E olhe que nossa querida Ruth é muito formosa!

– Ah, meu irmão... Quando possuímos a beleza física, sem o necessário equilíbrio, nos deixamos arrastar por caminhos muito escorregadios, de autodestruição...

– Você é um triste exemplo disso... Mas, vamos nos alegrar com este presente de Deus! A felicidade do meu lar aumenta com a visita de meu amado pai e de meu querido irmão!

Felizes, eles falam de si mesmos e fazem perguntas uns aos outros, querendo saber de tudo que perderam ao longo do tempo em que estiveram afastados.

Paulus analisa a pequena oficina do filho, na qual, ele fabrica os móveis que vende. Admira-lhe o talento criativo e o esmero; a ordem e a limpeza. Imagina que ele deve enfrentar muitas dificuldades financeiras, pela singeleza da casa e do lugar onde vive. Decide auxiliá-lo, como fez com Nassif, respeitando-lhes as diferenças das necessidades.

Após algum tempo de conversação, numa agradável alacridade, David convida-os a conhecer a sua família.

Paulus é informado de que a família aumentou. Alegra-se, vaidoso.

Nos fundos da oficina, numa casinha singela e muito aconchegante, eles são apresentados à robusta e jovial Nerina e aos seus dois filhos: Japhet e Metusala, dois belos e fortes meninos, bem criados e muito bem educados.

Metusala, o mais novo dos dois, é o retrato vivo de Paulus.

Abraçando-os e beijando-os, Paulus convida a todos para orar, o que fazem fervorosos.

A verdade

BEN AZIR NÃO é mais o mesmo, desde as festividades na Quinta de Demétrio. Os sucessos do evento confirmaram de vez a sua incerteza quanto ao casamento...

Atentos, os pais o observam.

Incapaz de esquecer Sibila, Ben Azir decide investir nesse novo e inesperado sentimento, mas qualquer ação desafiando os poderes constituídos e bem exercidos pelos romanos exporá a sua vida, as vidas dos seus, e a segurança do grupo de revoltosos. São inúmeras as barreiras... E, para ela? Que espécie de dificuldades e atropelos trará, caso volte a vê-la e tente algo mais que uma simples amizade? Enfrentará opositores de tal envergadura que lhe será difícil, senão impossível, reaproximar-se...

Em sua memória, o momento no qual Demétrio citou o nome e as qualidades de sua protegida... Por isso comparecera ao evento (tem consciência disso) e comprovou, *in loco,* que ele fora muito preciso em seus elogios. Mas, acima dessa circunstância, jamais imaginou que alguém pudesse conquistá-lo de maneira tão inesperada e definitiva como ela o fez. Ainda está surpreso com as próprias emoções... Hoje não pode mais imaginar a vida sem ela.Na chance que tiveram de conversar, a sua patente curiosidade sobre o que ele pensa a respeito da beleza física...

Disputada por tantos corações, é compreensível que deseje algo muito maior e mais forte, que se sobreponha ao corpo e à matéria. Assim como alguém que, sendo muito rico, duvida dos sentimentos daqueles que se lhes aproximam. Precisa revê-la, falar-lhe... Mas,

como conquistar tão bela e sábia mulher, quando ela tem à sua volta protetores tais quais feras, prontos para defenderem, até a morte, as suas pretensões, amorosas?

Não contará, sequer, com Demétrio. Este, sem dúvida, será o primeiro a defender a sua tranquilidade e a sua segurança.

Conhecer Sibila foi vital para descobrir aquilo que deseja, ou não, para o seu futuro. Ainda que nunca mais a veja, seu casamento com Agar está fadado ao fracasso. Precisa, urgentemente, evitar a infelicidade de Agar e a sua própria.

Descendo, neste momento, a bela escadaria do andar superior, depara-se com sua mãe que o saúda, sorrindo.

Amorosa e interessada, ela decide falar-lhe:

– Ben Azir, as preparações para o seu casamento estão intensas, mas você, de algum tempo para cá, exibe um notável desinteresse! O que há, meu filho?

Terminando de descer, Ben Azir conclui que as coisas se precipitam.

Beija a mãe e acaricia-lhe o rosto enquanto declara:

– Preciso lhes falar, e já deveria tê-lo feito. Meu pai descerá em seguida; aguardemos, sim?

– Naturalmente, filho.

Jairo desce, observa-os, e pressente-lhes alguma intenção.

Uma vez junto a eles, saúda-os e senta-se ao lado da mulher.

Sincero, Ben Azir decide e declara, direto:

– Desculpem-me a demora em dizer-lhes que pretendo desfazer o meu compromisso de casamento!

Seus pais julgam ter ouvido mal.

Deborah, chocada, indaga:

– O que disse, meu filho? Eu ouvi bem? Você não quer mais se casar com Agar?!...

– Sim, minha mãe. Não quero mais esse casamento.

Muito aflita, ela retruca:

– Mas estamos a poucos meses do casamento, Ben Azir!...

– Não estamos mais, minha mãe!

Jairo, severo, olha frontalmente o filho e exige:

– Você nos deve explicações!

Firme, suportando, respeitoso, a imposição paterna, Ben Azir concorda:

– Sim, senhor, devo-lhes e lhes darei as devidas explicações! Há muito venho me atormentado com este assunto!

Diante dessa declaração, Jairo, impositivo, ordena:

– Vamos lá, Ben Azir, estamos ouvindo! Prossiga!

Deborah, muito pálida, silencia.

Medindo as palavras, Ben Azir esclarece:

– Faz algum tempo, concluí que estamos nos precipitando. Este enlace modificará, radicalmente, a minha vida. Nesta, o que mais prezo é a minha liberdade. Este, o primeiro fator que me levou a repensar, o meu compromisso de casamento.

– E por que não falou conosco antes? – o pai volta à carga.

– Temi não ser compreendido, como acontece agora, mas lhes falaria em tempo hábil.

– Por que nos permitiu manter e desenvolver um investimento tão sério e custoso?... – Jairo alteia a voz, exaltado.

O rapaz sabe, de sobejo, que os seus pais estão certos. Deveria há muito tê-los informado:

– Não tenho o direito, sequer, de pedir-lhes desculpas, eu sei!

Mantive-me em silêncio, porque aquilo que determinou, de vez, esta decisão aconteceu há poucos dias, quando discuti, acaloradamente, com Almara, mãe de Agar. Conhecemos, de longa data, o seu caráter arbitrário. Ela defende a filha, com unhas e dentes, tal qual uma leoa, contra tudo e contra todos.

– E então, o que mudou?

– A triste constatação de que o caráter real de minha noiva é igual ao de sua mãe, para meu notável desencanto. Cobrando-me mais tempo e mais dedicação, à sua filha, Almara desacatou-me, agressiva, tentando se impor. Contrariado e ofendido nos meus brios, respondi-lhe à altura, desagradando-a, sobremaneira.

Voltando-me para Agar e esperando compreensão, me surpreendi com o seu comportamento, inusitado; fazendo coro com a mãe, ela destratou-me também. Que sua mãe não me compreendesse, eu poderia entender, mas ela, que conhece de longa data a minha vida e as minhas inúmeras atribuições?!... Adivinhei, prontamente, aquilo que me aguardava, ao lado de duas leoas! Confesso-lhes a minha enorme decepção. Afinal, sempre tive por Agar um belíssimo sentimento de amor.

Olhos arregalados, Deborah exclama:

– Meu Deus! Mal consigo acreditar!...

Jairo permanece silencioso.

Respirando fundo, e lamentando a dor que lhes causa, Ben Azir continua:

– Talvez, jamais tenha amado Agar! Sua beleza notável me fascinou, não posso negar. Hoje, porém, sei que o sentimento que me dominava era apenas paixão.

– Causa-me espanto, Ben Azir! Agar sempre nos pareceu tão compreensiva!... – Deborah está cada vez mais decepcionada.

– Mais espantado fiquei eu, minha mãe! Agora, minha segurança pessoal está em risco... Agar terá informado sua mãe sobre as minhas ‘atividades’?

Jairo fecha os olhos e respira forte, ruidoso. Sua contrariedade é visível. Essa possibilidade sempre esteve no ar... Ben Azir fora muito imprudente nesse sentido...

– Oh, céus! Difícil conviver com isso, filho! – Deborah desabafa.

– Sim, eu sei. Me perdoe!... Felizmente, elas se revelaram antes da concretização desse casamento, que seria desastroso para todos nós!

Deborah e Jairo entreolham-se. Ela pensa no grande investimento, cansativo e dispendioso que tem empreendido com os preparativos do enlace.

Jairo indaga:

– Por que, naquele momento, não desfez o noivado?

– Porque queria pensar. Ao sair de lá, deixei as coisas incertas; assim, elas também poderiam refletir. Eu não havia decidido ainda o que fazer...

– Então, definitivamente, você não se casará?

– Não, não mais! Hoje eu lhes falaria, mesmo que minha mãe não me houvesse interpelado.

Jairo levanta-se, anda pela sala, ergue os braços em direção aos céus, enquanto pronuncia imperceptivelmente algumas queixas, pragas e blasfêmias...

Ben Azir conhece a força e a fúria de seu pai, mas espera que ele se acalme e compreenda.

Jairo volta a sentar-se, calado, enquanto olha pela janela, ao longe.

Abraça a mulher pelos ombros e suspira profundamente.

Ela, silenciosa, começa a chorar baixinho.

Amadurecido na vida e profundo conhecedor da alma do filho, Jairo pergunta:

– Diga-me, Ben Azir, outros fatos corroboraram essa sua decisão?

Ben Azir estremece. Seu pai lê em sua alma, como num livro aberto.

Intimidado, responde com outro pergunta:

– Quer saber se me interessei por outra mulher?

– Muito bem! Sempre nos entendemos, não é?

Ben Azir pigarreia, enquanto busca as palavras certas para a resposta que seu pai espera. Finalmente, confessa:

– Bem, meu pai, conheci alguém que, sem o saber, abriu-me os

olhos.

– Uma mulher?

– Sim, uma mulher.

– Na festa que compareceu em Roma? – indaga-lhe, intuitiva, a mãe.

– Sim, naquela festividade, na Quinta de Demétrio, amigo do nosso saudoso Alicius Galba. Em meio a muita beleza, arte e cultura, conheci uma moça que resume e amplia tão completamente as minhas aspirações como homem, que, se não me casar com alguém assim, prefiro ficar sozinho, porque longe do meu ideal de mulher eu jamais serei feliz!

– Diante disso, seu julgamento a respeito de Agar torna-se suspeito, meu filho!

– Não, senhor. Tenho consciência da minha sinceridade e isenção de ânimo quando afirmo que ela não é, nem de longe, aquilo que eu pensava. E, sobretudo, meu pai, hoje tenho certeza de que não a amo.

– Como crer no que diz, se confessa que conheceu alguém que o encantou?

– Acredite ou não, minha consciência está tranquila.

Num tom de censura, Jairo argumenta:

– Antes da ‘tal mulher’ surgir em seu caminho, você tolerou muitas vezes as diatribes de Almara!

– O senhor disse muito bem, as diatribes de Almara, mas diante da triste realidade, quanto ao caráter violento de Agar, eu não poderia mais, em sã consciência, casar-me com ela. Isso, independentemente de conhecer ou não a ‘tal mulher’.

Ben Azir não gostou do epíteto dirigido à Sibila e fez seu pai perceber. Fosse outra pessoa... Enfim, acalma-se e prossegue, sincero e cuidadoso:

– Diante de um ser tão belo quanto sábio, eu compreendi de uma vez por todas que jamais amei de verdade. Caso contrário, eu não

me sentiria tão atraído por outra mulher!

– Confessa, então, que se interessou vivamente por ela?

– E não foi o que eu disse? Sua presença poderosa me fez avaliar os meus veros sentimentos. Sem negar a inquestionável beleza de Agar, sua imagem desbotou como um tecido que perdeu as cores. A moça que conheci na Quinta surpreendeu-me com os seus dotes incomparáveis, raríssimos, por sinal. Capitulando, meu pai, como homem e como esteta: Ela resume, enfim, tudo aquilo que mais amo e admiro!

– Quem é ela, filho? – Deborah quer saber.

– A senhora, minha mãe, não a conhece. E eu, provavelmente, nunca mais a verei... – essa última frase soou no ar com muita tristeza.

Jairo conclui que o filho está irremediavelmente apaixonado; e mais que isso, amando de verdade...

Deborah recorda que tem achado Ben Azir diferente, algo alheio a tudo que o cerca e mais silencioso que o habitual. Agora compreende.

– Há algum tempo, questiono a minha vida pessoal – Ben Azir acrescenta, alcançando-lhe as reflexões.

Em silêncio, marido e mulher se entreolham... Tanto empenho para as bodas, envolvendo tanta coisa e tanta gente!...

Ben Azir aguarda-lhes o pronunciamento.

– Que conclusão tiramos disto, Jairo? – ela lhe indaga, olhos compridos, rogando apoio e compreensão para o filho.

– Que é lamentável, não resta dúvida, mas Ben Azir sabe o que faz! Infelizmente, nos comprometemos demais com tantos planejamentos!

– Trataremos disso com cautela, Jairo! – ela responde conformada e disposta a resolver os problemas que surgirem.

Algo constrangido, Ben Azir recorda-lhes:

– Várias vezes censurei os exageros, em função desse casamento.

– Para Almara, todavia, o máximo seria pouco! – Deborah comenta.

– Querendo demais, ela perdeu tudo! – Completa, irônico, Ben Azir – Vejo nisso uma lição bem merecida! Agar é muito bela e não lhe faltarão pretendentes. Ela será feliz, enfim, com alguém que a ame de verdade.

– Tem razão. Antes agora que depois do casamento. Enfim, isto pode acontecer em qualquer família! Iremos juntos à casa de Almara e ali desfaremos o compromisso. Prepare-se para uma tempestade de raios e trovões que ela fará desabar sobre você, Ben Azir! – alerta, Jairo.

– Juntos enfrentaremos aquilo que vier! –Conclui, enfim, Deborah, antes de sair e deixar pai e filho a sós.

Acercando-se do filho, Jairo indaga:

– E quanto àquela que, sem saber, modificou os rumos do seu coração?

– Provavelmente, nunca mais a verei, meu pai.

– Duvido muito desta assertiva. Conhecendo-o como conheço, sei que moverá céus e terra para revê-la e, mais que isso, para conquistá-la.

– A empresa é difícil e arriscada. Pode estar acima das minhas forças!

– E desde quando se acovardou frente aos desafios?

– Desta vez, as vidas de muitos estarão envolvidas.

Entendendo os escrúpulos do filho, Jairo quer saber:

– Como ela é?

Demonstrando que não está preparado para falar a respeito, Ben Azir resume:

– Ela possui uma beleza peregrina, além de ser, também, brilhantemente, sábia e versátil; na vida, e nas artes que cultua.

Jairo, porém, insiste:

– Diga-me ao menos como ela se chama e onde vive, filho!

– Chama-se Sibila e vive na casa de Demétrio, como agregada, onde cresceu e foi primorosamente educada.

Ao soarem, as suas últimas palavras, Ben Azir já se encontra na porta de saída, para a qual se dirige a passos largos.

Segue até as cocheiras e encilha o seu cavalo mais veloz. Monta-o, determinado a cavalgar, para amenizar os próprios conflitos. Em poucos minutos, sai em disparada. Precisa estar só, desafiando o vento e as distâncias que se descortinam à sua frente...

Seus pais ouvem o tropel.

Deborah, que vem chegando, é abraçada pelo marido e ambos se internam na casa.

Ela comenta pesarosa:

– Ben Azir sequer se alimentou...

– Deixe-o, ele precisa pensar, e para isso, gosta de cavalgar, sem rumo e sem tempo pré-determinado. Nós, por nossa vez, temos muito a fazer, ora se temos!...

Enlevados no amor que os une, eles alcançam o salão de refeições, no qual os criados se esmeram na arrumação de uma mesa repleta de iguarias.

Recostando a cabeça no ombro do marido, Deborah avalia os próximos passos a serem dados.

Ben Azir, enquanto cavalga, lança ao ar uma frase que resume os seus novos anseios:

– Sibila! Você não é apenas bela e sábia! Você é luminosa! Caso eu solte as rédeas do meu coração, amarei você mais que a própria vida!...

Oportunidade

DESFEITO, ENFIM, O seu compromisso com Agar, Ben Azir pretende rever Sibila. Ainda não sabe como, nem onde. Nos seus sonhos a vê envolta em muita luz, a sorrir-lhe. No grupo de revoltosos trabalha e age, com intrepidez e dedicação notáveis. Já faz alguns meses da festa, e nunca mais soube de Demétrio. Seu laço de conhecimento era Galba... Ignora o endereço de Demétrio em Roma.

Sua grande esperança é Berenice. Decide e vai fazer-lhe uma visita, afinal, se colocara à sua disposição, quando da morte do amigo.

Surpreende-se ao encontrá-la doente. Lamenta e se dispõe a auxiliá-la naquilo que for preciso.

Grata pelo oferecimento, ela aceita e, sem suspeitar, resolve o problema de Ben Azir:

– Nobre rapaz, se deseja, de fato, ajudar-me, peço-lhe que seja meu mensageiro junto ao meu filho e ao meu nobre amigo, Demétrio. Poderia atender-me, neste particular?

Ben Azir conclui que não poderia ser melhor. Intimamente, agradece aos céus. Recebendo o endereço de Demétrio, anima Berenice com palavras de muito conforto, vai para casa e se organiza para a viagem.

Berenice lhe entregara duas cartas: uma para Demétrio e outra para Adriano. Desde o dia em que discutiram, Adriano, envolvido nas suas loucuras, esqueceu-a e a tudo mais.

Demétrio o tem aconselhado, mas Adriano se atira de cabeça na vida boêmia de Roma, que cobra um preço alto àqueles que desejam ser notados. Vaidoso, já apregoou aos quatro ventos a sua nova situação financeira. Pretende negociar sua riquíssima casa e os bens que possui em Jerusalém. Falando à Sibila, informou-a, entusiasmado:

– Minha bela, sabe que agora posso sustentá-la e cobri-la de luxo?

– Viva! Enfim! Valeu a pena esperar! Ora, se não!

Sibila responde, numa gargalhada cristalina, que o encanta.

Ela não perde oportunidade para menosprezar sua empáfia, mas Adriano, vaidoso da sua nova condição, insiste:

– Ria o quanto desejar! Aguarde, porém! Ainda lhe provarei o meu amor, nobre e linda Sibila! Você me fascina e põe o meu sangue a ferver! Se você soubesse o poder que possui!...

Silenciosa, Sibila pensa em Ben Azir...

Adriano percebe-lhe a abstração e sente um ciúme, insuportável...

Voltando-se para Adriano, ela responde, categórica:

– Talvez, um dia, Adriano, eu aceite essa prova, mas de forma tão inusitada, que você nem pode imaginar...

Suas palavras soaram como se chegassem de longe...

Adriano se arrepia. O que ela quis dizer? Conhece de longa data os seus dons premonitórios...

Vaidoso, porém, volta à carga:

– Nada me impedirá de conquistar-lhe o coração e fazê-la feliz!

– São duas propostas muito audaciosas, Adriano, e que não dependem, apenas, da sua vontade.

– Serei persistente até convencê-la!

– Conta mesmo com isso?

– Não me desafie assim, Sibila! Por você eu serei o melhor dos homens!

– E quando pretende iniciar essa ‘dolorosa lapidação’? – ela

indaga, entre séria e divertida.

– Quando você quiser! Diga-me o que fazer e eu farei!

– Um dia, Adriano, um dia!...

– Por que fala assim? O que pretende, afinal?

– Eu nada pretendo, você é que diz pretender, lembra?

– Você sempre me responde com evasivas! Por que não me leva a sério?

– Nem você mesmo se leva a sério!

– Não me estima ao menos?

– Você sabe o quanto eu o estimo, Adriano!

– Então, por que não me fala com clareza?

– Porque não posso, ao menos por enquanto!

– Fala, então, sem saber?

– Às vezes, sim e você é ciente disso; conhece-me há tanto tempo...

– Difícil conversar com você!

– Então não converse!

– Ora, você é mesmo impossível!

– O seu desafio começa com este enigma!

– Hum... Isso é perigoso!

– Tem medo, Adriano?

– Medo, eu? Imagine! Aceito o desafio e lhe dou minha palavra de honra que cumprirei a sua vontade, quando você quiser; seja ela qual for!

– Deuses, quanta temeridade! Enfim, quem viver verá!

– Sim! Quem viver verá!

Sibila se vai, sem nada mais acrescentar, e nem poderia, porque ignora esse futuro, no qual pressente sofrimentos acerbos para ambos...

Em casa, Ben Azir e Jairo conversam:

– Meu pai, visitando Berenice, consegui a oportunidade que buscava!

– Para que, meu filho?

– Para ir à casa de Demétrio!

– Quer rever Sibila!

– Exatamente! Ao mesmo tempo, atendo ao pedido da nobre Berenice, que se encontra adoentada.

– O que pretende, de fato? Já pesou as vantagens e as desvantagens dessa viagem?

– Sim, já pesei muito bem, os prós e os contras. Não se preocupe, levarei Cícero comigo.

– Teme algo de Demétrio?

– Não dele, mas de seu filho, o poderoso tribuno Hatérius, e de Adriano, filho de Galba e Berenice. São dois inimigos respeitáveis!

– Você quer dizer: dois rivais perigosos!

– Sim, é isso!

Jairo torna-se pensativo.

Ben Azir continua:

– Colocarei alguns assuntos em dia, terminarei os projetos e a organização da próxima caravana e viajarei em seguida.

– O seu coração parece muito comprometido.

– É muito cedo para pensar assim, meu pai.

– Cuide-se, peço-lhe!

– Descanse, serei prudente. Demétrio é uma ótima pessoa!

Afastando-se, Ben Azir depara-se com a mãe. Carinhoso, sorriso nos lábios, beija-a enquanto lhe diz:

– Minha mãe, estive na casa de Berenice. Ela está adoentada, pobrezinha. A morte de Galba abateu-lhe o ânimo de forma quase irremediável.

– Eu posso entendê-la, filho! Jamais viveria sem o seu pai! Sei que o momento da separação chega primeiro, para um dos dois, todavia,

não me sinto preparada...

– Ora, ora, não pense nisso!

Dando outro beijo na mãe, ele se vai em busca dos seus interesses.

Deborah procura Jairo e conversam a respeito daquilo que Ben Azir pretende fazer.

Nesse momento, pálida e emagrecida, Berenice tenta gravar na retina tudo o que a cerca e que tem sido o cenário da sua vida.

Sofre com a indiferença e o esquecimento do filho, sempre querido, apesar de tudo. Em Roma, na expectativa do sucesso que persegue, ele esquece as suas obrigações filiais.

Ela roga aos deuses que lhe concedam oportunidade para redimir-se: “Às vezes, uma situação mais forte e determinante modifica a alma” – pensa...

No leito, bem atendida pelas criadas que a amam e respeitam, ela revê toda uma vida, ao lado de Galba...

Sente fortes dores no peito; sua respiração é sempre muito curta e dificultosa. Os médicos aconselham uma mudança de ares, mas ela se nega a deixar a sua casa, o seu ninho de amor...

Passa os dias tomando remédios e alimentando-se frugalmente, entre pequenos sonos e grandes vigílias...

Emagreceu demais. Em pensamentos, pede perdão a Galba por não ter conseguido, ainda, modificar os pensamentos do filho. O pranto, hoje, é o seu companheiro mais fiel.

Assim, Berenice se distancia da vida material e caminha, a passos largos, para a vida espiritual e para o reencontro com Galba...

Em Roma

Ben Azir concretiza a sua intenção e, em algumas semanas, se faz presente na casa de Demétrio. Este o recebe de braços abertos.

– Caro rapaz, folgo ao vê-lo! O que faz em Roma?

Na mesma alegria, Ben Azir declara:

– Também me alegro ao revê-lo, nobre Demétrio! Aqui estou na qualidade de embaixador de Berenice, viúva de Alicius Galba, nosso amigo. Como tal, sou portador de duas missivas; veja!

Ben Azir exibe as cartas e entrega-as a Demétrio, tanto a dele como a de Adriano. Este, sem sequer olhar para a correspondência, torna-se dispersivo. Algo o incomoda. Apressado, justifica-se:

– Desculpe-me, meu amigo, na pressa de atendê-lo, deixei algo por fazer! Num instante, estarei de volta. Sente-se! Ordenarei à criada, que lhe traga refrescos e frutas. Assim, enquanto espera, poderá deliciar-se. Permita-me!

Sem aguardar qualquer pronunciamento de Ben Azir, ele se vai, precipitado.

Ben Azir pressente que Demétrio o impedirá de rever Sibila...

Silencioso, aguarda, já que nada pode fazer.

Recebe os refrescos e as frutas, mas não se dispõe a saboreá-los. Seu interesse, maior, parece estar sendo abortado.

Demétrio retorna, afobado, e algo constrangido.

Senta-se ao lado de Ben Azir e inicia uma conversa, sem muito entusiasmo:

– Diga, meu amigo, o que o traz a Roma, além da correspondência? Como estão os seus?

– Vim a Roma a negócios. Como sabe, minha família vive do comércio.

– Já cuidou dos seus interesses?

– Ainda não. Afinal, a nobre Berenice me recomendou, com lágrimas nos olhos e voz emocionada, que entregasse as missivas o quanto antes. Ela sente demais a ausência do filho.

– Como ela está?

– Nada bem, meu amigo, nada bem. É, em verdade, uma sombra daquilo que foi... Brevemente, se reunirá ao nosso caro Galba...

– Lamento!... Adriano está muito distraído das suas obrigações...

Ben Azir se furta a qualquer pronunciamento a respeito.

– Afinal, não comeu nem bebeu?

– Não, ainda não! –Ben Azir aguarda que ele inicie o repasto para acompanhá-lo, sem muita vontade. Demétrio sequer falou-lhe de Sibila...

– Como vão todos na sua casa? – aventura-se.

– Felizmente, todos bem, graças aos deuses que premiam a minha casa com paz e harmonia!

A Ben Azir, a resposta soou como um aviso. Mas como não desiste facilmente, insistiu, e dessa vez foi mais direto:

– Como está a sua protegida? Como sabe, nos tornamos amigos naquele maravilhoso evento!

Sombreando a expressão, Demétrio responde rápido:

– Ela está muito bem. Sim, eu sei que se tornaram amigos.

Ben Azir desiste, momentaneamente.

Enfim, falam a respeito de assuntos sem muita importância.

Mais descontraído, Demétrio se entusiasma com as suas ilações inteligentes e aproveita-lhe a agradável companhia.

Ben Azir agradece a Deus ele não ter indagado sobre seu

noivado...

Eles conversam e riem, a bandeiras despregadas, como velhos conhecidos (E, de fato é assim, meu caro leitor. Estes nossos personagens são, sem dúvida, velhos conhecidos!...).

Grato pela boa acolhida e tendo feito aquilo, ao qual se propôs, Ben Azir se despede. No abraço caloroso e fraterno de Demétrio, quase um pedido de desculpas.

Quando se trata de Sibila, ele atravessa céus e terra; enfrenta homens ou dragões; sobe aos céus ou desce aos infernos... Por ela tudo; qualquer coisa!...

A alma sensível de Ben Azir captou-lhe o recado e, na mesma proporção, retribui; demonstrando que nada tisnará aquela amizade, verdadeira acima de tudo.

Com um sorriso nos lábios, ele se despede:

– Adeus, nobre amigo! Até outra boa ocasião, como esta!

– Adeus, Ben Azir! Que os deuses nos permitam o reencontro. E que eles o abençoem e protejam, por onde quer que vá!

– Que o façam igualmente ao nobre amigo e à sua família!

Uma vez na rua, Ben Azir se distancia, mas pede a Cícero que fique de guarda, num dos ângulos estratégicos do caminho, enquanto se posiciona noutro. Sua intuição lhe diz que poderá revê-la. Se não estiver confinada em casa, ela chegará a qualquer momento.

Algum tempo se passa e seu coração dispara quando vê Sibila aproximar-se, acompanhada de uma serva.

Espera que ela se aproxime e se interpõe no seu caminho.

Olhos espantados, ela mal consegue acreditar:

– Ben Azir, meu amigo! O que faz aqui?

Envolvendo-a num olhar encantador, ele responde sincero:

– Aguardava-a!

– Quando chegou?

– Hoje, mesmo! Fui à sua casa falar com Demétrio, porém não a vi. Inconformado, aguardei aqui e agora vejo meu esforço recompensado.

Sibila sorri alegre e divertida. Seu sorriso fascina Ben Azir. Ele sente ímpetos de estreitá-la nos braços... Sentiu saudade... Mergulha seus olhos nos dela e decide: jamais abrirá mão dessa nova afeição, haja o que houver.

Eletrizados, olhos nos olhos, eles ficam parados no espaço e no tempo, numa magia que somente os apaixonados conhecem.

Retornando ao chão que pisa, Sibila quebra o silêncio:

– Por que não me chamou quando esteve em nossa casa?

– Não achei apropriado, perdoe-me!

– Entendo... O que vou dizer prova-lhe a minha amizade, Ben Azir...

– ?...

– Há algumas horas, Demétrio procurou-me, afobado e inquieto. Disse-me que precisava de algo. Indaguei o que era e ele custou a encontrar uma razão plausível para afastar-me de casa. Respeitosa, atendi sua vontade. Não é de seu feitio agir assim.

– Ao recepcionar-me, ele me pediu algum tempo, internou-se na casa e retornou em seguida, aparentemente constrangido.

– Ah, meu querido Demétrio...

– Diga-me, como está?

– Como pode ver, muito bem!

– Folgo em saber. Desejei muito revê-la!

– Eu também queria revê-lo, mas não sabia como.

Ben Azir nota que a serva está a poucos passos dos dois, observando-os:

– Sua serva não dirá a Demétrio que nos encontramos?

– Não, descanse. Semíramis não é apenas uma serva. Além de ser cria da casa de minha querida amiga Lídia, é a minha sombra

benfazeja! Por mim, ela é capaz de tudo. É mais fiel que um cão de guarda. Nós nos queremos muito bem.

– É muito bom contar com alguém assim, mormente nos dias que correm.

– De fato é, e conto com esse privilégio.

– Eu gostaria de falar-lhe, em particular. Se você concordar, naturalmente.

– Sim! Deixe-me ver... O que podemos fazer?...

Alguns instantes mais, e ela declara:

– Já sei! Habitualmente, saio com Semíramis para um lugar distante. Poderemos nos encontrar lá!

– Onde?

– Eu lhe direi. Adianto-lhe que, uma vez ali, saberá mais sobre mim.

Ben Azir vê confirmadas as suas dúvidas, quanto a algo misterioso na vida de Sibila.

– A partir daí, veremos! Estarei lhe dando outra prova de confiança, Ben Azir.

– Guarda, então, algum segredo?

– Certamente! Da mesma forma que você! Somos muito parecidos!

Ben Azir estremece. Ela vai mais longe do que ele poderia esperar.

– Bem, devo apressar-me, sob risco de abortar a minha próxima saída.

– Como a encontrarei, e onde? – Ben Azir indaga-lhe, ansioso.

– Aproxime-se e ouça com atenção.

Ela cochicha algo ao seu ouvido e indaga:

– Entendeu?

Ben Azir confirma, balançando afirmativamente a cabeça.

– Dentro de quinze dias, a partir desta data, aguarde-me na entrada do referido bosque. Ali, eu o encontrarei. Costumo chegar muito cedo, pela manhã.

– O que alega quando vai a este lugar?

– Digo que vou à casa de Lídia e ela confirma tudo, porque me quer bem e conhece a minha vida. Demétrio pensa que estou em sua casa, quando me ausento. Ele é muito amigo de Lídia e de seu marido, Severus Apolonius. Semíramis me acompanha e Lídia me acoberta.

– Entendo e adivinho algo muito maior...

– Sim, você está certo.

– O tempo de espera será longo demais...

– Para mim também, acredite.

– Preciso acreditar!... – ele responde, olhar fascinante e sedutor. Na voz envolvente, um mundo de promessas...

Inclina-se e beija-lhe, ardentemente, as mãos.

Sibila estremece. Seus olhos brilham como nunca, e sua alma vem à tona, inteira...

Despedindo-se, enfim, eles se distanciam, olhando-se enquanto conseguem.

Sibila desaparece nas curvas da rua e Ben Azir se reúne a Cícero.

Adentrando a casa, Sibila se depara com Demétrio que vem recebê-la, algo arrependido. Antes de que ela seja informada, adianta-se:

– Imagine, minha filha, assim que você saiu, aquele rapaz que esteve na Quinta chegou para nos trazer algumas missivas!

Cuidadosa, Sibila indaga-lhe:

– Qual deles? Tantos compareceram à festividade!

– Aquele que conheci na casa de Alícius Galba, Ben Azir!

– Ah!... Eu gostaria de tê-lo visto! Ele perguntou por mim?

– Não, não o fez! Veio à Roma a negócios e estava com pressa!

– Caso ele apareça de novo, não deixe de chamar-me, sim? Gostei muito dele!

– Farei isso! Se você estiver em casa!

As últimas palavras dele já soaram no corredor. Vai entregar a missiva de Adriano. Já leu a sua e lamenta a insensibilidade do rapaz quanto à sua mãe.

“Curioso... Ele e Hatérius, respeitando-lhes algumas diferenças, são muito insensíveis. Por uma estranha fatalidade, os dois amam a mesma mulher...” – ele pensa, enquanto alcança os aposentos de Adriano. Bate na porta e aguarda. Quando o rapaz abre, ele lhe diz:

– Eis uma carta de sua mãe!

– Ótimo! Aguardava notícias dela. Quem foi o mensageiro?

– Ben Azir! Ele veio visitar-me e trazer esta carta, a pedido de sua mãe.

Na cabeça de Adriano, a certeza de que o rapaz viera ver Sibila, e não Demétrio. Uma sombra passa por seus olhos.

Demétrio observou-lhe a contrariedade.

Numa voz de reprovação, indaga-lhe:

– Por que não foi ver sua mãe, Adriano? Ela precisa de você! Agora, mais que nunca!

– Sim, tem razão! Farei isso, logo possa.

– Quando?

– Ainda não sei! – ele responde, enquanto abre a carta e começa a ler.

Demétrio conclui que ela o censura pela ausência e lhe fala da sua doença. Afasta-se, sem mais nada dizer. Aguardará as suas próximas atitudes.

“Pobre Galba... Pobre Berenice...” – pensa condoído.

Momentos depois, está na rua.

Entra numa loja em busca das mercadorias que lhe interessam. Geralmente, negocia usando os préstimos e a posição importante de seu filho, Hatérius. Assim, é tratado com distinção.

Ao contornar algumas esquinas, surpreende Ben Azir e imagina-o cuidando dos seus negócios.

Como não foi visto, desvia-se do seu caminho.

Adriano, revoltado com as censuras de sua mãe, deixou a missiva sobre o aparador do quarto. Como conciliar a sua vida, desregrada, com os cuidados filiais, aos quais nunca esteve habituado? Sua mãe esqueceu a conversa que tiveram? Todavia, precisa ir até lá e acertar alguns negócios referentesà sua herança.

Diante de Demétrio, precisa fingir... Afinal, encenou uma modificação que deve manter. Além de tudo, Demétrio tem em mãos as decisões de seu pai. Procura o seu anfitrião e não o encontrando, aguarda.

Enquanto isso, arruma alguma bagagem.

O julgo

Por mais impostos cobrados e mais vidas ceifadas e maiores conquistas dos mais vastos territórios pelo mundo afora, nada satisfaz a ganância de Roma, junto àqueles que fazem coro com ela e contribuem para essa glória que deslumbra e embriaga.

É contra isso e tantas outras injustiças que Ben Azir luta.

Seu grupo tem intensificado as suas ações de tal forma que mal lhe sobra tempo para pensar em si mesmo. Ainda não conseguiu avaliar, de fato, sua nova realidade sentimental.

O que encontrará nesse caminho que se abre à sua frente? Até que ponto Hatérius sabe de Sibila? E Adriano?...

Acima de quaisquer questionamentos, porém, sabe que um sentimento muito forte se apodera dos seus sentidos e do seu coração...

Chegou, enfim, o dia do encontro e ele comparece, adiantando-se no local combinado. Ali, na entrada do bosque, aguarda ansioso.

Após algum tempo, Sibila surge, ladeada por Semíramis, um ancião de cabelos nevados e um rapaz atlético, bonito, muito bem tratado, que transpira nobreza e inteligência.

Saúdam-se e caminham juntos. Seguem por caminhos pedregosos e veredas estreitas, passando por diversos grupos de pessoas muito simples. Algumas horas depois, alcançam uma aldeia de verde exuberante, casas brancas, baixas, com pequenos jardins.

Silencioso e observador, Ben Azir respira profundamente, beneficiando-se daquela atmosfera mais pura.

Aqui e ali, algumas pessoas trabalham. Ao passar por elas, os seus acompanhantes dirigem-lhe boas palavras, num mútuo entendimento.

Analisando-os, pode notar que Sibila é muito querida por todos.

E ela, por sua vez, observa-o estudando-lhe as expressões.

Crianças saudáveis e vestidas com simplicidade correm em todas as direções, vigiadas pelos adultos.

Pequenas oficinas de carpintaria, ferreiro, tecelagem e outras vão surgindo. Nestas, as diversas maneiras de sobreviverem com dignidade.

Dirigindo-se, enfim, a uma das casas, Sibila entra e chama:

– Cynara!

Após alguns instantes, uma mulher madura e bonita, em tudo parecida com ela, chega para recepcioná-los. Num luminoso sorriso, Sibila a abraça carinhosa e se dirige a Ben Azir, apresentando-a:

– Minha mãe, Cynara!

Inclinando-se, respeitoso e surpreso, Ben Azir diz da sua alegria ao conhecê-la.

Enquanto Cynara faz as honras da casa, Sibila pressente as indagações íntimas do seu convidado e lhe pede:

– Aguarde, depois eu lhe explico tudo.

– Sentem-se, por favor! Tenho um pão que tirei do forno neste instante e lhes servirei com leite de cabra! – Cynara informa-os, muito amável.

Ela olha para Ben Azir e supõe intuitiva que entre ele e sua filha existe algo mais que amizade. Gosta, prontamente, do rapaz.

Eles se sentam em bancos compridos que ladeiam uma mesa muito longa e feita de tábuas corridas.

Silenciosos, Semíramis, o rapaz e o ancião se alimentam. Nas suas expressões, muita paz. Seus sorrisos contagiam e fazem bem.

Depois da refeição, despedem-se.

Sibila aproveita a ocasião:

– Ben Azir quer saber como e por que a senhora, minha mãe, está aqui! Não é isso, Ben Azir?

– Sim!

Cynara resume a própria história, desde o mercado de escravos, omitindo, naturalmente, a sua ligação com Demétrio.

– Nunca deixei de acompanhar a vida de minha filha, mesmo que à distância! – ela declara, olhando Sibila com imensa ternura – Agora, cabe a você contar-lhe como nos reencontramos, Sibila!

Abraçando-a, amorosa, Sibila descreve o seu reencontro com sua mãe e a descoberta dessa generosa comunidade.

Ouvindo-a, enlevado, Ben Azir compreendeu, então, como Cynara fora parar ali.

– Agradeço, senhora, os saborosos alimentos e a boa recepção!

– Se não me engano, nos veremos muitas vezes. Isso me agrada!

– Grato, mais uma vez!

Tomando-o, delicada, pela mão, Sibila o conduz para diversos locais, enquanto vai respondendo às suas naturais indagações.

Após algumas horas, Ben Azir pergunta-lhe:

– A sua prova de amizade é revelar-me essa realidade, ignorada por Demétrio?

– Sim! Agora, venha; tenho algo mais a lhe mostrar!

Puxando-o pela mão, como se faz a uma criança, ela chega até uma porta pintada de branco, aberta, e que exibe, logo ao primeiro olhar, uma sala comprida, com fileiras de camas dos dois lados, repletas de doentes. Um odor de medicamentos, de ervas, e de sabão se faz sentir, desde a entrada.

Nos leitos, algo confortáveis, estão doentes de todas as raças e de todas as idades. Alguns gemem e outros dormem, enquanto, ao redor deles e atendendo-os, pessoas vestidas simplesmente, muito limpas e de feições bondosas.

Curativos trocados, úlceras lavadas e palavras ditas com carinho

acalmam, mesmo àqueles que exibem dores insuportáveis.

Sibila analisa, cuidadosa, as emoções de Ben Azir. Pode ler no seu rosto bonito e moreno, e mais ainda, nos seus olhos negros e expressivos os seus sentimentos mais profundos...

No peito do rapaz, uma forte emoção, constringente.

As lágrimas anunciam-se, teimosas, mas ele disfarça.

Ali, um povo sofrido, vilipendiado, ferido, perseguido e esquecido, nas suas mais prementes necessidades. As suas moléstias são visíveis nos seus rostos pálidos e às vezes disformes, nas carências gritantes... Rebotalhos da humanidade, ali eles exibem os seus aleijões, causados pelos desastres da vida e pela impiedade dos homens...

Contra essa miséria e esse sofrimento, Ben Azir luta, entregando tudo que possui, até a própria vida. Todavia, como agora; jamais havia se deparado com tanta dor! Nesse lugarejo, onde o próprio alimento é um milagre diuturno, eles são amados e tratados, como deveriam ser todos aqueles que sofrem...

Quando, enfim, consegue se expressar, sem trair demais a sua emoção, ele indaga:

– De onde eles vêm e quem administra tudo isso?...

– Eles são os deserdados da sorte, os desprezados do mundo, vítimas de poderosos, cruéis! Venham de Roma ou de qualquer outro lugar! Aqui chegam, como minha mãe um dia chegou: feridos no corpo e na alma. Primeiro e acima de tudo, a providência divina mantém esse lugar; em segundo plano, aqueles que seguem Jesus, o Cristo, dedicam-se, abnegadamente, a trabalhar com eles e por eles.

Enquanto fala, o olhar de Sibila se volta para o alto. Ela parece esquecida da presença de Ben Azir.

Isso emociona, surpreende e o assusta:

– Estranho, ouvir uma greco-romana falando assim!

Regressando ao chão que pisa, ela comenta:

– Muitos outros fazem o mesmo, meu amigo! O rapaz que chegou conosco é noivo de Semíramis e um nobre romano que vive uma perigosa vida dupla: aqui e junto ao poder de Roma! E tantos outros que conheço desafiam as leis dos homens, em nome das leis de Deus. Apesar dos riscos que todos corremos, trilhamos o perigoso caminho da fé...

Diante de tais afirmações, Ben Azir teme:

“Deus, caso seja descoberta, ela corre um grave perigo!”

Não se contém e indaga de chofre:

– Sibila, você é cristã?

– Sim! – ela lhe responde, olhos nos olhos, observando-lhe as emoções desencontradas.

– Você se converteu? – ele amplia a sua pergunta.

– Sim! – ela confirma, mais uma vez, sem vacilar.

Ben Azir reflete:

“Temos, ambos, vida dupla... Ela, porém, ignora-me as ações...”

Recorda-lhe a curiosidade a respeito da sua vida, declarada difícil, na Quinta de Demétrio... Enquanto Ben Azir se interioriza, ela se aproxima, toma-lhe ambas as mãos, e lhe fala, sincera e confiante:

– Agora, você já sabe. Demétrio, assim como sua família, ignoram os novos rumos da minha vida. Aguardo uma oportunidade para revelar-me e vir para cá, em definitivo.

Pressionando levemente as suas mãos, e mergulhando seu olhar no dela, ele confessa:

– Temo por sua segurança!...

– Eu também. Moro na casa de um patrício proeminente, de uma mulher cruel e de seu filho, um tribuno que persegue, prende e executa àqueles que destoam dos preceitos de Roma...

– Hatérius tem irmãos?

– Sim, mas eles não interferem na vida da família. Indiferentes, quase sempre estão ausentes e voltados para os seus próprios interesses.

Apontando o ambiente e os doentes, num gesto mais amplo, Ben Azir, pesaroso, comenta:

– São tantos riscos, tantos obstáculos, tantos sofrimentos!...

– Assim é a vida, Ben Azir!

– Aqui, ela é mais perigosa, mas, ao mesmo tempo, é mais humana...

As mãos pequeninas de Sibila se perdem dentro das suas.

Antes de soltá-las, Ben Azir pressiona-as, suavemente, deixando-as escorregar lentamente, até deixá-las livres, enquanto fita os olhos de Sibila; falando, sem palavras, daquilo que o envolve, domina, e o faz sonhar com as delícias do Paraíso...

Corando, coração batendo forte, ela abaixa os olhos, intimidada, sob o seu olhar afogueado. Envolvida em emoções desconhecidas, reflete: “Será este o famoso toque masculino? Entendo agora as mulheres apaixonadas de todos os tempos. Essas incomparáveis sensações me arrebatam!... Deus nos fez macho e fêmea para o famoso: crescei e multiplicai-vos!...”

Tirando-a da sua abstração, Ben Azir indaga-lhe, voz cariciosa:

– Posso saber o teor dos seus pensamentos?

– Não, não pode! Todavia, se pudesse, ficaria muito orgulhoso! – ela lhe responde, sorrindo, ar matreiro, encantando-o cada vez mais.

Conformando-se, ele se cala.

Sibila retoma o assunto anterior:

– Sendo cristã, eu creio no Deus único e no Seu Filho Jesus.

– Sou judeu e, como tal, sigo as leis de Moisés.

– Ele foi o maior profeta do Deus único! Um grande legislador e instrumento divino para nos trazer as Tábuas da Lei.

Ben Azir indaga:

– Por que Lídia, sendo romana e amiga de Demétrio, acoberta as suas saídas? Quem é o venerável ancião que chegou com você? Como se chama e o que faz?

– Seu nome é Plínio. É um sobrevivente das prisões romanas. Hoje, ele carrega no corpo e na alma as cicatrizes dos suplícios que quase lhe ceifaram a vida...

– Pobre homem...

– Aqui, ele nos explica as mensagens de Jesus. A sua maior e única riqueza são algumas cópias, em pergaminho, dos exemplos do Messias de Deus anotados por seus discípulos. Essa herança, por enquanto trágica, iluminará o futuro!

Ele iniciou essa comunidade quando, abandonado aqui, por seus algozes, que o julgavam morto, foi encontrado e socorrido. Aos poucos e, sofridamente, sobreviveu. Curado, enfim, retomou o seu trabalho de caridade e abriu as portas de sua casa a quantos precisassem.

– Nunca foram descobertos?!...

– Nunca! Lídia, além de acobertar-me as ações, por ideal e amizade, é mulher de um romano poderoso e indulgente que respeita as criaturas e os credos que elas professam. Sem ser cristã declarada, ela nos apoia. Como esta jurisdição é atribuição de seu marido, Severus Apolonius, ele nos 'ignora' de maneira providencial.

Semíramis é filha de Plínio e noiva do rapaz que veio conosco, Quirino, romano de nobre estirpe, irmão de Lídia, seguidor fiel e provável sucessor de Plínio. Licurgo, outro irmão de Lídia, figura proeminente em Roma, nos acoberta também junto ao cunhado. Como pode ver, a família de Lídia, de algum modo, faz parte desta comunidade, mesmo que à distância. Que Deus os abençoe! Enfim, muitos contribuem, de uma forma ou de outra.

Uma grande parte daqueles que aqui chegam sem rumo e sem expectativas, superando as suas dores físicas e morais, se integram à comunidade.

Ben Azir se arrepia. Quando o perigo se instalar, Sibila estará ali, sofrendo as consequências...

– Sibila, você não teme o futuro?

– Temo, sim, não posso negar!

– E por que não se protege, afastando-se?

Antes de ouvir-lhe a resposta, porém, ele faz um gesto com a mão, desculpando-se pela tolice que dissera. A mesma pergunta poderia ser-lhe dirigida...

Sibila entende e nada responde. Não é preciso.

– Eu gostaria de me aproximar de Plínio, caso seja permitido.

– De outra vez, Ben Azir. Exausto da viagem, ele foi para casa. Os anos já lhe pesam, além das privações às quais ele se impõe, por amor aos outros.

– Vida admirável!

– Sim, vida abençoada! Quirino, irmão de Lídia, que aqui é conhecido por Irmão José, é a sua sombra benfazeja. Semíramis, bonita e boa, o conquistou para sempre. Pretendem casar-se brevemente.

Em meio a tantas emoções e descobertas, Ben Azir elogia:

– Admiro-os e a cada nova descoberta você cresce no meu conceito, Sibila!

– Grata por sua admiração, pela boa companhia, compreensão e amizade!

Aproximando-se, ele confessa:

– Desejo oferecer-lhe muito mais!... Os meus sentimentos vão muito além da admiração e da amizade. Espero, nobre Sibila, não estar sendo invasivo e nem precipitado...

– Não, não está! – ela responde, tocada nas fibras mais íntimas do coração. Emocionada, caminha ao seu lado.

Respeitando-lhe a introspecção, Ben Azir silencia igualmente feliz e grato a Deus.

Regressam alegres, falando muito e rindo de tudo, como velhos conhecidos. Deixando-a, nas proximidades da casa de Cynara, Ben Azir beija-lhe as mãos e se despede.

Uma vez em casa, numa alternância de sentimentos, ele aguarda ansioso o próximo encontro que já fora previamente marcado.

Dissera aos pais que vira Sibila, muito rapidamente, por falta de oportunidade. Há muito a analisar... Não deseja opiniões desencontradas ou interferências na sua liberdade para procurá-la, quando quiser, sem reservas...

Pensa nos encargos difíceis que assume no seu grupo e faz um parâmetro entre a sua realidade e a dos cristãos. Cada qual, no seu setor de vida, luta pela implantação do bem na face da Terra.

Herança

Avaliando o que possui, Adriano decide falar à mãe.

Pretende, também, convencer Demétrio. Derrubará quaisquer barreiras que se interponham entre ele e a sua herança.

Quando Demétrio retorna da rua, encontra-o pronto para viajar.

Desincumbindo-se, igualmente, dos seus afazeres mais urgentes, dispõe-se a acompanhá-lo para socorrer Berenice e dar andamento nos papéis que tem em seu poder.

Dia seguinte, partem juntos.

Se na carta de Adriano, Berenice usou da mesma sinceridade, o rapaz deveria estar mais sensibilizado.

“Por que censuro Adriano, se ele é semelhante ao meu filho Hatérius? A indiferença e a frieza parecem-lhes uma segunda natureza!...”

Silencioso, Demétrio segue viagem em meio às suas reflexões.

Para Adriano, a viagem é mais uma oportunidade de divertimento e de descontração. Leviano, aceita qualquer provocação da vida, naquilo que ela possui de mais barato e menos elegante. Mesmo vigilante, para não chocar Demétrio, ele por vezes se descuida, desastrado.

Discreto, Demétrio deplora-lhe a falta de siso.

Depois de alguns percalços, por causa do mau tempo, chegam enfim à Jerusalém.

Uma vez ali, Adriano ensombra as feições. Ao adentrar a casa, ele

clama pela mãe, que à distância, com o coração a bater forte, não tem forças para responder. Enfim, depara-se com ela extremamente abatida. Vacila quanto ao que dizer ou fazer, quando ouve:

– Venha, meu filho, dê-me um abraço! Senti demais a sua falta!

Inclinando-se, Adriano faz-lhe a vontade e ficam enlaçados por algum tempo.

– Como está? – ele indaga. Sua mãe está pior que antes...

– As forças me abandonam, aos poucos. Brevemente irei ter com seu pai! – enquanto fala, ela beija os cabelos do filho, deixando-o algo constrangido, diante de Demétrio.

– Ora, ora, o que estou a ouvir? Nada disso! Galba esperará com paciência e sem pressa, nobre Berenice! Adriano ainda precisa de você!

– Meu grande amigo! Como vai? – ela se volta para ele, sorriso aberto.

Cada palavra de Berenice exige-lhe um grande esforço. Sua voz, quase apagada, às vezes torna-se inaudível.

– Eu estou muito bem, como pode ver!

– E a família?

– Muito bem, também!

– Tem notícias do nosso caro e digno senador Olímpius Rúfus?

– Sim, tenho! Muito ocupado, como sempre, com os interesses de César! Sei que apesar disso ele virá vê-la, assim que receber a carta que lhe escrevi, informando-o sobre a sua saúde.

Revoltado, Adriano interroga-o, sem palavras. Para que, Demétrio chamara aquela águia, que o traz sob a sua mira?

Ignorando-lhe o olhar de censura, Demétrio prossegue, jovial, a falar de coisas triviais para animar Berenice.

Contrariado, como um menino mimado, Adriano sai do quarto, alegando que vai cuidar das suas bagagens. De cenho carregado, ele se dirige como sempre faz quando está ali, para o jardim, seu lugar predileto desde a infância. Senta-se ali e aproveita reverente o

zumbido dos insetos que voam ao redor das flores; o colorido dos pássaros e das borboletas; o frescor do lugar...

A pequena cascata artificial, ladeada por duas belas estátuas gregas, parece cantar ao som das suas águas rumorosas.

Respira fundo e fecha os olhos. Mais uma vez, pensa no seu futuro, que será glorioso... Quer esquecer os problemas... Acomoda-se melhor e relaxa...

Amolentado, entre o sonho e a realidade, ele ouve mais uma vez, rumores de guerra. Os tinidos das armas se chocando, o galope dos cavalos, vozes estentóricas, gritos, imprecações... O estardalhaço das ações guerreiras se aproximam, mais, mais, e um guerreiro bárbaro surge, montado num belo e ataviado corcel, a comandar muitos homens e a dominar tudo e todos... De olhar feroz, ele distribui ordens, enquanto persegue implacável um povo simples que corre para todos os lados... Num esgar de crueldade, ele ordena:

– Matem-nos e queimem tudo! – nesse instante, Adriano se reconhece, mais uma vez...

Mulheres com os seus filhos ao colo fogem espavoridas, até que alguns dos seus homens, alcançando-as, tiram-lhes as vidas.

Crianças choram, estridentes, dentro das palhoças ou nas ruas, caídas, sem condições de defender-se... Elas são destruídas, seja pelas patas dos cavalos, seja pelas armas daqueles que, bárbaros, parecem sedentos de sangue... Depois, as labaredas devoram tudo, crepitantes, dançando ao sabor do vento...

Ele puxa os freios do animal e se volta para avaliar os resultados da sua ação devastadora... Sinistro, gargalha; selvagem, bestificado...

Apertando os pés na barriga do cavalo, ele o incita a voltar...

(Para onde? De onde saíra para fazer o que fez?!...)

Pressente alguém a acompanhá-lo de perto. Olha para o lado e surpreende a presença de Hatérius! Sim, é ele! É ele seu homem de confiança, seu segundo, em tudo que faz! Ambos vivem os mesmos

ideais de guerras e de morte! Hatérius grita alto, contagiando-o, vibrando com o sucesso da empreitada.

Numa estranha letargia, Adriano solta um gemido surdo, quando um homem envelhecido, mas muito forte, ataca-o, derrubando-o do cavalo. Ato contínuo, seu agressor toma de uma machadinha e investe contra ele... Nos seus olhos, muito ódio...

Em patente desespero, Adriano se defende do destino fatal que aquele homem representa... Por fim, ele desce a machadinha com toda a força e lhe abre o crânio...

Demétrio chega e surpreende-lhe a agitação. Sacode-o e chama-o:

– Adriano, Adriano, o que se passa? Desperte!

Com o corpo dormente, Adriano se esforça para responder, mas não consegue. Sua voz, abafada, se perde entre os gritos de maldição do seu atacante. Sua vontade não é suficiente para retornar à realidade. Sente-se morrendo, morrendo...

A voz de Demétrio parece chegar de longe, de muito longe...

Demétrio alcança a água da cascata, apanha uma pequena porção nas mãos em concha e atira-as sobre o rosto do rapaz.

Ele desperta, enfim, mas diante de Demétrio, indaga:

– O que fez? Por que você me matou? Por quê?...

Adriano empurra Demétrio, olhos esgazeados. Gemendo, procura no alto da cabeça um pretenso ferimento, que ainda lhe causa muita dor.

– Adriano, Adriano! O que está dizendo? Desperte, meu filho! Você teve um pesadelo! Cansado, adormeceu e sonhou!

Adriano volta, finalmente, à realidade e, meio zonzo, pergunta:

– Eu... estava... sonhando?

– Sim! Pelos deuses! Por que tanto desespero?

– Sempre o mesmo sonho!... Mas, desta vez, identifiquei Hatérius e você! Hatérius era meu companheiro de lutas, mas você, Demétrio, você me matou!

– Ora, Adriano, nem inimigos somos! Esquisito, não é?

– Sim, muito esquisito...

– Venha, sua mãe quer lhe falar!

– Grato por chamar-me e por me despertar!

Cuidadoso, ele adentra o quarto da mãe:

– O que deseja, minha mãe?

– Sei que está cansado, Adriano, mas precisamos conversar. Você é jovem e forte. Após uma noite de sono, estará novinho em folha! Temos uma conversa, em suspense, que nunca conseguimos concluir. Tenho pouco tempo, meu filho... Esta pode ser a nossa última conversa!

– Não fale assim, minha mãe. A senhora há de melhorar!

– Não se iluda, filho. Bem, da última vez que nos falamos...

– Nos desentendemos!

– É verdade, todavia, não acontecerá de novo. Ouça-me e seja paciente, sim?

– Naturalmente, minha mãe.

– Sonho com seu pai todas as noites. Juntos caminhamos por um vale verdejante, gratos à oportunidade ímpar de termos sido tão felizes!...

Tomando fôlego, ela prossegue:

– Bem, pressinto que nos reuniremos, dentro de pouquíssimo tempo.

– Por favor, não alimente pensamentos mórbidos.

– Não são mórbidos, Adriano, são sensatos, conclusivos. Sei que desagrado você com este tipo de conversa, mas é preciso que seja assim. Brevemente, da nossa família, você será o único. Não temos mais parentes; os mais idosos há muito se foram. Você, como filho único, é o único herdeiro também. Quando eu me for, você terá, enfim, tudo que deseja. Pedi a Demétrio que a partir da minha morte, você seja empossado, automaticamente, na herança; independentemente da disposição anterior de seu pai. A sua intenção era proteger-me na velhice; velhice esta que nunca terei...

– ela respira fundo e pede água.

Adriano sai e retorna com um copo com água.

Após refrescar-se, ela adita:

– Peço-lhe que enquanto eu viver, e não será por muito tempo, não me despoje desta casa, na qual vivi toda a minha vida, e na qual você nasceu... Aqui fui muito feliz com seu pai...

Lembre-se, tudo que estará herdando foi esforçadamente conseguido com o suor e o sangue, literalmente, de seu pai; bravo guerreiro de Roma, cheio de cicatrizes no corpo e na alma. Os seus últimos anos de vida ele passou desiludido e muito decepcionado com o poder que tão bravamente defendeu. Este, porém, é um assunto muito longo, do qual você conhece parte. Agora, o mais importante, meu querido...

Uma tosse rouca lhe tira o ar e Adriano a socorre, levantando-a.

Depois de alguns minutos que pareceram séculos, nos quais ela ficou de olhos fechados e respirando com dificuldade, ela volta a falar:

– Como eu dizia, agora o mais importante: além do pecúlio material, pelo qual você aguarda ansioso, acima dele, a maior herança e a mais rica que você recebe é o nosso exemplo de um comportamento digno, ilibado. Amamos e continuaremos amando, mais a você que a nós mesmos, Adriano. Quando nada mais restar da sua herança material, você terá sempre a recordação do nosso exemplo e o nosso amor. Esta, ninguém poderá roubar-lhe, jamais.

Berenice se cala. As lágrimas escorrem dos seus olhos fundos e brilham, generosas, na sua face emagrecida e angulosa.

Adriano enxuga-as e toma-lhe as mãos entre as suas.

O que dizer? Sente-se inquieto, contrariado e, ao mesmo tempo, tocado por tanta coragem, tanto amor. Sabe que não merece tanto, mas sempre fora assim...

Fitando-o, em adoração, ela prossegue:

– Ninguém, Adriano, pode ter sido mais amado que você! – ela se cala, se interioriza, sorri e declara:

– Sinto, Adriano, aqui e agora, a presença de seu pai... Ele me fala... Diz que você, filho querido, precisava ouvir-me, como faz agora. Ele aprova tudo que estou lhe dizendo...

– Minha mãe, como isto é possível?

– Eu não sei como, não me pergunte. Pena ter-se demorado tanto, Adriano! – ela se cala. Depois de alguns instantes, volta a falar.

– Seu pai me pede para não censurá-lo. Diz que o momento é este... Tomado pela emoção, Adriano responde, sincero:

– Eu jamais neguei o grande amor, o abnegado amor de que fui alvo, mesmo não merecendo. Sou consciente disso. Vocês me concederam tudo, tudo! Talvez mais do que deviam... Não sou tão insensível quanto pareço, minha mãe, mas não espere demais, deste coração que parece feito de outra cepa... Eu não sei amar de verdade... Por que? Ignoro! Sinto, todavia, gratidão e ternura pelo que representam em minha vida. Peço-lhes perdão, mas sou o que sou. Lamento nunca ter correspondido à altura ao devotamento incomparável de vocês.

Enternecida, sorriso nos lábios, Berenice esclarece afetuosa:

– Meu filho, você vestiu uma couraça para se defender de um mundo que nos desagrada a todos e habituou-se a ela, mas os deuses modificarão você!

Em pensamento, Adriano reage: “Nem mesmo neles eu creio, minha amorável mãe!”

Ela prossegue, esforçada:

– Meu amor prosseguirá com você e, por onde quer que eu vá, continuarei a protegê-lo. – Berenice fecha os olhos...

Adriano sente uma imensa vontade de chorar e o faz. Solta as comportas da alma e chora, sem pejo algum. As lágrimas abundantes caem e seu corpo se sacode, convulsionado, pelo pranto. Rompeu, enfim, as barreiras da razão endurecida e do egoísmo.

Berenice beija-lhe os cabelos e aquieta-se. Em poucos instantes adormece, ressonando ruidosamente.

Demétrio, que chega, fica pregado ao chão. Seu protegido consegue sensibilizar-se! Conclui, emocionado, mais uma vez, que vale a pena investir na criatura humana. Antes de ser notado, sai de mansinho e desaparece, deixando-os a sós. Seu coração se aperta. A alma luminosa de Berenice está quebrando os grilhões...

Adriano se desprende, cuidadoso, do abraço materno, e sai.

No seu peito, os soluços ainda se fazem sentir. Neste momento crucial, a única coisa em que consegue pensar é na tristeza da mãe, no seu amor incomparável, e na sua compreensão sem limites...

Após tantas emoções, para um único dia, ele dorme mais harmonizado, sob o teto que o viu nascer e crescer.

Na manhã seguinte, como sua mãe previra, desperta refeito.

Toma a sua primeira refeição e vai vê-la.

A criada, que ali ficou a vigiá-la, diz que não consegue despertá-la.

Berenice apenas respira, muito fraca, e parece nada ouvir. Sequer mudou de posição no leito. O médico é chamado e vaticina o início do fim. Cuida daquilo que está ao seu alcance e se vai.

Lamentando o estado de sua mãe, Adriano sai a caminhar pela casa.

Olha ao redor, distanciado de tudo... Seu coração se volta para Sibila... Precisa dela, da sua presença...

“Aquele judeu monopolizou-a! Descarado! Quase perdi os freios, tive ímpetos de matá-lo, ali mesmo. Ela jamais concedeu tanto a outrem!... Ele, um reles desconhecido, privou, mais que ninguém, da sua companhia! Inacreditável! Será que os dois já se conheciam?!...

Hatérius também ficou descontrolado! Não fosse o aniversário de sua mãe e a patente defesa de Demétrio... Por vezes, julguei que ele fosse agredi-lo! O quanto desejei que isso acontecesse!”

Controla-se e num outro estado de espírito, dirige-se ao jardim.

Ali, acomoda-se no mesmo lugar de sempre e relaxa.

Fecha os olhos e recorda a infância feliz, fagueira, farta, e protegida... Tem muito a agradecer, à sua mãe e ao seu pai.

Nesses momentos de conflitos e de despedida, daquela que o pôs no mundo e tudo lhe deu, ele remete, mais uma vez, os seus pensamentos até Sibila...

Recosta-se melhor, como gosta de fazer, em meio àquele jardim, primorosamente construído por seu pai, adormece e, surpreendentemente vive uma estranha experiência:

“Levanta-se e sai do corpo que continua, confortavelmente, sentado. Caminha numa direção que já conhece, pois se dirige para lá, com muita facilidade e sem vacilar. Uma vez ali, espera por alguém.

Após alguns minutos, surge um homem vestido numa túnica romana, e que revela sua posição, elevada, pela cor e pelos adornos. Cabelos nevados, porte ereto, dignidade inquestionável, régios adereços.

Ele lhe sorri e Adriano o reconhece. É seu pai, que se dirige a ele e o abraça. Numa inusitada capacidade auditiva e visual, ouve os passos de sua mãe que sai do seu quarto e se dirige aos dois. Então ela se levantara? Melhorou, enfim! – concluiu.

Ela se aproxima deles, ainda abatida, mas alegre. Abraça os dois e assim permanecem.

Soltando-se do abraço, Galba lhe fala:

– Meu filho, sua reação amorosa, quanto à sua mãe, nos permitiu este encontro. Estive no quarto e, de algum modo, participei do entendimento que, enfim, se fez entre vocês!

Ao lado do marido, Berenice revela:

– Aquela que você ama sem saber dará início à sua redenção. Não foi por acaso que vocês se aproximaram, desde cedo, nessa existência!

Adriano percebe que seus pais o conhecem, mais que ele próprio.

Tomando a palavra, Galba esclarece:

– Meu filho, nós temos laços fortes e antigos com as guerras. Por isso, você se defronta com o seu passado, quase sempre lhe cobrando acertos e novas atitudes! O que nos diferencia, filho, é que

eu me atirei às lutas, em prol de um estado de coisas que julgava reverenciar, enquanto dominava, em mim, os impulsos cruéis, de passados de guerra! Você, ao invés disso, foge da luta para não se defrontar com você mesmo. Quando uma situação favorável, determina a sua partida para a guerra, circunstâncias inesperadas atravessam-lhe o caminho, impedindo-o. Isto, tem sido providencial, pois você ainda não está preparado para as batalhas. Não somos pai e filho, por acaso... Esforcei-me para discipliná-lo, em nome destes passados, pois conhecia a sua alma necessitada de corrigenda, mas você rejeitou, visceralmente e desde sempre, todos os meus esforços.

Saiba que o passado, o presente e o futuro, estão encadeados. Tudo faz parte da nossa jornada de crescimento!

Fique em paz, e aproveite, mais um pouco, a presença de sua mãe! São os seus últimos momentos, porque, dentro de dois dias, nesta mesma hora em que aqui estamos, eu virei buscá-la! Avise a todos, que ela está se despedindo. Seja digno do nosso amor e procure ser feliz! – as últimas palavras de seu pai, soaram no ambiente, já distanciadas...”

Adriano desperta, lentamente, lágrimas a rolar...

Passa os dedos, afilados, pelos cabelos negros e encaracolados, levanta-se e dá alguns passos. Para diante do tanque de peixes. Estes nadam, suaves, tranquilos e coloridos... Abaixa-se e fala-lhes, devagar e baixinho:

– Sabe, amiguinhos, estou a ver coisas que não existem! Tive visões fantásticas! Vou contar para vocês uma coisa muito importante e grave para a minha vida: Descobri que estou amando! Vocês ouviram isso? Eu estou amando!... Mas não contem a ninguém!...

Levanta-se, rindo de si mesmo. Na memória, a visão com seus pais...

– Sábios, até nos meus sonhos!... – comenta afetuoso.

Demétrio chega e sorri, ao vê-lo falar sozinho. Abraça-o pelos ombros.

Conversam a respeito de coisas triviais, para esquecer, um pouco, a triste situação de Berenice que continua impassível. Sua alma parece ter-se distanciado. Adriano comunica-lhes que dentro de dois dias, em determinada hora, sua mãe partirá para sempre. Todos se surpreendem, mas não fazem indagações.

Na data prevista e no horário indicado, eles fazem um amoroso círculo ao redor de Berenice. Cada qual rogando aos deuses por ela.

Adriano beija-lhe a testa. Acaricia-lhe o semblante, os cabelos, as mãos... Intimamente, agradece-lhe o amor incondicional.

Ela abre os olhos e suspira, profundamente. Fita o rosto do filho, com imenso carinho, esforça-se para sorrir-lhe, fecha os olhos e aquieta-se. Momentos depois, convulsiona e inteiriça-se.

Berenice se foi... Nesse momento solene, ela atravessa os portais da eternidade...

Adriano agora tem certeza: o sonho não fora apenas sonho...

Chora, sincero, mas imagina-a feliz, ao lado de seu pai e se conforma.

Muito consternado por não tê-la visto ainda com vida, o senador Olímpius Rúfus compareceu ao funeral.

Surpreendentemente, sua presença já não incomodou tanto, Adriano.Dia seguinte, Demétrio entregou-lhe um documento legal, que ‘deixava o dito pelo não dito’, quanto às primeiras disposições póstumas de seu pai, com relação ao testamento.

Recebendo-o, sem muito entusiasmo, ele surpreende, cada vez mais.

A Adriano, a casa parece muito triste e vazia...

Indagado sobre o que pretende fazer, ele responde que ainda não sabe. Em alguns dias, toma providências referentes aos servos da casa. Concede-lhes quantias em dinheiro, à guisa de gratificação, pela dedicação ao casal, e despede-os.

Quanto aos mais idosos, garante-lhes moradia e amparo até a morte.

Assim seu pai fazia. Descobriu-se, enfim, seguindo-lhe os exemplos e fazendo-lhe as vontades, de bom grado.

A saudade de Sibila, porém, fala mais alto e ele decide regressar... Fecha a casa, até decidir o que fazer com ela, e parte, junto a Demétrio.

Sibila trabalha, esforçada, na casa de Demétrio, e aproveita o tempo que lhe sobra para se instruir através dos livros, das artes e das diversas culturas; na observação da própria vida ou, ainda, bebendo nos exemplos, admiráveis, daqueles que já carregam na alma muita sabedoria.

Quando pode estar junto à mãe, realiza-se, naquilo que sua alma anseia de mais nobre, e dedica-se àqueles que ali gemem e choram. Atualmente, debruça-se, reverente, sobre análises profundas das mensagens de Jesus Cristo, preservadas em velhos pergaminhos, por seus discípulos.

Sob a preciosa proteção de Demétrio, e na atual dicotomia em que vive, por enquanto ignorada por ele, quando pensa no futuro, este parece não existir...

Como seu nome sugere, ela é, literalmente, uma sibila. Possui dotes espirituais admiráveis, entre os quais o dom da profecia.

Difícil conviver com tantos fardos...

Neste instante, passa pelos aposentos de Adriano e divisa uma missiva, aberta, sobre o aparador. Ensaia entrar e organizar-lhe os aposentos, inclusive guardando a carta, que de certa forma está exposta. Parada, todavia, do lado de fora, decide não entrar. Se a carta está semiaberta, ela, sem querer, terá acesso ao seu conteúdo; comportamento que contraria os seus princípios. Imóvel, fita a carta, à distância, como se o conteúdo ignorado a atraísse...

Sofre certo alheamento e automaticamente começa a falar sozinha:

– Ela estará conosco, Adriano... No momento fatal, ela o levará nos braços, como nos velhos tempos... Ao deixar o mundo, ela levou a certeza de que o grande amor filial enfim, frutificou em sua alma...

De súbito, Sibila avança no tempo e no espaço, e surpreende-se numa cena cruel, dramática, sangrenta... Mal contém o grito que lhe fica preso na garganta, enquanto indaga:

– Onde estou? E quem é este homem apavorado que sofre ao meu lado? Oh, é Adriano! Deus, o que será feito de nós? Ouço os rugidos das feras! Ah... É um espetáculo no circo romano! As pessoas aplaudem! Pedem mais! Eu e Adriano estamos numa arena!...

Olhos desmesuradamente abertos, extática, ela fala sozinha.

Sua imobilidade faria supor a presença de belíssima estátua de Fídias...

Distante da realidade que a cerca, não percebeu a aproximação de Minerva. Esta a observa numa ira incontrolável.

Explodindo, Minerva grita:

– O que faz aí, parada, como uma estátua de sal? Por acaso, pretende invadir a privacidade de Adriano?

Sibila, em transe mediúnico, gira nos calcanhares e se volta, frontalmente, para ela. Numa voz diferente, rosto impassível, impositiva, ela acusa:

– Você que é má, que age e reage contra as leis dos deuses generosos; que se julga, mesmo, um deles; ouça bem, abra os seus ouvidos! No dia em que o dono destes aposentos ‘partir’, seu filho, mais querido, desaparecerá! Este, sintonizado desde o nascimento com sua alma negra, e tendo recebido de você, a influência perversa da sua falta de caráter, se apartará, de vez, da sua nefasta presença!

A partir de então, a vida dele se modificará, mas você, nesse tempo, já terá morrido com o seu próprio veneno!

Nesses momentos, Sibila parece mais alta do que é. As feições, iluminadas... Com a mão direita, ela aponta na direção de Minerva que ouve, estarrecida, aqueles terríveis vaticínios.

Ela entende, sem enganos, que está sendo julgada e condenada. Conhece estes estranhos fenômenos, que alcançam, por vezes, a

moça. Jamais a ouviu dizer algo que não se concretizasse...

Controladora e arbitrária, reflete:

“Até que ponto Sibila tem acesso àquilo que diz, quando nesse estado? Estará ela informada de algo comprometedor?!...”

Não se contém mais e berra:

– Sibila!...

Sibila estremece e cai, pesadamente, sobre o belo piso de mármore polido. Branca, da cor da cera, ela parece morta.

Aguardando a qualquer momento a chegada do marido, Minerva teme a sua ira, caso a encontre desmaiada. Clama pelos servos que chegam em polvorosa.

Cuidadosos, eles apanham Sibila, e levam-na para os seus aposentos.

Por alguns minutos, ainda, descontrolada, Minerva continua a gritar:

– Seus inúteis! Quando eu preciso estão longe, a se ocuparem de nada! Corja! Quando Demétrio e Hatérius não se encontram, é que estas coisas acontecem! Pelos deuses!...

Algumas servas cuidam da moça, esfregando-lhe alguns medicamentos nas têmporas, pulsos e testa, para despertá-la. Não é a primeira vez que isso acontece. Sibila desperta, tossindo e afrontada com os vapores fortes dos remédios.

Minerva que chega e observa, violácea de ódio, expulsa todos que ali estão e indaga cheia de ódio à moça:

– Você sabe o que aconteceu?

– Não, senhora Minerva. O que aconteceu?

– Você passou mal, no corredor, e foi trazida para cá. Eu que passava por ali, a socorri.

– Agradeço-lhe, senhora! Recordo ter divisado alguma desarrumação nos aposentos de Adriano. Enquanto pensava se devia entrar ou não para arrumar, senti vertigens e despertei aqui, a inalar estes medicamentos.

– Não se recorda daquilo que me disse?

– Não, senhora. Sequer me lembro de tê-la visto!

Minerva pode sentir que ela está sendo sincera. Sibila não tem o hábito da mentira, nunca teve.

– Ainda bem...

– Por que, senhora?

– Porque disse muita tolice, junto à sua habitual rebeldia! Quando Demétrio regressar, vou dizer-lhe que você precisa, urgentemente, de um tratamento médico. Você não é, nem nunca foi, uma pessoa normal, mas agora está ultrapassando as raias do suportável. Não quero conviver com uma desvairada. Você piora a cada novo dia. Assim como sua mãe, que foi escorraçada daqui, graças aos deuses, muito me custa suportá-la. A 'querida' amiga de Demétrio, Lídia, gosta tanto de você... Ao menos é o que ela diz, não sei se por ser verdade, se para agradar ao 'amigo'. Por que não vai morar com ela de uma vez? Me livraria desta desagradável convivência, que só persiste por causa de Demétrio! Ah, Demétrio, Demétrio! Qualquer dia desses eu perco os freios e pratico uma loucura!... – ela conclui, exasperada.

Sibila silencia. Nada que diga ou faça mudará os sentimentos de aversão que Minerva sente por ela. Todavia, a ideia de ir para a casa de Lídia lhe agrada... Precisa decidir, de vez, a sua vida. Em momentos como esse imagina os sofrimentos infligidos à sua mãe, por causa de Demétrio...

Não quer, nem deve, retrucar. Minerva é perigosa demais para ser desafiada. Roga aos céus que ela se vá, enfim.

Minerva suspira ruidosamente e exclama taxativa:

– Pois bem, quando Demétrio retornar, falaremos a respeito da sua permanência aqui, coisa que já não suporto mais! Oh, deuses, o quanto me custa ser amiga e tolerante, quando os outros não correspondem às nossas melhores intenções! Estou no limite das minhas forças! Cansa-me, em excesso, manter a ordem na casa, quando 'estranhos' me são impingidos, sem respeito algum!

Sibila, magoada, vira-se para o outro lado do leito e grossas lágrimas lavam-lhe o belo rosto.

Demétrio desconfia do comportamento de Minerva, mas nunca a surpreendeu maltratando Sibila. Hatérius, por sua vez, raramente contraria a mãe; a não ser quando os seus próprios interesses estão em jogo.

Furiosa, Minerva sai arrastando os pés e batendo em tudo o que encontra pelo caminho.

Semíramis, que chega apressada, pois havia saído para o mercado, informada, corre na intenção de ir aos aposentos de Sibila, mas defronta-se com Minerva, que lhe grita, violenta:

– Vá fazer as vezes do seu senhor, na ausência dele, sua infeliz! Você e ela são iguais! Quando eu me livrar de uma, faço o mesmo com a outra! Vá defender aquela serpente traiçoeira!

– Minha senhora, ela não é assim... É boa, esforçada e querida de todos, principalmente do senhor Demétrio – Semíramis ousou responder, deixando Minerva mais enlouquecida que antes.

Ela investe contra a serva e começa a bater-lhe na boca e no rosto, enquanto a segura fortemente pelo braço.

Cansada, solta a moça e ordena:

– Agora vá! Mostre a ela o que eu gostaria de fazer naquele rosto bonitinho e angelical! Não podendo alcançá-la, por causa do meu insensato marido, faço com você! Desapareça da minha vista, antes que eu decida acabar de vez com você!...

Os gritos de Minerva são ouvidos à distância.

A pobre Semíramis treme dos pés à cabeça. Não sabe se deve afastar-se ou continuar ouvindo-a, até que ela pare de falar. Caso faça uma ou outra coisa, arrisca-se da mesma maneira.

Fuzilando-a, ainda, com um olhar terrível, Minerva se vai pelos corredores, execrando a tudo e a todos.

Lágrimas a rolar de dor e de humilhação, Semíramis segue a passos lentos, rumo aos aposentos de Sibila, enquanto enxuga o pranto.

Entra devagar e observa que Sibila também está chorando.

Toca-a de leve. Ela se vira e se espanta:

– O que houve, Semíramis? Sua boca sangra e o seu rosto está inchado! – sem esperar resposta, pois não é preciso, ela a abraça e afaga-lhe os cabelos negros, apertando-a ao encontro do coração, enquanto lhe fala:

– Acalme-se, minha querida Semíramis! Adivinho quem lhe fez isso, todavia, perdoe. Ela não sabe o que faz. Esta senhora, que a todos submete, é uma demente. E perdoe-me, também, por trazer-lhe tanto sofrimento... Sei que foi para afrontar-me que ela agrediu você...

– Sim, foi o que ela disse, Sibila. Mas não se desculpe, nós somos vítimas da má sorte, só isso.

– Bem, vamos cuidar disso, sim?

Sibila clama por uma das criadas e lhe pede os medicamentos. Ao recebê-los, faz os curativos adequados no rosto de Semíramis.

– Semíramis, espero que a senhora Minerva não se exceda, quando Demétrio chegar. Ameaçou-me, dizendo que não suporta mais a minha presença.

– Confie, Sibila, ela encontrará, como sempre, a forte oposição do senhor Demétrio, e você será protegida, mais uma vez e sempre.

– Não suporto mais esta vida!...

– Tem algo em mente? – ela indaga curiosa.

– Ainda não... Precisamos ser muito prudentes, você sabe... Por algum tempo, evitaremos sair para mais longe, entende? A senhora Minerva usará os préstimos do filho para me vigiar e consequentemente a você também. Ela precisa, apenas, de um motivo para se livrar de mim, como fez com minha mãe. Ela mesmo me disse isso há poucos minutos. Preciso decidir a minha vida, Semíramis...

– E como fará isso?

– Ainda não sei, mas encontrarei algum jeito de sair daqui,

definitivamente.

– Precisamos rezar muito, Sibila.

– Sim...

Sibila pensa em Ben Azir, com saudade.

Neste dia, pior que os outros, Minerva descarregou o seu ódio e a sua crueldade sobre todos aqueles que estão sob as suas ordens ou que simplesmente atravessaram o seu caminho.

*

NAS SUAS EMPREITADAS idealistas, Ben Azir teme perecer antes de concretizar os seus sonhos amorosos. Não pode mais negar, ama Sibila. Neste momento pensa nela e, em sua mente, num amorável clichê, ela fala, se movimenta, age, sorri e olha, lindamente, para ele, com os seus luminosos olhos azuis...

Na primeira oportunidade, abrirá o seu coração. A qualquer momento, pode entregar a vida pela causa, morrer por seus ideais... Quando será?!... Será justo, prendê-la no visgo de um amor de futuro incerto? Como ela reagirá, diante de sua morte?

Os pais percebem os conflitos do filho, mas respeitam o seu silêncio.

Interiorizado, ele vivencia os seus questionamentos, sem saber como resolvê-los, ao menos para o momento.

Jairo e Deborah já desfizeram o compromisso de noivado com Agar:

– Almara, como sabe, os nossos filhos se desentenderam – disse-lhe Deborah, delicada e procurando as palavras mais apropriadas, naquela difícil situação.

Ben Azir já estivera ali, cumprindo a parte que lhe toca. Fora mal recebido e execrado, por sua ex-futura sogra. Revoltada, Agar fizera coro com a mãe. Onde, aquela noiva doce e carinhosa, que um dia Ben Azir conheceu? Numa paciência notável, Ben Azir ouviu-lhes as censuras e as lamentações. Apenas ratificou tudo que já havia dito antes, desfazendo o noivado para desespero das duas.

Avisou-as que seus pais ali compareceriam para cumprirem os requisitos das formas tradicionais, num rompimento de ambas as partes, como também para solucionar os diversos investimentos financeiros que já haviam sido feitos.

Agar olhou fixamente para Ben Azir e com uma voz que parecia sair-lhe das entranhas ameaçou:

– Você me pagará caro, Ben Azir! Outra mulher deve ter atravessado o seu caminho, mas tanto ela quanto você se arrependerão, amargamente!

–Triste constatação, Agar! O quanto você foi dissimulada! Nunca divisei, antes, essa faceta sombria do seu caráter! Agradeço aos céus tê-lo feito, em tempo!

– Eu era boa, Ben Azir, até você me trair!

– Quem é bom continua sendo, haja o que houver, e encontrará sempre uma forma de reagir sem perder a dignidade, porque respeita, antes de tudo, a si mesmo! E, quanto a traí-la, isso nunca aconteceu!

– Você é quem diz, mas homem algum se modifica tanto se não for por causa de outra mulher! Eu mudei quando percebi que você me escapava entre os dedos, como a areia fina do deserto que o vento leva! Hoje, sou um *Dibuk* e, como tal, o perseguirei até a morte! Meu amor, por você, Ben Azir, transformou-se em ódio!

– Lamento sua revolta. Se o seu amor fosse verdadeiro, sentimentos maus, como estes, jamais alcançariam o seu coração! Aquele que ama, continuará amando, apesar e acima de tudo!

Debochada, Agar explode numa sinistra gargalhada:

– Espero que se sinta, assim, quando a outra descobrir aquilo que você, realmente é, Ben Azir!

Profundamente decepcionado com mãe e filha, Ben Azir se despede. Com voz estridente, Agar ainda gritou:

– Com a mesma força que amei, vou odiar você, e vou me vingar!

Não se contendo, ele voltou sobre os próprios passos para retrucar:

– Eu, contudo, desejo, sinceramente, que você seja muito feliz! Com sua beleza e os seus ‘predicados’ (a ele próprio a expressão soou irônica), encontrará dúzias de pretendentes! Não perca seu tempo, olhando para o passado. Invista no presente e no futuro, procure a felicidade, e ela virá ao seu encontro!

Precipitando-se para ele, mãos em garra, muito próxima ao seu rosto, ela ameaçou:

– Saia daqui, Ben Azir, antes que eu lhe arranque os olhos! Sem eles, você nunca mais olhará para outra mulher!

Desistindo de chamá-la à razão, Ben Azir deu-lhe as costas e se foi.

Almara gritava palavrões e fazia gestos nada elegantes, em sua direção, além de mostrar-lhe o punho fechado, transbordando de ódio.

Do lado de fora, Ben Azir respirou e concluiu:

– Que sorte, livrar-me dessas parcas!

Mas, a própria citação mitológica lhe segreda aos ouvidos que Agar pode criar-lhe graves embaraços, pois ela sabe da sua atuação no grupo dos revoltosos... Este o seu calcanhar de Aquiles que não lhe permitiu sair desta relação tão tumultuada, em paz, como desejava...

O adeus de Nassif

NASSIF AGONIZA, CERCADO dos parentes que seu pai e David conseguiram reunir: Ruth, seu marido Natanael e seus filhos adolescentes, Misrail e Josiel. David, sua mulher Nerina e os filhos, Japhet e Metusala. E Isaac, viúvo, com seus quatro filhos adultos.

Ruth, doce e meiga, segura as mãos do irmão, enquanto ele se despede de todos, desolado, por deixá-los...

Junto ao pai, o qual perdoaram e entenderam, além de pedir-lhe igualmente perdão, eles se fortalecem, unidos na dor.

Com extrema dificuldade para falar, Nassif se dirige a todos:

– Meu pai, louvor e honra ao senhor, em nome do Nosso Deus! Que Ele me perdoe os desmandos contra a sua pessoa, e que receba a minh'alma arrependida...

David, que a sua família seja sempre abençoada e que a prosperidade alcance a sua vida e a sua casa! Não esqueça de orar por mim, peço-lhe!...

Ruth, doce e cara irmãzinha, que as bênçãos dos céus iluminem sempre a sua vida!

Caríssimo irmão Isaac! Que sua casa seja bafejada de alegria e fartura, e que nunca lhe falte trabalho! Que os seus filhos, brevemente, lhe deem netos, alegrando a sua velhice! Eu jamais ficarei velho ou terei família...

– Filho querido, nós somos a sua família! – Paulus declara, carinhoso e penalizado.

Nassif tem a respiração opressa. Os seus lábios colam-se aos

dentes, pela secura da boca. Suores abundantes, aumentam-lhe o desconforto.

Paulus lhe ministra água fresca, enxuga-lhe o suor, e põe a mão sobre a sua testa, transmitindo-lhe energias amorosas:

– Calma, calma! Deus o auxiliará, nesta hora difícil. Sentiremos demais a sua falta! Principalmente eu, que já me acostumei à sua bonomia, solidariedade e carinho, ímpares! Reencontrá-lo, para mim, foi o maior presente que a vida poderia me dar e, através de você, o reencontro, não menos valioso, com quase todos os meus filhos, seus irmãos... Ser-lhe-ei eternamente grato, por tudo que me tem concedido, filho. Vou sofrer muito quando se for; todavia, pedirei forças a Deus, e que Ele o receba nos seus braços!

– Pai, penso em Paulus, que não pude rever... Diga-lhe, se puderem, que eu o amo e que sentirei saudades dele, também...

Penso em minha mãe... Onde ela estará? Saberá que hoje eu regresso ao mundo dos mortos?

– Certamente, meu filho! Ela, por certo, o receberá, amorosa! Como sofreu tanto, principalmente nos seus últimos momentos, já deve ter encontrado a paz para a sua alma.

David aproxima-se e lhe fala:

– Nassif, leve o nosso amor, por onde quer que vá! Nós o amamos!

Japhet se intimida, mas Metusala se achega ao tio e lhe diz:

– Eu gosto muito de você, meu tio Nassif! Nosso Deus vai cuidar de você! – em seguida, beija-lhe a mão seráfica.

Num olhar pleno de doçura, Nassif agradece.

Apertando, convulsivo, a mão da querida irmã, ele ainda ouve o pai dizer-lhe, enquanto acaricia-lhe os cabelos molhados de suor:

– Você nos reuniu, filho querido!

À beira do desespero, Paulus chora, livremente, enquanto Nassif estertora, e depois se aquieta...

Numa oração, conjunta, eles rogam pelo rapaz, antes tão belo e cheio de vida, e agora morto, entre sofrimentos atrozes, na flor da

idade...

Horas depois, enquanto os rituais fúnebres se processam, irrompe sala adentro, Paulus. Alto, bonito, bronzeado e musculoso.

Um gorro de marinheiro, sobre a cabeça. Ele o retira, respeitoso, enquanto se detém diante do cadáver do irmão.

Cai de joelhos, puxa as roupas e os cabelos, em patente aflição, enquanto exclama, amargurado:

– Por que, Nassif?!... Você, o mais garboso de todos, o mais alegre e o mais feliz?!... Por que não cheguei a tempo de dizer-lhe do meu afeto e da minha saudade, meu irmão? Por que não pude entregar-lhe o meu beijo, filial, antes que partisse? Nassif, Nassif!...

Confuso, entre dois sentimentos opostos: o da perda de um filho e o reencontro com o outro; o pai se aproxima e suspende-o, com carinho, enquanto lhe diz:

– Meu querido filho! Há quanto tempo! Como está? Venha aos meus braços!

Atirando-se nos braços do pai, Paulus entrega-se ao choro convulsivo, da tristeza, enorme, que o avassala, constringindo-o, moral e fisicamente.

O pai acomoda-o numa cadeira, enquanto lhe diz palavras consoladoras, e transmite-lhe o recado póstumo de Nassif.

Ouvindo as palavras de amor daquele irmão, que ali se encontra, inerte, ele intensifica o choro.

Paulus e os irmãos deixam-no desabafar. Em silêncio aguardam que ele se reequilibre.

Vendo-o melhor, Paulus indaga pressuroso:

– Por onde tem andado, meu filho? Estávamos à sua procura!

– Vivo na Grécia, há vários anos. Ali, me engajei na construção de navios. Esporadicamente, viajo para terras distantes. Gosto dessa vida. Desculpem, mas perdi o rumo e a direção de todos vocês! Depois, quero saber de cada qual...

– Como soube de Nassif?

– Uma amiga comum esteve na Grécia. Por acaso nos encontramos. Ela me disse que Nassif estava muito doente. Embarquei, sem demora, para o endereço que ela me deu, mas cheguei tarde, pobre de mim!

– Ainda chegou a tempo de reverenciar seu irmão, meu filho.

– Pai, de que ele morreu?

– De uma doença ingrata e fatal, que acomete àqueles que se atiram às loucuras do mundo... Ao reencontrá-lo, dei-lhe todo apoio possível. Consultamos os melhores médicos e terapeutas. Ele fez uso de medicamentos e terapias adequados, para a melhora e o fortalecimento do corpo, mas a doença o venceu, por fim...

Paulus afasta-se de todos e fica ao lado do irmão, pensando, pensando... Envolvido nas recordações de quando Nassif era um bonito bebê e, depois, um menino traquinas... Mais tarde, ele fora um rapaz sedutor, ao qual as moças incensavam, apaixonadas...

Muitas vezes, enquanto pastoreava os rebanhos do pai, trazia Nassif, ainda pequenino... Ele apreciava muito os sons de sua flauta... Parece vê-lo, ainda, extasiado, a ouvi-lo tocar...

“Recordar é viver...” – pensa, enquanto fita o semblante marmóreo de Nassif, e tenta compará-lo ao belo irmão que a vida lhes deu, e que era dono de uma alegria esfuziante...

Após o funeral, eles passam alguns dias reunidos, solidários, reatando laços e beneficiando-se, uns da companhia dos outros, até que cada qual toma o seu rumo, regressando às suas vidas...

Ruth regressa com a família para Esmirna, onde reside.

David decide ficar com o pai. Este lhe promete apoio financeiro.

A mesma promessa ele já fizera antes, mas ultimamente seu tempo era dedicado exclusivamente a Nassif.

Isaac regressa para sua casa, na Judeia, e Paulus volta para a Grécia.

Agora, todos conhecem os caminhos do reencontro e da convivência filial...

Milcah e o marido, avisados, vieram conhecê-los a todos.
Muito feliz, Milcah informou a Paulus que está grávida.
Num sorriso bem-aventurado, ele reflete:
“Um se vai e outro está chegando!... Que Deus seja louvado!”...

Acordos...

Adriano e Demétrio regressaram.

O rapaz se manteve silencioso, durante todo o percurso. Aquele Adriano que foi não é o mesmo que, agora, retorna. Interiorizado, ele apenas respondera às perguntas de Demétrio.

Este, observando-lhe a mudança, roga aos deuses que não seja apenas algo passageiro, mas o início de uma boa modificação.

Chegando, após rever e saudar Sibila, desta vez com muito respeito e fidalguia, Adriano se isola nos seus aposentos. A moça notou a diferença, mas nada perguntou.

Demétrio informou-a que Berenice falecera.

Depois, num momento mais propício, Sibila vai vê-lo para lamentar a grande perda:

– Os deuses, por certo, Adriano, estão com sua mãe, recepcionando-a e iluminando-lhe os novos caminhos!

Ouvindo-a, ele fita Sibila, como se nunca a tivesse visto antes, e lhe responde:

– Caso eles existam...

– Não acredita num poder maior, Adriano?

– Não, não acredito.

– Pensa, então, que ela esteja abandonada no mundo dos mortos?

– Não. Ela está com meu pai.

– ?...

– Vou explicar, ouça... – Adriano descreve os sucessos que viveu,

enquanto cochilava no jardim, antes do desenlace de sua mãe.

Ao final, ainda emocionado, ouve Sibila exclamar, muito intrigada:

– É surpreendente!

– Por quê? Com você estas coisas são tão corriqueiras!

– Sim, mas conheço, de longa data, o seu ceticismo!

– Que em nada mudou. Não se iluda.

– Compreendo...

– Você está muito abatida, Sibila. O que houve? Esteve doente?

– Sim, ontem tive um mal súbito. Hoje estou melhor.

Fazendo menção de sair, a moça ouve:

– Fique, por favor! Desejo lhe falar.

– Sobre o quê?

– Sobre a minha vida e o meu futuro. Tenho planos, intenções...

Sibila estremece. O tom de voz de Adriano não deixa dúvidas, quanto ao que pretende. Teme magoá-lo...

– Depois falaremos, Adriano. Hoje, nenhum de nós está muito bem.

– Por favor, eu preciso lhe falar!

– Noutra ocasião, Adriano... Aguardemos dias melhores!

Ela sai apressada, receosa daquilo que pressente, e que não a interessa, de modo algum.

Ele a segue com o olhar. Desta vez, diferente dos seus olhares, incendiados de antes. Certamente, nele existem a paixão e o desejo, mas agora acrescidos de muito carinho e respeito.

Um amor verdadeiro, hoje sabido e consciente, harmoniza-lhe a corpo e a alma e, sobretudo, a certeza deste nobre sentimento, ao qual se julgava infenso, lhe faz muito bem.

Demétrio encontra Sibila e quer saber:

– Adriano está bem?

– Aparentemente, sim.

– Ele lhe pareceu diferente?

– Sim! Deve ser tristeza pela perda da mãe.

– Não, não é apenas isso, Sibila. Há algo mais que eu não consigo precisar, mas que me traz esperanças.

– O que seria?

– Uma modificação de caráter, enfim.

– Resultado da sua paciência e dedicação, Demétrio, como faz com todos nós.

– Todavia, alguns parecem indenes a qualquer estímulo!

– Não desanime... – Sibila conhece a mágoa que Demétrio carrega, por causa do comportamento insensível de seu filho, Hatérius.

– Você, também, filha, tem auxiliado Adriano. Observo a bondade e a atenção que lhe dispensa. Assim como eu, você acredita na sua recuperação, não é?

– Sim! Não sei por que mas, ele me comove nas suas fraquezas! E consigo me relacionar muito bem com ele!

– Sorte desse moço. E, afinal, todos ganhamos com isso! Mas, diga-me: Por que está tão pálida? Onde deixou as belas cores do seu rosto? O meu rouxinol está triste?

Sorrindo da patente sensibilidade deste querido protetor, ela se justifica:

– Estou apenas cansada!

– Oh, minha filha, você sai tantas vezes! Atualmente, vive mais na casa da nobre Lídia que aqui!

Sibila conclui que a sorte está colaborando e lhe oferecendo uma ótima oportunidade. Respirando fundo, busca coragem e indaga-lhe:

– Meu querido Demétrio, diga-me: Como se sentiria se eu fosse morar lá?

Olhos espantados, Demétrio mal acredita naquilo que ouve.

Decidida, ela argumenta:

– Ali, eu teria mais tranquilidade e mais liberdade...

Demétrio estremece e seu coração acelera. Sibila quer livrar-se da atuação injusta de Minerva em sua vida... Quem sabe não a terá ameaçado?...

Quase arrependida por ter falado no assunto, Sibila não consegue impedir o pranto. Sabe a falta que lhe fará. São muito unidos. Ela é sua companhia, ouvinte, conselheira, amiga...

Entre lágrimas, pede:

– Perdoe-me, mas preciso definir a minha vida, e neste sentido a amizade de Lídia me oferece recursos preciosos!

Demétrio, coração angustiado, fita Sibila e declara, sincero:

– Sei que sofre a perseguição sistemática de Minerva, filha, todavia tenho me esforçado para protegê-la! Lamento profundamente a situação, a qual você vive submetida.

Aproximando-se mais, carinhosa e sincera, Sibila lhe fala, coração na voz:

– Descanse! Sua proteção e defesa têm sido muito valiosas para mim, porém, decidi tomar as rédeas da minha vida! Sinto-me pronta para isso!

Pálido de morte, Demétrio reconhece a justeza da requisição e promete:

– Pensarei melhor e depois falaremos, certo? Mesmo que me custe, aceitarei aquilo que deseja, se com isso estiver contribuindo para a sua felicidade! – ele deposita-lhe um beijo na testa e se vai, muito deprimido.

Os pensamentos de Sibila voam na direção de Ben Azir... Ela rememora tudo aquilo que viveram, há pouco tempo: o olhar dele cheio de promessas, sua voz cariciosa, as sensações diferentes e inesperadas que sentiu... Não pode duvidar; seu coração está seriamente comprometido. Ben Azir é o homem da sua vida, o herói dos seus sonhos, o ‘esperado’...

Com o nome dele nos lábios e a sua figura elegante e nobre, no pensamento, ela adormece...

Enquanto Sibila aguarda o consentimento de Demétrio para mudar-se, e adia, indefinidamente, a temida conversa com Adriano, Demétrio, vigilante e providencial, vai visitar sua amiga Lídia.

Chega e para a sua liteira, frente à luxuosa mansão. Desce e adentra-lhe os largos portais. Conhece bem a casa.

Avisada, com antecedência, a amiga vem recepcioná-lo de braços abertos:

– Salve, nobre Demétrio, sua presença alegra o meu coração!

– Salve, nobre amiga, Lídia! Além do prazer em revê-la, trago um assunto, deveras, grave! Juntos poderemos avaliá-lo, porque diz respeito a nós dois.

Abraçam-se, fraternos. Demétrio indaga por seu marido. Ela o informa que no momento ele está no Fórum, a serviço:

– Sabendo que viria, prometeu chegar mais cedo para vê-lo e, privar da sua preciosa companhia!

– Querido amigo! Quero revê-lo, sinto saudades. O passado nos uniu de tal forma que nos tornamos muito mais que amigos; tornamo-nos irmãos. Apesar disso, nossas ocupações nos impedem de uma convivência mais estreita.

– É verdade, acomode-se! A serva, já avisada, lhe trará alguns refrescos.

Demétrio agradece.

– Observo-lhe alguma tristeza, meu amigo...

– De fato, estou triste e logo saberá por quê.

– Estou, deveras, curiosa!

Cuidadosos, eles aguardam que a serva que trouxe os refrescos se vá, antes de iniciarem a conversação:

– Minha amiga, muito constrangido, venho lhe fazer um pedido.

– Estou ouvindo, Demétrio, diga-me o que deseja.

– Em verdade, eu nada desejo. Venho por Sibila.

– Como está a nossa querida?

– Muito bem, como sempre. Ela é o rouxinol que encanta o meu coração e alegra a minha casa!

– Sim, eu sei. E então?

– Faz alguns dias, eu a surpreendi muito triste e abatida. Assim como acontece algumas vezes, pelo choque de temperamentos, entre ela e Minerva...

Lídia evita pronunciar-se. Não aprecia a mulher de Demétrio e conhece-lhe o gênio insuportável.

– Como eu dizia, naquele dia, ela me pediu, com muita delicadeza, para morar aqui, com você.

Lídia bate palmas, feito criança.

– Viva! Cada vez que ela se vai, ficamos com muita saudade! Como sabe, Demétrio, nós não temos filhos. Sibila alegra demais os nossos corações. Sua protegida nos conquistou, a todos, desde pequenina.

Pensativo, Demétrio compara a alegria de Lídia com a sua tristeza. A razão é a mesma.

– Caso você consinta, nos sentiremos honrados em tê-la conosco!

Suspirando, algo abatido, ele responde, coerente:

– Se aqui estou, é porque pensei bem, dominei o meu egoísmo, e analisei as alegações de Sibila, sempre muito sensatas... E, enfim, criei coragem e vim lhe falar, minha amiga. Afinal, Sibila tem mais de dezoito anos e é muito ajuizada.

– E esse coração, como ficará?

– Mais triste que nunca! Ela é o sol que ilumina a minha vida, a força que preciso para acreditar no presente e construir o futuro... Além de tudo, ela é, também, o meu maior afeto!

Apiedada, Lídia pensa nos filhos dele; em tudo parecidos com a mãe. Quase não participam da vida familiar. Hatérius, pior que todos, além de ignorar o pai, ainda lhe acarreta muitos problemas, causados pelo seu orgulho desmedido e ambição sem limites.Sua insensibilidade e desrespeito para com o pai são amplamente

conhecidos... – Ah, meu querido amigo!... Então mantenha Sibila ao seu lado!

– Como se não me conhecesse, querida amiga... Alguém pode impedir o sol de brilhar, os pássaros de cantar, e a areia fina da ampulheta do tempo de derramar-se? Assim é esta querida filha! Este anjo, que Deus colocou no meu caminho! Tire-lhe a liberdade, e ela morrerá, como uma planta sem água e sem sol!

– Sim, Demétrio, você a define muito bem. Nós a admiramos, muito, por ser como é.

De cabeça baixa, Demétrio disfarça as lágrimas que lhe assomam aos olhos.

Justificando-se, rapidamente, sem se dirigir frontalmente a ele, Lídia faz entender que precisa ir ao interior da casa e o faz.

Discreta e fraterna deixa-o entregue às próprias emoções.

Demétrio verte lágrimas copiosas, que molham sua rica túnica e acabam por cair sobre as suas sandálias de couro curtido. Intimamente, agradece a saída, respeitosa, de Lídia.

Após algum tempo, enxuga as lágrimas e sai a andar pelo aposento. O belíssimo chão de mármore, decorado com motivos geométricos, em cores diferentes, reflete a sua figura.

Admira as majestosas obras de arte que enfeitam o amplo salão. Lídia e o marido são colecionadores de muito bom gosto.

Retorna ao lugar de antes e refresca-se com um suco de frutas, enquanto se recompõe. Revira na mão, o cálice lavrado que reflete a luz que incide sobre ele, e pensa no desencanto de ficar sem Sibila...

Enquanto ele sorve a capitosa bebida, Lídia entra e se desculpa:

– Perdoe-me a demora. Fui ver o que Sertória está preparando para a nossa ceia, e acrescentei algumas ordens, quanto ao cardápio, que farão a alegria do seu apetite!

Sem muito entusiasmo, mas muito sincero, Demétrio declara:

– Sou muito grato por aquilo que em tantos anos de amizade nos

tem concedido, especialmente à Sibila.

Sorrindo, gentil, a mostrar belos dentes que parecem um colar de pérolas perfeitas, ela responde, divertida e sincera:

– Eu não sei, ao certo, quem dá e quem recebe! A recíproca de tal afeição e as vantagens que ela oferece são muito verdadeiras e valiosas!

Entre agradáveis conversas, o tempo passa e eles veem Severus Apolonius chegar e juntar-se a eles, entusiasmado com a presença do querido amigo.

A ceia decorre entre os planos e as providências para a vinda definitiva de Sibila.

Severus Apolonius e Demétrio lembram os velhos tempos, quando foram companheiros nas academias romanas, adolescentes ainda, nas quais se exercitavam, ombro a ombro, e estudavam esforçados.

O casal, educado e discreto, omite um fato que lhes desagrada, sobremaneira: Minerva jamais lhes demonstrou qualquer afeição. Isto durante algum tempo os afastou. Depois, reaproximaram-se, numa nova fase de vida, na qual solidificam cada vez mais uma amizade muito verdadeira.

Sibila fortaleceu, ainda mais, esta ligação antiga, apegando-se ao casal.

Demétrio retorna, para casa, muito triste. Contudo, traz para Sibila a alegria do consentimento de Lídia e de seu marido.

Sibila decide recambiar Semíramis para a casa de Lídia e Demétrio concorda.

Ao saber disso, Minerva não disfarça a sua enorme satisfação por livrar-se, das duas, de uma só vez.

Em poucos dias, Sibila se organiza para uma mudança completa de vida. A partir de então, poderá usufruir mais da companhia da mãe e permanecer mais tempo na aldeia cristã.

Antes que ela se vá, Demétrio lhe fala:

– Minha filha, o meu coração chora, ao vê-la partir para outro teto,

que não o meu, ainda que seja conhecido, amigo e protetor. Você jamais conseguirá entender-me, Sibila. A falta que você me fará, somente eu posso aquilatar.

Chorando baixinho, ela pede:

– Perdão, meu pai querido e protetor incomparável... Lamento muito sair da sua casa, mas, para ser digna de tudo que recebi do seu amor, devo prosseguir abrindo as minhas próprias veredas. Não sou mais aquela criança, a qual bastam o carinho, o leito, a educação e o alimento... Já sou adulta e necessito muito mais. Daqui para frente, decidirei a minha vida, libertando-me de impedimentos, aos quais minha alma jamais se submeteu e jamais se submeterá.

– Eu sei, filha. Na sua doçura, a vontade férrea que a caracteriza!

– Jamais poderei agradecer, de fato, por tudo. Quero que saiba: aquilo que eu fizer, daqui em diante, trará o cunho do seu exemplo e da sua nobreza! Os meus atos serão o incenso que oferecerei aos deuses, em honra e glória ao meu amado protetor. Peço-lhe, do fundo do meu coração – ela roga, enquanto toma-lhe as mãos entre as suas – que jamais duvide da minha honestidade e fidelidade, a tudo que é bom e verdadeiro!

– Por que diz isso, Sibila? – a ele, parece que ela esconde algo.

– Minha única intenção é informá-lo daquilo que pretendo fazer.

– Espero, para tranquilidade do meu coração e para sua segurança, que não esteja me escondendo nada, filha. Temo não poder defendê-la!

– De quem, ou, de que?

– Caso eu soubesse, não estaria tão incomodado, Sibila. Pressinto sofrimentos, filha... Talvez inconjuráveis... – ele declara, olhar distante.

Sibila recorda a estranha visão que teve, quando passava pelos aposentos de Adriano, e da sequência desastrosa, sob a crueldade de Minerva, que resultara na sua decisão de ir morar com Lídia...

– Descanse, meu nobre amigo e pai, pela misericórdia dos deuses!

Tudo há de dar certo. Perdoe-me, peço-lhe mais uma vez, por estar saindo da sua casa, a qual devo tudo que sou e tenho!

Disfarçando, com dificuldade, a grande vontade de voltar atrás e de impedir-lhe a saída, ele declara, pleno de afeto e de admiração:

– Não me peça perdão pelas benesses de amor que trouxe para esta casa, desde que nasceu. Siga o seu caminho e seja feliz, Sibila! Sabendo-a feliz, eu o serei, também. E, nem pense que se livrará de mim, tão facilmente! Irei, muitas vezes, à casa dos nossos amigos para vê-la. Quando você menos esperar, estarei lá, para abraçá-la e dirimir um pouco a saudade! Pretendo acompanhar-lhe os passos, por onde quer que vá, apoiando-a e auxiliando-a, naquilo que precisar.

– Eu não esperaria outro comportamento daquele que me conduziu até aqui, com um amor sem limites!

– Filha, o que fará com respeito a Adriano? Até os servos da casa já sabem das suas intenções quanto a você!

– Oportunamente, falarei com ele, não se preocupe.

– Pretende aceitá-lo?

– De modo algum! Todavia, preciso se faz dizer-lhe isso de maneira certa e compreensiva. Quero preservar a nossa afeição.

Curioso, Demétrio indaga-lhe respeitoso:

– Minha filha, você já tem outro pretendente? É essa a razão para ir morar na casa de Lídia? Ele, caso exista, faz parte da amizade daquela nobre casa?

– Não, descanse. Eu ainda não tenho pretendente.

– Como sabe, Hatérius a olha também com muito interesse – (Demétrio ousa. Precisa saber)...

Rindo muito, divertida, ela responde:

– Ora, Demétrio! Hatérius é, e sempre será para mim, tão somente um querido irmão!

Demétrio respira, aliviado, mas suspeita:

“Será que Ben Azir conseguiu revê-la? Ela jamais dera tanta

atenção, antes, a alguém... Nunca mais indagou sobre ele. Como se não precisasse... Bem, que ela esteja sob as asas protetoras da boa amiga Lídia...”

Abstraída, Sibila não lhe alcançou as dúvidas, mas harmoniza-se, sem saber, nos mesmos pensamentos:

“Como Demétrio reagiria se soubesse do meu interesse por Ben Azir?...”

– Bem, filha, providencie tudo e me avise, caso precise de algo, sim?

– Está bem! – Na ponta dos pés, delicada, ela lhe dá um sonoro beijo no rosto.

Depois de abraçá-la, triste e afetuoso, Demétrio se afasta, muito pensativo.

Sibila lamenta não poder abrir, ainda, o seu coração comprometido, afinal, nada há de concreto a respeito de sua relação com Ben Azir.

Segue para os seus aposentos, e enquanto o faz, planeja feliz:

“Ah, meu nobre Demétrio! Quem sabe eu poderei em breve oferecer-lhe um feliz reencontro? Isto o surpreenderia, mas alegraria o seu coração!...”

No dia seguinte, ela procura Adriano e lhe requisita alguns momentos.

Atendida, arma-se de coragem e paciência para ouvi-lo. Em verdade, já tem planos definidos e respostas prontas.

Sentando-se, ambos, no grande salão de recepções, num cantinho acolhedor, longe dos ouvidos de Minerva, dos servos, ou de presenças indesejáveis, eles iniciam a conversa há muito adiada. Ansioso, Adriano adianta-se:

– Há muito aguardo esta conversa! Talvez, a mais importante da minha vida.

– Arre, Adriano, jamais o vi tão sério e compenetrado!

Sorrindo, ele concorda:

– Tem razão. Ultimamente, estou assim.

– Você sofre a perda irreparável de sua mãe. Depois voltará à alegria de antes!

– Não, Sibila... Algo se quebrou dentro de mim. Apesar da aparente tristeza, não lamento essa mudança, muito pelo contrário. Gosto dela e pretendo mantê-la. Tenho refletido, duramente, sobre aquilo que tenho sido e aquilo que tenho feito... Os seus alertas e constantes ironias, inteligentes e bem direcionados, alcançaram-me, enfim, os ouvidos da alma. Hoje, sinto-me transformado.

– Transformação exige tempo, Adriano.

– Concordo! Meus pais, tão esquecidos por mim, já deram início a essa transformação, despertando meu coração adormecido.

Respirando fundo e ajeitando-se melhor no assento, ele prossegue:

– Pois bem, Sibila, você sempre esteve certa. Assim como um eco sonoro e harmonioso, daquilo que meus pais me diziam e não eram ouvidos, nem atendidos.

– Estou surpresa, Adriano!

– Fugindo dos meus pais e em verdade de mim mesmo, nas duas últimas vezes que ali estive, passei por estranhas experiências, que não sendo de todo desconhecidas por mim, foram decisivas para as minhas novas reflexões. Hoje, olhos bem abertos, vejo que enquanto me embriagava e cometia loucuras, caminhava, cego voluntário, para um abismo, inexorável... Fui leviano, boêmio e irresponsável...

Tanto você quanto Demétrio, apesar de tudo, jamais me negaram amizade e apoio. Demétrio esclareceu que sua generosidade comigo reflete sua amizade ao meu pai e confessou, recentemente, que também o faz em nome da própria juventude, nem sempre ilibada.

Adriano para de falar e toma fôlego. Olha ao redor e retoma a narrativa:

– Através de pesadelos repetitivos, tomei conhecimento de um

passado que sempre me atormentou desde a infância. Estes, eram, em verdade, antigos complexos de culpa,muito bem explicados por meu pai. Após o passamento dele, minha mãe, em desespero de causa, censurou-me duramente, como nunca fizera antes, apontando-me, sem rebuços, os meus defeitos de caráter.

Com a saúde muito abalada, usou de todos os recursos e falou-me, quase do túmulo, para o qual já se dirigia a passos largos...

Como num cântico, incomparável, de despedida, minha mãe deve ter sido inspirada pelos céus e por meu pai, do qual registrou a presença, o que pude constatar, numa visão que tive dos dois.

Iluminada, ela me fez refletir sobre muitas coisas. Chorou, chorei, choramos juntos. Pela primeira vez em minha vida, fui tocado pelas suas palavras que lhe consumiam as últimas energias, num holocausto de amor. Recordo-me de ouvi-la dizer que só iria encontrar-se com meu pai depois de modificar-me para melhor.

Pois bem. Seu aparecimento ao lado de meu pai, enquanto eu 'cochilava' e aquilo que ambos me disseram, içaram-me, resgatando-me para a luz!

– Estou impressionada, Adriano! Nunca imaginei que você entendesse conceitos tão amplos e elevados!

– O quanto me lembrei de você, Sibila! Naqueles instantes dolorosos e ao mesmo tempo preciosos, porque determinantes, o quanto desejei tê-la ao meu lado! Tudo que eu ouvi e vivi ratificava as suas ilações tão sábias quanto ricas. Recordei as suas 'esquisitices' que aprendi a respeitar. Dessa vez, eu mesmo participava dos estranhos fenômenos que alcançam aqueles que parecem ter nascido abençoados pelos céus ou marcados pela vida.

Enfim, Sibila, resolvi lhe falar, não mais de posse, mas de amor! Amor de verdade.

– Perdoe-me, Adriano, mas o que posso lhe oferecer é amor filial. Não se iluda, por favor.

Profundamente contrariado, ele abaixa a cabeça e suspira.

Para quebrar o gelo, Sibila pede:

– Conte-me, Adriano, aquilo que ainda não me contou sobre as suas experiências transcendentes!

Emocionado, ele narra, em detalhes, as suas visões.

As horas passam e a noite surpreende-os, ainda, a trocar ideias concernentes aos fenômenos...

Momentaneamente, ele desistiu de pedi-la em casamento. O ‘amor filial’ ficou repercutindo no seu cérebro, num terrível desconforto. Noutra ocasião, voltará ao assunto, importante demais para seu coração...

Sibila sabe que ele está magoado, mas fez o que devia; foi sincera.

“Modificado como está – ela pensa –, Adriano encontrará facilmente uma ótima mulher que saberá conquistá-lo...”

Despedindo-se, cada qual na direção que lhe é própria, Adriano vai pensando: ‘Como viverei sem você, Sibila? Estará você apaixonada pelo judeu?!...’

Num impasse semelhante, Hatérius movimenta o poder que representa e os recursos que possui para uma sindicância sobre a vida de Ben Azir, a quem odeia com todas as forças do seu coração.

Tomando como ponto de partida, a amizade do rapaz com Alicius Galba, chegou onde queria.

Atraiu e aliciou Jadhu, de quem recebeu informações muito precisas. De boa vontade, este soltou a língua ferina, destilando fel e veneno. Sem economizar palavras, ele deu a Hatérius tudo o que ele precisa para a perdição de Ben Azir. Eximindo-se de culpa, Jadhu explicou-se, dizendo que é apenas alguém bem informado, que nada tem a ver com o grupo de revoltosos.

Ouvindo isso, Hatérius sorriu, sombrio, e respondeu-lhe:

– Isso, por enquanto, não é importante!

Ameaçador, avisa:

– Esteja atento! Caso eles sejam avisados, será um homem morto! Estou de olho em você! A partir deste momento, você está sob as minhas ordens, até que eu diga o contrário, entendeu?

– Sim, senhor, naturalmente! Sei obedecer e admirar aqueles que merecem!

– Sua admiração não me interessa, seu idiota;somente a sua submissão e o seu silêncio! Agora, vá!

Hatérius o despacha, atirando sobre a mesa uma quantia de sestércios de ouro, que Jadhu apanha, ávido, olhos brilhando, enquanto declara:

– Estarei a sua disposição, nobre tribuno! Caso o interesse, por outra quantia igual a esta, ou um pouquinho maior, eu mesmo faço o ‘servicinho’!...

– Que servicinho, seu estúpido? Cale-se, se deseja manter a língua dentro desta sua boca imunda!

– Sim, senhor! – Jadhu exclama, apavorado.

Hatérius pensa na possibilidade de aceitar-lhe a ‘oferta’...

Vendo-o desaparecer, porta afora, sorri, irônico e sombrio...

Regressa para casa, gozando a certeza de afastar, de vez, o judeu desprezível do caminho de Sibila: “Ao interessar-se por ele, Sibila decretou-lhe a morte!”

Uma vez em casa, recebe um mensageiro direto de César.

Deve partir para o Oriente, em missão confidencial, sem previsão de retorno. Muito contrariado, obedece e se organiza para a viagem.

Quando voltar, dará continuidade aos planos que tem em mente...

Ben Azir, por sua vez, sem imaginar o perigo que corre, prossegue suportando Jadhu, o que já se tornou um hábito.

Este sorri, malicioso, ao imaginar que os dias deste rapaz que o incomoda tanto estão no fim.

‘Eu mesmo quero exterminá-lo!... E com que prazer o farei!’

Enquanto raciocina assim tão friamente, ele fixa Ben Azir que, ignorando-lhe a habitual ironia e o deboche de sempre, prossegue nas suas falas, na troca de ideias, com os companheiros de luta.

Sem conter-se, Jadhu explode numa sonora gargalhada.

Ben Azir se arrepia. Este seu contumaz inimigo parece uma ave agourenta...

Decidiu contar sua vida à Sibila. Afinal, ambos vivem uma vida dupla e perigosa.

Almara rumina o seu ódio por Ben Azir e trama uma vingança.

Agar, revoltada com o ex-noivo, secunda as más intenções da mãe. Enquanto isso, olhando ao redor, elas procuram um partido tão bom quanto foi Ben Azir para Agar.

Compromissos...

ONDE QUER QUE vá, Hatérius sacramenta o poder da Águia Dourada.

Em meio aos diversos interesses de uns e outros, ele aproveita para usufruir as emoções regionais, no que diz respeito às beldades que ali se lhe oferecem, seja por seu porte atlético e beleza viril; seja pelas suas insígnias que brilham aos olhos sonhadores de tantas mulheres invigilantes; seja pela sua própria atribuição de tribuno.

Assim, ele se envolve mais do que pretendia, deliciando-se nos braços de mulheres que conhecem a arte do amor, naquilo que ele possui de mais excitante.

Alguns meses se passam e ele se prende a múltiplos compromissos, numa demora incompreensível. Com a cumplicidade daqueles que lhe servem de conexão valiosa, já realizou com grande êxito as suas incumbências e os seus conchavos.

Recordando mais fortemente os propósitos de liquidar Ben Azir, decide e regressa, enfim, no carro do triunfo, a Roma.

Chegando ao lar, surpreende-se com a ausência de Sibila.

Seu pai informa-o que agora ela reside com sua amiga Lídia, de acordo com a sua própria vontade.

Profundamente contrariado, Hatérius critica Demétrio, em meio a exclamações desrespeitosas, prometendo trazê-la de volta e ignorando a autoridade de seu pai e a vontade de Sibila.

Adriano, por sua vez, surpreende-se amigo de Demétrio, e apesar

da diferença de idade, pode-se vê-los, muitas vezes, a conversar, como agora:

– Nobre Demétrio, vejo-o muito pensativo, ultimamente!

– E estou, Adriano.

– Ainda pela ausência de Sibila? Qual dos dois corações, o meu ou o seu, sofre mais?

– Difícil avaliar! Diga-me, Adriano, o que ela lhe disse, quando lhe falou dos seus sentimentos?

Entristecido, ele responde:

– Ah, meu nobre e caro amigo! Ela ratificou as suas respostas anteriores e aconselhou-me a procurar alguém que possa amar-me, como desejo e mereço, imagine!

– Conformou-se?

– De modo algum! Eu lhe disse que se não posso me casar com ela, morrerei solteiro. Hoje, abomino as ligações puramente sensuais, a paixão pela paixão, e os envolvimentos nos quais vivi, imprudente que fui. Obstinado, eu lhe falei do meu amor com tanta ênfase que ela me olhou entristecida e declarou:

– Um dia, quando menos esperar, você provará este sentimento!

Respondi, prontamente:

– Reafirmo aquilo que já lhe disse antes: Aguardarei, ansioso, por esse dia!

Mais triste ainda, ela comentou:

– Você não sabe o que diz!... Quando chegar o momento, você se sentirá perdido, numa situação limite!...

– Ao seu lado, enfrentarei céus e terra, Sibila! – confirmei, mais uma vez, meu querido amigo.

Demétrio sente o coração apertar-se, dolorosamente... Teme por Sibila... Roga aos deuses que os proteja.

Decide modificar o rumo da conversa:

– E quanto à sua vida atual?

– Essa nova fase, me faz bem! Saio apenas para fazer compras indispensáveis e para espairecer. Passei a me interessar, vivamente, por arte e cultura. Algumas vezes, auxilio algum artista pobre e talentoso.

– E as amizades antigas?

– Sibila sempre duvidou que eu tivesse alguma. Ela tinha razão. Nunca tive amigos, apenas comparsas para os meus desmandos e as minhas farras. Hoje fujo deles e do risco que eles representam.

– Ainda tem dívidas?

– Não, já saldei aquelas que julguei justas. Apesar disso, possuo ainda velhas rixas. Como sabe, sempre me envolvi com a escória do mundo, infeliz que fui... Por esta razão, tenho passado alguns apertos e vexames.

– Assim é a vida, Adriano, colhe-se o que se planta!

– Hoje eu sei.

– O que fará com a sua casa, em Jerusalém?

– Jamais me desfarei dela, Demétrio. Será o meu refúgio, o meu templo, no qual reverenciarei sempre a lembrança querida dos meus pais. Recambiei para lá alguns servidores. Atualmente, eles mantêm tudo na mais perfeita ordem, como se minha mãe ainda estivesse ali.

– Sábia decisão! Onde seus pais estiverem, hão de aprovar-lhe a atitude respeitosa e reverente.

– Imagine você, meu caro, que alguns dos servos dizem vê-los algumas vezes, a caminhar pela casa, abraçados e sorridentes!

– Não há que duvidar! As aparições existem! Por que os nossos não poderiam se fazer presentes? Os deuses nos permitem isso.

– Nos próximos dias, irei visitar Sibila!

– Faz muito bem!

Ambos se despedem, e enquanto caminha pelos extensos corredores da casa, Demétrio pensa em Cynara: No dia fatídico no qual ela desapareceu, como Minerva lhe disse e Hatérius, um

menino ainda, confirmou... Sofreu as agruras do inferno, sem saber onde procurá-la.

“Terá morrido, ou vive em algum lugar distante?...”

Recorda que naquele dia, após resolver alguns negócios na rua, fora surpreendido por um forte aguaceiro. Enfrentou a borrasca, mas seu cavalo quebrou uma perna e teve de sacrificá-lo. Adquiriu outro animal, mas foi aconselhado a não expô-lo como fizera com o anterior e que se abrigasse. Todo molhado, tremia de bater os dentes. Trocou de roupa e aguardou que a tempestade amainasse, mas, exausto, adormeceu, despertando somente pela manhã. Sua intuição lhe dizia que algo muito grave estaria acontecendo...

Ao chegar, recebeu a notícia da própria Minerva, que ao narrar-lhe o seu desaparecimento, estudava-lhe as reações:

– Sua mais fiel amiga desapareceu sem deixar rastros! É, a ingratidão é uma praga que hoje em dia corrói os corações! Você confiava tanto nela, não é? Nem um bilhete ou um recado, ao menos para você!...

Apesar da grande dor e do desespero que o invadiu, teve de conformar-se, disfarçando o que sentia... Desde então, nunca mais a viu. Sente muito a sua falta... Ama e sempre amou Cynara. Arrasta, sofrido, sua vida conjugal, que só lhe trouxe sofrimentos e desencantos.

Muitas vezes, vai à casa de Lídia, para rever Sibila e continuar acompanhando-lhe os passos, mas quase sempre não a encontra em casa. Sua amiga o informa que ela está em visita a alguma biblioteca; fazendo compras ou viajando com amigos... Regressa saudoso, mas conformado. Sibila é jovem, precisa viver e ser feliz.

Quando consegue encontrá-la, passam horas conversando, como nesse momento:

– Demétrio, meu nobre protetor, pretendo presenteá-lo com algo que sei muito importante para o seu coração.

– Acaso pretende casar-se?

Rindo divertida, ela responde:

– Sim, mas não agora! Posso lhe adiantar que será algo muito importante!

– Conte-me, peço-lhe!

– Ainda não posso. Aguarde, sim?

– Está bem, minha querida! Tudo que vier de você alegrará o meu coração! Diga-me, como se sente vivendo aqui?

– Como se aqui tivesse nascido e Lídia e Severus Apolonius fossem meus pais!

Demétrio sente ciúmes. Está a perdê-la, irremediavelmente...

Perspicaz, ela corrige, rápido:

– É apenas uma maneira de falar, meu querido Demétrio. Quero tranquilizá-lo, é isso. Nasci na sua casa que ainda considero minha!

– Como sempre me advinha os pensamentos, querida.

– Privilégios daqueles que se amam de verdade!

Demétrio levanta-se e se despede dela com um beijo.

Quando ele se vai, Sibila pensa:

“Como posso lhe falar de Ben Azir e do meu interesse por ele, se lhe noto a estranheza e os cuidados? Preciso preservar meus sentimentos e a sua paz, querido Demétrio...”

Semíramis ficou encarregada de vigiar a casa de Demétrio para o caso de Ben Azir aparecer por lá.

Ela estava certa. Alguns dias depois, Semíramis o surpreende nas redondezas. Informa-o onde a moça está e convida-o a acompanhá-la.

Ao vê-los, Sibila corre a falar com Lídia:

– Querida Lídia, meu amigo Ben Azir veio visitar-me e quero a sua permissão para recebê-lo!

– Naturalmente, Sibila! Faça as honras da casa e depois me apresente esse nobre visitante, que faz os seus olhos brilharem assim!

Corando, levemente, ela agradece:

– Muito grata! Prometo apresentá-lo à minha boa e querida amiga!

Sai a correr para ordenar a recepção do rapaz e senta-se, confortavelmente, disfarçando a emoção que lhe invade a alma. Arranja os vestidos, se posta elegante e aguarda.

Ele surge à porta de entrada, conduzido por Semíramis, que se afasta, rumo aos seus afazeres, deixando-os a sós.

Sibila se levanta, sorridente e saúda-o:

– Seja bem-vindo, Ben Azir! Alegro-me por vê-lo!

Igualmente tocado pela emoção que o invade, ele responde, enquanto se curva, respeitoso e sedutor:

– Um raio de sol que entrasse pela janela, despertando-me com a sua luz não me traria mais felicidade, nobre Sibila!

Frente à frente, sussurra:

– Senti saudade...

Algo desconcertada, ela responde, sincera:

– Eu também... Sente-se, por favor.

Lado a lado, eles iniciam um agradável diálogo que vence a timidez do primeiro momento.

Ele indaga e ela explica porque está ali, complementando:

– Daqui é mais fácil e mais seguro ir até a minha mãe, e ali permanecer o tempo que eu desejar. Poderemos nos encontrar lá, novamente.

– Estarei à sua espera, quando quiser, no mesmo lugar. Temos muito a conversar.

– Certamente! Agora, quero que conheça Lídia!

Apresentações feitas, Lídia compreendeu por que a emoção dominou Sibila.

Após algumas horas, Ben Azir se vai.

Hatérius, que se dirigia para lá, divisou a silhueta de Ben Azir e recuou. Escondeu-se atrás de uma coluna, seguindo-o com um olhar carregado de ódio, até que ele desaparecesse. Jura a si

mesmo que apressará a sua perda para tirá-lo do caminho de Sibila. Na pretensão de vencer a resistência da moça, começará na demonstração, insofismável, de que não são irmãos.

Consciente do próprio desequilíbrio, porém, desiste da visita, procrastinando-a. Afinal, o seu rival não verá muitos dias nascerem antes que seu destino se cumpra. Retorna para casa, de maus bofes.

Mesmo acostumado com as suas agressividades e falta de respeito, Demétrio surpreendeu-se com tamanha violência.

Numa rápida troca de palavras, Hatérius levantara a mão até a altura do seu rosto, só parando diante da sua exclamação indignada.

Não foi a primeira vez e provavelmente não será a última.

Trêmulo de susto e vergonha, indagou, apiedado:

– O que será de você, meu filho?

Violáceo pela ira, Hatérius respondeu-lhe, antes de virar-lhe as costas e sair da sua presença:

– O que eu quiser! O que eu quiser!

Enquanto o filho se distancia, ele lamenta:

“Infeliz Hatérius! Colherá os frutos daquilo que ora semeia!...”

Voltando à fonte

BEN AZIR DESPERTOU bem disposto, ansioso, na feliz expectativa do encontro com Sibila. Como na vez anterior, no horário pré-estabelecido, compareceu no mesmo lugar e hora.

Sibila surgiu, enfim, como o sol da manhã, para o seu coração comprometido. Junto a ela, Semíramis.

Após saudá-las, indagou de Cynara e Plínio.

– Minha mãe está bem, mas nosso caro irmão Plínio encontra-se muito doente. Aos poucos, ele se despede de nós. Deixar-nos-á órfãos do seu amor e da sua dedicação.

– Lamento... Caso seja possível, gostaria de revê-lo e falar-lhe.

– Diremos a ele.

Emocionada, com a presença de Ben Azir, Sibila aperta a mão de Semíramis, fazendo entender-se. Ela sorri, também, solidária.

Trilham os mesmos caminhos de antes e após algumas horas, ouvem o burburinho da vida saudável, daqueles que ali vivem, ou ali estão por várias circunstâncias.

Ciente da chegada da filha, Cynara vai recebê-los.

Eles adentram a casa de Cynara e alimentam-se, descontraídos.

A jornada do dia terá início pela ala dos doentes.

Enfim, os quatro caminham entre os leitos e se dividem nas suas escolhas, quanto a falar, com estes ou com aqueles.

Ben Azir, condoído, mantém nos seus braços um menino que mal suporta as dores das suas chagas. Ele chora e aperta, convulso, as

roupas do rapaz, enquanto reage, defendendo-se do sofrimento da higiene nas suas feridas e da troca dos curativos.

De coração alanceado, Ben Azir lhe tolhe os movimentos, a fim de que ele seja tratado. Aperta-o ao encontro do coração e reflete o quanto o seu mundo é diferente: Luta em meio à violência, na defesa daqueles que são perseguidos ou prejudicados pelos diversos sistemas de leis.

Lá, as consequências de um ideal patriótico, expondo, bravamente, a própria vida. Aqui, a entrega, plena, aos doentes e infelizes, curando-os e resgatando-os para continuarem vivendo...

Sibila observa o carinho e a doçura que ele dedica ao menino; além de dispensar a todos os outros respeito e compreensão.

Sim, Ben Azir é bom, é caridoso... Seu olhar brilha na aprovação das suas atitudes e ele lhe sorri.

Passam algumas horas neste mister. Quando saem dali, regressam ao lar de Cynara, onde fazem uma refeição mais substanciosa.

Algo descansados, Sibila decide ir à casa de Plínio.

Semíramis já fora para lá. Como filha, ela dedica mais tempo a ele e à sua saúde, auxiliada por Irmão José (em verdade, Quirino, irmão de Lídia), seu noivo.

Caminhando ao lado de Sibila, Ben Azir depara-se com uma casinha pintada de branco, com ampla janela e um jardim florido, que exala os perfumes das flores.

Reverente ao que vê, ele entra e se depara com o venerável ancião, Semíramis e Irmão José e cumprimenta-os.

Aproxima-se e ouve a voz enfraquecida e amável de Plínio:

– Aproxime-se mais, meu rapaz!

Plínio fita-o, frontalmente, estudando-lhe o semblante, enquanto lhe estende a mão seráfica.

Emocionado, Ben Azir toma-a entre as suas e beija-a.

Sibila que a tudo assiste, respira fundo, sensibilizada.

– Sua presença é boa e forte! – ele declara – Você é um guerreiro!

Surpreso, Ben Azir estremece. Não deseja revelar-se:

– Engana-se, senhor; trabalho com comércio!

Sorrindo, entendido, ele prossegue:

– Onde reside?

– Em Cafarnaum, na Judeia.

– E o que faz aqui, tão longe de casa?

– Acompanho Sibila. Desde a primeira vez que aqui estive, desejei conhecê-lo, mais de perto.

– Sente-se, por favor!

Ben Azir senta-se num banco de pés curtos que lhe é oferecido.

– Por que desejou conhecer-me, meu rapaz? O que espera de mim?

– Sinceramente, espero muito! Sei da sabedoria e da herança que carrega, em termos de religiosidade. Desejo aprender mais. Nunca vi um lugar como este, que nos permite a convivência estreita com a dor e a realidade humana. Quando estiver melhor, eu gostaria de lhe falar, mais à vontade, e principalmente ouvi-lo.

Sorrindo com bonomia, Plínio declara:

– Gostei muito de conhecê-lo, meu rapaz! Saúde e paz para você!

– Grato! Que Deus o abençoe e recompense por todo bem que espalha!

Sem responder, Plínio o acompanha com o olhar, até que ele desaparece, porta afora.

Ben Azir pede à Sibila:

– Minha cara, posso falar-lhe a sós?

– Naturalmente! Aqui perto tem um outeiro. Ali poderemos falar mais à vontade.

Eles seguem por caminhos verdejantes. Sobem aqui e ali e deparam-se com um aprazível recanto. Sentam-se em enormes pedras.

Tomando-lhe as mãos e fitando-a bem dentro dos olhos, ele inicia:

– Aqui, neste lugar, que parece mais a morada de Deus, que nos templos da Terra; em meio à essa natureza exuberante, profundamente tocado pelas emoções deste dia memorável, quero lhe dizer como me sinto, desde o evento na Quinta de Demétrio, lembra?

– Como poderia esquecer? – ela indaga enlevada.

– Pois bem, naquele dia, ao conhecê-la...

– Eu o vi primeiro! – ela interrompe, num sorriso provocativo.

– Sim, é verdade! Surpreendido com a beleza daquele cenário, num brilhantismo de arte, inimaginável, eu caminhava, quando senti que era observado. Virei-me e dei com o seu olhar!

Sibila abaixa a cabeça, corada.

– Desde aquele dia, Sibila, minha vida tomou um novo rumo. Os meus dias tornaram-se mais luminosos, e os meus sentimentos mais profundos que o oceano. Surpreendo-me, com a perspectiva de um futuro diferente. Você, sincera e transparente como é, corajosa e boa, como poucas, revelou-me os seus pensamentos, naquilo que possui de maior e melhor, mostrando-se inteira, de alma e coração, abertos.

Desejando retribuir, à altura, esta confiança sem reservas, e em nome deste valioso afeto que ora se inicia...

– Não se precipite, por favor, o que fiz dispensa retribuição.

– Sábia, como sempre! Todavia, descanse, não estou sendo precipitado. Isto não faz parte do meu comportamento, e devo dizer-lhe que jamais me sinto obrigado, por nada nem por ninguém, a fazer aquilo que não desejo.

– Louvo-lhe os princípios e a forma de ser e de viver. Assim, vivo também. Somente me matando alguém conseguiria dominar-me!

Ben Azir sente o coração apertar-se... No mundo em que vivem, a força bruta domina a vontade, e ela é tão frágil, tão dócil...

Em silêncio, ela aguarda.

Respirando fundo, Ben Azir prossegue:

– Quem vem a esta comunidade, e faz aquilo que você faz, desafiando o poder romano, exibe sem rebuços: caráter, bondade e muita coragem. Você sabe os riscos que corre?

– Sim.

– Tenho muito a lhe dizer sobre a minha vida, Sibila.

– Por quê? O que o leva a confiar tanto assim?

Ela mergulha os seus olhos azuis nos olhos de Ben Azir, forçando-o a se posicionar, mais abertamente.

– Porque, ao conhecê-la, senti algo completamente diferente de tudo que já havia sentido antes: como homem e como criatura humana. Conhecê-la foi mágico, determinante, incomparável e definitivo para o meu coração. Naquele instante, 'atendendo ao seu chamado', deparei-me com a sua figura fascinante e luminosa... Recorda a conversa que tivemos sobre beleza?

– Sim.

– Você é o meu ideal de mulher, em todos os sentidos!

– Sua ex-noiva não era assim?

(Sibila já foi informada por ele mesmo do rompimento do noivado).

– Não. A princípio, sua beleza estonteante embriagou-me os sentidos, mas, aos poucos, fui observando a enorme distância que havia entre nós. Esta relação culminou numa enorme decepção, revelando-me o vero caráter, dela e de sua mãe, ambas armadas contra mim.

– Quando me conheceu estava decepcionado com ela?

– Não. Nos desentendemos pouco tempo depois.

– Não está substituindo uma afeição por outra?

– Não! Foi um alívio o rompimento de tal compromisso, libertando-me de um futuro muito incerto. Havia descoberto que não a amava.

Sibila pesa, cuidadosamente, tudo o que ouve, enquanto estuda-lhe as expressões e o olhar.

– Agradeço-lhe a sinceridade, Sibila. Enfim, quero abrir, de par em par, as portas de minha alma. Ouça-me...

O coração de Sibila parece um touro bravio, batendo as patas com força, sacudindo-a... Sente uma espécie de vertigem ao captar as cariciosas entonações, que ele imprime na voz.

Em suspense, aguarda.

– Minha bela e nobre Sibila, eu a amo! Como jamais amei antes, e jamais amarei depois! Você é o amor verdadeiro, encontrado, que ilumina a minha existência!

Apertando-lhe as mãos, a cada inflexão amorosa, Ben Azir mergulha o seu olhar no dela, submetido às emoções que o dominam.

Olhos chamejantes, Sibila responde, doce e sincera:

– Eu também amo você, desde o primeiro momento. Vi quando você chegou àquele evento e misturou-se à multidão. Eu o reconheceria, de qualquer modo, em qualquer tempo ou lugar!

– Por quê?

– Porque eu o esperava!

– Como pode ser isso? Sequer nos conhecíamos! – ele comenta, rindo.

– Será?... – ela indaga antes de completar– Eu sabia que você viria! Não provei isso reconhecendo você?

Arrebatado, Ben Azir a atrai para si e beija-lhe os cabelos, os olhos, as faces, o queixo, e finalmente, bebe nos seus lábios o néctar do amor legítimo, embriagador.

Unidos, num amplexo apaixonado, eles permanecem por um tempo difícil de precisar.

Completamente envolvida, Sibila confessa, enquanto se aconchega, mais, nos seus braços:

– Este amor, meu querido, é uma chama crepitante e, ao mesmo tempo, um lago de águas cristalinas e serenas!

Decidido, Ben Azir pergunta:

– Quero lhe dizer quem sou, como vivo e o que pretendo. Quer ouvir-me?

– Sim, conte-me! Quero saber o tudo que diz respeito a você e à sua vida!

Ben Azir lhe conta, então, a sua vida, as suas aspirações quanto ao futuro do seu povo e... a luta perigosa que enfrenta, na defesa dos seus ideais.

Um pouco surpresa, pois não esperava tanto, Sibila sente orgulho do homem que ama.

Acordes com o amor que os surpreendeu, mas igualmente com a liberdade de serem como desejam, Ben Azir quer saber:

– Você se uniria a mim, Sibila, apesar de tudo?

– Sim, sim! Acima das dificuldades das nossas vidas e dos desafios que o mundo nos traz, eu uniria minha vida à sua, Ben Azir!

Antes de descerem e se juntarem aos outros, eles se abraçam muito, e beijam-se, ardentemente. Pode ser a última vez... Serásempre assim...

Despedindo-se, marcam um futuro encontro, ali...

Encruzilhada

ULTIMAMENTE, OS PAIS de Ben Azir temem, mais que antes,por sua segurança. Deborah tem tido sonhos e Jairo maus pressentimentos.

Um perigo iminente parece ameaçá-lo. Ambos concordam que ao interessar-se por Sibila, ele desafia poderes imbatíveis.

Jairo decide alertá-lo:

– Ben Azir, como pai, e em nome do nosso amor, queremos avisá-lo do enorme perigo que está correndo, por causa de Sibila. Aqueles que ousam se aproximar da Águia Romana, sem submeter-se a ela, caminham, inexoravelmente, para a desgraça! Você, principalmente, que já tem o seu calcanhar de Aquiles!

– Ninguém conhece os meus ideais e os atos que deles decorrem !

– Ninguém?!... Esquece de Agar e de sua mãe, a vingativa, Almara? Elas serão capazes de tudo!

– As duas estão, hoje, fora da minha vida. Algum tempo antes de afastar-me, tive o cuidado de dizer a Agar que havia trocado as referidas lutas por uma confiança maior na justiça de Deus.

– Tem essa intenção? – Jairo quer saber.

– Sabem que não. Morrerei lutando!

Deborah estremece. Marido e mulher entreolham-se.

Jairo quebra o pequeno hiato que se fez, declarando:

– Seus dois maiores interesses, Ben Azir, se entrelaçam,perigosamente!

– Minha luta por justiça e o meu interesse por Sibila, eu sei.

– Exatamente, meu filho! Você está entrando de peito aberto na cova do leão! Acredita que uma pérola rara como Sibila não tenha, à sua volta, adoradores que serão capazes de afastar qualquer outro pretendente, mormente você, um judeu?

– Estou ciente dos perigos, advindos desta relação.

– E o que pretende?

– Persistir! Caso o senhor, meu pai, me indague, qual das duas lutas eu abandonaria, eu lhe responderei sem pestanejar, nenhuma! Pagarei qualquer preço, por ambas! Minha existência não faria sentido sem ideal e sem amor!

Jairo concorda, mas teme:

– Admiro-o, meu filho, mas nós estremecemos de pavor, ao perceber que hoje você corre mais perigo que antes!

– Acalme-se! Piso com muita cautela, nos dois terrenos.

– Não duvido, conheço-lhe a força e a prudência, mas aquilo que presentemente você desafia, pode estar acima da sua capacidade de superação!

– Reconheço isso, todavia, prosseguirei. Confio em Deus e em mim mesmo! O que tiver que ser, será!

– *Maktub!*

– Sim, *Maktub!*

Ambos silenciam.

Quebrando o silêncio, Ben Azir quer saber:

– Por que estão assim, tão inseguros?

– Temos tido pressentimentos...

Fitando-os com imensa ternura, Ben Azir pede:

– Perdoem-me...

– Todavia, prosseguirá...

– Sim. Prefiro que chorem sobre o meu túmulo, certos de que morri realizado, do que viver como um vegetal! Sou homem e sou judeu; meu sangue ferve nas veias!

– Muito bem, Ben Azir, mas cuide-se, nós lhe pedimos! Nós o amamos demais! – Jairo conclui.

– Agradeço-lhes de todo coração! Quando eu partir, hoje ou amanhã, levá-los-ei em minh'alma!

– Alto lá! Nós o levaremos nas nossas almas! Chegamos primeiro e retornaremos primeiro!

Ben Azir sorri, da tentativa do pai em amenizar a enorme preocupação que carrega. Atrai a mãe para si e abraça-a, ternamente, de encontro ao peito. Beija-lhe os cabelos e o rosto, silencioso. A emoção o domina. Também pressente algo que não consegue definir...

Deborah retribui carinhosa. Em seguida, disfarça e vai chorar nos seus aposentos... Seu coração está muito aflito...

Jairo abraça o filho pelos ombros e segue com ele para o pátio, enquanto lhe faz perguntas a respeito de Sibila.

Jovial e entusiasmado, Ben Azir vai respondendo.

Alguns dias depois, encontrando-se com Sibila, tem a chance de rever e falar a Plínio. Este, melhor de saúde, recosta-se no espaldar de sua cama, e indaga-lhe:

– Como vai, meu rapaz?

– Eu estou bem e folgo ao vê-lo melhor! Teria muito prazer em ouvi-lo, para aprender.

– Sócrates, na sua Maiêutica, dizia que não aprendemos, mas recordamos. Disso infere-se que você deseja 'recordar' a própria sabedoria.

– Concordo com esse sábio grego. Particularmente, busco o saber, desde cedo. Estudo também as leis de Moisés, o grande legislador e libertador do povo hebreu.

Fitando-o significativamente, Plínio declara, contundente:

– Você não apenas conhece e segue, mas vive-as, em carne e sangue!

Incomodado, Ben Azir quer saber:

– Por que diz isso?

– Porque você exerce, duramente, aquilo que considera direito e justo, através de ações, por vezes violentas.

Ben Azir se surpreende:

“Como ele pode saber? Desde a primeira vez que nos falamos, ele parecia conhecer-me as ações libertárias... Ele sabe que enfrento perigos terríveis, em nome da justiça e, por vezes, me esquivo do cutelo do adversário; nesse instante, decisivo, apenas um sobrevive...Não fosse, eu, versado em lutas corporais e no manejo das mais diversas armas...”

Como a ler os seus pensamentos, Plínio esclarece:

– Não o estou julgando, meu rapaz! Vivemos tempos muito cruéis, daqueles que, muitas vezes, se mata para não morrer, em nome de uma causa que se considera justa e, até mesmo, sagrada.

– Concorda comigo, então? – Ben Azir indaga inseguro, dando-se conta, porém, que agindo assim, se condena.

– Não julgar não quer dizer aprovar, meu jovem!

– E então, como ficamos?!...

No pequeno interregno, Plínio, silencioso, analisa respeitoso e interessado as reações de Ben Azir. Logo após, respirando fundo, responde, amável:

– Como ficamos? Bem... Eu posso lhe falar daquele que morreu sem defender-se, quando podia fazê-lo, melhor que qualquer outro, mas preferiu exemplificar que a única forma de defesa é o perdão! Pela política do revide, as mortes continuarão a perder de vista, sejam individuais ou coletivas: como resultado da ação de grupos militantes e, mais amplamente das guerras, que oficializam o crime, em nome da ambição, do orgulho, da vaidade e do egoísmo. Essas matanças revelam as verdadeiras faces dos eternos Cains!

Ben Azir, muito incomodado, se remexe no assento e estremece, indignado.

O venerável ancião fita-o, compreensivo, enquanto advinha-lhe as contradições, íntimas.

Enfim, prossegue:

– Este mundo recebeu, por misericórdia do Criador, o meigo Rabi da Galileia, que veio até nós, pleno de amor, para nos ensinar o verdadeiro caminho: aquele que nos leva à bem-aventurança!

Ele, todavia, foi execrado e sacrificado por aqueles que temiam a modificação de um estado de coisas sacramentadas, e exercitadas pelos poderosos de todos os tempos!

Jesus de Nazaré, mensageiro direto de Deus, morreu vilipendiado, entre dois ladrões, crucificado num madeiro infamante, sublimando seu sacrifício incomparável, que tinha e tem como premissa estabelecer na Terra o reinado sublime de Seu Pai e Nosso Pai!

Em meio a sofrimentos atrozes, ele exemplificou, como se deve viver e como se deve morrer, sem violência. No momento extremo, ao exalar o último suspiro, pediu ao Pai de todos nós que nos perdoasse, pois não sabíamos o que estávamos fazendo... Na sua incomparável misericórdia, desculpava-nos, como se crianças fôssemos!

Ben Azir alega, apressado:

– Nobre Plínio, vamos dizer que ele era ele! Nós somos pequenos grãos de areia que o vento leva! Se não nos defendermos, e àqueles que não podem fazê-lo, quando veremos as novas luzes de um novo tempo?

Plínio lhe responde:

– Ele era ele, e nós somos nós, Ben Azir! Quando entre nós, ele declarou: “Vós sois Deuses! Tudo que eu faço vós podereis fazer e muito mais!” Quando você fala de luzes e de um novo tempo, a que se refere, especificamente?

– À ordem e à justiça, estabelecidas e respeitadas, de fato e de direito!

– Que dependerão sempre do progresso feito, almas à dentro, na essência de cada ser! De um em um, faremos um todo, amplo e completo! Somente assim, teremos aquilo ao qual se refere!

– Nobre irmão, eu luto, como já concluiu, entregando a minha vida

em nome de um ideal de liberdade! – Ben Azir fala baixo, para não ser ouvido, por mais ninguém.

– Fala em liberdade, meu rapaz, quando vive aprisionado nas armadilhas que engendra, para erguer-se contra aqueles que agem injustamente? Mata para defender códigos ainda imperfeitos, que só se modificarão através das forças do coração e do pensamento?

Seguindo fiéis às leis de Deus, caminharemos, de fato, para novos tempos de justiça e liberdade, legítimos!

– As personalidades, contra as quais eu luto, não acreditam em Deus e quando O citam, negam-No, nos mínimos e nos grandes atos das suas vidas!

– E quando reage, com violência, você desobedece as leis de Deus, também, em nome do que quer que seja, meu jovem! Jesus veio, como Ele mesmo disse, para confirmar a lei e não para modificá-la! Ele não apenas falou, mas exemplificou, até as últimas consequências!

– Suas alegações e sua defesa, deste Cristo, são imbatíveis, Plínio! Diga-me, como sabe tanto de mim?

– O meu entendimento da vida ampliou-se, Ben Azir, ao longo dos anos e na convivência estreita com o meu semelhante.

– Eu e minha família seguimos, religiosamente, as leis de Moisés, assim como o meu povo! – Ben Azir declara mais uma vez.

– Todavia, Ben Azir, enquanto confirmava as verdadeiras leis de Deus, Jesus modificava, desde o cerne, aquelas que Moisés criou para a necessidade de uma época e de um povo! O Deus de Moisés era bélico, cruel e sanguinário! Jesus nos trouxe o Pai amoroso, bom e justo, porque perfeito! A Humanidade estava amadurecida para caminhar, então, sobre novas bases, ao sopro das novas ideias transformadoras trazidas pelo Messias de Deus!

Ao findar a última palavra, Plínio fita Ben Azir, como um pai ao seu filho, muito querido, e conclui:

– Você, por enquanto, é o reflexo da sua casa e da sua gente, até que outros pensamentos, mais profundos e mais elevados, caiam

sobre sua alma, como uma chuva fina e persistente, que favorecerá a germinação, a floração e a frutificação, futuras!

Curioso, Ben Azir indaga:

– De onde vem, Plínio?

– Da Grécia, meu rapaz. Desde o verdor dos anos, sigo a sabedoria de Sócrates!

– Isto explica os seus pensamentos filosóficos!

– Não são apenas filosóficos, Ben Azir, são verdades! Vivo, aquilo que prego!

– Sim, eu sei... Quanto a mim, quando me atiro de peito aberto para concretizar os anseios do meu povo e daqueles que, como ele, sofrem e são perseguidos, faço-o estribado na minha fé também!

– Aprecio-lhe a lucidez e a coragem que o caracterizam, entregando-se em holocausto pelos seus ideais patrióticos. Todavia, se deseja mesmo beber na fonte da verdadeira sabedoria, necessário se faz abrir mão dos preconceitos que ainda carrega.

Ben Azir concorda:

– Às vezes, questiono também aquilo que tenho ouvido e apreendido, desde a infância, e que quase sempre é manipulado por ‘gregos e troianos’ no usufruto de vantagens pessoais. Como sabe, a hipocrisia campeia solta, dourando o ego daqueles que, falando em Deus, vivem submetidos quase sempre ao diabo.

Plínio sorri, compreensivo. Fecha os olhos e, demonstrando cansaço, requisita:

– Façamos uma pausa, Ben Azir! Precisamos, ambos, descansar. Eu, mais que você, naturalmente!

Beijando-lhe as mãos veneráveis, Ben Azir se despede, prometendo retornar.

Junta-se a Sibila e aos outros, secundando-os naquilo que fazem.

Revê o menino das feridas, que está melhor. Abraça-o, afetuoso. Entabula com ele uma agradável conversa, fazendo-o dar algumas gargalhadas cristalinas. Quando se vai, promete voltar para revê-lo.

Sibila admira-lhe a inclinação, espontânea, para a empatia.

Enquanto ela reflete e sorri levemente, a admirá-lo, ele a atrai para si, num abraço forte e apaixonado. Ao vê-la constrangida, sob os olhares dos circunstantes, se contém e tomando-lhe a mão, segue junto a ela, para a casa de Cynara. Ali atenderão seus estômagos, tiranos, que parecem grudados nas suas costas. Após a saudável refeição, descontraídos, retomam as tarefas que se intensificam.

São tantos os infelizes que se arrastam, implorando pão, agasalho, piedade, repouso; são tantas mães de seios secos do alimento vital para os seus bebês... Esquálidas, elas chegam de mãos e corações, abertos para receberem aquilo que lhes possam oferecer...

Os pequeninos, de olhos vazios, rostos inexpressivos, revelam medo e muita insegurança. Aos poucos, eles aceitam o carinho e os cuidados que precisam. Sôfregos, comem com as duas mãos, sujando os rostinhos de anjos, numa gulodice extraordinária, que revela uma fome muito antiga e martirizante... As mães quase sempre só se alimentam depois dos filhos. Homens, na flor da idade, aportam ali com atrofias, ferimentos mal curados, idiotia, mutilações...

Aqueles portais vivem abertos a qualquer filho de Deus. Ao chegarem, todos passam por uma primeira seleção: de sexo, idade e urgências.

Alguns, apenas alimentados e descansados, depois de alguns dias, retornam às suas vidas mais fortalecidos e mais confiantes.

Após horas de estafantes trabalhos, Ben Azir decide rever o pequeno das feridas. Encontra-o tranquilo em meio às cobertas, como um pássaro no ninho. Olhinhos brilhantes e sorriso nos lábios, ele é mais um sobrevivente dos diversos poderes que sufocam e vitimam a tantos... Ben Azir se aproxima e ele sorri ao vê-lo.

Ao redor , muitas outras dores que fazem Ben Azir sentir muita piedade.

Sibila e Semíramis não se encontram ali. Foram a outro espaço de atendimento, junto à Cynara.

Ben Azir decide e vai rever Plínio. Caso ele possa, pretende retomar a conversa interrompida.

Sua humilde residência, aconchegante e perfumada pelos aromas das flores, assemelha-se às singelas casinhas dos pescadores em Cafarnaum.

Requisita vênia para rever Plínio e Irmão José lhe concede o acesso ao seu quarto.

Sorriso aberto, ele o saúda:

– Seja bem-vindo! Alegra-me que tenha retornado!

– A alegria maior é minha, caro Plínio! Por mercê de Deus, consigo vê-lo e falar-lhe duas vezes no mesmo dia! Não estarei abusando da sua boa vontade e paciência? – ele indaga, após sentar-se no mesmo banco de antes.

– Não, descanse!

– Agradeço-lhe! Há pouco estive com um menino que tem o corpo coberto de úlceras. Felizmente, pude constatar-lhe uma notável melhora.

– Esteve com Asclépio. Este querido menino se recupera, aos poucos, da crise de uma doença hereditária. Caso não fosse atendido em tempo, morreria. Todavia carregará esta triste herança pela vida afora. Sua saúde dependerá, sempre, das mais variadas circunstâncias, pobrezinho... Por enquanto ele está bem. Que o Senhor de todos nós o ampare.!...

– Mais um ponto para esta comunidade!

– Mais um ponto para Deus!

Ben Azir silencia. Deseja ouvir Plínio, na continuidade do mesmo assunto de antes... Este sábio mostrou-lhe, com respeito e bondade, novos horizontes...

Adivinhando-lhe a intenção, Plínio encoraja-o:

– Fique à vontade, filho, fale!

– Caro Plínio – ele inicia, confirmando a privacidade do ambiente, num rápido olhar– diante do meu comportamento, atual, frente aos

meus ideais, quais as consequências para a minha alma?

– Espera uma profecia ou uma consideração justa e racional? Para a primeira, não estou capacitado.

– A segunda, por favor. Prefiro sempre raciocínios lógicos.

– Você quer saber até que ponto estará certo ou errado, quando enfrentando o inimigo, por vezes, vem a matá-lo, não é isso?

– É exatamente isso!

– Sei que você sabe, muito bem, aquilo que faz e porque faz! Já entendi também que os seus objetivos são nobres, Ben Azir.

Ben Azir ouve, atento, as suas sábias ilações.

– Mas, apesar de tudo isso, existem outros caminhos, outras maneiras de viver e de lutar. Essa comunidade pode lhe mostrar isso...

– Conquanto eu não sinta inclinação para comportamentos submissos e conformados, admiro-os, acredite.

– A nossa conformação, Ben Azir, reflete a nossa fé em Deus, que é, acima de tudo, providência divina nas nossas vidas. Quanto à submissão, esta não existe, pois enfrentamos, corajosos, o poder de César, diuturnamente, para socorrer os infelizes e vivermos de acordo com as nossas escolhas religiosas! Sofremos duramente por isso e morremos, Ben Azir, nos circos e nas prisões, todos os dias!

– Oh, meu novo amigo! O quanto me falta ainda para aprender! Chego a sentir vergonha!... – Ben Azir, exclama, emocionado.

– Prosseguindo, Ben Azir: Apesar de admirá-lo, diante da sua patente coragem e dedicação, lamento o seu presente. Ele é feito de lutas perigosas e quase nenhuma segurança. A arma do inimigo pode cortar-lhe o fio da vida, tão cedo... Ou uma denúncia poderá levá-lo a morrer entre torturas. Ou, ainda, a apodrecer numa prisão execrável!...

Que mais eu poderia lhe dizer que você já não saiba? Quantas noites você passa em claro, Ben Azir? De quantas dores você vive, ao saber que sua vida, tão prenhe de esperanças, pode terminar de uma hora para outra, porque o chão que você pisa é quase sempre

de areia movediça?...

Ben Azir levanta-se e afasta-se, resmungando:

– Arre, o quadro é aterrador!

Penalizado, Plínio vaticina:

– Seu futuro, meu jovem, praticamente não existe...

Contrariado, Ben Azir retruca:

– Disse que não fazia profecias!

– Não é o caso! Analise a própria vida e verá que tenho razão!

Ben Azir respira fundo, acalma-se e volta a sentar-se.

– Minha vida é semelhante a dos soldados que partem para uma batalha!

– Sim e não! Guerreiros partem por diversos motivos. Alguns são enviados debaixo de chicote, como escravos. Outros marcham na direção de vitórias e vantagens, para as quais foram devidamente incentivados por aqueles que os enviam, mas que geralmente nunca vão às guerras, permanecendo em seus tronos, à espera das glórias alcançadas por cérebros e braços alheios e dos despojos resultantes de saques de outros povos derrotados e destruídos. Muitos, talvez a maioria, seguem ao sabor das ondas para crescerem diante do mundo ou para justificar a própria existência, malograda desde o berço, seja ele rico ou pobre.

Enfim, existe um grande aparato que cega, ilude e satisfaz a vaidade e a ambição, num contexto deplorável e muito bem alimentado por aqueles que, como a Hidra de Lerna, têm muitas cabeças e avançam, cruéis, levando a morte e a destruição aos lugares mais remotos!

Cada coisa e cada ação no seu tempo e lugar; cada situação exigir-nos-á apreciações particulares e dependerão, sempre, das veras intenções ou das circunstâncias. Vamos nos ater, porém, ao seu caso.

– Minha intenção é levar ao meu povo e aos infelizes de todo jaez a justiça de que precisam!

– Tem visto resultados?

– Alguns! Nossa intenção é contrapor à força considerada legal e que faz tantas vítimas, revezes sem conta, que os faça sentir que algo ou alguém os enfrenta e intimida! Essa defesa se revela através de várias incursões aos seus territórios, abortando-lhes, muitas vezes, as torpes intenções!

Ben Azir está exaltado, verbo inflamado, faces coradas, olhos brilhando.

Plínio indaga:

– Você que segue, fielmente, as leis de Moisés, o que pensa dos Dez Mandamentos?

Ben Azir entendeu muito bem onde Plínio quer chegar, e se defende:

– A pena de morte fazia parte dos procedimentos de Moisés!

– Você disse muito bem, dos procedimentos de Moisés e não dos mandamentos de Deus! Vejamos a lei de Talião, seguida por ele e que não é da sua lavra, sendo muito mais antiga, anterior ao código de Hamurabi, da antiga Suméria. Dela conhecedor, Moisés foi buscá-la no fundo do baú da história, para usá-la na tentativa de disciplinar o seu povo e, neste esforço inaudito, o desespero para corrigir caracteres difíceis e praticamente indomáveis.

Ben Azir, nada, absolutamente nada, justifica matar! Temos uma lei inquestionável de Deus que diz: ‘Não matarás!’

– Moisés matou e mandou matar quando lhe aprouve fazê-lo, em nome da justiça e da ordem!

Plínio suspira, enquanto observa a sua empolgação.

Após alguns minutos de silêncio, alega, sincero:

– Meu filho, este grande líder de um povo deve ter vivido em meio a conflitos muitas vezes insuperáveis e tomado medidas drásticas, diante de um povo degenerado pelos anos de escravidão, uma delas no Egito, de onde ele o tirou, após as suas famosas peripécias, libertando-o, enfim, e vivendo um êxodo que exauriu a quase todos, durante várias décadas de peregrinação, a caminho de

uma depuração espiritual, na esperança de alcançar e merecer a Terra Prometida, em Canaã.

Nas suas atitudes, trágicas, que somente Deus pode julgar, o desespero inconteste, na tentativa de salvar o melhor!...

– Este grande legislador, que seguimos fielmente, tomava as rédeas do poder em suas mãos e exercia a lei!

– Ben Azir, raciocine comigo e ponha o pé no presente:

Jesus, o Cristo, nos trouxe a lei do perdão e da compreensão entre os povos e entre as criaturas, modificando, desde o cerne, os códigos cruéis que Moisés impôs, numa época e a seu modo. Seu povo ignorou, nestes novos tempos, a grande mensagem do Messias de Deus. As coisas do passado servem de base para aquelas que chegam acenando com um progresso maior.

Sem falar em credos ou códigos, desta ou daquela raça, aos poucos, vamos alcançando pequenas vitórias, no mundo das leis, e algumas reformas legais.

– Quase sempre, Plínio, isto fica na teoria! Somente com coragem e renúncia faremos algo de concreto na defesa de todos e diante da hipocrisia, da desonestidade e da crueldade a que assistimos todos os dias, nos mais variados setores de vida e de atividades!

– Devemos lutar, sim, mas no campo das ideias! Para isso, Deus nos deu a inteligência!

– E morreremos todos, venerável, Plínio! Apesar da sua inquestionável sabedoria e bondade, você vive mergulhado numa fantasia!

Num olhar de censura, Plínio quer saber:

– Amar, perdoar, ser bom, melhorar a vida de pessoas como Asclépio é uma fantasia para você?

Ben Azir arrepende-se da sua estabanada declaração.

– Certamente, não!

Retomando o fio da conversa, Plínio prossegue:

– Moisés teve as razões de uma época! Suas ações, grandiosas

pela missão que carregava, ou apequenadas por suas ações radicais, aconteceram há muito tempo! Onde o progresso depois disto?

– Tivéssemos outros meios, meu amigo...

– E temos! Já recebemos outros códigos de vida, numa canção inolvidável de beleza e de justiça plenas; e mais consoantes com a nossa evolução! Você me fala de um milênio e meio atrás, com Moisés; eu me reporto a pouco mais de um século atrás, com Jesus, Ben Azir!

– Deste novo código nada sei, a não ser o pouco que nos ensinaram, porque eles em nada modificam os antigos, nos quais vivemos.

– Inteligente como é, meu caro rapaz, por que ainda não analisou melhor a mensagem de Jesus Cristo?

– Porque não me interessa! Sigo Moisés! Já lhe disse!

– Estamos dando voltas, como a galinha ao redor dos pintinhos! O que quero lhe dizer, finalmente, é que nada o eximirá das suas culpas, nas mortes que porventura causar, ou der azo a que se pratique. Ao atirar-se, temerário, a estas lutas, caso seja abatido, será considerado por Deus, que nos julga em última instância, um suicida!

Ben Azir empalidece. Inquieto, levanta-se e vai até a janela, admira as flores e embriaga-se com os seus perfumes, buscando acalmar-se...

“Não sairei incólume desta entrevista... Ele devassa-me a alma, e calca-me, direto, as feridas... O que fazer? Ir embora antes que nos magoemos?”

Perspicaz, Plínio indaga-lhe, desafiador:

– Vai fugir da luta, guerreiro?

Voltando-se para Plínio, ele responde, sem pestanejar:

– Não!

Senta-se de novo e reclama:

– Meu nobre amigo, está censurando a melhor parte da minha vida! E ao mesmo tempo tentando me converter para o seu Cristo! Com efeito!

Plínio sorri, benevolente:

– Enganou-se, duas vezes. Na primeira: a melhor parte da sua vida. Não é aquela que representa perigo constante, em ações desesperadas e decisivas. Na segunda: não estou tentando convertê-lo e sim lhe oferecendo o que possuo de melhor. Os meus conhecimentos, baseados na sabedoria antiga dos grandes filósofos gregos, mais especificamente, de Sócrates e na Boa Nova de Jesus, que substituirá, mais dia menos dia, as leis mais antigas, corrigindo-as e ampliando-as! Quer prosseguir nos códigos antigos, quando novas formas de saber, que antes se ocultavam nos santuários e nos oráculos apenas para os grandes iniciados, ganharam as ruas e as praças, nas canções do Divino Mestre dos Mestres? Vai emperrar no seu coração bom e na sua mente privilegiada o carro do progresso?

Você, meu caríssimo rapaz, nasceu para o bem e não para o mal, sob qualquer forma que ele se apresente! Não lhe digo que todas as leis de Moisés são erradas, mas somente aquelas que, trágicas, foram criadas por ele mesmo na sua intenção de regenerar o seu povo. Aquelas que ele recebeu, nos Dez Mandamentos, são de Deus, irretorquíveis e insubstituíveis. Devem ser seguidas, acima de tudo!

Não estou lhe dizendo que o seu povo está errado em seguir Moisés, pois as crenças fazem parte da nossa escolha, sendo sagrada a nossa fé! Todavia, quando se fala em morte e cita-se Moisés, esquece-se que este grande líder, de onde estiver– pois a vida não acaba na morte e estranho seria que este mensageiro poderoso de Deus tenha se esfumaçado no ar– hoje, muito tempo depois do cumprimento da sua missão e da sua tragédia pessoal, deve deplorar os próprios excessos e lamentar profundamente a perpetuação desses mesmos excessos, através dos seus seguidores!

Não deprecio aqueles que seguem Moisés, como não o faço, também àqueles que a nada e a ninguém seguem.

Digo-lhe, contudo, sincera e respeitosamente, que as leis de Deus devem ser não apenas sabidas, mas cumpridas!

Desperte, Ben Azir, e não se acumplicie com ideais que, atrás das boas intenções, exalam o cheiro da morte!

Jesus Cristo resumiu em dois mandamentos as leis do Criador:

“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo!”

– Quem é o meu próximo? Não é, por certo, aquele que mata em nome da sua ambição e do seu orgulho, desmedidos! – Ben Azir está ácido.

– Estes podem ser exterminados, sem piedade, não é? Nas Tábuas da Lei existem exceções, nas quais, os mandamentos de Deus podem ser transgredidos? Não! Portanto: “Não matarás’ é e será sempre ‘não matarás’!

Enquanto os homens estiverem com os pés embaraçados no cipoal do orgulho, do egoísmo, da ambição e da vaidade; enquanto tomarem nas próprias mãos a justiça, em nome daquilo que defendem, e que será sempre discutível, não poderemos divisar tempos de justiça e paz! Digo-lhe mais: veremos tempos nos quais até em nome deste doce e amorável filho de Deus, que exemplificou na cruz como devem viver os homens na Terra, far-se-ão atrocidades inacreditáveis! Sua cruz será conspurcada e usada como bandeira para o exercício da tirania dos maus!... – extático, Plínio tem os olhos abertos. Lágrimas rolam do seu rosto. Parece antever um futuro de muito sofrimento para a Humanidade... Respirando fundo, volta-se para Ben Azir e complementa:

– Quanto mais avançamos, rumo a um futuro glorioso, este parece recuar, atrasando-se diante da arbitrariedade de muitos que, como você, em nome da verdade que apregoam, sujam as mãos no sangue dos seus irmãos, revivendo, hoje e sempre, o estigma de Caim!

Ben Azir estremece. Sente uma grande revolta por tudo que ouve, mas pode sentir a verdade límpida nas palavras de Plínio. Mas, ser tachado de assassino, quando defende os mais fracos!... Estaria mais confortável diante de um inimigo armado até os dentes!... Jamais esperou ouvir tais considerações a respeito da sua vida e dos seus atos... Fosse Plínio outra pessoa e não estivesse coberto de razão...

Plínio estuda-lhe as expressões.

Ben Azir se debate e reage, perplexo, diante daquilo que lhe chega de roldão, solapando-lhe a segurança íntima...

Plínio sabe que ele está ofendido. Contudo, foi honesto, falando-lhe como jamais alguém o fizera antes.

Um intervalo se faz... Interiorizados, eles permanecem por alguns minutos.

Plínio fecha os olhos, enquanto espera que Ben Azir possa digerir tudo que ouviu.

Ben Azir, enfim, quebra o silêncio:

– Plínio, dê-me tempo para analisar tudo que ouvi e que me agride, frontalmente. Desculpe-me a sinceridade, talvez excessiva.

– Caso não tivéssemos sido sinceros, esta conversa jamais teria acontecido, Ben Azir! Faça como quiser! Leve a minha bênção e a certeza de que lhe falo como um pai. Pense bem e escolha: o caminho do passado que agonizará, aos poucos, ou aquele que resplandecerá como um sol, aquecendo e iluminando a todos, numa Nova Era de progresso, intelectual e espiritual!

Um dia, Ben Azir, aqueles que matam e fazem mal aos seus irmãos em Humanidade serão lembrados com horror, como se nunca houvessem existido, tal a modificação das mentes humanas.

Nós seremos deuses!... Neste tempo, haverá uma só Jerusalém, que é a de cima; um só rebanho e um só pastor, como nos disse Jesus!

– Seu Jesus morreu na cruz, Plínio. Entregou-se aos inimigos, sem queixas e sem defender-se... Eu jamais faria isso!

– Ele o fez a fim de que o mundo não apenas ouvisse, mas entendesse, através do seu exemplo. Por causa desse exemplo e da sua Mensagem, lugares, como este, existem.

Ben Azir se mantém em silêncio, está emocionalmente exausto.

Plínio está decidido a ir até o fim e declara incisivo:

– Saiba que esta conversa aconteceu numa encruzilhada da sua vida.

– Encruzilhada?

– Sim, de uma forma ou de outra, terá de se definir...

– Não entendi.

– Entenderá quando chegar a hora. Mais, não lhe posso dizer.

– Agora, fala por enigmas?

– Perdoe-me, nem tudo deve ser dito...

Ben Azir se dispõe a sair, concluindo que regressará à sua casa em meio a conflitos existenciais, talvez insuperáveis.

Despede-se de Plínio, amável e respeitoso, e procura Sibila.

Caso tivesse se voltado, surpreenderia nos olhos de Plínio algumas lágrimas, refletindo os seus pensamentos:

“Ben Azir, Ben Azir! Jovem corajoso e fiel! O seu tempo está terminando! Seu destino está se fechando! ...”

Ben Azir abraça Sibila pelos ombros e integra-se às tarefas, em silêncio.

Sibila notou-lhe o alheamento e respeitou-lhe a necessidade de interiorização.

Percebendo-lhe a observação amorosa, ele pensa:

“Você me trouxe tudo isso!”

Sibila conclui que a conversa que ele teve com Plínio fora mais grave do que ele mesmo poderia esperar. Conhece o venerável ancião e a sua ‘estatura espiritual’...

Terminando as obrigações rotineiras, Sibila diz que precisa lhe falar. Afastam-se e sentam-se, lado a lado. Determinada, ela inicia:

– Ben Azir, fazendo bom uso da minha liberdade atual, decidi ir às catacumbas com Semíramis.

Ben Azir estremece. Seu coração se aperta...

Controlando-se, porém, silencia.

À Sibila, sua reação não passou despercebida.

Alguns momentos mais, e ela prossegue:

– Ali os cristãos se reúnem para orar e ouvir as maravilhosas prédicas daqueles que herdaram, muito de perto, as belíssimas lições de Jesus Cristo. Nas suaves vibrações desses ambientes, sob as luzes tremulantes dos círios acesos, entre as sepulturas daqueles que um dia entregaram-se, de corpo e alma, aos seus testemunhos, nos fortalecemos para prosseguir no esforço de cada dia, com coragem e muito amor... – num suave *stacatto,* Sibila silencia. Abstraída, ela parece distante.

Ben Azir não gosta daquilo que vê e muito menos daquilo que ouve. “Com efeito! – conclui, interiorizado. – O destino, hoje, mais do que nunca, decidiu desafiar-me!...”

Sente ímpetos de gritar-lhe que não vá, mas se contém. Não tem esse direito... Inquieto, olha ao redor e remexe-se no assento.

Voltando-se, enfim, para ele, Sibila declara:

– Gostaria de ouvi-lo, Ben Azir! O que está pensando? Esta informação não darei nem mesmo a Demétrio.

– Pois deveria, Sibila...

– Ele me impediria de ir, de uma forma ou de outra. Entraria em pânico. Além de escandalizar-se com a minha nova crença, que por certo não aceitaria. Ele cobraria, duramente, de Lídia responsabilidades quanto a mim...

Ben Azir mergulha seu olhar nos olhos desta mulher que já o conquistou para a eternidade e agora quer deixá-lo... Como censurá-la na sua intrepidez, se vive da mesma forma? São, em tudo, semelhantes. Pesaroso, desabafa:

– Hoje, Sibila, decididamente estão a exigir-me demais! As coisas

chegam como numa avalanche, arrastando-me, sem defesas!

– Sua conversa com Plínio!...

– Sim, também. E agora isso. Você me pede uma opinião que eu não gostaria de dar. Cada vez que a encontro, temo perdê-la. Por certo, conhece os riscos que estará assumindo. Num lugar visado, conhecido de Roma! Viveiro fatídico de vítimas para os holocaustos e divertimento de um povo muito insensível... O seu Cristo não precisa de sacrifícios, porque já assumiu o dele, com galhardia, e lhes deixou o seu exemplo!

– Sinto nas suas palavras a benéfica influência de Plínio.

– Não posso negar, mas não sei se gosto disto, Sibila. Ele me fez ver tantas coisas que eu não queria... Agora eu sei! ...

– Ninguém lhe atravessa o caminho para prosseguir como antes.

– Concordo, por experiência própria. Diga-me, em que acrescentará, a sua presença ou as presenças daqueles que se entregam, inermes, ao gládio dos contumazes perseguidores romanos? Você, bela, inteligente e boa, tem tudo para ser feliz vivendo, e não morrendo na flor da idade!

Magoada, Sibila constata que pela primeira vez se desentendem.

– Perdoe-me! Eu não pretendia dizer-lhe aquilo que estou dizendo, Sibila! Em verdade, sou a última pessoa que poderia dizer isso a você ou a qualquer outro! As minhas palavras refletem o medo daquilo que possa lhe acontecer...

Sibila contém a vontade de chorar. Olha à distância, observando as pessoas que se movimentam aqui e ali. Após alguns instantes, responde-lhe, delicadamente:

– Ben Azir, se aqui vivemos, defendendo e socorrendo aqueles que precisam de guarida e auxílio, você, à sua maneira, luta também por um estado de coisas melhor e mais justo para todos! Assim, nos arriscamos, ambos, todos os dias! Se eu também faço aquilo que quero e assumo as consequências, qual a diferença entre nós dois?

Ele balança a cabeça, concordando. Os conceitos de Sibila são justos... Todavia, imaginá-la no circo, junto a um magote de cristãos,

sendo oferecida como repasto às feras lhe traz uma dor quase física.

– Perdoe-me, Sibila; hoje não tenho condições de raciocinar normalmente sobre coisas tão graves. Trago o peito opresso. Preciso de tempo para me refazer emocionalmente. Quero que saiba, porém, que haja o que houver, nada modificará o meu amor por você. Quiçá, poderá crescer ainda mais, perante esta dolorosa perspectiva de virmos a nos separar, sem sabermos quando, onde, ou por quê... Faça o que fizer, eu a amarei sempre e cada vez mais! Guarde esta certeza e jamais duvide dos meus sentimentos, peço-lhe!...

– Grata! A princípio, já me disse muito. Entendo os seus conflitos e admiro o seu bom senso. Você teme a minha fragilidade de mulher, contudo, meu querido, é nesta aparente fragilidade que se instala a nossa força. Peço-lhe, também, que jamais esqueça que eu o amo, mais que a minha própria vida! Amo você e somente a você, Ben Azir!...

Fitando-a em adoração, ele a beija, quase em desespero. Sabe que este amor não tem futuro.

Sibila, feliz, entrega-se às suas emoções, adivinhando-lhe as conclusões que vem ao encontro das suas...

Apartam-se, e Ben Azir declara:

– Antes de ir, quero despedir-me de Asclépio.

– Certamente! Aguardaremos você a caminho.

Ele se dirige à casa onde estão os enfermos e ali abraça e beija o menino que, sem saber, passou a representar para o seu coração todos os outros infelizes do mundo... Despede-se do menino com uma vontade muito grande de chorar. Promete visitá-lo mais vezes...

Minutos depois, alcança o grupo e saem em direção às suas vidas, cada qual no rumo que lhe é devido...

Numa curva do caminho, combinaram dia e hora para o próximo encontro. Abraçara Sibila, apertando-a, fortemente, ao encontro do coração, sob o olhar compreensivo dos demais.

Ben Azir nunca mais será o mesmo. Decide informar aos pais quanto às suas intenções de formalizar um compromisso de noivado com Sibila. Num galope veloz, com o vento batendo forte no rosto, ele chega em casa, depois das conexões que fez para regressar, numa viagem longa e cansativa. Desmonta, entrega o cavalo ao criado e adentra a casa, na sua bela e doce Cafarnaum...

Ali Jesus fazia belíssimas pregações... Ali morava seu mais corajoso discípulo, Simão Pedro. Na singela casa de Pedro, o Messias de Deus ensinava as verdades dos céus e fazia o mesmo na praia, junto àquelas águas piscosas, enquanto as ondas, rendadas, beijavam-lhe os pés descalços... (Isto, Ben Azir ouviu de Sibila e do Irmão José...)

Conhece muito bem o lugar... Na primeira oportunidade, irá até lá, por curiosidade ou para sentir o ambiente...

Abraça os pais e retoma os seus afazeres, e a sua vida em família.

Entendimento

BEN AZIR CONVIDA os pais para uma conversa.

Há pouco, estivera em reunião no grupo dos revoltosos, onde se manteve reticencioso e algo distraído.

Jadhu, para sua estranheza, sequer dirigiu-se à sua pessoa, limitando-se a fitá-lo, sinistro e irônico.

Hamad, que no momento conduzia os diversos assuntos, incomodado com a quase neutralidade de Ben Azir, censurou-o:

– O que está acontecendo, meu jovem? Parece completamente desinteressado!

– Tem razão, não estou muito bem. Atualmente, enfrento problemas de difícil solução!... – respondera, aceitando a justa admoestação.

– Problemas pessoais, Ben Azir, ficam fora, lembra? Adentrando este ambiente, somos um grupo!

– Sim, eu sei... – Ben Azir está profundamente envergonhado.

– Este indômito rapaz é humano como qualquer outro! – comenta compreensivo o mesmo velhinho de sempre, que ali comparece e faz as suas observações, respeitadas, sempre.

Ben Azir não consegue disfarçar a sua impaciência. Horas depois, respira aliviado, a caminho de casa.

Agora, sentado à sala, aguarda os pais e espera a compreensão de ambos. Intimamente, questiona aquilo que deve revelar e aquilo que não deve, para a proteção e a tranquilidade deles.

Seus pais comparecem, solícitos e sorridentes.

Jairo declara:

– Aqui estamos, filho!

Deborah, olhos brilhando, anseia ouvir o que Ben Azir tem a dizer.

– Antes de tudo, rogo-lhes calma, compreensão e tolerância.

– Assim nos assusta, filho! – Deborah não se contém.

– Não é minha intenção, acreditem. Quando ouvirem, porém, o que tenho a dizer, entenderão.

– Ben Azir, por favor, seja mais objetivo! – o pai lhe pede, muito curioso.

– Serei! O que vou lhes contar modifica, desde o cerne, a minha vida, exigindo-me atitudes concretas e decisivas, das quais dependerá o meu próximo futuro. Como já sabem, tenho feito algumas viagens para rever Sibila. Nas raras vezes, nas quais nos encontramos, nos conhecemos melhor e acabamos surpreendidos com um amor incomparável!

Jairo se mexe, desconfortável. Deborah troca olhares com o marido.

– Demétrio consente nesta relação?– o pai indaga.

– Ele não sabe ainda. Sibila mora com uma amiga dele, chamada Lídia. Eu já estive lá. Atualmente, nos encontramos num local determinado, de onde saímos para uma aldeia distante e escondida, entre as montanhas.

– Por que e para quê? – Jairo indaga intrigadíssimo.

– Porque ali vive sua mãe, Cynara.

– Ela viveu sempre ali, longe da filha?

– Não, senhor, mas esta é uma longa história, que contarei noutra ocasião.

– Protegida de Demétrio, como se filha legítima fosse, por que Sibila vive na casa da amiga dele? – Jairo segue questionando.

– Por vontade da própria Sibila. Na referida casa, ela tem mais

liberdade, além de se furtar à perseguição sistemática e perigosa da mulher de Demétrio, Minerva. Esta odeia Sibila, assim como odiou, com a mesma intensidade, a sua mãe, Cynara, que um dia fugiu de lá muito doente e sem recursos. Felizmente, foi socorrida por pessoas que amam o seu próximo como a si mesmo.

– Pobre mulher!... – Deborah exclama.

– Enfim, por vontade de Deus, ela sobreviveu e hoje vive neste lugarejo que parece ser a morada do Nosso Criador.

– Meu filho, o que pretende, de fato, com esta preleção? – Jairo demonstra uma grande impaciência e uma notável contrariedade com tudo o que ouve.

Ben Azir conclui que não adianta preparar-lhe o espírito, e vai direto ao ponto:

– A princípio, dizer-lhes que amo, deveras, a bela e sábia Sibila, e avisá-los, também, que nada que possam dizer ou fazer me afastará dela.

Jairo respira ruidoso. Seus olhos emitem faíscas na direção do filho.

Deborah se emocionou com as palavras de Ben Azir. Acredita que ele, de fato, está amando.

– Quando se previne contra a nossa reação, Ben Azir, compreende que ela se faz necessária, dentro dos nossos padrões de vida e diante dos nossos princípios!

– Eu não diria necessária, mas esperada, por conhecê-los muito bem!

Jairo decide aguardar as próximas declarações de Ben Azir.

Entendido, ele prossegue:

– Neste lugar tão distante, temos nos encontrado, algumas vezes. Como sabem, enfrento viagens custosas e cansativas, mas, fosse como fosse, eu compareceria, sem me deter, acima de quaisquer obstáculos.

Jairo faz um gesto desdenhoso.

– Naquela comunidade, me deparei com uma forma de viver tão completa e diferente de tudo o que já vi que, de coração aberto, me propus a secundá-los, quando ali me encontro, nas suas ações caridosas. Ouço-lhes as pregações, principalmente de Plínio, venerável ancião, grego, e fiel seguidor de Sócrates. Diante deles, e de tudo o que vejo, concluí, abismado, que 'nada sei!'

– Comunidade *sui generis*, e declaração desrespeitosa, esta sua, Ben Azir! – Jairo explode.

Cuidadoso, Ben Azir responde:

– Verá que não, meu pai. Desculpe se não me faço entender, como desejaria, mas o assunto é muito delicado.

– Prossiga! A cada palavra que sai da sua boca eu me espanto e temo as próximas!

– Deseja, mesmo, que eu continue, meu pai? – Ben Azir demonstra, sincero, o seu desagrado.

– Por certo, meu filho! Jairo está se precipitando! – Deborah tenta conter os impulsos do marido.

Ben Azir respira fundo e agradece:

– Obrigado, minha adorável mãe. Pois bem! Ali vejo coisas tão belas que, aos poucos, fui assimilando o jeito de viver daquela gente corajosa e submissa a Deus.

Jairo torna-se violáceo e grita exaltado:

– Ben Azir, você está falando de... cristãos?!...

Corajoso, Ben Azir confirma:

– Sim!

– Está querendo nos dizer que se converteu?!...

– Não, meu pai. Isto ainda não aconteceu!

– Então se afaste já desta convivência perigosa!

– Nada tem de perigoso no que vejo ali. Surpreendo-os numa realidade que transcende a normalidade dos pensamentos e das ações, conhecidos por nós.

– Quem não está conosco, está contra nós, Ben Azir!

– Não há disputa, entre eles! O comportamento assumido é o fraterno, mesmo diante dos seus inimigos!

Jairo levanta-se, revoltado. Suspende os braços acima da cabeça e vocifera, em meio a palavras de censura, ditas entre os dentes.

Buscando apoio na mulher, ele declara estupefato:

– Deborah, nosso filho enlouqueceu!

Ben Azir se defende, rápido e ousado:

– Nunca estive tão lúcido, meu pai!

– E assim o demonstra?

– Como pode avaliar aquilo que não viu?

– Porque vivo bem informado! Esta seita, miserável, entrega-se aos mais duros suplícios em nome do seu ‘Crucificado’! Aquele que, sendo judeu, negou-se a si mesmo para ‘exemplificar’ como viver e como morrer; imagine! Desta maneira, em breve tempo teríamos todos os pescoços cortados! Há que seguir, religiosamente, as leis vigentes, para defender a Verdade e a ordem! Para isso Moisés veio, viveu e sofreu até as últimas consequências, morrendo no Monte Nebo, solitário, mas glorificado por Deus! Nós seguimos Moisés e não esse pretenso Messias, esqueceu Ben Azir?

– Absolutamente, meu pai, e nem poderia.

– Por que, então, se enreda neste emaranhado de filosofias que já nasceram derrotadas?

– Eu não me enredo, como diz, meu pai, apenas observo e analiso, tirando minhas próprias conclusões. Recebi em toda a minha vida conceitos nos quais acredito e sigo; todavia, não perdi o senso de análise, nem a capacidade de escolher os meus próprios caminhos!

Jairo está estupidificado:

– Você me assusta, filho! Que maneira de falar é essa? Está, por acaso, numa encruzilhada da sua vida?!...

Ben Azir recorda Plínio... Ele, em primeira instância, falou-lhe a respeito de encruzilhada... Sacode a bela cabeça, para desanuviar

os pensamentos, e observa seu pai que caminha agitado. Este, possesso, vocifera:

– Anátema! Meu próprio filho!

Deborah aperta as mãos, uma contra a outra, e começa a chorar.

Apesar da reação deles, Ben Azir não se intimida:

– Ouça, meu pai, peço-lhe... Estou falando da minha vida!

Jairo retorna e senta-se novamente. Enxuga, amoroso, os olhos da mulher, enquanto acusa o filho com o olhar.

Avermelhado pela cólera, ordena:

– Vamos lá, prossiga! Enterre de vez a adaga nos nossos corações!

– Meu pai, por favor... Eu poderia falsear o meu comportamento e vocês jamais saberiam aquilo que estou vivendo. Amo-os, porém, em demasia para enganá-los. Estou abrindo o meu coração e me esforçando para dividir com vocês aquilo que me chega de roldão, cobrando-me novas formas de pensar e, principalmente, de agir...

Que este amor, que tem sido a luz da minha vida, não me impeça de ver com clareza e de ser eu mesmo!...

Deborah levanta-se e abraça o filho, beijando-o, silenciosa, no seu apoio incondicional, àquilo que ele possa ser ou fazer.

Ben Azir retribui-lhe os carinhos, leva-a até o seu assento de novo e se propõe a continuar:

– Não espero que vejam com os meus olhos, ouçam com os meus ouvidos, pensem com o meu cérebro ou sintam com o meu coração! Quero falar-lhes, porém, com a sinceridade que sempre norteou os meus atos, comunicando-lhes que eu amo Sibila, e este amor abriu para mim um novo leque de realidades! O já conhecido e longamente vivenciado por mim está sendo questionado por minha alma, mas, sobretudo, pela razão!

A chave para abrir as portas das verdades incontestes está dentro de nós. Todos pertencemos ao mesmo Deus, criador e senhor deste incomensurável Universo!

Vivo de algum modo defendendo este Deus que adoramos, todavia, Sibila, de outro modo, o adora também. Neste novo jeito de viver, encontro-me surpreso e conflitado, como nunca estive em minha vida!

Poderei, caso ache acertado, manter as minhas ações libertárias, baseadas nas leis de Moisés, que por sua vez, baseou-as em Jeová, guerreiro e vingativo, ou devo mudar este caminho e seguir o outro, que me fala de justiça divina e de perdão, numa compreensão muito mais elevada?!... Somente o futuro dirá!

Batendo, furioso, sobre um móvel que encontra por perto, Jairo que já se levantara, revoltado com o filho, avisa enfático:

– Fala de futuro, Ben Azir? Pois eu lhe digo que não o terá! Roma não dorme! Como Saturno, ela devora os próprios filhos e vai mais além, devora os filhos dos outros! Enche o seu ventre de vidas, de credos, de direitos! Você está sendo por demais arrojado e temerário! Como pode esperar que o apoiemos nestas ideias que solapam, desde o cerne, as nossas crenças e as nossas tradições? Com efeito, meu filho!...

– Todavia, aprovam-me as ações perigosas, diuturnamente! Qual a diferença? Morrer por isto ou por aquilo, desde que o façamos convictos e leais? Trilho, consciente, caminhos que encurtarão, sem dúvida, a minha existência! Quando toparei com a irmã Morte? Esta, mais cedo ou mais tarde, nos leva a todos! Tenho, todavia, a liberdade de escolher. Morrer por aquilo em que acredito, ou morrer por aquilo que vocês acreditam!

– Pensei que ‘nós’ acreditássemos, Ben Azir! A cada novo conceito que sai da sua boca, você deixa entrever a sua escolha! Oh, Deus! Ter vivido até hoje para ouvir isto! – Jairo impreca.

– Meu pai, acalme-se... Procure me entender, peço-lhe... Devemos analisar juntos esta situação que para mim é de vital importância... Ajude-me, em vez de condenar-me como está a fazer...

Jairo respira com dificuldade. Ben Azir está sendo muito corajoso, franco e aberto, como é do seu feitio. Decide ir ao ponto. Precisa tirar, de vez, essa dúvida assustadora do coração:

– Ben Azir, Sibila é cristã?

– Sim!

– E você, está se convertendo?!...

Olhos fixos no semblante do filho, temeroso, ele aguarda-lhe a resposta. Ben Azir é seu único filho e sua única esperança...

– Não, senhor, sou o mesmo de antes. Apenas me defrontei com uma nova realidade que, além de me surpreender, me sugere um comportamento diferente.

Jairo ganha alma nova e aconselha:

– Traga Sibila para nós! Nós a receberemos como filha, em nossa casa e em nossa religião. Case-se com ela, Ben Azir, e ela o seguirá, fielmente!

Ben Azir respira fundo e responde, sincero:

– Pretendo, de fato, casar-me com ela, mas jamais tentaria transformá-la naquilo que ela não é. E caso tentasse, eu a perderia num estalar de dedos! Somos semelhantes em tudo, meus pais!

– Não é este tipo de mulher que desejamos para você, Ben Azir! – Jairo declara, sombrio.

– Isto, sou eu quem decide, meu pai! Com todo respeito que lhes devo! – Ben Azir responde, frente a frente.

Jairo se impressiona com a coragem do filho em dizer-lhe coisas tão estapafúrdias... Terão feito algum sortilégio contra Ben Azir? Já ouviu falar a respeito...

Mal-impressionado, avisa:

– Ben Azir, você pode estar enfeitiçado! É famoso o poder que esta seita carrega, quando deseja converter alguém! Pense nisso!

Ben Azir sorri, entristecido. Seu pai está duvidando da sua capacidade de discernimento...

Jairo alcança-lhe os pensamentos e tenta consertar:

– Perdoe-me, filho!...

Nos olhos amorosos de Ben Azir, a compreensão instalada,

sempre, num grande carinho por seu pai. Admira-o, entusiasmado, desde os primeiros anos de compreensão da vida.

Jairo se cala, mas em poucos instantes volta à carga:

– Você nos levou a um terrível impasse, Ben Azir!

– Perdoe-me, não tive intenção...

Demonstrando, sem rebuços, a sua intranquilidade e indecisão, Jairo exclama, quase de si para si:

– Gostaria de estar dormindo e despertar deste cruel pesadelo!

Ato contínuo, sai da sala, precipitado e enfurecido. Vai ao jardim e ali caminha a esmo, tentando acalmar-se.

Ben Azir abraça a mãe e beija-a, silencioso.

Ela conhece demais o filho para saber que ele fará, sempre, aquilo que deseja e, para isso, pagará todos os preços...

Abraça-o forte e conclui, num doloroso sentimento de perda antecipada: ‘Por isso, você morrerá, Ben Azir! Meus sonhos, meus pressentimentos, eu sei!...’

Lágrimas silenciosas rolam abundantes no seu bonito rosto. Mas, deve silenciar. Isso, nem o filho, nem o marido suportariam. Carregará, sozinha, esta certeza cruel... Beija Ben Azir e roga a Deus por ele.

Depois de alguns minutos, que pareceram séculos a Ben Azir, Jairo retorna, senta-se de novo, solta o ar dos pulmões, ruidoso, e comenta algo desolado:

– Ben Azir, quando me indagam por você na sinagoga, fico sem palavras! Você menospreza abertamente as nossas práticas religiosas! E agora me aparece com estas ideias!...

– Meu pai, quando penso em fé, excluo o sistema sacerdotal, quase sempre interesseiro e manipulador, a divisar vantagens em todos os setores de vida, enganando o povo simples e ingênuo! Ali não compareço, porque a minha luta é contra a injustiça e a hipocrisia de muitos deles que, impondo leis ao povo, forram-se a elas e vivem sem problemas de consciência. “Não entram nos céus

e nem deixam entrar!”... Eles passam dias intermináveis sobre um ponto ou uma vírgula; uma palavra ou uma frase para impingir as letras das Sagradas Escrituras, de forma particular, oficializando-as a seu bel-prazer! A este respeito, meu pai, já tivemos muitas altercações! Poderia dizer que são ideias novas, adquiridas junto à Sibila? Nunca fui e nunca serei cego voluntário!

– Mas, me falar de cristãos, Ben Azir! Você excedeu todos os limites!

Desvairado, Jairo demonstra ímpetos de esbofetear o filho; de atirar-lhe ao rosto a dor e a insegurança, notáveis, que está sentindo...

Deborah se aproxima do marido e lhe pede:

– Calma, Jairo! Compreenda Ben Azir que, sincero e corajoso, nos abre o seu coração!

Sem responder, ele se afasta. Ser-lhe-á difícil controlar-se e não agredir o filho.

Ben Azir o conhece bem. Sabe que a qualquer momento, impositivo como é, perderá os freios. Aguarda-lhe o reequilíbrio, enquanto roga aos céus que os auxilie, em momento tão aziago.

Jairo respira forte, tal qual um touro esbaforido. Fixa-o, de novo, olhos iracundos. Numa postura de guerreiro, pernas abertas, nervos à flor da pele, corpo ereto, como aguardando algum ataque, ele indaga ofendido:

– Não temos sacerdotes honestos, leais e plenos de fé legítima, Ben Azir? Sem os interesses escusos, de que fala, e que tão desrespeitosamente você aponta?

– Sem dúvida que temos, meu pai! Estes dispensam louvores, porque estão acima das ninharias que douram a vaidade humana! Ao contrário do que diz, respeito-os profundamente e admiro-os! Mais que isso, peço a Deus que os guarde e os fortaleça nas suas honestidade e vera abnegação! Os vícios de caráter, porém, daqueles que mercadejam aquilo que jamais lhes pertenceu são como uma doença contagiosa! Deploro-lhes a ambição doentia que

se sustenta na vaidade e no orgulho! Estes vivem à larga, à custa da ingenuidade dos simples e do conluio dos seus ‘iguais’!... Perdoe-me, meu pai, mas aqueles que conspurcam o templo, até mesmo com a sola dos seus calçados, são muitos!... Nem mesmo o senhor, em sã consciência, pode me contradizer!...

Algo envergonhado, mas orgulhoso da brilhante inteligência do filho, Jairo comenta, sem outra coisa para dizer:

– Imperfeitos somos todos, Ben Azir!

Ben Azir lamenta aquilo que vai dizer, mas diz assim mesmo:

– É nessa conivência e fraqueza daqueles que ali estão que se alimenta e mantém esta forma perversa de fazer e ensinar a religião, que deveria, antes de tudo, unir e educar o nosso povo!

Jairo reconhece nas palavras de Ben Azir o seu habitual bom senso.

Tem acalentado sonhos de vê-lo na tribuna da sinagoga...

Ben Azir seria um doutor da lei, um fariseu, tão poderoso quanto Saulo de Tarso, antes do lamentável incidente em Damasco, que o levou à loucura... Admira o filho e apesar da zanga, embala-se em sonhos de grandeza, que jamais se realizarão... Imagina-o belo e digno, envergando a túnica sacerdotal, incensado por todos, respeitado por sua sabedoria e ensinando, reverente, as verdades de Deus...

Deborah, por sua vez, conclui:

‘Sibila deve ser uma moça admirável!... Ben Azir deve amá-la demais!’

Ben Azir observa-os e aguarda.

Conhece, de longa data, os sonhos de seu pai quanto à sua pretensa carreira sacerdotal. Sua consciência, porém, está tranquila quanto a isso. Jamais o incentivou. Os seus caminhos têm tomado rumos bem diferentes. Deseja concluir a conversa, mas teme:

– Devo prosseguir, meu pai? Caso não o deseje, paremos por aqui!

Demonstrando enfado, Jairo ordena:

– Continue!

– Seguindo os passos de Sibila, como única forma de encontrar-me com ela, e numa convivência mais estreita com os moradores daquela comunidade, me surpreendi admirando-os! Se não me curvo diante dos seus conceitos religiosos, reconheço, todavia, que são fiéis ao seu Cristo, submissos à sua mensagem, e seguem, corajosos, os seus exemplos!

– Esta forma de viver, meu filho, os tem levado à morte humilhante! Fiéis ou fanáticos, não sei, muito bem, como analisar-lhes os comportamentos esdrúxulos, eles perecem entre cânticos, inermes, sem um gesto sequer de defesa! Inacreditável!...

– Sim, deve ser difícil entendê-los!... Mas, quanto a entregar-se a morte, de uma forma ou de outra, não é assim que eu vivo? Exceção feita às minhas razões e crenças, quando serei sacrificado?

Deborah leva a mão ao peito e geme baixinho. Nos seus pensamentos, ora a Deus.

Ben Azir dirige-se a ela:

– Perdoe-me, mãe querida, e não sofra por antecipação... Tenhamos fé em Deus!

Ela se esforça para sorrir, o que faz levemente.

Com entusiasmo, Ben Azir descreve-lhes as ações da comunidade em questão. A amorosa recepção a qualquer um, o socorro generalizado e de forma desinteressada, os tratamentos aos doentes, a alimentação aos famintos, as orações que permeiam todas as atividades...

Fala-lhes de Asclépio e das suas chagas... Numa dissertação poderosa ele pintou o quadro da aldeia e dos seus moradores, sem citar, naturalmente, os princípios filosóficos de Plínio, que provavelmente lhes causariam mais aflições e revoltas. Tocar nos princípios mosaicos, comparando-os aos princípios do Carpinteiro de Nazaré, seria demais para seu pai.

Deborah ouve encantada e compreende a admiração do filho.

Concluindo sua narrativa, Ben Azir ouve Jairo comentar pesaroso:

– Meu filho, os riscos que você corre, atualmente, são inapreciáveis! Juntando-se, por vezes, à essa comunidade, você está desafiando os poderes inquestionáveis daqueles que obedecem, cegamente, à Águia Dourada! Com o seu bico recurvo, esta persegue e destrói, impiedosa, os seus opositores. Nós mesmos somos, apenas, tolerados e não fugimos, muitas vezes, à sua crueldade!

– Contra este estado de coisas, o senhor, meu pai, sabe, eu luto todos os dias! – o som da sua voz ainda repercute no ar, quando recorda as palavras de Plínio, advertindo-o...

Voltando do seu alheamento, ouve seu pai que afirma:

– A sanguinária Roma esmaga os cristãos de forma exemplar para desestimular seus seguidores!

– Inútil! A cada grupo de cristãos que é sacrificado, no rastro do seu sangue brotam outros, como grãos de areia do deserto!

Indignado, Jairo grita, desarvorado:

– Você, como eles, almeja a coroa do martírio para a minha total vergonha?!...

Fazendo um gesto negativo com as mãos, Ben Azir declara:

– Não, descanse! Sou um guerreiro, não tenho inclinação para mártir!

E, mais uma vez, Ben Azir se reporta, mentalmente, aos alertas de Plínio. Um frio percorre-lhe a espinha, avisando-o de que algo inconjurável pesa mais que nunca sobre a sua cabeça. Respira fundo e prossegue:

– Se não prima pelo judaísmo, como o senhor meu pai gostaria, não o faço igualmente por qualquer outra crença! Apesar de tudo que lhes disse, sou o mesmo de antes! Amo-os, verdadeiramente, e adoro a Deus!

Olhando o filho com piedade, Jairo aduz:

– Filho, quanto à Sibila, terá rivais de todos os quilates!

– Todavia, é a mim que ela ama!

– E isto lhe servirá de condenação!

– Que seja! Lutarei por este amor até a morte, se preciso for! Não abrirei mão dela, nem dos meus ideais!

– Disso não duvidamos, filho! –Deborah conclui, amorosa e compreensiva, apesar do seu terrível pressentimento: perderá Ben Azir, brevemente... Seu único filho!...

Ben Azir alcança-lhe as reflexões e vai até ela. Apertando-a ao encontro do coração, pede carinhoso e preocupado:

– Perdoe-me, todavia devo seguir minhas inclinações e realizar-me como homem e como ser humano... Perdoe-me naquilo que vier a feri-la... Caso estivesse ao meu alcance... Eu gostaria de fazê-la, sempre, muito feliz, minha adorada mãe... – as lágrimas brilham nos seus olhos. Momento doloroso este; não pode e nem deve enganá-los... Jamais o fez e jamais o fará... Ama-os e agora um outro amor, tão forte quanto, enraizou-se em seu coração.

Deborah beija-o no rosto e aperta-lhe a cabeça ao encontro de seu seio, enquanto lhe responde, corajosa e orgulhosa:

– Agindo assim, meu filho, dignificará sempre aquilo que representa em nossas vidas. Seja feliz e seremos também. Conte conosco, acima de qualquer circunstância! Nós amamos você!

Enlaçados, eles estão profundamente emocionados.

Jairo sente-se tocado com o quadro que tem à sua frente. Ama-os e tudo fará por eles. Olhos marejados de pranto, aproxima-se e envolve-se no mesmo abraço. Respira fundo, e desiste de continuar debatendo com o filho conceitos inquestionáveis, de foro íntimo...

Ben Azir, à beira do pranto, mal conseguindo articular as palavras, aconchega-os e confessa, reverente:

– Amo vocês, mais do que podem imaginar! Que Deus os abençoe!

Os três permanecem assim, pressentindo todos que serão separados... Quando, ou como, sequer imaginam...

*

Em casa, Lídia e Sibila conversam:

– Demétrio me acusará duramente, caso ocorra algo com você, Sibila! Você é o seu maior afeto!

– Tenho juízo suficiente para fazer o que quero, minha cara amiga, e você poderá dizer que ignorava as minhas ações.

– Ser conivente e negar, eximindo-me de culpa?

– Na hora do perigo, deverá fazê-lo para sobreviver e salvar a sua nobre casa!

“Oh, senhor, esta querida prevê algo! Socorre-nos a todos!...” – Lídia pensa.

Diante do seu silêncio, Sibila aventa a hipótese:

– Caso queira, minha querida Lídia, eu irei embora. Vejo que minha presença lhes traz atropelos de toda sorte! – de si para si, todavia, conclui, pesarosa. – “Para onde eu iria?...” Nos seus olhos azuis, a insegurança e a incerteza.

Lídia a alcança, abraça, e responde:

– Não, minha filha, de modo algum! Nem pense nisso! O que está feito, está feito! Confiemos em Deus!

– Lamento trazer-lhe problemas, Lídia...

– Ora, minha querida, eles existem de qualquer modo: seja por você, seja por nós mesmos. Veja meus irmãos, simpáticos ao cristianismo, que é considerado ‘ilegal e execrado’, pelo poder que representam em suas atribuições junto a César! Quirino à frente da comunidade cristã, secundando o venerável Plínio; Licurgo protegendo-os, e Severus Apolonius conivente! Como pode ver, estamos todos desafiando os poderes de Roma. Na hora do nosso testemunho, não teremos como negar, nem como fugir, filha...

– Como é difícil viver! – Sibila se lamenta. – Se agimos de acordo com a nossa consciência e não prejudicamos ninguém, de que nos acusam? Aqueles que vivem no mal se unem numa cumplicidade abominável! Quando, seremos livres?

– Quando o homem na Terra aprender a amar e a respeitar o seu próximo!

– Praza aos céus este tempo não se demore demais!

– Ele não será para nós, filha!

– Mas, podemos construir este novo tempo, com amor e coragem, desde agora!

– Sim, e é o que fazemos, para a glória de Deus!

– Quanto a Demétrio, Lídia, quando souber das minhas atividades na comunidade cristã, espero que me compreenda e, acima de tudo, que me perdoe...

– Demétrio tem um coração de ouro!

– Sei disso, mais que ninguém. Que Deus o recompense!

Abraçadas, elas demandam o interior da casa.

Sertória requisita Lídia para algo referente à elaboração da ceia.

Sibila vai para os seus aposentos e ali reflete sobre a sua vida.

No dia seguinte, fala à sua mãe:

– Minha mãe, tenho algo a lhe pedir.

– O que é, Sibila?

– A sua permissão para planejar um reencontro, entre a senhora e o meu protetor.

Cynara estremece e indaga:

– Fala de Demétrio?

– Sim.

– Qual a sua intenção, filha?

– Fazê-la ressurgir dos mortos! – ela responde sorrindo, divertida.

– Para quê?

– Para alegrá-los! Recordo o quanto eram amigos. A senhora, minha mãe, apesar das múltiplas ocupações, é muito sozinha. O nosso querido Demétrio, por sua vez, é muito solitário. Por que não reviver esta amizade tão valiosa?

Fitando-a, bem dentro dos olhos, Cynara pede:

– Sibila, eu gostaria que a minha vida seguisse o caminho que Deus um dia traçou. Trago muita dor na alma, na recordação de um passado que procuro esquecer, e Demétrio é parte importante dele.

Sibila abraça a mãe pelos ombros, amável, e comenta:

– Imagino, minha mãe, as dores que deve ter vivido naquela casa, por causa de Minerva. Ela me odeia com a mesma intensidade.

– Infeliz mulher!

– Acima da crueldade de sua mulher, Demétrio sempre me protegeu. Caso eu pudesse escolher um pai, seria ele, sem dúvida.

Cynara desaba, sentada.

Desconfiada, Sibila quer saber:

– Alguma vez Demétrio a fez sofrer?!... Como imaginar algo assim, se ele é tão bom?

– Não, minha querida, Demétrio jamais me fez sofrer. Ele é a melhor pessoa que conheço!

– Então, por que rejeita a possibilidade de reencontrá-lo?

Cynara toma as mãos da filha e se explica:

– Sibila, o meu passado está enterrado! Quero que ele continue assim! Para que sofrer de novo?

– Sofrer o quê? Não estou lhe pedindo que volte àquela casa, mas que me permita reaproximá-la de Demétrio!

Cynara está profundamente abalada com as intenções da filha.

Sibila pode perceber o quanto ela teme este reencontro, e decide tranquilizá-la:

– Descanse, minha mãe, nada farei que não seja da sua vontade.

Respirando aliviada, Cynara exclama, sorrindo levemente:

– Agradeço-lhe, filha! Deixemos as coisas como estão, sim?

– Hum... Por enquanto! Conversaremos mais depois!

Cynara cala. Conclui, sabiamente, que se Demétrio souber da sua vida, descobrirá as suas atividades cristãs. Ele, como romano,

jamais aceitará a sua nova crença, além de odiá-la por ter envolvido Sibila nos mesmos contextos, sabidamente arriscados. Não, sua vida deve seguir como está, diante das circunstâncias que a envolveram e que ele ignora.

Dirigindo-se às suas habituais tarefas, Sibila pensa nas reações inesperadas de sua mãe... Falará também a Demétrio para sentir até que ponto ele gostaria de revê-la. Não desistirá da intenção de alegrar-lhes os corações... Quando regressa para casa, alimenta-se e busca o repouso. Sofre a ausência de Ben Azir que, à distância, pensa nela com a mesma devoção.

Ele aguarda uma oportunidade favorável para voltar a conversar seriamente com Plínio:

'Há tantos pontos a debater... A esclarecer e a ampliar... As suas alegações são sensatas, claras como água cristalina. Ele possui, como base, a sabedoria antiga, que mantém o pré-estabelecido quando verdadeiro, e aceita as Boas Novas, como presente e futuro, na construção do reinado de Deus na Terra... Sua mente, poderosa, irradia amor e paz. Fiel seguidor de Sócrates, fidelíssimo seguidor de Jesus Cristo!...' Aos poucos, Ben Azir fecha os olhos e adormece, pensando em Sibila, em Plínio, nos seus pais, no amor, na vida e na morte... Ainda roga, pleno de fé: "Deus! Abençoa-nos a todos!..."

*

UM AMOR RECÉM-DESCOBERTO faz parte, hoje, do novo universo de Adriano. Neste momento, elegante, sobraçando presentes ele se dirige à casa de Lídia para ver Sibila.

A boa anfitriã, ainda desinformada quanto a sua notável transformação, recebe-o com frieza. Espera que Sibila o despeça rapidamente. Não gosta dele. Conhece a sua vida dissipada, tolerada por Demétrio de uma forma, para ela, incompreensível.

Interna-se na casa, avisa a moça da visita que a espera, e surpreende-se com o olhar de aprovação de sua querida hóspede. Nada indaga, e se dispõe a prosseguir fazendo aquilo que fazia antes de atendê-lo. Avisada por uma serva da visita do rapaz,

quisera ela mesma recepcioná-lo, curiosa e muito contrariada.

Sibila chega e saúda-o:

– Salve, Adriano!

Ele se levanta, coração aos saltos, encantado pelas cores maravilhosas que surpreende no semblante de Sibila, e no brilho incomparável dos seus olhos.

– Salve, nobre Sibila, como vai? Encontro-me muito bem e saudoso de você!

Ela senta-se ao seu lado, sem comentários.

– Veja, Sibila, trouxe-lhe presentes!

– Agradeço-lhe, Adriano. Depois os verei.

Ele se ressente com o seu desinteresse. Comprou para ela mimos preciosos, escolhidos com muito amor. Conformado, decide aproveitar-lhe a presença.

– Diga-me, Adriano, como está Demétrio?

– Muito bem. Envia-lhe abraços!

– E você, como vai?

Ele sorri e declara, orgulhoso de si mesmo:

– Desta vez, a resposta será diferente, Sibila! Surpreendo-me, a cada momento, com um novo Adriano e até duvido, imagine, que um dia eu possa ter sido tão diferente. Gosto mais de mim hoje!...

– Folgo por você! Assim será feliz, meu amigo!

– Para tanto, dependo de muito mais, Sibila. Esta transformação é apenas uma parte da minha vida. A outra depende da realização dos desejos de minha alma apaixonada...

– Conte-me, que ardo de curiosidade, o que tem feito? – ela indaga, interrompendo-o.

Entendido, ele respira fundo e informa:

– Atualmente, me interesso por coisas que antes pareciam prontas, sem história e sem origem, tendo apenas a função de alegrar os nossos olhos como estetas que somos.

– Estou cada vez mais curiosa!

Adriano sorri exibindo belos dentes. No todo, ele é um belíssimo homem, com o poder de conquistar qualquer mulher.

Sibila pensa nisso e sorri, amiga e carinhosa.

– Ouça, vai gostar de saber: Agora que disponho de mais recursos financeiros e levo uma vida folgada...

Sibila solta um riso cristalino e irreverente.

Adriano pigarreia e completa, algo envergonhado:

– Está bem, sempre vivi uma vida folgada, não é?

Balançando a cabeça, afirmativamente, matreira, ela não precisa responder.

– Mas desta vez, Sibila, tenho os meus próprios meios! Afinal, aprecio demais o luxo e o conforto, que o dinheiro proporciona! O que posso fazer, não é?

Ela continua de olhar risonho, divertida, e ele prossegue:

– Pois bem, os novos recursos me permitem, também, apreciar as diversas culturas e as artes de modo geral, sem economias!

– Ora essa! Você me surpreende! Antes, você usaria todos os meios possíveis e imagináveis para as suas loucuras!

– Nem me lembre disso, Sibila!

– Está bem, mas me conte mais! Parabenizo-o, desde já, pelos novos propósitos!

Adriano parece uma criança feliz, olhos brilhando, sorriso nos lábios, profundamente grato pela aprovação sincera de Sibila.

– Obrigado! Tenho adquirido obras famosas para o meu deleite. Enquanto me informo melhor, sobre este mundo de beleza e harmonia, invisto recursos na arte dos toreutas e dos pintores que, possuindo talento, são baldos de dinheiro. Assim, vejo-os crescer e se realizarem.

Sibila se levanta de chofre. Bate palmas. Entusiasmada, anda pelo salão, visivelmente bem impressionada e comenta:

– Há que se notar sua nova expressão e as suas cores faciais, meu amigo!

O ‘meu amigo’ doeu fundo em Adriano.

– Que os deuses o abençoem! – ela continua.

Adriano silencia. Não acredita em poderes tão distantes.

– Sibila, posso lhe fazer uma pergunta?

– Sim. Caso eu não possa ou não queira responder, você logo saberá.

“Franca e direta, como sempre”– ele pensa.

– Pois bem, vou direto ao ponto: Você reviu aquele judeu que esteve na Quinta de Demétrio?

Sibila fecha os lábios e aperta-os. Com os dedos, mostra-os selados a Adriano, sorrindo. O coração de Adriano se aperta. É um silêncio afirmativo. Sente revolta e ciúme. Disfarçando a sua grande decepção, indaga-lhe como ela está vivendo ali. Ela responde e eles passam horas agradáveis, entre risos e brincadeiras, descontraídos, como sempre fizeram. Acima de tudo, Sibila gosta muito dele.

Ao despedir-se, Adriano conclui que o ‘judeu’ deve estar-lhe próximo, ameaçando-lhe as intenções de conquistá-la para sua vida, agora diferente e digna. Antes de sair, toma-lhe as mãos e mergulha o seu olhar, que mais parece uma luminosa constelação, no dela, enquanto pede:

– Não esqueça os meus sentimentos, com relação à sua pessoa, e menos ainda da promessa que lhe fiz, da prova que lhe darei!

– E, se eu lhe pedir algo que venha a contrariar os seus novos princípios de vida? – ela lança o repto no ar, sorridente e desafiadora.

– Impossível! Os meus novos princípios são iguais aos seus! Você, nobre Sibila, jamais me pediria algo errado! Dou minha cabeça a prêmio!

Ela explode numa risada cristalina, divertida e satisfeita com a resposta de Adriano.

Ele se vai, prometendo voltar em breve.

Sibila recorda que Lídia lhe pediu que a procurasse, assim que Adriano se fosse. Vai encontrá-la a expedir ordens, na nova decoração de um cômodo da casa, no qual trocou alguns móveis.

– Aqui estou, o que deseja de mim?

– Saber, Sibila – ela toma Sibila pela mão, e afasta-se dos demais –, se não seria de bom tom evitar as visitas deste rapaz de má fama. Até onde vai esta amizade?

– Adriano sempre foi meu amigo, Lídia, mesmo nos seus tempos de loucura. Sempre convivemos respeitosamente na casa de Demétrio. Desenvolvemos uma amizade verdadeira que considero sagrada!

– Vamos por partes, filha. Este rapaz modificou-se? As notícias que temos dele são de assustar!

– Graças a Deus, ele se modificou!

– E como isso aconteceu?

– Não sabemos de fato, mas parece que foi por causa da morte de sua mãe, a nobre Berenice.

– Muito bem, mas enquanto você fala de amizade, acho que ele pensa em amor.

– Sim, eu sei.

– Como lida com isso?

– Como sempre fiz: com muito cuidado, sinceridade e respeito.

– Ele aceita a sua forma de proceder?

– Ele não tem outra alternativa. Houve tempo no qual chegava a assustar-me, confesso. Mas, ainda assim, eu sabia como lidar com as suas intenções, torpes, naquele tempo. Acima de tudo, Lídia, nós nos queremos muito bem! Não me pergunte por que, eu não saberia responder. Parece-me que Adriano está ligado ao meu destino e que de alguma forma assim deveria ser.

– Que pacotes foram aqueles que ele trouxe?

– Presentes. Ainda não os vi.

– Vai aceitá-los?

– Sim, como se viessem de um irmão muito querido, caso o tivesse!

– Está certo. Confio na sua prudência, filha.

Sibila lhe dá um sonoro beijo no rosto e se dirige aos seus aposentos.

Lídia imagina quanta falta ela estará fazendo ao seu amigo Demétrio...

*

HATÉRIUS RECEBE O resultado da sindicância sobre os passos de Ben Azir, confirmando que ele e Sibila se encontram, periodicamente. Possesso, ele decide agir. Vai tirá-lo do caminho da moça.

Tem visitado, frequentemente, a casa de Lídia, para ver Sibila.

Lídia teme um confronto entre os dois. Aconselha Sibila a pedir a Ben Azir que se afaste, para evitar complicações, talvez, insuperáveis. Devem se encontrar apenas na comunidade.

Quando recebe Hatérius em sua casa, Lídia fica muito constrangida.

Hatérius é um jovem arrogante, autoritário, e profundamente desagradável. Está sempre mal-humorado. É naturalmente agressivo. Suas ações são rápidas e desrespeitosas, chegando a empurrar, rudemente, as pessoas. Destrata com facilidade e sequer ouve quando lhe desejam falar. É um tribuno odiado por muitos e uma dor constante no coração de seu pai. Ele e sua mãe são, em tudo, semelhantes e cúmplices. Lídia se arrepia, ao imaginar aquilo que devem fazer de comum acordo e em silêncio...

Quando chega à casa de Lídia, Hatérius indaga-lhe invasivo sobre a vida de Sibila. Arbitrário e obstinado, ele vigia a moça. Assim, ele ameaça a segurança de todos.

Sibila o recebe e trata bem, como sempre fez, retribuindo-lhe o carinho e a solicitude de irmão. Algumas vezes, seguindo-lhe os passos, ele a surpreende, como agora:

– O que faz aqui, Sibila? – sua voz, trovejante e áspera, denota-lhe a insegurança e o ciúme.

Surpresa, ela lhe responde, sincera, mas demonstrando contrariedade:

– Analiso alguns objetos que desejo adquirir. Aqui tem belas obras de arte e livros raros. E você, o que faz aqui? Coincidência? – ela indaga irônica.

– Não! Folgo em revê-la, mas, a bem da verdade, eu a segui!

– Pois fez muito mal, Hatérius! Não me sinto bem com quem quer que seja nos meus calcanhares!

Ele se aproxima mais e responde, incisivo:

– Vá se acostumando. Decidi tomar conta daquilo que mais quero!

Agredida diante de revelação tão ousada, quanto perigosa, Sibila sente uma súbita vertigem.

– O que houve, Sibila? – ele acorre.

Controlando-se, ela pensa em Ben Azir. Hatérius decidiu começar uma guerra e não se deterá, diante de nada, nem de ninguém.

– Nada de mais, deve ser a exposição demasiada ao sol!

– Cuide-se bem! Sua segurança é vital para mim!

Sobraçando alguns pacotes, ela ensaia deixá-lo, mas ele intervém. Toma o seu braço e ordena:

– Venha!

– Para onde, Hatérius?

– Para o meu carro. Eu a levarei para casa.

Escorregando da sua mão poderosa, ela se nega a segui-lo:

– Agradeço-lhe, mas declino do seu convite. Retornarei na liteira de Lídia que me aguarda ali, veja!

– Você não entendeu, minha cara! Isto não é um convite, é uma ordem!

– E desde quando você me dá ordens, Hatérius? – Sibila está encolerizada. Seus olhos brilham, e suas faces ficam mais coradas.

– Você irá comigo, queira ou não, Sibila. Decidi cuidar de você e o farei, mesmo contra a sua vontade! – ele despacha a liteira com um gesto e torna a Sibila. Esta, paralisada, não sabe o que fazer, diante de tanta arrogância. Rude, segurando-a de novo pelo braço, ele a arrasta para a sua luxuosa biga romana.

Sibila percebe que será inútil reagir.

Antes de subir ao veículo, indaga magoada:

– Por que age assim, Hatérius? Perdeu o senso da realidade? Esquece como sou e o que represento na sua vida?

Soltando uma sonora gargalhada, ele retruca, olhos nos olhos:

– Jamais esqueceria aquilo que você representa na minha vida, Sibila! – enquanto fala, suspende-a pela cintura e a coloca de pé, à frente do veículo, bem protegida.

Indignada e silenciosa, Sibila chora. As lágrimas caem sobre sua bela túnica.

Em adoração, Hatérius fita-lhe o semblante expressivo e lavado de pranto. Lamenta magoá-la. Com ela, todavia, não tem alternativa. Ela se obstina em considerá-lo seu irmão, e se furta ao amor que ele lhe oferece. Desistiu de esperar. Ela se submeterá a ele, de uma forma ou de outra, e deve conscientizar-se disso...

Aqueles que passam, observam, intrigados. Hatérius é pessoa pública, amplamente conhecida e respeitada, e Sibila exibe, sem rebuços, sua revolta. Ele percebe o escândalo que causa, mas se rejubila. Quer ser visto com ela, cada vez mais. Isto calará muitas bocas, e avisará a outros que possam ter intenções iguais às suas...

Sibila roga aos céus a força de que precisa para não revidar. Logo estará em casa...

Ele põe a sua mão sobre a dela. Sua pele, ardente, queima. Sibila se sente muito mal. Soltando-a e indicando-lhe que deve segurar-se bem, ele toma as rédeas e parte a toda brida, incitando a parelha de fogosos cavalos. Passa veloz por outros veículos, pessoas, vendedores, mulheres com seus cestos de compras, crianças... Todos fogem, antes de serem pisoteados.

Profundamente humilhada, Sibila chora mais. É um escudo humano, na ação perigosa e imprudente de Hatérius. Teme uma iminente tragédia.

Quando chegam, respira, aliviada.

Ele retesa as rédeas e estanca os animais. Desce e toma-a nos braços, para fazê-la descer.

Os olhos de Sibila o fuzilam.

Antes de pô-la no chão, ele avisa:

– Estarei sempre por perto! – no tom das suas palavras, a ameaça.

Ela se solta, brusca, e corre para as escadas. Sobe-as sem olhar para trás, e adentra a luxuosa residência de Lídia.

Diante da casa, olhar inflamado, Hatérius observou-a até que ela desapareceu. Enquanto sobe, de novo, no veículo, resmunga, impositivo:

– Você conhecerá a força do meu amor, Sibila! Você nunca será de outro! Nem ao próprio César eu a concederia! Por você, posso matar ou morrer! – em seguida, parte tão veloz quanto chegou e desaparece nas esquinas adjacentes, assustando e criando pânico à sua passagem. Isto o diverte...

Vendo Sibila chegar, Lídia vai ao seu encontro e se surpreende com suas lágrimas e seu descontrole nervoso. Aflita, indaga:

– O que houve, filha? Parece tão transtornada!

– E estou!

– Poderia contar-me o que sucedeu?

Abraçando-a, Sibila se esforça para falar em meio aos soluços:

– Hatérius... tratou-me muito mal! Obrigou-me a acompanhá-lo no percurso até aqui, na sua biga... Ele parece ter enlouquecido de vez!...

– Onde o encontrou?

– No centro comercial, onde eu fazia algumas compras.

Em seguida, ela narra com detalhes o comportamento impositivo

de Hatérius e tudo que ele lhe dissera.

Enquanto ouve, Lídia recorda alguns dias atrás:

“Hatérius chegara de surpresa a procurar por Sibila. Não encontrando a moça, falou de forma muito esquisita, e nas suas palavras, a intenção de intimidá-la:

– Por que Sibila sai tantas vezes?

– Ela tem muitos interesses!

– Você os conhece e aprova-os?

– Sem dúvida! Sibila é muito honesta em tudo que faz.

– Diga-me, como está Severus Apolônius? Satisfeito com a sua jurisdição?

Lídia estremeceu. Hatérius jamais fizera pergunta semelhante. Nunca se interessou, mais de perto, pela atuação de seu marido no seu setor de trabalho...

– Ele está muito bem! – respondera de pronto, muito incomodada.

Num olhar percuciente, direto e inquisidor, ele completou, avisando:

– Pois avise que estive aqui, e que brevemente lhe pedirei contas das suas atribuições! Diga-lhe que estou atento a tudo que ele faz e... a tudo o que ‘deixa de fazer’!

– Sim, Hatérius, eu lhe direi... – respondera, atinando, desgraçadamente, com as suas intenções coercitivas.

Dito isso, Hatérius saiu, sombrio, e sem despedir-se.”

Este rapaz, tão violento, está farejando aquilo que tão bem persegue: as suas vítimas!... – Lídia conclui, aterrorizada.

Cuidadosa, avisa à Sibila:

– Minha cara menina, tenha paciência e cuidado com este tribuno!

– Terei, Lídia, terei, mas não sei se adiantará...

– Tem razão. E quanto a Ben Azir? Devemos protegê-lo. Hatérius parece bem informado a respeito das nossas vidas!

Sibila leva a mão à boca e emite um grito abafado:

– Estamos perdidos!

– Queira Deus que não, filha. Confiemos!

– Sim, é o que nos resta! – enxugando o pranto, ela se interna na casa, na direção dos seus aposentos. Precisa pensar...

Lídia já avisou ao marido sobre a ameaça velada de Hatérius.

Estancando a biga diante de casa, Hatérius salta e a entrega ao seu servo. Este, parecendo adivinhar-lhe a chegada, já o aguardava, próximo à entrada. Ele conhece a fúria de Hatérius, quando contrariado. Como um animal domesticado, ele teme o chicote do seu dono.

Hatérius galga os degraus, saltando-os de dois em dois, e de três em três. Dirige-se ao interior da casa, com alguma intenção.

No salão, depara-se com o pai e Adriano. Para diante dos dois e avisa:

– Adriano, desejo falar-lhe! – em seguida, dirige-se ao seu gabinete. Ali se senta e aguarda.

Trocando olhares significativos com Demétrio, Adriano decide atendê-lo. Despedindo-se, segue na direção do gabinete de Hatérius.

Pressente aquilo que vai ouvir. Dos olhares de ódio e ameaça, este tribuno passará à coação, sem dúvida. Para na entrada.

Com um aceno de mão, Hatérius ordena-lhe que entre, enquanto indica-lhe um assento próximo.

Em silêncio, Adriano se senta e aguarda-lhe o pronunciamento.

Fitando-o com algum desprezo, demonstrando impaciência e contrariedade, Hatérius começa:

– Fui à casa de Lídia e soube que você esteve lá. Vou indagar, mas já sei a resposta: O que foi fazer lá?

– Se já sabe, por que me aborrece com esta preleção, inútil, Hatérius?

– Apenas por formalidade!

– Ah, força do hábito! Faz parte do seu condicionamento de

tribuno! – Adriano ensaia um riso de deboche, deixando Hatérius muito alterado.

Tentando controlar-se, ele ordena:

– Pois não deve mais ir à casa de Lídia!

– Por quê? – Adriano indaga sem muito interesse.

– Se bem não lhe deva satisfações, eu vou dizer: Porque não quero que se aproxime de Sibila!

– Repito a pergunta: Por quê?

Incomodado com a insistência de Adriano, ele responde, autoritário:

– Porque se meu pai não cuida bem dela, a ponto de deixá-la ir para uma casa estranha, cuido eu!

– E onde eu entro nessa patente e declarada dedicação filial?

Hatérius abomina a forma de Adriano enfrentá-lo. Sempre fora assim. Ele, mais que ninguém, se julga com direitos maiores que os outros agregados. Culpa o pai, neste sentido. Respira ruidoso e responde:

– Não gosto do interesse que demonstra por Sibila!

Adriano solta uma estrondosa gargalhada, que o enfurece ainda mais. Depois, fitando-o de maneira significativa, reage:

– Sibila o investiu na qualidade de seu defensor oficial, ou a vida particular da nossa amiga está inserida nas suas atribuições, junto à César? – na voz de Adriano, uma ironia eivada de deboche.

Com um olhar carregado de ódio, Hatérius lhe responde:

– Eu mesmo decidi tomá-la sob a minha proteção! Como sabe, não dependo da vontade de ninguém!

– Ah! O poderoso tribuno Hatérius! Tem razão, eu quase me esqueci, que você lança os seus tentáculos nas mais variadas direções! Diga-me, ela sabe desta sua decisão, e aprova?

– Digamos que ela já ‘entendeu’ a minha intenção! Sensata, como é, sabe que não pode, nem deve reagir!

– Todos sabem, Hatérius, o quanto você é ‘convincente’! Mas apesar de tudo que está dizendo, ou daquilo que pretende, continuarei a vê-la, quantas vezes eu quiser! Desista de me pressionar, ‘tribuno’!

Hatérius se levanta com violência e explode:

– Não, enquanto morar na minha casa! Esquece o poder que represento, aqui e lá fora?!...

– Pois bem! Sairei da sua casa! Nunca reconheci sua autoridade e não será agora que começarei a fazê-lo, há de convir! – Adriano levanta-se, desafiador.

Ambos estão bastante exaltados.

– Enfrentará, imprudente, o meu inquestionável poder de tribuno romano, Adriano?

– Sim! Pode contar com isso! Não temo e nunca temi a sua empáfia!

– Já mediu os riscos que correm aqueles que me desautorizam? Mesmo saindo daqui, continuará submetido ao meu poder!

Adriano, mais uma vez sorri, irônico:

– Você extrapola os limites do inverossímil, Hatérius! Penso mesmo que há muito ultrapassou a tênue fronteira entre a sanidade e a loucura!

– Você me ofende e desconsidera, sempre! Contudo, minha maneira de ser faz de mim o que sou, e de você aquilo que ‘nunca foi’!

– Depende do seu ângulo de visão! Faça o que fizer, eu sei que Sibila foge de você, apesar de considerá-lo seu irmão. A mim, todavia, ela premia com uma afeição sincera e valiosa!

– Pois deve afastar-se dela! Use os recursos que recebeu, recentemente, de seu pai, homem de honra e fidelidade duvidosas, que enfim, como você sempre desejou, não pode mais controlar as suas ações perdulárias, e saia de vez da minha casa!

– Jamais estive na sua casa, e sim na casa de Demétrio, Hatérius!

Tomara você entendesse a honra e a fidelidade de meu pai, à verdadeira realidade da vida, naquilo que ela tem de melhor! Não posso esperar que você o respeite, já que eu mesmo fui desrespeitoso e ingrato, até perdê-lo. Hoje, entendendo-lhe as razões, e os veros objetivos, cultuarei a sua memória, para sempre!...

Iracundo e impaciente, Hatérius quer encerrar a conversa que o desagrada sobremaneiramente.

– Faça o que quiser, mas saia daqui e aloje-se bem longe da minha vista! Ouça bem: Estarei atento. Aconselho-o a não me enfrentar, Adriano. Será inútil e temerário. Pessoas como você são mal vistas por Roma. Sequer um soldado você conseguiu ser, apesar da mordomia que desfrutou durante tantos anos, na patente proteção de meu pai, que sempre fez vistas grossas, quanto ao seu pouco ou nenhum valor! – Hatérius bate com estrondo na mesa que tem à sua frente, repleta de papéis. Seu selo-postal salta com a pancada brusca e cai aos pés de Adriano.

Antes de sair, Adriano ainda responde, finalizando um diálogo tão inútil quanto perigoso:

– Nada mais tenho a dizer-lhe, Hatérius. Seria falar a uma porta ou a um animal irracional! Como um touro, de olhos fechados, você investe contra tudo e contra todos, sem sensibilidade e sem respeito! Há muito nos conhecemos e nunca nos entendemos! Pois, assim continuará sendo, naquilo que depender de mim! – avermelhado, até a raiz dos cabelos, pela ira, Adriano se levanta e sai da sala.

Dirige-se aos seus aposentos e ali, intempestivo, se prepara para deixar a casa de Demétrio.

Este, chega e o surpreende:

– Adriano, o que faz? O que Hatérius queria com você?

Parando, Adriano respira fundo, olha para Demétrio, apiedado, e lhe responde:

– Desculpe-me, meu grande amigo, mas estou saindo da sua casa!

– Reconsidere, Adriano! Por que age assim?

– Hatérius quer me proibir de ver Sibila e expulsou-me daqui!

Demétrio estremece. O filho está dando vazão aos seus instintos, e decidiu investir na sua paixão por Sibila. Ele quer livrar-se da presença de Adriano, ao qual Sibila dedica uma bela amizade.

– Deuses!... – ele exclama, vacilando sobre os próprios pés.

– O que tem, Demétrio? – Adriano se adianta para sustentá-lo e sentá-lo num banco próximo.

Controlando-se, ele se desculpa:

– Desculpe-me! Já estou melhor! Por que Hatérius age assim? De onde lhe vem tanta maldade?

Adriano se cala. Hatérius é em tudo parecido com a mãe, a cruel Minerva.

– O que pretende fazer quanto à Sibila, Adriano?

– Continuar a vê-la, naturalmente!

– Cuidado, meu filho! Faça de tal forma que Hatérius não venha a saber!

– Isto é praticamente impossível, meu amigo. Ele se diz protetor de Sibila e, como tal, pretende conduzi-la a seu bel prazer!

– Lamento tanto... Por ela, por você... Tenho em você um filho muito querido, Adriano. Mormente agora, com a ausência de Sibila...

– Eu também lamento muito mas, diante de tudo que ouvi, não posso mais permanecer aqui.

– Para onde vai?

– Arranjarei outro lugar... Não tão bom quanto este, que me viu crescer e amadurecer, sob o sol da sua proteção e a luz dos seus exemplos, mas será sempre um lugar ao qual poderei dignificar com o meu novo comportamento, além de deixá-lo à sua disposição, meu queridíssimo amigo.

– Agradeço-lhe, filho. Quando tiver o novo endereço me informe, sim?

– Certamente...

Abraçam-se, emocionados e silenciosos.

Demétrio se vai a passos lentos. Não falará a Hatérius. No momento, não tem condições. Nos seus aposentos, decide:

“Devo, urgentemente, fazer aquilo que a minha consciência ordena!...”

Dia seguinte, amanhece doente. Passa vários dias entre a vida e a morte. Seu coração cansado se ressente de tantos embates.

Informada, Sibila se faz presente e vela à sua cabeceira por longos dias, amorosa.

Antes disso, deixou com Semíramis uma tarefa difícil e urgente: avisar Ben Azir que ela não se encontra na casa de Lídia, que Demétrio está doente, e que um perigo, mortal, ronda a todos.

Semíramis, a muito custo, velada e durante a noite, alcança um informante de Ben Azir e lhe dá o recado.

O mensageiro parte a toda brida para cumprir a sua obrigação.

Ben Azir torna-se taciturno ao receber a mensagem, mas atende ao imperativo do momento; aguardará.

Hatérius intensifica as suas sindicâncias a respeito do marido e irmãos de Lídia. Os resultados não o surpreendem. Agora os tem em suas mãos. Desconfiado das saídas de Sibila, ele descobre, passo a passo, as suas atividades e a sua nova crença; decide que a transformará, aos poucos, como a argila nas mãos do oleiro, ou como o mármore sob os golpes do buril do escultor. Ela será sua, queira ou não.

Nesse ínterim, recebe ordens e parte, incontinenti, para o Oriente, outra vez. Uma vez ali, confirma o poder romano, modifica aquilo que não está de acordo e, a golpes de leis, sacramenta a vontade de César.

Revive, ardentemente, as paixões que deixara e se embriaga nos prazeres fáceis, com mulheres que se lhe entregam, felizes por tê-lo nos braços; afinal, ele é figura proeminente na Roma poderosa e tirana!

Quando regressar, decidirá a sorte de Ben Azir.

Durante este período, Demétrio se restabelece e Sibila retorna para a casa de Lídia.

Alguns dias depois, Demétrio vai à sua procura e não a encontra.

Lídia lamenta o seu abatimento físico e promete:

– Caro amigo, assim que ela chegar direi que deseja falar-lhe.

Alquebrado, Demétrio se vai. Lídia pressente-lhe tormentos íntimos.

*

Na comunidade cristã, Sibila avisa a mãe:

– Demétrio esteve muito doente e quase morreu!

Cynara estremece. Disfarçando aquilo que sente, indaga:

– Como foi isso, filha?

Sibila observou-lhe a ansiedade.

– O coração deste querido amigo, mamãe, já não suporta tantos embates! Estive ao seu lado por semanas a fio, zelando por ele. Felizmente ele se restabeleceu!

– Graças a Deus!

– Ouça, minha mãe; mais que nunca, eu gostaria de criar-lhes uma situação favorável para um reencontro.

– Por que insiste nisso, filha? – na voz de Cynara, mais uma vez, a insegurança.

– Não sei ao certo, mamãe... Algo, muito maior, me move... 'Meu tempo' parece encurtar a cada novo dia... – Sibila, olhos abertos, parece distante...

Cynara se arrepia.

Respirando fundo, ela informa:

– Faremos isso na casa de Lídia! Tomara, neste dia, Hatérius não apareça por lá!

Cynara decide não contrariá-la mais, e consente, apesar do enorme constrangimento que este reencontro lhe trará:

– Está bem, Sibila! Farei o que deseja e confiarei, acima de tudo, em Deus!

Sibila a abraça fortemente e se alegra:

– Ótimo! Brevemente, eu sinto, este reencontro se dará!

– Que os céus nos ajude! – Cynara exclama.

Sibila entende os seus escrúpulos. Após tanto tempo sem dar notícias, aparecer viva! Demétrio, de certa forma, ficará ofendido.

Já em casa, Sibila conta a Lídia a possibilidade de reunir sua mãe e Demétrio.

Sibila vai até Semíramis e lhe pergunta:

– Então, falou ao informante de Ben Azir?

– Sim. Por certo ele aguarda novas informações.

– Quando eu puder farei isso...

Admirando os pássaros, nas suas gaiolas douradas, de belas plumagens, que voejam e se expressam nos seus cantos ou ruídos característicos, Sibila sussurra:

– Meus queridos, somos tão parecidos! Assim como vocês, sou prisioneira de vontades arbitrárias e poderosas... Anseio por liberdade! Quero ser eu mesma, fazer aquilo que desejo, a qualquer hora!...

Ela se aproxima mais, alimenta as aves, brinca com elas e, desanimada, conclui:

– Só a morte nos libertará, criaturinhas de Deus, eu sei...

Sente saudades cruciantes de Ben Azir e teme a selvageria de Hatérius... Uma vez nos seus aposentos, apanha os livros, raríssimos, que adquiriu recentemente, e se atira à leitura , ávida e interessada. As horas se passam, e ela se prepara para acompanhar Semíramis, às catacumbas da Via Nomentana.

Uma vez ali, entre cânticos e círios acesos, ela ouve, deslumbrada, a sabedoria daqueles que preservam e divulgam a mensagem de Jesus de Nazaré. Lágrimas de emoção lavam-lhe o belíssimo rosto.

Ela sabe comparar os ensinamentos que recebeu através da

Mitologia greco-romana, e aqueles que recentemente aprendeu, com sua mãe e com Plínio. A diferença de princípios e de valores éticos é gritante.

Regressa com Semíramis, feliz e fortalecida na sua nova fé.

Caminhando pela escuridão das ruas, elas se dirigem para casa, gratas aos céus, pela bem-aventurança de comparecerem àquelas reuniões secretas. Não viram, porém, dois pares de olhos, sinistros, a observá-las, durante todo o percurso...

Adormecendo, embalada ainda pelas palavras dos pregadores cristãos, Sibila decide rever Ben Azir.

Dia seguinte, Semíramis vai até uma hospedaria romana e ali fala ao informante do rapaz, encarregado da conexão entre ele e Sibila.

Sacrifícios...

Na comunidade cristã, Sibila informa Ben Azir sobre a imposição de Hatérius e a sua presença, arbitrária e ameaçadora, na casa de Lídia.

Ciumento e enfurecido, ele demonstra intenção de reagir, mas Sibila adverte:

– Cuidado, Ben Azir! Hatérius é autoridade inquestionável na casa de Demétrio, e poder legal junto a César!

– Não o temo, Sibila! Difícil conter-me quando anseio por enfrentá-lo! Sinto ganas disso!

Tocando-lhe os lábios com os seus dedos, delicada, ela insiste:

– Você não sabe o que diz e não conhece Hatérius! Ele vai tirar você do caminho sem precisar mover um dedo!

Impaciente, Ben Azir exclama:

– O que espera que eu faça? Que desista de você?!...

– Naturalmente, não! Todavia, não se atire de peito aberto, porque contra Hatérius não existem defesas!

Ben Azir se cala. Sibila tem razão. Ela, mais que ninguém, corre sérios riscos.

Desistem de falar a respeito e abraçados se incorporam às diversas atividades, mais importantes que qualquer problema particular.

Ben Azir requisita e consegue outra entrevista com Plínio.

Horas depois, o ancião o vê entrar.

– Salve, nobre Plínio, posso falar-lhe? – Ben Azir saúda-o, respeitoso e amável.

– Certamente, meu jovem! Afinal, não esgotamos, ainda, o assunto em questão.

– Pretendo retomá-lo, se me permite!

– Naturalmente!

Ben Azir senta-se, mais uma vez, no mesmo banco.

– Muito bem! Falemos, então, de leis, justiça, lutas, direitos e deveres! Quem começa, eu ou você?

– Posso fazê-lo? – Ben Azir indaga ansioso.

– Fique à vontade!

– Eu lhe disse que sigo as leis de Moisés, muito anteriores as do seu Cristo Jesus que tão bem defende.

– Ele não precisa de defesas, Ben Azir.

– Que seja! Você declarou que a sua sublime mensagem fala por si mesma.

– Sim. Moisés fez a sua parte e Jesus veio depois, completar e corrigir aquilo que não veio de Deus, que foi elaborado pelo próprio Moisés, na sua sublime intenção de regenerar o seu povo.

Subitamente, o coração de Ben Azir se aperta. Ele fita Plínio, tomado de emoção, e se levanta. Encaminha-se para a janela e ali se debruça. Admira a policromia das flores e os arbustos virentes. Respira a haustos, beneficiando-se do ar rarefeito e perfumado.

Sincero e espontâneo, volta a aproximar-se de Plínio e esclarece:

– Venerável Plínio, senti um aperto no coração! Pressinto que não nos veremos mais!...

Respeitando-lhe a poderosa intuição, Plínio balança afirmativamente a cabeça.

Muito intrigado, Ben Azir suspeita:

“Plínio estará se despedindo?...”

Apiedado, respira fundo e retoma a palavra:

– Você, Plínio, criticou a minha maneira de viver, lembra?

– Sim!

– Isso me incomodou demais! Se tudo aquilo que eu faço tem objetivos maiores, que beneficiam aqueles que, por si mesmos, jamais se defenderiam, onde os meus erros? Disse-me, também, que a minha vida de nada valia. Quanto a isso, concordo! Temerário, eu desafio a morte todos os dias!... Acredite, Plínio, não é fácil viver assim!... Este viver agressivo e inseguro nunca me incomodou tanto quanto agora. Os meus pais, que sempre me apoiaram, estão fragilizados. Sonham, têm pressentimentos...

(Plínio compreende e sofre, antecipadamente, por eles...)

Em minha última reunião, no grupo de revoltosos, em meio aos planos, ideias e ideais, eu não consegui, por mais me esforçasse, corresponder às expectativas dos meus companheiros de luta.

Depois da nossa última entrevista, caríssimo Plínio, eu seria um cego que não quer ver, se negasse as modificações que estão chegando e cobrando-me pensamentos diferentes e atitudes mais comedidas, mais pacíficas... Como pode ser isso? Não sou influenciável, nunca fui!... – Ben Azir se cala... À sua frente, uma encruzilhada...

Sob o olhar e a influência poderosa desta venerável personalidade, sua alma se expõe, toda, sem rebuços.

Erguendo-se, Ben Azir caminha, a esmo, algo distanciado.

Nesse momento, sente uma grande dor e um grande alívio...

Compassivo, Plínio observa-lhe a inquietação e lhe fala:

– Sua vida, Ben Azir, está tomando outra direção. Morre o ‘homem velho’ para nascer o ‘homem novo’! Isso, meu caro, é, de fato, progresso! A evolução se faz, paulatina e fatalmente! As nossas imperfeições são transitórias, porque nossa alma milenar, aos poucos, vai sendo lapidada, como um diamante bruto.

Você, Ben Azir, é um Espírito comprometido com as verdades dos céus. Há muito, você percorre as veredas da sabedoria e do amor!

O Cristo de Deus, que você começa a conhecer, é o presente e o

futuro da Humanidade!

Ben Azir está sem palavras. Compara a sua vida e a vida dos cristãos... Não há como negar, eles vivem bem com o mundo, com eles mesmos, e com Deus... Respira fundo e indaga:

– Diga-me, Plínio: o que fazer diante de tanto mal espalhado? O que fazer diante da injustiça protegida e da corrupção que faz morada até nos templos de Deus?

Compreensivo, Plínio esclarece:

– Sermos melhores, a cada dia, para melhorar o mundo! Fugir daqueles que, enquanto apregoam o Bem, exercitam o Mal!

– Que seria do mundo se todos pensassem e agissem como esta comunidade?

– Progrediria mais depressa e teríamos, enfim, um mundo melhor para todos!

– Plínio, Plínio! – Ben Azir, exaltado, levanta-se, de novo – Você é um sonhador! Em pouco tempo aqueles que têm bondade no coração e boas intenções seriam destruídos e no mundo só restariam lobos! Vocês mesmos, aqui, já pensaram até quando sobreviverão?

Os sofredores encontram aqui bálsamo, amparo, cura, fraternidade, enfim, tudo aquilo de que precisam. Esta comunidade segue os exemplos daquele que morreu execrado numa cruz ignominiosa, entre ladrões, perdoando, quando deveria dar o exemplo de luta em defesa de si mesmo e dos seus ideais! Que Deus é este, que dizendo não apreciar holocaustos, oferece o próprio filho para ser sacrificado como um cordeiro? Como aceitar uma filosofia de vida que ensina a submissão e o perdão, frente ao inimigo? Ele não deveria, acima de tudo, livrar o seu filho da flagelação e da morte?

O ancião assiste, reverente, a luta íntima de Ben Azir. Mergulhado no mar da vida, ele se debate, grita e se desespera, porque duvida...

A Plínio, Ben Azir se assemelha a Saulo de Tarso, intimorato, radical, honesto e corajoso nos seus valores existenciais...

Emocionalmente esgotado, Ben Azir volta a sentar-se. Seu olhar, porém, busca lá fora, na direção do jardim, a calma de que precisa...

Aguardando-lhe melhores condições, Plínio silencia. Enfim, responde-lhe:

– Jesus, espírito puro, livre para ser e fazer aquilo que deseja, decidiu assim! Essa era a sua proposta. Para isso ele veio. Nosso Criador nos concede liberdade, porque tudo aquilo que fizermos se somará aos nossos méritos ou deméritos! Somos o resultado de nós mesmos! Jesus teria poder, e disso ninguém duvida, se quisesse, para livrar-se do amargo cálice que sorveu até a última gota; mas ele veio para exemplificar como devem viver os filhos de Deus, todos irmãos em Humanidade! Doando-se, como fez, ficou conosco para sempre! Nunca antes, nem depois, a Terra viu, e jamais verá, algo parecido, meu caro jovem! – Plínio, cansado, faz uma pausa, e Ben Azir respeita.

Não fosse a estranha pressa que sente, ele deixaria o ancião descansar e aguardaria outra ocasião para prosseguir no diálogo mais importante da sua vida... Sai a caminhar pelo jardim, ensimesmado. O ar puro e o perfume das flores lhe faz muito bem... Pressente que nunca mais verá estes sítios... Seu coração se aperta, dorido...

Após alguns minutos, olha pela janela e surpreende Plínio a esperá-lo, paciente. Regressa ao mesmo lugar e aguarda-lhe as preciosas considerações.

Feição iluminada, Plínio recomeça:

– Momentos grandiosos e incomparáveis, Ben Azir, aqueles nos quais ele viveu entre nós! O ar da Terra tornou-se mais puro, o sol mais brilhante, os astros mais luminosos, a Natureza mais bela, mais exuberante! Todas as formas de vida sentiam a sua presença!

Os corações dos homens passaram a bater num ritmo novo, de esperança e emotividade! Ele cumpria uma promessa feita a nós, há muito, muito tempo; esquecida ou camuflada no âmago das nossas almas, ainda endurecidas e invigilantes!

Em nos amando, acima de tudo, numa abnegação sem limites,

antes que o sacrificássemos, ele já sabia que seria assim; todavia, submeteu-se e percorreu os caminhos dolorosos que o levaram até o Gólgota, sem queixas, sem revides, sem acusações!

Puro, ele trilhou os duros caminhos da Terra, sem ter onde recostar a cabeça! Estava em sua casa e nada lhe pertencia; estava entre os seus e não era amado! Somente ele poderia ter feito o que fez!...

Plínio respira fundo. A sua emoção, ao falar em Jesus, é visível.

Seus olhos brilham intensamente, e ele parece envolvido numa estranha luz.

Reverente a tanto amor e sabedoria, Ben Azir ouve-o, admirado.

Plínio se torna abstraído. Fecha os olhos e se interioriza.

Quando volta a falar, declara:

– Quando soar a nossa hora, quando tivermos de regar esta vinha de Deus, com o nosso sangue, nós o faremos, entre cânticos de louvores e gratos pela oportunidade do testemunho!

– Serão mais úteis vivos! – Ben Azir exclama.

– Não faremos falta, Ben Azir! Outros virão no nosso rastro!

– Oh, Plínio, como podem? Vocês se dão conta, verdadeiramente, dos suplícios aos quais serão levados, em nome de Jesus?

– Sim! Eu sou um sobrevivente deles, lembra? Nós nos entregaremos, de peito aberto, Ben Azir. Como ele fez!

Ben Azir está consternado:

– Oh, meu amigo... Você já viveu tanto, já fez tanto bem... Continua fazendo, àqueles que lhe atravessam o caminho! É roteiro seguro para aqueles que se lhe aproximam, para que o sacrifício? Vaidade cristã?!...

Sorrindo, levemente, Plínio finaliza:

– Não, meu amigo, não é a vaidade que nos move e sim um novo entendimento, uma nova proposta de vida: a de não-violência, de fidelidade ao bem e ao amor. Esse comportamento, que à maioria, parece fraqueza, é, em verdade, o exemplo que nos cabe dar ao mundo que parece caminhar para um terrível abismo... Um dia, Ben

Azir, nós seremos compreendidos... Posso ver, desde agora, esse tempo... Meu coração bate forte e anseia por ele...

As têmporas de Ben Azir latejam. Plínio é imbatível nas suas teses. Dos seus lábios fluem verdades incontestes e claridades sem limites...

Aproxima-se da janela. Pensa na harmonia e na beleza que ali existem e que um dia serão destruídas... Como se conformar? Como Plínio pode esperar isso dele?...

Vislumbra Sibila que segue ao lado dos companheiros para o pavilhão dos doentes e não pode evitar uma terrível conclusão:

“Um dia, meu amor, você também será sacrificada!...

Sente o coração doer, sofre por antecipação... Deplora o quadro que o futuro lhe oferece... Sofrerão ambos, sem defesas...

Atento e perspicaz, Plínio declara:

– Meu amigo, você está se debatendo como um peixe fora d’água!

Apesar das suas defesas e alegações, as ideias redentoras de Jesus Cristo encontram eco no seu coração! Não lute contra elas!

Ben Azir já percebeu que debater com Plínio, este arauto de Deus, é humanamente impossível...

Em Ben Azir tudo vibra, intenso. Parece-lhe que até mesmo os seus poros espirituais estão se abrindo mais e absorvendo a sabedoria e a emoção deste venerável ancião.

– Ben Azir, aquela que reencontrou e ama será uma digna representante do Divino Cordeiro!

Arrepiando-se, Ben Azir responde, muito contrariado:

– Aquilo que louva e justifica, Plínio, para mim representa uma desgraça! Como me conformar com isso? Separar-me dela?!...

– Se nessa vida os seus caminhos tomarem rumos diferentes, futuramente voltarão a se encontrar.

– Fala da filosofia das múltiplas existências?

– Sim! Este é um ponto importante nas teses de Sócrates.

Fitando Plínio, com muito respeito, admiração e afeto, Ben Azir conclui:

– Haja o que houver, venerável amigo, eu estarei alimentando no meu coração esta amizade valiosa que descobri aqui, e refletindo, cada vez mais, sobre os seus justos quanto elevados ensinos.

Em nome do seu Divino Crucificado, garanto-lhe que farei sempre o melhor, na fidelidade aos meus anseios e à minha verdade.

Meu amigo e mestre, esta será, sem dúvida, uma despedida definitiva.

Os olhos de Plínio se enchem de lágrimas e Ben Azir continua:

– Ultimamente, à minha volta, tudo parece modificar-se... Desde que conheci Sibila, não sou mais o mesmo... Somando-se a isto, a preciosa oportunidade de conhecê-lo, também, e me beneficiar da sua sabedoria; aprendendo ou recordando, como disse.

Grato por tudo! Que Deus o guarde e ilumine sempre!

– Jesus nos disse, meu amigo: “Conhecerás a Verdade e ela vos libertará!...”

– A verdade de Jesus Cristo que, para nós é apenas um profeta de Deus, como muitos outros, pode não ser a minha, Plínio!

– A verdade de Jesus, Ben Azir, é a Verdade de Deus! Somos de Deus e somos deuses! Num futuro distante faremos tudo que Jesus fez e muito mais! O poder espiritual é a nossa grande herança e, nesta, a nossa certeza de um futuro glorioso!

Plínio está extático. Ben Azir surpreende-lhe uma aura luminosa ao redor do corpo, mais forte ao redor de sua cabeça.

Pleno de gratidão, aproxima-se, dobra um dos joelhos, toma-lhe as venerandas mãos e beija-as:

– Descobri no caro amigo um afeto que atravessará o tempo, pois que se instalou, definitivamente, em minh’alma! Peça ao seu Jesus por mim, por Sibila...

Suspendendo-o, amoroso, Plínio mal consegue disfarçar a intensa emoção:

– Já o faço, meu filho, todos os dias. Seja feliz, haja o que houver! Que Deus abençoe e proteja este amor que tão bem dignifica! Vá em paz! Um dia nos veremos! Não da forma que imagina, mas da forma que Deus permitir!...

Profundamente emocionado, fixando na retina a imagem do ancião, solene e lentamente Ben Azir se dirige para a saída.

Do lado de fora, respira fundo, fita o céu e admira, uma vez mais, o pequeno jardim florido. Sente os seus agradáveis perfumes e vai à procura de Sibila.

A caminho, se depara com Asclépio. Este já voltou a andar e persegue alguns carneirinhos, tentando alcançá-los, enquanto solta risadas cristalinas. Ben Azir admira-lhe as faces coradas e a agilidade. Suas feridas, cicatrizadas, são, agora, quase invisíveis.

No ar os diversos odores: das flores, dos animais, das oficinas, do sabão caseiro das lavadeiras que lavam as roupas, no rio, cantando... Com o coração apertado, pergunta aos céus: “Até quando?!...”

Divisa Sibila. Dirige-se a ela e juntos sobem ao outeiro.

– Sibila, já falei aos meus pais a seu respeito. Gostaria que nos casássemos o mais breve possível. Pense nisto. Diante das extremas dificuldades que enfrentamos, até mesmo para nos vermos, precisamos realizar nosso amor, antes que algo nos impeça.

– Mas... Você ainda não me pediu em casamento! – ela declara, divertida. No fundo da alma, porém, a impressão de que jamais realizarão essa vontade...

– É verdade! Que desastrado sou! – ele responde, enquanto se ajoelha, meio teatral, meio brincando, e ao mesmo tempo falando sério:

– Nobre Sibila, quer unir o seu destino ao meu, para sempre, casando-se comigo?

– Sim, eu quero! O que mais almejo na vida é ser feliz ao seu lado!

Como se um forte magneto os atraísse, eles se abraçam e se

beijam, ardentes, apaixonados.

O tempo parou. Somente eles existem. Nada, nada mais... Neste abraço eles são um único ser, dividido em dois, e que há muito se buscavam para completar-se, enfim... O mundo se inicia e termina ali mesmo, numa plenitude de emoções, sensações e bem-estar.

– Os seus braços, Ben Azir, são o meu mundo, o meu elemento, a minha vida, a minha realização como mulher e criatura de Deus. Abraçada a você me sinto plena, bem-aventurada! Amo você! Jamais amei e jamais amarei alguém assim!

– Amo-a da mesma forma, Sibila, como jamais amei antes! Longe de você sinto-me incompleto! Você plenifica o meu céu, como as estrelas, o sol e os astros! Você é a única fonte de água que dessedentará minh'alma, a única realização verdadeira e eterna para o meu corpo, como homem e como ser! Amo você mais que a mim mesmo! Sinto que a conheço e que já a amava, mesmo antes de encontrá-la nesta vida! Plínio me falou de um futuro reencontro para nós.

– Concordo! Um amor como o nosso não pode ter começado agora, nem durar apenas uma vida. Quero, preciso, que isto seja verdade! Qualquer existência sem você será vazia e sem colorido; sem a paz desejada e sem a plenitude que você representa para mim!

Nestas, noutras confissões, e declarações de igual teor, eles observam que as horas passaram e que o tempo se esgotou. Precisam regressar... Beijam-se ardentes e se desprendem, um do outro, com dificuldade.

Em patente adoração, Ben Azir fita Sibila. Mergulha o olhar nos seus olhos azuis e, completamente submetido aos seus encantos e valores inquestionáveis, roga aos céus que acima de tudo os mantenha unidos... Abraça-a, mais uma vez, aperta-a muito de encontro ao seu peito e sente uma vontade enorme de prantear aquilo que prevê para os dois, mas não deve enfraquecê-la... Duas lágrimas, porém, rebeldes, lhe assomam ao olhos. Disfarça, sorri e tomando-a pela mão, demonstra que devem ir. Precisa se conformar

com o inevitável... Segurando-lhe as mãos, afasta-se para vê-la melhor e sussurra:

– Amo você! Jamais esqueça, por favor!... Em qualquer tempo ou lugar, este amor estará dentro de minh'alma, como um farol bendito!

– Como poderia esquecer, se o amo da mesma maneira e com a mesma intensidade? Você é a bússola do meu destino e a luz da minha alma!

Beijam-se de novo e ardentemente, quase em desespero.

Soltam-se lentamente, corações descompassados, sentimentos e emoções explodindo...

Descem e misturam-se aos outros. Estes, ansiosos, aguardavam-lhes o retorno. Já se faz tarde e os caminhos a percorrer são perigosos.

Informados do pedido de casamento de Ben Azir, vibram com o acontecimento. Abraçam os noivos, efusivos, e planejam uma festa que pretendem seja memorável.

Cynara, muito feliz, beija-os, augurando-lhes venturas.

Enfim, despedindo-se de Sibila, Ben Azir retorna, tentando exorcizar os receios, quanto a um futuro que parece não existir, e segue viagem sonhando com Sibila, ampliando, ainda, as emoções de algumas horas antes nos seus braços...

Poucos quilômetros antes de sua casa, é abordado por um grupo de homens, de rostos velados, como os tuaregues. Fazendo um círculo ao seu redor, eles gritam:

– Se tentar algo, morrerá aqui mesmo!

Ben Azir analisa o local, medindo a possibilidade de evadir-se, mas conclui que o grupo escolheu bem o terreno.

Muito próximos e bem armados, eles fazem muito barulho na areia com os cascos dos cavalos. Alguns falam o idioma de Ben Azir com dificuldade.

O que virá? Não os conhece, nem pode imaginar o que desejam. Parecem salteadores de estrada... Nervos superexcitados, Ben Azir

aguarda. Defender-se-á, corajoso, como sempre tem feito.

– Portamos uma missiva para você, 'judeu'!

Na expressão agressiva e preconceituosa, a revelação, insofismável, da origem deste que lhe fala...

– E desde quando se intercepta o caminho alheio desta forma para entregar-lhe missivas?

– Desde que o remetente é poderoso, o bastante, para isso!

– De quem está falando?

Diante do silêncio do portador, Ben Azir quer saber:

– Além de 'poderoso', ele é anônimo, também?

Ignorando-lhe a indagação, o mensageiro empurra-lhe a missiva, enquanto comenta:

– Tome, leia e pense! Cuidado com o que vai dizer ou fazer, porque não apenas a sua vida corre perigo!

Ben Azir estremece. Abre, cuidadoso, e lê:

"A sua audácia é assombrosa e, por ela, muitos pagarão! Sei tudo sobre você, cão imprestável! Sou o seu juiz, implacável, e serei o seu carrasco! Saia do caminho daquela que jamais lhe pertencerá, porque o seu destino, 'judeu', já está selado e ela já tem dono!

Meta-se com a raia miúda, que renteia com você, e com o seu bando! Corja maldita, que já está sob a mira poderosa de César!

Em breve tempo ela será justiçada!"

Ben Azir, estarrecido, faz uma pausa.

A menção feita à sua relação com Sibila e às suas atividades libertárias são diretas...

Observa melhor aqueles rostos cobertos, na tentativa de identificá-los, quando ouve:

– Desista! Não nos conhece e não diremos quem o ameaça! Todavia, pela importância da missiva, pode ver que enfrenta um perigo extremo!

– Identifiquem-se e me enfrentem de peito aberto, seus covardes!

– Ben Azir explode.

Rindo, debochado, enquanto cavalga ao seu redor, o seu opositor incita:

– Continue lendo! Talvez descubra quem somos e quem lhe envia esta ‘amável’ correspondência! – ele desata numa sonora gargalhada.

Voltando ao papel que tem nas mãos, Ben Azir prossegue de onde parou:

“Na sua pequenez, você não tem as medidas, nem os meios desejáveis para aquilatar a força e o tamanho do poder que está desafiando! Enfim, não importa quem sou, mas que tenho as vidas de muitos em minhas mãos, inclusive a sua e as dos seus, seu ‘judeu’ desprezível!

Afaste-se de quem jamais deveria ter-se aproximado, ou eu o esmagarei, como se faz a um ser abjeto e nocivo! Anseio, em verdade, pelo momento no qual a minha mão cairá sobre a sua cabeça!

Quem desafia os poderes e as leis de Roma é um suicida, e você é, antes de tudo, um grande estúpido!...

Aguarde! Quando a sua hora chegar, você não terá onde se esconder, eu garanto!”

Ben Azir estremece e exclama, aterrado:

– Hatérius!...

Levando a mão à arma que traz na cintura, revoltado, exclama desafiador:

– Por que ele mesmo não veio? Eu saberia enfrentá-lo e responder-lhe à altura!

– Porque ele está muito acima de você ou de qualquer outro! Ele jamais se rebaixaria a lutar com você, seu tolo! Ele pode tudo! – o outro responde.

Batendo os cascos do cavalo com força e bem próximo a Ben Azir, ele pergunta, meio debochado, meio agressivo:

– E então? O que pretende fazer? Vai enfrentá-lo?

– A quem? – Ben Azir indaga, na esperança de ouvir a confirmação daquilo que já concluiu.

– Àquele a quem deve obediência!

– Obediência?!...

– Sim! Você e seu povo vivem submetidos às leis que ele representa e tão bem exercita! – ele responde, entre dentes, cheio de ódio e de desprezo, completando a frase com uma cusparada no chão.

Agora, Ben Azir tem certeza. Estes homens que se fazem passar por árabes do deserto são romanos. Seu coração bate loucamente. Sibila também corre perigo! Ele já deve saber que ela se converteu!... A sua família, o grupo dos revoltosos, todos estão sob a mira criminosa de Hatérius...

Aos poucos, o grupo começa a afastar-se e dispara, desaparecendo na poeira que levanta.

Ben Azir fita o papel que tem nas mãos... Hatérius é uma serpente venenosa e traiçoeira armando o bote. Bem abaixo, numa nota de rodapé, ele lê, ainda:

“Aquela para a qual atreveu-se a levantar os olhos deve ser preservada para a vida. Afaste-se dela!”

Homens como Hatérius só ficam satisfeitos quando enterram aqueles que os incomodam. Este é o poder que ele desfruta em Roma! Ele não se deterá diante de nada nem de ninguém! Estranho amor este que ameaça a segurança e a felicidade da pessoa amada... Selvagem como é, se não tem para si aquilo que deseja, destrói, para que ninguém mais possua...

Ben Azir fecha os punhos, desejando ardentemente enfrentá-lo, cara a cara. Desejo inútil, porém. Hatérius só enfrenta aqueles que julga dignos da sua raça e da sua condição privilegiada.

Dobra, cuidadoso, a missiva, guarda na sua bagagem e reinicia o caminho para casa.

*

Em Roma, Jadhu se anuncia e pede para falar a Hatérius.

Contrariado, ele ordena que entre, e explode:

– Diga logo a que veio e saia daqui! Não posso perder tempo com alguém como você! Já me deu as informações que pedi e já lhe paguei! Por que está aqui?

– Digníssimo tribuno de Roma, vim para confirmar a minha boa disposição em executar aquilo que pretende!

– Executar o quê?!...

Apesar do estremecimento que o invade diante da agressividade de Hatérius, Jadhu declara, esfregando as mãos uma contra a outra, enquanto olha ao redor, ardiloso e dissimulado:

– Com todo respeito, glorioso tribuno, vim confirmar, como já disse, a possibilidade do aniquilamento de um 'certo judeu' que o incomoda, demais! ... Enfim, eu posso, caso aceite a minha oferta, mandar para o inferno este inimigo, comum a nós dois!

– E desde quando temos alguma coisa em comum, seu cretino?

Inclinando-se quase até o chão, submisso, Jadhu expressa melhor as suas torpes intenções:

– Nobre tribuno, eu sou um homem inculto, do povo e, por isso, às vezes me atrapalho com as palavras, perdoe-me! O que quero lhe dizer é que tenho um ódio tão grande à pessoa em questão, que farei, feliz, aquilo que desejar, se com isto eu puder me livrar da peçonha daquele rapaz cheio de empáfia, e mais vaidoso que um pavão! Eu o destruirei com as minhas próprias mãos, caso me autorize!

Gargalhando, estrondosamente, Hatérius responde, com desprezo:

– Eu duvido, seu idiota! A pessoa em questão é mais corajosa que qualquer outro que tenhamos conhecido antes! Ambos sabemos disso! E você é covarde e traiçoeiro! Sei que o fará, assim como sei que já fez muito mal e já tirou muitas vidas. Mas, sei também que o faz de forma ardilosa, escondido, usando para isso, quase sempre, outras mãos e outros braços!

– Seja como for, eu o faço e faço bem! Não importa os meios

usados, mas a vitória da missão!

– Você é missionário? Do inferno, talvez!

Hatérius despeja seu humor negro sobre Jadhu.

Este, contudo, incansável, espera convencê-lo.

Percebendo-lhe a tenacidade, Hatérius acha por bem desvencilhar-se dele:

– Perdeu seu tempo vindo até aqui. Tenho a meu serviço muitos homens com as mesmas 'aptidões' que você!

– Todavia, nenhum deles conhece tão bem a 'presa' como eu! Aquele danado possui mais fôlegos que um gato! Muitos que tentaram enviá-lo para o inferno foram eles mesmos para lá. Hoje, devem estar se refestelando nas suas brasas ardentes! Ah, ah, ah!...

Incomodado com o comportamento de Jadhu, Hatérius ordena:

– Cale-se seu idiota e deixe-se de escândalos, que você não está na sua casa, que deve ser imunda como você!

Dando voltinhas no mesmo lugar, confuso, Jadhu pede, cabeça baixa, humilhando-se, intencionalmente:

– Em nome dos deuses, perdoe-me, por favor! Sou mesmo muito estúpido! Mas quando falo do perigo que Ben Azir representa, sei o que estou dizendo!

Olhando ao redor, Hatérius exprobra-lhe o descuido:

– Cuidado, seu tolo! Não cite nomes! E, além do mais, aquele de quem fala não é imortal!

– Mas parece! Seria um prazer, para mim, provar o contrário! Ele luta como um leão bravio e, ao movimentar-se, assemelha-se a um felino! É temido e respeitado até por seus inimigos!

Jadhu se aproxima mais e avisa:

– Caso ele sobreviva ao tentame, sua vida, nobre tribuno, de nada valerá!

– Não corro este risco! Roma protege os seus mais lídimos representantes! – Hatérius responde orgulhoso da sua condição.

Intimamente, reflete quanto a estar ouvindo tal figura, sem escorraçá-la... Jadhu é presença profundamente desagradável e asquerosa, mas talvez possa, ele mesmo, dar conta do recado...

Exibindo uma notável submissão, Jadhu roga:

– Digno representante de César, não me tire a oportunidade de ganhar algo mais, enquanto tiro do mundo dos vivos aquele que desafia, diuturnamente, o poder de Roma e àqueles que se esforçam para dourar, cada vez mais, as asas da poderosa Águia!...

Hatérius larga sobre a mesa os papéis com os quais se ocupa e incide o seu olhar sobre Jadhu, inquirindo-o, frontalmente:

– Quem me garante que você não está de acordo com ele, e que não me trairá?

Jadhu casquina uma risada horrorosa e comenta, zombeteiro:

– Eu? De acordo com ele? Saiba que eu o odeio! Será um prazer livrar-me, para sempre, dele e da sua empáfia! Imagine que o tolo me enfrenta, temerário, quase todos os dias!

Hatérius pensa e decide:

– Vá lá, que seja! Comprovarei a sua ação, não duvide! Porei no enterro dele testemunhas do fato! Caso você me traia, nem no inferno conseguirá esconder-se da minha fúria! Quanto deseja, a mais, para completar a sua obra?

– O dobro daquilo que recebi pelas informações, em sestércios de ouro!

Hatérius quase desiste diante da comprovação de que Jadhu sabe negociar. Ciente que Jadhu odeia tanto a Ben Azir quanto ele mesmo, Hatérius conclui que ele fará muito bem o serviço.

Enfim, consente:

– Pois bem! Depois do trabalho venha receber!

– Assim é que se fala, assim é que se fala, senhor tribuno! – Jadhu esfrega as mãos, olhos brilhando, sinistro, enquanto ri, escarninho, prelibando o prazer de concretizar as suas intenções criminosas e livrar-se de vez de Ben Azir, a peso de ouro.

Com um gesto de desprezo, Hatérius o despede.

Enquanto sai, olhos cúpidos, medindo o luxo que cerca Hatérius, Jadhu pensa, sinistro: “A sua vez também chegará, tribuno arrogante! Mais cedo ou mais tarde, você cairá deste pedestal! Quem sabe nos defrontaremos, num ângulo qualquer de um caminho, no qual você esteja sem os seus pares? Ah, como eu teria prazer em cortar-lhe a garganta e surrupiar tudo o que tivesse! Só o broche que prende o seu manto, na ostentação da sua ‘importância’, faria a minha alegria, tribuno Hatérius!...”

Ziguezagueando, feito um réptil, a esgueirar-se pelas ruas escuras, temendo encontrar nelas alguém com as mesmas ‘aptidões’ que as suas, ele se vai, prelibando o gozo do ganho e da vingança.

Hatérius, por sua vez, sem muita certeza da atitude tomada, e odiando tudo que descobriu a respeito de Sibila, culpa Demétrio:

“Como ele ousou permitir, sem ao menos me consultar, que ela saísse de casa? Lídia não é o melhor exemplo de uma boa patrí-cia romana!...

Jovem e inexperiente, Sibila deu vazão aos anseios do seu bom coração, e enredou-se nestes fanatismos, que fascinam a tantos, hoje em dia. Brevemente, resgatarei Sibila destas armadilhas. Tão rápido quanto arrancarei como erva daninha do seu caminho, aquele que se atreveu a cortejá-la!”

Nestas e noutras reflexões semelhantes, ele bate o punho na mesa onde estão os documentos que o aguardam.

Acalmando-se e modificando o semblante, porém, sorriso aberto, sonha de olhos abertos: “Depois de tudo, asserenado o seu coração, minha querida, você me amará! Com os deuses ou sem eles! Moverei céus e terra por você e ai daqueles que atravessarem o meu caminho!”

Voltando ao chão que pisa, planeja as próximas ações, que devem redundar na própria felicidade ao lado de Sibila (Seguidor de César, age como ele: promove tudo que deseja, sem entraves de espécie alguma). Analisando a competência, com a qual monta as próprias estratégias, explode numa gargalhada estentórica. Aqueles que

podem ouvi-la, arrepiam-se, amedrontados e supersticiosos.

*

DEMÉTRIO VAI PROCURAR Sibila, e mais uma vez ela não está:

– O meu rouxinol saiu?

– Assim é, Demétrio. Sibila tem sede de vida e de saber! Os seus pezinhos voam, como se tivessem as asas de Mercúrio, na busca incansável, daquilo que vive e aprecia. É uma deusa, esta nossa querida!

– Concordo!... – Demétrio pressente que Lídia diz menos do que deveria... Entre ela e Sibila sempre existiu uma notável cumplicidade...

Alcançando-lhe os pensamentos, Lídia desvia a conversa para assuntos menos perigosos...

Entre uma conversa e outra, Demétrio decide:

– Virei vê-la amanhã na mesma hora, Lídia.

– Sim, faça isso. Agora venha até o salão de refeições, dentro de alguns instantes tomaremos a ceia. Faça-me companhia, por favor!

– Terei muito prazer nisso, minha querida amiga! Diga-me, como vai Severus Apolonius, meu nobre e querido amigo?

– Ele está bem, Demétrio... – ela responde, insegura.

Como dizer-lhe que Hatérius o tem perseguido e prejudicado, por todos os flancos? Demétrio sofreria e poderia adoecer de novo.

Os cabelos do nobre amigo começam a embranquecer...

Juntos, caminham na direção do espaço referido. Ali se sentam e prosseguem dialogando sobre muitos assuntos, enquanto Sertória providencia a ceia.

Depois do repasto, Demétrio se despede amável. Embarca no seu veículo e segue para casa. Interiorizado, enquanto a liteira se sacode, ele enruga a testa ampla e nobre, pensando na urgência de resolver, de uma vez por todas, aquilo que lhe pesa na alma há tanto tempo e agora por força das circunstâncias, precisa enfrentar. O que está em jogo é grave demais para ser procrastinado... Falará,

direta e frontalmente, a Hatérius (roga aos deuses tenha tempo), mesmo que não sobreviva a esta ação.

Ao chegar em casa, constata que Adriano, escorraçado por Hatérius, já se fora. Sua solidão aumentou, em muito...

Alguns dias depois, avisado do novo endereço do amigo, seguiu para lá. Bem recebido, alegrou-se com as novas atividades de Adriano.

Hoje, Adriano não é apenas um admirador das diversas formas de arte. Além de ser um mecenas, aventurou-se, otimista, no campo da escultura. No seu atelier, Demétrio surpreendeu-se com os esboços, em mármore, de belíssima obra. Esta já exibe nos seus contornos formas femininas, puras e clássicas.

Demétrio indaga sobre o seu modelo, e ele responde, sonhador:

– O meu modelo é a minha musa inspiradora...

Demétrio entendeu. Adriano está imortalizando no mármore a imagem de sua amada. Admirando o seu novo talento, julga surpreender na pedra bruta os traços harmoniosos de Sibila e sorri. Intimamente, agradece aos deuses a sua transformação. Depois de algumas horas, abraçam-se e se despedem. Antes de sair, ouve:

– Caro amigo, nos próximos dias irei visitar Sibila.

– Faz bem, Adriano, ela gostará muito de revê-lo!

Adriano não desanima, mas Demétrio sabe que Hatérius o afastará dela, de uma forma ou de outra.

“Pobre Adriano”... – lamenta, enquanto alcança as ruas adjacentes, nas quais possui negócios a resolver, antes de regressar para casa.

Em seguida irá ao mercado. O mesmo mercado no qual adquiriu Cynara. “Faz tanto tempo... Ela estará viva ou morta? Dentro de mim, você vive e é amada, Cynara!...” – Demétrio suspira, nostálgico, e vai recordando, ponto por ponto, tudo que viveram.

Alcança exatamente o local onde o mercador a exibiu e a ofereceu...

Ali, parece rever tudo, como se estivesse acontecendo naquele

instante: “A situação vexatória de Cynara, sua tristeza, sua beleza clássica... Seus olhos maravilhosos que, ao encontrarem os seus, decidiram os destinos de ambos...” A passos lentos, ele se dirige aos seus negócios e, em seguida, regressa para casa.

Nos pensamentos, uma mescla de aflições: por Sibila, Cynara, Lídia, Adriano, Hatérius... Difícil, carregar tantos tormentos...

*

BEN AZIR ENVIA um recado para Sibila, marcando um encontro que não será na comunidade cristã. Num lugar aprazível, em meio a luxuriante paisagem, algo afastados de Roma, eles se encontram.

Introspectivo, Ben Azir fita a moça, e atraindo-a para si, beija-a, muitas vezes.

Submetida ao seu amor, Sibila corresponde, na mesma intensidade.

Apertando-a ao encontro do coração, Ben Azir pede forças a Deus.

Ela pressente-lhe conflitos insuperáveis. Suas almas se conhecem, se adivinham.

Decidido, ele inicia:

– Minha querida, apesar da emoção e da ventura deste momento, concluo, quase desiludido, que o nosso amor nasceu sob o signo da desesperança... Perdoe-me, amada, mas preciso informá-la de algo muito grave. O quanto eu gostaria de poupá-la! Aquilo que me move, porém, justifica a minha atitude. Um inimigo, feroz, que tem os olhos muito abertos e as garras muito afiadas, ronda as nossas vidas e ameaça não apenas a nós dois, mas a muitos outros!

Estremecendo, Sibila indaga:

– De onde nos vem esse perigo, e quem, além de nós, é ameaçado, Ben Azir?

– Minhas conclusões me levam a pensar em Hatérius.

Além de nós, Sibila, estão arrolados: a comunidade cristã como um todo, a minha família e o grupo de revoltosos. Este tribuno cruel nos tem, a todos, nas suas mãos.

– Meu Deus! O que fazer? Nos submetermos?

– Penso que não, mas o que fazer quando tantas vidas estão em jogo? Talvez adiar a nossa felicidade... Nos afastarmos, por algum tempo... Quero preservá-la e àqueles que estão sob a mira de Hatérius.

Ela se aconchega mais, aninhando-se nos seus braços e desabafa:

– Teremos alguma chance, Ben Azir?

Sibila começa a chorar. Ben Azir lamenta a sua angústia e se controla, estoico para não chorar, também. Duvida que tenham alguma chance. De uma forma ou de outra, Hatérius fará aquilo que deseja.

Os seus corações, unidos, batem em uníssono.

Em meio às lágrimas, Sibila pondera:

– Quantos afetos iguais ao nosso têm sido perseguidos? De quantos amores, malogrados, temos notícias? Há, porém, ventura maior que amar e ser amado? Amo e sou amada! Isto ninguém pode me tirar!

Apertando-a, forte, ao encontro de seu peito, Ben Azir ouve:

– Num futuro próximo, Ben Azir, eu o reencontrarei e o amarei de novo!

– Praza aos céus! Todavia, não desistirei! Quero ser feliz com você, nesta vida! Talvez, esse seja apenas um momento desafortunado.

– Deus queira! Conte-me, por favor, como Hatérius nos ameaçou?

Ben Azir narra-lhe a estranha experiência que viveu, próximo à sua casa.

Sibila espanta-se com a audácia e a arbitrariedade dele. Agora, entende melhor as artimanhas usadas por ele para se impor.

Amargurada, recomeça o choro. Sofre por si mesma, por Demétrio, pela comunidade, e sobretudo, por Ben Azir...

– Acalme-se, Sibila! Esta pode ser apenas uma situação

passageira! Deus possui caminhos insondáveis! Diante Dele o poder de quem quer que seja falece! – enxuga-lhe os olhos, e declara, coração na voz:

– Acima de tudo, da vida e da morte, da vontade de quem quer que seja, das circunstâncias que possam nos envolver e nos atirar para lados opostos, nós nos amamos! – beija-a, quase em desespero, molhando seus lábios nas suas lágrimas.

Apesar de tudo que disse, uma dor constringente avisa-o: Estão se despedindo!... Aperta-a, mais forte, quase tirando-lhe o fôlego. Solta as comportas da alma e chora. Assim eles permanecem, abraçados, corações descompassados, no mesmo ritmo da ansiedade, do sentimento de perda, da enorme tristeza, por se verem tão perseguidos...

Exasperado, Ben Azir declara:

– Temo que não nos vejamos mais, Sibila! De minha parte, tudo farei para contrariar este terrível prognóstico, mas a vida, traiçoeira, pode nos surpreender!

Silenciosa, Sibila fita, em adoração, o rosto de Ben Azir.

Subitamente, empertiga-se, olha à distância e, enfática, responde:

– Ainda nos veremos uma vez mais! Nesta oportunidade, aquilo que nos alcança e agride hoje terá deixado de existir! Mas, ainda aí, a Grande Lei, que a todos governa, numa seleção natural e espontânea, vai nos separar, por tempos indeterminados, e apenas as nossas almas continuarão ligadas!... A lei se cumpre, em todos os quadrantes do Universo! Louvores ao Criador, justo porque perfeito!...

“O que ela está dizendo? Como pode afirmar isso?” – Ben Azir pensa.

Soltando o corpo, num outro estado, Sibila respira fundo, fita Ben Azir e se justifica:

– Perdoe-me, Ben Azir! Às vezes, uma força maior me domina e eu falo de coisas passadas, presentes e futuras! Algumas vezes, tenho noção daquilo que disse, em outras, não!

– Explique-se melhor, peço-lhe...

– Pois bem: Passo por estranhas experiências, desde o meu nascimento. Acontece inesperadamente, e já têm me custado muitos atropelos, com perseguição e agressões verbais, de algumas pessoas, principalmente de Minerva, porque, eventualmente, prevejo o futuro e revelo coisas que elas desejam esconder!

– Demétrio sabe disso?

– Sim! Ele compreende e me protege! Diz que faço jus ao meu nome, que sou amada dos deuses, e que eles falam através da minha boca!

– Como as pitonisas gregas e os oráculos?

– Sim, exatamente! Diga-me, meu amor, o que faremos?

– Aguardaremos algum tempo, antes de nos reencontrarmos.

Não podemos desafiar demais aqueles que nos perseguem.

O que mais me aflige, porém, é a sua enorme fragilidade diante de Hatérius... Ele é um inimigo poderoso e arbitrário. Não respeitará a sua ou qualquer outra vontade, que não a dele!

– Demétrio me defenderá!

– Você já não vive ao seu lado e Hatérius não o respeita!

– Então... O que fazer?!...

– Fugir, talvez... Mas, para onde? Caso eu a leve para a minha casa, ele descobrirá, rápido e violento... Posso, todavia, organizar uma estratégia de viagem e levá-la comigo. Uma vez distantes, viveremos a nossa vida, livres! O mundo é grande!

– E o poder de Hatérius muito grande, também! Os tentáculos de Roma o levam aos lugares mais inusitados e os olhos da Águia Romana alcançam distâncias inimagináveis!

Ben Azir se cala, recordou, num doloroso estremecimento, as ameaças aos outros que fazem parte das suas vidas...

Mais uma vez, Sibila que parece atravessar-lhe a alma com facilidade, completa:

– Numa fúria incontrolável, Hatérius descarregaria seu ódio nos

infelizes da comunidade, nos seus companheiros de ideal, na família de Lídia e na sua...

Ben Azir conclui, muito sabiamente, que deve avisar o seu grupo dos grandes riscos que correm. Terão de entrar em recesso e modificar todos os projetos... Da mesma forma que fizeram quando da prisão de Galba. Voltando-se para Sibila, conclui, arrasado:

– E se não fugirmos, Hatérius a submeterá à sua paixão insana! A este pensamento, enlouqueço, Sibila!

Ben Azir freme de revolta. Seus olhos brilham de forma intensa e seus músculos se retesam, como se estivesse diante do inimigo.

Decide procurar Hatérius e desafiá-lo. Melhor matá-lo ou morrer a sabê-la nos seus braços... Conta com a experiência e a força física que o caracterizam, esquecido, no momento, que Hatérius não se defrontará com ele; mandará, antes, matá-lo pelas costas.

“Preciso arrancar Sibila das suas garras, ave de rapina!...”

Sibila pressente-lhe a intenção:

– Ben Azir, você nada pode contra a força e a selvageria de Hatérius! Ele sequer o enfrentará! No seu conceito, você não está à sua altura! Caso tente, você não sobreviverá! Hatérius nunca está só! Ele se gaba de possuir defensores nos seus calcanhares onde quer que vá!

Fitando Sibila e admirando-lhe a notável perspicácia, Ben Azir indaga:

– Consegue também ler pensamentos, nobre Sibila?

Ela responde, sincera:

– Não, mas conheço bem a alma que amo mais que a própria vida!

Ben Azir beija-a, incendiado de amor e em desespero. Jamais pensou enfrentar um dilema como este... E, pior que tudo, sentir-se incapaz de resolvê-lo... Em transportes de felicidade, ela sabe que sem ele jamais será feliz. Fortemente enlaçados, eles trocam carícias que sabem a ambrosia dos deuses... Regressando ao chão que pisam, porém, precisam decidir:

– O que faremos, Ben Azir?

Tendo entre os dedos algumas mechas dos seus cabelos, e acariciando-os, ele responde:

– Sermos prudentes, minha querida... Vamos dar algum tempo à vida. Na primeira oportunidade favorável, marcaremos um novo encontro.

– Faremos assim! E que Deus nos socorra neste terrível impasse! Amo você!

– Também amo você! Que os céus nos abençoem e protejam!

– Que assim seja!...

Num último beijo, eles se afastam e se vão, por vias diferentes.

Seus corações, opressos, falam de um futuro muito incerto.

Em casa, Lídia roga por eles. Sabe que estão juntos buscando uma saída. Diante dos seus Manes, ela roga pelo querido casal. Pressente que os dois não serão felizes. O mundo não lhes permitirá...

*

COMO JÁ TENHO dito, meus caros leitores, enfrentamos sozinhos os nossos testemunhos. Quando este sagrado momento se instala, requisitando atenção plena e solitária, nos deparamos conosco mesmos, no peso que devemos alijar, a duras penas.

Ao se aproximar, esta tempestade se faz notar, naquilo que à nossa volta desencadeia, cobrando ações e reações, condizentes com a urgência do momento.

É preciso que o ser em evolução tenha-se forrado de fé e coragem, na esperança de sobrepor-se às dores e aos desesperos, analisando a própria situação para escolher o melhor.

Como alunos perseverantes e esforçados, desta grande escola, por mercê de Deus, as provas nos chegam da esperança divina, ao nosso bom aproveitamento. Provas... Expiações... Provas que sabem a expiações... Expiações que purificam...

Na esteira do tempo, muito fizemos sem cuidado e sem amor.

Quando a redenção nos acena, devemos recebê-la bem, apesar das dores e das consequências, naturalmente advindas.

*

Dia seguinte, Demétrio comparece na casa de Lídia, como prometera.

Recepcionando-o, feliz, Sibila o abraça e recebe dois beijos, um de cada lado. Sentam-se e ele lhe faz as indagações, formais, que ela vai respondendo, delicada e descontraída.

Demétrio percebe-lhe alguma intenção.

– Sibila, tem algo a dizer-me?

– Sim, quero lhe fazer um pedido!

– Seja o que for, já está concedido!

Ambos riem, divertidos. Lídia admira-os na harmonia que os caracteriza. Interna-se na casa e deixa-os a sós.

Tomando-lhe as mãos, Sibila pensa naquilo que pretende e em como fazê-lo. Olhando-o, carinhosa, declara:

– Eu sei, meu querido Demétrio, o quanto você sofre pela falta de afeto.

– Você me deixou...

– Não, eu não o deixei. Veja, estamos juntos e aqui tenho mais tranquilidade, permita-me dizê-lo.

– Eu sei, filha. Este, um dos motivos do meu consentimento.

– Bem, o que pretendo lhe pedir tem a ver com a sua vida!

Demétrio estremece. Sibila remexe-se, inquieta, e indaga-lhe:

– Demétrio, a amizade que sentiu por minha mãe foi muito valiosa para você?

Ele empalidece e fica sem palavras.

– Diga-me, por favor, gostaria de ter notícias dela?

– De... Cynara?!... – ele pronunciou-lhe o nome, com alguma dificuldade.

– Sim, de Cynara, minha mãe.

– Por que, Sibila? O que tem em mente?

Sibila observa que a reação de Demétrio é semelhante à de sua mãe.

– Alegrar este coração, que tem sofrido tanto. Só isso!

– Falando-me de sua mãe?

– Sim, falando-lhe de minha mãe e da sua amizade por ela. Caso concorde, posso reuni-los!

Em suspense, Demétrio avalia as verdadeiras intenções de Sibila.

Até onde ela estará informada da sua ‘amizade’ por Cynara?...

Sem arrefecer o ânimo, Sibila quer saber:

– Este assunto o incomoda, querido Demétrio?

– Sim!

– O que me aconselha, então? Devo calar-me e desistir da alegria de proporcionar-lhes um reencontro?

Ignorando-lhe a pergunta, Demétrio a inquire:

– O que sabe sobre Cynara?

– Atualmente sei tudo sobre ela! Quer me ouvir?

Respirando fundo, ele concorda:

– Sim, fale!

Sibila, aos poucos, e observando-lhe as reações, conta-lhe como reencontrou a mãe e como reataram os laços filiais, omitindo, naturalmente, os detalhes sobre a sua nova moradia e a sua nova crença religiosa.

– Lídia sabe, Sibila?

– Não, ainda não lhe contei! – ela mente para proteger a amiga.

– Por que não me contou antes?

Os olhos de Demétrio estão nublados de lágrimas. Tentou disfarçar, mas não conseguiu.

– Perdoe-me... Pensei na segurança... dela...

Amenizando a narrativa, ela escondeu o ato criminoso de Minerva

e lhe disse, apenas, que após um grave desentendimento entre elas, Cynara fugiu para lugar ignorado, pois se tornara impossível, a partir de então, a convivência.

Demétrio levanta-se e caminha a esmo. Seus pensamentos se confundem... Conhece Sibila muito bem... Ela lhe esconde algo... O que e por quê?!... Quantas recordações, quanta saudade! Quanto desejou rever Cynara, falar-lhe, ouvir-lhe a voz maviosa e fitar aqueles olhos que, ao se encontrarem com os seus, brilhavam de paixão! Quantas noites insones, sem saber se ela estava viva ou morta! O mundo parecia tê-la tragado!...

Sibila não esperava uma reação tão forte e recorda a emoção de sua mãe, tão parecida...

Demétrio se controla e retorna ao assento, esforçando-se para disfarçar o quanto esta expectativa abala os seus nervos e enche o seu coração de doces esperanças...

– O que pretende fazer, filha?

– Reuni-los aqui. Pedirei o consentimento de Lídia.

– Por que não me leva até ela?

– Ela não deseja isso. Não pretende modificar a sua vida.

– Ela consentiu em ver-me?

– A princípio não. Precisei insistir muito!

– Por quê? – a indagação, cheia de mágoa, pairou no ar...

– Porque, segundo ela, o passado deve ser enterrado. Ela sofreu muito, meu querido Demétrio. Hoje se defende... Ela teme se expor...

Demétrio alheia-se. Seus pensamentos voam na direção da mulher querida... Onde estará? Por que ficou tanto tempo distante? Por que deixou-o na incerteza?!...

Aflita, Sibila analisa a situação:

“O que estou fazendo? Terei o direito de remexer o passado? Por que ele ficou tão abalado?!... O que há, de verdade, por trás de tudo isso?!...”

Dando o assunto por encerrado, enfim, Demétrio se submete à vontade de Sibila. Convocando Lídia, os três planejam o reencontro e passam algumas horas, muito agradáveis, antes que Demétrio se vá.

Apesar da aparente descontração, Demétrio não consegue disfarçar a enorme expectativa de reencontrar-se com Cynara.

Despedindo-se, ele se vai, imerso nos próprios pensamentos.

*

DE ORDINÁRIO, AGRESSIVO e perseguidor, Jadhu parece não ver Ben Azir. Ignorando-o, por completo, leva estranheza àqueles que o conhecem, mormente ao próprio Ben Azir, que vê neste novo comportamento do seu arqui-inimigo um perigo muito maior.

Jadhu parece uma serpente, silenciosa, armando o bote... Ben Azir redobra a atenção.

O grupo de revoltosos modificou, radicalmente, os locais de encontros e os habituais horários, seguindo os seus conselhos. Ben Azir sugeriu cuidado redobrado, diante de algo que, supostamente, ouvira de dois desconhecidos, no mercado:

– Na ocasião, julguei entender que eles falavam de nós e das nossas lutas e pareciam muito bem informados!...

Respeitado e digno de crédito, seu aviso correu como um rastilho de pólvora, avisando-os do perigo.

Para Ben Azir, o que conta é a intenção e a sua atuação positiva, no grupo. Eles não precisam saber das particularidades da sua vida.

Recorda, frequentemente, a sabedoria de Plínio e teme, sinceramente, que a sua nova maneira de pensar venha a enfraquecê-lo e modificar o rumo dos seus ideais patrióticos...

Os seus companheiros já perceberam que ele não exibe mais a leveza e a impetuosidade de antes. Seu jeito descontraído e aparentemente displicente parece nunca ter existido.

Um novo Ben Azir parece estar se instalando, subjetiva e definitivamente, no âmago de sua alma...

Ele ignora que Almara e Agar conhecem Jadhu, de longa data, e que sempre viveram próximos; exceção feita aos últimos dez anos, quando Jadhu deixou a casa paterna, revoltado, e caiu no mundo.

O grupo ainda não sabe que no rastro deste homem sinistro, alguns crimes são sabidos e comentados. Ele mata os seus desafetos com requintes de crueldade, e 'trabalha' também por encomenda. Quem lhe paga mais é melhor servido (!).

Neste instante, mãe e filha conversam:

– Agar, tenho pensado muito em tudo que vivemos por causa do seu ex-noivo e da família dele! Não consigo, veja bem, não posso e nem quero, deixar tal afronta sem resposta! Se eles pensam que estamos à mercê das suas crueldades, enganam-se! Preciso se faz dar-lhes o troco!

– Como pretende fazer isso, minha mãe?

– Quero premiá-los com uma dor tão grande, que jamais voltem a ser felizes!

– Estou arrepiada, minha mãe! Fala com tanto ódio! Parece impossível que um dia você tenha sido tão amiga de Ben Azir!

– Outros tempos, Agar, outros sentimentos! Meu coração, alanceado, ao vê-la sofrer, clama por vingança! Dói-me ver como este rapaz, insensível e mau, virou-lhe as costas, desprezando-a, como a um trapo velho e imprestável!

Agar fita a mãe e concorda:

– Sim, é inacreditável que tanto amor, como ele dizia sentir por mim, tenha-se acabado, sem deixar vestígios!

– É o que lhe digo! Precisamos planejar um castigo para ele, que alcance, também, a sua família! Odeio-os a todos! E a vergonha que passamos? Depois de tudo arranjado, ele desfez o noivado! O que não devem dizer, por aí, de nós! Só Deus sabe quantas calúnias devem ter sido espalhadas, à boca pequena! Esse povo se alegra com a desgraça alheia, e sempre acrescenta um pormenor para manchar, ainda mais, a nossa reputação! Principalmente, aqueles que têm as filhas em casa, à espera de um bom partido!

Agar se remói de ódio, a cada nova palavra que sai da boca da mãe.

Almara prossegue, sem cansar-se:

– Sim, temos o direito de perseguir este rapaz sem caráter para mostrar-lhe, e aos seus, quem somos!

Agar sugere:

– Minha mãe, não seria melhor aguardar um pouco mais? Quem sabe Ben Azir volta para mim?

Almara explode numa sonora gargalhada, tão estridente, que pode ser ouvida ao longe. Atira a cabeça para trás e balança o corpo, convulsiva e espetaculosa:

– Oh, Agar! Como você é tola! Acredita mesmo nisso?

Ela se aproxima mais da filha, falando mais baixo, odienta:

– Você não se dá conta de que aquele desgraçado lhe traiu, e que já deve estar nos braços de outra?!...

Olhos arregalados, ela indaga num frêmito:

– Será?

– Só uma tola, como você, pode pensar de outra forma, Agar! Mas, o que você pensa agora não é o mais importante, e sim saber o que fazer, quando, e como!

– Destruí-lo de vez! Não posso imaginá-lo nos braços de outra!

– Muito bem, é assim que se fala!

Caminhando pelo aposento, arquitetando alguns planos e deles desistindo, subitamente, ela bate na testa:

– Ora! Como pude esquecer? Sim! A vida daquele traidor era muito arriscada! Recorda quando ele lhe disse que já deixara para trás as suas ações libertárias?

– Nós duas sabemos que ele mentiu! Ben Azir jamais abandonaria os seus ideais!

– Assim sendo, é aí que encontraremos a maneira de perdê-lo! ...

Almara se agita, vai e vem, fala sozinha, e eleva os braços aos

céus...

Agar mordisca a ponta da belíssima túnica que veste, e que favorece, ainda mais, a sua notável beleza. Nos seus olhos, todavia, os tormentos do inferno obscurecem qualquer brilho.

No rasgo que os seus dentes perfeitos fizeram, no rico tecido, ela encontra a chance de rebelar-se e rasga, a partir dali, sua túnica bordada, fazendo-a em pedaços, entre lágrimas amargas e palavras nada elegantes.

Seus cabelos sedosos, negros e encaracolados, caem-lhe como cascatas pelas costas. O rosto de linhas perfeitas, avermelhado pela ira, não pode encobrir a beleza que enfeita esta mulher. Nos seus olhos, chispas de ódio...

– Pare de destruir o que veste, sua inútil! Agora não temos mais os ricos presentes do seu ex-noivo!

Afagando os trapos, nos quais se transformaram a sua roupa, Agar recorda o dia em que Ben Azir chegou com aquele belo vestido, feliz e declarando que o trouxera de uma terra muito distante, pensando em como ficaria no seu corpo perfeito...

“Oh, Deus! O quanto ele me amou, respeitou e foi sincero! O que houve para esta mudança?!... Poderei sabê-lo infeliz? E, se ele morrer? As minhas esperanças, que em verdade jamais me faltaram, serão levadas pelo vento! Por outro lado, como não me vingar? A dor me torna vingativa... Ele não gostaria de ver-me assim!...”

Lembra, entristecida, do dia que ele admoestou-a, ao surpreender-lhe o gênio irascível...

A mãe consegue, observando-a, adivinhar-lhe os pensamentos de amor e de esperança e, rápida, grita-lhe na cara:

– Estúpida! Enquanto ele se delicia noutros braços, mais desejados que os seus, você sonha com ele! Não há volta, Agar, desperte!

Ela sente, ao ouvir a mãe, as próprias entranhas em convulsão, e treme como vara verde ao vento. “Sim, minha mãe está certa!...

Sabê-lo com outra? Prefiro vê-lo enterrado!... Se ele não for meu, de ninguém mais será!...” Furiosa, decide:

– Faça o que quiser, minha mãe!

– Deixe comigo! Tenho cá algumas ideias, algumas boas alternativas e, de nenhuma delas, ele sairá incólume!

Arrepiando-se e quase a correr, Agar se dirige aos seus aposentos.

Ali, diante do retrato do pai, ela geme e se lamenta, enquanto puxa, violenta, os próprios cabelos:

– Meu pai, o meu coração explode de tanta dor! Quanta desolação em minha vida, antes tão feliz! Por que, meu pai, por que eu não realizei o meu sonho de amor? – reverente, ela acaricia os contornos do retrato, feito por hábil pintor, há muitos anos. As lágrimas lavam-lhe o rosto. Ali mesmo ela fica e ali mesmo adormece.

Sonha, então, com o pai, aconselhando-a a ser mais sensata e mais justa. Abraçada a ele, ela ouve as suas censuras e os seus conselhos... Mais confortada, desperta e procura a mãe para contar-lhe o sonho, mas ela não está. Certamente, fora fazer aquilo que prometeu... Impaciente, aguarda a sua volta.

Pela tardinha, Almara regressa. Olhos brilhando, misteriosa e evasiva, ela responde:

– Onde fui? Andei por aí!

– Desistiu, então, da sua vingança?

– Você quis dizer da nossa vingança, não foi? Eu desistir? Jamais! Nem o próprio Deus me impede de fazer aquilo que desejo!

– Não blasfeme, minha mãe!

– Ora, ora, blasfemar não é a pior coisa que já fiz hoje!

– E o que fez?

– Aquilo que achei certo!

Agar torna-se silenciosa.

– Ah! E por falar nisso, quero aquele colar de esmeraldas que Ben Azir lhe deu!

– O meu colar? Para quê?

– Para ‘comprar’ a nossa vingança!

– Sonhei com meu pai! Ele me aconselhou a mudar o rumo dos meus pensamentos e a perdoar Ben Azir! Acrescentou que ainda serei feliz com outro homem, se eu quiser, pois, sou muito bonita!

– Ele sempre foi melhor que eu... – afirma Almara, melancólica.

– E então, vamos atendê-lo?

– Impossível! Agora é muito tarde! A flecha já foi disparada por mãos muito competentes!

– Oh, Deus! O que fez, minha mãe?

– Nós fizemos! Ben Azir, nunca mais enganará outra mulher!

Agar silencia. Amor, ódio e ciúme atormentam-lhe a alma.

Almara ordena:

– Traga-me o colar!

– Não quero ficar sem ele, minha mãe!... É belíssimo, muito valioso!

– Ora, ora, aquilo que sobra do que Ben Azir lhe deu daria para fazer a alegria de qualquer um! Não seja mesquinha e vá buscá-lo. Quero-o, aqui, nas minhas mãos!

Agar sai e retorna com um belíssimo estojo. Abre-o, devagar, e fita demoradamente um colar de esmeraldas.

Impaciente, Almara arranca-o das suas mãos:

– Esqueça-o! Ah, Jadhu envia-lhe recomendações!

– Onde o viu?

– Nos encontramos, por acaso!

Agar percebe que sua mãe está mentindo. Ela deve ter saído à procura dele... Jadhu é a própria representação do mal...

Interna-se na casa, imersa em terríveis pressentimentos.

Não há mais como retroceder. É cúmplice de sua mãe e, provavelmente, de Jadhu...

Antes de qualquer ação, Hatérius cuidará de proteger Sibila, tirando-a daquilo que considera um ‘engano inocente’. Vai à sua procura na casa de Lídia:

– Salve, belíssima!

– Salve, nobre tribuno! – formal, ela retribui.

– Como vai?

– Bem, e você?

– Muito bem! Agora, melhor que antes! A saudade me trouxe até aqui.

– Obrigada, meu caro irmão...

Ofendido, com a referência filial, Hatérius retruca:

– Não sou e nem quero ser seu irmão! Já é tempo de parar com isso, Sibila!

Delicada, mas incisiva, ela reafirma:

– É o que você será sempre para mim!

– Eu lhe provarei o contrário, dentro de pouquíssimo tempo, minha cara! Mas, deixemos isso para lá. Como já disse, a saudade conduziu os meus pés até aqui!

– Já ouvi e já lhe agradeci, Hatérius.

– Não é apenas isso que eu espero de você!

– Ah, sim? E o que mais você espera de mim? – a pergunta é ousada. Saindo do campo da boa educação, Sibila reage.

Ele sorri, sarcástico.

Silenciosa, Sibila aguarda.

– Vou direto ao ponto! Ordeno que volte para casa! Se ainda está aqui, é porque fiz muitas viagens e, estas, me impediram de tomar pé da situação. Sempre que voltava, pretendia dizer-lhe isso, mas recebia ordens de César, que me apontavam outras viagens. Roma primeiro, você sabe!

Frente a frente, desafiadora, Sibila lhe responde:

– Não farei o que me pede.

– Isso não é um pedido, é uma ordem! – Hatérius explode.

– Não farei o que me pede – ela repete – porque eu não quero! Aqui estou com a permissão de seu pai, e aqui pretendo ficar!

– Meu pai é um fraco! Faz tudo que você quer!

– E por que não faria? Jamais lhe pedi o impossível!

– Eu não fui, sequer, consultado!

– Nunca precisei da sua opinião, nem reconheço a sua 'famosa' autoridade, Hatérius! – corada e exaltada, Sibila mais bela fica, desafiando-lhe as sensações de homem apaixonado.

– Cuidado, Sibila! Sabe que possuo recursos, inimagináveis, para submetê-la à minha vontade!

– Descanse, Hatérius! Todos sabem que você é invencível! – na voz dela, a ironia declarada.

– Apesar do seu 'elogio' desrespeitoso, é assim que eu sou! Eu posso tudo, Sibila! Como seu parente e como tribuno de César!

– Como parente? De onde tirou isso?

– Não nos tratamos, sempre, como irmãos?

– Agora, eu sou sua irmã?

– Quando eu preciso desta alternativa, sim, mas, você nunca será minha irmã, de fato e de direito!

– Irmãos não se ameaçam, Hatérius, ou ao menos não deveriam fazê-lo! Enfim, você deixa a máscara cair e tenta se impor!

Ignorando-lhe a censura, ele declara autoritário:

– Quero assumir, de vez, as minhas intenções, quanto a você.

– Ah... E quais são essas intenções? – ela indaga pronta para rejeitá-las.

Adivinhando-lhe os pensamentos, ele respira fundo, pesaroso, e responde:

– Quando for o momento, eu lhe direi!

Antes que Sibila, indignada, retruque, ele ordena:

– Prepare-se! Dentro de dois dias mandarei buscá-la!

– Eu não irei!

– Irá, sim! Não terá alternativas!

– Demétrio sabe disso?

– Desde quando preciso da opinião de meu pai? Ele é um fraco!

Sibila fita Hatérius, revoltada, avermelhada até a raiz dos cabelos e declara:

– Pois em você, Hatérius, eu surpreendo fraquezas, deploráveis! E em Demétrio, uma força e uma coragem que você jamais terá! Infelizmente, 'meu irmão', você não herdou-lhe as virtudes! – Sibila quer feri-lo, naquilo que ele mais preza: a sua vaidade pessoal, mas aquilo que diz neste momento de indignação é verdade.

Hatérius avança para ela e toma-lhe, violento, o pulso, apertando-o até machucá-lo, enquanto avisa:

– Pare de enfrentar-me ou se arrependerá! E não me deprecie, que nunca lhe dei tanta liberdade!

Suportando a dor, Sibila lhe responde, sem arrefecer o ânimo:

– Por que me arrependerei, Hatérius? Pretende me torturar, como faz com os seus inimigos? Não ofenda seu pai! Ele não merece as afrontas que você lhe faz! E solte-me! Eu é quem nunca lhe dei e nunca lhe darei tal liberdade para me ameaçar e me magoar, como está fazendo agora! Saiba que como irmão, eu até posso lhe querer bem, mas como inimigo, Hatérius, desprezá-lo-ei de uma forma que você sequer pode imaginar! Tenho pena de Demétrius, que pôs no mundo uma serpente tão traiçoeira, como você! Solte-me! – ela grita, enfim, livrando-se dele. Os dedos de Hatérius ficaram impressos na sua pele clara e fina.

Hatérius conclui que está pondo tudo a perder. Sibila jamais se submeterá à vontade de quem quer que seja, mesmo que venha a morrer... Por tudo que ela é e representa para o seu coração, por suas incomparáveis beleza e inteligência e, até mesmo, por sua coragem, é que a ama, alucinadamente.

Controla-se, respira fundo e pede:

– Não me desafie tanto, Sibila! Conhece o meu gênio! Eu não

pretendia magoá-la, acredite! A afeição que lhe devoto me faz perder o equilíbrio!

– Equilíbrio?!... Como perder o que nunca teve? Enfim, você se mostra tal qual é, verdadeiramente, Hatérius!

– Não me julgue um bruto, Sibila... – o seu olhar parece de um menino... Por alguns instantes, Sibila recorda a infância dos dois... Ele, a fazer-lhe todas as vontades, em perene adoração... Hoje, Hatérius é um tirano.

– Um bruto é o que você é! – ela acusa, veementemente, olhos flamejantes, voz alterada e corpo trêmulo.

– Acalme-se e sente-se aqui, por favor, Sibila... Não deixe que os nossos rompantes estraguem tudo!

– Rompantes de quem?!... Estragar o quê?!... – ela o inquire, olhos nos olhos, sem sentar-se como ele pediu. Ensaia sair dali e deixá-lo sozinho, quando ouve:

– Não se vá! Tenho algo a lhe dizer que a fará mudar de ideia! Ouça-me ou se arrependerá!

No movimento que havia feito para sair, Sibila deparou-se com Lídia. Esta, aflita, roga-lhe com o olhar cuidado, prudência...

Voltando-se para Hatérius, Sibila se dispõe a ouvi-lo.

– Sente-se, Sibila, o que tenho a dizer-lhe mudará as nossas vidas e as vidas dos seus anfitriões! – na sua voz a ameaça, velada.

Curiosa, ela se senta.

– Ouça, muito bem, tudo que vou dizer. Disso, dependerão muitas coisas, minha cara! – aprumando-se, e escolhendo as palavras, ele inicia:

– Tenho em mãos sindicâncias minuciosas e comprovadas das suas saídas para onde você vai e aquilo que faz!

Sibila ensaia interrompê-lo, mas ele impede:

– Ainda não terminei! Estou informado, também, do envolvimento de Lídia e de sua família, que não apenas acobertam você, mas fazem parte do mesmo contexto execrável!

Mortalmente pálida, Sibila imagina-se num terrível pesadelo.

Observando-lhe as reações, ele prossegue:

– O que sei a respeito de todos vocês é altamente comprometedor! Levando as mãos ao peito e apertando-o, em visível aflição, Sibila indaga:

– Hatérius! Você está nos ameaçando?

– Sim! Se esta for a única maneira de tê-la para mim!

Sibila sente-se desfalecer. Enfim, ele expõe, sem rebuços, as suas torpes intenções. Muito pálida, sente a cabeça rodar e por pouco não perde os sentidos. Cambaleia e Hatérius a sustenta, enquanto clama pelos criados.

Lídia acorre e acusa-o com o olhar, recebendo, em contrapartida, outro olhar pior... Estremece e entende, de pronto, os porquês da sua tenaz perseguição à sua casa e aos seus... Seria imprudente demais enfrentá-lo:

– Nobre tribuno, permita-me levar Sibila para os seus aposentos!

– Que ela retorne, o mais rápido que puder!

– Assim será... – Lídia sustenta a moça, carinhosa. Compreensivas, elas se entendem pelo olhar e seguem para o interior da casa, enquanto Hatérius dá ordens aos criados, exigindo aquilo que deseja para o seu conforto.

Deitando Sibila no leito, Lídia lhe diz:

– Coragem, filha! Enfim, Hatérius se revelou! Tome cuidado!

– Ele sabe, Lídia, de tudo, inclusive sobre Ben Azir...

– Sem dúvida... Por isso o seu ciúme desesperado, Sibila.

Ela se esforça para levantar-se e manter-se de pé, cambaleia, mas decide:

– Vou regressar para a sala. Preciso saber mais...

– Espere, filha! Dê-se alguns minutos de refazimento!

– Está bem! – ela responde, enquanto se deita novamente e pede:

– Perdoe-me!...

– Já lhe disse, filha, mais cedo ou mais tarde Hatérius descobriria.

Acima de tudo, confiemos em Deus!

Sibila se cala e se recosta nas almofadas. Fecha os olhos e pensa em Ben Azir, Cynara, Plínio, Semíramis, a comunidade, Irmão José...Não se contendo mais, chora, desconsolada...

Após alguns minutos, ela retorna ao salão.

Hatérius se refresca, animado, com frutas e refrescos.

Senta-se e aguarda, silenciosa.

Hatérius limpa a boca, observa-lhe o abatimento, e reinicia o seu discurso ameaçador:

– Bem, vamos ao que interessa! Caso não obedeça as minhas ordens, voltando para casa, atirarei ao Hades esta casa inteira, na qual você se abriga e encontra apoio para as coisas mais estapafúrdias!

– Será capaz disso, Hatérius?

– Sim, serei, não duvide! O que está em jogo é muito importante para mim!

– E em mim, você não pensa?

– Só penso em você! Se soubesse o poder que possui, Sibila!... Todavia, finge ignorar os meus anseios!

Ele se precipita, na intenção de segurar-lhe as mãos, mas, rápida, ela se afasta, abortando-lhe a intenção.

Profundamente desalentada, indaga:

– O que pretende, Hatérius? – na sua voz, uma grande mágoa.

Comovido, completamente envolvido por sua beleza e fragilidade, ele responde, sincero:

– Tê-la para mim! Não se faça de rogada! Aceite-me e me faça feliz!

Indignada, Sibila pergunta, intencionalmente:

– Está me pedindo em casamento? – sabe que não...

Apanhado de surpresa, ele estremece, pigarreia, e se mexe,

desconfortável. Jamais pensou nisso, mas precisa esconder suas verdadeiras intenções. Adoçando o olhar e a voz, ele aventa a hipótese:

– Caso seja esta a única maneira de tê-la...

– Eu não estou à altura da sua classe social, não é?

– Você sabe que sim, mas por seu amor, eu darei um jeito! Como vê, estou disposto a abrir mão até dos meus princípios! Que mais pode querer, Sibila?

Em choque, ela sequer consegue responder.

Ele se acerca dela e fala baixo, conciliador:

– Minha cara, eu a farei feliz! Elevarei o seu nível social e a cobrirei de luxo e riqueza!

Numa risada nervosa, ela indaga:

– E quem lhe disse que eu desejo isso?

– Quando experimentar as vantagens que a riqueza permite, me entenderá, Sibila!

Fitando-o, apiedada, ela observa:

– Diz que me fará feliz e sequer me conhece!...

– Não posso, certamente, agir ou ser como você! Nós somos muito diferentes!

– E como pretende me fazer feliz? Você mesmo reconhece a distância que existe entre nós! Enlouqueceu, por acaso?

– Sim! Por você!

– Não por mim, mas pelo corpo que deseja, pensando que sou apenas isso!

– Não seja ingrata! Você me fascina mais que qualquer outra! As notáveis qualidades que ornam-lhe o caráter saltam aos olhos de qualquer um!

Num cansaço extremo, Sibila responde, arrasada:

– Não se iluda, Hatérius!... Nada que possa dizer ou fazer me fará aceitar um pedido tão absurdo! Vejo em você apenas um irmão.

Nada, nada, modificará isso!... Conforme-se com o lugar que eu lhe dei no meu coração, e não almeje aquilo que jamais terá!..

Ofendido e ciumento, Hatérius revela, enfim, o cerne da questão:

– Não me julgue um tolo, Sibila! Sei o que pretendem, você e aquele judeu execrável! Por isso me rejeita!

Sibila compreendeu: “Enfim, ele não conseguiu se conter! Eu sabia!...”

Levanta-se, agitada, dá alguns passos e retorna. Senta-se, novamente, e se cala. Hatérius deve ser feito de rocha. Nada o comove...

– E então, minha cara? Fui muito direto? – Hatérius indaga-lhe, olhos nos olhos, zombando da sua reação que confirma tudo que ele disse.

Sibila não pode responder. Um perigo iminente ronda a vida de Ben Azir... Deve calar...

Aguardando a resposta que não veio, Hatérius sorri, triste com a constatação de que ela protege Ben Azir e ao mesmo tempo feliz com a certeza de vitória. Sorrindo, ainda, irônico, ele declara, impositivo como sempre:

– Bem, espero que o seu silêncio indique que vai pensar! Já me demorei aqui mais do que devia! Organize-se! Dentro de dois dias, se eu mesmo não puder vir, enviarei alguém para buscá-la! Não fuja, nem reaja! Estarei, como sempre, atento! Qualquer passo em falso, e usarei o poder que represento para adverti-la e chamá-la à razão!

Ele se inclina, beija-lhe o ombro que está a mostra na bela túnica grega, fazendo-a recuar, indignada.

Exibindo a sua satisfação, ele se despede:

– Até a vista! A partir deste dia, considere-se comprometida comigo!

– Não teme que eu me mate, Hatérius?

– Não, você não fará isso! É inteligente demais! Além de tudo...

Você é, como direi... muito fiel aos poderes divinos!

Sibila assusta-se cada vez mais, com tanta frieza e crueldade.

Ele sai a passos largos, e ela permanece no mesmo lugar, incapaz de raciocinar normalmente ou mover-se.

Assim, trêmula e revoltada, ela ouve a voz de Lídia:

– Filha, venha comigo! Vou lhe preparar um chá calmante!

– Obrigada, Lídia... Perdoe-me! Nunca imaginei que vindo para a sua casa lhe traria situações como estas!

Abraçando-a pelos ombros, e sustentando-a, ela conclui, igualmente aterrada com os terríveis prognósticos que pesam sobre a cabeça de todos:

– Assim é a vida, Sibila! Mormente nos dias que correm, onde o poder arbitrário e a crueldade grassam livres, sem peias! Não peça perdão! Eu já lhe disse: de uma forma ou de outra, nós vivemos desafiando os poderes de César...

Sibila decide avisar Ben Azir e escreve-lhe:

“Meu amado: através desta, quero avisá-lo do grande perigo que nos ameaça!

Hatérius foi muito sincero e agressivo!

Ameaçou-me e citou o nosso relacionamento, confirmando, por meio de ameaças diretas, a intenção de nos penalizar a todos. Por enquanto, não poderemos nos ver. Aguarde e seja muito prudente, peço-lhe! Não tome atitudes precipitadas, das quais poderemos nos arrepender, pois estamos, todos, sob a ‘competente’ vigilância de Hatérius. Confiemos em Deus, Ben Azir! Ele nos socorrerá da melhor maneira! Avise a comunidade, por favor, porque esta também está sob a mira desse tribuno.

Lídia está comigo e eu ficarei bem.

Beijo-o, saudosa e amando-o, cada vez mais!

Sua para sempre, Sibila”

Após enviar a carta através de Semíramis, Sibila analisa, cuidadosamente, a própria situação. Não pode falar a Demétrio. Seu

nobre protetor, não suportará. Sua saúde está muito debilitada.

Decide agir da mesma maneira que aconselhou a Ben Azir.

Aguardará, confiante, que dos céus lhe chegue o auxílio de que precisa. Por algum tempo, afastar-se-á de Cynara e da comunidade.

Os espiões de Hatérius estão em toda parte.

Lídia, por sua vez, sabe que Hatérius, de uma forma ou de outra, perseguirá a sua família. Ele nunca apreciou a amizade de Demétrio e de Sibila por eles. Isto basta para um homem como ele. Os motivos que alega servem apenas para ele mesmo. “Sem saber, ele ama Sibila, mais do que imagina... Infeliz criatura, que precisa impor o seu amor! Apesar do poder que representa, para a mulher que ama, ele é nada!...”

Sacudindo a bela cabeça de cabelos castanhos e sedosos, ela se dirige aos seus afazeres, até que o marido e os irmãos cheguem para avisá-los que Hatérius premiou-os, a todos, com a mitológica espada de Dâmocles...

*

Cynara, coração aos saltos, comparece na casa de Lídia, como combinara com a filha para rever Demétrio. Ali ela se depara com uma tristeza que parece morar em cada canto e encontra Sibila muito abatida... Abraçam-se, amorosas.

Lamentando, profundamente, tudo que vai dizer-lhe, Sibila explica-se:

– Mãe querida, estamos mergulhados num mar de inseguranças! Hatérius veio ver-me e nos ameaçou a todos!

– Por quê?

– Declarou, impositivo, que sabe tudo sobre nós e sobre as nossas vidas!

Cynara se sobressalta:

– Deus! Os riscos são enormes! O que move Hatérius a agir assim?

– A intenção de me pressionar... Quer que eu seja sua mulher...

Cynara aperta o coração com ambas as mãos e parece sufocar. Extremamente pálida e trêmula, pede ajuda. Não se sustenta sobre as pernas e precisa ser amparada por Sibila que clama por auxílio.

Lídia e Sertória acorrem, com tudo que é preciso para socorrê-la.

Melhor, mas muito abalada, Cynara tenta disfarçar:

– Perdoem-me! Devo estar sentindo os efeitos da demorada exposição ao sol! A viagem foi muito cansativa!

– Relaxe, Cynara, e procure se refazer – Lídia sugere, amável, mas muito intrigada.

– E quanto à ameaça que estão sofrendo?

– Deus nos socorrerá! Agiremos da melhor forma possível! Lamentável sentir os ecos das ameaças de Hatérius nesta casa, antes tão tranquila... Sei que, mais cedo ou mais tarde, ele faria o que está fazendo. Era apenas uma questão de tempo! Ele e sua mãe jamais apreciaram a amizade de Demétrio por nós!

Sibila, em silêncio, analisa as reações de sua mãe... Não acreditou nas suas justificativas... Decide-se pela sinceridade, o momento exige:

– A senhora, minha mãe, sabe de algo que ignoramos?

– A respeito de quê?

– De Hatérius, naturalmente!

Cynara vacila e contemporiza:

– Hatérius é assim! Ele não se detém diante de nada, nem de ninguém!

– O coração deste tribuno, Cynara, é feito de pedra! Ele desconhece o respeito, a amizade e a misericórdia! – Lídia acrescenta.

Sibila fita Lídia, significativamente, e explica:

– Minha mãe ama Hatérius como se ele fosse seu filho.

– Pobre Hatérius!... Faz a todos infelizes e, consequentemente, será infeliz, também! – Cynara lamenta.

Apesar do aviso de Sibila, Lídia não se contém:

– Este, Cynara, o menor preço que ele pode pagar por todo mal que espalha! Desculpe-me, mas minhas palavras são o resultado de uma observação de muitos anos. O caráter deste rapaz é muito ruim! Você é muito complacente quando se refere às suas ações criminosas!

Cynara sente-se apanhada em falta...

Desconcertada, confessa:

– Desde o primeiro instante em que o vi, meu coração, maternal, entregou-se àquele menino bonito, saudável, autoritário e de difícil condução. Velei por ele, como um cão de guarda, e sempre lhe fui fiel! Tive o ensejo de salvar-lhe a vida, várias vezes. Ele parecia fadado a perecer, prematuramente, mas, por outro lado, eu parecia ter em minhas mãos o poder de mantê-lo vivo! Perdoem-me, se puderem, mas apesar de tudo, eu o salvaria, quantas vezes fosse preciso! Como explicar tal afeto? Não sei! Eu o amo, tanto quanto à Sibila!

Diante da declaração, corajosa, de sua mãe, Sibila pensa em si mesmo e em Adriano: Desde que ele chegou à casa de Demétrio, um adolescente ainda, dedicou-lhe, espontaneamente, uma verdadeira e inalterável amizade...

Os pensamentos de Lídia, todavia, não são tão compreensivos assim.

Vincos na testa, claramente indignada, ele se controla, bravamente para não censurar duramente a Cynara, por ‘simplificar’, tão irresponsavelmente, as atitudes cruéis de Hatérius...

Consciente disso, Cynara lhe pede:

– Perdoe-me, nobre Lídia, os rompantes de um amor cego e incompreensível como este!

A sinceridade de Cynara desarma Lídia:

– Bem, bem, não se agaste, que não está aqui para isso! O que seria de nós, caso não tivéssemos o amor das nossas mães? Só o amor materno se sobrepõe a tudo; assim como o amor de Deus.

Não se sinta culpada! Quem sabe um dia este rapaz se modifica, não é?

– Praza aos céus! Seria uma felicidade para o meu coração! Quero aproveitar para lhe agradecer tanta solicitude e amor à minha filha.

– Sempre amei Sibila, como a uma filha! Entre nós existe uma notável e sólida afeição.

Enquanto Lídia fala, Cynara pensa nas intenções de Hatérius...

Em meio a estes pensamentos, ouve uma voz muito conhecida que encontra eco na sua alma... Demétrio, no átrio, se faz anunciar.

Minutos depois, ele adentra o salão e se depara com as três.

Sob o impacto emocional, que tenta disfarçar, curva-se, reverente, saudando-as.

Lídia e Sibila, retribuem a saudação e saem silenciosas...

Frente à frente, os dois se medem, eletrizados.

Emocionado e trêmulo, ele se dirige à Cynara:

– Minha cara Cynara! Os meus olhos me enganam ou é você mesmo?

– Sim, Demétrio, sou eu! Como prometi a Sibila, aqui estou.

Ele se aproxima mais, toma-lhe as mãos e a atrai para si, envolvendo-a, amoroso, coração descompassado.

Ela se aconchega feliz, submetida ao seu grande e único amor.

Enquanto se dirige a outros interesses, Lídia conclui, intrigada:

“Estranho... Cynara não está apenas contrariada! Se ama tanto a Hatérius, por que demonstra tanto pavor ao imaginá-lo casado com Sibila?... Que tipo de afeição terá existido entre ela e Demétrio?!... Talvez aí esteja a explicação...”

Em meio a estas divagações, ela alcança o interior da casa.

Demétrio e Cynara se desprendem, controlando-se, em parte, e sentam-se lado a lado.

Ela sente-se flutuar, nos céus... Tudo o mais deixou de existir!... Momento glorioso! Seu corpo vibra no mais profundo amor, e na

mais ardente paixão, pelo homem querido, jamais esquecido!

Tão emocionado quanto, Demétrio rompe o silêncio:

– Como pude viver longe destes olhos amados? Como pude viver longe de você?

– A vida nos forçou, Demétrio!

– Por que nunca me procurou? Se está viva, graças aos deuses, por que nunca me deu notícias?

– Para deixá-lo em paz!

– Como poderia ter paz longe de você? Minha vida se arrasta, monótona, dia após dia! Só Sibila me traz paz e alegria!

– Perdoe-me Demétrio, mas investimos numa afeição que, errada e perseguida desde o começo, só nos trouxe dores e dificuldades. Enfrentamos uma tempestade e fomos tragados por ela. Nosso barco soçobrou, infelizes que fomos! Eu não pude mais enfrentar um destino tão desastrado. Fiz o que devia ter feito, protegendo a sua e a minha vida!

Demétrio quase adivinha, mas pergunta:

– Por que desapareceu e nunca nos deu notícias?

Cynara lhe fala da ‘doença’ que a acometeu, dos seus desesperos existenciais, e da decisão de pôr um fim em tudo, fugindo. Omitiu a participação criminosa de Minerva e o aviso de Hatérius, protegendo-a... Este, embora adolescente, já era muito ‘articulado’, nas situações mais diferenciadas.

– Estive doente por muito tempo... Aqueles que me socorreram me resgataram para a vida. Curada, permaneci com eles por gratidão e por amor.

– Por amor a quem? – Demétrio estremece. Ela terá outro?!

– Amor ao meu semelhante!

– Está falando por enigmas, minha cara. Explique-se melhor, peço-lhe!

Cynara percebe-lhe a acuidade de pensamentos e o alcance de entendimento deste homem.

– Vivo numa comunidade muito boa, na qual todos fazem o bem pelo bem.

Demétrio fita-a, atônito. Já ouviu isso antes... Quando abre a boca para indagar mais, ela põe os seus dedos sobre os seus lábios e roga:

– Não me pergunte mais, peço-lhe...

A Demétrio, a frase foi a resposta afirmativa aos seus receios.

– Está bem, Cynara, não a reencontrei para atormentá-la, descanse! Todavia, deixe-me dar-lhe um conselho: Cuidado com aqueles que, dizendo fazer o bem, podem levá-la a suplícios, físicos e morais, inimagináveis!

– Obrigada pelo aviso, Demétrio! Posso lhe dizer, porém, que nunca mais abrirei mão da paz que hoje banha o meu coração; nem pretendo modificar a minha vida!

– Reconheço que para sobreviver e preservar este afeto, você viveu tormentos inconcebíveis, minha cara! O que pude lhe oferecer? A renúncia, o medo, os sentimentos de culpa...

– Nunca me arrependi do nosso amor, Demétrio! Quando o vi naquele mercado, naquele dia memorável, apesar da grande dor e da humilhação, eu o amei, para sempre!

Extasiado, ele não quer perdê-la de novo:

– Por favor, onde vive, atualmente?

– Perdoe-me, mas não posso lhe dizer. Isto acarretaria consequências terríveis e não apenas para mim.

– Está bem, Cynara. Seja feliz como puder, mas seja feliz!

– Descanse, Demétrio, da mesma maneira que hoje nos reencontramos, encontrarei outras oportunidades para revê-lo, prometo!

Ela observa-lhe o extremo abatimento:

– O que tem? Apesar de não vê-lo há muito tempo, percebo que não está bem.

– Sim, atualmente, carrego tormentos que pesam, em excesso,

para minha alma já tão cansada...

– Pode dizer-me os motivos de tanto desânimo?

– Principalmente a você, eu posso e devo. O nosso reencontro, hoje, foi providencial. Hatérius, este filho que me traz tantas aflições e dificuldades, decidiu, imagine, casar-se com Sibila! Estou desesperado e sem saber, ainda, se conseguirei impedi-lo, em tempo!

Cynara abaixa a cabeça. Respira profundamente e silencia. O que pode dizer?

– Você não parece surpresa!

– E não estou. Quando aqui cheguei, hoje, fiquei sabendo do terrível prognóstico. Encontro-me tão angustiada quanto você. Ambos sabemos da impossibilidade deste projeto de Hatérius!

– Pretendo convocá-lo para uma conversa franca.

– Deve fazê-lo. Como pai esta incumbência lhe pertence.

– Diga-me, por que Sibila nunca me falou de você?

– Porque eu lhe pedi que não o fizesse. Estava decidida a sair da sua vida!

Demétrio não se contém e volta ao assunto que no momento o incomoda, quase tanto quanto as intenções de Hatérius:

– Em nome do nosso amor, Cynara, e em memória de tudo que vivemos, diga-me: Sibila a acompanha na sua 'nova vida'?

Ele teme a resposta que já adivinha. Fita Cynara quase acusando-a.

– Sim, Demétrio! E por decisão dela mesma, acredite. Você sabe, melhor que ninguém, o quanto ela é determinada!

Demétrio levanta-se de chofre e exclama, voz abafada:

– Não! Deuses!... – o terror estampado no seu rosto fala do seu pavor.

Cynara o alcança e toca-o no braço, sustentando-se e sustentando-o, no impasse que vivem:

– Perdoe-me... Nunca tive a intenção de magoá-lo...

– Por acaso, você enlouqueceu? Quanto tempo vai demorar para que ela seja perseguida e morta, entre humilhações e crueldades, inimagináveis? É o que deseja para sua filha?

Frente à frente, ela retruca, amável, mas enérgica:

– Meu amado, antes sofrer que fazer sofrer; ser torturado que torturar; morrer perdoando os nossos algozes que matar! Ser fiel à Verdade e ao amor, verdadeiros, tem custado muito sangue, tem ceifado muitas vidas, nós sabemos, mas jamais será vergonhoso morrer pela Verdade, a fim de que o Bem seja plantado neste mundo!

– Cynara, Cynara, desperte! Você é grega e deve obediência aos deuses e a César! Você está num mundo onde a verdade e o amor de que fala, tão entusiasmada, não encontram eco! Nós vemos, todos os dias, os chamados ‘cristãos’ morrerem em espetáculos horrendos! Você se transformou numa visionária e arrebatou-me a filha amada! Ela, assim como você, já devem estar sob a mira de Hatérius e dos seus pares! Quando falo em Hatérius, sabemos da proximidade que temos do próprio César! Hatérius não vacilará entre vocês e o poder de Roma! – Demétrio está descontrolado.

Cynara, compreensiva, responde:

– Mais cedo ou mais tarde, Demétrio, os nossos testemunhos se instalam! Quando o nosso chegar, eles nos levarão sem defesas, porque não reagiremos, em nome de algo muito maior que a própria vida! Neste dia e nesta hora, devemos provar a nossa fé!

– Deixa bem claro as suas escolhas, Cynara! – Demétrio desafia. Na sua voz, acusação e decepção, diante das suas ideias, que considera perigosas, não apenas para ela mas, principalmente, para Sibila.

– Entenda-me, por favor...

– Como, se arrasta Sibila nesta derrocada?

– Está sendo injusto, Demétrio! Já lhe disse e você sabe que ela só faz aquilo que quer!

Demétrio mete os dedos por entre os cabelos e caminha, aflito, pelo salão. Fita o belíssimo piso polido e cromático, de mármore... Respira fundo. Senta-se de novo e convida, num gesto, a que Cynara faça o mesmo.

– Jamais imaginei, Cynara, que iria reencontrá-la, assim... Tão diferente e tão distanciada da realidade. Quase me arrependo de ter vindo!

– Não diga isso, Demétrio. Hoje eu o amo muito mais que antes!

– E a sua nova vida nos separa! Hoje e aqui, nós nos desencontramos, desgraçadamente!

– Sinto tanto...

– Se sente, modifique esta situação, depende apenas de você.

– Você, liberal e compreensivo como é, quer impedir-me de agir livremente?

– Se me ama, como diz, repense tudo que me disse, e me procure de novo, Cynara.

– Para mim, Demétrio, não há mais volta!

– Lamento!... Quero que saiba, porém, que eu a amarei, acima de tudo e para sempre!

– Esta certeza me sustentará para enfrentar aquilo que vier.

– Quer ser mártir, Cynara? – na voz de Demétrio, censura e ironia.

– Não tenho esta pretensão! Quero viver muito para prosseguir fazendo tudo que faço.

– Você tornou-se uma fanática, uma visionária, como muitos outros! E eu a amo tanto!... – Demétrio a atrai para si e beija-a, ardente e desesperado, apertando-a ao encontro de seu coração amante.

Retribuindo com a mesma força amorosa, Cynara demora-se nos braços do homem amado, por um tempo indeterminado. À volta, uma privacidade, protegida e intencional.

Após o carinho e o extravasamento das emoções e sensações, Demétrio declara:

– Ouça, apesar de tudo, amo você mais que a própria vida e não abrirei mão deste amor! Vou embora, mas não me conformarei com a distância, nem com aquilo que atualmente pensa. Encontrarei alguma forma de mudar essa situação! Despeça-se de Lídia e de Sibila, por mim! Preciso falar, urgente, com Hatérius.

Apesar das suas loucas decisões, Cynara, quero voltar a vê-la!

Beijando-a, mais uma vez, num beijo no qual ambos entregam as suas almas, ele se vai.

Ela fica ali, a admirá-lo, enquanto ele se distancia...

Na rua, ele se dirige à sua liteira. Sobe e, enquanto se recosta, balbucia:

– Eu a amo, Cynara! Hoje, como no primeiro momento em que a vi! Caso sobreviva a tantos embates, não abrirei mão do seu amor!

Acomoda-se melhor e parte para casa.

Pensou em ir ao Fórum, falar com Hatérius, mas desistiu.

O filho não o atenderá. Ficaria ali aguardando, indefinidamente, para depois desistir, como sempre acontece.

Chegando em casa, Demétrio se recolhe aos seus aposentos, ordenando que o avisem quando Hatérius chegar.

A morte do guerreiro

SIBILA, RETIDA EM casa por prudência, sente-se sufocar...

Desde a conversa de sua mãe com Demétrio, não mais os viu.

Notou-lhes o estranho comportamento, a saída intempestiva dele, e as lágrimas dela. Pretendia alegrar-lhes os corações... Ter-se-ia enganado?!...

Ao despedir-se dela, Cynara lhe disse:

– Sibila cuide-se para não ficar a sós com Hatérius! Caso seja preciso, retorne para a casa de Demétrio.

– Isto se dará, brevemente, por imposição do próprio Hatérius! Teme algo que eu desconheço, minha mãe?

Apesar da sua maldade, Hatérius jamais prejudicou Sibila.

Cuidadosa, Cynara lhe pede:

– Filha, não me pergunte mais nada, sim? Faça apenas o que eu lhe pedi. – beijando-a, Cynara se foi.

Naquela noite, Sibila não irá à Via Nomentana.

Lídia chega e aconselha:

– Sibila, tome cuidado com Hatérius! Não fique a sós com ele!

– Curioso! Minha mãe disse a mesma coisa!

– Nós estamos preocupadas com a sua segurança!

– Agradeço-lhes e prometo atendê-las.

– Sábia menina! Vamos cear? Sertória fez umas delícias dignas dos deuses!

– Caso eles existissem, não é?

– Sim! – Lídia concorda e ambas riem, tentando descontrair.

Horas depois, Sibila se ajoelha no seu quarto e roga proteção aos céus. Pensa em Ben Azir. Sente tantas saudades!... Onde e como ele estará? Antes de dormir, vem-lhe à mente a cena na qual ela e Adriano estão juntos e numa situação muito trágica... O que virá?...

*

HOJE, NO GRUPO de revoltosos, Jadhu esteve ausente.

Ben Azir reflete, muito intrigado: “Por onde andará aque- le abutre?”

A reunião decorreu muito agitada.

Há que empenhar-se muito mais, no revide aos ataques, diante da reação dos inimigos. Estes têm aprisionado membros do grupo, torturado e matado. Seus corpos são atirados ao longo das estradas, para servirem de escarmento.

Dia seguinte, Jadhu reapareceu. Sinistro, como sempre, e com um sorriso zombeteiro. Cobrado quanto à sua ausência, justificou:

– Fui à caça!

– Você caça, Jadhu? – alguém indagou.

– Às vezes! Quando a caça é muito boa!

– De que está falando, Jadhu? Se for algo que nos interesse, prossiga. Do contrário, cale-se e deixe as suas gabolices para os seus iguais! – ordena Hamad, incomodado com o seu veneno habitual.

Retribuindo o que ouviu, com um olhar ameaçador, Jadhu silencia.

Ben Azir decide deixá-lo entregue às suas sandices, e integra-se às conversações. Ao término da reunião, leva no alforje uma ordem, urgente para investigar determinado local de reunião dos inimigos.

Gamaliel, jovem forte e corajoso como ele, o acompanhará.

Dia seguinte, ao alvorecer, encontra-se com Gamaliel numa curva do caminho e juntos se dirigem ao Vale do Jordão.

Ben Azir recorda a tristeza de sua mãe, ao abraçá-lo...

Deborah quedou-se, silenciosa, a admirá-lo, em patente adoração...

Curioso, indagou-lhe:

– O que há, minha mãe?

– Nada meu filho, o de sempre, cuidados de mãe! Amo tanto você, meu querido Ben Azir!

– Também a amo, muito! Confiemos em Deus, como sempre fazemos, sim? Devemos ser fortes!

– Certamente, filho querido!...

Abraçaram-se muito e tão forte, que pareciam estar se despedindo...

Ben Azir não gosta mais de viver assim... Todavia, comprometeu-se com a causa e se fez indispensável no grupo.

Criou laços difíceis de desatar. Precisa de algum tempo para isso. Mas pretende fazê-lo o mais breve possível. Já não carrega mais a certeza daquilo que sempre fez. Decidiu repensar a própria vida depois que conheceu Sibila, a comunidade cristã e, principalmente, o venerável, Plínio. Essa emergência, porém, que alcançou o grupo, com tantas baixas, levou-o a aceitar a incumbência de uma ousada incursão ao reduto dos inimigos. Ele e Gamaliel sobreviverão?...

Recorda que seu pai, ao despedir-se, manteve-se abraçado a ele, surpreendentemente emocionado, e lhe dissera:

– Cuide-se bem, meu filho! Sua mãe teve sonhos ruins, de novo!

Ben Azir também teve pesadelos na noite anterior:

Sombras ameaçadoras se movimentavam ao seu redor, articulando sons desarmônicos e uma estranha presença, embuçada e envolvida em panos negros, gargalhava e investia, feroz, para matá-lo...

Sacudindo a cabeça para espantar os pensamentos sombrios, respondera ao pai:

– Que Deus nos guarde e abençoe, sempre! Na volta, meu pai,

preciso lhes falar!

– Conversaremos, filho, quando voltar... – Jairo lhe respondera. Nos seus olhos, amorosos, o receio de perdê-lo...

Ben Azir beijou-o, em ambos os lados do rosto, e deu outro abraço, seguido de um sonoro beijo, em sua mãe.

Fitou-os, reverente e amoroso, intrigado com os próprios sentimentos. No coração, uma vontade enorme de não afastar-se deles; de permanecer, ao menos naquele dia em casa...

Recebendo o cavalo das mãos do criado, saltou sobre ele e olhou-os, mais uma vez. Acenou-lhes e partiu, estranhamente comovido e interiorizado: “Sibila estará bem? Oh, Deus, protegei-nos a todos de acordo com as nossas necessidades!”... Incitando o alazão a disparar na direção desejada, em poucos minutos se distanciara.

A voz de Gamaliel o faz estremecer:

– Algo o incomoda, em particular, Ben Azir?

– Não, nada. Vamos!

– Está tudo bem?

– Sim, está tudo bem!

Eles se apressam. A jornada será longa.

Após horas estafantes, nas quais pararam algumas vezes para alimentar-se frugalmente e matar a sede, aproximam-se do local.

Sorrateiros, desmontam e seguem a pé, puxando os cavalos pelas rédeas por algum tempo, sem fazer ruído.

Numa razoável distância, bem escondidos, eles registram as presenças de muitos homens acampados, aqui e ali, armados até os dentes. São reconhecidamente mercenários. Ben Azir abomina-os, considera-os chacais desprezíveis.

Após a observação meticulosa, que resultará num relatório para o grupo, eles decidem voltar. O que viram exigirá do grupo planos muito bem traçados e muito mais homens.

De súbito, ouvem um tropel de cavalos que vem na direção deles.

Antes que consigam se esconder, estão cercados por homens bem

armados que demonstram a intenção clara de atacá-los.

Entreolham-se e tomam das armas, dispostos a vender muito caro as suas vidas.

Os desconhecidos avançam violentos e caem sobre eles. Gamaliel é o primeiro a ser atacado. Ben Azir une-se mais de perto ao companheiro e defende-o com a própria vida. Recebe golpes e mais golpes, defendendo-se como um tigre, enquanto Gamaliel faz o mesmo.

Ben Azir percebe que o objetivo primordial é tirar, antes, Gamaliel do caminho e redobra feroz, a sua e a defesa do amigo. Todavia, são muitos. Eles lutam, bravamente, mas após algum tempo, Gamaliel cai gravemente ferido. Do seu peito, brota um sangue vermelho, esguichando em abundância.

Olhos muito abertos, Gamaliel se faz entender pelo amigo... Está morrendo... No olhar, uma grande dor física e moral... Instantes cruciantes para um jovem que parte e deixa tudo que ama para trás...

Ben Azir mal consegue aproximar-se, porque os inimigos fingem investir contra ele para depois afastar-se, em patente zombaria.

Seu ombro está ferido e sangrando; suas forças estão entrando em colapso; mas apesar de tudo, sequer move um músculo da face que possa denunciar-lhe temor.

Aqueles que conseguiram feri-lo e matar Gamaliel demonstram, claramente, uma segunda intenção, que Ben Azir não consegue precisar.

Pernas abertas, armas nas mãos, postura de desafio e defesa, ele aguarda. São minutos de horror, de incerteza, de grande insegurança... Na acústica de sua alma, soam as palavras de Plínio:

“Sua vida nada vale, meu jovem!... Você está numa encruzilhada!...”

Respira fundo, mantém a posição e a vigilância, e olha para todos os lados, aguardando o que virá. Os homens o cercam, sorrindo e dizendo impropérios sem, contudo, atacá-lo mais.

A Ben Azir, pareceu que aquilo que pretendiam já fizeram. Respira fundo e com dificuldade. Fita o corpo de Gamaliel e lamenta-o. Como terminará tudo isso? Não sabe, porém conclui que a sua sorte já está, de algum modo, selada. Por que ou por quem? Tenta entender o que vive no momento, quando, subitamente, ouve um galope no meio da vegetação. Vira-se naquela direção e se depara com uma figura tétrica, rosto envolvido pelas pontas do turbante e encapuzada. Somente os seus olhos são visíveis.

Com um gesto de mão, o recém-chegado demonstra aos demais que a partir dali é com ele. Velado e vestindo um manto negro, que se sacode ao vento, ele cavalga ao redor de Ben Azir, gozando a satisfação de surpreendê-lo em desvantagem.

Com a visão prejudicada, pelo suor que escorre abundante, Ben Azir tenta identificá-lo. Ele se aproxima de novo; primeiro devagar para, subitamente, incitar o cavalo a atropelá-lo, parando no último momento.

Ben Azir salta tal qual um felino, fugindo à colisão, mas percebe que o seu opositor deseja cansá-lo e se divertir.

Após agir assim, repetidamente, ele se afasta um pouco, apanha um chicote, e passa a desferir golpes e mais golpes sobre Ben Azir.

Este se defende, virando-se para todos os lados, mas recebe os açoites, como ferro em brasa, por todo o corpo.

Desesperado, Ben Azir tenta proteger a cabeça e o rosto.

Nisto se passam vários minutos, nos quais o cavaleiro se afasta, volta num rápido galope e fere novamente Ben Azir, silencioso e cruel, gozando-lhe as dores e as suas tentativas em defender-se.

O valoroso rapaz já está muito ferido.

Num determinado momento, aquele que o ataca e fere casquina uma risada bem conhecida de Ben Azir! Em seguida, vaidoso das próprias ações e da situação privilegiada, muito devagar, ele desvela o rosto e retira o capuz. Fita Ben Azir, olhos brilhando, vitorioso.

Estupidificado, Ben Azir explode:

– Jadhu! Seu chacal desgraçado!

Mas, é tal a sua fraqueza física que as palavras saem com dificuldade e os seus joelhos ensaiam dobrar. Nos seus pensamentos, o horror da certeza:

“Jadhu é um traidor! A quantos, terá levado à morte? E o que o move? Lucros, naturalmente!” Seus pensamentos se misturam... Sabe que não possui defesa alguma contra a cilada que Jadhu lhe preparou.

O sicário investe contra ele, mais uma vez, gargalhando.

Numa voz desagradável e enrouquecida, pela emoção do momento, ele declara, estentórico:

– Enfim, só nós dois, Ben Azir, e do jeito que eu sempre desejei! Avisei-o, tantas vezes! Por que não me ouviu?

Trêmulo pelo cansaço extremo, pernas bambas, joelhos enfraquecidos, aos quais desdobra, várias vezes, na tentativa de manter-se em pé, Ben Azir retruca:

– Quando duvidei que você fosse este monstro que agora se revela? Nunca! Sua alma negra se exterioriza de tal forma, que se torna visível aos olhos de qualquer um, Jadhu! Você é um corvo, maldito, na forma humana!

Visando a boca de Ben Azir, Jadhu estala o chicote e bate no seu rosto que passa a sangrar.

A dor é lancinante, todavia, ele busca forças para disfarçar:

– Sei que me matará, Jadhu! Esta, uma vontade antiga, você nunca disfarçou! Sequer pensa no ideal do grupo e da luta, pelos quais entregamos até as nossas vidas! Mas, o que digo? Você não conhece honra, nem fidelidade! É digno de pena, de lástima! É um ser abjeto que jamais deveria ter nascido!

Num esforço sobre-humano, Ben Azir vai dizendo o que pensa e sente, sem saber onde encontra forças:

– Sua vida é deplorável, Jadhu! Estou morrendo com dignidade e honra! Você será destruído, mais dia menos dia, como um verme! E morrerá sozinho, sem afeições e sem esperança! Você é um homem

reles, mesquinho, e traidor!...

Jadhu parece imobilizado, ouvindo-lhe os desabafos. Odeia Ben Azir, exatamente por ele ser assim. Em verdade, o inveja, visceralmente!

– A honra da sua execução será minha, Ben Azir! – grita, enfim, numa voz cavernosa... Um suor viscoso e estranho, que ele não sabe explicar, derrama-se, em bagas, por seu corpo. Guarda o chicote e toma da cimitarra que traz dependurada na cintura. Investe contra Ben Azir, e dá-lhe uma forte pancada com a lâmina, derrubando-o.

"Enfim"! – goza – "Ben Azir está no chão!"

Levantando-se, de joelhos, o máximo que pode, Ben Azir ainda declara, desafiador:

– Faça o que fizer, jamais terei medo de você, seu *Dibuk* dos infernos!

Ben Azir conclui, sabiamente, que Jadhu é cúmplice do bando que ele e Gamaliel descobriram.

– Pois devia! Você sempre foi muito temerário ao desafiar-me! Minha fama tem razão de ser, Ben Azir! Você, agora, é menos que um inseto, que eu esmagarei sob os meus pés!

Em meio aos sofrimentos, físicos e morais, Ben Azir ainda ousa:

– Desça daí e me enfrente! Venha lutar comigo como homem! Não, você jamais faria isso, pois sabe que eu o destruiria, não é?

Jadhu incita o cavalo na direção dele e lhe aplica um novo golpe.

Trincando os dentes, Ben Azir impede o grito que se faria necessário para aliviar a dor. Cai e levanta-se de joelhos, várias vezes, mas insiste:

– Tenha coragem, veja o quanto estou ferido, Jadhu! Me enfrente!

A voz de Ben Azir já perdeu a força tonal e por vezes vacila ou sai descompassada.

Jadhu se afasta de novo, e aprecia a sua obra. Olha-o de cima para baixo e declara:

– Eu, somente eu, posso decidir-lhe a sorte, Ben Azir! Peça misericórdia, humilhe-se! Rogue por sua vida!

– Jamais!... – Ben Azir responde num rictus de dor – Pedir misericórdia a você? Enlouqueceu, por acaso?

– Peça! Aqui e agora sua vida me pertence!

– Engana-se, Jadhu! Minha vida só pertence a Deus! Assim como a sua pertence ao diabo!

– A sua sorte está nas minhas mãos! – ele declara, sorridente e cavalgando, devagar, ao redor de Ben Azir, como um gato a brincar com a sua presa. Levanta o braço e Ben Azir estremece. Recolhe o braço e Ben Azir respira. Isto o diverte. Muito!...

– Sabe, Ben Azir? Agora vem o melhor de tudo! Dizer-lhe “quem” está por trás de tudo isso! Quem, de fato, o traiu, vergonhosa e deliberadamente, pagando regiamente, diga-se de passagem, por sua morte!

– Não espere me surpreender, sei quem pagou você, seu criminoso assalariado!

– Bem, de um eu sei que você suspeita, mas, de outro... Eu duvido!

– De quem está falando?...

– Dos verdadeiros abutres, Ben Azir! Mesmo desfrutando do enorme prazer que tenho ao destruí-lo, mereço algum lucro, não acha?

O cérebro de Ben Azir, algumas vezes, parece envolto numa neblina. Esforça-se para continuar entendendo aquilo que Jadhu diz. Compreendeu que além de Hatérius, outra pessoa o contratou. Seu pensamento voa para Almara...

– Você está pagando pela sua audácia e traição!

– ?...

– Você ousou levantar os olhos para uma belíssima grega, amada por um tribuno, que está varrendo você do mundo! Além deste desacerto, completo e perigoso, você traiu e desprezou a mais bela

pérola do Oriente!

– Hatérius, Almara, Agar! Infelizes!... – Ben Azir balbucia, entre suores abundantes e uma fraqueza muito grande devido a perda de sangue.

– Duzentos sestércios de ouro, pagou a encomenda romana, e um belíssimo e rico colar de esmeraldas, pagou a segunda!

– Você... se alimenta... de... carniça... seu...traidor infame! – Ben Azir ainda consegue articular, com muito esforço. Seus olhos já embaçam, lhe é difícil divisar a figura de Jadhu...

Jadhu desce do cavalo e anda-lhe ao redor.

Ben Azir sabe que ele antegoza o prazer de matá-lo, enfim...

Está completamente sem forças... Desiste de reagir, de retrucar, e se interioriza, poderosamente, remetendo os seus pensamentos para Sibila, numa trágica despedida:

“Adeus, amor de minh’alma! Que Deus a guarde nos seus caminhos! Levarei você no meu coração para onde eu for! Acima do mundo e da vontade dos homens, eu a amo!”

Pensa nos pais e o quanto eles sofrerão. Sua mãe tinha razão...

Roga aos céus que os proteja e que o abençoe, perdoando-o...

Enquanto se interioriza, mais, distingue a figura diáfana de Plínio que se aproxima e lhe fala:

– Filho, quem mata pela espada perece pela espada! Você decidiu o seu destino! Que o senhor do Universo o abençoe e seja clemente com os seus erros! Conte sempre com o meu amor, em qualquer tempo e lugar!...

Enquanto ouve Plínio, sente uma dor lancinante no peito, Jadhu completara a sua obra. A dor, todavia, se faz suportável, porque Plínio põe a sua mão sobre o seu peito, aberto, numa flor sangrenta.

Jadhu, rindo, sinistro e desvairado, enterrou a sua adaga no peito de Ben Azir e revirou-a, várias vezes, num riso que mais parece um rictus de dor. Selvagem, sente-se vingado pelas ‘afrontas’ de Ben Azir.

Alguns instantes mais, na apreciação mórbida da sua obra, montando o seu cavalo, dá ordens àqueles que ali estiveram todo o tempo, sobre o local onde atirar os corpos, e dispara pelos caminhos, levantando poeira ao redor da sua figura tenebrosa...

À volta de Ben Azir, tudo gira e desaparece. Cai num grande abismo sem fundo... Sabe que deixou de existir para o mundo... Perde a noção de tudo e mergulha no ignoto...

Não viu quando Plínio o tomou nos braços, tal qual uma criança, e levou-o consigo, como se o fizesse a um filho muito querido...

Estão mortos! O bravo Ben Azir e, o seu, não menos corajoso, companheiro Gamaliel!...

À tardinha, sob os reflexos avermelhados do sol poente, os seus corpos foram encontrados em Cafarnaum, próximo à casa de Ben Azir. Seus pais foram avisados, assim como os pais de Gamaliel.

Enlouquecidos de dor, Jairo e Deborah foram resgatar-lhe o corpo.

Ben Azir foi sepultado e pranteado pelos pais, parentes e amigos... Amado e admirado por muitos, foi lamentado, por muitos dias...

O silêncio, hoje, parece morar em cada canto de sua casa.

O grupo de revoltosos, ao saber do ocorrido, dispersou-se, mais uma vez. Difícil prosseguir sem aquele jovem indômito, que representava, mais que todos, o grande ideal da causa.

Galba morto, Ben Azir morto, Gamaliel morto, assim como tantos outros... Outras baixas já vinham acontecendo e os ânimos patrióticos arrefeceram, consideravelmente... Jadhu nunca mais apareceu.

Ele decidiu reaproximar-se de Agar, por quem sempre teve uma paixão. Este, um dos motivos pelos quais odiava Ben Azir. Como competir com sua beleza, inteligência, riqueza e coragem?...

Fazendo-se presente em sua casa, censura-a, por ter amado e preferido Ben Azir, traidor, que a desprezou por outra.

Agar, feliz com os presentes que ele lhe leva, aceita-lhe a corte, alegrando a mãe que vê em Jadhu um ótimo partido para a filha.

*

ENQUANTO BEN AZIR enfrentava o momento mais decisivo da sua vida, em Roma, Sibila estivera em perene aflição. Em seus pensamentos a imagem, persistente, dele, e um grande aperto no coração.

Aflita, sem entender-se, ela se voltou para Deus, rogando socorro e proteção. Alguns dias depois, pediu a Semíramis que procurasse Cícero, informante de Ben Azir, e lhe pedisse notícias.

Chorando, abraçada à Lídia, ela desabafou:

– Minha amiga, o que o meu coração adivinha? Por que tenho receio até mesmo de saber? Como estará o meu Ben Azir?!...

– Acalme-se, Sibila, confie em Deus!

– Eu sinto, Lídia, que Ben Azir corre perigo!

– As notícias acabarão chegando, filha, aguarde!

Quando Semíramis volta e se depara com o olhar indagador de Sibila, não consegue responder e começa a chorar...

Sibila sabe... Ben Azir partiu...

Perde os sentidos e passa vários dias na cama, entre a vida e a morte, preocupando a todos, inclusive a Demétrio. Este não consegue atinar com as razões que a fizeram adoecer, tão repentinamente...

Hatérius, porém, realizado nos seus intentos, suspeita que de algum modo ela fora avisada da morte de Ben Azir.

Precisa ser mais comedido e esperar que ela esteja bem de saúde para recambiá-la à sua casa.

Sibila enfim se cura, mas perdeu toda alegria. Interioriza-se cada dia mais, afastando-se de tudo e de todos...

Zelando por ela, providencial e amorosa, Lídia imagina quando, também eles, sofrerão do mesmo ‘mal’ que vitimou Ben Azir...

Aos poucos, Sibila se restabelece, mas está muito modificada.

Hatérius, prudentemente, julgou por bem dar-lhe mais tempo.

Indiferente, como um corpo sem alma, Sibila não se importa mais com aquilo que a cerca, nem com os riscos que corre.

Mais uma vez, Adriano vai visitá-la.

Ben Azir morto, resta Hatérius que não é um rival que se possa desprezar. Sem o noivo, Sibila aceitará a corte de Hatérius? Quem pode saber? Nestas cogitações, decorrentes de uma afeição legítima, observa-a, apoiando-a em tudo. Aguardará algum tempo para lhe falar de novo.

Recebendo a visita de Hatérius, Lídia lhe fala, na esperança de modificar-lhe os ímpetos:

– Hatérius, eu o conheço desde menino, e gostaria de pedir-lhe que refreasse um pouco, os seus impulsos quanto à Sibila, que se encontra muito combalida.

– Quanta ousadia, Lídia! Desde quando eu lhe dei liberdade para tanto? O fato de nos conhecermos nunca foi relevante para mim, nem para minha mãe! Você insiste em imiscuir-se na minha família e para isso usa Sibila!

Ignorando-lhe as depreciações, Lídia insiste:

– Perdoe-me, mas quero muito bem a Sibila. Por isso lhe peço que seja mais paciente com ela! Ela é muito frágil e sensível, Hatérius.

– De Sibila cuido eu! Considero nociva a sua influência sobre ela!

– Foi ela quem decidiu vir para minha casa, com o consentimento de seu pai.

– Não fale de meu pai. Ele não conta. Aqui, Sibila desfruta de muita liberdade. Isso me contraria muito!

Desanimada, Lídia desabafa:

– Lamento por Sibila e por seu pai, Hatérius...

– Tornou-se uma ave de mau agouro, Lídia? A minha família é atribuição minha e você não tem direito algum sobre ela; por isso, pare de interferir! Quero avisá-la que você e a sua família, traidores que são do poder romano, estão sob a minha severa vigilância!

Lídia empalidece, mortalmente. Entendeu muito bem o recado.

Soltando uma sonora gargalhada, ele declara:

– Roma, somente Roma importa! Tudo o mais será calcado sob os seus pés! Ai daqueles que não se adequarem ao voo da Águia Dourada, que singra os ares do poder e da glória!

Lídia emudece... Está sem palavras...

Hatérius a está avisando da perda da sua casa e dos seus... Fazendo uma leve inclinação, ela se afasta. Não quer que ele a veja chorar.

Pouco depois da saída de Hatérius, Adriano chegou. Felizmente não cruzaram os caminhos.

Avisada da sua presença, Sibila o recebe. Abatida e reticente, demonstra, como sempre, todavia, a alegria que sente com a presença do amigo.

– Nobre Sibila, o que se passa neste coraçãozinho?

– Muita dor, meu amigo... Quase desisto de viver!

– Pena não ter sido eu quem morreu... Você não estaria tão triste!... – ele é sincero, não está usando de artimanhas para conquistá-la.

Prontamente, ela responde:

– Deixe disso, Adriano! Cada um com a sua sorte!

– E qual será a minha? Se morrendo eu a fizesse feliz, morreria com um sorriso nos lábios, Sibila! Antes, eu desejava apenas o seu corpo. Hoje, desejo, ardentemente, a sua alma!

Firme, ela responde:

– Nem você, nem ninguém, jamais a terá, Adriano!

– É cedo para falar assim, Sibila. O tempo cura tudo! Tudo passa e os seus sentimentos se modificarão.

– Engana-se, Adriano. Viverei com este amor e deste amor!

Adriano se cala. Duvida do que ouve, mas não duvida da força moral de Sibila.

– Recorda Adriano, do ‘nosso grande desafio’?

– Sim!

– Esteja prevenido!

Adriano silencia e ela indaga:

– Quer saber como será, ou prefere ignorar?

– Quero saber, naturalmente!

– Pois bem: ‘Vejo’ nós dois, num lugar aberto, cercado de uma multidão. Esta aplaude e ao mesmo tempo vocifera, a gozar um estranho espetáculo... Os gritos, ensurdecedores, ecoam por todos os espaços... Nós estamos perplexos e em patente aflição, como tantos outros que ali se encontram... A nossa situação é trágica e irreversível... Ali o destino nos acena com algo muito grave, que dependerá sempre da nossa vontade!...

– E o que faremos? – Adriano indaga mal-impressionado.

O que ouve lhe parece a descrição do sacrifício de cristãos, no circo... Como e por que estarão ali? Sequer pode imaginar. Desta vez, pensa, Sibila delira. Não, ele jamais estará em tal situação!... Impossível!... Nenhum ponto de referência existe entre o que ouviu e a sua vida!...

– Ainda não decidimos, Adriano. Eu já lhe disse que dependerá sempre da nossa vontade, lembra? E ainda não fomos surpreendidos com a referida situação.

Adriano observa-lhe a acuidade das ponderações. Quantas pessoas são surpreendidas, diariamente, por situações inusitadas? Inúmeras! Estará de sobreaviso... Admirando Sibila, em patente adoração, aduz, sincero:

– Ao seu lado estarei bem, feliz, e saberei protegê-la!

– Não estará nem bem, nem feliz, e sequer poderá proteger-me, Adriano, porque isto não dependerá da sua vontade e sim da minha!

– Entregaria o pescoço ao carrasco sem se defender, Sibila?

– Como saber, Adriano? Faltam-me os necessários pontos de referência! Posso dizer-lhe, porém, que aquilo que viverá lhe trará benefícios.

– Em que sentido? Para conquistá-la?

– O fato, sem dúvida, nos unirá ainda mais, fraternalmente. Falo com respeito a sua pessoa em particular.

– Pode ser mais específica?

– Não, ainda não. Tenho apenas alguns pedaços deste mosaico...

Esforçando-se para sorrir já que o assunto está pesando no ambiente, e principalmente em sua alma, Adriano brinca, sincero.

– Só desaprovei o ‘fraternalmente’!

– Perdoe-me, mas é assim que é e será, sempre, Adriano!

Respirando fundo, Adriano desabafa:

– Vá lá! Seja o que for, conte comigo! Afinal sempre terei esperança!

Tomando-lhe as mãos, Sibila olha bem dentro dos seus olhos e aconselha, sombria:

– Pobre amigo... Afaste-se de mim!... Só trago desgraças àqueles que me amam!

Apertando-lhe as mãozinhas que percebe frias e perdidas, entre as suas, Adriano retruca, defensor:

– Isto não é verdade! Você não é culpada pela maldade dos outros! Ouça, Sibila, e nunca se esqueça: A ventura de amá-la valerá qualquer preço! – o fulgor incomparável dos olhos e o corpo estremecendo de paixão atestam a sua sinceridade.

Num suspiro profundo, Sibila demonstra muito cansaço, e nenhum interesse por seu arrebatamento.

Conformado, ele se despede:

– Até breve, minha deusa, não vá ao Olimpo sem a minha companhia, sim? Se terei uma participação, ao seu lado, num momento grave e decisivo da sua vida, tal qual este que prevê, pleiteio aos deuses a atribuição de acompanhá-la!

Ela sorri, levemente, com a brincadeira e responde sincera, também:

– Agradeço-lhe tanta dedicação. Que os deuses o guarde e faça feliz!

– Acima deles, isto é você quem decide!

Ela sorri, de novo, enquanto ele se dirige para a saída.

Encaminhando-se ao interior da casa, Sibila depara-se com Lídia. Esta avisa:

– Sibila, lamento muito, mas é preciso cuidado com Hatérius!

– Por que diz isso?

– Pela presença constante, aqui, de Adriano, filha! Hatérius descarregará a sua ira sobre ele e sobre todos nós!

Sibila concorda, mas nada responde. Revolta-lhe, até as fibras mais íntimas, a audácia de Hatérius... Segue o seu caminho, quando se detém e se volta, extática, olhos arregalados, ereta e impositiva, e lança no ar um inusitado aviso:

– Infeliz mortal, que julga ter nas mãos o destino alheio! Assim como, a areia fina escorre na ampulheta, escorrem das suas mãos, os seus propósitos, sob o poder e a vontade Daquele, que a todos comanda! Pobre e desgraçado ser, que sofrerá muito, ainda, pela própria invigilância e crueldade! Aquela que ele deseja, selvagemente, lhe escapará das mãos para desassossego do seu coração e mudança, completa, da sua existência desorientada e cruel! A mão de Deus cairá, implacável, sobre a sua orgulhosa cabeça, antes que ele concretize os maus desígnios do seu negro coração!...

Sibila se cala, abaixa o braço que apontava em alguma direção e cambaleia.

Lídia acorre a tempo e a sustenta, enquanto clama pelos criados e por Sertória. Já viu, outras vezes, este comportamento de Sibila. Geralmente, tudo que ela diz, neste estranho estado, se cumpre, fielmente.

Instantes depois, Sibila respira fundo, olha ao redor e indaga:

– O que houve, Lídia?

– O de sempre, filha, não se agaste. O dom da profecia faz parte da sua vida!

– Desta vez o que foi, pode me dizer?

Entendendo que a profecia vaticina, sobre ela, mesma, e sobre Hatérius, julga mais acertado, omitir-lhe o teor das premonições...

– Nada que eu pudesse entender, Sibila. Não se preocupe.

– Está bem! Breve, regressarei para a casa de Demétrio, e vocês ficarão a salvo da sanha de Hatérius. Que pena, eu o amava como a um irmão... Agora sinto-lhe verdadeiro horror...

– Amá-lo como a um irmão... Esta, a grande revolta deste tribuno, Sibila.

– No coração ninguém manda, Lídia...

– Eu sei, eu sei...

– Lídia, suspeito que ele mandou matar Ben Azir! – ela fala baixinho ao ouvido da amiga.

Lídia leva a mão à boca, e contém um grito. Sibila tem razão. Deve ter sido Hatérius! Fita Sibila, respira profundamente e lhe diz:

– Filha, quando se for, não esqueça a afeição que dedicamos a você!

Acariciando-lhe os cabelos, Sibila responde:

– O meu amor e a minha gratidão, sempre, a todos vocês! Amo esta nobre casa! – ela olha ao redor, triste, muito triste. Aproxima-se mais e abraça, ternamente, a amiga, em silêncio.

Lídia retribui, fraterna, aquele abraço que lhe parece uma despedida definitiva... Seu coração lhe diz que perderá Sibila...

Decide perguntar:

– Sibila, você tem planos? Ou melhor, pretende agir ou reagir, diante da tirania de Hatérius?

Corando, levemente, na demonstração da sua indignação, Sibila responde categórica:

– Não me submeterei, jamais, haja o que houver! Farei, sempre,

aquilo que eu quiser!

– Cuidado, Sibila, muito cuidado! Difícil, senão impossível, lutar contra ele!

– Ele esbarrará, sempre, Lídia, no poder de Deus! Nossa existência estará sempre nas mãos Daquele que nos criou!

– Concordo, todavia tome cuidado, sim?

– Farei isso. Que Deus a abençoe por tudo, querida amiga!

Alguns dias depois, Sibila se faz presente na comunidade de cristãos para rever Plínio, abraçá-los a todos e avisá-los dos riscos que correm. Entre lágrimas copiosas despediu-se, enfim.

Surpreendeu Plínio doente e alheio ao que se passa à sua volta.

Irmão José, muito abatido, lhe fala sobre ele:

– Apenas seu corpo permanece aqui; sua alma já deve estar a caminho dos céus... Brevemente, os liames que o prendem à matéria, se desfarão, definitivamente... O que me consola; a certeza de que, por onde quer que ele vá, permanecerá conosco, por amor... Venerável pai desta comunidade! Quanta falta ele nos fará, Sibila! – Irmão José chora.

Sibila ajoelha-se e beija as mãos do ancião. Grata a tanto amor e sabedoria, roga àquela alma que já deve estar vislumbrando as belezas celestiais, auxílio e proteção.

– Sibila, tenho algo a lhe contar. Melhor dizendo, eu tenho um recado dele para você.

– Estou ouvindo, Quirino, fale!

– Um dia, no qual estivera muito triste, sem nos dizer a razão, declarou, entre lágrimas:

“Meu filho, diga à Sibila que eu recebi nos meus braços a alma mais amada do seu coração! Dono de uma bravura, inquestionável e amplamente conhecida, ele lutou para sobreviver, com todas as suas forças, mas aquela era a sua última batalha... Como guerreiro viveu, como guerreiro morreu! Seus últimos pensamentos foram para ela, numa despedida sagrada! Avise-a que, brevemente, eles

se reencontrarão... O grande amor que os une, sempre lhes pertence, porque é verdadeiro e eterno!... Minha bênção para os dois!...”

Em seguida, Sibila, Plínio calou-se e adormeceu.

Sibila estremece de júbilo. Seu amado fora socorrido nos seus últimos momentos... Não estivera sozinho... Plínio, por mercê da Divina Providência, albergou-o nos seus braços paternais... Refletindo sobre tudo que ouviu, conclui: “Eu também morrerei, brevemente! Ben Azir apenas me antecedeu na grande viagem!”

Profundamente grata, ela se inclina e sussurra ao ouvido do quase moribundo:

– Obrigada, Plínio!... Que os céus abram os seus portais, de par em par, felizes por recebê-lo, enfim, no regresso ao seu verdadeiro lar! Paz e luz para você, caríssimo sábio de Deus!

Despede-se dos dois e sai à procura de sua mãe.

Abraça-a, emotiva e carinhosa, sendo igualmente abraçada, carinhosamente, por Cynara.

Após alguns instantes, ela toma alento e pede:

– Minha mãe, eu preciso saber, de uma vez por todas: o que existe ou existiu, de fato, entre você e Demétrio?

Assim desafiada e diante dos últimos acontecimentos, Cynara capitula e decide abrir o seu coração:

– Filha, perdoe-me, por nunca ter revelado aquilo que você sempre quis saber.

– Sobre o meu pai? E o que isto tem a ver com a minha pergunta?

– Tem tudo a ver. Ouça-me...

Antes que a mãe comece a falar, fitando-a bem dentro dos olhos, Sibila pergunta, emocionada e ansiosa:

– Ele é meu pai, não é?

– Ele quem, minha querida? – Cynara indaga, já começando a chorar.

Abraçando-a, Sibila lhe responde, coração na voz:

– Demétrio!

Aconchegando-se à filha, Cynara solta um pranto há muito represado, enquanto confirma:

– Sim, Demétrio é seu pai!

Subitamente, Sibila entende tantas coisas: a proteção dele, o seu amor incondicional, a perseguição de Minerva, a fuga de Cynara no meio da noite... Os tormentos de Demétrio atuais que o adoecem... Então, Hatérius é seu legítimo irmão! Os estranhos avisos de sua mãe e de Lídia... A boa amiga já deve ter concluído a verdade... Como Demétrio pode conviver com o pavor de vê-la mergulhar, sem defesas, numa relação incestuosa?!... Pobre Demétrio!

Fita a mãe e lhe fala, magoada:

– Compreendo-lhe o silêncio e os receios, mas veja, minha mãe, que situação estranha e abominável poderíamos ter enfrentado pela imposição insana de Hatérius!...

– Perdoe-me, Sibila! E perdoe, também, a Demétrio!

– Não há o que perdoar, minha mãe... Não posso, nem devo julgá-los.

Demétrio é um bom homem. Fico orgulhosa, ao saber que ele é meu pai. O meu afeto por ele sempre foi de filha. Hatérius precisa saber! Isto me livrará da sua perseguição!

– Acalme-se, Sibila, Demétrio vai falar com ele. Ainda não o fez porque ele foge, sistematicamente! Demétrio já tentou abordar o assunto, várias vezes, mas ele se nega a ouvi-lo. Parece adivinhar a gravidade do assunto. Pobre Demétrio! É este o maior tormento da sua vida!

Muito triste, Sibila exclama:

– Tomara Demétrio consiga falar-lhe o quanto antes!...

– Voltei da casa de Lídia, minha filha, com o coração muito angustiado. Hatérius sempre demonstrou interesse por você, mas nunca como agora!

– Como Hatérius reagirá quando souber a verdade?

– Da pior forma possível! Temo até mesmo pela segurança de Demétrio!

– Céus! Hatérius seria capaz de parricídio?

– Infelizmente, ninguém, em sã consciência, pode duvidar disso, Sibila! Ambas conhecemos o seu gênio violento! E eu lhe tenho amor! Rogo aos céus que o proteja, dele mesmo!

– Minha mãe, quando eu voltar para a casa de Demétrio, como farei para vê-la? Minerva não sabe que a senhora está viva!

– Como já fiz antes, darei um jeito, prometo!

– Eu também, farei o que puder para revê-la.

– Frente a essa nova realidade, terei mais recursos para me defender de Hatérius. Se for preciso, eu mesma lhe direi! Confio em Deus!

Despedindo-se, as duas se abraçam entre lágrimas. Quando se verão de novo? Difícil saber...

A caminho da casa de Lídia, Sibila recorda as palavras de Quirino que socorreram e consolaram o seu coração. Grata, aos céus, pelo amparo concedido a Ben Azir nos seus últimos instantes de vida, ela chega em casa. Abraça a amiga e se dirige aos seus aposentos. Precisa pensar... Decide apressar a ida às catacumbas, em Via Nomentana, antes de retornar para a casa de Demétrio. Precisa de forças e de paz... Ansiosa, procura agir com naturalidade.

Um dia antes destas intenções de Sibila, Hatérius redigiu um documento, selou-o e mandou que fosse entregue ao seu pai. Nos seus olhos, um estranho brilho.

O mensageiro chegou à casa de Demétrio e entregou a mensagem à Minerva. Esta prometeu passá-la ao marido, assim que ele chegasse.

Todavia, no seu quarto, ela quebra o selo e abre.

“Afinal, é do meu filho!” – pensa.

Desdobra o papel e lê:

“Meu pai, vá à casa de Lídia e recambie, presto, Sibila.

Uma vez em nossa casa, impeça, veementemente, qualquer saída sua para onde quer que seja. Preste atenção: Esta é uma ordem e das mais graves que já lhe dei, em toda a minha vida! Não admitirei réplicas ou desculpas, de espécie alguma. Quero Sibila em casa e protegida. Que nada, nem motivo algum, possa afastá-la de lá!

Viajarei, dentro de poucas horas para um lugar distante e ignorado, conhecido apenas de César. Por isso, não posso ir buscá-la, como eu pretendia. Obedeça, porque as razões que me movem são importantes demais, até para que eu as decline nesta missiva! Posso apenas lhe dizer que a vida de Sibila dependerá desta providência. Se tem amor a ela, prenda-a, ao seu lado! De regresso, cobrarei responsabilidades!

Hatérius”

Diabólica, Minerva sorri:

“Ora, ora, pelos deuses! A cobrinha corre perigo? Que bela oportunidade para me livrar dela! E nada, nada, terei de fazer! Demétrio nunca receberá esta mensagem, porque ela deve ter se perdido pelo caminho! Ah, a incompetência destes servos!... Alguém pagará caro, eu sei, e como sei!... É assim que as coisas são!...”

Rindo, ela acrescenta, entre dentes:

– E é assim que eu quero que sejam!...

Olhos brilhando, ela dobra a mensagem, rasga em pedacinhos e queima até as cinzas...

Enquanto isso, Demétrio chega à casa de Lídia para ver Sibila.

Ela o recepciona sorridente e o abraça muito emocionada.

Retribuindo na mesma medida, ele observa-lhe alguma intenção.

– Estou muito feliz ao vê-lo, ‘pai querido’!

Algumas vezes, ela lhe fala assim, todavia desta vez parece diferente.

Seu coração bate forte. Acomoda-se no assento e indaga:

– Está pronta para retornar ao seu antigo ninho, meu rouxinol? Vim buscá-la! Anseio tê-la sob o meu teto, de novo! Perdoe-me o

egoísmo, mas a sua ausência é um tormento para mim. Sem você e sem Adriano vivo num deserto! Prometo acomodar melhor as coisas para dar-lhe mais liberdade. Confie em mim! Moverei céus e terra para vê-la bem!

Garantindo, porém, a chance de ir às catacumbas, ela pede:

– Pode conceder-me mais dois dias, por favor? Só mais dois...

Algo decepcionado, mas compreensivo, ele concorda:

– Está bem, minha querida! Contarei, ansioso, estes dois dias! Graças aos deuses, voltaremos a conviver!

– 'Graças' à imposição de Hatérius!

– Que seja! Vez por outra, ele faz alguma coisa proveitosa! – ambos riem do despropósito. Juntos se harmonizam, e de algum modo são felizes, apesar das adversidades.

Intrigado, Demétrio decide indagar:

– Você está um pouco diferente, Sibila, o que há?

Ela toma as mãos de Demétrio entre as suas e declara, olhos brilhando:

– Eu já sei de tudo!

– De tudo, o que, filha?

– Minha mãe me contou qual a verdadeira relação que existe entre vocês, e confirmou aquilo que o coração me segredava: que sou sua filha!

Demétrio empalidece e respira fundo.

– Descanse! Jamais cobrarei o passado ou o presente. Entendo o quanto lhes custou guardar este segredo.

Demétrio sente o coração disparar... Muitas vezes quis revelar tudo, mas temia a reação de Minerva... Precipita-se para a filha e a abraça, silencioso. Na garganta um grande nó. Lágrimas copiosas começam a fluir dos seus olhos. Assim abraçados, eles permanecem, ambos chorando. É um momento glorioso.

Afastando-se, ele quer saber, enfim:

– Diga-me, quando ela lhe contou?

– Hoje, pela manhã.

– Onde foi isso?

– Perdoe-me, mas não posso lhe dizer.

Apreensivo, Demétrio desabafa:

– Sibila, eu pressinto que ambas correm perigo. Aquilo que me escondem pode levá-las à morte!

Ela se cala. Qualquer deslize e não poderá ir às catacumbas.

– Agora, sabe sobre Hatérius...

– Sim.

– E o que pensa a respeito?

– Que ele precisa saber, o quanto antes.

– Esta, a minha intenção, que ele aborta, a cada nova tentativa minha. Teme, sem dúvida, aquilo que pode ouvir.

– Estranho...

– Nele, minha filha, tudo é estranho. Lamento esta triste constatação... Sequer parece meu filho!

– É preciso informá-lo o mais rápido possível.

– Sim, eu o farei, de uma forma ou de outra. Espero que este momento não seja trágico para nós dois... Hatérius se dá o direito de transgredir todas as leis, humanas ou divinas!

– Ele é um tirano! Apesar de tudo, sempre tive por ele um grande afeto filial, que ele quase põe a perder. Minha mãe o ama muito!

– Se a mãe de Hatérius fosse Cynara, certamente, ele seria melhor. Minerva e ele se completam, em todas as sandices que praticam!

Sibila sabe que ele ignora a tentativa de Minerva em envenenar sua mãe. Demétrio recomenda à Sibila tolerância e muita prudência. Minerva estará muito contrariada com a sua volta. Abraça-a, forte e amorosamente, beijando-lhe ambas as faces, enquanto declara:

– Poder dizer-lhe que não apenas a amo como pai, mas que sou,

de fato e de direito, seu pai, me recompensa de todas as agruras que tenho vivido, minha adorada filha!

Retribuindo-lhe os carinhos, Sibila fita-o, frente a frente, e confessa:

– Sempre desejei, do mais profundo d'alma, que você, meu Demétrio, fosse o meu pai! Sinto-me muito honrada em ser sua filha!

Uma vez em casa, Demétrio sofre os habituais ataques de Minerva e a sua constante ironia. Quando, cansada, ela se julga satisfeita e deixa-o a sós, ele pode refletir sobre os últimos acontecimentos:

"Hoje, falarei com Hatérius... Farei isso, assim que ele chegar... Por outro lado, preciso saber onde Cynara vive e o que faz... Ela e Sibila nem imaginam o enorme perigo que correm!..."

Naquela noite, altas horas, Sibila sai, encapuzada, usando um traje simples. Caminhando por ruas desertas e muito escuras, finalmente alcança a Via Nomentana. Entra e faz estranhos percursos, seguindo os expedientes usados para disfarçar as entradas. Alcançando o espaço das prédicas e orações, ajoelha-se e interioriza-se.

Semíramis não pôde acompanhá-la. Plínio piorou. Ela ficou ao lado dele, muito aflita e chorosa. Só retornará depois das exéquias de seu amado pai.

Olhando ao redor, Sibila pensa, em arrepios, naqueles corpos ali enterrados... Suas mortes foram exemplares... Imagina-se na mesma situação, e tenta adivinhar a própria reação, diante de momento tão grave quanto solene...

Ouve a preleção, admirável, daqueles que ali preservam a essência da mensagem de Jesus Cristo. Extasiada, passa aqueles minutos bebendo, avidamente, os conhecimentos exarados por pessoas corajosas, que seguem, fiéis, àquele que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida"... Lágrimas abundantes lavam seu belo rosto. Tantos motivos para chorar, desabafar, rogar ajuda celeste... E que lugar melhor poderia encontrar?... Entrega Ben Azir nas mãos amorosas de Jesus... Terminadas as pregações, todos saem, aos poucos e silenciosamente. Em meio à própria

interiorização, ela permanece, ainda, por mais alguns minutos.

De súbito, ouve um estranho ruído que vem de fora. Em meio a imprecações, soldados romanos empurram de volta aqueles que tentavam sair. À custa de pancadas e empurrões, eles são aglomerados.

Perplexa, Sibila se levanta, coração aos saltos, corpo a tremer.

As hostes romanas distribuem bordoadas para todos os lados, em meio a ofensas e palavras desrespeitosas. Alguns são esbofeteados quando rogam piedade ou tentam explicar-se.

Em meio àquele alarido, Sibila não sabe o que fazer.

Entre as palavras de ordem e as exclamações de horror dos detidos, ela ouve:

– Que beleza de mulher! Deuses! Nem parece uma mulher do povo!

Sensual e debochado, um soldado se acerca dela e lhe diz:

– Diante do seu altar eu viveria, belezinha, para sempre! – enquanto isso, aperta-lhe o braço, fazendo-a fitá-lo diretamente, estudando-lhe as feições, fascinado.

Aterrorizada, Sibila roga auxílio aos céus.

Outro soldado, mais graduado, se adianta e o execra ali mesmo. Aos berros manda-o sair e aguardar do lado de fora, enquanto empurra Sibila, com brutalidade, e ordena:

– Junte-se aos outros!

Analisando o magote de cristãos, ele faz uma rápida avaliação:

– Que bela pescaria! Enfim, vocês receberão aquilo que merecem e desejam: o martírio! Seus anseios serão plenamente atendidos, na Terra e nos céus! – debochado, ele gargalha, estrondosamente.

Cansado dos próprios arroubos, silencia, fecha a cara e empurra-os todos, com muita violência.

Olhar atento, fiscalizando tudo, distingue num canto da gruta, a venerável figura, daquele que estivera pregando, há poucos instantes.

À primeira tentativa de defender-se e rogar por aqueles que ali estão, o ancião recebe uma sonora bofetada na boca e cai ferido.

Ordenando-lhe, num grito rouco, que se levante, o soldado espera...

Ressentindo-se do choque contra o solo, ele tenta, mas não consegue. Alguns dos seus seguidores tentam suspendê-lo. São esbordoados, sem piedade, e recambiados ao grupo.

Num forte repuxão, sem o mínimo de sensibilidade, ele põe o ancião de pé e empurra-o para junto dos outros, que o acolhem com carinho e preocupação.

Nada mais encontrando, saem, agressivos e desrespeitosos, empurrando os cristãos.

A cavalo, os soldados puxam as pessoas que foram amarradas com cordas. Estas fazem o possível para acompanhá-los, caindo aqui e ali e se ferindo, entre os seus ditos jocosos.

“A ignorância e a brutalidade destes homens é um estado natural”... – Sibila pensa – “Eis o grande testemunho do qual sempre ouvi falar... Hoje sou parte disso!... Demétrio tentou me avisar, mas como fugir a uma postura, assumida e sacramentada, dia a dia, na confirmação, inconteste, dos nossos valores e princípios? Se chegou a minha hora, que eu seja digna! Que Deus me dê forças e uma morte piedosa!...”

Mas, apesar do esforço que faz para conformar-se e entender, Sibila está muito assustada. Treme muito, e pode imaginar o que virá... Estas prisões são amplamente conhecidas; fazem parte da vida em Roma... Ajuda, com muito esforço, os doentes, velhos e crianças, que cambaleiam a cada nova dificuldade. Lamenta-os mais que a si mesmo, naquela situação desastrosa, de humilhação, medo e insegurança. Por vezes, cai também diante da selvageria daqueles homens que agem como seres primitivos.

Muito a propósito, recorda as palavras de Plínio: “Brevemente, vocês se reencontrarão”!... Sim, Ben Azir deve estar aguardando por ela, no mundo dos mortos. Se fortalece, orando. Seu pensamento alcança Lídia, Demétrio, sua mãe... Junto aos outros, ela segue,

caindo aqui e ali. Seu corpo dói e os seus pés estão cansados...

*

DEPOIS DE UMA noite mal dormida, Demétrio despertou com os gritos dos criados. A casa se encontra em polvorosa.

Interpelados, todos falam ao mesmo tempo:

– A senhora está morrendo! Seus olhos já estão vidrados! Ninguém viu nem ouviu nada! Hoje ela não se levantou!... Ela vai morrer! Oh, deuses, o que aconteceu? Que sombra cruel caiu sobre a sua cabeça? O que houve?!... – eles correm para todos os lados, atropelando-se, rasgando as roupas e puxando os cabelos.

Demétrio entendeu que Minerva está à morte.

Precipita-se para os seus aposentos, empurrando aqueles que estão na sua frente, entra, e se depara com Minerva a gorgolejar palavras ininteligíveis, em meio a espasmos violentos, que a fazem passar do violeta ao branco marmóreo.

Em altos brados, ordena:

– Chamem o médico, rápido!

Aquele que tem a incumbência de conduzir os criados envia um rapaz, a toda brida, obedecendo a ordem de Demétrio.

Demétrio pode notar a ansiedade de Minerva para lhe falar. Aproxima dela o ouvido, mas, por mais esforço que ela faça, os sons saem entrecortados, roucos, incompreensíveis.

– Acalme-se, espere, o médico logo estará aqui!

É notório que Minerva fora envenenada. Algum veneno, letal, a corrói por dentro. Lamenta-lhe a alma tão sombria, que vai enfrentar o tribunal dos deuses, com tantas culpas.

Minerva convulsiona, cada vez mais, como uma ave ferida de morte.

Olhos esbugalhados, fita Demétrio, na intenção de lhe dizer algo.

Agita-se, debate-se, espuma pela boca, respira ruidosamente e enfim se inteiriça.

Ciente de que nada mais pode fazer, Demétrio indaga aos criados:

– Onde se encontram os meus filhos? Preciso avisá-los da morte da mãe! – sabe que ninguém tem as respostas. Falou por falar. Em geral, seus filhos debandam. Nunca estão em casa.

Hatérius deve estar viajando. Quando chegar, terá a desesperadora surpresa de saber que sua mãe não faz mais parte do mundo dos vivos... Enquanto aguarda a presença do médico, que a esta altura só terá de atestar-lhe a morte, sai a andar pela casa, confuso, profundamente abalado.

Passando por um dos cômodos, surpreende uma serva a chorar, convulsivamente. Fica intrigado. Jamais algum servo teve qualquer forma de sentimento com relação à Minerva. Sua mulher sempre fora odiada. Ela sabia e apreciava isto. Considerava-se autoridade, inquestionável, junto a eles. Pobre infeliz...

Aproxima-se dela e inquire:

– O que tem, Flávia?

Fitando-o com certo medo, coisa inusitada diante dele, ela lhe toma as mãos, beija-as, ajoelhada, em prantos, e implora:

– Perdoe-me, meu senhor! Perdoe-me!...

– O que está dizendo? De que eu devo perdoá-la?

– Daquilo que fiz, meu senhor, num momento de loucura, cega de ódio!

– E o que fez? – Demétrio indaga, temendo a resposta que já adivinha.

– Fui eu... Quem matou a senhora...

– O que está dizendo?!... Por que, infeliz?

– Tive as minhas razões, meu senhor!...

– Não duvido, porém, nada justifica o que fez!

– Sim, eu sei, mas ouça-me, em nome dos deuses! Preciso aliviar a minha culpa, contando-lhe os motivos da minha loucura!

Numa grande lassidão, Demétrio ordena:

– Pois bem, fale!

Sentada no chão, cabelos desfeitos, ela principia:

– Faz algum tempo, minha linda filha, Artemis, revoltou-se, desesperada, e defendeu o seu filhinho de dois anos, da senhora Minerva, que o açoitava, impiedosa, porque ele tropeçou numa mesinha, que comportava alguns frascos de perfume!

Possessa, ela investiu contra a minha filha e quebrou-lhe todos os dentes, com um objeto que lhe estava ao alcance! O sangue jorrava, meu senhor, e ela segurava minha filha pelos cabelos para completar a sua obra! Artêmis desmaiou e ela mandou que a despertassem com água fria, e em seguida ordenou que a atirassem na rua! O que foi feito!

Na via pública, sangrando, minha filha aguardou, até que uma das servas lhe entregou, por ordem de Minerva, o seu filho, lanhado de chicote, e sem sentidos... Ninguém soube me dizer se ele estaria vivo ou morto... Abraçada ao filhinho, ambos feridos, minha Artemis se foi, pálida como um cadáver e se arrastando de dor!

Impotente, eu vira tudo, contida pelos criados para não defendê-los!

Em seguida, fui trancafiada num cubículo, no qual passei três dias!

Quando saí, oh, deuses, onde minha filha e o meu netinho?!... Haviam desaparecido! Guardei a raiva no meu coração e fingi uma conformação que jamais senti!

Como sabe, trabalho nos aposentos da senhora Minerva, e estou sempre ao lado dela. Eu conhecia o lugar onde ela guardava as ervas, que tão bem manipulava.

O meu senhor já sabe, o que ela fez com Cynara? Não, por certo, não!

– O que ela fez à Cynara? – Demétrio indaga aterrorizado.

– Ela envenenou Cynara! A pobre fugiu e nunca mais soubemos dela! Deve ter morrido, como um cão danado, nas ruas!

Demétrio está estupefato. Por isso Cynara jamais regressou e, delicada, escondeu dele este ato criminoso de Minerva...

Soluçando, Flávia prossegue:

– Com algumas ervas, malditas, bem escolhidas, fiz uma beberagem e escondi. Ontem, enfim, pude me vingar! Durante a madrugada, ela me pediu um chá e me indicou as ervas que acalmam e refazem. Apanhei-as e as manipulei sob o seu olhar vigilante. Quando fui buscar a água, na qual, eu deveria preparar as ervas, eu trouxe a bebida pronta, mortífera. Ela nem suspeitou.

Estava muito feliz, por algo que não pude precisar. Algumas palavras, todavia, eu pude ouvir:

“Você jamais lerá aquela carta, Demétrio! Hatérius acha que a pequena víbora corre perigo? Ora, até ele a seu favor, todos, ou quase todos! Oh, que grande infelicidade para mim, o dia que nasceu esta filha de Cynara! Agora, tudo voltará aos seus lugares, como deveria ter sido sempre! Enfim!... Preciso agradecer aos deuses!... ”

Passando as mãos pelo cabelos, Demétrio exclama:

– Deuses! Hatérius teme pela segurança de Sibila? Por quê?!...

Em desespero, Flávia segue narrando:

– Ao pedir-me o chá, ela me deu a chance que eu esperava. Entreguei-lhe a xícara. Rindo, diabólica, ela indagou:

– Não está envenenado, está, Flávia?

– Não! Que os deuses me condenem ao inferno, mais pavoroso, se algum dia eu levantar a mão contra a minha senhora! – respondi, procurando ser convincente.

Maldosa, ela quis saber:

– Por onde andará aquela sua filha imprestável? Tem notícias dela?

– Não sei, minha senhora. Ela é jovem, deve estar trabalhando e criando o seu filho!

– Que filho? Ele já estava morto, sua idiota! E ela, também, já deve ter morrido!

Ela se divertia me atormentando, senhor, reiteradas vezes.

Subitamente, de olhar muito estranho, ela declarou:

– Eu deveria fazê-la beber este chá, todo, até a última gota!

Blefei, apavorada:

– Eu o faria com muito gosto, senhora. E fruiria os benefícios, o que não é concedido aos servos, afinal, estas ervas vieram de longe e são muito valiosas!

Olhando-me, desconfiada, vacilou entre fazer o que pretendia ou não.

Decidiu-se pela segunda opção e sorriu, já num outro estado de espírito. Alheou-se da minha presença e sorveu até a última gota, estalando a língua.

Meu coração parecia querer sair pela boca. Fiquei ali, em choque, observando-a. Minutos depois, a erva maldita começou a fazer efeito.

Ela me olhou de um modo que jamais esquecerei enquanto viver, e levou as mãos à garganta. Arregalou, desmesuradamente os olhos. Sufocava... Tentou alcançar-me, mas suas pernas enfraqueceram. Além dos efeitos deletérios, que sem dúvida sentia, o impacto de saber que estava morrendo devem tê-la deixado enlouquecida.

Me acusou, veemente. Tentou gritar alto para ser socorrida, mas não conseguiu. Rogou-me ajuda. Mãos súplices, esquecia, em seu desespero, que aquele veneno não possui antídoto...

Atirei-lhe, em plena face, todo o meu ódio e a minha dor, cevados dia após dia... Ela cambaleava pelo aposento, derrubando tudo que encontrava pela frente, e eu lhe escapava, ágil, distanciando-me.

Mediu a distância da porta, mas eu havia pensado em tudo; ela estava bem trancada. Sua voz saía rouca. Em ziguezagues, tal qual uma cobra na areia do deserto, ela começou a se arrastar, enquanto apertava o ventre. Deu-me a entender, por gestos, que se a ajudasse me recompensaria. Sei muito bem que tipo de recompensa eu receberia... Sua face era horrível de se ver. Dos seus olhos saíam faíscas. Mais não vi, porque, satisfeita, saí e fechei a porta.

Encontrei Cirilo. Este me indagou sobre ela. Respondi que ela dormia o sono dos inocentes... Confiante, ele se foi, tranquilo para

os seus aposentos. O resto o senhor já sabe...

Horrorizado, Demétrio entendeu tudo; cada palavra, principalmente, a missiva que deve ter sido de Hatérius, avisando-o sobre a ameaça à Sibila... Minerva deve ter destruído a carta... Agora, ela está morta.

O que fazer? Denunciar a serva? Castigá-la com a lei que conhece tão bem, e que a destruirá, sem dúvida?

Sem saber o que fazer, vira as costas à serva que continua chorando, todavia, arrepende-se de deixá-la assim, sem uma palavra e retorna sobre os próprios pés:

– Infeliz Flávia, você cometeu um crime, contra os deuses e contra a as leis dos homens! Vá para os seus aposentos e fique lá. Não conte a mais ninguém o que me disse! Depois falarei com você, aguarde! Cale-se sobre o que realmente aconteceu, aqui, nesta noite!

– Vai me perdoar, meu senhor?

– Peça isso aos deuses, Flávia! Eu não tenho poder para isso, e no momento, sequer tenho condição de raciocinar direito!

Segue, precípite para a casa de Lídia, em busca de Sibila. Pressente algo terrível...

Lídia, tão preocupada quanto ele, informa que não viu Sibila desde cedo. Que ignora se ela saiu e esqueceu de avisar.

– Deuses! – Demétrio exclama, perdido num emaranhado de situações estranhas e imprevisíveis. Desabando numa cadeira, ele informa:

– Minerva está morta. Foi envenenada!

– Você não pensa que Sibila está envolvida nisso, pensa?!...

– Certamente que não, Lídia! Isto jamais passaria pela minha cabeça! Mas a morte de minha mulher revelou-me algo, que tem a ver com a segurança de Sibila!

– Oh!... Diga-me, Demétrio, quem matou Minerva? Você já sabe?

– Sim, foi uma serva, cheia de ódio. Esperou uma chance para

vingar-se e o fez! Entre outras coisas que me disse, desarvorada, contou-me que Minerva estava feliz porque destruíra uma carta, na qual eu concluo que Hatérius me avisava de algum perigo que Sibila está correndo!

– Por que pensa que ela falava de Sibila?

– Pelos epítetos que normalmente usava para depreciar Sibila!

– Deuses! Oxalá, Sibila estivesse aqui! Diga-me, meu amigo, denunciou a criminosa?

– Você faria isso?

– Não... Minerva colheu aquilo que plantou.

– O que não justifica o crime.

– Concordo, mas nestes atos tresloucados, o que menos se vê é o exercício da razão.

– De fato, mas no momento, o que mais importa é saber onde está Sibila! Preciso regressar para casa e providenciar os funerais de Minerva. Fique atenta e me avise, assim que Sibila voltar, por favor!

– Farei isso. Desculpe-me, mas não me farei presente nas exéquias daquela que nunca nos quis bem. Além do mais, preciso ficar aqui para quando Sibila voltar. O que me tranquiliza, em parte, é saber que saiu por livre vontade. Hatérius e os irmãos já sabem?

– Ainda não. Hatérius deve estar viajando e os seus irmãos, quem sabe onde estarão? Só aparecem quando querem! Agradeço-lhe por tudo e conto com você! Dê-me notícias!

– Farei isso!

– E quanto à serva criminosa, Demétrio, o que fará?

– Deixar que os deuses a julguem! A infeliz estava enlouquecida!

– Prosseguirá com ela em casa?

– Sim! Somente a Minerva ela odiava! É uma serva excelente, dedicada, disposta e amiga!

– Entendo... E, caso a despedisse, estaria revelando-lhe os atos criminosos que agora a pobre deplora, certamente.

– É exatamente assim, Lídia.

Abraçam-se e se despedem, consternados.

Já sozinha, Lídia lamenta:

– Pobre amigo, nem posso dizer-lhe que sinto a perda de Minerva... Eu estaria sendo hipócrita...

Em pensamentos, ela deseja, embora consciente de que não deveria fazê-lo: “Que sua alma danada, Minerva, enfrente o tribunal dos seus deuses e que seja condenada mil vezes, por eles!”

Ciente de que sua mulher jamais conquistou a amizade de quem quer que seja, Demétrio regressa. Em casa, depara-se com os filhos. Com o auxílio deles, cuida de tudo. Hatérius nem pode ser informado. Seu endereço, em trânsito, é-lhes desconhecido.

Adriano chega para visitá-lo e se depara com o passamento de Minerva. Solícito e grato, retribui, com galhardia, a inestimável solicitude, recebida dele, em situação semelhante. Lamenta este amigo, sua vida e a sua difícil família, mas sinceramente não lamenta a sua viuvez, que será, sem dúvida, muito bem-vinda, diante dos tormentos que Minerva lhe trazia.

“Será como a cura de uma doença, enfim...” – conclui.

Indaga sobre Sibila, e ele lhe diz que, no momento, não sabe onde ela se encontra.

– E Lídia?

– Estive lá e ela também ignora.

– Tem alguma ideia de onde ela possa estar, meu amigo?

– Sim! Provavelmente com sua mãe.

– Você sabe onde é?

– Não, elas não me dizem. Guardam este segredo a sete chaves... Enquanto me ocupo com os funerais, perco a condição de agir nesse sentido!

Numa patente aflição, desabafa:

– Adriano, sinto algo de muito pesado no ar, que vai além da morte de Minerva...

– Compreendo... Preocupa-se com Sibila, não é?

– Sim!

– Pois bem, irei à casa de Lídia. Caso ela já esteja lá, virei lhe dizer.

– Faça isso, meu filho, em nome dos deuses!

– Descanse, farei tudo que estiver ao meu alcance para encontrá-la.

Abraçando, afetuoso, a Demétrio, Adriano declara sincero:

– Encontraremos aquela que é a razão do nosso viver!

Em casa de Lídia, surpreende-a muito abatida:

– Nobre Lídia, Demétrio quer saber se Sibila já se encontra em casa!

– Não, lamentavelmente, não... Ela ainda não apareceu. Sinto-me deveras aflita! Sibila não se comporta assim! Me informa sempre onde e com quem está!

– Demétrio supõe que ela esteja com a mãe.

– Não. Hatérius ameaçou a todos. Por este motivo, ela esteve lá para despedir-se, faz algum tempo. Conhece os riscos que correm aqueles que contrariam as ordens de Hatérius, e não os exporia, certamente. Sinto que Sibila corre perigo, mas de que espécie? Caso eu soubesse a defenderia! Onde estará esta filha querida?

Lídia começa a chorar. Penalizado, Adriano lhe diz palavras de conforto, despede-se e regressa, sem notícias.

Demétrio decide lançar mão de outro recurso:

– Adriano, por favor, volte à casa de Lídia e veja a possibilidade de falar à Semíramis. Ela e Sibila são muito unidas, desde a infância.

Adriano atende ao seu pedido e é informado que Semíramis viajou para dar assistência ao pai que está à beira da morte.

Demétrio passa as mãos pelos cabelos, exasperado. Então, Sibila, onde quer que esteja, está só e Semíramis sabe tanto quanto eles sobre o seu paradeiro...

Adriano suspeita da sua aflição:

– Demétrio, por que o pavor? Está me escondendo algo?

Fazendo um gesto de silêncio, ele indica-lhe o caminho do seu gabinete. Uma vez ali, fecha a porta à chave e manda-o sentar-se. Em voz pausada e grave, inicia:

– Ouça, Adriano, o que vou lhe dizer é extremamente confidencial!

– Fale, por favor!

– Temo que Sibila, sua mãe, Semíramis e até mesmo Lídia sejam cristãs!

– ?!...

– Talvez, por isso, Sibila quis morar com Lídia. Junto à Cynara, em algum lugar muito distante e escondido, elas devem exercitar os credos e as práticas, execráveis, dos cristãos!

– Parece-me que Lídia quase sempre está em casa, Demétrio!

– Tem razão... Oh, deuses! Tomara minha querida filha esteja apenas passeando!

– Você disse ‘minha querida filha’ de um jeito!

Demétrio concorda com um assentimento de cabeça e explica-se:

– Com você eu abro meu coração, Adriano, como eu o faria a um filho muito querido. Sibila é minha filha legítima!

Adriano não se contém e de um salto se levanta:

– Ora, ora, Demétrio! Agora compreendo muitas coisas e até mesmo os seus tormentos! Que segredo pesado tem carregado por tantos anos! Voltam-me à mente, igualmente, as suas palavras a respeito da mocidade sem juízo... Sua larga tolerância com as minhas loucuras... E Hatérius?... Oh, meu amigo!...

– Sim, Hatérius é irmão de Sibila!

– Ele já sabe?

– Não! Isto me atormenta demais!

– E por que ainda não lhe contou? Principalmente, agora, que ele decidiu cortejar Sibila!

– Eu sei, eu sei! Mas, oh, deuses, quando decidi fazê-lo, ele passou a evitar-me, abertamente, como a um leproso!

– Ele pressente, sem dúvida... Não quer saber... Seus instintos o avisam...

– Assim é, Adriano! Esta, a minha tragédia particular, que acabará por levar-me ao túmulo!

– Sibila já foi informada?

– Sim, Cynara lhe contou!

– Ao menos isso! – nos pensamentos dele, a ampliação das suas possibilidades com Sibila.

– Adriano, por favor, além de voltar à casa de Lídia, procure por Sibila, peço-lhe... nas prisões... – ele leva a mão ao peito e explode em soluços.

Adriano se adianta e ampara-o.

– No momento devo permanecer aqui. Tenho a casa cheia de gente e de autoridades, pares de Hatérius. Minha ausência comprometeria a todos nós. Aqui estão, representantes do próprio César!

– Compreendo, farei o que me pede, descanse e confie!

– Confio na fidelidade do seu afeto por Sibila. Use a minha casa, o meu nome e o nome de Hatérius que lhe abrirão portas. Que os deuses permitam que ela ainda esteja viva e que possamos resgatá-la! Meu coração me avisa, Adriano, que uma grande tragédia, maior que esta, que no momento enluta a minha casa, se abaterá sobre a minha cabeça! Por mais esperança que eu queira ter, tudo me parece negro!

– Acalme-se, meu bom amigo, isto faz parte daquilo que vive no momento! Irei, incontinenti, e lhe darei notícias, prometo!

Abraçando-o, grato, Demétrio sai do gabinete e se interna na casa, investido nas suas atribuições de patrício romano e senhor dali.

Adriano vai novamente à casa de Lídia e indaga-lhe o que sabe a respeito de Sibila e de Cynara.

Ela, vacilante, diz-lhe que ignora onde e como Cynara recebe a filha. Teme, em desespero, pelos seus e por sua casa.

É informada por Adriano das suspeitas de Demétrio. Seu coração se confrange por estar sendo desleal. Aquilo que está em jogo, porém, é maior que a sua própria vida. Sabe que Demétrio tem razão e anseia pela volta de Semíramis. Quem sabe, as duas estarão juntas?

Adriano sai em campo à procura dos seus conhecidos. A um destes, soldado romano, narra o desaparecimento de uma amiga, sem entrar em detalhes.

O soldado, perspicaz, indaga-lhe direto:

– Não seria ela uma simpatizante cristã? Os cristãos são muito discretos! Geralmente, assumem vidas paralelas, e assim como os ratos, eles estão em toda parte!

Apesar de muito incomodado com os seus comentários, grosseiros, Adriano quer aproveitar a chance que ele mesmo está lhe dando. Sente arrepios... A mulher querida estará sofrendo os horrores que Roma impinge aos cristãos? Seu coração se aperta como em torniquete...

– Por que diz isso?

– Porque ontem à noite um magote de cristãos foi preso nas catacumbas de Via Nomentana! Há dois dias nós já sabíamos que as prisões seriam feitas ali!

Adriano sente o coração apertar-se. O amigo continua falando:

– A ordem veio direta do tribuno Hatérius. Você sabe o quanto ele odeia essa gente. Ele declara que eles são ótimos para os espetáculos do circo. Ali, em meio à turba delirante, César se fortalece e é glorificado! Nós sabemos que a perseguição aos cristãos é aprovada pelo povo, que, insaciável, aprecia os espetáculos sangrentos. Os cristãos, por sua vez, ‘santificados’ e inermes, deixam-se matar, entre cânticos! Aqueles que assistem, em meio a vivas, palavrões e gritos histéricos, vão ao delírio! Enquanto isso, esquecem as próprias desgraças! Vê-los,

enlouquecidos, em ondas de cores fortes e mal cobertos de farrapos, é um espetáculo, à parte!

Ave, Roma! Ave, César! Parece-me ouvi-los, num surdo clamor que nos energizam, fortemente, incitando-nos a defender Roma e César, até a morte! Você deveria ir, Adriano! Ou já foi?...

Adriano está enojado. Nunca se interessou por estes espetáculos. Nunca foi impiedoso, sua mãe e seu pai lhe ensinaram a ter sentimentos mais amenos, menos violentos... Por mais insensível que fosse, jamais teve ímpetos criminosos.

Triste, mas disfarçando o que lhe vai na alma, aceita:

– Pois bem! Você pode estar certo! Onde ficam os cristãos quando são detidos?

– Em vários lugares! Prepare-se para fazer uma verdadeira peregrinação!

– Agradeço-lhe a boa vontade!

Intrigado, o amigo nada mais diz e se dispõe a sair com ele.

Eles partem, então, pelas ruas de Roma, na direção das prisões.

No percurso, visitam vários locais de ‘triagem’.

Amontoados como gado, sem dó nem piedade, sujeitos a tudo de mais humilhante, violento e desrespeitoso que se possa imaginar, eles são deixados à disposição das mais diversas vontades e, consequentemente, entregues, sem defesas, às ações criminosas, aqui ou ali, destes ou daqueles...

Na calada da noite, muitos são levados como escravos e desaparecem. Os mais fortes e os mais vistosos, são escolhidos para se exibirem nas diversas lutas, como gladiadores.

As mulheres, visadas como objetos de desejo, são ‘adquiridas’ de graça, em barganhas, ou a peso de ouro. Tudo dependerá da ‘administração’ de cada ‘viveiro’.

Crianças são arrancadas dos braços dos seus pais para serem escravos de senhores que irão dispor das suas existências, da forma que lhes aprouver, sem leis e sem problemas de consciência.

Negócios escusos são feitos durante as altas horas da noite, ou usando toda sorte de artifícios, às vezes dispensáveis, pela fácil conivência... Por algumas moedas, em troca de favores ou pagamento de dívidas, carrega-se estes ou aqueles para lugares ignorados, e os pobres infelizes desaparecem, como por encanto.

Nos ‘espetáculos’, os cristãos, às centenas, alimentam feras famintas e sedentas. Estas, naturalmente selvagens, mais selvagens se tornam pelo instinto de sobrevivência.

– Aí está, Adriano, sirva-se! – declara o amigo, a cada novo antro degradante e cruel, cheio de pessoas macilentas e de olhares apavorados. Alguns, cheios de fé, ajoelhados, balbuciam preces.

– Grato, que os deuses o cubram de vitórias! – Adriano responde mal-impressionado. Espera não encontrar Sibila nestes lugares.

Vez por outra, o seu guia lhe diz:

– Enquanto vaga por aí, o que não me apetece nem um pouco, vou me refestelar com os colegas, bebendo e jogando. Na saída nos encontramos! Não tenha pressa, porque eu não tenho!

No fim do dia, Adriano agradece. Dia seguinte, prosseguirão.

Adriano vai à casa de Demétrio e lhe diz que a procura fora infrutífera.

De lá, mais uma vez, vai à casa de Lídia. Ali, também, Sibila não apareceu. Os olhos de Lídia estão vermelhos de chorar.

Adriano volta para casa, alimenta-se e tenta repousar algumas horas. Ao raiar do dia, procura o amigo e recomeçam a busca.

Desta vez, ele pressente; alguma coisa vai acontecer...

Adentra os corredores de mais uma prisão, identifica-se como agregado na casa de Demétrio, cita o nome de Hatérius, e em poucos instantes tem acesso aos prisioneiros.

Identifica-se com um soldado que tem a incumbência de vigiá-los e segue-o, na revista que este vai fazendo.

Após horas de caminhada e de observação, aguardando a boa vontade dele, que se demora aqui e ali, quase a desistir, ele divisa

Sibila!... Ela está sentada no chão, no meio de muitos outros. Vestida com muita simplicidade, ela exibe um extremo cansaço e muita fraqueza.

Chumbado ao chão, Adriano duvida dos próprios olhos...

Como a sentir-lhe o olhar, ela se vira e se depara com ele e duvida daquilo que vê... Como Adriano pode estar ali?... De súbito, ela recorda os próprios pressentimentos...

O amigo de Adriano, que se cansara da jogatina, chega e surpreende-lhe o esforço para alcançar Sibila.

Adriano declara:

– Eis, meu amigo, aquela que procuro! Certamente, houve um lamentável engano na sua prisão!

Malicioso, o amigo comenta:

– Sempre o mesmo, hein, Adriano? Até entre os cristãos! Você é mesmo um sátiro! Que bela mulher! Uma legítima deusa!

Ignorando-lhe o desrespeito, Adriano se encaminha para Sibila, quando ouve:

– Não se esqueça dos amigos!

Adriano sente ímpetos de avançar sobre ele, mas se contém.

Aproxima-se de Sibila, toma-lhe as mãos e ergue-a:

– Que deuses infernais a atiraram nessa ‘vala comum’, Sibila?

Surpresa, ela responde com outra pergunta:

– E você, meu amigo, o que faz aqui?

– Procurava você!

– Aqui?

– Sim, por sugestão de Demétrio! Estamos todos preocupados! Ele se encontra à beira da loucura! Você saiu sem avisar, nem mesmo à Lídia!

– Porque pretendia regressar logo!

– Quanta imprudência, Sibila! Como veio parar aqui?

– Seria melhor indagar, Adriano, onde eu estava...

– Pois me diga, por favor!

– Fui às catacumbas em Via Nomentana!

– Então você...

– Sim, Adriano, eu sou cristã!

Adriano confirma as suspeitas de Demétrio. Precisa agir rápido. A vida ou a morte de Sibila pode estar sendo decidida.

Surpreende o olhar de malícia e a aprovação do amigo que não se afastou dali. Ignora-o e diz à Sibila:

– Sibila, não importa o que você seja ou não! Precisa sair daqui! Venha!

Ela olha para os outros que ali estão, como ela, aflitos e amedrontados... Indaga-lhe, num fio de voz:

– E eles?

Puxando-a pela mão, Adriano responde:

– Não seja louca, Sibila! Apresse-se! Vamos sair daqui!

Ao puxá-la pela mão, enquanto ela vacila, surge um romano, paramentado com os ademanes luxuosos da sua alta hierarquia, pisando ruidoso, no tilintar das armas que carrega, anunciando:

– Em nome de César, estão todos ‘convidados’ para o próximo espetáculo do circo! Ali, terão a chance de exibir as suas insanidades! Assim como os gladiadores, vocês enfrentarão a morte para alegrar a César e ao povo, enquanto servem de escarmento para aqueles que vierem em seguida, com as mesmas intenções! Preparem-se! Amanhã serão levados para o ambiente. Assim, irão se acostumando com o ‘cenário’ e o rugido das feras! Estas, mal podem esperar a comida tão farta! Ah, ah, ah!... – ele ri, à bandeiras despregadas.

Surpreendendo Adriano que tenta sair dali com Sibila, ele inquire, autoritário:

– Quem é você e o que pensa que está fazendo?

Adriano torna-se lívido. Por instantes, teria conseguido evadir-se com ela. Agora duvida... Olha ao redor, procurando o amigo, mas

este se eclipsara. Respira fundo, e numa postura digna, responde:

– Sou Adriano, amigo do tribuno Hatérius e agregado da casa de seu pai, Demétrio! Esta é Sibila, protegida de Demétrio que foi trazida para cá por engano! Neste instante, a pedido do próprio Demétrio, estou corrigindo este lamentável engano!

Tudo isso, ele declara corajoso para resolver a situação que se torna mais perigosa a cada instante.

Fitando-o, de alto a baixo, e fazendo uma análise daquele que tem diante de si, ele reflete quanto à verdade ou a mentira daquilo que ouve para enfim, concluir:

– Hum... Hatérius está viajando... Quanto a Demétrio, desconhecemos-lhe autoridade sobre o filho! Assim, torna-se difícil, senão impossível, ajuizar aquilo que tão peremptoriamente declara!

Cuidadoso, Adriano se dirige a ele, mais uma vez:

– Nobre tribuno de César, rogo-lhe que ordene a confirmação de tudo que lhe digo, na nobre casa de Demétrio e Hatérius! Suas dúvidas, então, deixarão de existir e poderemos todos corrigir a arbitrariedade de alguém que desconhecendo-os, deteve tão nobre mulher, agregada do lar do referido e digno patrício romano, em tudo submetido à César e às leis de Roma!

Duvidando, em muito, de tudo que ouve, o tribuno estala os dedos e convoca:

– Sávio! Diga-me, onde estava esta belezinha? – ele aponta para Sibila.

Acorrendo, presto, Sávio se apressa a responder:

– Em Via Nomentana, rezando junto aos execráveis seguidores do Filho do Carpinteiro! Na ocasião, ela foi abordada por Alício, mal-intencionado, indisciplinado que é! Passei-lhe uma descompostura, recolocando-o no seu devido lugar. Ela veio se arrastando como pôde, enquanto auxiliava os seus comparsas! Vi tudo, muito bem, e tenho certeza de que era ela!

A cada palavra que sai da boca de Sávio, Adriano estremece. Imagina a violência sofrida por Sibila e se revolta, surdamente.

Abrindo os braços, num gesto muito significativo, o tribuno sorri zombeteiro e aconselha:

– Saia você daqui, o quanto antes, senão... Ser cristão é trair Roma e, andar com eles...

Fitando o amigo, conformada com a própria situação, Sibila pede:

– Vá embora, Adriano, peço-lhe... Faça-o, enquanto pode, meu querido amigo. Grata pelo esforço para salvar-me e por tanto afeto... Que os céus o guarde!

Adriano está confuso... Jamais imaginou-se numa situação assim. Não é cristão, todavia, como deixar ali a mulher que ama? Sibila será assediada, agredida, massacrada... Minutos que parecem séculos, e ao mesmo tempo, tão reduzidos para uma decisão que pode decidir-lhe a vida ou a morte... Mas... e se Sibila for sacrificada?...

Sibila solta a sua mão e se afasta, dando-lhe total liberdade. Volta-lhe as costas, finge ignorá-lo e mistura-se aos demais.

Quase a perdê-la de vista, Adriano fita aquele tribuno que ali é sinônimo de desgraça.

Este, fino sorriso nos lábios, indaga-lhe:

– E então, o que decide? Avie-se que não tenho o dia todo, nem estou à sua disposição!

Empertigando-se, determinado, Adriano responde:

– Eu fico!

– Contra César?

– Contra qualquer um, ou contra qualquer coisa! – ele confirma.

Dando de ombros, o outro vaticina:

– Que seja! A partir de agora, você é um traidor de Roma e como tal será punido! Fique junto a esta corja e sirva-se! – cospe de lado e vira-lhe as costas.

Sua autoridade, depois de Hatérius, que encontra-se ausente, é inquestionável. Inveja-o, visceralmente. Fará qualquer coisa para destruí-lo... Aquilo que ouviu de Adriano o fez pensar que talvez a

sorte o ajude a subir mais cedo, na hierarquia: “Hatérius e agregados cristãos?!... Perdição pura! Hatérius é imbatível em todos os flancos; com uma têmpera de aço, ele destitui, condena e executa, exemplarmente, aqueles que o desafiam. Não é inimigo que se queira, de modo algum...”

Vinícius Aurélius pretende agir com muita prudência para , na primeira oportunidade, usar aquilo que descobriu e levar Hatérius à desgraça. Este, então, perderá tudo, quiçá a própria vida!...

Há muito aguarda um momento apropriado para se aproximar mais de César e privar das glórias que este oferece, tão prodigamente, àqueles que se submetem ao seu poder sem limites e sem regras, assim como Hatérius e tantos outros...

Observando Adriano e Sibila, conclui que ali está a sua grande chance. Será que esta bela mulher interessa a Hatérius? Será que este elegante patrício é, de fato, amigo de Hatérius? Ora, ora, que grande achado!...

Antes de sair, ordena a Sávio:

– Vigie de perto esses dois! Cobrarei responsabilidades!

Diante da curiosidade estampada nos olhos do seu subalterno, acrescenta:

– Talvez os deixe para uma outra sortida. É um casal muito interessante!

Sávio, surpreso, fica em silêncio. É prudente o bastante para não contrariá-lo...

Orgulhoso de si mesmo e do poder que representa, Vinícius Aurélius se vai, sem olhar para atrás. Se o fizesse, surpreenderia a expressão, sombria de Sávio e o seu olhar de ódio.

Após a sua saída, Sávio sorri, sinistro, enquanto pensa:

“Sim, você terá que deixá-los para uma outra sortida, Vinícius Aurélius, porque, ainda hoje, você irá para o inferno!... Admire o mundo, enquanto pode, no tempo que lhe resta, odioso tribuno!”...

Após a sua saída, Sávio dirige um olhar significativo para um grupo de cinco soldados, que faz parte da sua guarnição. Fazendo um

pequeno sinal afirmativo, os cinco saem apressados, no encalço de Vinícius Aurélius...

*

Este tribuno arrogante e venal, meus caros leitores, não sobreviverá para assistir ao próximo espetáculo do grande circo romano, porque cairá, em poucas horas, vítima de uma armadilha fatal do seu subordinado, sob o guante da ação criminosa daqueles que lhe ceifarão a vida (repleta de sonhos de ventura e de glória) por dinheiro. Na Terra (ainda), o homem é o lobo do próprio homem!...

Assim, Adriano e Sibila seguirão o curso dos acontecimentos, de acordo com as suas vontades, e a aquiescência do Criador...

*

Vendo o tribuno afastar-se, Adriano conclui que está perdido.

Alcança Sibila, toma-lhe a mão e indaga:

– Sibila, tem certeza daquilo que está fazendo?

– Sim, tenho! Entre César e Jesus, eu escolhi Jesus!

– Você enlouqueceu?

– Doce loucura, Adriano! Pelo que vejo, quem enlouqueceu foi você, que não tendo a mesma ‘culpa’, permaneceu ao meu lado!

“Estava escrito nos céus! – ela pensa – Adriano teve a liberdade da escolha... Senão por Jesus, por amor...”

Profundamente perturbado, diante da trágica situação, Adriano acusa, veemente:

– Você será responsável pela nossa sorte, Sibila!

Compreensiva, mas muito racional, ela lhe responde, direta e sinceramente:

– Não, Adriano, serei responsável apenas por mim! Você é livre para escolher!

Adriano recorda, de pronto, sua promessa em aceitar qualquer desafio, em nome do seu amor... Todavia, aquilo que se ensaia pode estar acima das suas forças... Ama demais a vida! Naquilo que ela

possui de melhor, de mais luxuoso, belo, sábio e culto!...Ávido, tem se embriagado de vida!... Extremamente pálido, desabafa:

– Quando eu lhe disse que faria qualquer coisa para lhe provar o meu amor, jamais poderia imaginar isso! É este, então, o meu grande desafio?

Ele indaga perplexo, gestos amplos, a apontar o triste cenário... Como um peixe fora d'água, ele se debate e recorda que jamais interessou-se por qualquer crença. O que faz ali? O que lhe sucederá?!... Em meio às suas reflexões, ele ouve a voz suave de Sibila:

– Parece que sim, meu amigo...

Após uma luta íntima, sem precedentes, Adriano decide manter a palavra e confirma a sua decisão:

– É justo! O que eu esperava? Algo menor? Quando se trata de você e do sentimento grandioso que me domina? Pois bem, serei digno da minha promessa! Estarei com você de qualquer modo, onde quer que seja, na vida ou na morte! Partilharei do seu destino! Quem sabe, enfim, terei o seu amor?!...

Apesar da sua admiração, quanto à ação corajosa, consciente e determinada de Adriano, Sibila lhe responde com a sinceridade que o momento exige:

– Admiro sua coragem, Adriano, e agradeço o seu devotamento, todavia amarei sempre a Ben Azir, de qualquer modo, onde quer que seja, na vida ou na morte!

Arrasado com aquilo que acaba de ouvir e fitando-a, súplice, Adriano pede:

– Sibila, eu estou aqui, vivo, ao seu lado, não pode me amar, nem um pouquinho?

– Eu o amo muito, Adriano, porém de outra forma, aceite isso...

Suspirando, desalentado, Adriano declara:

– Enfim, terei a honra de enfrentar o mesmo destino que você!

– Deveria sair daqui e viver!

– E deixá-la aqui, entregue à própria sorte? Não poderia, Sibila! Eu não seria um homem e sim um verme! Como sair daqui sem você? Nunca! Eu enlouqueceria! Amo você e vou provar isso!

Adriano está iluminado, de sua boca as palavras fluem com precisão e sinceridade.

Sibila surpreende nele a luz que esteve tanto tempo escondida. Pensa nos seus pais e na dedicação, ímpar, de sua mãe...

“A nobre Berenice deve estar feliz com a transformação do filho amado!...” – pensa, num sorriso angelical que encanta Adriano.

Em seguida, abre um sorriso e elogia:

– Adriano, você é digno da coroa de louros! Da verdadeira, aquela que orna a alma! Seu pai deve estar muito orgulhoso de você!

– Pobre e querido pai! ... Fui sempre o seu maior desafio e a sua maior tristeza!... Meus pais, Demétrio e você, transformaram-me numa pessoa melhor. Hoje, respeito e sou respeitado. Vejo a vida sob um prisma melhor e mais justo. Abri os olhos da alma a tudo que é belo e bom, como se um véu misterioso fosse, enfim, descerrado, revelando-me a Verdade!

Espontânea e muito sincera, Sibila declara:

– Para alegrar o seu coração transformado, Adriano, confesso-lhe que se eu não amasse a Ben Azir, amaria você!

Adriano ouviu a sua declaração, trêmulo de amor. Arrebatado, toma-lhe as mãos e declara:

– Apesar dos terríveis prognósticos, esta revelação me enche de esperança! Com o tempo, quem sabe, não é?

Penalizada, Sibila exclama:

– Adriano, desperte, estamos condenados!

Apertando-lhe as mãos entre as suas, ele declara otimista:

– Não, ainda não!... Hatérius pode regressar a tempo e nos livrar deste cruel destino! Confiarei, até o último instante! Aquilo que ouvi de você e que me embriagou os sentidos e a alma, na confirmação dessa possibilidade, me renova e me mantém esperançoso!

Aguardemos, confiantes, Sibila!

Adriano recuperou o sangue frio.

Sibila, porém, sabe: “Pobre amigo... Nossa hora é chegada! Nosso destino se cumprirá!...”

Olhando ao redor, surpreende diálogos e silêncios, medo e fé, perplexidade e conformação... A dor em meio à esperança...

Levando a mão ao peito, aperta-o, angustiada, enquanto reflete a respeito de tudo e de todos:

“Mais cedo ou mais tarde, morreremos, todos... Que seja agora, para servir de exemplo, no plantio de ideias novas e transformadoras!...”

Voltando-se para Adriano, quebra o silêncio:

– Adriano, após sacrifícios e abnegações como estes, o mundo será melhor!

– De que mundo está falando, Sibila? – ele indaga descrente.

Olhando para o alto, interiorizada, ela responde:

– De um mundo sem o poder romano ou qualquer outro similar!... Sem Césares, sem crueldade, guerras, injustiças, miséria, frio, fome, abandono!...

– O quê? O mundo jamais será assim! Isto é ilusão, pura fantasia!

– Não, Adriano, não é! Desde já, posso vê-lo, deslumbrada, e grata aos céus! Neste momento terrível e glorioso, eu consigo divisar acontecimentos que me assombram! Antes da grande redenção deste mundo, veremos dor, aflição, mortes e desesperos, tais como jamais poderíamos imaginar, porque o homem da Terra, quase sempre, só aprende através das próprias lágrimas e dos próprios sofrimentos!...

Enquanto ele domina e fere o seu próximo, parece nada sentir, numa insensibilidade assustadora, mas quando, por sua vez, sofre, eis que se modifica, chora, implora, se humilha, desespera, e pede socorro!... Torna-se tal qual uma criança em desconsolo e perdida, em busca de ajuda, amparo e carinho!...

Um dia, Adriano, o homem da Terra respeitará o seu próximo e, mais que isso, o amará de tal forma que pensará primeiro nele, antes de pensar em si mesmo!... As leis, mais justas, alcançarão, indistintamente, a todos. Não mais miséria, nem fome, nem frio, pois o legítimo amor socorre, divide, doa, abraça...

O próprio clima será mais equilibrado, pelas vibrações do novo homem mais harmonizado com a Natureza, a qual ele respeitará, consciente que depende dela para sobreviver e ter paz...

Enquanto a ciência, mais sábia, descobre a cura para as doenças, os enfermos serão tratadas de forma mais amena, menos sofrida, por métodos mais sutis, no uso de descobertas científicas que, hoje, nos parecem impossíveis!...

Dominando a ciência, o homem terá soluções para os problemas que têm desafiado as maiores inteligências que já passaram por aqui!

Todo conhecimento alcançado será direcionado para o bem e para o amor! A Verdade, paulatina e segura, porque baseada na razão, nas forças da Natureza e no amor, submetida às leis imutáveis de Deus, varrerá os quatro cantos da Terra, instalando o vero progresso! Então veremos civilizações grandiosas! Louvores ao Criador farão parte das práticas, mais comezinhas, no dia a dia, nesta nova era!

O céu, então, baixará à Terra, enquanto o homem se alçará cada vez mais em direção a ele!

Seremos, neste tempo, que foi amplamente apregoado e aguardado por profetas, filósofos, santos e mártires, missionários e homens de bem; um só rebanho e um só Pastor!

Para isso, vidas como as nossas são convidadas ao testemunho da própria redenção, numa oportunidade ímpar! E assim, faremos implantar, aos poucos, este novo reinado de amor e de sabedoria, neste mundo!

– E de que nos vale, Sibila, o sacrifício, se somente as gerações futuras aproveitarão os frutos deste plantio sangrento?

– Não, meu amigo! Em verdade, o sopro que nos anima se perpetuará e se fará presente noutras oportunidades de vida, melhorado, para novas experiências que, por sua vez, darão lugar a muitas outras, até que possamos nos sentir bem-aventurados e quites com a vera justiça, aquela que de fato, dos céus, nos governa!

Boquiaberto, Adriano ouve Sibila predizer o futuro.

Admira-a até a adoração e bebe cada palavra que sai dos seus lábios amados.

Extática e distante, ela tem o rosto banhado em pranto, o semblante iluminado. Após um silêncio comovedor, no qual as lágrimas escorrem brilhantes sobre seu belíssimo semblante, ela olha para Adriano e lhe agradece:

– Grata, meu caro, pela companhia, proteção e afeto! Que Deus o guarde e ilumine, na Terra e nos céus!

Arrepiando-se, Adriano entendeu. O dia já se vai, e o próximo amanhecer poderá ser de horror...

Curioso, lhe fala:

– Sibila, acabo de ouvir coisas que fogem ao meu entendimento. Gostaria de entender essa fé que norteia a sua vida e, também, por que, quando fala das gerações futuras, parece falar de si mesma e de todos, de modo geral?

– A fé que carrego, Adriano, tem-me sustentado ao longo da minha vida. Quanto às futuras gerações, e às suas evoluções, tenho pesquisado, incansavelmente, em obras antigas e atuais. Com nosso venerável, Plínio, um sobrevivente das perseguições, como esta que estamos sofrendo, confirmei este aprendizado. Sócrates acreditava, seriamente, que vivemos muitas vezes!

– Eu sempre coloquei estas filosofias no campo das ilusões que o homem cria para se consolar das suas inúmeras frustrações, diante daquilo que não é e nem pode ter. Se, no futuro poderei ‘ter e ser’ aquilo que hoje ‘não tenho e não sou’, me conformarei mais facilmente... Duvido, Sibila, de um futuro diferente e melhor! A

infelicidade parece ser inevitável, neste mundo, onde o mal impera e domina! Assim, desgraçadamente, o homem acabará por aniquilar-se e ao próprio mundo!

– Não, Adriano, não pense assim... Um pequeno foco de luz pode iluminar muito. Quando diz que o mal prevalece neste mundo, aponta-lhe as imperfeições. Apesar do mal que existe, fomos criados para o bem. Lamentável! O homem vislumbra o céu, mas atira-se ao inferno!

Quando nossa alma, peregrina milenar, age e interage, nas diversas épocas, faz uso da própria vontade e escolhe o caminho que melhor lhe parece. Neste, aprende, como estamos aprendendo, agora, através dos desafios e das experiências, enquanto resgata, sofrida, os erros do passado, crescendo, material e moralmente, no rumo da perfeição.

Nós somos, hoje, a soma das experiências passadas e, desta, que ora vivemos. Em cada um de nós, indistintamente, o potencial divino que nos distingue como individualidade, única e intransferível. Nós evoluímos, incessantemente, neste ou em outros mundos!

Assimilando, essa sabedoria, de todos os tempos, conscientes de que se Deus é perfeito, a vida também o é, asserenamos o nosso coração e confiamos, plenamente, em futuros cada vez melhores.

Isso, Adriano, não é apenas fé, mas também conhecimento!

Cansada, Sibila silencia.

– Sibila! Você me espanta! Como pode saber tanto?!... Discorre tão bem sobre coisas tão absurdamente elevadas e difíceis para o vulgo, como qualquer um dos sábios antigos ou contemporâneos! Mesmo conhecendo, de longa data, a sua sabedoria e erudição, estou perplexo!

– Nunca conseguimos dialogar, assim, porque a você faltavam a reflexão e o interesse!

– Diga-me, se puder: Por que sendo boa como é, sem culpas que se conheça, com um comportamento ético perfeito, e muito afeto no coração por todos aqueles que a cercam, você se encontra nesta

situação trágica? Onde a justiça perfeita? Quanto a mim, nem indago, porque não me incluo no rol dos injustiçados...

– Ninguém é tão bom, assim, Adriano. Nesta vida, aprendemos mais, por vontade própria ou por força das circunstâncias, enquanto resgatamos os erros do passado. Assim, o presente deve ser bem aproveitado, com vistas ao futuro, que será sempre melhor, pela própria lei evolutiva!

– Se não recordamos as culpas de que fala, por que sofrer, se antes nós não sabíamos?

– O próprio selvagem que ainda age por instinto já carrega, em si, a paixão e a condição de escolher. Nossa consciência carrega, por sua natureza, as noções de bem e de mal.

– Ouço-lhe a justeza dos esclarecimentos, mas acreditar...

– Temos a eternidade para aprender, Adriano! Não existem florações antes do tempo. Deus nos aguarda, amoroso, de acordo com as nossas necessidades!

– Isto me parece mais justo.

Sibila está muito pálida.

Adriano olha ao redor e se arrepia: cada um daqueles que ali estão exibem a mesma palidez, que deve ser o resultado da falta de alimento e de repouso, dos maus tratos recebidos e do medo, humanos que são.

“Sibila está decidida a sacrificar-se!... Eu, que sempre me furtei às batalhas, aqui estou, sem armas e sem defesas! Se tudo der errado, serei sacrificado, também, sem apelação!...”

Aflito, lhe fala:

– Sibila, caso Hatérius não chegue a tempo, morreremos!

– E o faremos sem revides e sem revoltas, certos de que o Senhor da Vida nos salvará, ou aceitará o nosso sacrifício, dentro da nossa liberdade de escolha!

– Minha querida visionária! – ele diz, abraçando-a pelos ombros e tentando infundir-lhe as forças físicas que nela parecem se exaurir...

Determinado, lhe pede:

– Aceite-me nas fileiras deste estranho exército que não mata, nem persegue, mas deixa-se matar, entre cânticos de louvor, em nome de uma crença que eu estou longe de possuir, mas que aceito por você, numa prova incontestável do meu amor!

Olhando-o com infinita ternura, ela aceita-lhe o abraço fraterno e as palavras de carinho:

– Que Deus o abençoe! Após uma admirável transformação de caráter, você irá coroar sua alma com a palma do martírio! Serviremos de exemplo!

Passeando os olhos pela circunvizinhança, Adriano descobre o amigo a procurar por ele. Ciente que dele nada pode esperar, mistura-se aos outros, e se distancia.

Amparando Sibila, acomoda-a, da melhor maneira, no chão, e faz o mesmo. Toma-lhe as mãos e lhe diz:

– Sua estátua está quase pronta. Caso eu não volte mais, espero que outro a termine...

– Minha estátua, Adriano?

– Sim! Nas minhas incursões pela arte, transformei-me num toreuta. Imagine!

– Surpreendente! Parabéns! Está fazendo uma estátua para mim?

– Não! Estou eternizando você, em mármore! Era um presente, agora...

– Grata, Adriano...

– Hoje, Sibila, meu amor por você é feito de beleza e de verdade. Quando recordo as minhas antigas intenções, chego a sentir vergonha...

– Não se agaste! Ainda assim, você nunca me ofendeu de fato e jamais me prejudicou, no que quer que fosse. Sempre lhe tive muita amizade, e sempre adivinhei que, de algum modo, as nossas vidas estavam ligadas...

Enquanto podem, os dois auxiliam aos mais velhos, aos doentes e

às crianças.

Adriano comenta:

– Demétrio está aflito com o seu desaparecimento, mas algo muito grave aconteceu em sua casa, prendendo-o, diante das habituais cerimônias que um sepultamento exige...

– Você disse sepultamento? De quem?

– De Minerva! Uma serva envenenou-a, por vingança!

– Pobre infeliz! Enfim, deixou este mundo, no qual praticou tantas perversidades!

– Como ficará Demétrio, caso nos aconteça o pior?

– Deus o protegerá, Adriano! O Pai cuida de todos os seus filhos! Você já sabe que ele é meu pai verdadeiro?

– Sim, ele me contou...

Adriano pensa: “Pobre Sibila, ignora que Hatérius é o responsável pela nossa sorte...”

Ali, em meio a tantos outros e numa situação trágica, os dois cumprem, sem saber, aquilo que lhes está determinado, como causa e efeito, das outras vidas, ao longo dos milênios...

No dia seguinte, Hatérius regressa para casa. Sequer soube que sua mãe morrera. A caminho, passa pela residência de Lídia.

Obstinada, Sibila, pode estar ali, ainda.

Avisada da sua presença, Lídia estremece.

Recepciona-o, educadamente, mas amedrontada. Cada vez que ele se faz presente na sua casa, supõe a perda, total, de todos.

– Salve, nobre tribuno!

– Vou direto ao que interessa! Sibila ainda se encontra aqui, ou já obedeceu as minhas ordens e foi para casa?

Lídia conclui que ele ignora os últimos acontecimentos...

– Nobre Hatérius, ela não se encontra aqui e, ignoramos, infelizmente, onde ela pode estar! – ela disse tudo, de uma vez. As palavras ecoaram, desarmônicas e estranhas, aos seus próprios

ouvidos.

Hatérius observa-lhe, então, as olheiras profundas e o seu abatimento doentio. Seus olhos demonstram que tem chorado muito.

Fica perplexo. Então Sibila não está ali, nem em sua casa?!...

Suspeita e ameaça:

– Caso você ou o meu pai estejam escondendo Sibila, irão se arrepender, amargamente! Sou implacável com aqueles que ousam me desafiar!

– Nem eu, nem seu pai, sabemos onde ela está! Juro pelos deuses!

– Você jura pelos deuses? E por que não vejo você nem os seus sacrificando nos templos?

Lídia silencia, ele sabe... Apenas blefa, enquanto chega a hora de destruí-los...

– Bem, vou ver meu pai! Esteja à minha disposição, porque eu voltarei! Temos alguns assuntos pendentes!

Precipitado, ele sai.

Semíramis que já se encontra em casa, chega e corre para sustentar Lídia, que se desequilibra e ameaça perder os sentidos.

– Senhora, confie! Deus há de ampará-los!

Lídia desata num pranto sentido.

– Meu Deus! Onde está Sibila? O que será de todos nós?

– Aquilo que a Providência Divina determinar! Que Ele nos proteja e à nossa querida Sibila!

Abaixando a voz, ela informa:

– Nobre Lídia, fiquei sabendo de algumas prisões, naquela noite. Sibila pode ter ido à Via Nomentana...

– Deus! Como dizer isso a Demétrio ou a qualquer outro, Semíramis? Seria a nossa perdição, inclusive a dela!

– Em última instância, deveria falar a Demétrio. Talvez isso salve

Sibila, caso ela esteja, mesmo, entre os cristãos. Pobre amiga, pobre irmã... Que sorte adversa pode estar à sua espera!... Todavia, gloriosa!... – Semíramis olha para o alto e inspira, arrebatada. Dirige-se, mentalmente, ao seu pai querido, que há poucos dias entregou a sua alma a Deus. Roga-lhe por Sibila, por Lídia, por sua casa e pede por si mesma e por Quirino. Pretende casar-se, brevemente. Seu pai, antes de morrer, abençoou-os.

Zelando por Lídia, aguarda-lhe o refazimento e a calma, decorrentes das gotas calmantes que Sertória lhe ministrou.

Quando, finalmente, ela melhora, respira aliviada. Arranja-lhe as cobertas, cuidadosa. Minutos depois, sai de mansinho. Lídia dorme profundamente.

Semíramis cresceu na casa de Lídia e, brevemente, será sua cunhada. Na comunidade, ela e Irmão José conduzem e administram tudo. São os herdeiros espirituais, do venerável e saudoso Plínio.

*

DESCENDO, ÁGIL, DA sua luxuosa biga romana, Hatérius irrompe casa adentro, tal qual um tufão:

– Apresentem-se todos! Chamem meu pai!

Com o alarido, Demétrio aparece para recepcioná-lo. Ignora o que ele sabe e o que ele não sabe:

– Como está, meu filho?

Sem responder, ele confere a presença dos servos, olhos coruscantes.

Demétrio gela, diante do olhar que ele lhe dirige.

Os pobres fâmulos assemelham-se a uma divisão militar, enfileirados e empertigados, à espera das ordens.

Atilado, Hatérius percebe uma ausência e indaga:

– Onde está Flávia? Mandem buscá-la e chamem, também, a minha mãe!...

O silêncio que se faz é assustador. Os servos se entreolham,

temerosos.

Em suspense, diante de tanta precipitação e arbitrariedade, Demétrio inicia:

– Meu filho, ouça-me...

Sem fitá-lo, ele suspende a mão, interrompendo:

– Aguarde! Falaremos depois no meu gabinete!

Ele sequer percebeu o enorme abatimento do pai e os olhares significativos dos servos.

– E então? Por que ainda não chamaram minha mãe?

Cirilo se adianta cabisbaixo, quase a chorar:

– Meu senhor... Ela se foi... Não está mais entre nós...

Hatérius muda de cor, várias vezes... Baqueia, procura um assento e desaba nele. Olha à sua volta na esperança de vê-la surgir. Devem estar brincando! Não é possível! Quando saiu sua mãe estava muito bem! Engole a saliva. Sua boca está seca. Remexe-se, desconfortável, e estica as pernas... Olha para os pés e se impressiona; parecem de um cadáver, virados para cima...

Seguindo-lhe o olhar, os servos admiram-lhe os pés grandes, fortes, e calçados em sandálias luxuosas de couro curtido e muito bem polido...

Apruma-se, tenta falar e sua voz sai rouca. Pigarreia e dirige-se ao pai:

– Pode me dizer quando e como aconteceu? Ela sequer estava doente! De quem foi a culpa?

Hatérius sempre quer saber de quem é a culpa. Assim poderá descarregar a sua natural violência em alguém.

– Sua mãe, Hatérius, foi envenenada! Lamento que não tenha chegado a tempo para as exéquias! Como avisá-lo? Onde?!...

Hatérius sabe: As ações de sua mãe encontraram resposta à altura...

Enquanto ele se esforça para raciocinar, tomando pé da situação, Demétrio reflete quanto a proteger Flávia da sua sanha. Hatérius

jamais saberá quem foi...

Como a ler-lhe os pensamentos, ele se levanta, de chofre, e inquire a todos:

– Quem foi?! Exijo respostas! Apurem responsabilidades! Eu quero saber! Chamem Flávia que preciso interrogá-la!

Esforçando-se para manter-se calmo, Demétrio responde:

– Uma coisa por vez, Hatérius! Ninguém sabe quem foi. Quanto à Flávia, ela já não faz parte desta casa! Com a morte de Minerva, a qual pranteou, desconsolada (Demétrio mente), rogou-me a liberdade que precisava para ir à procura da filha e do neto! Diante dos seus méritos, enquanto serviu Minerva, libertei-a e desconheço onde possa estar! (Demétrio sugeriu-lhe que fosse viver com os seus parentes, por algum tempo. Exatamente, por causa de Hatérius.)

– Como pôde, meu pai? Dar-lhe liberdade sem a minha permissão?

– Nunca precisei dela, Hatérius! Sou e sempre fui o senhor desta casa! Jamais abrirei mão desta prerrogativa, enquanto viver, mesmo que você, arbitrário, seja o único a ignorá-la!

Observando a alegria dos servos, que vibram a cada palavra de Demétrio, Hatérius os escorraça:

– Vão embora! Voltem aos seus afazeres! Fora, fora daqui!... Corja de inúteis! Não perdem por esperar!...

Com a cabeça cheia de preocupações, Demétrio se dirige ao filho:

– Hatérius, acima de qualquer coisa, até mesmo da vida e da morte, preciso lhe falar, urgente!

Hatérius fixa o seu olhar de águia no pai e conclui muito sabiamente, que o assunto deve ser de extrema gravidade. Todavia, como sempre faz, desconsidera-o:

– Se não conseguiu, sequer, descobrir quem envenenou minha mãe, o que tem para me dizer? Ou sabe e acoberta o criminoso?

– O assunto, urgente, tem a ver com Sibila...

– Sabe onde ela se encontra?

– Infelizmente, não, mas é imprescindível que eu lhe fale, enquanto é tempo! Preciso se faz avisá-lo...

Impaciente, Hatérius o interrompe:

– Avisar-me de quê? Escondeu-a de mim? Teve a ousadia? Imagina, com isso, impedir-me de agir como desejo?

– Como, se ignoro onde ela se encontra? Tenho alguns pontos de referência que talvez nos ajude. Um deles diz respeito a você...

Hatérius estremece. Em silêncio ouve:

– Flávia ouviu algo que talvez nos ajude a desvendar o desaparecimento de Sibila.

– Ela está desaparecida? – ele indaga duvidando. Contudo, ordena:

– Fale logo, meu pai, e deixe-se de rodeios! Ouviu o quê?

– Ela ouviu sua mãe, entre sorrisos de vitória, gabar-se de interceptar uma missiva que você me enviara. Ciciando, odienta, ela externava o ódio que sentia por Cynara e por Sibila...

Atinando, rápido, com o resultado da ação de Minerva, Hatérius desaba, de novo, no mesmo assento, e indaga, voz cavernosa:

– Então... Ela não foi impedida de sair?!... Deuses! Agora entendo o seu desaparecimento!

Possesso, arrasta o pai para o seu gabinete, fecha a porta, e desabafa, aterrado:

– Ela deve estar entre os cristãos!

– O que está dizendo, Hatérius? Então suspeitava, também, que Sibila se converteu?

– Como sempre, parece ignorar-me os poderes, meu pai! Eu não suspeito, eu sei! Fiz sindicâncias e descobri que ela segue este credo abominável!

– Deuses! Então você acha...

– Quase posso afirmar; ela está presa!...

Num tom quase imperceptível, ele lamenta, agoniado:

– E eu sou o culpado!...

Demétrio ouviu e entendeu:

– Oh, desgraça! A ordem partiu de você, Hatérius?! Cuidado, meu filho, não desafie demais aos deuses! Você está se tornando um monstro! Como pude gerar alguém como você?!...

Demétrio exibe todo o desespero que o acomete e Hatérius retruca, ofendido:

– Pai desnaturado! Por que não me vê, como os outros? Sou um potentado romano! Um vencedor! Eu posso tudo! Tenho milhares de homens aos meus pés, mas meu próprio pai abomina a minha existência!

– Enfim, você se lembra que sou seu pai? Como incensá-lo, Hatérius se você mesmo o faz? Como me harmonizar com você, se quase tudo que faz tem cheiro de sangue e de morte?!

– Cumpro ordens e vou além! Faço o meu trabalho e promovo as glórias de Roma, cada vez mais! Por que pensa que César me admira e premia, sempre, com a sua benevolência?

– Porque você não a tem com ninguém, Hatérius! Enfim, foi ou não foi sua a ordem de prisão contra os cristãos?

– Ora! – Hatérius quase grita, em desespero de causa – Essa como tantas outras! Pode dizer que ignorava isto? Jamais se interessou, antes! Nunca quis saber!

Demétrio sente-se gelar... É verdade. O ‘caso’ dos cristãos é amplamente conhecido e acompanhado por aqueles que comparecem aos cruéis eventos e, por aqueles, que como ele, se furtam a tomar partido... Desta vez, Hatérius o acusa de hipocrisia, e com justiça! Ele, como a sua classe social, privilegiada, é conivente com os erros clamorosos de Roma.

Hatérius, encolerizado, prossegue, enquanto organiza as ideias, na intenção de sair à procura de Sibila:

– Sua incompetência expôs Sibila! Em sua ausência, a carta caiu nas mãos de minha mãe! Diz que é senhor em sua casa, mas não

tem domínio sobre ela! Eu jamais deveria confiar o que quer que fosse à sua pessoa!

– Não atire sobre mim, Hatérius, as suas culpas! Seu comportamento é desprezível!

Hatérius se dispõe a sair, quando ouve o pai:

– Há algo mais que precisa saber! Ouça-me, porque aquilo que tenho a dizer modificará, de vez, seu comportamento diante de Sibila!

Hatérius estremece. Sente-se à beira de um abismo infernal... Não, não ouvirá mais nada! Seus limites já foram provados o suficiente!

Sai, quase a correr, enquanto Demétrio persegue-lhe os passos e exclama com a voz embargada:

– Sibila é sua irmã, meu filho!

Ao pronunciar a última sílaba, ele ouve a biga de Hatérius sair em disparada. Ele nada ouvira.

Intimamente, questiona quanto às intenções de Hatérius, naquela intempestiva convocação há alguns minutos atrás...

“Provavelmente, descobrir onde Sibila estaria escondida e o autor da proeza...”

Muito aflito, sai, novamente, à procura da filha.

Convoca o condutor e vai às prisões. Acha muito intrigante a falta de notícias de Adriano...

Sem sorte, antes de regressar para casa vai falar à Lídia:

– Minha amiga, quero saber onde vive Cynara. Hatérius a qualquer momento estará indo para lá. Tenho esperanças de que Sibila esteja lá, com sua mãe. Lamento que a amizade desta casa, que tanto prezo, tenha levado a filha querida a um perigo inimaginável! Praza aos céus, Lídia, você não seja a principal culpada da nossa provável desdita!

Levando a mão à boca e abafando um grito, ela começa a chorar.

– Perdoe-me a aparente insensibilidade, Lídia, porém aquilo que me move, em desespero, não me permite sutilezas! Só de imaginar

o que Sibila possa estar vivendo, chego a odiar o próprio mundo em tudo o que ele é e representa! Nem mesmo aos deuses o meu coração se dirige mais! Sinto, aqui dentro do meu peito, uma dor antecipada de perda, que me azorraga o coração! Perderei Sibila, eu sinto! Sequer tivemos tempo suficiente para nos amarmos, como pai e filha!

– O amor que os une, Demétrio, sempre esteve acima de saber ou não saber!

– Mas, agora seria diferente, mais fácil, sem receios, sem segredos...

– Será assim, meu amigo, será!...

– Você, assim como eu, não acredita nisso, Lídia!

– Mas precisamos acreditar, Demétrio! Perdoe-me por tudo! O que me exime de culpa é saber que de uma forma ou de outra, Sibila sempre faria aquilo que deseja, a despeito de qualquer outra vontade!... Jamais lhe incentivei a conversão, por saber dos grandes riscos! Apenas mantive a minha inalterável amizade e proteção, a despeito de tudo! Você conhece a vontade férrea da nossa querida! Vivemos um momento trágico que, sem dúvida, passará. Voltaremos a nos entender de novo, Demétrio e ficarei a espera deste tempo, porque lhe quero muito bem! Depois de Severus Apolonius, você é a pessoa que mais prezo e admiro!

– Eu sei, eu sei... Perdoe-me, também, as duras palavras, frutos do meu desespero.

Ao dizer isso, endereço nas mãos, ele parte, quase sem se despedir, enquanto Lídia reflete quanto à impossibilidade de dizer-lhe que Sibila não está com a mãe...

Prostrada numa cadeira, ela o vê sair e desaparecer pela porta.

Arrasada, chora, muito.

Depois de um pranto convulso e cansativo, que apesar de tudo lhe soltou as comportas da alma e aliviou o coração, ela se ergue e se dirige ao seu altar doméstico para orar por Sibila, sua querida protegida, e por Demétrio que sofre tanto...

Hatérius chega à prisão, na qual supõe encontrar Sibila. Adentra-a, em altos brados, empurrando a quantos lhe barram o caminho. Olhos de águia, ele varre todo o ambiente, no qual se amontoam pessoas de todas as aparências e nos mais variados estados emocionais. Empurra-os, revoltado, na busca desesperada por Sibila. Adentra várias divisões, nas quais se depara com outros magotes de gente, nas mesmas condições. Deplora e se enoja do ambiente que já se torna fétido, pela falta de higiene. Abomina estar ali... Aquele chão encardido e sujo de tudo que é possível se imaginar o detém algumas vezes, nos próprios escrúpulos, como um tribuno de vida luxuosa e superprotegida.

Diante de algumas mulheres que lhe parece ser Sibila, aproxima-se, precipitado e ansioso para depois decepcionar-se.

Sua presença é mais um acréscimo de sofrimento e de humilhação para aqueles cristãos. Eles passam a cantar, como forma de defesa e alheamento. Em êxtase, eles cantam cada vez mais alto, e a voz de Hatérius se perde no vazio.

Sob as suas ordens, os soldados que ali trabalham distribuem bastonadas e socos, em todas as direções.

Alguns cristãos são mortos ali mesmo, sem contemplação. Todavia, quanto mais eles atacam e matam, mais eles cantam.

Naquele momento, Adriano e Sibila, distanciados dali, ouvem os cânticos e o alarido, e concluem que algo mais grave deve estar acontecendo.

Tendo requisitado, mais uma vez, para ser ouvido na sua e na defesa de Sibila, e diante da sua notável aparência de patrício romano, ateu, declaração feita várias vezes, por ele mesmo, Adriano fala, contristado e convencido de que será atendido:

– Nobre centurião, peço-lhe, em nome da honra de um patrício que aqui caiu por infelicidade, que me solte e a esta mulher, pois fazemos parte da casa do nobre tribuno Hatérius!

Adriano, então, ouve:

– Pode me chamar de tribuno! Tribuno Sávio! Aviso-o que nada

que me diga ou tente argumentar irá soltá-los! Eu mesmo estive ‘lá’ e vi esta mulher orando junto aos cristãos! Sou testemunha ocular da sua participação vergonhosa, junto a estes fanáticos!

Adriano reconhece, ele esteve todo tempo no local da acareação dele, com o tribuno Vinícius Aurélius...

Sem mais, Sávio se afasta, planejando como gozar melhor e tirar partido, do lugar proeminente que ‘está’ alcançando. Anota, ponto por ponto, na mente, aquilo que fará quando for importante e rico, junto a César e diante de Roma.

“Você, Vinícius Aurélius, já partiu desta vida e deste mundo! Mas eu estou aqui para ocupar-lhe o lugar e pleitear, para mim, tudo que antes lhe pertencia!”

De pé, Adriano e Sibila permanecem, sem outra opção.

Adriano ampara Sibila que está pálida como cera.

Depois de alguns quartos de hora, quase esquecido deles, Sávio faz um gesto aos seus comandados para recambiarem, os dois, ao mesmo lugar de antes. Profundamente frustrado, Adriano é empurrado, junto a Sibila, para o mesmo local, onde estão todos aqueles que foram detidos em Via Nomentana.

Alguns instantes mais, e Hatérius irrompe no mesmo ambiente, do qual os dois acabaram de sair, e indaga por Vinícius Aurélius:

– O que faz aqui, Sávio?! Onde está o seu superior?

Levantando-se presto, servil, e humilhado, Sávio responde:

– Aqui me encontro por ordem dele, meu senhor! Ele precisou ausentar-se em função dos seus próprios interesses!

– Seus próprios interesses?!... Ele que cuide dos interesses de Roma, pois esta é a sua obrigação primeira! Quero que procure aqui uma mulher belíssima, que atende pelo nome de Sibila! Cuide para saber se ela é a protegida de meu pai, Demétrio, e conduza-a à minha casa, o mais rápido que puder! Cobrarei responsabilidades! Siga, presto, esta ordem, porque a partir dela, a sua vida estará em jogo!

O olhar sinistro de Hatérius não deixa dúvidas, quanto à ameaça

que faz.

– Sim, senhor! – Sávio responde, recordando que há poucos instantes a referida mulher esteve ali. “Os dois quase se encontraram!...” – pensa.

– Ela está só, meu senhor?

Intrigado, Hatérius quer saber:

– Por que indaga isso? Sabe de algo?

– Não, senhor! Perguntei por perguntar! Nada sei, mas me esforçarei, prometo, para encontrar esta mulher que tanto lhe interessa! Verá como sou eficiente no meu trabalho!

– Tenho certeza de que sim! Você não brincaria com a própria sorte! Não seria tão estúpido!

– Não, senhor! Quero dizer, sim, senhor!

Sávio percebeu que Hatérius ignora que Sibila está ‘muito bem acompanhada’, por um belo patrício... Sorri, malicioso...

Na saída de Hatérius, ele cospe no chão, pragueja e fala consigo mesmo:

– Protegida de Demétrio, hein? Pois sim! Esta mulher lhe interessa muito, Hatérius! Que me importa isso, tribuno dos infernos? Odeio você, tanto quanto odiei Vinícius Aurélius! E lhe darei o mesmo destino, aguarde! Subirei na hierarquia romana, afastando vocês dois, e qualquer outro, que me impeça de chegar lá!

Em seguida, acomoda-se melhor no assento, e retoma os seus sonhos de grandeza, de poder, de glórias...

Cego de ódio e ciente de que Sibila não se encontra ali, Hatérius decide ir à comunidade cristã. Em desespero, seu coração bate estrondosamente, fazendo-o sobressaltar-se a qualquer ruído que se faça à sua volta. Sente-se num grande pesadelo. Tem esperança de que Sibila esteja a salvo, na comunidade, por um golpe de sorte. Inquirirá a todos, ameaçará aquela gente desprezível, e resgatará Sibila para a sua vida, recambiando-a para sua casa, de onde ela nunca mais sairá...

Caindo em si, descobre, em choque, que a ama, mais do que poderia supor. Sim, como negar este amor que o toma de assalto?

Caso Sibila pereça, continuará vivendo?!... Uma terrível certeza se aninha e se enrosca no seu coração: Nada, nada terá sentido sem ela!... Seu peito estruge de dor, enquanto incita os cavalos a voar pelas estradas que levam à comunidade cristã.

Demétrio, na mesma intenção, se dirige, também, à casa de Cynara.

Chega e indaga por ela.

Surpreendido, com o luxo daquele patrício, o inquirido vacila.

Demétrio, aflito, explica-se:

– Sou o protetor de Sibila, em Roma, e o que me traz aqui é muito grave!

O homem decide levá-lo à casa de Cynara. Está sem palavras. Cynara decidirá o que fazer. A caminho, pensa: “Mais um!...”

– Venha, senhor, é por aqui!

Ali chegando, Demétrio depara-se com um estranho quadro:

Hatérius que parece ter acabado de chegar, está diante de um grupo sentado ao redor de uma mesa... Sobre ela, alimentos ainda fumegantes... Entre eles, Quirino e Cynara.

Em choque, eles fitam Hatérius, como se estivessem diante de um espectro...

Como num sonho, parado na porta, Demétrio ouve a voz do filho:

– Cynara! Você está viva?!...

– Sim, meu filho, eu estou! Finalmente posso revê-lo, Hatérius! – ela responde, demonstrando a felicidade que sente. Esquecida, por um pouco, o que representa, ali, a presença desse ente que ela ama, mas que destrói, sem piedade, tudo aquilo que o incomoda.

Indiferente ao que ouve, ele indaga impositivo:

– O que faz aqui?!...

– Moro e trabalho aqui, Hatérius. No dia em que fugi, seguindo o

seu conselho, me arrastando de dor pela ‘doença’ que me alcançava, fui socorrida por pessoas que pertencem a esta comunidade. Curada e refeita, aqui fiquei a viver e a trabalhar. Apesar da distância e dos anos passados, nunca deixei de sentir por você o mesmo afeto, como se lhe fosse mãe.

Desinteressado, ele indaga:

– Sibila, onde está? Vá chamá-la, imediatamente!

– Ela não se encontra aqui, Hatérius. Deve estar em casa de Lídia, ou em sua casa.

Passando as mãos sobre os cabelos, curtos, ele demonstra uma impaciência muito grande:

– Em minha casa ela não está, e Lídia ignora-lhe o paradeiro!

Cynara estremece, suas pernas enfraquecem e ela desaba num dos bancos. Seus olhos estão cheio de lágrimas. Teme pela segurança da filha. Recorda-lhe a intenção de ir à Via Nomentana. Imaginou que sem Semíramis, ocupada com a saúde e a morte de Plínio, ela tivesse abandonado a ideia. Seu coração lhe diz que não...

Como um expectador, Demétrio ouve, como se não fizesse parte do quadro que tem diante de si.

Hatérius encara Quirino e explode furioso:

– Aqui está você, traidor! No seu covil! Quantos mais, além de você, fazem parte desta corja maldita que renega os nossos deuses e inventa um deus particular? Serão todos punidos! Para o momento, estou muito ocupado, mas não perdem por esperar! Sequer precisarei de testemunhas! Que Lídia, Severus Apolônius e Licurgo, também, não se iludam! As suas sortes estão lançadas! Assim como você, estão todos condenados!

Atrás de si, porém, Hatérius ouve uma voz muito conhecida:

– Irá, Hatérius, pagar-lhes com a morte, a afeição e a dedicação, incomparáveis, à Sibila?

Surpreso, ele se vira e se depara com o pai:

– O senhor meu pai?!... O que faz aqui?

– O mesmo que você!

– E como chegou aqui?

– Isso, não lhe interessa, Hatérius! Ambos estamos aflitos por Sibila, e é isso que nos move!

Desconfiado, Hatérius quer saber:

– Você sabia destes desgraçados?

– Não, eu não conhecia este lugar, e sequer sabia dele, se é isso que está perguntando.

Cada vez mais revoltado, e ao mesmo tempo, muito angustiado, pelo desaparecimento de Sibila, Hatérius abaixa a voz e ameaça, olhos terríveis de se ver:

– Todos que levaram Sibila a converter-se, a este Cristo derrotado e execrado, serão justiçados, exemplarmente...

– Meu filho, você se voltaria contra mim, também? – Cynara indaga, magoada e aflita.

Indeciso, ele se cala. Mas são instantes fugidios... Encarando Cynara, ele declara, por fim:

– Você é tão culpada quanto esse grupo desprezível que a cerca! Converteu a própria filha! Com efeito, Cynara! Pode imaginar os suplícios que ela pode estar vivendo, agora?!...

– Hatérius, você, também, pode ser responsabilizado pela sorte de Sibila... – Cynara ousa. Sua dor é grande demais para temer o que quer que seja... Seu coração lhe diz que Hatérius está se sentindo culpado...

Sem responder à sua acusação, ele arremata:

– Os inimigos de Roma são meus inimigos pessoais!

Empurrando Demétrio, ele sai, na intenção de regressar a Roma, na mesma velocidade. Ali chegando, convoca todos os seus pares e estende a sua sindicância aos mais variados departamentos.

Um soldado, por fim, comenta:

– Essa descrição, coincide com o tipo de mulher, que meu amigo, Adriano, procurava!

– Ele encontrou essa mulher? – o coração de Hatérius dispara. Estará este soldado falando do mesmo Adriano?

– Sim! Não sei por que ele estava tão interessado. Se bem, que... Que beleza de mulher! Uma deusa!... Depois, os dois desapareceram da minha vista!

Na memória de Hatérius, a indagação de Sávio, quanto a Sibila estar sozinha ou não...

Avança para o soldado, e o inquire, duramente:

– Onde, Adriano foi visitá-la?!... Onde, eles 'desapareceram' da sua vista?...

Sentindo-se importante, antes de responder, o soldado finge:

– Ah... Deixe ver... Já sei! Nós a encontramos na prisão, junto aos cristãos que foram detidos nas catacumbas de Via Nomentana!!

Hatérius julga enlouquecer... As suas ordens voltaram-se contra ele mesmo, de uma forma que jamais poderia imaginar!...

O soldado prossegue:

– Eles desapareceram da minha vista, lá mesmo! Se ficaram lá, o que eu duvido, podem estar nas 'acomodações' do circo!

Subitamente, Hatérius recorda que estão na data prevista para os grandes eventos dos jogos dos gladiadores e da execução, em massa, dos cristãos.

Dispara para lá, mas ao exigir demais da parelha, tem um dos cavalo ferido, ao qual, necessita sacrificar.

Feito isso, procura outro animal, à altura da sua necessidade e trocando-o, sem mais delongas, em patente aflição, dispara para o circo. Vertiginosamente, ele incita os cavalos a se precipitarem por entre a vegetação e por sobre pedras, declives e aclives, sem notar, sequer, que ele mesmo pode morrer numa curva do caminho, num acidente.

Enfim, aproxima-se... Já pode ouvir os gritos da turba...Nunca a

detestou tanto! Seu coração avisa-o que chegará muito tarde...

Sofre como nunca. Sua sensibilidade, sufocada pela ambição e pelo egoísmo, somados ao patente orgulho, explode, agora, diante de uma situação *sui generis* para este homem materialista e racional.

Demétrio, também, viera na mesma intenção, e 'por sorte', chegara alguns minutos, antes.

Presto, dirige-se a várias autoridades. Dentre estas, aborda uma que conhece, importante e autoritária:

– Caro senhor, procuro minha protegida, Sibila! Permita-me procurá-la, peço-lhe! Ela pode ter sido detida com alguns cristãos, por engano!

Balançando-se todo na frente de Demétrio, debochado e indiferente à sua ansiedade, ele responde incisivo:

– De forma alguma terá acesso aos prisioneiros, que a esta altura, aprontam-se para o grande momento! Hatérius sempre fala das suas diatribes, mas nunca pensei que estivesse tão senil!

– Meu filho, pelos deuses! Deixe-me entrar, peço-lhe! Sinto que ela está aí dentro! Ouça os meus rogos, e esqueça o desrespeito de meu filho, assim como as suas falsas informações a meu respeito!

– Desista, aguardarei ordens diretas de Hatérius! Somente ele teria autoridade para tanto!

Assim dizendo, ele lhe vira as costas e se afasta.

Demétrio, em patente desespero, investe na direção da arena.

Alcança uma das portas que lhe permite uma melhor visão.

Esquadrinha o lugar, na esperança de orientar-se, quanto ao lugar onde Sibila pode estar. Distingue um magote de cristãos amparando-se, mutuamente, assustados.

Aperta os olhos, para ver melhor, e descobre Sibila entre eles.

A filha querida, tropeçando nas próprias pernas, parece algo hebetada. Ao seu lado, Adriano esforçando-se para protegê-la.

Num impulso irresistível, Demétrio se precipita para eles, braços

abertos, coração aos saltos, lágrimas a toldar-lhe a visão.

Todavia, antes que possa vencer a distância que os separa, leva a mão ao peito; sente uma dor insuportável, grita com voz rouca e desaba ao chão.

Algumas pessoas, que por ali transitam, arrastam-no para o lado, a fim de que ele não atrapalhe o espetáculo que já teve início.

Ainda gemendo, Demétrio desperta, após um tempo que não pode precisar. Olha à volta, intrigado. Como fora parar ali?...O que faz caído ao chão? Levanta-se com muita dificuldade, a cabeça a rodar. Seus olhos têm dificuldade de fixar-se no que quer que seja.

Subitamente, estremece. O que vê? Os cristãos! Eles estão ali, aos montes, caídos, estraçalhados... O cheiro de sangue é insuportável! Outros, ainda vivos, olham para o alto e cantam!...

Em sua mente, um relâmpago se faz:

“Sibila, filha querida! Adriano!...”

Firma o olhar, esforçando-se para vê-los, em meio àquele caos.

Investe na direção da arena, mas braços fortes o tolhem. São os guardas que impedem o acesso de qualquer um. Ali estão para isso...

Tenta explicar, pedir ajuda, mas sua voz se perde na garganta. Conclui, diante do quadro que vê, que é tarde, muito tarde!...

Forçando mais ainda o olhar, distingue os despojos sangrentos dos dois e grita a plenos pulmões:

– Onde está Hatérius?!... Somente ele poderia salvá-los!...

Dentro de sua alma, uma voz suave lhe diz:

“Por que se salvariam apenas aqueles a quem ama? Onde, a justiça, a liberdade, e os direitos iguais? Oh, por que o homem é tão insensato, ainda? Quando nos amaremos como irmãos? Quando?...

Acima de tudo e de qualquer circunstância, louvemos ao Criador, na fé inabalável de um futuro glorioso para esta Humanidade! Fique em paz, porque eu estou em paz, meu amado pai!”...

Ouviu ou imaginou a voz de Sibila? Sente-se morrer...

Pranteia, desolado, a perda irreparável daquela que sempre iluminou a sua existência, e do querido amigo, que até na hora da morte, fiel e corajoso, se manteve ao seu lado!...

Cambaleando, sai a caminhar, sem direção... Precisa sair dali...

Nunca mais será o mesmo... Sua vida terminou... Mesmo vivendo, será, para sempre, um morto-vivo, ao qual, esqueceram de sepultar.

Na arena...

VEJAMOS, MEUS CAROS leitores, como, as coisas se deram com Sibila e Adriano. Desanimados e convencidos que nada, nem ninguém, irá salvá-los, os dois se conformam. Só lhes resta esperar...

Sofrendo múltiplas carências, medos e sustos constantes, os dois continuam juntos e, num momento pior que os outros, se deparam com o inevitável: o ‘grande espetáculo’ espera por eles!

Aos magotes, eles são empurrados, violentamente, e atirados à arena.

Num esforço, hercúleo, Adriano mantém-se ao lado de Sibila.

Perplexos, eles se abraçam... Não possuem defesas. As suas vidas serão ceifadas, violenta e impiedosamente. Em que momento isso se dará?... Estão aterrorizados.

Num trágico mosaico, colorido (e luminoso!), na vasta arena, sempre manchada de sangue (seja dos gladiadores, das feras ou de qualquer ‘inimigo’ de Roma), os cristãos se aglomeram. Serão imolados em nome da fé cristã, intimoratos, quase todos.

Abraçados àqueles que lhes são caros, ou aos quais se uniram por afinidade, os cristãos, em êxtase, iniciam os seus cânticos.

Sibila, de olhos nublados, divisa num plano mais alto, o público que preliba os gozos do iminente espetáculo, num burburinho e entusiasmo, no mínimo, incompreensível, para o seu coração. Famílias inteiras, ali estão para se divertirem (!).

O luxo e a variedade das cores brilhantes expõem as vaidades dos

poderosos, nas suas vestimentas e adereços, mas as vestes baratas, encardidas, e às vezes puídas, são do povo, e este também contribui para o colorido do quadro.

Além do prazer do espetáculo, muitos buscam, como num imenso mercado, contratar negócios e fazer ricas apostas nos gladiadores. Estes lutam, matando ou morrendo...

A conclusão do concorrido evento se faz em delírio, com o sacrifício dos cristãos.

Na exacerbação das suas crueldades, aqueles que investem nesta forma de divertimento, para torná-los cada vez mais sofisticados e concorridos, propõem novas formas e novas atrações que possam manter os ricos bem servidos, e os pobres distraídos do poder que os esmaga. As aclamações gerais fazem eco e preenchem todos os espaços.

Os responsáveis pelo bom andamento do grandioso evento se esforçam para cumprirem o prometido e, mais que isso, para surpreender, superando todas as expectativas.

Alguns minutos antes de entrarem, ou melhor, de serem empurrados, Sibila aconselhou Adriano a alhear-se de tudo que pudesse ver ou ouvir, e rezar para o Cristo.

Adriano lhe respondera, descrente e desanimado:

– Sibila, como posso distanciar-me da realidade? E como orar, se nunca tive o hábito? Eu não conheço Jesus, Sibila! Você delira, minha querida!...

– Não, Adriano, estou muito lúcida. Minha intenção é dividir com você a minha fé e a minha resignação, conscientes, apesar do imenso pavor que invade minh'alma, humana que sou, amante da vida, e de tudo de bom que ela pode nos oferecer. Vivi tão pouco, ainda, querido Adriano... Quando a razão me abandonar, diante de uma situação que, imagino mas desconheço, minha alma ganhará mais força!

Entrego-me à Justiça Divina. Esta, por certo, me livraria desta hora, caso eu merecesse. Hoje, eu provarei a minha fé!

Que o Nosso Criador seja louvado nas Suas criaturas, e que o Seu Filho Jesus nos abençoe a morte, que pode parecer humilhante, mas não é. Há mais coragem em morrer, sem revolta, que revidar, defendendo esta vida, que afinal, é tão passageira quanto o poder que nos oprime e sufoca!

Somos almas eternas, inteligentes e responsáveis, a caminho da verdadeira evolução, material e espiritual!

Você, Adriano, está assumindo, ao meu lado, uma situação irreversível, trágica! Se, não o faz por ideal, faz por amor! Bendito seja!

Que importa se você conhece ou não a minha fé? Ao meu lado, fraterno e protetor, você receberá, também, os 'louros' advindos pela misericórdia de Deus! Sua ação corajosa será avaliada, e no futuro, ser-lhe-á amparo, iluminação e paz! Creia ou não em Jesus Cristo, ele ama você, como ama a todos os seus irmão, na Terra!

– Estranha forma de amar, Sibila! Nos ama e aceita-nos o sacrifício!

– Jesus nos permite a liberdade de escolha. Você é livre, Adriano, e sabe disso. Basta sacrificar aos deuses para voltar à sua casa e à sua vida!

– Você virá comigo? – ele aventa a hipótese.

Fixando nele os seus maravilhosos olhos azuis, ela responde compreensiva, mas determinada:

– Eu jamais faria isso, Adriano. Estaria negando a minha fé! Não, eu fico com 'eles' – Sibila aponta os diversos grupos de cristãos, que se amparam, aqui e ali, tristes e abatidos. – Faça aquilo que preferir, eu entenderei...

Abraçando-a, corajoso, e incapaz de deixá-la sozinha, Adriano declara, enfático:

– Fico com você, Sibila. Até o fim!

– Adriano, sua transformação é notável! Sua mãe deve estar radiante!

– Que ela e meu pai, de onde estiverem, nos amparem! Espero

que eles possam sentir a minha gratidão por tudo que me concederam, amorosos e abnegados!

Agora, ali, eles ouvem, aterrorizados, os rugidos das feras.

Estas vão surgindo, como por encanto, e vão se espalhando, em todas as direções. A princípio vagarosas, para depois correrem em direção ao alimento, ali exposto e oferecido, fartamente, após tantos dias de jejum.

Abraçados, eles analisam a própria situação, sob o impacto da expectativa de morte iminente. O mais terrível pesadelo não seria pior...

Fazendo coro com aqueles que cantam, Sibila procura ser forte, para enfrentar com coragem, o seu testemunho. Eleva o pensamento a Deus e a Jesus Cristo, entregando-se, inteira, ao martírio que se anuncia. Num crescente de emoção e medo, num pavor que aumenta cada vez mais, assistindo às mortes que ali se sucedem, sob os aplausos e os gritos da turba, suas pernas fraquejam e ela desaba, de joelhos, no chão, já regado de sangue.

O que virá? Terá condições de suportar até o fim?

Seguindo o conselho que dera a Adriano, alheia-se a tudo e ora, fervorosa.

Adriano, por sua vez, dá-se conta de que o momento é único e decisivo. Olha ao redor, procurando as saídas. Seu instinto de sobrevivência fala mais alto... Pensa na nova vida que assumiu, em tudo que faz e em tudo que ainda poderá fazer... Quantas venturas tem fruído, na sua nova proposta de vida! Por que, para que, deixar tudo?!... A quem beneficiará a sua e a morte de Sibila, assim como a de todos aqueles que ali estão?!...

Sente ímpetos de correr, em qualquer direção... Alguma ação mais vigorosa faria seu sangue circular melhor e aliviaria a tensão que se tornou insuportável!

(Não raras vezes, tomamos atitudes que aos outros, parecem insanas, mas que nos servem de escoadouro para emoções insuperáveis...)

Todavia, queda-se, ali, imóvel...

Fita Sibila, penalizado. Ela parece feita de cera.

Inclina-se e acaricia-lhe a bela cabeleira loura.

De joelhos, em êxtase, ela prossegue cantando.

Num crescente horror, Adriano conclui, em meio à algaravia, tenebrosa, que os cerca:

“O Hades, caso exista, não pode ser pior!...”

Numa mistura de sentimentos e de emoções, extremos, ele cai igualmente de joelhos, e fita a beleza, lirial, da mulher que ama até a adoração. Nessa trágica situação, ela está iluminada e jamais esteve tão bela!...

Ao redor deles,o caos...

Enlouquecido, ele abraça Sibila, e encolhe-se, tal qual criança, pequenina, nos braços da mãe, escondendo o rosto no seu peito.

Indiferente, a tudo, ela canta. Sua face parece feita de linho... Os sons que saem da sua garganta perdem-se no ar, rumo ao infinito...

Como se atendesse a um chamado, Adriano ergue a cabeça e vislumbra, emocionado, no rosto de Sibila, o amado rosto de sua mãe, Berenice. Não é mais Sibila quem está ali, e sim sua mãe, que o aconchega ao seio materno.

Profundamente grato, sentindo-se protegido, ele se abraça, mais fortemente, a ela. Neste exato momento, sente um forte repuxão nas pernas. As feras disputam-lhe o corpo. As dores são lancinantes, como fogo, queimando-lhe as carnes, jovens e estuantes.

Sua última visão é a de um leão que avança para Sibila; selvagem e faminto, ele põe as suas patas em suas costas, e puxa-a com as suas garras afiadas, fazendo-a em tiras sangrentas...

Em êxtase, ela parece nada sentir; não emite qualquer som, nenhum grito, nenhuma reação. Dir-se-ia que ali está um corpo sem alma; esta deve estar distante...

Adriano perde a consciência, e é levado nos braços de Berenice.

Sibila liberta-se, olha os próprios despojos, levanta os olhos e emite uma oração de louvor aos céus: por si mesmo, por Adriano, e por todos aqueles que ali cumprem, corajosos e plenos de fé, os seus testemunhos. Sentindo-se bem, olha ao redor e procura Adriano.

Este, nos braços da mãe, tal qual criança pequenina, encontra-se adormecido.

Envia-lhe pensamentos de admiração, carinho e muita gratidão.

Berenice, iluminada, volta-se para Sibila e lhe fala:

– Somos muito gratos a você! De onde estivermos, a protegeremos, em qualquer plano de vida!

Sibila admira, reverente, a sua abnegação, maternal.

Vertiginosamente, Berenice se vai, com o filho nos braços.

A alguma distância, Galba vigia, pleno de amor ao filho e à sua amada Berenice.

Subitamente, Sibila ouve um agradável alarido, mais à frente. Tomada pela emoção, mal pode acreditar! Ali, diante dela, vivo, belo e saudável, Ben Azir lhe estende os braços, num convite irresistível e com um sorriso incomparável! Ele veio recepcioná-la!...

Recorda, de pronto, o aviso de Plínio e ao fazê-lo, divisa-lhe a figura veneranda, a sorrir-lhe, próximo a Ben Azir, que parece ter chegado em sua companhia.

Obediente, submissa e venturosa, ela se aconchega nos braços de Ben Azir e juntos planam espaço a fora.

Detendo-se por alguns instantes, ela olha para baixo.

O circo ficou distante, pequeno, mesquinho; quase imperceptível. Aqueles que ali se encontram assemelham-se a minúsculas formigas.

Na acústica de sua alma, ouve ainda os gritos e os aplausos do público ávido de sangue.

Lamenta, profundamente, a todos, e muito principalmente, àqueles que, cúpidos e selvagens, patrocinam e mantêm estes

‘divertimentos’, locupletando-se com tantos crimes.

Pensa em Demétrio... Como num passe de mágica, surpreende-o, a chorar, pálido e desfeito. Fala-lhe ao coração e ele parece ouvi-la...

Beija-lhe o rosto e a cabeça nevada, e se alça, novamente, abraçada a Ben Azir.

Mais algum tempo de subida, na qual fruem a imensa felicidade de estarem juntos, ele a enlaça mais fortemente, grave e entristecido, enquanto declara:

– A partir daqui, devemos nos separar.

Surpresa e decepcionada, Sibila fica sem entender. Nos seus olhos as lágrimas brilham.

Ele a aperta mais, ao encontro do coração, e esclarece:

– Agora, você segue junto àqueles que lhe são espiritualmente afins, amada de minh’alma!

– Poderia, eu, meu amor, ser mais afim com alguém ou com algo que não seja você?!...

– Por enquanto, sim! Brevemente, nós estaremos juntos, de novo, confie e aguarde. Sigo para outro lugar. Nossos ideais e consequentes ações foram diferenciados. Cabe-me ressarcir algumas culpas, apesar das minhas boas intenções. A lei, justa, cumpre-se acima de tudo. Muitas vezes, no exercício daquilo que consideramos justiça, transgredimos as leis maiores de Deus, que são perfeitas e inquestionáveis. Nada, nem circunstância alguma, Sibila, justifica matar. Nenhum ideal se concretizará, com a destruição de vidas.

Descanse amada, nossas almas, estejam onde estiverem, manterão esta sintonia amorosa. Nunca estaremos separados de fato.

Siga o seu caminho e, por enquanto, adeus!...

Ben Azir lhe sorri, tentando animá-la e convencê-la da dolorosa necessidade, mas as lágrimas brilham nos seus olhos, também, na dor da despedida, que no momento, ele não pode evitar...

Num forte amplexo, ele lhe indica o caminho à frente, estimulando-a a seguir o cortejo que a aguarda.

Trêmula, incapaz de articular palavra, ela fita Ben Azir, do qual se despede. Não sabe quando, onde, nem como se reencontrarão...

Enfim, ela se solta dos seus braços, poderosamente atraída para uma procissão de seres que se dirigem a uma luz, que à distância se faz visível. Um cântico celestial se instala na acústica de sua alma, e ela faz coro com aqueles que a cercam, louvando ao Criador.

Olhando para trás, enquanto volita, envia ainda ao seu amado uma última rogativa:

“Não me esqueça, peço-lhe!... Nosso amor é eterno!”

Provando-lhe que a distância será sempre fictícia, ela sente o abraço forte e amoroso de Ben Azir, mais uma vez...

*

Após os atropelos inesperados e quase inacreditáveis, que concorreram para o seu atraso, Hatérius estanca o seu luxuoso veículo e salta, desatinado. Nos olhos esgazeados o medo daquilo que adivinha. Uma vermelhidão facial e por vezes uma extrema palidez falam da sua desarmonia psíquica.

Enquanto empurra aqueles que, aglomerados, o impedem de correr livremente, depara-se com o pai. Este está saindo, vacilante e desfigurado. Arrasado com as cenas sangrentas na memória, Demétrio não sabe se ainda vive ou se já está morto. Se está na Terra ou no inferno...

Surpreendendo o filho desvairado, atravessa-lhe o caminho, na tentativa de poupá-lo.

Insano, Hatérius investe contra ele. Jovem e musculoso, agarra-o com suas mãos fortes como tenazes, tirando-o da sua frente.

Demétrio tenta segurá-lo e é arremessado violentamente contra a parede.

No forte impacto, perde a respiração. Se esforça para manter-se de pé, mas não consegue. Desaba, desajeitado, no chão.

Enceguecido, Hatérius corre na direção da arena.

Num privilegiado ângulo de visão, ele se alça para confirmar aquilo que sua alma, revoltada, lhe segreda aos ouvidos: Sibila está morta!...

Os seus restos, ensanguentados, espalham-se pelo chão.

Identifica os cabelos, dourados e empapados de sangue, na cabeça da mulher que ama até a loucura, e divisa, embaraçada na cabeleira, a corrente com o belo medalhão que lhe dera numa ocasião festiva.

Petrificado, ele olha em patente horror a cena e cai, ali mesmo, de joelhos. Sua cabeça roda e ele vomita. Parece-lhe estar morrendo... Poderia encontrá-la no mundo dos mortos!...

Enquanto convulsiona em espasmos, leva a mão à adaga que carrega e a aperta, na intenção de sacrificar-se ali mesmo, enquanto recorda, horrorizado, que este é o espetáculo predileto de Roma; planejado com riqueza e requintes de crueldade... Que ele também é responsável, como representante de César... Que fora o autor destas, como de tantas outras prisões...

Odeia, com todas as forças, ao pai, a quem culpa por não tê-la vigiado; à Lídia e aos seus familiares, cúmplices das loucuras de Sibila; e envia pensamentos de ódio àquela que, dizendo amá-lo, favoreceu-lhe a desgraça. Infeliz e sinistro amor materno que os deuses lhe concederam na pessoa cruel de Minerva!...

Mas... de que se queixa? Não foram eles sempre cúmplices naquilo que existe de mais perverso? Um completara, sempre, o outro, nas mais tristes atividades criminosas! Tudo pelo poder, pela riqueza, pelo prazer, por César, por Roma!...

“Ave, tribuno! Glorifique-se na glória romana!...

Neste momento único, Roma está passando com o seu carro, triunfante, sobre a sua cabeça! Implacável, brilhante, poderosa, imbatível! Tudo foi rigorosamente planejado e executado! Os vivas são estentóricos! A satisfação é geral!... Mais uma vez e sempre, Roma venceu!... Alegre-se, Hatérius! Digno servidor da Águia

Dourada!...”

Hatérius se agita e sacode a bela cabeça, sem contudo livrar-se de tais admoestações que, parecendo vir de fora, repercutem, poderosas e insuportáveis, dentro do seu cérebro, numa dor inenarrável... Quem está lhe falando assim? De que forma isto é possível?

Descontrolado, grita a plenos pulmões:

– Calem-se! Calem-se! Deixem-me em paz!...

Instantes dramáticos...

Como um raio que cai do céu e se precipita sobre a Terra, ele confirma os próprios sentimentos:

– Sim! Amo esta mulher que deu sua vida em nome de uma fé, que não posso, nem quero, entender!... Usei todos os recursos para conquistá-la, e agora, quando pensava poder realizar este amor, ela me foge!... A quem cobrar responsabilidades?!...

Hatérius está completamente vencido, infeliz, intimamente, morto...

Todavia... Como negar que aqueles que contribuíram para isso são seus iguais? Ordenam, se impõem, aprisionam, exploram, e massacram?!...

O que dera errado? Suas esperanças estão sendo destroçadas, sem apelação, sem privilégios!... O que fazer?!...

Hatérius está profundamente dividido...

Como embriagado e diante do escândalo que causa, ele se levanta e se dirige para a saída, mas retorna sobre os próprios pés e invade a arena, que a esta hora só exibe os restos dos cristãos, naquilo que as feras já saciadas rejeitaram.

Atira-se na direção da cabeça de Sibila, toma-a entre as mãos, admira-lhe os traços, agora desfigurados e sangrentos...

Reverente, recorda a infância ao seu lado, a sua presença amorável, sempre tão querida... De como cresceram, unidos e estudiosos em tudo que fala ao pensamento... Do orgulho que sentia por sua poderosa inteligência, que alcançava níveis

inacreditáveis...

E, muito principalmente, quando descobrira o afeto que lhe devotava. Sibila era, sem dúvida, a mulher ideal...

Seu coração comprometido esperava saciar a sede de amor e paixão nos seus braços, mas ela fazia-se respeitar, como ninguém. Esta, mais uma razão para adorá-la...

Os olhares de crítica e de condenação dos pais... Principalmente de seu pai: Demétrio reagia, muito mal, quanto a isso.

Estranhamente, ele negava ao seu filho a chance de ser feliz!...

Fita, em adoração, aqueles olhos desmesuradamente abertos e recorda-lhes o brilho e a beleza...

Toca a face sangrenta e acaricia, desvairado...

Não, não pode estar vivo, enquanto ela se foi...

Como seguir sem ela? Sem a sua presença, o seu riso cristalino, suas ideias brilhantes e a sua solicitude?!...

A pequena cabeça nas suas mãos fortes tomba, sangra ainda, e ele decide-se por uma ação, no mínimo, mórbida: solta o precioso broche que lhe prende o rico manto de tribuno e nele envolve-a , guarda a corrente com o medalhão e dirige-se à saída, carregando o seu espólio de amor. Conclui que seu pai tentava poupá-lo do horror de ver o que restara de Sibila...

Demétrio, a alguma distância, temeu, horrorizado por breves instantes, que o filho se suicidasse. Sentiu-lhe a intenção e estremeceu, dirigindo preces aos deuses.

Na tentativa de chamá-lo à razão, alcança-o e toca-lhe o ombro.

Hatérius, que se precipita para a saída como um touro bravio, surpreende-se de novo com a sua presença e rechaça-o, violento, tal qual um animal ferido. Respirando com dificuldade, olhos esgazeados, em meio a visíveis tremores, ele fita o pai.

Este, extremamente penalizado, tenta abraçá-lo.

Transtornado, enquanto carrega, cuidadoso, o volume sangrento com uma das mãos, com a outra fecha o punho e ameaça o rosto

do pai.

Pálido de morte, Demétrio observa-lhe o desvario e aguarda, sem defender-se.

Hatérius estanca em tempo, rosto congestionado, num esforço hercúleo e imobiliza-se, como num estranho clichê.

(Neste trágico ângulo do destino, estes dois personagens não são, em realidade, apenas, pai e filho, nós sabemos, meus caros leitores...)

Dentes cerrados, voz rouca, quase inaudível, ele acusa:

– Você é o culpado da morte de Sibila! Infeliz, desgraçado!

Apertando o peito com ambas as mãos, sofrendo as agruras do inferno, Demétrio retruca:

– Hatérius, Hatérius!... Tentei, tanto quanto você, salvá-la deste trágico destino! Em verdade, como sempre, a vontade dela prevaleceu! Reflita, meu filho, ela nunca o amou!...

– O que lhe importa isso? Eu a conquistaria com o tempo e a minha persistência!

– Casar-se-ia com uma mulher que amasse outro, meu filho?

– Não me chame de filho! Não quero ser seu filho! Renego-o em nome de todos os deuses e por toda a eternidade!

– Hatérius! – Demétrio sente o mundo desabar sobre a sua cabeça.

Enfrentando-o como faria a um inimigo, Hatérius prossegue:

– Eu me casaria com ela acima de tudo e apesar de tudo!

A esta altura, Demétrio, que chora sem pejo algum, grita-lhe em pleno rosto:

– Pois não deveria, sequer, tentar! Você ignora muitas coisas, Hatérius! Você me impediu de avisá-lo!

– O que me esconde, pai desalmado?

Demétrio titubeia. Suas pernas enfraquecem e ele sente vertigens. Cambaleia e busca forças dentro de si mesmo. Como se expressar,

adequadamente, numa situação como esta?

Gagueja algumas sílabas ininteligíveis, enquanto Hatérius o observa e aguarda.

Enfim, declara:

– Hatérius... Ela jamais poderia, diante do mundo e diante dos deuses, ser sua!

– Explique-se, de uma vez por todas! O que sabe e o que tenta dizer-me, sem coragem? Que impedimentos poderiam existir?

– O maior deles e o mais sagrado!

– ?!...

– Hatérius, ouça-me, pelos deuses, e procure entender! Sibila era sua irmã!

– Minha... o quê?!...

– Sua irmã!

Olhos arregalados, Hatérius indaga, voz cavernosa:

– Da parte de quem?!...

Tímido e amedrontado, demonstrando muito constrangimento, Demétrio esclarece:

– Cynara, mãe de Sibila, era minha amante...

Hatérius, perplexo, ouviu, mas não entendeu ou não quis entender. Fita o semblante desfigurado do pai e se cala. Imagina-se sonhando.

Percebendo-lhe o estupor, Demétrio decide explicar-se. Ser-lhe-á extremamente difícil confessar-se ao filho. Enfim, levanta a cabeça num autodesafio, aparentando uma coragem que está longe de existir, pigarreia, respira fundo e inicia:

– Eis que chega, para mim, a hora da verdade! Vou lhe dizer tudo. Desde que a comprei no mercado, ela se tornou minha amante.

– O senhor informou à família que ao adquiri-la ela já estava grávida!

– Eu menti, Hatérius, como fazem tantos homens, para encobrir

uma transgressão conjugal.

Hatérius sente o peso da cabeça de Sibila. O sangue, ainda quente, umedece a sua mão através do manto. Mesmo sendo um guerreiro, acostumado à carnificina das guerras, um estranho tremor passa a incomodá-lo...

Passa a mão livre sobre os cabelos... Um aperto, doloroso, constringe-lhe o peito... Está perdendo Sibila, de novo, e definitivamente...

Quase num sussurro, com soturna voz, agressivo e desrespeitoso, acusa:

– Como pôde?!... Apregoando moral ilibada, o senhor, meu pai, traiu a todos nós, dentro de nossa própria casa! E com uma reles escrava!

– Você deveria ser o último homem do mundo a dizer-me isto, Hatérius. Sibila, apesar da sua condição privilegiada, sempre foi uma escrava, frente às nossas leis. Entretanto, superando os próprios escrúpulos, você a amou, perdidamente!

Vou contar-lhe tudo, ouça-me! Sente-se aqui, peço-lhe, e conceda-me a benesse da sua atenção.

Desajeitado, alquebrado, como se tivesse envelhecido em poucas horas, Hatérius acomoda-se da melhor maneira com o seu ‘tesouro’, num rústico banco, ao lado do pai, e se dispõe a ouvi-lo.

Entre os passantes, muitos lhes são conhecidos.

Suas vozes e feições, alteradas, revelam, a quantos possam vê-los que algo de muito grave acontecera.

Sem interrompê-los, todos se afastam.

Olhos baixos, muito abatido e envergonhado, Demétrio confessa:

– Ao vê-la, naquele mercado, sob os olhares cúpidos de tantos homens, fiquei fascinado por sua beleza e decidi comprá-la. Seus olhos fixaram-se em mim. Muda, ela implorava que eu fizesse exatamente o que fiz. O mercador, notando o meu interesse, elevava o preço, às alturas, mas eu cobria, sempre, quase em desespero. Eu não a perderia para ninguém. Assim, paguei por ela

uma quantia absurdamente alta. Posso dizer que, cada grama, bem distribuída do seu belo corpo, valeu o seu peso em ouro.

Quantas vezes eu já estivera naquele mercado?Tão comum e natural, a todos nós, homens de posses, de classe privilegiada, e nunca me comportara daquela maneira!...

Enfim, naquele dia e naquela hora, algo misterioso ou a inspiração dos deuses levou-me a adquiri-la, livrando-a de uma provável má sorte, mas modificando o meu futuro, para sempre...

Confesso-lhe, sem pejo algum, que desembolsei, naquele dia, uma soma considerável para gáudio do mercador de escravos.

Aquela vontade poderosa, que posso chamar de desejo, tornou-se de tal forma importante e decisiva para mim que os meus nervos ficaram a flor da pele.

Mais tarde, comprovei a importância dessa mulher, na minha e nas nossas vidas; principalmente na sua, Hatérius; nem é preciso dizer-lhe o por quê.

Vibrei, feliz, ao vencer a concorrência, e gritei hurras entusiásticos, escandalizando a muitos e principalmente ao nosso criado. Um homem da minha condição, extravasando, sem pudor e publicamente, uma reles vitória!

Ainda atarefado, em meio a outras compras e a outros negócios, fiz-me acompanhar por ela, aqui e ali.

Em algumas horas, me surpreendi envolvido, fascinado, admirando-lhe a beleza física e espiritual! Sua cultura grega, sua postura de nobreza e de elegância, eram notáveis. Onde eu já vira uma mulher assim?!...

Não, Hatérius, não me censure. Não estou menosprezando sua mãe, mas você sabe: eu e ela nunca nos entendemos! Nosso casamento foi um acordo entre as nossas famílias. Eu jamais havia amado antes...

Hatérius, silencioso, concorda com o pai. A desarmonia conjugal dos seus pais sempre fez parte da desagradável rotina da casa.

Demétrio prossegue:

– Enquanto eu me surpreendia comigo mesmo, ela, em patente adoração, fazia-me entender que correspondia, plenamente, aos meus anseios. E antes que o dia terminasse eu estava, pasme, perdidamente apaixonado!

Nosso fiel criado, Nemo, me observava, curioso. Livrei-me da sua presença, encomendando-lhe, alguns ‘trabalhos de Hércules’.

Desconfiado, ele obedeceu.

Livre, exultei. Naquele instante, uma serpente traiçoeira se insinuava no meu coração e nos meus pensamentos de homem... Aquela mulher era tão minha que eu poderia dispor dela sem problemas de consciência... Teremos, nós, consciência, Hatérius?!... Ou apenas fazemos uso dela quando nos interessa?

– O senhor, meu pai, está a ditar-me regras de conduta? Parece-me não ser o caso, mormente nesta situação que nos acabrunha, aos dois, não acha? Atenha-se àquilo que pretende e seja mais direto!

– Como fazê-lo, sem abrir-lhe a minh’alma e fazer-me entender plenamente?

– Não se iluda! Quero apenas saber! Quanto a entendê-lo ou perdoá-lo, jamais!

Demétrio reinicia:

– Pois bem! Torci o itinerário e levei-a a um lugar reservado.

Paguei, regiamente, para calar àqueles que vivem à custa da clandestinidade. Enfim, nós nos entregamos, doidamente, e ela enlouqueceu-me de todas as formas, possíveis e imagináveis!

– Atenha-se aos fatos! Conclua aquilo que iniciou! Afinal, nada que diga ou faça amenizará a minha dor!...

– Lamento tanto, Hatérius...

Hatérius silencia. Sente ímpetos de fugir dali, mas continua a ouvi-lo...

– Casado e pai, pois você já contava um ano de idade, tive o ensejo de albergá-la na casa de um grande amigo e confidente, por

alguns meses. Eu planejava mantê-la, assim, como minha amante, mas ela engravidou. Diante da nova situação, concordamos que ela iria para a minha casa, na condição de serva. Ali, eu acompanharia a sua gravidez, o parto, o nascimento e o crescimento do filho que aquela paixão nos concedia.

– Foi deveras abominável o seu comportamento!

– Concordo e não me eximo de culpa! Mas você é testemunha que criei Sibila tal qual uma filha, permitindo-lhe tudo de melhor e mais culto que uma mulher da nossa estirpe pode almejar!

– Sua sabedoria, além da sua peregrina beleza, conquistou-me! Agora o senhor me faz estas declarações, estapafúrdias, roubando-a de vez da minha vida! Sequer um amor póstumo terei! Apesar de tudo que diz, Sibila viveu e morreu como escrava!

– Como eu poderia modificar isso sem despertar suspeitas?

Hatérius olha o pai, mas seu olhar parece atravessá-lo... Respira com dificuldade. Passa as mãos pelos cabelos, olha ao redor e indaga receoso:

– Ela... sabia?...

– Não! Assim como você, ela nunca soube. Só recentemente Cynara lhe contou tudo. Tivemos tempo para nos abraçarmos, como pai e filha! Ela agradeceu-me por tudo que lhe concedi, e vibrou com a revelação.

No circo, o público, ainda insatisfeito, exige:

– Queremos mais! Queremos mais! Mais atrações! Ave, César!... Ave, César!

Hatérius decide sair dali. Está completamente arrasado, diante de tudo que em poucas horas caiu-lhe sobre a cabeça...

Ele sente a mão do pai no seu ombro, conciliador.

Empurrando-o, violento, grita-lhe em pleno rosto:

– Toque-me novamente e eu o mato, aqui mesmo!

– Meu filho!...

– Que filho? Não sou mais seu filho! Neste instante de horror e

desespero, a sua filha acaba de ser devorada pelos leões; por sua culpa, que não soube protegê-la!

– Eu tentei, Hatérius!... Eu tentei!... Juro!... – Demétrio sente dificuldade em falar, tal a sua comoção. – Apesar de suspeitar do seu novo credo, só tive a constatação depois do seu desaparecimento! Como e onde pedir-lhe ajuda, Hatérius? Suas viagens são distantes e secretas!...

Aproximando-se da face do pai, violento, Hatérius declara, entre dentes:

– Esqueça-me! Abomino-o, em nome de todos os deuses! Nunca mais quero vê-lo! Que a luz dos meus olhos se apague para sempre se algum dia eu fitar o seu rosto novamente!

– Hatérius, meu filho!... – os olhos de Demétrio estão molhados de pranto. Seu coração bate, acelerado, no peito. Suas têmporas latejam e ele sente vertigens. Tudo roda a sua volta. O rosto congestionado do filho parece-lhe uma máscara, estranha e desconhecida. Nem nas guerras defrontara-se com feições tão ameaçadoras.

Derramando um olhar de ódio sobre o pai, Hatérius apanha o manto envolvido na cabeça de Sibila, e sai, precipitado.

Rápido, ele salta sobre a biga, acomoda o estranho volume num canto, aos seus pés, e toma as rédeas. Olha o volume sangrento e recorda: “ Você esteve aqui, há tão pouco tempo, belíssima e revoltada com a minha imposição... Junto a mim, tão próxima, que me custou muito não tomá-la nos meus braços, mesmo contra a sua vontade... Agora... no mesmo lugar, desgraçadamente, aquilo que restou de você... Os deuses deveriam precipitar-se sobre mim, fulminando-me! E o Averno deveria me levar, de roldão, amalgamado ao seu cortejo diabólico, para sempre!... ”

Seu corpo treme e convulsiona. Um pranto estranho o faz dobrar-se sobre si mesmo. Todavia, reage. Alucinado, incita, aos gritos, as alimárias que partem velozes. Decide... Nunca mais regressará a Roma.

Passa horas numa louca disparada, na qual se perde pelas

estradas, em meio a poeira que levanta, suor escorrendo.

Exausto e observando o cansaço dos animais, puxa as rédeas e detém a parelha num recanto verdejante e solitário.

Desce, respira fundo, olha ao redor, e abre o seu ‘tesouro’. Em adoração, revira-o nas mãos fortes e sujas de sangue, e inicia um estranho monólogo:

– Você, que dominou os meus pensamentos, por toda a vida! Você, que preencheu todos os requisitos para o amor que brotou no meu coração! Você, que continuarei venerando, para sempre, haja o que houver, diga-me: O que quer que eu faça?!... Use a sua sabedoria e o brilhantismo das suas ideias e me diga, de onde estiver: O que espera de mim?!... O que posso fazer para me redimir?!...

Em adoração, ele fita aquele rosto, que apesar de tudo, conserva traços de beleza... Essa cabeça albergava, há poucas horas, uma alma luminosa!...

Hatérius dá vazão à sua dor... Chora, convulsivamente. A partir dali, não sabe mais o que fazer, para onde ir, como continuar vivendo...

Não apenas a culpa da morte de Sibila esmaga-o mas, num arrependimento tardio, compreendeu aquilo que é, representa e pesa, no mundo... Se pudesse modificar, ainda, o triste caminho que tem trilhado... Mas, não, seria a perda total de tudo e de sua casa... Não vê futuro. Acaba, ali, a sua vida... Tira a adaga da cintura, despede-se em silêncio do seu único ‘tesouro’, e prepara-se para morrer. Não mais como um potentado romano, mas como um desgraçado, o último dos homens, o mais abominável sobre a face da Terra...

De súbito, ele ouve a voz de Sibila, que parece ecoar no ambiente natural e livre:

“Hatérius! Que Deus o abençoe por tanto amor! Sou sua irmã, não apenas pelo sangue, mas por Deus, que é Nosso Criador e Pai! Amo você, mais do que pode imaginar! E por este amor, eu lhe respondo, daqui do mundo dos mortos: Faça aquilo que eu fiz! Siga os novos preceitos, que não matam, socorrem; não exploram, se

doam! Procure entender as verdades que nos levam, de fato, à legítima glória!... Modifique o seu caminho para sempre e use o seu poder, mental e espiritual, nesta nova proposta de vida!...”

Atônito, Hatérius ouve e pensa ter enlouquecido...

De onde virá esta voz que soa no ar e, ao mesmo tempo repercute dentro do seu cérebro?!... Olha ao redor... Tudo é silêncio, natureza exuberante e solitária...

Como a responder-lhe, a voz de Sibila se faz ouvir, novamente:

“Estou falando ao seu coração, Hatérius! Ouça-me! Conforme-se e siga a sua vida! Modifique-se, Hatérius, seja bom! De onde eu estiver, velarei sempre por você! Adeus!...”

Num ato reflexivo, lentamente ele repõe a adaga no lugar...

Como se estivesse sonhando, ouviu até a última palavra... Durante alguns minutos, permanece em silêncio, ansioso... O silêncio, porém, e a onomatopeia daquele lugar o dominam e ele adormece, entre as dores que sente e a perplexidade daquilo que viveu há pouco...

Ao despertar, algo confuso, olha a cabeça sobre o seu rico manto de tribuno e sente uma grande lassidão...

Sentado na relva, ele olha o céu azul e cheio de nuvens muito brancas... Recorda os conselhos, póstumos, de Sibila... Precisa modificar-se, experimentar uma nova realidade... Onde, como, quando fazer isso?... Antes, as portas eram largas e douradas... Agora não consegue divisar sequer um caminho...

Levanta-se, guarda a cabeça, e incita os cavalos. Dispara, em qualquer direção, indiferente... Age por instinto.

Depois de muito viajar, depara-se com uma casa grande, de fachada escura e que lhe parece um tanto lúgubre. O silêncio que parece cercá-la, todavia, o atrai.

Decide bater e pedir abrigo. Está exausto.

Alguém vem atender e se surpreende com o seu aspecto e as suas roupas. Tudo nele denuncia-lhe a origem, o cargo e a alta posição.

O porteiro estremece, e ensaia barrar-lhe o acesso.

Hatérius, todavia, lhe explica que está viajando há muitas horas, e que precisa urgente de alimento e repouso.

O pobre porteiro se debate entre dois extremos: caso o receba, os perigos são inimagináveis; caso não o receba, serão todos penalizados, implacavelmente... Decide-se pela primeira opção, em nome da caridade...

Hatérius adentra e observa o ambiente. Ali sente uma estranha e inesperada calma.

Indagado sobre o embrulho, responde que a ninguém deve interessar aquilo que carrega, a não ser a ele mesmo.

Resignado e algo amedrontado, o homem que veste uma roupa rústica e escura o atende naquilo que ele requisita, na esperança de vê-lo partir, o mais rápido possível...

Adoração Póstuma

Após a dor que enlutou, em definitivo, o seu coração, Demétrio vive em completa solidão e desalento. Perambula pela casa, agora vazia, e roga aos deuses a graça de morrer também.

Passados os primeiros dias, porém, no quais as dores foram quase insuperáveis, ele decide regressar à comunidade para rever Cynara que, como ele, deve estar desconsolada.

A caminho, vai pensando:

“Pobre Lídia, ao saber da morte de Sibila, quase enlouqueceu de dor! Amava demais aquela filha do coração... Enfim, aos poucos, ela segue a sua vida, conformada, apoiando o marido e os irmãos, que de algum modo se forraram à sanha de Hatérius, hoje desaparecido.”

Chegando, Demétrio dirige-se à casa de Cynara, descobrindo-a doente. Desde o dia da morte de Sibila, ela acamou-se. Quase sucumbindo à imensa dor de perdê-la, os dias lhe parecem agora sem cor e sem brilho. Chora, muito e sempre. Imagina que jamais se consolará. Julga-se também um pouco culpada, por tê-la atraído para a sua fé.

Demétrio chega de surpresa e ela, muito abatida, se esforça para sorrir-lhe. Abraçam-se, amorosos, e choram.

Espontânea, Cynara abre o coração:

– Meu querido, senti tanto a sua ausência!

– Perdoe-me, porém, não tinha sequer condições de manter-me em pé ou raciocinar direito. Entrei num completo desespero com a

perda de Sibila. Como você sabe, ela era a luz da minha vida! Aos poucos, todavia, fui me refazendo e vim vê-la. Perdoe-me a demora e a patente fraqueza!

– Tenho vivido assim também! O quanto somos ainda fracos, não é? E a saudade? Como encontrar forças para viver sem a presença da filha querida? Pode me dizer?

– Não, não posso!

Demétrio se esforça, mas não consegue conter as lágrimas.

Enternecida, Cynara alcança-o e beija-lhe as mãos, emocionando-o.

Ele retém as mãos dela entre as suas e igualmente beija-as.

– Como estão os outros na sua casa? – ela ousa, sabendo, de antemão que os 'outros', sempre foram muito distantes e indiferentes a Demétrio.

– Estou muito só, Cynara. Além de Sibila, perdi também o meu maior amigo, Adriano. Os meus filhos sequer notam-me a solidão e a enorme carência afetiva. Hatérius está desaparecido, desde o trágico evento do circo. Dentre os servos, mantive apenas os mais necessários. Deméter e Cirilo, casados e felizes, foram morar longe. Patrocinei-lhes o casamento e concedi um rico dote à noiva.

Minha casa, enfim, parece envolvida em sombras.

A experiência que tive com Hatérius no circo, envolvidos ambos numa dor imensa, me marcou tal qual ferro em brasa! Não sei como sobrevivi àquele dia...

– Anime-se, Demétrio! Depois de tantos ventos desfavoráveis, Deus há de lhe conceder algo compensador!

– Eis-me aqui, ouvindo-a falar num Deus único, que foge à minha realidade, Cynara. Este Deus me levou a filha querida!...

Demétrio demonstra a sua contrariedade.

Cynara não se desculpa. Aguardará que ele esteja melhor para falar-lhe mais à vontade... Pensando na solidão dele, convida:

– Meu querido, fique aqui!

– Você quer dizer com você, não é? Nada tenho a ver com este grupo de pessoas que exercitam um credo que me incomoda!

– Lamento a perda recente de Plínio, nosso orientador espiritual. Ele saberia alcançar o seu coração e a sua razão, meu nobre Demétrio... Ele o confortaria e esclareceria, deveras. Todavia, temos aqui Quirino, como sabe.

– Não me agrada recordar, Cynara, que ele também, junto a Lídia, incentivaram os delírios de Sibila!

– Meu bom Demétrio, com o tempo esta dor cicatrizará e você verá o mundo sob um ângulo diferente. O seu ânimo e a sua alegria retornarão. Sei que Sibila deseja isso. Onde quer que esteja, nossa querida continuará nos amando!

– É verdade, ela sempre nos animava, de uma forma ou de outra... Quanta saudade, Cynara!

– Essa saudade jamais nos deixará, Demétrio... Pense na possibilidade de ficar aqui. Esqueça os preconceitos de nascimento, de classes e de religião! Ouso aconselhar que repense a adoração aos deuses; personalidades tão imperfeitas quanto nós! Queremos o bem e o amor? Vamos buscá-los naqueles que vivenciam, de fato, essas virtudes, provando que são de Deus!

– Cynara, daqui a pouco você vai citar o seu ‘Cristo’! Isto eu não vou suportar! Ele, indiferente, tanto quanto os nossos deuses, levou minha Sibila, de maneira cruel e para sempre!

– Não, Demétrio, ela quis ir! Ele permitiu, porque assim deveria ser. Somos ainda grandes devedores da vida e, como tal, precisamos nos redimir, meu querido!

– Que defeitos via em Sibila? Diga-me, com sinceridade, Cynara! – ele indaga agastado e ofendido.

– Sim, por certo ela os tinha, como todos nós, Demétrio! Bem sabe o quanto a amei e admirei, por toda a vida! Não veja nas minhas palavras alguma acusação, certamente não! Falo de modo geral!

– Estou estarrecido, Cynara! Alguém poderia desejar uma filha melhor?

– Não, Demétrio...

– E então?

– Demétrio, nossa visão é muito limitada! Quanto mais crescemos, maiores cobranças! É justo que se peça, cada vez mais, àquele que muito se deu! Este era o caso de Sibila. Não tenho absolutamente nada a censurar-lhe, jamais o tive; muito pelo contrário, sou-lhe imensamente grata por tanto amor e tanta solicitude!

– E então? Você se contradiz a cada novo momento! É assim, com o credo que vocês assumiram para desgraça de todos nós?

Vendo que ele se debate, ainda, sem consolo, na dor que carrega, Cynara comenta:

– Depois conversaremos, meu querido! Sibila acreditava na possibilidade de vivermos muitas vezes!

– Que tolice, Cynara! Sócrates defendia esta filosofia, mas eu não acredito!

– Direito seu, meu querido! Mas, aguardemos, sim?

– Oh, quanta falta Sibila me faz! Deuses!...

Ele abaixa a cabeça e mergulha os dedos compridos e afilados por entre os cabelos.

Cynara se apieda. Convidado, mais uma vez, para ficar, Demétrio resolve aceitar e agradece a hospitalidade. Pretende recambiar Cynara para a sua casa. Pensando assim, sorri, misterioso, deixando Cynara intrigada.

Ele se aproxima mais, abraça-a, forte e dominador como no passado, e beija-a, apaixonado. Entre carícias e o fogo desta paixão, eles se entregam, novamente.

Nos dias seguintes, caminham enlaçados pelos vales verdejantes e sobem ao mesmo outeiro, no qual Sibila e Ben Azir conversavam.

Neste lugar aprazível, docemente abraçados, eles assistem ao pôr do sol.

Amigável e respeitoso, Irmão José aos poucos reaproxima-se dele e, numa ocasião favorável, discorre, competente, sobre a vida de

Jesus. Demétrio ouve em silêncio. Não pode negar e muito menos menosprezar a sublimidade de tudo que ficou sabendo.

Convivendo de perto com a comunidade, Demétrio tira as suas próprias conclusões a respeito das diferenças entre o Messias, representante do Deus único, e os ‘seus’ deuses.

Num entendimento maior, ele imagina Sibila a tratar os doentes, exercitando a sua bondade nata que ali encontrou espaço e oportunidade.

Recorda Ben Azir: “Que ótimo rapaz! Assim como Sibila, ele perdeu a vida tão cedo!...”

Alguns meses se passam. Numa doce e enriquecedora convivência, um dia, Demétrio decide regressar. Leva Cynara e se casam, realizando, enfim, o antigo sonho. Na mesma casa, na qual fora escrava, Cynara hoje é senhora.

Numa varanda, onde os perfumes das flores invadem em doces brisas, numa noite belíssima, abraçada a Demétrio, Cynara aponta o céu e lhe diz:

– Nossa filha, meu querido, deixou de ser uma estrela na Terra para ser uma estrela no céu!

– Sim, a nossa estrela mais brilhante!

Enlaçados, almas unidas, eles fazem juras de amor, como nos velhos tempos. Sua única condição para casar-se com Demétrio foi a liberdade de prosseguir trabalhando na comunidade dos cristãos.

Aos poucos, como seria de esperar, Demétrio passou a secundá-la nestas tarefas. Acostumando-se e integrando-se nesta nova forma de vida, surpreendeu-se nos mesmos propósitos dos cristãos, tão mal compreendidos e perseguidos até a morte.

Ao estender mãos àqueles que mais necessitam, alegra-se com as suas alegrias e sofre com as suas dores.

“Assim Jesus fazia...” – aprendeu com Cynara.

Cynara descreve-lhe, incansável, as ações caridosas e profundamente amoráveis de Sibila, junto aos infelizes.

“Sibila morreu, assim como tantos outros, por fazer o bem... Jesus Cristo também foi julgado e condenado por ser verdadeiramente bom e fiel a Deus.” – Demétrio tem se surpreendido com pensamentos como estes que, aos poucos, como chuva fina e benfazeja, preparou-o para um entendimento mais elevado. Hoje, não saberia mais viver como antes, a incensar e a sacrificar aos deuses pagãos...

A voz de Cynara arranca-o das suas reflexões:

– Demétrio, não teme o futuro? Você, um patrício, está agindo contra os ‘seus deuses’ e contra César! Eles serão implacáveis com você!

– Não, hoje nada mais temo, Cynara. Quantos anos mais terei? Que eles sejam bem-vindos, e bem-vividos!

– Sibila pretendia lhe contar sobre sua nova crença. Aguardava apenas uma boa oportunidade.

Com ela, Ben Azir esteve aqui e colaborou, algumas vezes, no socorro aos necessitados. Em nome da sabedoria, ele acercou-se de Plínio e, juntos, analisaram vários pontos relativos à sua religião e à nossa.

– Qual foi o resultado dessas análises?

– Não sei lhe dizer, mas Ben Azir parecia muito pensativo. Plínio sabia ensinar, como nenhum outro!

– E Ben Azir, sem dúvida, era um admirável debatedor! Tivemos a chance de conversar, e nunca vi tanta nobreza e sabedoria numa pessoa tão jovem. Sabe, Cynara, Quirino me permitiu o acesso aos pergaminhos com os escritos, fidedignos, de alguns dos discípulos de Jesus. Emocionado, eu li aqueles relatos... Mas, diga-me uma coisa, por favor, você acredita mesmo que podemos nascer muitas vezes?

– Sim, eu acredito!

– Este pensamento, esta filosofia, parece mais consoante à justiça divina. Se amei e ainda amo Sibila e sofro a sua ausência... Se esta tese, das múltiplas existências, for verdadeira, voltaremos a nos ver

e a conviver!... Essa expectativa é um bálsamo para as nossas dores, consolo e esperança!

– Bravo, Demétrio!

– Seguindo a mesma linha de pensamento, vou mais longe e revejo o nosso encontro, naquele dia, no mercado. Recordo, como se fosse hoje, o meu desespero, a urgência de levá-la comigo! Para mim, você era a única, indispensável, amada desde antes! Mas... 'antes' quando, Cynara? Jamais nos vimos antes!... Isto faz pensar!

– Louvo-lhe a clareza de raciocínio, meu querido! Há que pensar e tirar, de fato, conclusões acertadas, lógicas! Parabéns!

Fitando-a com imensa ternura, num ar de desafio, quase infantil (e que faz lembrar as expressões matreiras de Sibila...), ele lhe indaga, tomando-lhe as mãos entre as suas:

– O que diria, a mulher da minha vida, se soubesse que eu decidi assumir, de fato e de direito, o título de cristão?

Num grande entusiasmo, Cynara demonstra a sua alegria:

– Penso que você sempre foi cristão, mesmo sem saber! Seu coração é pleno de amor, de verdade e respeito, pelos seus semelhantes!

Entristecido, Demétrio retruca:

– Não, Cynara, não... Tenho vivido como os homens do mundo, e apesar de não ser cruel, pois que isso nunca fez parte da minha natureza, e apesar de jamais fazer eco às ações perversas de meu filho, Hatérius, tenho sido orgulhoso, egoísta e prevenido contra tudo que viesse a ameaçar a minha vida farta, a minha casa e as minhas posses! Não se iluda, eu sou e sempre fui um arrogante patrício romano!

– Não importa! Assim eu o conheci, amei e amo!

– Grato. Tentarei me adequar à minha nova condição, prometo!

Beijando-a, apaixonado e ardente, ele a retém nos seus braços, ainda vigorosos, submetido a este amor que jamais arrefeceu, apesar dos obstáculos.

– Seu amigo, Quirino, vai se surpreender!

– Quirino! Que susto levei quando soube que ele era cristão! Ninguém suspeitaria!

– Disso, meu querido, dependia a sua e a segurança de toda a sua família. Em breve, ele se casará com Semíramis. Ela será uma esposa digna de acompanhá-lo, como legítima filha e herdeira, da sabedoria e da bondade de seu pai, Plínio.

– Nada disso, porém, me faz esquecer meu filho, Hatérius... A terra parece tê-lo tragado! Andei à sua procura, exaustivamente, sem sucesso! Adriano também ocupa os meus pensamentos, em preito de muita saudade e gratidão! O seu amor por Sibila levou-o ao triste testemunho, para o qual certamente ele não estava preparado... Este caríssimo filho, assim considerado por mim, foi a última companhia e amparo para a filha querida. Pude vê-los, Cynara, sustentando-se, afetuosos, pouco antes do grande sacrifício...

Demétrio não pode impedir, no seu peito explodem soluços e ele chora. Esta cena nunca mais se apagará do seu coração... nunca mais!

Cynara, igualmente tocada, abraça-o, em silêncio. Demétrio já lhe contou que após tê-los visto, desmaiara, com uma forte dor no peito, e ao despertar eles já estavam mortos...

Controlando-se, enfim, ele prossegue:

– O seu amor por Sibila, somando-se ao amor, incondicional, dos seus dignos pais, modificaram Adriano, fazendo dele um homem de bem!

Nunca entendi por que ele nunca foi às guerras... Hoje, de certa maneira, modificado nos meus pensamentos, não gostaria mais de ser convocado para elas... Noutros tempos, junto a Galba e a tantos outros, pensava que a maior glória de um homem era ser um grande guerreiro e vencer nos campos de batalha, levando Roma a ser cada vez mais gloriosa!

– Nossa maior batalha, Demétrio, Plínio nos ensinou, é a nossa, particular, na superação das nossas imperfeições, na transformação

que surpreendeu em Adriano e que nos servirá sempre de um maravilhoso exemplo!

– Concordo!

Olhando ao redor, eles surpreendem Quirino e Semíramis, que àquela hora, aconchegados, admiram as estrelas; estas amigas dos namorados.

Pensando no sacrifício de Adriano e de Sibila no circo, Cynara indaga:

– Quando será a nossa vez?

Harmonizando-se com os seus temores, Demétrio responde:

– Rogo aos céus que estejamos juntos! E que tenhamos coragem!...

Bem, vamos descansar! Amanhã voltaremos para nossa casa em Roma.

Tão abraçados que parecem um só, eles demandam a casa que Cynara mantém na comunidade.

*

NOS ARREDORES DO Palatino, Hatérius, hoje, é um destes homens que negam o mundo e vivem afastados, em meio a orações e promessas íntimas de se manterem fiéis a Deus e às Suas leis (Nem sempre conseguem. Enfim...).

Ali, algo modificado, ele se esforça para ser digno da coragem e dos princípios de Sibila. Hoje, reconhece que ela sempre esteve certa.

Bloqueou a própria razão, quanto à sua filiação com ela. Afinal, agora isso não importa mais. Segue reverenciando-a, no coração e na própria vida, em adoração póstuma.

Procura seguir os ritos da sua nova crença, a mesma pela qual Sibila morreu. Este, o seu último conselho. Certamente, ouviu muito bem tudo que ela lhe dissera. De que forma? Nunca tentou entender. Ser-lhe-ia impossível traduzir aquilo que viveu aqueles momentos, decisivos, de vida ou de morte.

Sente o peso das culpas que carrega, e espera que este novo ‘Deus’, ao qual segue, seja misericordioso.

De raciocínio brilhante, porém, entende que não será com rituais ou apenas com as suas intenções que alcançará a clemência que espera. Muito terá de sofrer para se purificar e se redimir. Aguardará os próximos desafios da vida, aos quais pretende ser tão fiel quanto foi à Águia Dourada.

Aos poucos, tornou-se útil e, mais que isso, tornou-e indispensável. Desde a sua chegada, passou a conduzir e a organizar a vida daquele grupo de religiosos. É um antigo hábito seu centralizar e comandar tudo ao seu redor. Autoritário e impositivo, acima dele somente àqueles, nos quais, reconhece o poder moral.

Nessa autonomia, Hatérius quase nunca é questionado.

*

CAROS LEITORES, NÓS, que podemos alcançar-lhe os pensamentos mais profundos, e surpreendê-lo nas ações mais escondidas, vamos assistir, agora, um estranho ritual... Preparem os seus corações e perdoem o nosso caro personagem, peço-lhes...

Feição sombria, olhos sinistros, ele tranca os seus aposentos, que em nada se parecem com os demais, pelo conforto que salta à vista, e apanha num pequeno cofre uma chave pequena e dourada.

Afasta, reverente e de feições ansiosas, uma pequena cortina que revela uma gravura religiosa sobre uma portinhola que sela um nicho, ao qual abre, ansioso. De lá, ele retira, quase em gozo, sorriso aberto, uma cabeça mumificada. Os seus cabelos, lavados, ainda conservam algum brilho, como se estivessem numa cabeça viva.

Do seu pescoço, equilibrado num minúsculo pedestal, pende uma corrente com um medalhão, rica obra de artesanato, valiosa e bela...

Diante deste sinistro despojo, ele se ajoelha e se expressa com ternura, reverência, e saudade. Sua voz, apesar das suas intenções, ecoa estranha no ambiente:

– Você, que me acompanha, há tanto tempo, mesmo contra a sua

vontade, abençoe a minha tentativa de transformação! Louve e reconheça-me a intenção de seguir-lhe os passos! Sempre fomos, radicalmente, opostos, naquilo que fala ao coração e à alma! Será que, um dia, eu tive alma? Não! Os deuses a arrancaram de mim, transformando-me num ser sem sentimentos! Só você despertava, sempre, este coração que parecia de pedra!

Eu ignorava, porém, que desde o início da minha vida, a sorte me havia negado, qualquer chance de realização ao lado da mulher amada! Por que e para que, eu tinha que ser seu irmão? E por que aquele que nos concedeu a vida, me impediu de continuar amando-a, da forma que eu queria?!...

Hoje me esforço para seguir os seus exemplos! Nem sempre consigo, devo dizer-lhe... Meu ser, embrutecido pela vida e pelas escolhas que fiz, pesa e me impede de tomar atitudes mais elevadas. Todavia, dê valor ao meu esforço! Seja como sempre foi, piedosa e indulgente!...

Agora que você está no reino dos mortos, muitas coisas já não importam mais... Meu culto, fiel, a você, é sagrado e me mantém vivo! As suas palavras, naquele dia fatídico, são o meu verdadeiro credo; a sua imagem, a minha perene adoração! Com o poder que a caracterizava, em mente e espírito, continue me conduzindo e me protegendo de mim mesmo, Sibila!...

Hatérius chora o pranto dos desiludidos.

E... Mais uma vez, ele lhe ouve a voz. De onde ela sai? Do teto, das paredes, do nicho, ou de dentro de si mesmo?!...

“Hatérius, querido irmão! Desperte deste pesadelo e liberte-se do passado! Seja fiel a Deus e livre-se de dependências! Viva o presente e busque ser feliz naquilo que é hoje e naquilo que faz! Que os céus alcancem o seu coração e torne leves as suas culpas, Hatérius!”

Em desespero, Hatérius confessa, em lágrimas:

– Eu a amo, Sibila, hoje e sempre!

“Eu também o amo, Hatérius! Como sua irmã!”

Antes de silenciar, a voz doce e inconfundível de Sibila pede:

“ Hatérius, procure seu pai, o nosso pai! Amenize a saudade daquele coração!...”

– Sim, farei isso, Sibila! Eu farei sempre aquilo que você quiser!

Nada mais ouve. O silêncio se faz no ambiente e tudo volta ao normal. Suores abundantes encharcam-lhe o corpo.

Cuidadoso, ele fecha o escrínio e se afasta profundamente abatido.

Depara-se, no corredor, com um companheiro e chama-o, de lado:

– Temístocles, hoje farei o meu testamento. Deixá-lo-ei com você, mas só antes do meu sepultamento você poderá lê-lo, para executar, minuciosamente, a minha última vontade. Conto com você!

– Teme algo, meu irmão?

– Não e sim... Algo me avisa que não irei muito longe. Olho o futuro e não me vejo nele...

– Talvez a tristeza que carrega no peito justifique esta visão pessimista!

– Não, meu amigo... Devo organizar-me para a longa viagem... Confesso o meu temor quanto a isso. Não tenho muitos créditos... Somente agora me voltei para as coisas da alma!

– E Deus há de valorizar-lhe as boas intenções e a patente transformação, a qual já deu início, sem dúvida! Todavia, penso que viverá ainda muito tempo! Já nos acostumamos com a sua organização e a sua boa disposição! Você é um líder nato, Irmão Sóstenes!

– Para isso me preparei a vida toda, Temístocles! Ficará admirado, um dia, quando descobrir a minha verdadeira identidade!

– Ora, ora, sempre o admirarei, seja lá quem for! Vamos até o refeitório? Ali tomaremos um bom vinho e comeremos o saboroso pão que Irmão Anastácio preparou!

– Sim, isto me fará muito bem! Grato por sua amizade e bonomia!

– A gratidão é mútua!

Abraçando-o, Irmão Sóstenes segue ao seu lado, rumo ao refeitório.

Enquanto caminham, Hatérius analisa seu atual comportamento; jamais teve por alguém amizade como esta, e como tantas outras que tem conquistado neste lugar.

O que pensaria seu pai, caso pudesse vê-lo? Nunca mais o viu. A praga que lançou sobre si mesmo lhe faz muito mal.

Seguirá o conselho de Sibila. Mesmo que não o procure mais, escrever-lhe-á; já será um bom começo.

Horas depois, ele se acomoda diante de uma mesa repleta de livros e papéis, e escreve, interiorizado e muito emocionado. Não lhe enviará o seu atual endereço, nem lhe dará as coordenadas para encontrá-lo. Não se sente preparado, ainda, para tanto...

Finda a missiva, sentiu-se em paz, quase feliz.

Fazendo uma autoavaliação, computa acertos e erros, e conclui que apesar de tudo, deu alguns passos na direção de uma transformação, no mínimo, inesperada. Numa vida saudável, física e espiritualmente, sente-se renovado, um outro Hatérius, numa nova identidade.

Sua posição orgulhosa de tribuno deixou de existir, desde o dia em que adentrou os portais desta ordem religiosa. Lamenta, deveras, as crueldades a que foi levado, por ambição e orgulho. Esgotados os anos, enfim, de uma existência que fora tão desequilibrada, terá criado para si mesmo, ao menos, um epílogo melhor.

Alguns dias depois, uma estranha epidemia se abateu sobre todos, dizimando-os, quase por completo. Entre os mortos, o Irmão Sóstenes, antes, o famoso tribuno de Roma, Hatérius...

Pesaroso, Temístocles abre o seu testamento:

“Deixo todo meu patrimônio para este grupo religioso, que me acolheu num momento trágico da minha vida; ciente de que, assim, a comunidade fará muito mais por infelizes que, como eu, um dia aportem nessa casa de paz e amor.

Alguns pertences valiosos que adquiri para uso próprio e algum conforto, deixo-os para o Irmão Temístocles, meu amigo fiel.

As obras raríssimas, lego-as à biblioteca da mesma entidade.”

Dentre os parágrafos do referido testamento, um que despertou em Temístocles muita curiosidade: Revelando o lugar da chave do nicho, Irmão Sóstenes declara que o seu, ‘valioso e sagrado conteúdo’ deve ser sepultado com ele, envolvido na sua antiga capa de tribuno romano (guardada num velho baú), e rematado com o rico broche que se encontra espetado no referido manto.

Temístocles arrepia-se ao manipular a peça de tecido luxuoso, ainda manchado de sangue, mas sequer poderia imaginar o que viria depois.

Chave na mão, ele afasta a cortina, abre a portinhola, e se depara com o tétrico despojo. Não se contém e solta um grito surdo.

Apesar dos escrúpulos e do horror, agirá em segredo e seguirá à risca as instruções de Irmão Sóstenes. Teme que o companheiro de fé volte do túmulo para atormentá-lo...

Recorda, em arrepios que, quando o Irmão Sóstenes se trancava nos seus aposentos, ao sair de lá, exibia uma fisionomia pesada e carrancuda. Tornava-se irascível e inabordável, como se albergasse no coração uma dor maior que a sua capacidade de suportação...

Irmão Temístocles respirou aliviado, quando cumpriu, enfim, ponto por ponto, as últimas vontades do seu grande amigo e companheiro...

Os religiosos estranharam aquele volume ao lado do corpo, mas, gratos pelas generosas doações, e certos de que muitas outras esquisitices campeiam pelo mundo, silenciaram.

Devido aos atropelos da doença, Temístocles não enviara, ainda, a correspondência a Demétrio. Anexa a ela, em tempo, um bilhete, avisando-o do passamento de seu filho, o tribuno Hatérius (agora, conhece-lhe o nome e a origem).

Algum tempo depois, Demétrio, em casa, lendo a sua correspondência, surpreende entre elas, uma mensagem de

Hatérius.

Ansioso e muito emocionado, abre e lê:

“Nobre Demétrio, meu pai, Salve!

Hoje, quem o saúda não é mais o tribuno de César, e sim alguém que segue o Deus único e Nele crê, a exemplo de sua filha e minha irmã, Sibila, que entregou a sua vida, naquele dia de triste memória.

Algo me sopra aos ouvidos que brevemente deixarei o mundo dos vivos...

Nestes pensamentos, e seguindo os conselhos daquela que se transformou, para sempre, no meu mais querido anjo, decidi escrever-lhe, abrindo o meu coração de filho, antes cruel e desrespeitoso, e hoje profundamente arrependido...

O objetivo desta é dizer-lhe que estou bem. Vivo longe de Roma e de sua glória enganadora.

Hoje, modificado, sinto-me melhor comigo mesmo, com o mundo e com as pessoas...

Rogo-lhe, de coração, que me perdoe e que me veja, não mais, como aquele Hatérius de antes, mas como sou hoje, que em nada o envergonharia, posso dizer-lhe de peito aberto.

Consciente do passado e do presente, sei o quanto lhe devo, meu pai! Esqueça o meu passado, peço-lhe, em nome do meu futuro de redenção!

Não lhe direi, por enquanto, onde estou, porque ainda não quero fitar o seu nobre semblante, embora, hoje, muito o desejasse. Todavia, este, um castigo ao qual me imponho, entre outros, que aos poucos vão modificando o meu cerne, tão endurecido ainda. Trarei gravado na minha retina, sempre, sua perplexidade, diante dos meus desmandos; sua censura paternal e as suas incansáveis tentativas para chamar-me à razão!

Aceite meu abraço, acrescido do pedido aos céus, que o senhor, meu pai, seja bendito e protegido sempre!

Apesar de tudo que já viveu e de tudo que sofreu, seja feliz!

Agradeça à Cynara, por tudo que ela me concedeu, desde sempre! Peça-lhe perdão por mim, e seja enfim feliz ao seu lado!

Por mercê de Deus, este gênio bom que a vida pôs no meu caminho me livrou da morte tantas vezes, preservando-me a fim de que, um dia, eu pudesse alcançar este entendimento, que me chegou sofridamente, através da sabedoria de Sibila, e que tenho ampliado, numa ordem religiosa que me socorreu, no pior dia da minha vida!...

Salve, nobre pai! Aquele que o ama, reconhecidamente, o saúda e o abraça, num amplexo filial e, enfim, muito bem-vindo!

Seu filho, Hatérius.”

Noutro rolo de pergaminho, Demétrio lê:

“ Caro patrício, Demétrio, pai do valoroso tribuno de Roma, Hatérius; hoje, Irmão Sóstenes, para nós, nesta comunidade religiosa que o recebeu e abrigou, por alguns anos, para alegria dos nossos corações!

Lamentamos comunicar-lhe que seu filho deixou esta vida, há poucos dias, vítima de uma epidemia que grassou entre nós, levando muitos dos nossos.

Que Deus dê serenidade à sua alma e conformação ao seu coração de pai! Segue o endereço. Venha nos visitar e sacramentar as últimas disposições de seu filho, no testamento que fez, a respeito de sua herança, legada, segundo a sua vontade, a esta instituição religiosa. Poderá ver, também, onde seu filho viveu, nestes últimos anos de sua vida transformada.

Nossas respeitosas saudações!

Irmão Temístocles.”

Apertando as missivas ao encontro do coração, Demétrio chora o filho, que, distante, despediu-se da vida.

Chamando Cynara, entrega-lhe as cartas e sai. Vai até o jardim, respirar e chorar livremente.

Entre as lágrimas, fita o céu e revive a vida de Hatérius, desde o seu nascimento... Sente saudades, apesar de tudo que viveram.

Confirma, mais uma vez, que a criatura humana pode se modificar, para melhor, e que vale a pena investir nela.

Sibila se foi, Adriano se foi, e agora Hatérius...

Volta ao interior da casa, e se depara com Cynara em prantos, enquanto exclama, como se Hatérius pudesse ouvi-la:

– Enfim, meu filho querido! Você iniciou a própria redenção! Estou muito feliz por você! Sua amada, e nossa muito querida, Sibila, de onde estiver, deve estar orgulhosa de você, Hatérius!...

Ouvindo-lhe as exclamações e o desabafo maternal, Demétrio abraça-a, forte e docemente, e consola-a, enquanto é igualmente consolado:

– Imagine, Cynara, a esta altura da minha vida, este presente dos céus! Na minha pequenez, eu sequer sei como agradecer!

– Fazendo aos outros tudo aquilo que desejamos para nós, meu querido!

– Tem razão, demonstraremos a Deus a nossa imensa gratidão, trabalhando para implantar o Bem na face deste mundo.

A propósito, seguindo o exemplo de Hatérius, que está doando em testamento sua herança à comunidade religiosa que o acolheu, eu farei o meu, muito breve, e neste, além de preservar os seus direitos, como minha mulher, doarei tudo o mais, à comunidade cristã, da qual fazemos parte.

– Muito bem, meu querido! Aplaudo, de pé, esta maravilhosa decisão! Unidos, corações voltados para o bem e para o amor, viveremos os anos que nos restam!

Olhos molhados de pranto, Demétrio leva uma mão ao coração, ergue a outra, em sinal de saudação e exclama, sincero:

– Ave, Cristo! Aqueles que pretendem seguir-te, te saúdam!

Fitando, em adoração, o homem que ama e amará pela eternidade, Cynara confirma:

– Ave! Senhor Jesus! ...

Unidos, eles se consolam e rememoram os seus amados...

Dia seguinte, partirão para a comunidade cristã e após alguns dias de trabalho intenso, na colaboração que lá é sempre bem vinda, regressarão para casa...

Epílogo

ROMA, ROMA, AVE! Roma dos Césares!

Da lendária loba que amamentou Rômulo e Remo, fundadores desta cidade, ao poder incomensurável que tanto a comprometeu diante do mundo, nos séculos que viriam!

Em meio a erros e acertos, a gloriosa Roma transformou-se na cidade eterna. Em muito, parecida com outras, de histórias semelhantes, sem dúvida, mas onde e quando se viu tanto poder?

Onde se registrou tantos fatos históricos que influenciariam a Humanidade para sempre?...

Onde, tanto horror e, ao mesmo tempo, tanta beleza?

Numa mistura inegável de bem e de mal, de feio e de belo, de cultura e de ignorância, de virtudes e de vícios, de luz e de trevas, Roma escreveu sua história quase sempre manchada de sangue.

Até hoje, nossas almas recordam de quando ali estiveram, sofreram e viveram, inseridas num contexto que se impunha a despeito de qualquer outra vontade.

Neste tempo, os homens sábios e virtuosos eram minoria, todavia, faziam a grande diferença.

Alguns, destes, excêntricos, eram reverenciados, como se portassem o selo do Empíreo. Mas, ainda assim, oh, contradição humana, muitas vezes não eram atendidos nas suas necessidades mais comezinhas!

As suas qualidades *sui generis* serviam àqueles que com elas se afinavam e também a outros que, uma vez no poder, queriam tê-los

à mão para consultá-los em momentos críticos de guerras ou para envolvê-los, perigosamente, em seus assuntos privados... Em se tratando de Césares, difícil estabelecer limites...

Alguns ficaram gravados na história, o que não impediu que fossem sufocados, perseguidos e mortos, quando contrariavam as expectativas destes ou daqueles. Outros viveram e morreram, no anonimato.

Sócrates, um dos maiores homens do seu tempo, foi caluniado, perseguido e executado, em nome da verdade que defendeu e ensinou até as últimas consequências.

Numa sociedade de muitos vícios e pouquíssimas virtudes, os deuses do Olimpo, de modo geral, além do exemplo, de acordo com preferências e conveniências, também justificavam as loucuras de muitos.

Os Césares, autodenominando-se deuses, em sua maioria, foram homens trágicos. Muitos instalaram as suas taras no poder de que eram investidos. Mergulhados e acomodados, diuturnamente, em orgulho, ambição, vaidade e egoísmo, reagiam ferozes contra qualquer tentativa de mudanças.

Sob as suas ordens e anuência, pessoas eram executadas com requintes de crueldade, perseguidas, espoliadas e torturadas, para o deleite de muitos (!) ou para servirem de escarmento.

Carrego, ainda hoje, meus caríssimos leitores, a triste memória do circo de gladiadores romano, no qual guerreiros, lutadores (eu, entre eles) e escravos, eram incitados à crueldade e ‘investidos’, automática e inevitavelmente, na condição de homicidas.

Quanto sangue derramado! Quanto estímulo à selvageria!

Quantas vidas, prenhe de esperanças, tombaram, exânimes, aos pés de outros homens que, como eles, aguardavam também a sua hora? Era apenas uma questão de tempo...

(Temos ainda remanescentes destes ‘esportes’, que se não executam o lutador na hora da disputa, o fazem, paulatinamente; marcando-o com o sinete mórbido das mazelas físicas que vão

surgindo, implacáveis.)

O que dizer, então, dos ‘grandes espetáculos’, nos quais se investiam somas altíssimas, a fim de que os poderosos e as suas famílias fossem o pano de fundo, na exibição de luxo e de poder?

Nesses eventos, bem planejados e ansiosamente aguardados, os cristãos eram atirados às feras famélicas!

(Este era um divertimento das famílias romanas e amplamente concorridos!!!...)

O grande incêndio de Roma, de triste memória, retrata muito claramente até onde chegava a insanidade desses tétricos Césares, que, por sua vez tinham às suas ordens homens tão maus quanto eles mesmos.

Roma viu o esplendor das artes, da cultura e da beleza, mas também o apogeu do mal e do desaire.

Assim viveu, assim se destruiu Roma, a cidade das sete colinas, de muitas portas, das grandes conquistas e de glórias que pareciam nunca ter fim.

Num tempo, porém, inimaginável, inesquecível e fatal, as hordas sinistras que vinham ao seu encalço venceram-na de vez, e para sempre.

*

VERGONHOSO LEMBRAR QUE nós também merecemos esta censura histórica. Quando apontamos, um ou mais personagens da nossa história, posicionando-nos como se juízes fôssemos, deveríamos refletir melhor, amenizando críticas e condenações. Afinal, somos exilados neste planeta, onde chegamos para expiar, resgatar e aprender; ‘quase’ esquecidos dos nossos passados (por mercê da divina providência, pois, uma recordação mais abrangente, tornaria o nosso fardo mais pesado!).

Com vistas ao futuro, no exercício sempre bem-vindo da humildade, virtude tão difícil de ser conquistada, mas tão importante para a alma, deploro, meus caros leitores, quando ali estive e participei destas tragédias históricas.

Nós estamos nesta época, gloriosa, personagens que somos exibindo sem rebuços o que somos e aquilo que já deveríamos ser.

E quantos de vós, lendo estas páginas, sentem na alma um arrepio a percorrer-lhes a espinha, numa lembrança atávica, quase impossível de ser traduzida e por vezes insuportável?!...

Particularmente, de quanto arrependimento vive ainda minh'alma!

De quantas lágrimas são feitas as minhas horas, quando me deparo com as dificuldades, materiais e espirituais, daqueles que já tive a incumbência de conduzir no Bem, mas que desconsiderei, explorei ou corrompi!... Hoje, tento protegê-los, frente à minha consciência culpada e com o amor que, aos poucos, fui gerando dentro do coração na direção de cada um.

Esta a minha saudável e perene proposta, nestas obras amadas de minh'alma, filhas queridas do meu coração.

Confiando, plenamente, naquele que veio até nós no cumprimento da promessa feita um dia, quando abatidos e envergonhados, nos preparávamos para o exílio, andaremos, enfim, nos caminhos retos.

Nesta proposta, jamais deixaremos de crescer e evoluir, neste Universo incomensurável que nos abriga em seu seio, nos alimenta, e nos oferece os meios para progredir.

*

NESTA PEREGRINAÇÃO MILENAR, quantas vezes habitamos outras 'Terras', nestes céus, onde são tantas as moradas do Pai!

De algumas destas que já alcançavam um patamar mais evoluído, fomos expurgados e 'caímos' aqui, ou em mundos semelhantes para reaprendermos a verdade que distorcemos e o amor que conspurcamos.

Algumas vezes, 'estagiamos', também, em mundos venturosos, a fim de repousarmos das fadigas e nos espelharmos nos seus notáveis exemplos. Nestes mundos, um dia, deixamos amores, e estes nos inspiram e protegem, por onde quer que possamos ir.

Diante da grande lei, gratos e reverentes, dividimos uns com os outros, as messes de amor e os conhecimentos adquiridos.

“Quando fizerdes uma destas coisas aos pequeninos, é a mim que fazeis...” – Jesus.

Através desta permuta de progresso intelectual e espiritual (de cima para baixo, tudo se inspira, copia e se faz, com vistas ao progresso da Humanidade), surgiram as grandes civilizações. Nestas, quase todos estivemos, cada qual atuando, mais ou menos, aqui ou ali, no exercício do bem, do amor, e muitas vezes (oh, dor!...) enveredando pelos caminhos do mal.

Assim temos sido, mescla de bem e de mal, até quando nossa alma milenar se ilumine, de fato, e para sempre.

Bom sentir (oh, Deus!) que depois de tantos sofrimentos ao longo das múltiplas jornadas, já amenizamos, em muito, o nosso personalismo inferior, comprometidos agora com o Bem, que aos poucos alcança nossa alma milenar e eterna.

Revendo alguns passados (com o auxílio, indispensável e sempre bem-vindo da nossa caríssima Fata Morgana), se nos surpreendemos no comando destes ou daqueles, em tronos dourados, nas atribuições de grande poder, nos vemos, em contrapartida, vestidos em andrajos, na escravidão, no exílio e nas dores, situações às quais fizemos jus ao longo do aprendizado.

Muitas vezes, por vaidade, procuramos os nossos passados no poder, na glória e nas diversas ciências de todos os tempos, esquecidos de que, quase sempre, ali estiveram os grandes crimes, as grandes transgressões e as lamentáveis quedas em armadilhas urdidas para almas ainda incipientes.

“Somente lobos caem em armadilhas para lobos!... – Jesus”.

Nas ruas, nos grabatos, à beira dos rios, nos currais, nas prisões, nas cozinhas, nas indústrias, nos mercados, nas oficinas... Estivemos inúmeras vezes, muito mais que naquelas que douram a nossa tola vaidade.

É quase sempre na simplicidade que encontramos a forma correta de evoluir, trabalhando de sol a sol, lavando a nossa alma no suor vertido pela sobrevivência, na dependência natural e instalada pelas necessidades materiais, que nos humilhamos e nos iluminamos.

Somos deuses! Aqueles que tudo podem!

Mas, para este apanágio, é imprescindível seguir, fielmente, as leis de Deus; aprender a discernir e a manipular os elementos dos diversos mundos, para co-criar junto ao Criador. Proposta ousada, sem dúvida, mas acessível a todos. Escolha de cada qual!

Fomos criados, um dia, na certeza do crescimento intelectual e espiritual, que se faz ao longo dos tempos sem fim.

Aspirações sagradas, intransferíveis e inquestionáveis, moram nas nossas almas, na ansiedade de reconhecer o Criador e entender a Sua criação; de ser poderoso e de ser feliz!

Nossa herança é gloriosa, sagrada e eterna.

Chamados somos todos, quando criados; escolhidos seremos quando alcançarmos o desejável patamar evolutivo.

Os louros, advindos, são diferentes daqueles que possamos ter usado noutros tempos, quando enlouquecidos e tolos.

Cada ser e cada inteligência escolhe aquilo que mais deseja, no exercício sagrado do seu livre-arbítrio.

Precisamos das coisas, materiais, que a Terra nos oferece; todavia, porque damos mais importância a estas, que aqui ficam, apodrecendo, em vez de investirmos mais naquelas que levamos como bagagem sagrada e intransferível?!... Em geral, optamos por aquilo que se desfaz, que volta ao pó... Triste escolha!...

A cada etapa nos deparamos conosco mesmos e com a indiscutível urgência de abrirmos os olhos da alma. Somos cegos que muitas vezes conduzem cegos!...

Seremos assim até quando quisermos!

Enquanto marcarmos passo, na acomodação das nossas imperfeições, viveremos iludidos e iludindo, sofrendo e fazendo sofrer.

Nossa filiação divina nos acena desde todos os tempos.

Estamos a caminho de uma grande e dourada civilização, verdadeiramente luminosa, na qual seremos deuses, na

concretização da aspiração sagrada em alcançar a hierarquia de anjo! Caminho longo e sofrido, mas altamente gratificante e fatal para todos.

Num tempo, melhor e mais luminoso, a felicidade do outro será a nossa felicidade, porque harmonizados nos mesmos ideais e nos mesmos pensamentos. Louvando o Criador, reverentes e gratos, reconheceremos-nos num grande e sagrado congraçamento de irmãos que se amam.

Caminhada gloriosa! Certeza bendita de futuro feliz e luminoso!

A todos é concedido o roteiro, os meios, as múltiplas existências, a proteção e o auxílio de que precisam.

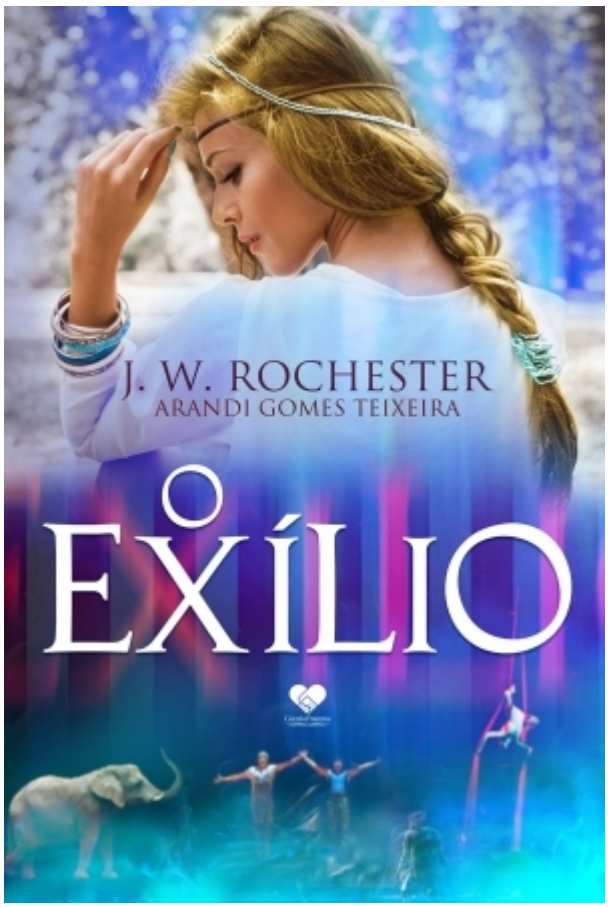
Asas abertas, livres ao vento, rumo à Espiritualidade Maior, singrando os céus, mergulhados no hálito de Deus; reunidos em feixes luminosos, somos parte dos sons e das luzes celestiais, das obras das criações divinas e das organizações estelares!

Apressemos o passo na determinação de fazer o melhor, obedecendo ao Criador e fazendo-lhe a augusta vontade, para alcançar estágios espirituais, inimagináveis, porque ‘Nós somos deuses!’

F I M

Esta versã eletrônica foi gerada com base na 1ª reimpressão da 1ª edição.
O texto foi composto em Goudy Old Style 11/13,2 e os títulos em Trajan 20/30. Izabel Vitusso realizou a revisão e André Stenico elaborou a capa, o projeto gráfico do miolo impresso e digital.

Novembro de 2011


J. W. ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA
EXÍLIO

O Exílio

Teixeira, Arandi Gomes
9788554550127
496 páginas

Compre agora e leia

J. W. Rochester revela com sua reconhecida veia literária os bastidores das paixões que rondam a vida de ciganos e saltimbancos no início da Era Moderna. Enquanto a instigante trama dos personagens se desenvolve, revelando percalços e desajustes, amores e vinganças, o autor espiritual mergulha em suas próprias reflexões, analisando sua caminhada milenar em seu processo de evolução, arrependido pelo mal realizado e pelo tempo perdido. Tudo gira em torno do Grand Circo Monteverdi, onde Rosalva viverá inesquecíveis desafios. Eles só não serão maiores do que as experiências que a aguardam no acampamento cigano, onde a menina circense irá aportar.

Compre agora e leia

J. W. ROCHESTER
VERA KRYZHANOVSKAIA
TRADUÇÃO DE HERMINIO C. MIRANDA
A feira dos casamentos

A feira dos Casamentos

Kryzhanovskaya, Vera
9788554550110
448 páginas

Compre agora e leia

Intrigas e traições delineiam a história de sedução dos casamentos aristocráticos, onde personagens buscam riqueza e poder na antiga sociedade imperial russa. Perdas e ganhos de fortunas misturam-se a lutas pessoais de superação, enquanto valores morais, como os da personagem Tâmara, apaziguam ódios e transformam orgulhos feridos. J. W. Rochester constrói com brilhantismo o fascinante enredo, um verdadeiro painel de emoções, onde cada personagem irá revelar a seu tempo o seu verdadeiro caráter. Um convite ao leitor para mergulhar em um mundo de sentimentos, distantes pelos lugares e tempos descritos, mas muito próximos da realidade de todos nós.

Compre agora e leia

ARANDI GOMES TEIXEIRA
pelo espírito VICTOR HUGO
Castelita

Castelita

Hugo, Victor
9788554550097
320 páginas

Compre agora e leia

Castelita encanta com a história de um grande amor que remonta a séculos. Em frente ao casarão, lembranças repentinas impactam Dom Carlos Lupe de Medrado. A figura da jovem Castelita lhe remete a verdadeiros enigmas de suas vidas passadas. Hoje, atraído inexplicavelmente por Maria do Pilar, o ex-menino pobre e abandonado viverá grandes surpresas e finalmente entenderá a beleza da vida em suas inúmeras oportunidades de aprendizado, através das reencarnações. Uma trama emocionante, onde a força do amor e da ética falará mais alto. Ainda que o implacável D. Esteban Hernandez e Hernandez não abra mão de possuir Maria do Pilar! A qualquer preço...

Compre agora e leia

Juntos outra vez
MICHELL PACILETTI
ESPÍRITO L'LINO

Juntos outra vez

Paciletti, Michell
9788554550103
352 páginas

Compre agora e leia

Itália. Século 18. Um grupo de espíritos com um passado em comum e condições espirituais bem diferentes vão se reunir em mais uma encarnação no orbe terrestre. A meta? Aparar antigas arestas e caminhar um pouco mais no entendimento sobre o perdão, o amor, sobre a importância do outro em nossas vidas. Mas os sentimentos que ainda brotam no coração de Martim revelam que a caminhada será árdua. Valentina sabe disso e não medirá esforços para ajudar o seu grande amor. Só mesmo uma torrente de acontecimentos será capaz de anunciar novos ares a muitos personagens desta saga, trazendo-lhes a oportunidade da verdadeira transformação.

Compre agora e leia

PRIMEIRO LIVRO ESPÍRITA DE
HERMINIO C. MIRANDA
OS PROCURADORES DE
DEUS

Os procuradores de Deus

Miranda, Hermínio C.
9788554550134
240 páginas

Compre agora e leia

Este livro é o marco inicial da incrível obra espírita do escritor Herminio C. Miranda, que faz aqui um encantador passeio pela história espiritual da humanidade. Retratando a sadia curiosidade e a incansável busca do homem que não se contenta com simples teorias e dogmas de fé, Os procuradores de Deus consegue abordar numa linguagem simples, como numa conversa informal entre amigos, os temas que tanto afligem o coração, quando se quer respostas precisas para o conhecimento não somente sobre quem somos, mas também como e por que somos. É assim, pelas veredas da espiritualidade, que o autor nos toma carinhosamente as mãos e vai nos conduzindo pela razão e pela emoção aos caminhos que nos levam a Deus, inaugurando em nós a alegria da reflexão sobre a amplitude da vida. Quem já procurou Deus e não obteve respostas, aqui vai encontrá-lo. Quem já O encontrou, aqui vai ter a certeza de que não se enganou.

Compre agora e leia